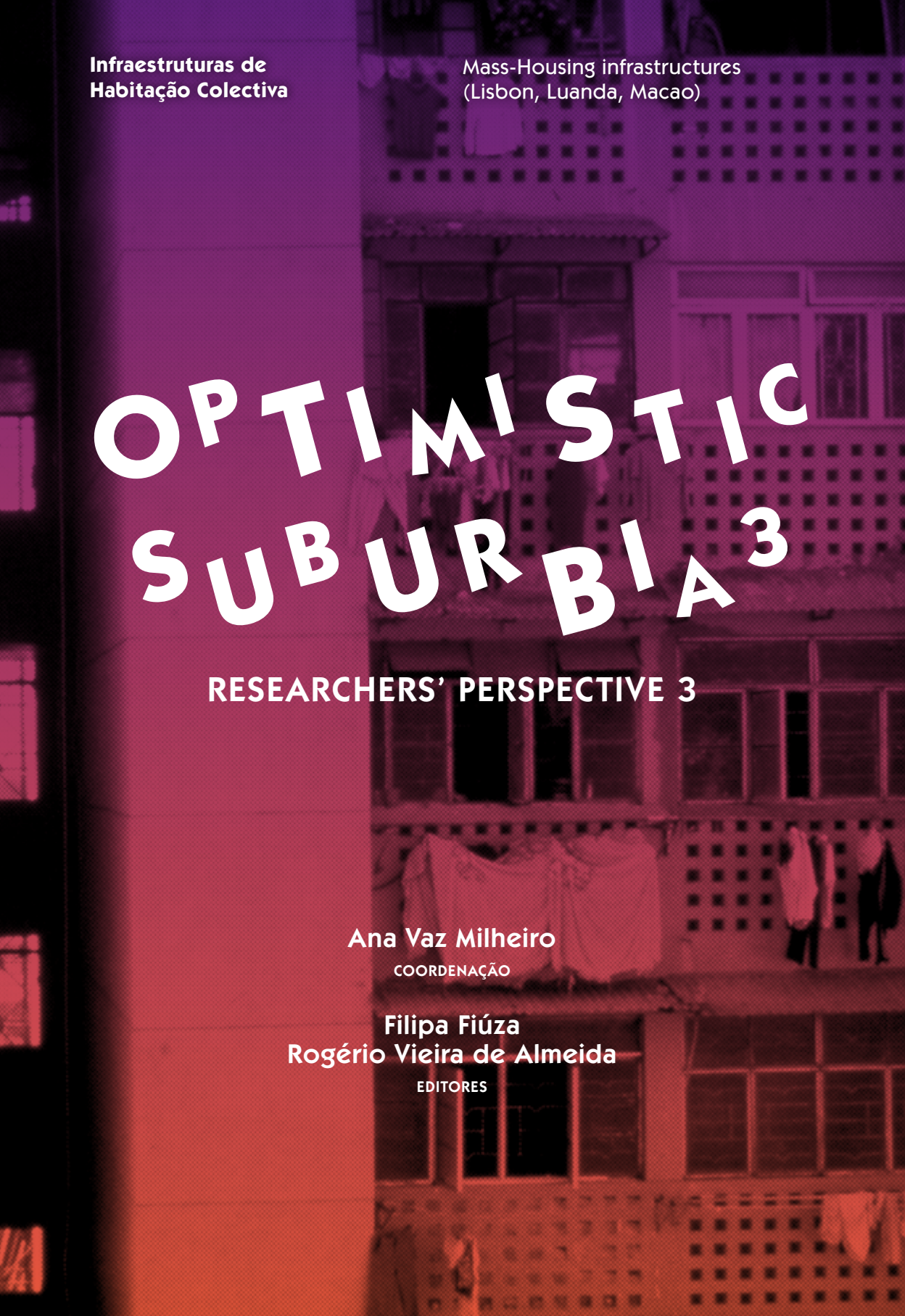
Infraestruturas de Habitação Colectiva

Mass-Housing infrastructures (Lisbon, Luanda, Macao)



OPTIMISTIC SUBURBIA 3

RESEARCHERS' PERSPECTIVE 3

Ana Vaz Milheiro

COORDENAÇÃO

Filipa Fiúza

Rogério Vieira de Almeida

EDITORES

4 ***Optimistic Suburbia. The Researchers' Perspective***
Ana Vaz Milheiro

9 ***Le logement des classes moyennes dans l'après-guerre en France***
Monique Eleb

25 ***Little boxes on the hill side.*** Contributo para uma leitura pós-colonial do subúrbio anglo-americano
José António Bandeirinha

ARQUITECTURA ***ARCHITECTURE***

43 ***Radieuse Peripheries.*** *A comparative study on middle-class housing in Luanda, Lisbon and Macao*
Ana Vaz Milheiro, Investigadora Responsável
Bruno Macedo Ferreira, Débora Félix, Filipa Fiúza, Rogério Vieira de Almeida

SOCIOLOGIA ***SOCIOLOGY***

63 **De Lisboa a Luanda.** Biografia comparada de dois bairros modernos: da forma ao contexto
Isabel Guerra, Sandra Marques Pereira

87 **O Bairro Prenda em Luanda.** Resiliência social ou resiliência urbana?
Isabel Guerra

INVESTIGAÇÕES SINGULARES
INDIVIDUAL INVESTIGATIONS

Urbanismo Português

109 ***From São Paulo de Luanda to São Paulo de Macao.*** *Establishment and consolidation of two sixteenth-century cities in the Portuguese Overseas*
José Luís Saldanha

Luanda

129 **Ventos do Norte de África.** A relação entre Simões de Carvalho, Candilis, Woods e o Team X
Beatriz Serrazina

137 **A Cidade do Kilamba.** Expansão metropolitana de Luanda
Juliana Guedes

Lisboa e Área Metropolitana

147 ***Nova Oeiras.***
A middle Class Ideal before the large housing complexes
Ana Vaz Milheiro, Rogério Vieira de Almeida

163 **Plano Diretor da Região de Lisboa, 1964.**
Linhas gerais para o desenvolvimento de uma nova estrutura territorial para a Área Metropolitana de Lisboa
Bruno Macedo Ferreira

183 **A evolução dos modelos urbanos tardo-modernos.**
O caso da urbanização da Portela e da periferia de Lisboa
Paulo Tormenta Pinto

195 **A Habitação Colectiva na Área Metropolitana de Lisboa.**
O caso do arquitecto Fernando Silva
Débora Félix

203 **Urbanização de Alfornelos.**
Um processo exemplificativo da construção do território suburbano na AML quando a forma é determinada burocraticamente
Bruno Macedo Ferreira

227 **A Cidade Nova de Santo André.**
A Utopia na primavera Marcelista
Maria Carreira

237 ***Modular design in large-scale social housing.***
The work of Justino Morais 1960-1980
João Cardim

Macau

251 ***Macau.***
Políticas de Habitação e Instabilidade demográfica
Rui Leão

259 **Arquitectura em divagação.**
Manuel Vicente em Macau
Jorge Figueira

271 ***Distance, Strangeness and Kindness.***
Traces of an analytical issue in Macao presence in Portuguese architectural reviews
Rogério Vieira de Almeida

OPTIMISTIC SUBURBIA WORKSHOPS

280 ***Optimistic suburbia workshops.***
On research on Architecture
Mónica Pacheco

CINEMA

312 **Como se desenha uma casa**
(ou como filmar um regresso ao Bloco das Águas Livres)
Luís Urbano

318 **“O Ciclista”**
(frames e ficha técnica do filme)
Luís Urbano

320 **“Middle Class Housing: The Portela Development”**
(frames e ficha técnica do filme)
Ana Vaz Milheiro, Bruno Macedo Ferreira, Débora Félix, Filipa Fíuza, João Cardim

322 **“Prenda” e “STDM”**
(frames e ficha técnica dos filmes)
Alexandra Areia

330 **Notas biográficas da Equipa de Investigação**

Optimistic Suburbia. The Researchers' Perspective

Ana Vaz Milheiro, Principal Investigator

In *Optimistic Suburbia 3 – The Researchers' Perspective. Mass-Housing infrastructures (Lisbon, Luanda, Macao)*, the results of the research project funded by the Fundação para a Ciência e Tecnologia *Homes for the biggest number: Lisbon, Luanda, Macao* [PTDC/ATP- AQI/3707/2012] are presented. The project was developed between 2013 and 2015. The current publication continues the "Optimistic Suburbia" cycle, which, in the previous two volumes, privileged the students' vision. The first, published in 2015, while the research project was still ongoing, collected a series of pedagogical experiences developed by the researchers with the students within their Curricular Units, given by the Integrated Master in Architecture of ISCTE – University Institute of Lisbon and by the Technical University of Angola. Six professors and around 150 Portuguese and Angolan students have participated, within the Curricular Units of History of the Portuguese City, Society and Architecture and Architecture Final Project. The geographic scope of the subjects were the cities of Luanda, Lisbon and Macao. The second volume, published in 2016, focused on Lisbon and its Metropolitan Area, starting from the challenge of analysing the Portela Urbanisation, a private undertaking thought for the middle-class that, in the 1960s and 1970s, sought the Portuguese-capital suburb to live. An *Optimistic Suburbia* drawn by architects and built by private promoters within public rules, before those same practices accelerated and became vulnerable after the revolution of April 1974 and after the African decolonisation process in the following year. The volume collected works by 43 students of the Second Cycle and three PhD students.

The end of the project is also the moment to give voice to the researchers. What it is gathered in this third volume are part of the works that they, and some of the students they supervise, have been developing in the various stages of the project, a body of work that is capable of illustrating the different studies and their distinct times. In addition to the general objectives of the research project, which are somehow clarified in the first texts, each researcher was able to find an area of freedom to deepen a singular aspect within the various thematic lines that were available.

Optimistic Suburbia. The Researchers' Perspective

Ana Vaz Milheiro, Investigadora Responsável

Em *Optimistic Suburbia 3 - The Researchers' Perspective. Mass-Housing infrastructures (Lisbon, Luanda, Macao)* apresentam-se os resultados do projecto de investigação financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia *Habitações para o maior número: Lisboa, Luanda, Macau* [PTDC/ATP- AQI/3707/2012]. O projecto decorreu entre 2013 e 2015. A actual publicação dá continuidade ao ciclo "Optimistic Suburbia" que, nos dois volumes anteriores, privilegiava a visão dos estudantes. O primeiro, editado em 2015, enquanto acontecia o projecto de investigação, colectava um conjunto de experiências pedagógicas desenvolvidas pelos investigadores com os estudantes no âmbito das suas Unidades Curriculares ministradas no Mestrado Integrado em Arquitectura do ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa e na Universidade Técnica de Angola. Participaram seis docentes e cerca de 150 estudantes portugueses e angolanos em Unidades Curriculares de História da Cidade Portuguesa, Sociedade e Arquitectura, Projecto Final de Arquitectura, e Trabalho de Fim de Curso. O seu domínio geográfico alargado eram as cidades de Luanda, Lisboa e Macau. O segundo, já de 2016, estreitava o olhar sobre Lisboa e a sua Área Metropolitana, a partir do desafio em analisar a Urbanização da Portela, um empreendimento privado destinado à classe média que nas décadas de sessenta e setenta procurou o subúrbio da capital portuguesa para habitar. Um *Optimistic Suburbia* desenhado por arquitectos e construído por promotores privados dentro de regras públicas, antes dessas mesmas práticas acelerarem e se vulnerabilizarem com o processo da revolução de Abril de 1974 e da descolonização africana no ano seguinte. O volume reunia trabalhos de 43 estudantes do 2º ciclo e três investigadores em processo de doutoramento.

O fim do projecto é também o momento de dar voz aos investigadores. O que se reúne neste terceiro volume são parte dos trabalhos que estes, e alguns dos seus orientandos, foram desenvolvendo em diversas fases do projecto como matéria capaz de ilustrar as diferentes investigações e os seus distintos tempos. Para lá dos objectivos gerais do projecto de investigação e que de algum modo os primeiros textos esclarecem, cada investigador conseguiu encontrar um espaço de liberdade para aprofundar um aspecto particular dentro das diversas linhas temáticas em diálogo.

Generically, the research project had as its main focus the residential models that built the periphery of the cities of Portuguese matrix, between the 1960s and 1980s, in the perspective of the middle-classes in Europe, colonial Africa and China, approaching the Macau handover. The emphasis was in the production of mass-housing built by private promoters. One of the objectives resided in the identification of some of the urban, architectural and residential layouts that constituted the main models, then replicated in the different urban territories that formed, at the time, the so-called "Portuguese Empire". The first end of the time arc was established in the beginning of the 1960s, crossing the key-moment of the revolution in Portuguese history.

The three case studies analysed – the Prenda Neighbourhood Unit no. 1, the (already mentioned) Portela Urbanisation, and the Rehousing Block of Sociedade de Turismo e Diversão de Macau (STDM) – were initially selected by taking into consideration their cultural, urban and architectural meaning, and their influence in building a model with reproductive capabilities. The ensembles were described and analysed in a historiographical and morphological perspective, from the scale of the city to the residential unit. The profile of their population was equally determined, being grounded in sociological surveys and interviews, conducted in the Portela and Prenda cases.

By displaying not only the three case studies, this publication reinforces the existence of parallel examples that help to delineate a more precise architectural background, integrating close geographies and chronologies. The objects inscribed in this volume also strengthen the idea of crossed visions, inspired not only in the disciplinary framework of Architecture, Urbanism and Sociology, but also in other experimentation fields: teaching, workshops, moving pictures. Articles, conference presentations, reports, book chapters and film frames build the researchers' perspective, simultaneously an individual as well as a collectively-shared one. We publish this book to keep the dialogue between us, but also to extend the conversation to others who wish to participate in it. But the research does not end here. We are on the move.

OPTIMISTIC SUBURBIA. THE RESEARCHERS' PERSPECTIVE

Genericamente, o projecto de investigação teve como foco principal os modelos residenciais que construíram a periferia das cidades de matriz portuguesa, entre os anos sessenta e oitenta, na perspectiva das classes médias na Europa, na África colonial e na China, às portas do *handover* de Macau. O enfoque foi a produção de habitação massificada de promoção privada. Um dos objectivos passava por sinalizar alguns dos esquemas urbanos, arquitectónicos e residenciais que foram constituindo os principais modelos então replicados em diferentes territórios urbanos, e que formavam, à época, o chamado "Império Português". O arco temporal iniciou-se com o arranque da década de sessenta, atravessando o momento-chave da revolução na história portuguesa.

Os três casos de estudo analisados – Unidade de Vizinhança n.º1 do Bairro Prenda, Urbanização da Portela (já mencionada), Bloco de Habitações para Realojamento promovido pela Sociedade de Turismo e Diversão de Macau (STDM) – foram inicialmente seleccionados tendo em consideração o seu significado cultural, urbano e arquitectónico, e a influência que cada um teve na construção de um modelo com capacidade de reprodução. Os conjuntos foram descritos e analisados na perspectiva historiográfica e morfológica, desde a escala da cidade até à unidade residencial. O perfil da sua população foi igualmente traçado a partir de inquéritos sociológicos e entrevistas, realizados para os casos dos bairros da Portela e do Prenda.

Não restringindo as investigações somente aos três casos de estudo, o projecto sai reforçado com a publicação de exemplos paralelos que ajudam a traçar um retrato arquitectónico mais preciso, integrando geografias e cronologias próximas. Os objectos inscritos neste volume fortalecem ainda a ideia de visões cruzadas, não apenas inspiradas no quadro disciplinar da Arquitectura, do Urbanismo e da Sociologia mas também através de outros campos de experimentação: o ensino, o workshop, as imagens em movimento. Artigos, apresentações em conferências, relatórios, capítulos de livros, fragmentos de filmes, constroem essa perspectiva dos investigadores, simultaneamente individual e partilhada colectivamente. Publicamos este livro para continuar a dialogar entre nós, estendendo mais a conversa a outros que a queiram travar. Mas a investigação não acaba aqui. Estamos em movimento.

Monique Eleb
Consultora do projecto. Conferência de encerramento do Seminário Internacional Optimistic Suburbia - Large Housing complexes for the middle-class beyond Europe, ISCTE-IUL, Lisboa, 22 de Maio de 2015.

Le logement des classes moyennes dans l'après-guerre en France

Le titre de ces rencontres, Optimistic Suburbia, a rencontré une habitude que j'ai prise, de dire, à contre-courant des idées reçues, qu'il y a des grands ensembles réussis, ce qui en France apparaît souvent inconcevable. Je vais évoquer ici certains d'entre eux choisis pour leurs qualités et leurs spécificités et de niveau de confort très différents, réservés autant aux ouvriers en progression sociale qu'à toutes les strates des classes moyennes, des plus modestes aux plus aisées.

Après la Seconde Guerre Mondiale la France doit à la fois se relever de la crise du logement de l'entre-deux-guerres et des destructions de la dernière (20 % du parc est détruit ou endommagé). Cette situation catastrophique est dénoncée par l'abbé Pierre durant l'hiver 1954. La période de la Reconstruction est marquée par une action offensive de l'État avec le ministère de la Reconstruction et de l'Urbanisme (MRU) créé en 1944. Elle est menée par des personnalités aux idées fortes sur l'urbanisme à promouvoir, qu'ils soient administrateurs ou hommes politiques (comme R. Dautry, E. Claudius-Petit dès 1948, puis par P. Courant en 1953), et ils travaillent à mettre en place de nouvelles réglementations concernant en particulier des aides financières de façon à accélérer la construction de logements. Ils interviennent au niveau des financements (création du 1 % patronal qui est une contribution des sociétés pour loger leurs employés, aides du Crédit foncier, Plan épargne logement, etc.), de la mise en place des programmes ou de l'aide à l'industrialisation du bâtiment, censée accélérer le rythme des constructions.

Les HBM, habitations à bon marché, deviennent HLM, habitations à loyer modéré, en 1950 et sont proposés autant aux ouvriers qu'aux employés, fonctionnaires etc, membres de la classe moyenne. Les expérimentations se déploient dans des chantiers d'expositions mais les logements provisoires sont encore légion. Les mises en chantier de grands ensembles s'accélèrent dès 1953. L'image qui les caractérisent aujourd'hui en France – ils seraient tous mal construits, enclavés et réservés aux classes populaires – ne tient pas à l'observation sur le terrain. Certains, longtemps difficiles à vivre car mal reliés à la commune de référence, détiennent des logements de qualité, ayant fait l'objet de réflexions tenant compte des modes de vie des différents groupes sociaux. Mais d'autres pêchent par la précipitation sur le chantier ou la baisse drastique des coûts qui ne permettent pas d'atteindre un confort acceptable. Mais de nombreux grands ensembles (GE) sont destinés à différentes classes sociales et une mixité sociale volontariste caractérise certains d'entre eux.

< Vue aérienne de l'ensemble "Les Buffets" à Fontenay-aux-Roses (détail). Source: Caisse des Dépôts

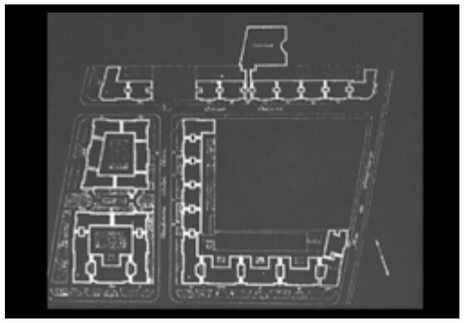
Grands ensembles et dispositifs pour classes moyennes

Dans Paris ou à ses portes, la catégorie du *grand ensemble* apparaît très précocement, bien que le terme ne soit pas encore trouvé. Les premiers exemples sont destinés aux bourgeois et aux classes moyennes en mobilité ascendante, ce qui peut paraître curieux aujourd'hui. Ils sont définis alors comme un type morphologique et non pas comme on le pense aujourd'hui comme un habitat réservé aux classes populaires. Cette catégorie sera présentée dès avant la deuxième guerre (Rotival, 1935), comme une alternative à la banlieue existante, qui s'était développée grâce aux chemins de fer et que le projet de cités-jardins a essayé de coordonner. Ce type de construction se fonde désormais sur l'automobile et les autoroutes perçues comme vecteurs de développement.

C'est Maurice Rotival qui, le premier, propose cette expression *grand ensemble*, dans son article paru dans *L'Architecture d'aujourd'hui* en juin 1935 à propos des groupes d'HBM collectives construites par les offices publics, dont Drancy-La Muette classé alors comme cité-jardin. Ce faisant il définit un modèle d'extension de la Région Parisienne qui se réclamera de cet idéal :

> *"Nous espérons, un jour, sortir des villes comme Paris, non seulement par l'avenue des Champs-Elysées (...), mais sortir par Belleville, par Charonne, par Bobigny, etc., et trouver harmonieusement disposés le long de larges autostrades, au milieu de grands espaces boisés, de parcs, de stades, des grands cités claires, bien orientées, lumineusement éclairées par le soleil. Nous devons rêver de voir les enfants propres, heureux, jouant sur du gazon et non pas sur le trottoir. Nous rêvons, en un mot, d'un programme d'urbanisme, d'habitations à bon marché en liaison avec l'aménagement des grandes villes".*

Construits avant et après la guerre, ces exemples utilisent les barres parallèles, les éléments préfabriqués et répétitifs. Mais ils se situent parfois dans des lieux prestigieux comme l'opération de Louis Faure-Dujarric (1929-31), bordée par la Seine et le jardin de Bagatelle à Neuilly, qui compte trente trois immeubles et 450 appartements et semble représenter le plus précoce des grands ensembles selon la définition de Rotival même si à l'époque on parle seulement de "Groupe d'immeubles". L'architecte parle lui-même d'ensemble d'immeubles.



Immeubles Boulevard Richard Wallace, rue Julien Potin et rue Deloison, Neully sur-Seine, Louis Faure-Dujarric, 1929-31.

Les 33 barres ou plots de sept étages sur rez-de-chaussée, l'un des chantiers les plus importants du moment, sont organisés autour de cours-jardins fermées ou ouvertes, posées sur un espace vert à portiques géométriques, d'autres sont alignés le long de la rue Deloison ou en L sur le Boulevard Richard Wallace et la rue Julien Potin. Cet ensemble, équipé de deux garages et d'une "véritable rue de boutiques" est commandé à l'architecte par la Caisse des Dépôts et Consignations qui veut aussi loger la classe moyenne aisée.

Immeubles Boulevard Richard Wallace, rue Julien Potin et rue Deloison, Neully sur-Seine, Louis Faure-Dujarric, 1929-31. Photo: Monique Eleb

Les composants sont industrialisés, les fenêtres du même module répété. La construction a été très rapide "C'est ainsi que dans deux groupes comportant douze bâtiments, l'ossature en béton armé, (...) y compris les terrasses de couverture ont été montés en 225 jours". Les pierres étaient taillées sur place et des modèles standards (de fenêtres) ont été mis au point. L'architecte a été aussi attentif au "synchronisme des entreprises".

Les façades relativement plates avec cependant quelques saillies peu importantes sont en pierre de taille blonde, massive, ("*dans laquelle la structure en béton vient s'encastrer*") et, pour celles qui donnent sur les cours-jardins, en briques jaunes avec balcons, Les grandes fenêtres sont les seuls véritables évènements de ces façades tout en retenue. On y trouve plusieurs types : fenêtres et porte-fenêtres à la française pour les pièces principales, à panneaux multipliés (4 ou 6), ou à l'anglaise, à guillotine pour les chambres et salles de bains, Des retraits et terrasses apparaissent dans les étages hauts. Certaines terrasses sont accessibles.

En ce qui concerne la distribution des appartements, ils présentent une diversité de taille et d'organisation ainsi que de position. Dans les immeubles donnant sur le bois, les plus prestigieux en forme de U, avec barre épaisse et redens à l'arrière, deux appartements par paliers sont desservis par un ascenseur et un monte-charge et deux escaliers dont un de service qui ouvre sur un WC et deux chambres de domestiques. La tri-partition des immeubles bourgeois est ici bien observée: galerie d'entrée à double porte et "studio" pour l'un des appartements, salle à manger et salon pour l'autre, ce qui correspond à deux figures de la bourgeoisie, l'une plus conservatrice que l'autre.

Ce "grand ensemble", masse d'immeubles bordant la Seine à Neuilly, est aussi démesuré et élégant que les autres opérations de Faure Dujarric. Personne n'aurait pourtant l'idée de les nommer ainsi, c'est plutôt le terme de "résidence" qui vient à l'esprit. Ils sont cependant eux aussi répétitifs, constitués parfois d'assemblages de longues barres, et les séries limitées de type de fenêtres ainsi que les rues intérieures accentuent l'analogie avec ce qui deviendra le stéréotype du grand ensemble, issu des réflexions sur le logement social.

Faure-Dujarric évoque, à propos de cet ensemble de Neuilly, la recherche du modèle standard et l'ont sent dans ces trois bâtiments la réflexion sur la série et dans le même temps sur la façon de regrouper les éléments pour contredire la répétition (*L'Architecture d'aujourd'hu*i, 1934).

Des grands ensembles donc, mais où chaque chambre serait servie par une salle de bains, où les lingeries et chambres de bonnes seraient très présentes et où les meilleurs matériaux seraient choisis ainsi que les moindres détails dessinés par l'architecte. Malgré leur plan-masse de grand ensemble, les quartiers où s'installent ces bâtiments (ici au bord de la pelouse de Bagatelle) ou bien le fait qu'ils profitent d'une position enviable dans la ville (ici face à la Seine), font la différence.

Aujourd'hui la qualité de certains de ces logements vastes et bien équipés en rangements, pièces annexes et grandes baies vitrées semble inatteignable.

À partir de 1956, plus de 300 000 logements sont construits par an mais la crise continue. Une expérimentation fiévreuse se met en place : rationalisation du logement, techniques nouvelles et réduction des coûts aboutissent à regrouper les services et les pièces humides et l'organisation se fige autour d'une bipartition jour-nuit pour tous, alors que l'habitation banale était jusqu'alors divisée entre public/privé/service. On impose donc à toutes les classes sociales une division du logement qui jusqu'alors ne concernait que les classes les plus démunies.

Des dispositifs sont expérimentés ou diffusés comme les cuisines ouvertes, les cloisons coulissantes et les logements adaptables aux heures du jour ou à l'évolution de la famille. La France se lance dans l'acquisition de "l'électroménager" qui devient un "objet de désir", les décorateurs et architectes tentent de diffuser un mobilier léger, épuré, dégagé du "rustique" et du "capitonné".

L'engouement pour les revêtements d'entretien facile, comme le "Formica", montre un dernier sursaut de la vague hygiéniste, intégrée par toutes les classes sociales. L'étude des dénominations est particulièrement utile à une époque de grands changements, le salon, l'ancien "living-room" ou "studio" des classes privilégiées et moyennes, la "salle commune" des classes populaires, deviennent "salle de séjour" pour tous, avec coin-repas, signant la disparition de la salle à manger.

Sur le plan urbain ces grands ensembles se différencient par l'équipement plus ou moins rapide en transport, en liaison avec la ville d'accueil, sans parler des équipements de sport, de loisir ainsi que les antennes administratives et les écoles.

Autres différences, l'attention au paysage, au site, à la végétation. On le verra à travers les différents exemples en Ile de France, que je vais vous présenter et en passant par un exemple casablancais, au moment où le Maroc conquiert son indépendance et où des équipes mixtes franco-marocaines construisent des grands ensembles.

Les GE ont été de remarquables lieux d'expérimentations sur la distribution des logements, tendant à promouvoir des modes de vie visant à faire accéder les populations au monde moderne. Ils ont promus une certaine image de la modernisation de l'intérieur et de l'esthétique moderne. Les analyses de certains des grands ensembles de l'après-guerre présentés ici ont été faites avec Sabri Bendimérad pour notre exposition et notre ouvrage «Vu de l'intérieur. Habiter un immeuble en Ile de France (1945-2010)», Archibooks, 2011.

Dans l'ensemble je vais tenter d'être optimiste à propos de ces GE tant décriés en vous en montrant qui ont bien vieilli et en essayant de comprendre pourquoi. Et je terminerai par deux types, l'habitat pyramidal et l'habitat intermédiaire qui, a la fin des années 70, apparaissent comme une alternative à ces GE.

L'Unité de voisinage des Grandes-Terres de Marly-le-Roi

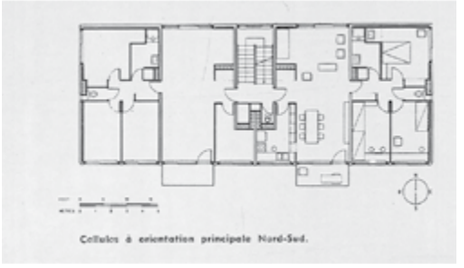
Unité de voisinage et préfabrication

Le rêve d'une ville idéale où les rapports de voisinage et la vie quotidienne seraient faciles s'est cristallisé au XXe siècle dans la notion d'Unité de voisinage proposée par Clarence Perry, urbaniste et planificateur new-yorkais au début des années 20. Ce module de base pour développer des villes nouvelles (Burgess, 1925: 148) aura une grande influence sur certains des modernes avant et après la guerre.

Dans cette unité de voisinage logements et équipements sont pensés comme complémentaires et construits simultanément. Le piéton y est roi car la circulation automobile rapide est périphérique, et les écoles, le super-marché, la Poste sont accessibles à pied.

Sur ce modèle, Marcel Lods et Jean-Jacques Honegger, Xavier et Luc Arsène-Henri, architectes, construisent en 1957, mille cinq cents logements de 3 à 5 pièces pour 6.000 habitants sur 200 hectares. Cette unité de voisinage est savamment composée de 9 squares bordés de deux barres et d'un immeuble-plot de 4 étages. Un jardin central avec terrains de jeux et de sport est entouré de tous les équipements nécessaires à une ville autonome. Mais les architectes sont aussi corbuséens et adeptes de l'aération, de l'ensoleillement ("air, soleil, verdure..."), les barres sont orientées et ils utilisent le terme "cellule" pour logement.

En cette période de reconstruction, la baisse des coûts a été une donnée de base : industrialisation du chantier et fabrication en usine d'éléments en grande série, obéissant ainsi aux directives du Plan Courant (du nom de son instigateur) pour les logements (sociaux : Lo.Ge.Co), destinés ici à "des familles ayant un budget moyen". Le paysagisme et le soin apporté à l'organisation des logements fait oublier cette réduction drastique de coûts.



"Cellules" à orientation principales Nord/Sud. Unité de voisinage des Grandes-Terres de Marly-le-Roi. Source: IFA

La distribution des plans obéit le plus souvent à une partition des espaces de jour et de nuit qui commence à devenir une règle, mais disent les architectes, les "trois fonctions, repas, séjour, sommeil, sont nettement scindés, respectant ainsi les exigences de la vie commune et individuelle". Le chauffage par rayonnement et l'isolation phonique ont été précisément étudiés.

Dans les barres Est-Ouest, les logements sont mono-orientés et les séjours font moins de 18 m2. Les 5 pièces ont une chambre près de l'entrée, ce qui permet de donner une autonomie à un occupant (un adolescent ?).

Les doubles séjours à deux orientations des plots N/S sont distributifs car il faut les traverser pour atteindre la partie privée du logement. Les loggias ou balcons qui les prolongent ont des dimensions qui permettent d'y prendre des repas. Des chambres devaient être fermées sur le séjour par une cloison mobile, refusée dans le cadre du Plan Courant.

Aujourd'hui les arbres ont grandi, le paysage est très poétique et les locataires ont pu acheter ces logements.

Marly, Une vue d'aujourd'hui, façades et jardin. Photo: Monique Eleb

Le Shape-village de Saint-Germain-en-Lay

Autre grand ensemble dans une commune résidentielle de l'ouest de Paris, le Shape-village de Saint-Germain-en-Lay, 1951, situé non loin du dernier exemple. Jean Dubuisson et Félix Dumail, architectes, construisent lendemain de la guerre pour le Ministère de la Reconstruction et de l'Urbanisme (MRU), dix immeubles, avec logements du 2 au 6 pièces sur un parc de dix sept hectares. Ils accueillent trois cent familles d'officiers et sous-officiers de l'Etat-major des Forces Alliés en Europe (de douze nationalités). C'est une opération de logements loués meublés, ce qui est une situation rare pour un grand ensemble.

Courbes et construction traditionnelle vs Luxe et préfabrication intégrale

Sur ce terrain arboré et fortement dénivelé, les deux architectes ont utilisé des techniques différentes. L'élégante barre courbe de Félix Dumail, longue de deux cent mètres est desservie à l'arrière par des passerelles et des galeries. Le bâtiment est bas -3 niveaux- pour permettre une vue dégagée aux autres immeubles.

Jean Dubuisson dans neuf autres bâtiments de trois niveaux, regroupés par deux ou trois, en équerre, expérimente le procédé Camus composé de murs en bétons porteurs préfabriqués qui permettent de libérer la façade et les GE lui doivent plus qu'à Le Corbusier. Tous les bâtiments ont été construits en respectant les arbres.

Travail sur la lumière, cloisons ouvertes et transparences mais aussi équipements confortables et mobilier contemporain, ces appartements sont bien éloignés du logement moyen de l'époque. Le séjour est encore appelé studio, comme dans l'habitat de luxe pour célibataires dans l'entre-deux-guerres. Les appartements ont été meublés par le décorateur Gascoin.

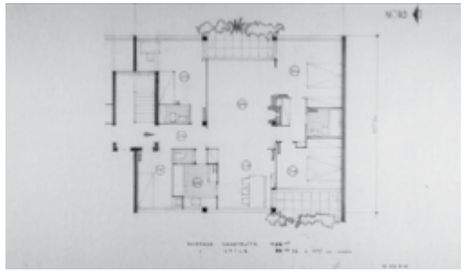
Plan d'ensemble du Shape-Village, Saint-Germain-en-Lay. Source: IFA

Façade avant du bâtiment courbe de Félix Dumail. Source: IFA

Plan d'un 4 pièces, Félix Dumail. Source: IFA

Façade avant d'un des bâtiments de Jean Dubuisson. Source: IFA

Certains appartements dans la barre courbe de Dumail (du 2 au 4 pièces) bénéficient d'une loggia de service à l'entrée liée à la cuisine et d'une autre loggia d'agrément liée au séjour/studio (20m²) flanqué d'une chambre d'un côté et de deux de l'autre (entre 11 et 13 m2). Les placards sont nombreux dans les couloirs et montrent l'attention portée par les architectes aux détails, aux équipements, au confort domestique.



Plan d'un 5 pièces, de Jean Dubuisson. Source: IFA

La hiérarchie des appartements, loués meublés, se voit à travers leur type, du 2 au 6 pièces, mais surtout à travers leur taille. Tous traversants, les plus grands ont un salon et une salle à manger, les autres un séjour dénommé studio.

Ce logement de 5 pièces (96 m²) moyen par rapport au standard de l'opération, bénéficie d'une loggia de 11m² et d'un séjour de 30m². Dans le séjour "*un ensemble de meubles amovibles permet de transformer rapidement cette grande surface en lieu de réception*" (*Techniques et Architectures*, 1982).

Les architectes utilisent les séquences et la lumière pour qualifier les pièces et se servent du système constructif pour cadrer des vues entre intérieur et extérieur.

Le 6 pièces de 121m² bénéficie d'un séjour traversant de 35m², à double loggia et sur lequel ouvre un bureau ou une chambre, ce qui permet de l'agrandir encore. Deux loggias, une chambre de bonne, une bande de service centrale avec salle d'eau, salle de bains et cabinet de toilette, tout montre l'adaptation précise à cette classe sociale, de la cheminée à la chambre de bonne. Des appartements encore plus luxueux ont un séjour avec "coin à feu" de 50m², une "chambre de bonne" et une "toilette enfant".

Ensemble "Les Buffets" à Fontenay-aux-Roses

Plus mixte en termes de population, on le verra à travers le type de mobilier et d'aménagement, le grand ensemble des Buffets rompt avec le type habituel sur le plan formel car il est composé de plots et non de tours et de barres et propose des innovations spatiales et une mixité sociale. Construit entre 1954-1959, par G. Lagneau, M. Weill, J. Dimitrijevic, et J. Perrottet il est composé de 11 immeubles-plots de 4 niveaux, et comprend 261 logements HLM type B, du studio au 5 pièces. Le maitre-d'ouvrage et la SCIC (filiale de la CDD, comme l'opération de Faure Dujarric).

Vue aérienne de l'ensemble "Les Buffets" à Fontenay-aux-Roses. Source: Caisse des Dépôts

Dans cet ensemble, onze petits immeubles plots, carrés, sont regroupés par trois ou quatre autour d'une prairie avec jeux d'enfants. Selon l'un des architectes, la mixité sociale caractérisait ce groupe d'immeubles puisqu'on pouvait y rencontrer des militaires de haut rang, des architectes, des artistes et des membres des classes populaires. La qualité du paysage, la taille des immeubles, l'attention aux usages et aux détails constructifs explique ce type de recrutement et transforme cet

ensemble de logement (social) en résidence pour classes moyennes. L'escalier central de chaque immeuble dessert 24 logements. Sur le plan d'étage courant cinq logements sont organisés autour d'un palier éclairé naturellement. Deux trois pièces et deux quatre pièces occupent les angles et seul un studio n'a qu'une orientation. La taille de la famille est représentée par des silhouettes et la chambre prévue pour plusieurs enfants a une surface de près de 14 m² alors que celle des parents fait seulement 8,40m², en dessous des surfaces habituelles du logement social de l'époque. Mais une lingerie et deux placards équipent les chambres. Le séjour a une surface d'environ 17 m², pour les 3 ou 4 pièces, agrandi par le coin repas qui, avec la cuisine fait environ 9,5m². Ces surfaces (le 4 pièces fait environ 65 m²) expliquent la volonté des architectes d'ouvrir les pièces les unes sur les autres de façon à donner, le jour, une illusion d'espace.

Plan d'un 3 pièces. Source: Fond Jean Perrottet

Les usages et les temps quotidiens sont particulièrement étudiés dans ces logements où le séjour central peut être agrandi par le coin repas ou par un espace jeux/détente " fermable " par une cloison coulissante, qui permet selon les moments d'isoler les chambres. Depuis l'entrée du séjour l'habitant a la vue sur toutes les pièces.

Le jour, l'espace peut être entièrement ouvert, la nuit l'intimité peut se retrouver grâce aux cloisons mobiles.

Les vues biaises, vers le " coin à repas ", l'espace détente et le passe-plat de la cuisine offrent lumière et transparence et agrandissent l'espace de séjour quand la cloison est ouverte. Les architectes jouent avec toutes les possibilités offertes par les savoirs sur les illusions perceptives.

Dans le séjour, selon le statut des habitants et leur âge, meubles ou banquettes légères et coussins ou canapés capitonnés. La cloison mobile laisse apercevoir une chambre ou un petit salon.

La cuisine ouvre sur le "coin à repas", ou l'architecte a installé un meuble passe-plat à mi-hauteur. Ce cloisonnement mobilier permet à la fois de ne pas être isolé dans la cuisine et de cacher certaines activités depuis le séjour et le coin-repas, par exemple les assiettes sales au moment de la réception. Le passe-plat évite aussi des "pas de la ménagère inutiles", thème central de l'organisation d'une cuisine depuis des décennies.

La Cité Salmson, Le Point du Jour à Boulogne sur Seine

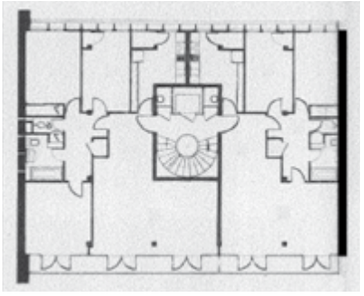
Fernand Pouillon, architecte, construit entre 1957-63, un monument du luxe domestique. Le Point du Jour est la troisième et dernière grande opération d'habitations parisienne dessinée par Pouillon. La cité a pour maitre d'ouvrage la CNL puis la Caisse des dépôts et Consignations et comprend 2260 logements et des équipements. Proche de la Seine, ce quartier occupe une surface d'environ 8ha, sur les terrains des anciennes usines Salmson, à Boulogne.

Vue de La Cité Salmson, Fernand Pouillon. Photo: Rafael Salzedo

Cet ensemble d'une vingtaine de bâtiments (de 2 à 6 étages et de 12 à 20 étages) compose, sur deux ilots, une suite monumentale de cours ordonnancées par le rythme des portiques en pierre. Les galeries ouvertes qui permettent de cheminer à l'abri, les bassins et jardins qui dessinent en creux un morceau de ville s'accordent aux bâtiments où alternent, selon les orientations, les façades-rideaux de métal et de verre et les grilles et claustras de béton.

L'architecture n'a pas ici pour seule fonction de loger les habitants, elle leur offre aussi une mise en scène, renouvelée par des cadrages savants, avec, pour arrière-plan un paysage urbain créé de toutes pièces, mais qui semble avoir toujours existé.

Au rez-de-chaussée, des bâtiments verticaux Nord-Sud, un hall largement vitré et traversant donne accès aux paliers situés à mi-étage.



Plan courant de deux logements.
Source: *Technique et Architecture*, série 19, n.º4, 195, p. 80

Vue d'un hall traversant. Photo: Rafael Salzedo

Aux étages, les appartements sont doublement orientés. Le système constructif composé de planchers en dalles pleines de type champignon et d'une façade non porteuse ainsi que le chauffage par le sol, très apprécié des habitants rencontrés, permettent d'offrir un espace de séjour vaste et lumineux.

La façade sud est, elle, entièrement équipée de grandes baies vitrées et de portes fenêtres métalliques qui s'ouvrent vers une loggia filante permettant de gagner de la surface entre extérieur et intérieur.

Ce 3 pièces de 76,4 m^2, au grand séjour de 33 m^2, ne dispose pas d'entrée proprement dite, mais sa disposition avec des murs en baïonnette permet d'installer un coin repas face à la cuisine. Une petite buanderie à claustra a été récupérée pour agrandir celle-ci. C'est la seule transformation faite par les habitants en près de quarante ans.

Un noyau central de service et placard autorise une circulation en boucle qui donne une impression d'espace agrandi, mais aussi une "certaine liberté" comme disent les habitants. Les diagonales de vues recherchées depuis l'entrée jusqu'au fond du séjour et les transparences visuelles de chambres à séjour, et de façade à façade y participent également.

La cuisine et les chambres se trouvent au Nord. Alors que les poteaux se situent, coté séjour, à l'intérieur, à 50 cm de la façade, ils sont "inclus" dans les murs des chambres et visibles dans la cuisine.

Un grand ensemble réussi sur le modèle de la Siedlung

Le premier grand ensemble construit immédiatement après l'Indépendance du Maroc par des équipes mixtes intégrant des Marocains est celui du Plateau à Casablanca, mis au concours en 1957 par le Ministère de l'Urbanisme et de l'Habitat. Il s'agit alors de réfléchir à des logements d'urgence et de transition, mais ayant des qualités urbaines, destinés à des habitants déjà acculturés à la ville, à des "Marocains des classes moyennes déjà gagnés à des modes d'habiter et de vivre assez moderne" (*L'Architecture d'aujourd'hui*, 1959).

Les principaux architectes sont Jaubert et Goldefy qui dessinent une longue barre incurvée de cinq étages, creusée par des portes qui permettent de traverser l'immeuble, qui comportent 231 logements et des petites barres de quatre étages de 96 logements.

Ce GE est entièrement équipé (marché, hammam, etc.) devient immédiatement un morceau de ville très animé.

Le quartier rassemble au sud-ouest de Casablanca une vingtaine de "barres", de part et d'autre de l'avenue Stendhal. Le programme comporte simplement trois catégories de logements, du deux aux quatre pièces.

Les panneaux d'allège jumelés et décalés créent un rythme décoratif qui rend les façades avant de la longue barre très

Longue barre incurvée de cinq étages, Casablanca, Jaubert et Coldefy.

Petites barres de quatre étages, Casablanca, Jaubert et Coldefy.

graphiques tandis que dans les barres plus courtes, des fenêtres en longueur alternent avec des portes-fenêtres et des claustras.

348 logements sont construits en 1959 sur les 1760 prévus. D'autres bâtiments seront réalisés dans les années suivantes, portant à près de 1.000 le nombre des logements que rien ne différencie de la production européenne contemporaine.

La grande barre du Plateau de Jaubert et Coldefy aujourd'hui.

L'espace habitable est le plus grand possible dans le cadre de conditions économiques rigoureuses, qui imposent de concevoir "un habitat de transition avec simplification des éléments d'équipement au profit de la recherche du soleil, d'une bonne ventilation et de vues dégagées". Des coursives desservent les logements, sans l'intermédiaire d'une entrée pour les "trois" et "quatre pièces", alors que les "deux pièces" ont un petit sas. Selon la taille des logements, les cuisines sont intégrées au volume du séjour, ou indépendantes et orientés au nord. Les services sont regroupés le long de la coursive et forment une bande à l'arrière, dégageant les pièces principales, qui bénéficient de la meilleure orientation. Généralement sacrifiées dans ces programmes, les salles de bains sont remarquablement vastes dans cette opération habilement composée et dont les logements et les équipements ont bien vieilli. Cet ensemble qui a été rattrapé par la ville toute proche a été rebaptisé et est devenu un lieu où il est prestigieux d'habiter, même si les jardins ne sont plus entretenus et deviennent des terrains de sport et de jeux.

En France après 1960, la crise du logement perdure malgré la restructuration de l'appareil de production et s'aggrave avec l'arrivée des rapatriés (du Maroc en 1956, d'Algérie en 1962s ; l'effort se poursuit cependant et, en 1973, le volume des constructions atteint un record avec 556 000 logements construits. En 1962, seulement 25 % des habitations possédaient un WC intérieur et une salle d'eau ou salle de bains, alors qu'à la fin de cette période, 65 % en sont équipés. Les logementtssont de dimensions modestes, mais ils passent de trois pièces en moyenne pour trois personnes au début de la période à trois pièces et demies à la fin. On peut donc affirmer que le confort augmente. La politique du ministère de l'Équipement se centre de plus en plus, à partir du milieu des années 1960, sur la production de la maison individuelle, qui demeure le mode d'habitat préféré des Français. Les réformes visent la création ou la réhabilitation de quartiers équipés de façon à faire mentir le slogan "métro, boulot, dodo" et à éviter le zoning (la sectorisation fonctionnelle), qui a produit des cités-dortoirs.

Les tours de grande hauteur se multiplient et l'urbanisme de dalles apparaît. Mais l'événement majeur reste, avec la création du district de Paris et des sept départements (dont Paris), celle des cinq villes nouvelles (Cergy, Évry, Marne-la-Vallée, Melun-Sénart, Saint-Quentin-en-Yvelines), en même temps que des expériences de réhabilitation des centres-villes et de résorption des bidonvilles dont le dernier est rasé en 1976.

Les distributions des logements des années 60

Dans la plupart des appartements du début des années 60, la chambre d'enfants est partagée. La cuisine, parfois encore précédée d'un office, est banalement située face au coin "repas". Dès 1969, le règlement de construction permet la ventilation mécanique contrôlée (VMC) qui rend possible d'installer des cuisines en second jour et des salles de bains sans fenêtres. Pourtant, soigner son corps est devenu un impératif et la salle de bains devient un des lieux importants de la maison. Associées à la division du logement en partie jour et partie nuit, ces données structureront le logement pour longtemps.

Deux dispositifs d'avenir se mettent en place dans les logements de qualité supérieure: la cuisine migre vers la façade et se lie au séjour. De plus, un espace extérieur les sert, qu'ils soient balcon, terrasse ou loggia, comme on l'a vu à propos du Shape Village. Par ailleurs, la chambre ouverte sur le séjour, à baie libre, se banalise, malgré les critiques relatives à l'intimité des habitants. Les baies vitrées de toute hauteur sont très appréciées mais deviendront rares durant la période suivante afin de réduire les dépenses énergétiques.

La télévision pénètre dans les foyers et réorganise "la salle de séjour". Les meubles en mousse, enveloppants, commencent à remplacer les chaises droites de l'ancienne salle à manger et les canapés de tapissier. Les lourds meubles rustiques sont remplacés dans certains groupes sociaux par des meubles plus légers. Le mot fonctionnel envahit le vocabulaire des habitants.

Le Centre sud de Bagnolet

L'un des derniers "grand ensemble", construit entre 1968 et 1970, en Région parisienne, juste avant que la politique des GE ne soit abandonnée en 1973, est composé de 4 tours gérées par des employeurs et des grandes sociétés publiques (dont la RATP: métro) et de 3 tours de logements sociaux. Une seule est constituée de studios pour célibataires (Sonacotra). Les types de logements se retrouvent dans ces tours pensées pour retrouver la mixité sociale habituelle d'une ville et le métro Gallieni est au pied des tours d'où l'on voit le périphérique parisien.

Sept tours sont construites dont quatre gérées par Logirep (1% patronal, majorité de locataires de la RATP, 409 logements) et deux par l'OPHLM de Bagnolet (203 logements). Chacune compte 18 étages et une centaine de logements, du studio au six pièces, dont 10 duplex de 3 pièces avec atelier et terrasse au 18é étage et 8 duplex avec jardin au RDC. Près de 1800 places de parking complètent l'opération.

Mixité volontariste, distribution savante, enveloppe banale

"Dans les années 65-70, la surface n'était pas vraiment une contrainte économique. Nous étions très généreux sur les surfaces alors. Par la suite, les contraintes économiques se sont renforcées, d'abord sur les surfaces, après le milieu des années 1970. Puis la législation est apparue, le confort thermique après 1974, sur les ouvertures en premier lieu. Dans les tours du Centre-Sud, du fait de cette absence relative de contraintes, la vue est formidable. Et puis la cellule, donc, offre une réelle facilité de fonctionnement. Il y a une unité d'espace, cellier-cuisine, coin-repas-séjour, avec en plus des chambres ouvertes, au niveau du fonctionnement, on est donc tous ensemble. C'était un peu ça, l'idée. Ça circule facilement et tout le monde peut se voir. Le problème, c'était quand même le quartier. Moi, j'ai connu les débuts du quartier, un quartier neuf, sans rien. Les 3 tours de l'Office, 3 ou 4 tours de Logirep, et tout était neuf." Interview d'un habitant, collaborateur de l'agence Lana-Le Goas, 2005.

Ce grand ensemble du Centre-Sud, a été le terrain de ma thèse "Se construire et habiter" entre 1976 et 1980 et j'y suis retourné pour étudier les changements en 2005 avec un autre sociologue spécialiste de l'architecture, Jean-Louis Violeau.

En 1968 la commune de Bagnolet a négocié sa construction contre l'installation d'un immense échangeur routier aux limites du XXe arrondissement de Paris et de Bagnolet.

Il est composé dans sa partie principale de sept tours posées sur un « espace vert « et jouxtées initialement par un petit centre commercial d'un niveau, regroupant quelques magasins d'alimentation et une pharmacie près des tours et des écoles. Quelques placettes accueillent des jeux d'enfant. A l'arrière a été aménagé un parc départemental, invisible depuis les entrées d'immeubles. En 1970 le métro Galliéni est arrivé au pied de

l'immeuble et l'opéra de Paris est à 10 minutes, et pourtant l'impression d'être relégué est constante chez les habitants qui apprécient beaucoup leur logement mais pas l'urbanisme.

Une partie des locataires des HLM étaient des "bidonvillois" relogés en priorité, les autres, surtout ceux de Logirep, sont des employés du métro, des fonctionnaires, des étudiants et des personnes âgées qui occupent les studios ou des deux pièces, des artistes qui bénéficient d'ateliers aux derniers niveaux.

A l'origine, les logements, du 3 au 6 pièces, sont occupés par des familles et les duplex par des habitants qui souhaitaient travailler chez eux, avec un ciblage particulier sur une population d'artistes, d'écrivains, etc. Personnes âgées et étudiants occupent les studios et les deux pièces. La mixité étaient donc volontairement prévue, à l'origine de la création du quartier et le programme des immeubles le permettait d'emblée. Elle a longtemps été effective et certains "artistes" ne sont partis que récemment, bien après les classes moyennes et celles qui n'acceptaient pas le sur-loyer. Cette réglementation a longtemps été refusée par l'Office mais finalement imposée au milieu des années 90.

Les tours depuis la rue Sesto Fiorentino, Centre sud de Bagnolet. Photo: Monique Eleb, 2005

Plans d'un 5 pièces, OPHLM de Bagnolet.

Face aux tours les équipements, crèches (qui ne sera pas construite) et école maternelle (qui sera construite une rue plus bas)

Les tours sont composées de duplex au RdC et aux derniers étages. Les grands appartements se situent aux quatre angles et les petits entre les deux. L'ascenseur et les escaliers sont au centre.

L'agence Lana-Le Goas avait testé de longue date, à Montreuil et Bagnolet, les dispositifs proposés en allant observer les aménagements et transformations des logements dans les immeubles construits antérieurement. Les logements locatifs sont plutôt plus grands que la moyenne (les quatre pièces ont entre 90 et 100 m^2).

A part les deux pièces et les duplex composés de façon spécifiques, les logements présentent des caractères communs mais se différencient par adjonctions de pièces à cette matrice.

Les logements sont caractérisés par l'ouverture des espaces: par exemple l'entrée n'est pas délimitée, ni par rapport aux dégagements permettant l'accès aux autres chambres, ni par rapport à la grande pièce de séjour. Les dispositifs et les espaces sont perçus au moment de l'emménagement comme "originaux" par l'existence d'ateliers d'artistes, de duplex mais surtout à cause de la grande fluidité spatiale et l'ouverture des espaces. La plupart des habitants ont, à leur arrivée, refermé les espaces ouverts et les logements sont souvent considérablement transformés. Dans certains toutes les "frontières" des pièces ont été fermées par l'ajout de cloisons et de portes, de façon à retrouver un plan d'appartement plus classique, avec des lieux plus définis, comme si la fluidité entamait la définition des différentes pièces et donc leur dénomination. Une femme rêve dans le séjour "ouvert" de son logement à "une maison qui serait très cloisonnée" (Interview 1976).

Le séjour est composé en deux coins, salon et coin-repas. En 1976 la plupart des habitants avaient rétabli des limites : une chambre ouverte sur le séjour est fermée après coup par une cloison, mobile ou non, quand elle est utilisée par les parents ou l'aîné des enfants. Elle peut devenir petit salon, bureau, salle de prière, ou même cave à vin, une fois les enfants partis.

La cuisine est ouverte sur le coin-repas, lui-même donnant (sans cloison) sur le séjour et a été fermée soit par une cloison coulissante entre le coin repas et la cuisine, soit entre le séjour et le coin repas. Un cellier prolonge la cuisine et une pièce de rangement fait pivot central, dissociant les deux parties, privées et publiques, du logement. Ces deux pièces de service, très appréciées, remplacent des placards et une cave.

Certains logements, les plus nombreux, étaient très aménagés, très décorés, rendus parfois méconnaissables par les portes ajoutées, les moulures, les rideaux, un mobilier lourd qui tendaient à reconstituer l'ambiance d'un pavillon de banlieue. Seuls quelques artistes et intellectuels ont au départ, "joué le jeu de l'architecte" en laissant tout ouvert. Si la qualité des logements a souvent éblouis les habitants par la rupture qu'ils introduisaient avec leurs logements antérieurs, la plupart n'ont pas accepté la conuration urbaine dans laquelle ils s'inscrivaient.

Comme les normes l'exigent dans le logement social dès le 4 pièces, une pièce d'eau s'ajoute à la salle de bains.

Entre 1970 et 1980, une "vie d'immeuble", plutôt qu'une "vie de quartier", s'est développée avec des fêtes regroupant les voisins, mais aussi avec ce que l'on peut dénommer une "sociabilité en pantoufles", tant de la part des parents que des enfants. Des appartements ont été aménagés pour accueillir des activités de couture qui mêlaient femmes émigrées et "mamies", souvent bagnoletaises et des cours d'alphabétisation avaient lieu dans les "locaux communs résidentiels" du bas de l'immeuble. Ces locaux qui accueillaient aussi des cours de gymnastique et de judo étaient disponibles pour les fêtes de famille ou autre.

Une alternative aux Grands ensembles

La surface, la clarté et le confort intérieur des logements des grands ensembles, sociaux ou non, avaient été soulignés dès leur construction, mais la monotonie, la répétition et l'enclavement de certains d'entre eux entraînent une critique violente qui fuse de toute part, y compris dans le milieu des architectes. On parle de "sarcellite" du nom du premier grand ensemble connu, situé à Sarcelle, et on se demande si "les grands ensembles rendent malades" (Godard, 1967; Rochefort, 1961). Ils sont alors perçus comme mettant en question les repères spatiaux et sociaux, car ils sont sans stratee dans l'histoire, sans modèle de références, à cause de l'échelle des opérations, de la rapidité d'exécution et du manque de monument. Beaucoup manquent, aussi et longtemps, de commerces, de transports publics et d'équipements. Et les femmes se plaignent de l'ennui et les adolescents dépriment (Huguet, 1971). Pourtant, les qualités d'organisation intérieures de certains logements restent pertinentes aujourd'hui où chaque habitant(e) rêve d'une buanderie ou d'un séchoir et de placards qui permettraient enfin de traiter la question du linge dans les petits logements. La surface dévolue aux rangements est alors liée à une incitation sous forme de prime aux maîtres d'ouvrage dans le logement social qui a disparue aujourd'hui.

Un habitat stigmatisé et stigmatisant

Mais le type des bâtiments, les barres et les tours et leur regroupement sont dévalorisées et deviennent le symbole de ce type de logements stigmatisé et dès le début des années 1970, le ministère du logement promeut à travers le Plan construction, des expériences d'habitat intermédiaire entre individuel et collectif, de trois ou quatre niveaux, avec entrée particulière, double étage et terrasse. Il lance une politique des modèles, qui sera vite abandonnée, et la mode du "proliférant" produit des bâtiments pyramidaux à terrasses qui prennent le contrepied des barres et des toursleLa taillcedes opérations de logements commence à se réduire dans la seconde partie des années 1960, tout comme celles des appartements courants.

Les architectes regardent le logement social avec beaucoup d'attention à travers la production des Modernes et des Congrès internationaux d'architecture moderne (CIAM) qut bâtissent leur culture. La distribution des logements de luxe qui avait enrichi les réflexions sur l'habitat suit désormais celle du logement social. La production exemplaire oscille alors entre deux types, la tour d'habitation et l'habitat intermédiaire entre collectif et individuel. En effet, la recherche d'un autre rapport à la nature dans les villes nouvelles va entrainer la multiplication des grands regroupements de logements à gradins.

Terrasses gradins et pyramides dans les villes nouvelles

Les terrasses plantées, les maisons sur le toit caractérisaient l'habitat parisien de luxe dans les années 1930. Le maître d'ouvrage s'ouvrant à nouveau à la demande sociale ces

dispositifs réapparaîtront, à plusieurs moments de la deuxième moitié de XXe siècle (Simon, 1994), notamment dans l'habitat social. Les immeubles à gradins d'Henri Sauvage, les "gradins-jardins", les immeubles pyramides des années 1970, notamment ceux d'Andrault et Parat à Evry marqueront les esprits. Ce désir d'un rappel de la nature chez-soi, d'un intérieur extériorisé ou l'inverse, a conduit de nombreux architectes à revisiter ces dispositifs. Aujourd'hui à Paris, Stéphane Maupin, par exemple, construit un immeuble à gradins. Et dès les années 1980, des bâtiments, notamment ceux d'Edith Girard, sont surmontés de maisons sur le toit.

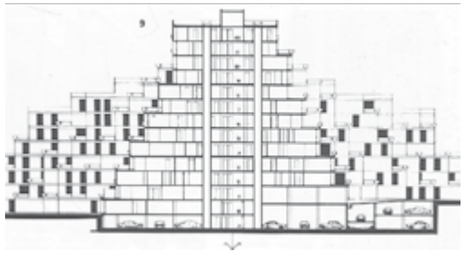
Formes antiques, plaisirs et usages contemporains, les Pyramides d'Evry 1

Construites par Michel Andrault et Pierre Parat, avec Pierre Sirvin entre 1973 et 1980 (Maître d'ouvrage délégué: UCY) c'est un véritable morceau de ville qui est conçu là. Il s'agit là de la 1re tranche de 2.500 logements sur 7.000 prévus avec 25.000 m2 de bureaux imbriqués à l'habitat, 7.000 de commerces et équipements de quartier au rez-de-chaussée des immeubles. Parkings en sous-sol ou dans les pyramides, sur deux niveaux. Imaginée en 1965 la création de la ville nouvelle d'Evry devait accueillir 120.000 habitants sur 9.000ha. Le concours international pour construire Evry 1 est gagné par l'équipe d'Andrault et Parat avec de nombreux collaborateurs.

Ce quartier est l'aboutissement d'expériences d'habitat pyramidal commencées par cette équipe d'architecte dès 1965, à Villepinte, notamment, mais dans une des villes nouvelles de la Région parisienne. Ici les bâtiments se situent dans un grand projet avec suite de parcs formant une "trame verte" agrémentée d'un canal, espace de détente et de loisirs sportifs et avec équipements regroupés dans une "agora".

Vue devant le canal, Les pyramides, Evry.

Les différents programmes sont aussi "intégrés", bureaux, commerces, logements sont superposés ou juxtaposés, comme dans la composition traditionnelle des villes. La forme pyramidale facilite cette mixité, selon Michel Andrault, et donne, de plus, l'illusion d'une moindre hauteur.



Les pyramides, Evry. Source: *Techniques et Architectures*, n.º341 (avril-mai, 1982)

Des parkings se situent dans les creux du bâtiment.

Le modèle "gradin-jardin" est lauréat en 1973 du Concours des Modèles Innovation du Plan Construction. Construit en structure poteau-dalle, certaines pyramides atteignent 12 étages mais paraissent peu hautes. Le décalage en gradin qui permet la création de grandes terrasses provoque une perception particulière due à la fragmentation du volume d'ensemble qui apparaît comme l'addition de petites unités. Le terme "proliférant" qui décrit cette perception en même temps que le mode de conception, qui peut se répéter à l'infini, desservira ces opérations.

Il s'agit là encore de donner au collectif les qualités de la maison individuelle plébiscitée par les Français en empilant des "maisons" dans un immeuble qui garde donc aussi certaines qualités du collectif notamment la densité et le moindre coût. L'habitat intermédiaire ou "semi-collectif" peut donc prendre diverses formes, ici en pyramide, pourvu qu'il ait une entrée particulière pour nombre de logements mais surtout un "prolongement extérieur", ici l'équivalent d'une chambre. La vue sur les autres terrasses est empêchée par de larges jardinières en béton qui permettent de planter des arbres

Les logements à grandes terrasses, même si au fur et à mesure des opérations leur taille se réduit, sont souvent en forme de L et s'étagent sur les quatre faces de la pyramide.

A Evry 16, en 1980, les grandes terrasses se sont transformées en simples balcons. Comme l'écrivent Andrault et Parat dans leur article "1965-1980. 15 années d'évolution du parti pyramidal": "De 1975 à 1980 plusieurs milliers de logements Gradins-jardins seront réalisés. Au fil des ans les densités s'accroissent, la hauteur s'élève (R+12 à Maisons-Alfort et à Evry 1), l'isolation est meilleure. Les surfaces elles, stagnent, quand elles ne diminuent pas, comme celles des terrasses privatives (Evry, quartier de Amandiers). Ce sont en effet les réalisations d'Evry, qui témoignent à la fois des capacités et des limites du parti pyramidal utilisé à grande échelle" (*Techniques et Architectures*, 1982: 13). Même analyse de Christian Moley en un titre " La dégradation du gradin". (*Techniques et Architectures*, 1982: 80).

La Nérac, un habitat "intermédiaire"

La Société Centrale Immobilière de la Caisse des dépôts (SCIC) est chargée dans les années soixante, d'une opération d'urbanisation du Val d'Yerres. 9000 logemd'urbanisation du Val d'Yerres, doivent être réalisés. En rupture avec les modèles de l'époque, "La Nérac", conçu par Jacques Bardet, ou les "Menhirs" voisins du Finlandais Heikki Siren, constituent encore des exemples atypiques d'habitat individuel dense ou intermédiaire.

Dans le contexte d'une critique montante et offensive des grands ensembles, petits collectifs et individuels groupés apparaissent alors, comme une alternative. Jacques Bardet, explore ici, un type de logements entre collectif et individuel avec ses terrasses de village urbain, qui va faire date et inspirera contre son grès, quelques expériences "proliférantes" moins réussies. Il construit à Boussy-Saint Antoine, (Essonne), entre 1967 et 1969, 163 appartements en accession dans 24 petits immeubles à R+3, avec deux appartements par niveau (Maître d'ouvrage : SCIC).

Sa proposition d' "individualisation du logement dense" va de pair avec la volonté "de partir de la cellule" pour arriver à la notion de "village urbain", réfutant ainsi le "plan-masse composé" des grands ensembles. La densité étant pour lui "indispensable à l'économie et à la catalyse d'une vie urbaine". Avec 200 habitants à l'hectare, la Nérac se situe très au dessus du standard du pavillon individuel de lotissement, atteignant presque les ratios de certains immeubles collectifs du Val d'Yerres. Chaque logement bénéficie d'une entrée indépendante et d'une terrasse généreuse de forme carrée autorisant plusieurs usages, clé de composition de l'ensemble conçue comme une pièce à ciel ouvert qui fait corps avec le logis.

Vue d'ensemble. Source: Fond Bardet, Jacques Soucheyres

La Nérac est composée de modules cubiques assemblés de manière discontinue sur un terrain en pente. Les escaliers d'accès aux appartements logés dans des cylindres à claustras de parpaings, la trame porteuse lisible en façade, le dessin des séparatifs et des garde-corps ainsi que la rigueur du système des percements inscrivent ces petits cubes faussement brutalistes dans un paysage où la végétation constitue autant une trame qu'un arrière-plan.

La Nérac aujourd'hui.

Les logements sont construits sur la base modulaire d'une trame poteau-poutre en carrés égaux (4,80 mx4,80 m) dans lesquels s'inscrivent les pièces et la terrasse-jardin (23m^2) protégée par un brise-soleil. Dans ce 3 pièces de 69m^2, le séjour de 23m^2 et une chambre sont éclairés par la terrasse. Les espaces de service sont regroupés face au séjour.

Dans le 4 pièces (92 m^2), la terrasse-jardin de 25m^2 est extérieure au carré de base et l'une des chambres d'enfants à deux lits est divisée par une demi-cloison. Lorsque celle-ci est ouverte, elle permet de mettre à disposition des enfants un espace commun, une petite pièce supplémentaire à usage non défini (jeu, travail...). Cette attention à la plasticité du logement se retrouve dans la disposition de la chambre, vraisemblablement affectée aux parents, qui peut s'ouvrir sur le séjour sans être commandée par celui-ci.

En 1976, un reportage de la revue *Techniques et Architecture* (dont le numéro 312 est consacré à une grande enquête sur le logement), tout en étant assez critique sur la taille et l'éclairement de certaines chambres des "casbahs du Val d'Yerres", évoque la réussite de cette terrasse à l'abri des regards, comme une "pièce en plus". On y décrit ainsi abondamment *"le miracle de la terrasse,* (...) *celle pour laquelle on a eu le coup de foudre* (...) *les enfants y jouent, on y met le chien. On y lit, on y prend les repas, l'apéritif, le café. On y met le linge sans gêne, on y tolère même un certain désordre*".

Quelques mots de conclusions sur cette situation des logements sur les classes moyennes aujourd'hui. Deux situations et des expériences très opposées la caractérisent.

D'une part l'Etat s'inquiète du manque de logement dans certaines régions françaises et de la résistance de certains maires à construire des logements sociaux et de plus on observe le départ des jeunes couples loin des centres des grandes villes faute d'y trouver un logement. Par exemple la SNI (CDC) a reçu de l'Etat la consigne de construire désormais en priorité pour cette classe sociale tout en continuant une politique de mixité sociale par le logement. En effet la loi SRU oblige la plupart des communes à atteindre 20% de logement social et Paris 25% sans parler de l'accord établi avec les promoteurs privés qui construise dans toute opération 25% de logement social. De nombreuses communes préfèrent plutôt que de construire des logements collectifs, payer une amende qui augmente de plus en plus. On parle aujourd'hui de soutenir les " maires constructeurs " par des dotations financières tant la situation de crise du logement est inquiétante. L'Etat qui se démet de certaines obligations s'en est créé d'autres.

Autre tendance, celle de l'habitat participatif qui est pour l'instant l'apanage des classes moyennes qui veulent changer les conditions d'accession à leur logement. Pendant une courte période, après Mai 1968, des architectes se sont essayés à concevoir les bâtiments avec la participation des habitants ; ils travaillent avec des coopératives et tentent des solutions constructives flexibles ou modulaires. Ces expériences peu nombreuses ont cependant influencé la réflexion sur l'architecture du logement et redeviennent pertinentes aujourd'hui. Mais la taille des opérations n'est plus comparable.

L'une de ces opérations, le jardin de Jules élaboré pour la Coopérative le Village vertical de Villeurbanne, par Arbor & Sens et Detry et Levy en 2014. Le projet comprend 38 logements sur 4 niveaux plus un attique. Il y a 4 logements en résidence sociale, 10 logements pour la coopérative d'habitants le Village Vertical et 24 logements vendus par RHONE SAONE HABITAT en accession sociale à la propriété. L'ensemble forme une copropriété unique.

La co-conception avec des habitants maitres de l'ouvrage, modifie la chaine de production du logement, ainsi que les rôles car cela élimine la maitrise d'ouvrage traditionnelle. C'est donc un habitat sur-mesure qui est créé et que les habitants espèrent voir réalisé à moindre coût.

Références

Burgess, Ernest W. (1925), "Can neighborhood work have à scientific basic", Robert E. Park, Ernest W . Burgess, Roderick D. Mackenzie, *The City*, Chicago, University of Chicago Press, p. 142-145.

Eleb, Monique; Bendimérad, Sabri (2011), *Vu de l'intérieur. Habiter un immeuble en Ile de France* (1945-2010), Paris, Archibooks.

Godard, Jean-Luc Godard (1967), *2 ou 3 choses que je sais d'elle*, France, Italie, Argos Films, Anouchka Films, Les Films du Carrosse, Parc Films.

Huguet, Michèle (1971), *Les femmes dans les grands ensembles. De la représentation à la mise en scène*, Paris, CNRS.

L'Architecture d'aujourd'hui (1934), n.5, juin.

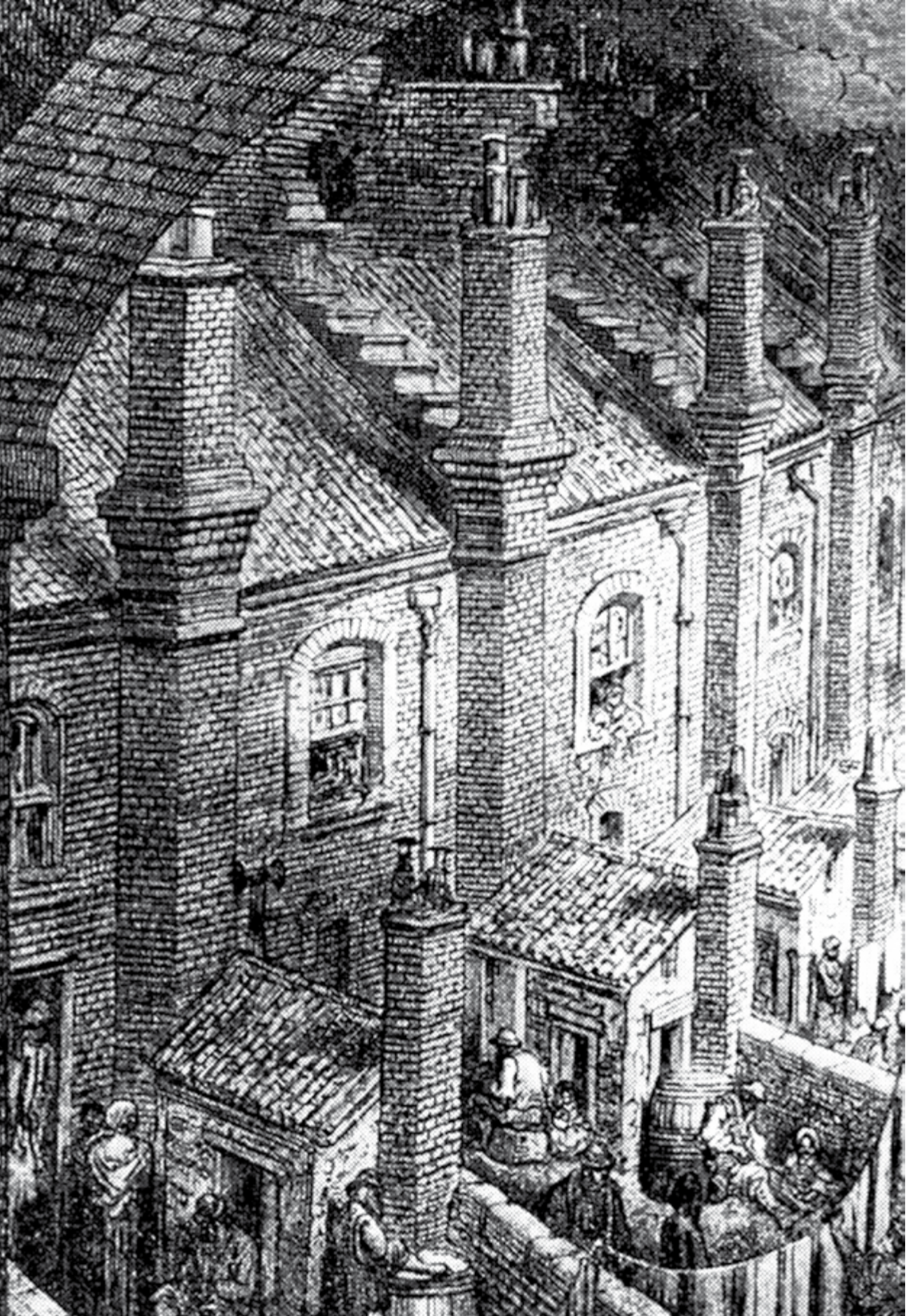
L'Architecture d'aujourd'hui (1959), n. 87 [Habitat], décembre-janvier.

Rochefort, Christine (1961), *Les petits enfants du siècle*, Paris, Grasset.

Rotival, Maurice (1935), "Les grands ensembles", *L'Architecture d'aujourd'hui*, n°6, juin, p. 57-72.

Simon, Philippe; Leclercq, François (dir., 1994), *De toits en toits. Sous les toits de Paris*, Catalogue d'Exposition, Paris, Pavillon de l'Arsenal/Hazan.

Techniques et Architectures (1982), n°341, Paris.



José António Bandeirinha
Consultor do projecto. Darq - FCTUC, CES, Universidade de Coimbra. Conferência de Abertura dos trabalhos do primeiro dia do Seminário Internacional Optimistic Suburbia - Large Housing complexes for the middle-class beyond Europe, ISCTE-IUL, Lisboa, 21 de Maio de 2015.

Little boxes on the hill side Contributo para uma leitura pós--colonial do subúrbio anglo-americano

Nota: *Este texto não corresponde ao resultado de uma iniciativa de investigação, nem sequer a um* work-in-progress *de uma investigação em curso. Trata-se, isso sim, de uma intenção, ou antes, trata-se da preparação e da sistematização dos tópicos a partir dos quais se preparará essa investigação. Trata-se, se quisermos, de um projecto. Não um projecto de investigação, no sentido convencional do termo, mas da preparação dos dados tidos como essenciais para a prossecução do trabalho. Tal como num projecto de arquitectura.*

Para esta apresentação duas opções se perfilavam: trazer algumas propostas mais conclusivas, resultantes de trabalhos já finalizados, ou apresentar-vos um projecto, ainda embrionário na substância. Optei pela segunda, correndo certamente o risco de vos mostrar algo que está na fase de estudo prévio, com pontas ainda demasiado soltas. Mais motivador para mim, sem dúvida, espero que também para os leitores.

Para além dos significados políticos, ou seja, dos significados que se depreendem desde logo da sua condição etimológica, a questão da pólis põe-se também na medida da relação empírica com o conhecimento do mundo. Há determinadas instâncias históricas segundo as quais ela se põe como condição inerente ao desenvolvimento dos saberes, à evolução da ciência.

Fedro é um dos mais célebres diálogos de Platão. Embora as teorias actuais não primem pelo consenso em relação à datação dos diálogos (Pereira, 2012: 488-498), pensa-se que foi escrito cerca de 370 AC. A ser assim, seria sensivelmente contemporâneo, portanto, da *República* e de *Symposium*. O diálogo estabelece-se entre Sócrates, o principal protagonista, e Fedro, um interlocutor comum a várias destas obras, quando ambos passeiam pelo campo, nos arredores de Atenas. O último acaba de chegar da casa de Epícrates na cidade, onde Lísias, o filho de Cephalus – patriarca ateniense cuja casa é precisamente a cena onde decorre a República –, tinha proferido um elaborado discurso sobre o Amor. Sócrates faz saber então que está arrebatado pela paixão pelos discursos, e tem esperança que Fedro lho possa reproduzir detalhadamente. Sentam-se junto a um regato, à sombra de um plátano e Sócrates lá vai tentando que Fedro lhe repita o discurso de Lísias.

" (...)
SÓCRATES
Por Hera, a que formoso local nos chegámos! Aqui está um plátano bem

< Over London by rail (pormenor), Gustave Doré. Fonte: ***London: A Pilgrimage*****, 1872**

copado e alto. E este elevado e umbroso agnocausto, tão belo, em plena floração, como ele embalsama estes sítios! E esta fonte deliciosa, que corre abaixo do plátano, como a sua água é fresca! Basta o meu pé para o provar. Ao que parece, este recinto é consagrado a algumas ninfas e a Aqueloos, a julgar por estas figuras votivas e estatuetas. E não achas que aqui há um ar puro que deve ser-nos grato e deliciosamente aprazível? Esta melodia estival ressoa como o coro das cigarras. Mas o maior requinte é ainda esta relva, que, na inclinação natural do pendor, nos convida a reclinarmos docemente a cabeça.
Bem se vê que não há melhor do que tu para um estrangeiro, meu caro Fedro!

FEDRO
Não há dúvida que és a mais estranha das criaturas, meu caro. Pareces exactamente um estrangeiro, como disseste, e não um indígena. De facto, não sais da cidade nem para transpor as fronteiras, nem sequer passaste nunca além das Muralhas, segundo penso.

SÓCRATES
Desculparás, meu excelente amigo. Eu gosto de aprender. E o campo e as suas árvores não têm nada que me ensinar; mas os homens que vivem na cidade, esses sim. (...)" (Platão, *Fedro*, 230 b-d, apud Pereira, 2005: 397).

Há neste texto de Platão a constatação directa e frontal de uma relação directa entre a pólis e o conhecimento. Muito antes, na transição do século VI para o século V, já o poeta Simónides de Ceos se referia directamente a isso quando afirmava que "*a polis é mestra dos homens*" (Pereira, 2005: 158; Pereira, 2012: 172).

Também Cornelius Castoriadis incide sobre essa relação e diz mesmo que corresponde à ideia grega que o indivíduo é formado pela cidade. Sem se referir ao *Fedro*, põe o seu autor e a personagem mais importante — Platão e Sócrates — em aceso confronto de opostos, destacando a oposição radical entre os dois. Apresenta o último como o filósofo da cidade e o primeiro como o filósofo que quer estar acima da cidade (Castoriadis, 1991: 4-8).

Os homens aprendem com os homens e a organização política, ou seja, a orgânica inerente à pólis - cidade, é a condição essencial desse desígnio.

A civilização clássica tem, pelo menos desde o final da chamada época arcaica mas seguramente desde muito antes (Pereira, 2012: 173), a cidade como mediação essencial do conhecimento. Há uma entidade, podemos chamar-lhe mesmo uma entidade política, que se assume como condição para o desenvolvimento dos saberes, que se interpõe como mediadora entre o homem e o conhecimento das coisas do mundo.

Essa mediação reflectir-se-á sempre, embora em circunstâncias contextuais muito diversas, ao longo do tempo, fazendo também do conhecimento humano e da sua evolução um processo eminentemente social. Reflexivamente, é o próprio conhecimento da história que se torna num processo de incidência social, como nos explica Castoriadis, através de uma sequência de interrogações:

> "*Can there be human beings without history, outside history? Are they not shaped into very different forms* within *history, possibly* through the action of *history? Do these actions of human beings take place in a vacuum? Is there any possible meaningful human action outside an instituted society, the relations, the meanings, the purposes the values posited by this instituted society? Unless by "history" we mean the mere unfolding of a sequence of any sort of events over time (as, e. g. In the phrase "the history of the Solar System"), have we ever encounted history without society?*" (Castoriadis, 1991: 33)

Castoriadis reage com intensidade aos ventos mais deterministas da contemporaneidade, desmonta o absurdo da questão em volta da qual se revêem tanto os que pretendem que a sociedade é um produto da história como os que apresentam a história como resultado do "trabalho" da sociedade.

> "*History is the self alteration of society — an alteration whose very forms are each time the creation of the society considered.* (...) *At a deeper level, it would still be inadequate to say that history is a* dimension *of society, the dimension by virtue of which the past of a society is always immanent in its present, this present always being inhabited by a future of some unspecified content and form. History is the self-deployment of society in time; but this time is, in its essential characteristics, a creation of society* (...)" (Castoriadis, 1991: 34)

Essa visão da história pressupõe também, e concomitantemente, a necessidade de desmontagem do papel do individualismo, tal como a visão hegemónica contemporânea o vem apresentando, isto é, como motor da competitividade individual em prol do *desenvolvimento* ilimitado. Mas desmontar a ideia de individualismo na história acarreta ainda, para Castoriadis, a necessidade de clarificar que não se trata de confundir o modo como Max Weber, que ele tanto admira, apresenta o individualismo, mais particularmente aquilo que Weber define como *método individualista*. Na sua opinião, não se trata de uma revalorização do individual, como está na moda hoje considerar, mas sim da compreensão do comportamento dos indivíduos singulares que participam nas estruturas sociais.
O que Weber designa como *método individualista* é então o oposto de um individualismo substancial ou ontológico, traduz isso sim a construção de um *significado* subjectivamente compreensível para o comportamento dos indivíduos nas estruturas sociais. (Castoriadis, 1991: 47-49)

Castoriadis dedica um número considerável de páginas à crítica Kantiana, em especial à questão do julgamento e da escolha, refuta a instituição da *beleza*, do *gosto puro* e do *sensus communis* como parâmetros preexistentes e, sobretudo, como definições estáticas (Castoriadis, 1991: 87-103). Mas alerta também para a possibilidade de agrilhoar a autonomia e a liberdade — conceitos que propõe como matéria substancial do que designa por projecto sócio-histórico — a um sistema de leis geradas por uma Razão imutável, dada de uma vez por todas, para sempre. Essa a razão essencial do afastamento entre duas concepções da sua ideia de autonomia, a sua e a kantiana. (Castoriadis, 1991: 164)

Na verdade, e para aquilo que aqui nos importa, Kant rejeita a entronização incondicional da Democracia e é muito provavelmente isso que mais incomoda Castoriadis. Ao longo das duas últimas décadas do século XVIII, o filósofo iluminista expõe parte do seu pensamento político num conjunto de opúsculos mais ou menos dispersos, sem contudo deixarem de ser aprofundados e substanciais. (Kant, 2009)

Kant deduz do seu pensamento algumas condições para a pacificação política, e consequentemente militar, do mundo moderno que podem ser surpreendentemente actuantes, se consideradas à luz da contemporaneidade. Inscrevem-se nesse lote a rejeição da ideia de estado como bem *patrimonializável* e transacionável (Kant, 2009: 131), ou a recusa da imisção de assuntos de política externa com a emissão de dívida pública (Kant, 2009: 132), só a título de exemplos mais brutalmente explícitos. Mas a polémica essencial, aquela que aqui mais nos interessa, diz respeito à clarificação das diferenças *constitucionais* entre a organização democrática e a organização republicana:

> "*Para não se confundir a constituição republicana com a democrática (como costuma acontecer), é preciso observar-se o / seguinte. As formas de um Estado (*civitas*) podem classificar-se segundo a diferença das pessoas que possuem o supremo poder de Estado, ou segundo* o modo de governar *o povo, seja quem for o seu governante; a primeira chama-se efectivamente a forma de* soberania *(*forma imperii*) e só há três formas possíveis, a saber, a soberania é possuída por um só, ou por alguns que entre si se religam, ou por todos conjuntamente, formando a sociedade civil (*autocracia, aristocracia e democracia*; poder do príncipe, da nobreza e do povo). A segunda é a forma de governo (*forma regiminis*) e refere-se ao modo, baseado na constituição (no acto da vontade geral pelo qual a massa se torna um povo), como um Estado faz uso do seu poder: neste sentido, a constituição é ou* republicana*, ou* despótica*.* O republicanismo *é o princípio político de separação do poder executivo (governo) do legislativo; o despotismo é o princípio da execução / arbitrária pelo Estado das leis que ele a si mesmo deu, por conseguinte, a vontade pública é manejada pelo governante como sua vontade privada. — Das três formas de Estado, a democracia é, no sentido próprio da palavra, necessariamente um* despotismo*, porque funda um poder executivo em que todos decidem sobre e, em todo o caso, também contra* um *(que, por conseguinte, não dá o seu consentimento), portanto, todos, sem no entanto serem todos, decidem — o que é uma contradição da vontade geral consigo mesma e com a liberdade.*" (Kant, 2009: 140-141)

Paris, Demolição das Barrières de Ledoux, Arc du Triomphe e Place de L'Étoile.
Fonte: Henry Duff Linton, 1860

Ou seja, para Kant, o modo de governação não garante por si só a cabal mediação entre o estado e quem exerce a soberania, torna-se necessário a instituição de uma entidade mediadora forte e fidedigna, uma entidade que também consagra em si a necessidade de separação do poder legislativo do executivo — a República. É essa entidade que virá a instituir e consagrar, ao longo da história, a esfera do domínio público, como nos explicou Hannah Arendt (Arendt, 1958). É também essa entidade mediadora que vai permitir às sociedades mais complexas ganhar distanciamento de si mesmas, como nos explica Jürgen Habermas (Habermas, 1991; Habermas, 2010: 341-342).

Os modelos de espacialização dessa entidade vêm também a ganhar consistência ao longo da história, desabrocham em materialidade, racional e sistemicamente delineada, nas urbes romanas e adquirem a maturidade plena nas cidades europeias do século XIX. Aí, é o próprio estatuto do espaço público, em articulado e inteligente equilíbrio com os espaços da esfera privada (Arendt, 1958: 58-78), que ganha forma enquanto frente arquitectónica e construída do republicanismo kantiano.

Paris é, sem dúvida, a capital que mais directamente vai traduzir essa ligação ao pensamento, é a cidade do acolhimento, a grande *casa* que todos podia albergar (Benjamin, 2004).

Boulevard Haussmann em 1876, Charles Melville.
Fonte: Bibliothèque Historique de la Ville de Paris

> "(...) *There was the* nation par excellence *whose culture had determined the Europe of the nineteenth century and for which Haussmann had rebuilt Paris* (...). *This Paris* [in 1933] *was not yet cosmopolitan, to be sure, but it was profoundly European, and thus it has, with unparalleled naturalness, offered itself to all homeless people as a second home ever since the middle of the last century.*" (Arendt, 1969: 19-20)

Hannah Arendt escreve assim sobre a segunda passagem de Walter Benjamin por Paris — em 1933, a primeira tinha sido em 1913 —, um autor cuja obra-prima sobre o século XIX não se centra propriamente nos Boulevards haussmannianos, mas antes nas *Arcades — Passagenarbeit* — que estudou como um verdadeiro símbolo da cidade:

> "*When Hegel went to Paris for the first time not long before is death, he wrote to his wife: 'When I walk through the streets, people look just as they do in Berlin; they wear the same clothes and the faces are about the same — the same aspect, but in a large crowd.' To move in this crowd was natural for a Parisian.* (...) *As regards Baudelaire, the masses were anything but external to him, indeed, it is easy to trace in his works his defensive reaction to their attraction and allure.*" (Benjamin, 1969: 167)

Essa *segunda casa* que todos podia albergar começa a ser, também por isso mesmo, tomada pelas grandes multidões, que a procuram pelas mais diversas razões, densifica-se desmesuradamente, nalguns casos torna-se mesmo promíscua e insalubre. A cidade estava a dar lugar à metrópole, mas mantinha o modelo de coesão da cidade. Foi este modelo que se espalhou um pouco por toda a Europa e, paulatinamente, todas as cidades o foram seguindo.

Boulevard Montmartre, Camille Pissarro, 1897.
Fonte: Hermitage Museum, S. Petersburgo

> "(...) *because they clearly are inside and outside at the same time and thus represent its true nature and quintessential form. In Paris a stranger feels at home because he can inhabit the city the way he lives in his own four walls.*" (Arendt, 1969: 21)

A multidão enchia o espaço público e tornava-se o lugar comum característico da metrópole em gestação. É o próprio Benjamin que relata uma visita de Hegel à cidade, as suas observações sobre a metrópole são elucidativas:

Todas... ou talvez não. Não muito longe da sensação acolhedora desses interstícios urbanos da capital francesa, Londres, a grande metrópole industrial britânica acolhia também multidões, ora nos espaços públicos,

ora nos espaços residuais da área residência, da produção industrial ou do armazenamento portuário. Mas era o fluxo das ruas que mais surpreendia o visitante incauto:

> "*THE GREAT TOWNS*
> *A TOWN, such as London, where a man may wander for hours together without reaching the beginning of the end, without meeting the slightest hint which could lead to the interference that there is open country within reach, is a strange thing. This colossal centralization, this heaping together of two and a half millions of human beings at one point has multiplies the power of this two and a half millions a hundredfold; has raised London to the commercial capital of the world, created the giant docks and assembled the thousand vessels that continually cover the Thames. I know nothing more imposing than the view which the Thames offers during the ascent from the sea to London Bridge. The masses of buildings, the wharves on both sides, especially from Woolwich upwards, the countless ships along both shores, crowding ever closer and closer together, until, at last, only a narrow passage remains in the middle of the river, a passage through which hundreds of steamers shoot by one another; all this is so vast, so impressive, that a man cannot collect himself, but is lost in the marvel of England's greatness before he sets foot upon English soil.* (Engels, 1993, 1844: 36.)

Vindo de Barmen, Westfália, o jovem Friedrich Engels sobe pela primeira vez o Tamisa, desde a foz até ao centro da cidade, provavelmente em 1842. Impressiona-se com tudo o que vê, mas é a imensa mole humana que mais lhe suscita o impulso da escrita. Contudo, logo percebe que toda aquela concentração humana numa só cidade tinha um reverso, tinha contrapartidas muito fortes:

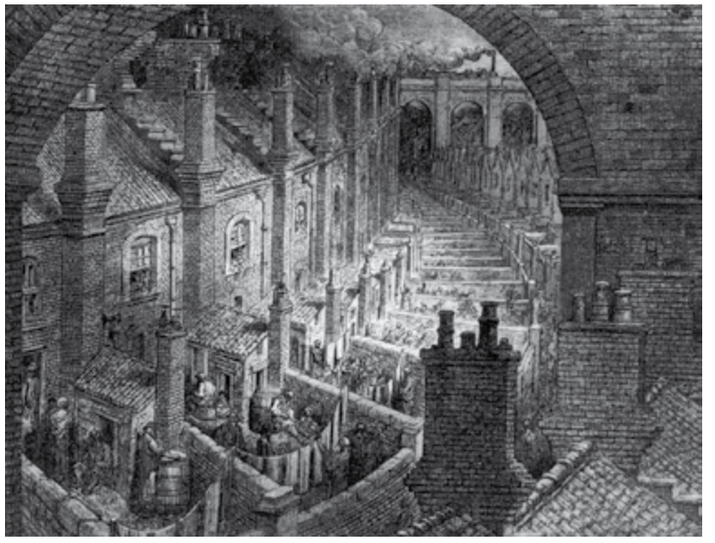
> "*But the sacrifices which all this has cost become apparent later. After roaming the streets of the capital a day or two, making headway with difficulty through the human turmoil and the endless line of vehicles, after visiting the slums of the metropolis, one realizes for the first time that this Londoners have been forced to sacrifice the best qualities of their human nature, to bring to pass all the marvels of civilization which crowd their city; that a hundred powers which slumbered within them have remained inactive, have been suppressed in order that a few might be developed more fully and multiply through union with those of others. The very turmoil of the streets has something repulsive, something against which human nature rebels. The hundreds of thousands of all classes and ranks crowding past each other, are they not all human beings with the same qualities and powers, and with the same interest in being happy? And have they not, in the end, to seek happiness in the same way, by the same means? And still they crowd by one another as though they had nothing in common, nothing to do with one another, and their only agreement is the tacit one, that each keep to his own side of the pavement, so has not to delay the opposing streams of the crowd, while it occurs to no man to honor another with so much as a glance.*" (Engels, 1993, 1944: 36-37)

Num primeiro momento, na metrópole britânica, o tipo de solução provocado por este aumento de densidade gera *slums* centrais, expansões habitacionais que se aglomeram o mais possível junto dos meios de produção, das docas, das fábricas, do mercado de trabalho.

Mas prepara-se um outro tipo de solução, uma periferização mais remota, para territórios mais afastados, que se vai apoiar em meios de comunicação cada vez mais rápidos e eficazes, primeiro o caminho-de-ferro, mais tarde o automóvel. Esse tipo de periferização está essencialmente dependente de modelos que se inscrevem em duas ordens de influências:

— uma, de carácter social e moral, radica, por um lado, na necessidade de manter as famílias da classe média e alta da sociedade vitoriana afastadas e protegidas daquela multidão insalubre, miserável e *corrupta* que começava a encher os centros das cidades, mas também radica, por outro lado, na tendência de imitação da aristocracia do *ancien régime*, que a burguesia arrivista do século XIX vai desenvolvendo, ou seja, na velha ambição da corte arcádica do século XVII, afastada da cidade;

— outra, de carácter económico, radica no desenvolvimento do mercado fundiário e imobiliário, na descoberta de um negócio próspero e rentável, com um investimento



Over London by rail, Gustave Doré. Fonte: *London: A Pilgrimage*, 1872

de infraestruturação fortemente comparticipados e com investimentos nos terrenos e na construção substancialmente reduzidos, em relação aos terrenos mais centrais.

> "*Respectable women, it was claimed, could not be part of the public sphere of city life. If women left the safety of the home and were on the streets, it was claimed, they became corrupted by the transgressive values of the city. They would be thought to be either prostitutes or vulnerable working women - with both groups the victims of a hostile and threatening environment.*" (Nead, 2004)

Mas a metrópole britânica é, de igual modo, uma das principais portas de saída dos europeus para o Novo Mundo. Entre 1820 e 1930 entraram através da costa este dos Estados Unidos cerca de 28.600.000 europeus, de entre os quais cerca de 4.300.000 britânicos e 4.500.000 irlandeses (Statue of Liberty and Ellis Island Foundation).

A ocupação do território interior dos Estados Unidos foi um processo de colonização constante ao longo deste período. Os emigrantes europeus que chegavam, originários das cidades sobrelotadas, procuravam prosperidade.

O tratado de William Penn com os Índios, *The Treaty of Penn with the Indians*, Benjamin West, 1771-72. Fonte: Pennsylvania Academy of Fine Arts, Philadelphia

Revisão do Plano de Washington de Pierre Charles L'Enfant, Andrew Ellicott, 1872.
Fonte: Library of Congress

A ideia de um novo mundo e de um futuro próspero radicava na maior parte das vezes na possibilidade de se poderem transformar em proprietários terratenentes.

O próprio espírito político fundacional desta nova nação, independente desde 1776, contém em si essa ambição como a mais legítima das possibilidades para quem avança destemidamente sobre os territórios inóspitos do ocidente.

As casas isoladas nas terras férteis, em especial nas imensas pradarias do *Midwest* são as novas *villæ* da centuriação liberal que se alastra. Essa possibilidade lança as bases de um individualismo, que é sublimemente retratado por Alexis de Tocqueville, o aristocrata, pensador político e historiador francês que se desloca aos Estados Unidos em 1831 para estudar o sistema penal e penitenciário e acaba por escrever também uma das mais completas reflexões sobre o ideário político da jovem nação americana:

> "*Não existe poder sobre a terra capaz de impedir que a crescente igualdade de condições leve o espírito a procurar o útil e que cada cidadão se disponha a fechar-se em si mesmo. Portanto, devemos esperar que o interesse individual venha a tornar-se, mais do que nunca, o principal, se não mesmo o único móbil das acções humanas; mas resta ainda saber como cada homem entenderá o seu interesse individual*." (Tocqueville, 2001, 1835-1840: 620)

A questão do individualismo na América é tratada de sobremaneira como uma das mais marcantes características da população e impressiona vivamente o pensamento de Tocqueville:

> "*Um americano ocupa-se dos seus assuntos privados como se estivesse sozinho no mundo e, no momento seguinte, ocupa-se do problema público como se tivesse esquecido os primeiros*." (Tocqueville, 2001: 621)

As multidões imensas que se deslocam da Europa em direcção ao Novo Mundo ao longo dos séculos XIX e XX fogem, em primeira instância, da miséria. Mas vão também no encalce de um sonho, de uma ambição, a de constituírem uma propriedade, a de obterem a sua *villa* e fazerem parte de uma nova e emergente aristocracia. Os novos colonatos, as novas centúrias espalham-se pelo continente e a aspiração de chegar primeiro aos melhores territórios conduz ao isolamento, ao individualismo. Tocqueville continua:

> "*O Individualismo é um sentimento ponderado e pacífico que leva o cidadão a isolar-se da massa dos seus semelhantes e a manter-se afastado dela na companhia da família e dos amigos de tal modo que, depois de ter assim criado uma pequena sociedade para seu próprio uso, deixa a sociedade propriamente dita entregue a si mesma*." (Tocqueville, 2001: 591)

As suas surpreendentes constatações virão mesmo a conduzi-lo, enquanto pensador político, a considerações que prefiguram o futuro do regime em gestação:

> "*O Individualismo é de origem democrática e ameaça desenvolver-se à medida que as condições se igualizam.* (...)
> *À medida que as condições sociais tendem para a igualdade, há um número crescente de indivíduos que, embora não sejam assaz ricos e poderosos* (...)*, adquiriram, ou mantiveram, luzes e conhecimentos suficientes para se bastarem a si próprios. Esses não devem nem esperam nada de ninguém, habituaram-se ao seu isolamento e imaginam que o seu destino depende exclusivamente deles próprios*." (Tocqueville, 2001: 592-593)

São estas as formulações mais directas de um ideário político a-urbano, um ideário que, de resto, está também na própria génese política da nova nação. É no início do século XIX que essa nova nação vai debater e regular, em parte, os seus modelos pela negativa, ou seja, as cidades industriais britânicas, com a sua sobreocupação, com a sua miséria extrema, são modelos negativos para o futuro. Veja-se, entre muitos outros exemplos ilustrativos, o debate em torno das *foreign manufactures*, no início do século XIX, no qual se discutem interessantes perspectivas acerca da possibilidade das fábricas continuarem instaladas em Inglaterra, uma vez que são focos de desestabilização e depravação de quantos nelas trabalham, são exposições nojentas de depravação e miséria. A esse debate está subjacente uma ideia de construção de um país exclusivamente rural, arcádico, deixando para o outro lado do Atlântico toda a miséria e a sujidade das indústrias e dos recursos que nelas se usam. Nos documentos referentes a esse debate, encontramos também curiosas referências a Coimbra e à sua região no artigo de 1817 "Extracts from an Adress of the American Society of New York for Promoting Domestic Manufactures, to the People of the United States" (Analectic Magazine 9, Jun.1817, apud Petroski, 2007) .

Nasce um país de metrópoles industriais e terciárias vivas, potentes e prósperas, nasce uma imensa rede urbana, com milhares de cidades a pontuar o território, mas o mito da *villa* isolada no meio da propriedade ficará para sempre plasmado no ideário social e político do americano médio, pelo menos do americano de origem europeia. A *Little House on the Prairie* é muito mais que uma novela, é muito mais que uma série televisiva de sucesso, é o próprio modelo histórico da vida do colono americano a erigir-se mitologicamente e, mais importante do que isso, a expandir-se globalmente para todo o mundo.

Talvez seja essa a razão pela qual muitas vezes somos levados a conceber o modo de vida do subúrbio americano como o resultado de uma fórmula de sucesso, do ponto de vista do mercado dito *livre*, ou seja, que há uma espécie de natureza intrínseca, que leva as pessoas a ambicionar uma casa isolada nos subúrbios.

O período que se seguiu à Segunda Guerra Mundial deu o envolvimento perfeito para esse pensamento, inclusivamente na Europa, inclusivamente nos sapientes pareceres dos mais insuspeitos pensadores e sociólogos.

Henri Lefebvre, filósofo *engagé* e sociólogo do fenómeno urbano, começou, desde o fim dos anos quarenta, a reflectir sobre as questões do espaço e a desenvolver uma interpretação crítica da ideia de plano. Embora os seus primeiros trabalhos se inscrevessem na esfera da sociologia rural -

> "*Il faut donc saisir que Lefebvre n'est pas venu à l'urbain par 'l'urbanité'. Si ses premières études sur léspace relevaient d'une sociologie rurale de la vallée de Campan (Pirénées), elles s'orientent ensuite plus concrètement vers l'urbain, à partir de deux analyseurs que sont le développement de la pensée planificatrice et 'l'événement Mourenx'*", (Devisme, 1998: 45)

– desde cedo avança na crítica à modernidade, balizada pelos novos espaços de sociabilidade que os tecnocratas tentam dirigir à classe operária.

Forest Hills Gardens, Queens, Nova Iorque, 1912, Russel Sage Foundation (empresa); Grosvenor Atterbury (arquitecto); Olmsted Brothers (paisagistas).
Fonte: *Architectural Design*, 51, 10/11, 1981, Academy Editions, p. 33

Em 1966, na introdução que precedia um estudo colectivo sobre o habitat pavilhonar, levado a cabo por Henri Raymond e pela sua equipa do *Centre de recherche urbaine* da Faculdade de Nanterre, Lefebvre tentava pôr na mesa, abertamente e sem estigmas, as contradições principais que ainda envolviam a latente dicotomia entre as opções pela habitação colectiva ou pela habitação individual (Lefebvre, 1992: 483-497).

Esta última, apesar de todos os seus inconvenientes — consumir muito espaço; dispêndio de energia e de equipamentos; alargamento excessivo das áreas de expansão das cidades; incentivo ao egoísmo; *deficit* de sociabilidade, etc. — continuava a gozar da preferência da maioria das pessoas inquiridas no referido estudo. Ora, Lefebvre, num aparente e controverso desvio à matriz colectivista do seu pensamento anterior, assume-se como defensor da habitação pavilhonar. Começaria, então, por homenagear os pensadores mais *profundos* que o antecederam na reflexão sobre a casa e sobre o habitar: Gaston Bachelard, a quem são devidas algumas páginas inolvidáveis em *La poétique de l'espace*, e, sobretudo, Martin Heidegger, esse filósofo que colocou a questão radical: *o que é o habitar?* e que, comentando o admirável verso de Hölderlin, "*dichterisch, wohnet der Mensch - poétiquement habite l'homme*", concluiu que o habitar, na sua essência, é poético, é um impulso fundamental da condição humana, não é uma forma acidental ou uma função determinada (Bachelard, 1957; Heidegger, 1958). Constatou também que a habitação pavilhonar estava muito pouco estudada, sobretudo se comparada com os *Ensembles*, os quais tinham vindo a ser o objecto privilegiado de estudo de sociólogos e literatos. As questões que colocava, porém, sugerem a necessidade radical, quase obsessiva, de não se deixar levar pelo *parti pris* circundante, que condenava a habitação pavilhonar.

Lefebvre ensaiaria então a explicação do fenómeno das maioritárias preferências pela habitação unifamiliar, questionando-se sobre o sentido do mito e da ideologia que lhe estavam associados. Um mito tão antigo como a casa patriarcal rural evocada por Bachelard. Uma ideologia de carácter utópico, sublimada pela apropriação do espaço circunscrito à habitação que, como explicou, permite a socialização do espaço individual e, simultaneamente, a individualização do espaço social. Esse desejo de apropriação, que não significaria necessariamente vocação de isolamento ou vontade de eliminar as práticas sociais, resultaria, isso sim, da necessidade de um espaço flexível, tanto à escala da vida privada como da pública, do aglomerado ou da paisagem. O conceito de espaço social, por analogia com o de tempo social, integraria a apropriação e não seria, de modo algum, coincidente com o de espaço geométrico, uma vez que as suas qualidades específicas não adviriam do seu significado objectual, mas antes da apropriação em si. Logo que essa apropriação deixasse de existir, então dar-se-ia a coincidência entre espaço social e espaço geométrico, à semelhança da relação entre o tempo social e o tempo dos relógios. Henri Lefebvre propunha um novo entendimento do habitar, que respondesse às exigências da técnica e da vastidão dos aglomerados urbanos, sem que isso fosse sacrificar a qualificação, as diferenças e as apropriações espaço-temporais, vaticinava a síntese entre o individual e o colectivo, "*le pavillon dans l'ensemble collectif, l'espace apropriable avec les avantages pratiques de la vie sociale organisée*" (Lefebvre, 1992: 497).

Esta supressão de um entendimento meramente quantificável do objecto espacial, contribuição decisiva da obra de Lefebvre, viria a acompanhar toda a sua produção teórica.

Terá sido então essa espécie de desejo mitificado de apropriação, essa ambição subliminar da natureza humana, a provocar o imenso *sprawl* suburbano que, ao longo de todo o século XX mas de modo mais incidente na segunda metade, dominou a ocupação territorial nos Estados Unidos e se expandiu como modelo de vida global?

Terá correspondido a um acidente histórico? A uma inevitabilidade do determinismo desenvolvimentista?

Não por acaso, e também na sequência da Segunda Guerra Mundial, com o fordismo em acelerada euforia, o governo federal gera os mecanismos essenciais ao fomento da habitação isolada. Entram em actividade em todo o território vários programas de incentivo e de encorajamento à dispersão suburbana, providenciando planos de hipotecas para a edificação de 11.000.000 de casas unifamiliares suburbanas, no total. As condições pressupunham, por um lado, amortizações inferiores aos valores do mercado de arrendamentos e, por outro lado, o desencorajamento de operações de reabilitação de edifícios residenciais existentes, o desincentivo à construção de habitações em banda ou de outras opções tipologicamente urbanas. De entre os mais significativos desses programas referiremos o da Federal Housing Administration e o da Veterans Administration.

Chicago, a Prairie vista do topo da Sears Tower.
Foto: José António Bandeirinha

***Suburbia,* Charles Elmer Martin, 1953.**
Fonte: *New Yorker Magazine,* May 23, 1953

Em simultâneo, foi também instituído um programa interestadual, financiado por fundos federais e locais, para a construção de 66 mil km de auto-estradas — o Interstate Highway Act, de 1956. Estes financiamentos, que comportariam 90% dos custos, num total de 26.000.000 de dólares, seriam complementados sempre com subsídios locais, estaduais e também federais para melhoramentos na rede viária existente, negligenciando sempre o investimento público nos transportes em comum, reduzido a 1% do total investido no sector. O mercado automóvel floresceria de modo vertiginoso ao longo deste mesmo período, como é sabido, e tornar-se-ia acessível à maioria dos cidadãos (Duany, Plater-Zyberk, Speck, 2000: 7-10).

Qual a razão de ser deste leque de considerações, cuja estrutura dedutiva está ainda longe de estar convenientemente encadeada? Qual o propósito de juntar aqui estas considerações? Sobretudo, qual o propósito de o fazer sem antes anunciar ao que venho, sem referir previamente os objectivos, como manda a cartilha, sem enunciar os eventuais desvios de interpretação?

No essencial, há duas ordens de razões que me levaram a este encadeamento, duas ordens de razões que eu aqui apenas enunciarei, sem tencionar sequer chegar à sua interpretação analítica. Uma refere-se a um pressuposto, a uma hipótese de investigação que me proponho desenvolver mais tarde. A outra refere-se a uma circunstância histórica muito específica, que me proponho comentar.

O pressuposto, apenas enunciado e por essa razão mais fugaz, requer sem dúvida uma reflexão futura mais aturada e mais elaborada. Diz respeito à possibilidade de a Europa contemporânea estar a assistir paulatinamente ao retorno do mito americano, ou seja, pressupõe que cerca 30.000.000 de europeus que, ao longo de um século, franquearam as portas dos Estados Unidos, quase todos a partir de Ellis Island, quase todos sedentos e ansiosos de espaço e de prosperidade, abandonaram a possibilidade de gestão parcimoniosa e equilibrada do território urbano. Renegaram as suas cidades de origem. Olharam para os territórios do Novo Mundo, em particular para os do Midwest, e acreditaram vivamente que o espaço era infinito, que não era necessário partilhá-lo com mais ninguém. Enraizaram culturalmente o mito e os sistemas de mercado fundiário, imobiliário e automóvel fizeram o resto.

Mas, actualmente, a Europa que ao longo do mesmo século sempre foi mantendo acesa a possibilidade de sobrevivência civilizacional das cidades, que sempre foi tentando *domesticar* as metrópoles, que sempre foi tentando incidir sobre a possibilidade de um *ethos* próprio para as suas cidades, que sempre foi acreditando na utopia política de um continente feito de

Taliesin East, Frank Lloyd Wright. Foto: José António Bandeirinha

Lincoln Memorial, Henry Bacon, 1914-1922, Washington DC.
Fonte: Postal Ilustrado, anos 1950

urbes em rede e de complementaridades múltiplas, abandonou essa ideia em detrimento do modelo que regressa do outro lado do Atlântico Norte. É uma questão complexa, esta? Obviamente que é. Não poderá ser apenas tratada no âmbito da questão das cidades, não poderá ser tratada apenas pelos arquitectos, é uma questão que se insere sem dúvida no domínio dos estudos pós-coloniais. Mas ao contrário...

A circunstância histórica, por sua vez, diz respeito a uma viagem de Arquitecto, mais concretamente à viagem que o Arquitecto Fernando Távora faz em 1960 à volta do mundo, que tem nos Estados Unidos a sua etapa inicial, eu arriscaria mesmo, a sua etapa mais significativa do ponto de vista do choque cultural.

Em 1959, Fernando Távora concorre a uma Bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian

Paris, Campos Elíseos, final dos anos 1950.
Fonte: Postal Ilustrado, disponível em: http://www.papergreat.com/2012_07_22_archive.html

para uma visita de estudo, a realizar no ano seguinte, a universidades norte americanas de reconhecido mérito, no que ao ensino da arquitectura diz respeito. A bolsa é-lhe concedida e é depois alargada à participação na World Design Conference, WODECO, que iria decorrer em Tóquio, em Maio de 1960. Com o auspicioso parecer do seu mestre, Carlos Ramos, a bolsa e a respectiva extensão são-lhe concedidas (Mesquita, 2007).

Távora parte para os Estados Unidos a 13 de Fevereiro de 1960. Visita também o México e atravessa o Pacífico com escala em Honolulu. Depois da estadia no Japão, parte para Carachi, no Paquistão, com passagem por Banguecoque. Vai depois ao Líbano, visita Beirute e Balbeque e ruma em direcção ao Cairo. Do Egipto parte para Atenas e regressa finalmente a Portugal, a 12 de Junho.

O seu propósito inicial de visitar um conjunto de escolas de arquitectura nos Estados Unidos é levado a cabo com sucesso. Visita aturadamente as das universidades de Washington, Pennsilvania, Columbia, Yale, Harvard, Illinois, Chicago e Berkeley, bem como os institutos de tecnologia de Massachusetts e do Illinois. Fala com os mais famosos professores, Louis Kahn, Eduard F. Sekler, Robert Le Ricolais, Paul Rudolph; visita os mais importantes edifícios dessas escolas e comenta, no diário que escreve ao longo da viagem, as suas impressões acerca da organização dos curricula e das respectivas temáticas.

Mas visita igualmente agências de urbanismo e de ordenamento do território, procura as mais referenciadas e, da mesma feita, comenta essas suas visitas, sempre à luz da circunstância cultural portuguesa, que é a sua.

Foi na sequência de uma dessas visitas, ao City Planning Board de Boston, que encontrou o Professor John T. Howard, que liderava o Department of City Planning do MIT. Falaram do planeamento em contexto democrático, falaram da evolução de conceitos em relação ao período do *laissez faire* anterior à Guerra, falaram da preponderância dos *homens do real estate* e, por fim, falaram do subúrbio, Távora pergunta:

> "*Não crê que existe na base do suburb um desperdício extraordinário? Olhou para mim, baixou a cabeça, olhou para uma das mangas do meu casaco e disse:* "[palavra riscada] *ˆEuˆ tenho* [palavras riscadas] *ˆtrês botõesˆ na manga do casaco, você tem quatro, será isso desperdício? É uma noção muito relativa e depende sobretudo das possibilidades*" (Távora, 2012: 190)

Trata-se, afinal, de uma questão de *livre* escolha, três ou quatro botões na manga do casaco...

Referências

Arendt, Hannah (1958), *The Human Condition*, Chicago, The University of Chicago Press, 1998.

Arendt, Hannah (1969), "Introduction. Walter Benjamin: 1892-1840", Walter Benjamin, *Illuminations*, New York, Schocken Books.

Bachelard, Gaston (1994 [1957]), *La poétique de l'espace*, Paris, P.U.F..

Benjamin, Walter (2004), *The Arcades Project*, trad. Howard Eiland e Kevin McLaughlin, Cambridge, Mass. – London, The Belknap Press of Harvard University Press.

Benjamin, Walter (1969 [1955]), *Illuminations*, New York, Schocken Books.

Castoriadis, Cornelius (1991), *Philosophy, Politics, Autonomy Essays in Political Philosophy*, ed. David Ames Curtis, New York – Oxford, Oxford University Press.

Devisme, Laurent (1998), "Henri Lefebvre, penseur de l'urbain", *Urbanisme*, 300 [Mai-Juin].

Lefebvre, Henri (1992), "Introduction à l'étude de l'habitat pavillonaire (1966)", Marcel Roncayolo, Thierry Paquot (sous la direction de), *Villes & Civilisation Urbaine XVIIIe-XXe Siècle*, Paris, Larrousse.

Duany, Andres; Plater-Zyberk, Elizabeth; Speck, Jeff (2000), *Suburban Nation: The Rise of Sprawl and the Decline of the American Dream*, New York, North Point Press.

Engels, Friedrich (1844), *The Condition of the Working Class in England*, Oxford, Oxford University Press, 1993.

Habermas, Jürgen (1991), *The Structural Transformation of the Public Sphere. An Inquiry into a Category of Bourgeois Society (Studies in Contemporary German Social Thought)*, Cambridge, Mass., MIT Press.

Habermas, Jürgen (2010 [1985]), *O Discurso Filosófico da Modernidade*, Alfragide, Texto Editora.

Heidegger, Martin (1958), *Essais et conférences*, Paris, Gallimard.

Statue of Liberty and Ellis Island Foundation (s.d.), *Immigration Timeline,* [em linha] http://libertyellisfoundation.org/immigration-timeline (consultado em 30-05-2016).

Kant, Immanuel (1795), *A Paz Perpétua e Outros Opúsculos*, Lisboa, Edições 70, 2009.

Mesquita, Ana (2007), *O melhor de dois mundos. A viagem do Arquitecto Távora aos EUA e Japão. Diário 1960,* Coimbra, [Dissertação de Mestrado], Coimbra, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

Nead, Lynda (2004), *Women and Urban Life in Victorian Britain*, [em linha] http://www.bbc.co.uk/history/trail/victorian_britain/women_out/urban_life_03.shtml. Published: 2004-11-04.

Pereira, Maria Helena da Rocha (2012), *Estudos de História da Cultura Clássica I Volume – Cultura Grega*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

Pereira, Maria Helena da Rocha (2005), *Helade*, Porto, Asa.

Petroski, Henry (2007), *The Toothpick*, New York, Alfred A. Knopf.

Tocqueville, Alexis de (2001 [1835-1840]), *Da Democracia na América*, trad. Carlos C. M. Oliveira, S. João do Estoril, Princípia.

Távora, Fernando (2012 [1960]), *Diário de "Bordo Estabelecimento de Texto"*, (Coord. Álvaro Siza; Ed. Rita Marnoto), Porto, Associação Casa da Arquitectura.

Wilder, Laura Ingalls, *Little House on the Prairie*, 1932-1943. [Conjunto de novelas de autoria de Laura Ingalls Wilder, escritora do Midwest, escritas ao longo das décadas de 1880 e de 1890, compiladas pela sua filha Rose Wilder Lane e publicadas entre 1932 e 1943. Esta obra vai ser a base de uma série televisiva de sucesso que, com o mesmo título, estreou na cadeia NBC em 1974 e perdurou durante 8 anos. Há um número considerável de realizadores envolvidos nos episódios ao longo deste tempo, mas a maioria deles foi realizada por Michael Landon, e do elenco faziam parte o próprio Landon, Melissa Gilbert, Lindsay Greenbush, Sidney Greenbush, Karen Grassle e Melissa Sue Anderson, entre outros.]

ARCHITECTURE

ARQUITECTURA

Ana Vaz Milheiro (Investigadora Responsável), **Bruno Macedo Ferreira, Débora Félix, Filipa Fiúza, Rogério Vieira de Almeida**
Investigadores do projecto. Actualização do capítulo publicado como: Milheiro, Ana Vaz; Fiúza, Filipa; Almeida, Rogério V.; Félix, Débora. "Radieuse Peripheries: A comparative study on middle-class housing in Luanda, Lisbon and Macao", in Caramellino, Gaia; Zanfi, Federico (eds. 2015), Middle-Class Housing in Perspective From Post-War construction to Post-millennial Urban Landscape, Bern: Peter Lang Publishers, p. 211-240.*

Radieuse Peripheries
A comparative study on middle-class housing in Luanda, Lisbon and Macao

Building the periphery of the Portuguese and colonial city

Between the 1960s and 1980s Luanda, Lisbon and Macao saw the emergence of a number of residential complexes that had a shared matrix: privately developed high-rise buildings aimed at the middle-classes and located in the periphery. The three cities had different urban histories, even if they were united by the common denominator of being under Portuguese political and administrative control. Lisbon was a European capital made up of successive strata and occupation phases with ancient and medieval predecessors. Luanda was an old outpost on the west coast of Southern Africa that gradually took on the status of Angola's main city over the course of the nineteenth century, and that in 1960 was in an ongoing process of rapid population growth, expanding through its many areas of informal occupation. And Macao, an Asian city within the confines of a peninsula and the boundaries that separated it from continental China, was in a process of self-renewal and permanent reutilisation of space, with the urban transformation processes being characterised by a high speed that set it apart from the conventional European city. It is in this context of diversity of backgrounds and conditions that an analysis of these residential complexes takes on particular importance, given the application of different residential models with a common urban, architectural and social matrix.

* Sínteses deste capitulo foram apresentadas em conferências internacionais como:
Milheiro, Ana Vaz; Fiúza, Filipa (2014). Homes for the biggest number: Lisbon, Luanda, Macao. Perspectives on Housing. First Meeting of the EAHN Interest Group on Housing, EAHN, 18 June, Turin
Milheiro, Ana Vaz; Fiúza, Filipa (2015). Reinventing Luanda - The Urbanization Plans of Luanda's City Council Urbanization Office, Housing - Critical Futures. UK Conference, Liverpool, 8-9 April
Milheiro, Ana Vaz; Fiúza, Filipa; Felix, Débora; Ferreira, Bruno Macedo; Almeida, Rogério Vieira de (2016). Mapping the Neighborhood: Lisboa, Luanda, Macau, Session Mapping the Neighborhood, 17th International Planning History Conference, TU Delft, University of Technology, Delft, 17-21 Julho
Milheiro, Ana Vaz. Round-table meeting chaired by Gaia Caramellino, Filippo de Pieri. EAHN: Links between History and Conservation of Housing Complexes, DOCOMOMO 14th International Conference - Adaptive Reuse. The Modern Movement Towards the Future, Lisboa, 9 Setembro 2016

< STDM complex, 1978-84. Photo: Ana Vaz Milheiro, 2014

This article stems from a wider research project entitled "Homes for the biggest number: Lisbon, Luanda, Macao", and its main intent was to analyse the residential models that were applied in the construction of the peripheries of cities with a Portuguese background from the 1960s onwards, focusing on the role held by middle-class housing in the processes of development of these urban sectors in Portugal, colonial Africa and China.

The project focuses in particular on the production of privately-developed mass housing, with one of the objectives being to identify some of the urban planning and architectural schemes featured in the models that were replicated throughout the various urban territories.

Middle-class housing has received very little attention until this moment, since Portuguese studies on housing had long since favoured the theme of high-class single--family houses and, at the other extreme, social housing for low-income families. Only recently some attention has been given to the specific phenomena of middle-class housing in Lisbon, while former Portuguese African and Asian territories have only occasional mentions.

The time span is extended to the mid-1980s, covering a key period in Portuguese history: the revolution of April 1974, a political development which still has significant repercussions in contemporary Portugal and that marked the end of the Estado Novo dictatorship and the beginning of the decolonisation process. The impacts of this event were also reflected in the very significant changes that occurred in the different societies of these three cities. In the Portuguese case, Lisbon welcomed, after 1975, an estimated 138,000 new citizens returning from the former African colonies. During the same period, in Luanda, the urban space and housing previously occupied by the colonists were taken over by the local population. The Civil War, which followed independence, and that would last until 2002, led to a wave of migration to the Angolan capital, which grew from 600,000 inhabitants in 1974 to 2,500,000 in 2000. In Macao, the granting of gaming licences in 1961 led to a growing migration flow from mainland China. The migrants were attracted by the new economic activities (leisure and tourism), strengthening the housing problem. In 1999, the year in which the Macao Special Administrative Region (RAEM) was created, the population was estimated at 430,500, of which 23,621 were foreigners with residence permits.

The three cases analysed here (Neighbourhood Unit No. 1 of the Prenda District, Luanda; the Portela Development in Lisbon; and the housing block for relocation promoted by "Sociedade de Turismo e Diversão de Macau" – STDM) take on particular importance due to several reasons: the influence each one had on the conception of a replicable model that could be reproduced elsewhere (what indeed occurred with the construction of many similar complexes) (Ferreira, 2010); their considerable size; the high population density they introduced into their respective urban contexts at the time; and their distinctive architectural quality. These characteristics distinguished these developments from the urban forms that had been previously built in their respective cities.

Their architects (Fernão Lopes Simões de Carvalho, Fernando Silva and Manuel Vicente), although pursuing different professional careers, shared ample experience in acting as coordinators between public powers and private developers, thanks to previous projects within the scope of public and private works. Their experience came not only from the construction of public facilities but also from their housing projects. The three architects had been previously responsible for designing important residential complexes in Lisbon, Luanda and Macao, where they often worked. Despite this shared background, they were separated by significant generational differences and, as we will see further on, their work reflect different understandings of the city and housing.

The context under which each project was designed and built was also very different, giving an insight into the work conditions that prevailed in each of the three regions at the time – at the design level and also in terms of urban planning and construction.

In Luanda, the urban development plan for the Neighbourhood Unit No. 1 of the Prenda District was designed by the city's Planning Office between 1961 and 1963. At the time, Luanda was entering a phase of strong population growth – going from 224,540 inhabitants in 1960 to 475,328 in 1970 (Amaral, 1960), a growth rate of about 210% per decade –, which has continued until today (6,542,944 inhabitants in 2014). One consequence of this increase was the need to build new housing. This development took place at the same

time as the independence war (1961–1974), an event that led to considerable public and private investment in the former Portuguese colony. The high demand for private investment in the city was initially restrained by the lack of a planning instrument that regulated new construction, a gap that the creation of the Luanda Planning Office sought to fill.

The office benefited from the presence of Fernão Lopes Simões de Carvalho, who had specialised in urbanism at the Sorbonne during a four-year period in Paris. While in the city, he worked at André Wogenscky's *atelier*, a satellite of Le Corbusier's firm. His time in Paris allowed the young Portuguese architect, who had graduated in Lisbon in 1955, to become well acquainted with the urban practices and housing solutions of the French-Swiss master, a learning experience that was reflected in the residential buildings he was to design later in colonial Angola, both on his own or in partnership with other architects (Milheiro, 2009).

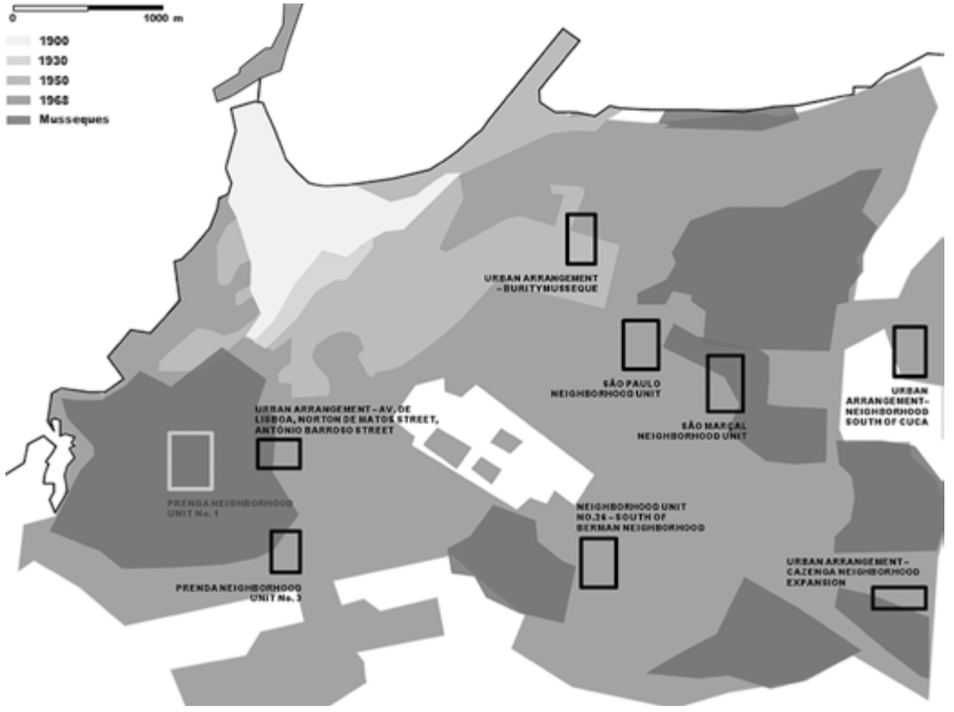
The Neighbourhood Unit No. 1 of the Prenda District was part of a strategy of urban expansion southwards that was designed by Simões de Carvalho himself when he worked for the Luanda Planning Office. The aim was to encourage private developers to exchange building permits in small inner-city plots for parcels of municipal land with greater development potential in the periphery, using the urban plans developed by the city council. Each developer, or group of developers, was then responsible for hiring the architects, who drew up their architectural designs based on the respective urban plans. (Amaral, 1968)

As a member of the architectural design team working on the Prenda project, Simões de Carvalho sought to demonstrate what the future growth of Luanda should look like and also to consolidate modern architecture as the image of these new residential areas. The new housing project consisted of 28 slab and point blocks, a total of 1,150 apartments for a population of 3,300 residents, occupying an area of about 30 hectares. However, not all the residential structures were actually built: only 20 housing blocks were completed, eight of them based on an architectural design from other team (Venâncio, 2013), with visible aesthetic quality loss, while three were left unfinished and were later occupied. The public facilities program was also not completed, as the construction of the neighbourhood unit came to a halt after the Angolan independence.

The apartments in the slab and point blocks were occupied above all by middle-class European families during the colonial period. This population group largely abandoned Luanda during the decolonisation and independence process, returning to Portugal between 1974 and 1976, leaving the apartments vacant. They were part of a wave of colonists returning to the Metropolis that constituted, curiously enough, an important part of the residents of Lisbon's periphery and of the Portela Development. After being abandoned, Prenda became a densely populated neighbourhood, a reality on which the research into the current inhabitants – supported by interviews and sociological surveys to the residents conducted by sociologist Isabel Guerra – has unearthed new information explaining the processes of Prenda's occupation in the post-colonial period and overviewing the current situation[1]. The current research also made it possible to identify 14 additional plans developed by the Luanda Planning Office, some of which were similar to the Neighbourhood Unit No. 1 of the Prenda District, even though they did not reach an advanced state of implementation. A study mission in 2014 allowed to initiate the identification and survey process of these other residential units, which demonstrate the replication of the Prenda model (Gama, 2013).

Since then, the informal city – known locally as the *musseque* – expanded considerably, surrounding these buildings that had the purpose of changing the periphery of colonial Luanda. In the Prenda District, the *musseque* has an extremely strong presence due to the fact that it predates modern structures, surrounding them and then "invading" the interstices between them. To some extent, the informal structures built by the local population ended up occupying the voids of the areas reserved for public facilities, fulfilling, at least in part, a socialisation function that the neighbourhood had been deprived of due to its incompletion. Despite these vicissitudes, it is still possible to understand Prenda as a model that expressed some of the aspirations of the colonial society in terms of building new urban frontiers between 1961 – the year the colonial war began – and 1975, the Angolan independence year.

1. For instance, we now know that some of the apartments were bought by the families to the Angolan government, the entity that held the vacant apartments after the independence.



Luanda's urban expansion (1900–1968) with case studies highlighted.
Drawing: João Cardim, 2014, after Amaral (1968).

A similar process was outlined with the Portela Development in the Lisbon Metropolitan Area (AML). The lack of quality housing for the middle-classes in the centre of the Portuguese capital led to the occupation of land plots along the city's northern periphery. A number of factors contributed to this process – regarding the northern area, there was the definition of new metropolitan strategies through the Lisbon Region Master Plan (1964)[2] (Ferreira, 2014) and, to the south, there was the presence of the River Tagus, whose road crossing only became possible in 1966 with the Salazar Bridge (renamed 25th of April Bridge in 1974), which remained the main connection to the southern bank until 1998.

This situation made the northern periphery the natural and preferred place for urban expansion devoted to the middle-classes, with a number of old farms being transformed into plots for future development. This was precisely the case in Portela, where some of the owners of the Vitória, Casquilho, Ferro, Carmo and Alegria farm estates in the parish of Sacavém hired Fernando Silva to draw a urbanisation plan for the site. Later, the promoter Manuel da Mota purchased the land with that preliminary study by Fernando Silva. The architect then continued to work in the plan under Manuel da Mota's guidance. Here, the initiative – for the initial studies, acquisitions, the design and the construction – came from the private sector, with developer Manuel da Mota having a preponderant role in the process. Beyond what had been outlined in the municipal and metropolitan strategies, there was no State participation.

Fernando Silva brought to the Portela Development significant know-how concerning housing for the middle and upper classes in the traditional urban context. The Portela project was, however, about building a new urbanity, taking inspiration from the models that had emerged in cities across

2. In the Lisbon Region Master Plan was foreseen an increase of 352,000 new dwellings between 1964 and 1985.

Lisbon's urban expansion (1950–1970) with case studies highlighted.
Drawing: Bruno Ferreira, 2014, after Ferreira (2010).

Europe in the wave of the late post-war reconstruction and based on experiments such as the New Towns in Britain, which the Portuguese had begun to study in the previous decade and that they knew well, not only from the international publications available in Portugal, but also from taking specialisation courses in British schools[3].

The Portela Development was designed in 1964 for a total of 18.228 residents. The plan covered an area of 54 hectares, with 196 plots reserved for the construction of 4.557 apartments (the final version of 1969 had 199 plots with 179 of them forming 44 slab blocks, and 20 of them forming point blocks). At the time, the city had a population of about 802.250, while the Lisbon region was home to a total of 1.382,959 people. During the project's design and construction the 1974 revolution took place. This historical event affected the municipal authorities' powers, giving rise to ambiguous and permissive legislation that undermined the technicians' decisions. This situation weakened Fernando Silva's position and was reflected in the fact that it became impossible to apply certain planning and technical principles that had been the basis for the urban design (Coelho, 2010).

Nevertheless, any deviations and inflections from the initial project did not prevent the Portela Development from becoming

3. Among the Portuguese architects who studied the British New Towns in the UK are Fernando Schiappa de Campos, António Saragga Seabra and Rafael Botelho.

an important reference for other private developers who began operating in Lisbon's periphery. It was possible to identify about 30 projects that were influenced by the Portela plan, underlining its important role in creating a decisive image for the urban periphery. That image was reflected not only in the centralised character of the urbanization, but also in the abstract and pragmatic architecture itself. Some of these other projects were also developed by Fernando Silva, who thus set a standard for the middle-classes living in the suburbs of Lisbon. But most of them were designed by other architects and engineers who proved unable to maintain the same quality which marks his work, despite recurrent criticism of the uniform and abstract nature of his architectural approach (Ferreira, 2010; Menezes, 2010).

In Macao, Manuel Vicente designed the STDM[4] complex in 1978 as part of the trade-offs of the gaming monopoly, which was granted to Stanley Ho's firm. The land was granted by the government to the firm in February 15th 1977, for a period between 25 and 50 years, with the purpose of building a residential unit. At the time, the city had an estimated population of 250,000 people. The architecture project revealed continuity with the principles that Vicente had outlined in his first collective rehousing project in Macao (designed with Natália Pereira in 1963)[5]. This fact allowed to establish a chronological link between the STDM complex and the Portela and Prenda neighbourhoods. The complex is arranged in an L-shaped block topped by a tower. Its size was obviously more modest than other units built afterwards. The structure, designed for 625 families, was divided into three parts. The complex was built in the former Ferreira do Amaral isthmus at the northern end of the Macao peninsula, near mainland China and next to Portas do Cerco, an old border post between the two territories.

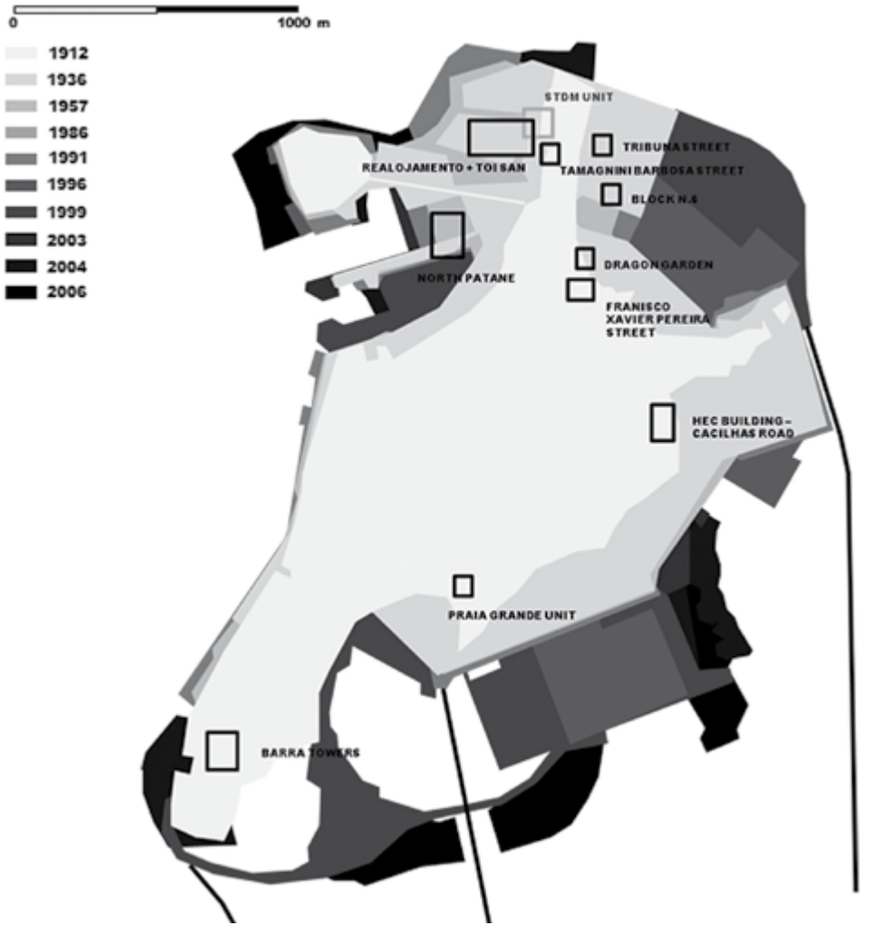
The STDM project was a pioneer in the "verticalization" option along the border with mainland China, a process that led to the re-design of the city's skyline in this pivotal geographic zone. In this sense, the complex built and re-defined a new urban periphery in relation to the old historic centre further to the south of the peninsula, constituting a clear visual reference, both through its design and height. In addition to this territorial presence, it also proved its pioneering character through the establishment of new urban structures, an aspect which can be seen in the shopping arcade on the ground floor and in the street corner design. These elements were later used in other of his designs, and also in buildings by other architects, such as Vicente Bravo, who, along with Manuel Vicente, introduced and helped to establish a number of typological models for apartment buildings that are still replicated today throughout the city.

The three cases allow us to establish a clear dividing line between middle-class and low-income class housing projects. The modern high-rise buildings (with lifts), surrounded by green areas and served by a functional circulation network, the apartments' area standards, the oversized windows, and the general concern with building quality, were signs of distinction from social housing, characterized, until that time, by buildings limited to four floors.

Designing the Neighbourhoods

The construction of these residential complexes took place in very distinct contexts, each one corresponding to different phases in the expansion of their respective cities. In the case of Luanda and Macao, the urban growth was due to an effective rapid population increase, while in Lisbon there was a more moderate growth, revealing a tendency of the population to leave the consolidated city to live in its periphery. Furthermore, it can also be said that, regarding planning, there were very distinct understandings of urban design for the periphery. Each of the complexes embodies its own process of reflection, expressing, in the urban layout and in the design decisions, different visions for the future of the peripheries. The architects brought in different backgrounds that are revealed in the urban planning discourses that provided theoretical support for the implemented strategies. The base options ranged from the use, albeit critical, of the Athens Charter in Luanda, to the re-design of the urban front and the inclusion of façade hierarchies, as was the case in the STDM project, and to the retrieval of the idea of a civic centre that created a counterweight hub to the

4. The complex was named after the leisure company Sociedade de Turismo e Diversões de Macau, which promoted the project.
5. STDM Descriptive Document.



Macao's urban expansion (1912–2006) with case studies highlighted. Drawing: João Cardim, 2014, after Botas (2013).

anonymous and homogeneous character of the Portela Development. All three cases also show the presence of a "strong" and readily identifiable architectural idiom: the inspiration from Brutalist models in the Neighbourhood Unit No. 1 of Prenda District; the anonymous late International Style architecture of the Portela Development; and the presence of some archetypal Louis Kahn-like elements in the STDM complex.

Prenda clearly reveals Simões de Carvalho's French training. The layout of the neighbourhood unit is based on the Athens Charter principles, but reveals more humanised assumptions by proposing a freer design that integrates public facilities in a more open and fluid structure (Rodrigues, 2011). The urban plan was designed by Simões de Carvalho with Luiz Taquelim da Cruz, between 1961 and 1963. The residential buildings were organised around open squares – in the case of the seven-storey slab blocks – or as more isolated elements – as was the case of the ten-storey point blocks. All the buildings were built on *pilotis*, freeing up the ground level for circulation and leisure activities.

The design of the two types of building was related with the variety of the family structure in the colonial society. The traditional families, with children, were housed in the

lower slab blocks – as well as in four higher slab blocks – around a square in the southeast corner of the complex. On the opposite west side, three point blocks were reserved for single, displaced people, and married couples with no children. This decision derived from a vision based on sociological reasons through the creation of urban environments that were more suitable for socialisation, as opposed to the anonymity associated with high-rise buildings. The only exception to this theory seems to be the slab blocks located in the Southeast part of the plan, of which only one was built. This is higher than the average slab block and accommodates bigger housing typologies. The model of the neighbourhood indicates that the three buildings left unfinished next to this one – forming a square – would be similar. Simões de Carvalho more than once referred Prenda as being a more realistic approach to the artistic and plastic urbanism of Le Corbusier. Sociological issues, which were probably inspired by the theories of Robert Auzelle – who was frequently quoted by Simões de Carvalho –, formed the basis of the various surveys, requested by the architect, on the population and the local activities, during the preparation phase for the urban plans that his team drew up at Luanda's Planning Office.

The importance of social sciences extended beyond the Prenda plan. Sociological studies formed later the basis for the transformation of the city into neighbourhood units and residential districts served by a hierarchized public facilities network: from the central hospital on the regional and city level to the health centre serving a particular neighbourhood; or, in the educational field, from the university (which was founded in Luanda in 1962) down to the primary school, taking in all intermediate levels.

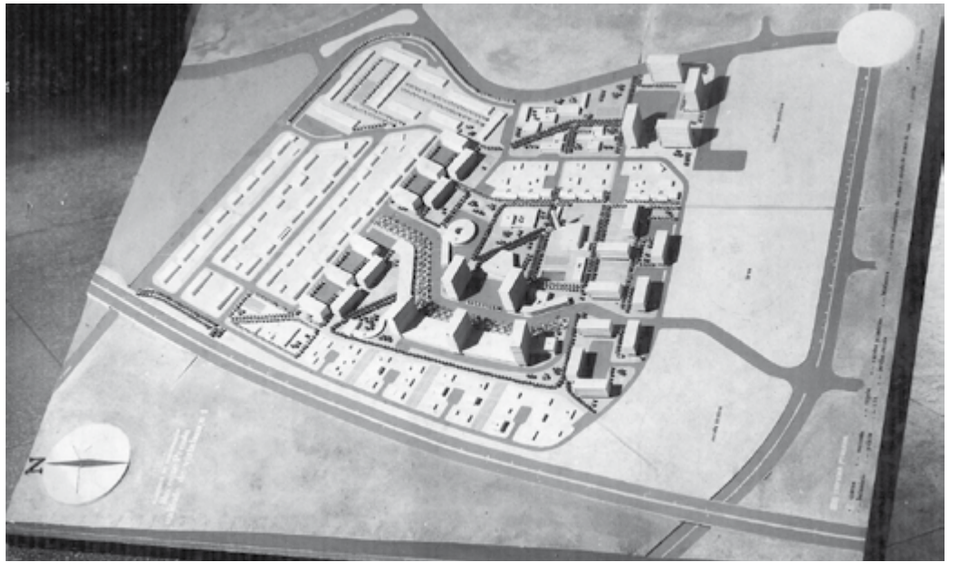
The Prenda project also introduced the novelty of racial integration, which was particularly significant in this case because it was a large-scale, localised operation in the Angolan capital. This was made possible through two design strategies. Firstly, by setting urban plots for self-construction, considering that the city's population, at the time, was 2/3 African. Secondly, by using an urban layout that reinforced a relationship of fluidity and permeability with the surrounding areas.

Simões de Carvalho originally proposed to the developer (PRECOL – Predial Económica Ultramarina) an occupation of the site based on a 2/3 African population and 1/3 of European origin. This ratio was, however, inverted. This probably had to do with the fact that the building model corresponded to a European housing image that not only did not appeal to the African inhabitants but was also beyond their economic means, which was the main reason for the occupation and growing of the *musseque* areas. Nevertheless, Prenda's Neighbourhood Unit No. 1 was a victory for the urban planner over the existing city in the sense that it transformed the colonial urban space into a territory that was more open to the inclusiveness of the different communities.

In an ideal context, Prenda would have been a multi-racial and economically inclusive neighbourhood anticipating the integration of less privileged groups. These groups, which were normally not even taken into consideration in colonial development planning, were in a process of mixing with the European society through the proximity facilities, particularly in the case of the primary schools, regarded by the architect as integration programs. This perspective reflected new tendencies in the political regime, which, from the early 1950s onwards, had been promoting the integration of the different ethnic realities in the Portuguese empire towards an ambitioned multi-racial society (Milheiro, 2012).

The transformations Luanda underwent after 1974, the fact that the Prenda complex was never completed, and its sudden occupation by other population groups, brought a new reality to the development. In a way, it conserves today a strong image and presence that results from its clear urban layout and architectural design that is easily identifiable with the international Brutalist movement, which had a significant impact in the Portuguese tropical regions in the late 1960s. (Milheiro e Fiúza, 2013). The neighbourhood permeability also facilitated the interaction with the surrounding constructions, namely the appropriation by the *musseque*.

The Portela Development represents the opposite case in terms of urban permeability. At the time of its design, the surroundings were relatively anonymous, consisting of military, industrial and religious structures (such as the Olivais seminary) that presented self-contained units. The decision for a plan with centralized facilities reflects the difficulties in finding references outside the



Prenda Neighbourhood Unit No. 1, 1961–63: Southeast aerial view
Source: Arquivo Histórico Ultramarino

development, and so it ended up functioning as an autonomous and homogeneous unit in the periphery's landscape. This tendency towards the creation of new autonomous neighbourhoods that were detached from the consolidated city, following a centralized model, was to be replicated in a number of other neighbourhoods built until the late 1980s along Lisbon's northern periphery.

In Portela, the horizontal slab blocks and the square-shaped point blocks – both types having between 10 and 12 floors –, were set on elevated platforms, regardless of the topography, emphasizing the design's rigidity. A lower building height was used in the southeast area of the plan due to privacy issues imposed by the proximity of the above-mentioned religious facility, the Olivais Seminary. This was an exception in the high density that the architect intended to apply. The abstract character of the buildings and the affiliation with an International Style-influenced architectural trend that was already in decline in European culture was to influence the solutions adopted in other neighbourhoods in the outskirts of Lisbon such as Cidade Nova or Santo António dos Cavaleiros, both in the Loures Municipality. The anonymity of Portela's architectural design was defined by the indistinctness of the interior functions and by the resort to an outer covering of mosaic tiles composing horizontal stripes, using windows that emphasise horizontality. The aim was to find a standard model for the middle-class, an objective that was clearly achieved, given the economic success of the operation, which lead to multiple "replicas" in several neighbourhoods in the Lisbon suburbs (Ferreira, 2012).

The use of a building technology that was innovative in Portugal – tunnel formwork – would contribute to a faster and cheaper construction of the whole complex. However, the later parcelling of the various plots, which were then sold by Manuel da Mota (the main developer) to other private developers compromised this type of execution, leading to a greater degree of variation both in terms of the interior organisation of the dwellings and of some exterior elements.

The urban layout was also very ambitious, including a hierarchized road system that derived from Le Corbusier and from the Athens Charter principles. A main road provides the principal access to the neighbourhood. Then a set of secondary roads, which depart from the central roundabout – where the civic centre is located –, serve the different residential units. Elevated pedestrian walkways were to be added, providing a clear separation of the pedestrian and vehicle traffic. This option,

though abandoned, was most likely influenced by the British models that featured increasingly in the European publications that circulated in Lisbon architectural circles[6]. These networks provided the connection with the civic centre, a combination of structures – with the shopping centre in the hearth of the complex – composed of proximity facilities such as schools, sports facilities, a church, parks, etc.

In the STDM complex in Macao, Manuel Vicente introduces the question of the traditional city, combining high-rise construction, typical of the peripheral context, with a continuous urban front and a shopping arcade with 50 shops on the ground floor, freeing it from any residential function. At the same time, the urban character of the building is intensified through the public life this shopping arcade enabled. Here, modern anonymity gives way to more personalized spatial appropriations. The design discipline, explicit in the STDM façades – as it happens in the previous cases of Luanda and Lisbon –, sought to anticipate future modifications resulting from alterations made by the users.

While taking inspiration from Louis Kahn and his experiences in Pennsylvania, Vicente also referenced Robert Venturi's post-modernism and worked with vertical elements to organise the complex's exterior image: a superstructure in concrete alternated with colourful vertical strips corresponding to the apartment's balconies. The first – hard and impenetrable – ensure the compositional stability of the complex through its rigidity and inviolable aspect, while at the same time conferring a monumentality that was sure to mark the presence of the complex in the constant urban transformation in Macao (Fernandes, 2014). The second – softer and more flexible – would preferentially receive the traditional framework "cages" that were invasively taking over residential buildings in Macao. With the view of improving readability of the building parts, they were each identified by a primary colour (yellow, magenta and blue), in a clear allusion to several of Le Corbusier's buildings.

In the STDM, Manuel Vicente developed ideas initiated in some of his previous experiences, namely the Portugal Novo neighbourhood in Lisbon, designed within the SAAL program[7]. Here he resorted to the traditional city block as a way of ensuring compositional unity and a consistent urban image, while also adapting the complex to the topography. Furthermore, in Macao, the STDM makes use of a double "skin", providing a spatial gradation, where the street frontage is intended to endure the urban transformations and where the internal façade has a more flexible quality.

The precariousness of the operation and the unpredictability of the future development of the area also had an influence on the design of the complex. The STDM, like many other residential complexes designed by Vicente, is thought as an urban device – in this case providing a shopping arcade and public crossings at the buildings' street level –, strengthening the independence of the complex from the municipal handling of public space. Moreover, and reinforcing this aspect of independence, the building proposed a certain compositional self-sufficiency, ensuring a strong visual presence without depending on external elements. The STDM is intended to be a self-referential, self-sufficient complex, moving closer to the idea of a "monument". This approach became one of the main tendencies in Macao, both in the works of Manuel Vicente and of other architects.

The apartments

The importance that the Neighbourhood Unit No. 1 of the Prenda District had in the context of Luanda's urban expansion led Simões de Carvalho to assume his project as a model for other interventions. It is in that sense that he exceptionally agrees to participate in the architectural design of the buildings, together with José Pinto da Cunha and Fernando Alfredo Pereira, all architects in the Luanda Planning Office. His reluctance was due to professional ethics questions, since he believed that architects engaged in public services should refrain from working in private developers' projects. However, Prenda was

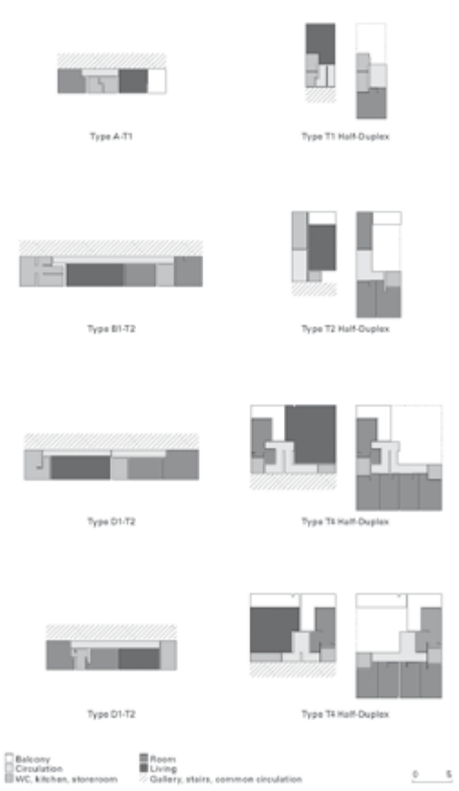
6. In addition to private architectural firms, from 1960 to the mid-1980s, the four main public agencies for housing – GTH (Technical Agency for Housing), FFH (Fund for Housing Development), INH (National Housing Institute) and LNEC (National Laboratory of Civil Engineering) – were located in Lisbon and had specialized libraries subscribing the major European architectural magazines; each of them included a permanent staff of several dozen architects, most of which had a parallel private architectural practice.

7. SAAL (*Serviço de Apoio Ambulatório Local*) was a support service to provide housing for underprivileged groups between 1974 and 1976. It consisted of teams of architects, engineers and other specialists who drew up plans for housing complexes on land occupied or claimed by the people during the revolution process in Portugal in 1974–75.

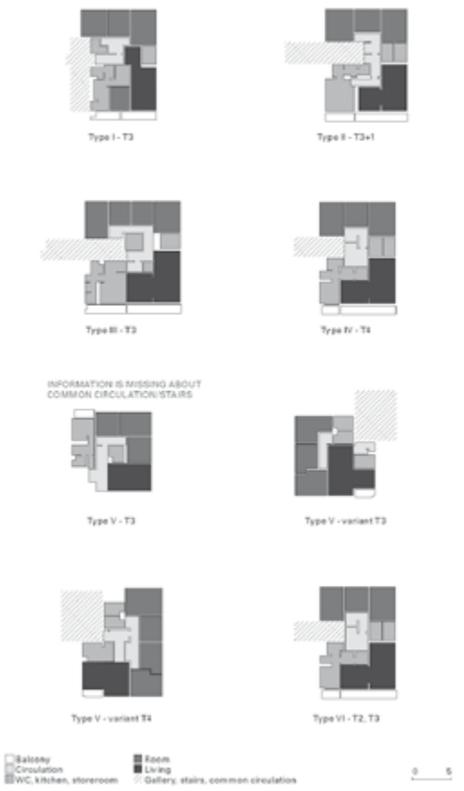
Portela Development, 1964-79. Source: Bing Maps.

an exceptional situation. It was the largest privately developed housing estate to be carried out in the city until that moment. This singularity demanded, in addition to the overall layout, that the internal arrangement of the apartments had a degree of coherence and experimentation in harmony with the urban plan. At the same time, the design should integrate the contribution of sociological studies and realistically respond to the issues raised by the specificity of the several classes of the population that would inhabit the neighbourhood unit.

In addition to a clear urban arrangement and a strong architectural image, the goals also implied the development of housing models reflecting the more modern and cosmopolitan ways of living offered by the African vastness, taking advantage of the opportunities offered by the periphery, given its release from the constraints of the traditional city. In this context, the typological structure of the apartment was essential since it consolidated transformations and living habits already underway in other parts of the city. One of the fundamental questions was established through the articulation between the sociological survey and the built typologies, with the architects associating point blocks to single people or childless couples, and leaving the slab blocks to households with more individuals. In the same way, only two basic apartment typologies were conceived – two-level units and single-level units –, whose variants, dimensions and interior complexity would be configured in accordance with the expected number of residents per dwelling, without significantly altering the layout of the apartment. The two-level apartment represents a more ambitious typology, being an evident reflection of Simões de Carvalho's Parisian apprenticeship with Wogenscky in the end of the 1950s. In that period, he worked on Berlin's *Unité d'Habitation* (Le Corbusier, 1957), learning in a pragmatic way the logic inherent to the intersection of two and single-level apartments and their combinations. The corbusian internal street is one of the structuring elements of the different *Unités d'Habitation* that Simões de Carvalho reproduces in the slab and point blocks of the Prenda project. But it is the two-level typology that adapts, in an extremely ingenious way – through a half-level dislocation –, a solution which, allowing cross-ventilation, ensures the efficient adaptation of the apartments to the tropical climate of the city.



Prenda Neighbourhood Unit no. 1, apartment typologies. Drawing: Débora Félix, 2014.



Portela Development, apartment typologies. Drawing: Débora Félix, 2014.

The separation between social types and families by point and slab blocks results in an internal layout of the dwellings in accordance with the different human activities predicted for those distinct types of residents. Thus, as mentioned, each kind of building had a basic internal arrangement whose variations arose from the number of rooms. Equally, the common service circulations – the "internal street", stairwells and lifts – introduced some changes to the basic scheme. In the whole estate four block types were planned – Type A[8], B1, D1 and D2– resulting from two basic apartment configurations[9]. In the first apartment layout, the rooms are located in only one floor and have a single frontage, resorting to a linear arrangement with or without a balcony. In the second, the several internal spaces are distributed between two half-floors. It is in this last solution, a very clever sort of semi-duplex, that is reflected the study of the human dynamics, with the living room and the kitchen connected with the balcony, and the bedroom area with the living area through a mezzanine where all the spaces are linked. This is obviously a conception derived from the principles of European functionalism, from the Athens Charter and from the tradition of the minimum house, relocated here to answer to the living specificities of the multiracial African society.

In the late 1960s, in the Portela Development, Fernando Silva works on the same urban typologies that Simões de

8. According to Venâncio (2013) type A unfolded into two, one of them only composed by housing, and another one, close to the commercial area of the neighbourhood, with housing and offices.
9. It should be mentioned that the project of the four higher slab blocks, in the southeast part of the plan, was not found. There are also eight lots that, according to Venâncio, cit., were built following alterations proposed by the promoter and designed by other architect.

Carvalho had used in Luanda some years before: the point and the slab block. He does not associate, however, each of these typologies to a specific family type, seeking instead to develop apartment models sufficiently appealing to a relatively standardized middle-class and in which the different apartment typologies only corresponded to families of smaller or larger dimensions.

In the initial project of 1970, six basic typologies were designed, five to be included in slab blocks (I, II, III, IV and VI) and one – with a variant (Type V and later V variant) – in point blocks. Denoting a comprehensive vision, the apartments reflect a modernization of the habitable space of the house. The general basic concepts that guide the project are the common circulations in stairways with a traditional scheme of two apartments per floor, cross ventilation, and the internal separation between daytime and night-time uses, with the bedrooms and the living areas located in opposite façades.

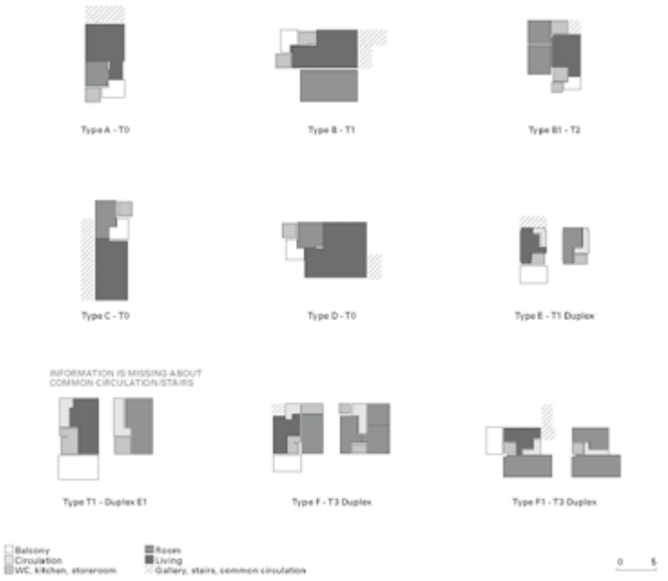
Despite the referred modernization of the house, the persistence of traditional habits of the Lisbon's middle-class was quite evident in the existence of a maid's room (Type II apartment), contiguous to the kitchen, with the possibility of transforming it in a dining area, even if that broke the spaces sequence and the separation between living and sleeping.

The use of conventional accesses – ordinary stairways and lifts – was a response to the demands and habits regarding privacy in accessing the apartments, a situation taken to a greater extreme in some cases (Type III), where the individual entrances are even more reserved, with the left-side and right-side apartments served by separated entry halls and lifts. This situation is clearly opposite to what happens in the Prenda project, where the corridor street provides "collective living" within the buildings.

While the six apartment typologies can be understood as part of the same design process, the point-block typology is clearly distinct. In this case, the entry hall is suppressed – with the separation between the entrance and the living room achieved via a fixed piece of furniture –, the kitchen is reduced to a minimum – almost like a corridor – and, in the bedroom area, a conventional distribution hall is used. This layout was changed in 1973 due to new market demands and to the correspondent answer from real estate developers. The point blocks designed in that year had two apartment types per floor – two and three--bedroom typologies –, instead of the previous situation with two equal and symmetrical dwellings per floor. This proposal (Type V, variant) intended to be a more flexible response to the different households, reflecting, in some way, a "regression" in the arrangement of the rooms, returning to more partitioned spaces.

What can be seen in the typological work of Fernando Silva is an efficient simplification of the middle-class housing of the centre of Lisbon to a more schematic approach where the oversized areas from the 19th and early 20th century – the dining room, the living room, the piano room, the library, etc. – were reduced to a basic division in night and day areas (Félix, 2010). From the entrance, the dwelling is split in two halves with rooms on one side and living and kitchen on the other. This basic division will be transformed by later promoters in a layout ruled by privacy issues, with the kitchen and living area located at the entrance, and the bedrooms located at the end of a corridor.

This issue is also present in the alterations promoted by the developers in the apartment types designed in 1970 and that were built in the subsequent years. In fact, from one single promoter, the complex ownership was suddenly scattered between 134 developers, each one bringing their own alterations (Miguel, 2014). These alterations reveal almost always a much more hierarchized vision of the different functions in the apartment. It is significant that the apartment which presented a more progressive layout (Type III), and which had a more homogenous and open spatial articulation, was systematically modified towards a more conventional and partitioned nature. Paradoxically, it was precisely the open and flexible character of the initial layouts that facilitated its alterations by the developers, even before the construction began (Félix, 2010; Miguel, 2014). The initial six typologies were transformed in a total of 104 variants, ranging from minor reconfigurations in the dwelling space or ground floor access to much deeper transformations such as new schemes for stairwells and lifts, three dwellings in each floor (instead of two) and major reconfigurations of the apartments. Thus, Types II and IV were never built as planned in the Fernando Silva's project, and from the 199 plots only six were built accordingly to the original plan – Types I, V and VI with one plot each, and type III in three plots (these owned by the same



STDM complex, apartment typologies. Drawing: Débora Félix, 2014

developer) (Miguel, 2014).

Similarly to the Prenda project and to the Portela Development, the STDM complex, although intended for a lower social class, also tried to solve the problem of housing shortage in the periphery of the consolidated city, in this case close to the Chinese border. The estate is composed of 625 dwellings distributed between three building parts, linked by a central gallery and with a tower closing the northern end. Planning in accordance with the principle of cross ventilation, the architect devised a scheme based on the cultural habits of the local inhabitants. Because each apartment has only one frontage, the efficiency of the cross ventilation system depends on the front door of the dwelling being open. The permeability between the internal space of the apartments and the common gallery implies a notion of intimacy – highlighting the idea of "collective living" – different from the Western one, and which is not present, in this extreme way, neither in Prenda nor in Portela.

The STDM apartments are designed from the combination of minimal units of a single room each, and the space organization is grounded on the differentiation between living and sleeping. The variants of this basic layout are few and correspond to flanks, lot transitions and street corner situations. Nevertheless, nine typologies – four of them corresponding to duplex apartments – were designed, representing variants of the basic layout. The most common apartment, while having only a single room, is equipped with a kitchen, a bathroom and a balcony. The balcony is used as a transition element between the living/bedroom area and the bathroom. With this layout the bathroom entrance remains hidden from the common area. The variants of this typology are always located in the street corners, where a bedroom is designed, or where the area of the single room gets a new configuration. The duplex apartments are located in the 9th and 10th floors. In their first level there is a single compartment similar to the basic typology and in the second level there is one or more bedrooms and a bathroom.

The elementariness of the spaces and of the program is grounded in principles common to the real estate promotion in Macao and in Hong-Kong. The acceptance of these principles and the adequacy to them meant that alterations in the apartments' layout were usually difficult, with exception of the appropriations and expansions with the already mentioned exterior "cages". This is indeed the issue that alters more the unity of the housing space, since the distinction between

the internal space of the apartment and the external space of the balconies almost vanishes.

Conclusions

The three cases presented here cover a period of almost twenty years, showing how a similar model was used to answer comparable problems, in very different contexts. Despite the use of high-rise buildings and the high density of occupation, the three operations feature highly diverse responses regarding the internal space as well as the urban plan design. While Prenda and Portela present an urban layout far from the continuity system of the traditional city, the high-rise buildings of the STDM complex resume that system with its arcade and continuous façade. In relation to the apartment typologies, the Prenda is where the modern matrix is more clearly displayed. In Portela one can see the recovery of more conventional layouts in an updated form, while the Macao operation becomes permeable to the Asian way of life.

The three cases also represent different relationships with the corresponding promoters. In Luanda, although working for a private developer, the operation was closely monitored by Simões de Carvalho and his collaborators. As mentioned before, the Neighbourhood Unit No. 1 of the Prenda District was intended to be a model for Luanda's peripheral expansion, an aspect which made the project something like a public operation built by a private entity. In the Portela Development, there is little State participation other than large-scale urban guidelines dictated by the Lisbon Region Master Plan. As we have seen, the development was almost completely controlled by private entities – which imposed changes to the architect's urban and apartment design –, making this an operation driven almost completely by market demands and profitability. Macao's case represent almost the opposite, being a relocation complex intended for provisional housing. Although funded by Stanley Ho's STDM gaming firm, the architect had a considerable amount of freedom in the design, because he was not so constrained by market pressures[10]. As we have seen, this last case is very basic in terms of program,

10. Nowadays, because the type of property has changed from vertical to horizontal, the apartments are being bought by the inhabitants.

Portela Development.
Photo: Bruno Macedo Ferreira, 2014.

STDM shopping arcade.
Photo: Ana Vaz Milheiro, 2014

an aspect which is balanced with spatial richness, a strong urban presence, and by a public gallery that acts as a city-life enabler.

The diversity of results in the three cases can be explained by several factors. They were all local and personal variations of a common idea. In a way, these proposals reflect the evolution of the architectural culture between 1960 and 1980, the different training of their authors, and the relation proposed, in each case, with the respective physical and sociological context. The buildings in Luanda were left isolated to allow a greater permeability with the existing surroundings, while in Lisbon there was an actual detachment from them. In Macao, the compression of the city led to an approach where the street met the high tower as a response to the spatial constraints.

On the other hand, the three cases take advantage from undefined policies and local codes. In fact, Portugal had a single building code dating from 1953, considered outdated already in the late 1960s and full of voids due to inapplicability. This allowed a great fluidity and flexibility in the design as each case answered to different contexts, thus opening the way to diversity in the spatial organization of the dwellings. The deeper transformations of the interior space also have different origins. In Luanda and Macao one can see various appropriations after the initial construction, leading to sometimes dramatic turns in the use of space. In Portela, on the contrary, the changes occurred mainly before the construction itself due to the fact that the building lots were sold to different developers that brought their own specific demands and market vision, eventually causing major changes in the building types and the vanishing of some of the technical innovations corresponding to the new times. Despite the multiplicity of variants in Portela, the overall sense is one of a strong unity given by the repetitive image of the blocks and by the clear shape of the buildings.

These diversities ended up influencing the various ways of use and spatial appropriation by the different populations, challenging the notion of middle-class housing. In fact, even if one can recognize that in each city the occupation of these complexes was by middle-class residents, the three together present very different populations. Somehow, it is clear that middle-class housing can be a very changing concept when later uses and urban evolutions create an altogether different situation. A condition that is still under evaluation.

References

Afonso, João (2011), *Manuel Vicente: Trama e Emoção/Plot and Emotion*, Lisboa, Caleidoscópio/ Atalho laboratório de arquitectura e urbanismo.

Agarez, Ricardo (2009), *O Moderno Revisitado: Habitação Multifamiliar em Lisboa nos Anos de 1950*, Lisboa, CML.

Amaral, Ilídio (1960), *Aspectos do Povoamento Branco de Angola*, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar.

Amaral, Ilídio (1968), *Luanda (Estudo de Geografia Urbana)*, Memórias da Junta de Investigações do Ultramar, n. 53, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar.

Botas, João (2013), "Evolução da área de superfície ao longo do séc. XX", in *Macau Antigo - A blog about Old Macau* [em linha] http://macauantigo.blogspot.pt/2013/03/evolucao-da-area-de-superficie-ao-longo.html

Coelho, Hugo (2010), *Portela um modelo na difusão da periferia: estudo do desenvolvimento da urbanização da Portela da autoria do arquitecto Fernando Silva*, [Tese de Mestrado], Lisboa, ISCTE – IUL.

Correia, Maria Alice (2012), *O patrimônio do Movimento Moderno em Luanda (1950–1976)*, [Tese de Mestrado], São Paulo, FAU – USP.

Félix, Débora (2010), *Apartamentos para a classe média: a habitação colectiva de Fernando Silva*, [Tese de Mestrado], Lisboa, ISCTE – IUL.

Fernandes, Rui (2014), *Passagem ou a Meio do Caminho – Desenvolvimento Urbano e Habitação na Macau Pós-Transferência de Soberania,* [Tese de Mestrado], Lisboa, ISCTE – IUL.

Ferreira, Bruno Macedo (2010), *[in]formar a Cidade Contemporânea: a criação de uma imagem/ modelo de periferia com a obra do arquitecto Fernando Silva*, [Tese de Mestrado], Lisboa, ISCTE – IUL.

Ferreira, Bruno Macedo (2012), "Optimist Suburbia: uma visão para a Cidade Contemporânea. Leitura crítica sobre a configuração urbano-arquitectónica da periferia norte da cidade de Lisboa", *Estudo Prévio*, n. 2, p. 1–5, [em linha] http://www.estudoprevio.net/artigos/12/bruno-ferreira-.-optimist-suburbia

Ferreira, Bruno Macedo (2014), "Plano Director da Região de Lisboa: o primeiro instrumento de planeamento territorial para a Área Metropolitana de Lisboa", *Arquiteturas do Mar, da Terra e do Ar. A Arquitetura e o Urbanismo na Geografia e na Cultura*, vol. II, Lisboa, AEAULP, p. 246-158.

Gama, Henrique (2013), *61, 66 – Planos Urbanos para Luanda. Simões de Carvalho*, [Tese de Mestrado], Lisboa, ISCTE – IUL.

Gonçalves, Rogério (1996), "Fernando Silva – Arquitectura Desinteressante e Repetitiva", *Documentos de Arquitectura*, n. 1, Fevereiro, p. 36-42.

Menezes, Salvador (2010), *Não me tragam estéticas! Não me falem em moral!: Fernando Silva: prémios e publicações*, [Tese de Mestrado], Lisboa, ISCTE – IUL.

Miguel, Isadora (2014), *Portela entre o Projetado e o Construído: Estudo das Alterações Introduzidas pelos Construtores aos Projectos do Arquitecto*, [Tese de Mestrado], Lisboa, ISCTE – IUL.

Milheiro, Ana Vaz (2009), "Simões de Carvalho, o arquitecto do Béton Brut", *JA – Jornal Arquitectos, Ser Pobre*, n. 236, Jul./Ago./Set., p. 22-27.

Milheiro, Ana Vaz (2012), *Nos trópicos sem Le Corbusier: arquitectura Luso-africana no Estado Novo*, Lisboa, Relógio d'Água.

Milheiro, Ana Vaz; Fiúza, Filipa (2013), "Uma experiência "brutalista" nos Trópicos: o bairro Prenda (Luanda, década de 1960)", X Seminário Docomomo Brasil Arquitetura Moderna e Internacional: conexões brutalistas 1955–75, Curitiba, Docomomo, [http:// www.xdocomomobrasil.com.br/download/artigos/obras/OBR_31.pdf]

Monteiro, Isabel (2007), *A obra do arquitecto Fernando Silva (1914–1983): um arquitecto da "geração esquecida"*, [Tese de Mestrado], Lisboa, FCSH-UNL.

Pereira, Sandra Marques (2012), *Casa e Mudança Social. Uma leitura das transformações da sociedade portuguesa a partir da casa*, Casal de Cambra, Caleidoscópio.

Rodrigues, Inês Lima (2011), "Quando a habitação colectiva fez cidade. O caso de Luanda moderna", R. G. Prado, P. N. Martí (coord.), *La Modernidad Ignorada - Arquitectura Moderna de Luanda*, Acalà de Henares, Universidad de Alcalà, p. 133–161, [em linha] http://cargocollective.com/arquitecturamodernaluanda/Texto-2-Portugues

Rodrigues, Inês Lima (2014), *Cuando la vivienda colectiva era moderna. Desde Portugal a otros países de expresión portuguesa. 1948–1974*, [Dissertação de Doutoramento], Barcelona, Universitat Politècnica de Catalunya.

Tostões, Ana (ed., 2013), *Arquitectura Moderna em África: Angola e Moçambique*, Casal de Cambra, Caleidoscópio.

Venâncio, Joana (2013), *O Bairro Prenda em Luanda: entre o formal e o informal*, [Tese de Mestrado] Porto, FAUP, [em linha] http://cargocollective.com/joanavenancio/O-Bairro-Prenda-em-Luanda

Vicente, Manuel (2012), *Arquitectura falada / o exercício da palavra*, Lisboa, Caleidoscópio/ Atalho laboratório de arquitectura e urbanismo.

SOCIOLOGY

SOCIOLOGIA

Sandra Marques Pereira, Isabel Guerra
Investigadoras do projecto. Artigo síntese das conclusões parciais do projecto redigido especificamente para esta publicação.

De Lisboa a Luanda. Biografia comparada de dois bairros modernos: da forma ao contexto

Introdução

Este texto baseia-se numa análise comparada de dois bairros, ambos planeados na década de 60, durante o Estado Novo, partilhando um modelo arquitectónico e residencial semelhante (o grande conjunto residencial), mas destinando-se a contextos muito distintos: a Grande Lisboa, "capital do Império" à época fortemente marcada por uma expansão suburbana pouco controlada; e Luanda, capital da colónia principal desse Império, Angola, na altura um alvo preferencial da atenção da administração colonial, em grande medida devido ao eclodir da guerra.

A (Grande) Lisboa dos anos 60, apesar de ser o território mais moderno do Portugal de então, estava muito longe da modernidade preconizada pelos países europeus mais desenvolvidos. Veja-se, por exemplo, os dados relativos à escolaridade: em 1960, a percentagem de indivíduos residentes na cidade sem qualquer nível de instrução era de 47,5%. Ainda assim, o fenómeno de suburbanização que enquadra o surgimento destes grandes conjuntos residenciais, e que se fazia acompanhar de uma decadência do centro antigo da cidade, ocorria em simultâneo em muitas das capitais mais desenvolvidas, não obstante variações muito significativas.

Na Luanda dos anos 60 vivia-se "uma vida maravilhosa" de acordo com algumas das memórias dos "retornados" que, curiosamente, acabariam por constituir uma parte significativa da população inicial que se instalou na Portela (Pereira, 2016). Mas esta memória ou a reconstrução da memória mediada pelo peso da perda, esta ideia de "paraíso perdido" é, no entanto, conflitual com outros relatos da realidade de então ou mesmo com o eclodir da guerra. Um desses relatos resulta do trabalho do geógrafo Ilídio do Amaral (1983) que nos descreve uma Luanda pobre, muito desigual em que a cor funcionava de facto como um critério de distinção.

A questão de fundo, subjacente a esta análise comparada, remete-nos para os impactos e a diversidade de formas de apropriação e de resiliência de uma arquitetura residencial "ocidentalizada" em diversos contextos, desde o seu "contexto matricial" (o ocidente), a outros contextos cultural, política e socialmente muito distintos, como é o caso de África. Por outro lado, podemo-nos ainda questionar sobre a(s) modalidades(s) de sobrevivência pós-colonial dos "resquícios" da cultura material colonial.

Inscrito num projeto de investigação multidisciplinar (FCT PTDC/ATP-AQI/3707/2012 "Homes for the biggest number: Lisbon, Luanda, Macao"), coordenado pela arquitecta

< Interior de apartamento no Bairro Prenda, Luanda. Foto: Isabel Guerra, 2014

Sob(re) Planos Distintos: Angola é Nossa e a periferia de Lisboa de quem a urbanizar.
Fotos: Isabel Guerra, 2014; Sandra Marques Pereira

Ana Vaz Milheiro, o objectivo da análise sociológica dos dois bairros centrou-se na reconstrução da história social de ambos. Uma história que pressupõe não apenas a compreensão das pessoas, suas relações, vivências e percepções, assim como a compreensão da materialidade que contextualiza as suas vidas (Guerra, 1997), pois também esta é sociologicamente determinada: e é-o tanto a montante, aquando do projecto, como a jusante, aquando da sua ocupação.

Neste sentido, nos dois casos desenvolveu-se uma metodologia semelhante, suportada fundamentalmente na realização de um inquérito - Prenda N (número de inquiridos) = 289 e Portela N = 354 - e em entrevistas aos moradores. Os dois procedimentos foram realizados entre 2014 e 2015. Dado que um dos objectivos da presente investigação seria a comparabilidade dos dois casos, o questionário foi concebido a partir de uma estrutura comum composta por 5 temas fundamentais. Para além da componente de caracterização do respondente e respectivo agregado familiar, o questionário abordou os seguintes temas: i) contexto habitacional (percurso e situação atual); ii) redes e vivências locais; iii) representações, resiliência e receptividade; iv) ideias e perspectivas de futuro.

O texto parte de uma análise dos pressupostos sociais e ideológicos dos dois planos. Prossegue depois com a história social dos dois bairros. Neste ponto dar-se-á especial atenção às lógicas de ocupação que os caracterizam, às particularidades sociológicas da população residente, à trajectória evolutiva de ambos, assim como à percepção, avaliação e vivências particulares que os caracterizam.

Como se depreenderá, a escrita deste artigo colocou-nos um desafio que esteve presente em todos os momentos, tornando-se, contudo, mais evidente na abordagem da história social dos dois bairros: faz sentido comparar o incomparável? À medida que íamos avançando na análise destas duas realidades, os contrastes e as oposições acumulavam-se. Ainda assim, arriscámos esta comparação. Fizemo-la com a consciência de que o contraste pode induzir a uma certa simplificação analítica, dadas as "evidências" daí resultantes. Porém, é através do estudo de um modelo residencial semelhante em contextos contrastantes que melhor podemos explorar o seu potencial de adequabilidade: uma questão tão mais pertinente quanto as reivindicações universalistas do modelo estudado – o *Moderno*.

A relativa contemporaneidade dos planos do Prenda e da Portela, o primeiro do princípio da década de 60 e o segundo já do seu final (não obstante a existência de um ante-plano da Portela, também da autoria de Fernando Silva, de 1964), e o facto de ambos poderem ser classificados na categoria genérica dos grandes conjuntos residenciais modernos, são eventuais afinidades entre ambos. Porém, o que ressalta de um olhar mais aprofundado sobre esses dois bairros, um destinado à metrópole e outro a uma das colónias mais importantes do império (colonial) português, é sobretudo aquilo que os separa.

Neste primeiro ponto, centrar-nos-emos de forma breve numa discussão dos pressupostos sociais e ideológicos e nos contextos de desenvolvimento dos dois planos: factores fundamentais que se traduziriam, de forma concreta, em dois bairros claramente distintos. Uma distinção que se traduz a vários níveis, desde as soluções habitacionais escolhidas (tipo e densidade) que pressupõem públicos-alvo particulares, e respectiva configuração de conjunto, à relação com a envolvente urbana.

O primeiro e seguramente o aspecto mais importante, que naturalmente traz a montante o facto de estarmos perante dois territórios com estatutos muito díspares no âmbito de uma "nação" hierarquizada, refere-se ao contexto de planeamento destes dois bairros.

O Plano do Prenda desenvolve-se nos anos que se seguem imediatamente ao início da guerra em Angola (1961), a qual terá impactos importantes ao nível da ação do governo colonial. Segundo Oliveira (2015: 54), se é um facto que do ponto de vista político os portugueses manter-se-iam inflexíveis, há um conjunto de reformas jurídicas e económicas que viriam a ser introduzidas, com especial relevância em Luanda, configurando uma "*versão portuguesa tardia do colonialismo orientado para o desenvolvimento*" (Oliveira, 2015: 54). O investimento no ordenamento e planeamento urbano de Luanda, já com algumas pretensões inclusivas de integração étnica, a que não é alheia uma das reformas referidas pelo mesmo autor (a revogação do estatuto do indígena), inscreve-se nessa reorientação da ação portuguesa nas colónias, em particular na capital angolana.

É neste contexto que se compreende a contratação, dois meses após o eclodir da Guerra, de Fernão Lopes Simões de Carvalho como director do novo Gabinete de Urbanização da Câmara Municipal de Luanda (GUCML): um arquitecto-urbanista português *natural de Angola*, com experiência profissional no atelier de André Wogencsky, colaborador directo de Le Corbusier, e pós-formação no Institut d'Urbanisme da Sorbonne (Milheiro, 2012). Não menos importante seria a sua visão assumidamente crítica da "*falta de qualidade das habitações, tanto no centro como nas periferias*" (Fonte, 2012: 126), de uma Luanda imersa num *boom* populacional que atingiria o seu auge nos anos 1970 em diante.

Simões de Carvalho seria o responsável pela coordenação do Plano Director de Luanda, elaborado entre 1961-1964, assente nos princípios da Carta de Atenas e nos ensinamentos de Robert Auzelle que dominam o currículo do Institut d'Urbanisme, projetando uma Luanda em diversas Unidades de Vizinhança/ bairros não estritamente residenciais (Fonte, 2012: 128). Este documento, embora não aprovado, o que de resto acontecera quase em simultâneo na metrópole com o Plano Director da Região de Lisboa/PDRL, "*abriu caminho à realização dos Planos Parcelares*" das tais *Unidades de Vizinhança* (Fonte, 2012: 130), de que o Prenda é o primeiro exemplo. Note-se que o Prenda (a UV Nº1 do Bairro Prenda) erguer-se-ia numa zona previamente ocupada por um musseque (o Prenda), à época o terceiro mais povoado de Luanda (mas com uma densidade muito inferior à média) e ocupado, na sua esmagadora maioria por "não-brancos", não obstante a presença, ainda que minoritária, de portugueses predominantemente oriundos do norte do país (Amaral, 1983).

Em suma, o Prenda nasce da iniciativa pública como um sub-produto de um plano geral, de inspiração assumidamente moderna, para a cidade de Luanda. Embora, na sua génese, a intenção de urbanizar a zona da Portela tivesse sido despoletada e até certo ponto conduzida pela iniciativa pública (Ferreira, 2016), tanto o ante-plano como o plano, que viria a ser efetivamente aprovado em 1969, resultam da iniciativa privada na sequência da junção dos proprietários das várias quintas agrícolas onde se viria a implantar a futura urbanização da Portela. Não obstante, trata-se naturalmente de um plano que se inscreve no espírito da época marcado pela expansão da periferia, cuja estratégia de reorganização, alicerçada em múltiplos conceitos modernos de entre os quais se destaca o de "cidade satélite", fora definida pelo já referido Plano Director Regional de Lisboa: um plano concluído em 1964, mas jamais aprovado (Ferreira, 2016).

O caso da Portela é sintomático do modo de urbanizar as periferias de Lisboa a partir dos anos 1950 (Salgueiro, 1983): a partir deste momento, coincidente com a explosão do êxodo rural, "*a iniciativa particular* (...) *começava a tornar-se a saída possível para a escassez iminente de solo urbanizado*", dando a oportunidade "*aos proprietários fundiários que detinham as maiores quintas na região* (...) *no sentido de converter em urbanas as suas parcelas e providenciar à procura a tão ambicionada habitação*" (Cavaco, 2009: 215). A criação do regime de propriedade horizontal em meados da década de 50 seria um auxiliar precioso para a expansão deste modo de urbanizar: frequentemente constituído por planos de urbanização à escala do bairro (da responsabilidade dos privados - os proprietários originais das quintas ou os segundos intervenientes nesta linha de produção, os promotores), apresentados isoladamente e desgarrados de outros instrumentos de planeamento mais abrangentes, tanto à escala municipal como à regional. A questão não era, pois, a inexistência de planos e até de planos de reconhecida qualidade, que existiam e que estavam sempre sujeitos à aprovação da administração pública (local e central), mas a do seu frequente desvirtuamento (graças à subversão de muitas das suas propostas originais por outras mais condizentes com objectivos essencialmente especulativos) e falta de articulação estratégica a nível supra-local.

A selecção do arquitecto Fernando Silva para a realização do Plano também merece alguma reflexão, sendo vários os motivos que a poderão explicar, muitos deles dificilmente identificáveis. Contudo, a vasta experiência acumulada por este arquiteto no sector imobiliário residencial privado para segmentos elevados em projetos com alguma escala não é despicienda. São exemplos disso edifícios como os do gaveto das Avenidas da República e Miguel Bombarda, os do Complexo do Entreposto nas Amoreiras, os de Alvalade sobre o centro comercial ou, já na "periferia", a urbanização do Alto da Barra em frente ao mar, em Oeiras (Félix, 2010).

Em suma, ao contrário do plano do Prenda, uma peça de um tabuleiro mais vasto,

a Portela projeta-se mais como um plano isolado, visando a construção de um bairro (ou uma *urbanização* como viria a ser designada) *per se*. Note-se que a diversidade de equipamentos propostos no plano (igreja, escolas, c. comercial, desportivos, administrativos, etc.) confere-lhe autonomia vivencial. Não obstante, a relação de dependência funcional face à capital é assumida logo no início da memória descritiva do plano quando se define a Portela como "*um exemplo típico de criação de um núcleo satélite em relação à cidade de Lisboa*" (Silva, 1969: 2): o que está em causa é também uma ideia de dicotomização e segregação espacial das funções *trabalhar* versus *habitar*, remetendo-se a primeira de forma exclusiva para o território da cidade e "suburbanizando-se" a segunda.

Estas lógicas díspares de relação com a cidade (pressupostas nos planos e não necessariamente com equivalência na realidade, desde logo porque ambos partilham um mesmo modelo residencial – o grande conjunto residencial – essencialmente centrado na função habitacional), uma mais integrada e outra mais segregada, são uma consequência mais estrutural da distinção já explicitada ao nível da promoção dos dois planos: pública versus privada, a primeira tendencialmente mais direcionada pelo interesse colectivo e/ ou por uma ideologia de Estado e a segunda normalmente enquadrada por interesses socialmente mais restritos a que se sobrepõem os interesses financeiros, aspectos tendencialmente mais limitativos da liberdade criativa dos seus projetistas.

Mas a distinção público/privado, sendo importante, não é por si só suficiente para se entender o desenho urbano de cada um dos bairros, a população-alvo respectiva ou as opções tipológicas desenvolvidas. A compreensão destas particularidades pressupõe, por um lado, a contextualização do público e do privado à época da realização de cada um dos planos, e por outro, o tipo de actores que neles intervêm, a sua relação de forças no processo e a cultura e *modus operandi* profissionais de cada um. Daí os argumentos prévios que fomos desenvolvendo ao longo deste texto.

Alguns elementos concretos dos dois planos que evidenciam diferenças significativas e que serão importantes para a análise subsequente, são: i) densidade; ii) público-alvo; iii) tipologias habitacionais; iv) morfologia geral e relação com a cidade.

No que se refere à densidade, a distinção público/privado, podendo não ser o único factor explicativo das diferenças entre os dois planos, é seguramente importante. A preponderância do factor económico nas promoções privadas esclarece a situação presente, marcada por uma muito maior densidade populacional/construtiva na Portela relativamente ao Prenda: 4.557 fogos numa área de cerca de 54 ha, prevendo-se uma ocupação populacional máxima de 18.228 habitantes, no primeiro caso; e, no segundo, 1.150 fogos numa área de cerca de 27 ha, neste caso com uma estimativa populacional que oscila entre os 5.000 e os 10.000 (Milheiro, 2012; Milheiro e Fiúza, 2015; Tostões e Braga, 2014; Venâncio, 2013). Aliás, como se pode ler na autobiografia do promotor da Portela, Manuel da Mota (um *self-made man* nascido em Pombal em 1933, com reduzida escolaridade e com uma passagem importante por Angola, em meados dos anos 1950, onde desenvolveu a sua atividade empresarial), o autor descreve com uma desconcertante frontalidade (pelo menos aos olhos de hoje) como conseguiu os seus objectivos nesta matéria. Diz ele:

> " *.... só a venda dos 2700 fogos (inicialmente previstos) não dá para pagar o valor da compra,* (...) *mais as infra-estruturas que custam cerca de 120.000.000$00. Precisamos no mínimo de 4500 fogos.* (...) *Pedi a audiência que me foi concedida, mas o Sr. Ministro* (...) *queria conhecer-me. Fui por ele recebido* (...) *tendo a apresentação sido feita pelo Sr. Director-Geral com mais ou menos estas palavras: 'Senhor Ministro, aqui tem um homem tímido!... O Sr. Manuel da Mota'. Quando oportuno respondi: 'Saibam V. Exas., que reconheço ser verdade, mas a minha timidez vem por via do meu maior respeito e subordinação, o que é muito mais.'* (...) *Regressámos com luz verde para os 4500 fogos que foram superiormente aprovados."* (Mota, 1993: 111)

Também relativamente ao público-alvo e à estrutura sociológica prevista para cada um dos bairros, a dicotomia público-privado tem uma importância inegável, podendo ser expectável uma proposta de miscigenação social e étnica no Prenda, distintamente da Portela. Em todo o caso, parece-nos fundamental perceber as várias *nuances* que se nos apresentam em ambos os casos. Neste ponto, é evidente que se o contexto é crucial, as idiossincrasias profissionais e ideológicas dos dois projectistas não deverão ser

secundarizadas. Ainda assim, pode dizer-se, sem grande risco, que o que os diferencia é uma estrutura relativamente heterogénea, tanto do ponto de vista social como étnico, no caso do Prenda e, no da Portela uma muito maior homogeneidade social, consubstanciada numa classe média/média-alta. É um facto que Fernando Silva nunca refere explicitamente a classe social a que a Portela se destinaria, mas fá-lo de forma implícita quando justifica a sua proposta de (quase) privatização do espaço público do bairro com uma intencionalidade claramente auto-segregativa.

> "*Quanto ao espaço livre público, por razões da feição nitidamente popular de Moscavide não interessará o aliciamento da sua população. Sem preconceitos sociais, mas apenas para ressalva do nível preconizado para o Plano, pretende-se que os espaços livres, nomeadamente toda a vasta área livre de desporto e recreio seja de utilização privada, por exemplo, regulada pelos estatutos de uma organização associativa que fique proprietária do terreno e instalações.*" (Silva, 1969: 6)

Podemos questionar a adequação comercial desta estratégia: um bairro dirigido a uma classe consideravelmente diferente da(s) dominante(s) naquele contexto urbano, essencialmente classes populares. Não nos é possível explicar com rigor a razão de ser desta opção, até porque os principais intervenientes do Plano já faleceram. Contudo, há uma explicação que, podendo não ser a única, terá tido algum peso na tal opção e que tem justamente que ver com as tais idiossincrasias do projectista: a já referida experiência acumulada, e maioritária, de Fernando Silva em projectos residenciais para os segmentos mais elevados. Da análise de toda a documentação parece claro que Fernando Silva desempenha um papel crucial em todo este processo, sendo de resto o actor com uma presença mais duradoura ao longo do mesmo. Os donos das quintas saem sensivelmente quando entra o promotor, o qual, por seu turno, sai pouco tempo depois de vendidos os cerca de duzentos lotes a mais de 130 construtores (Miguel, 2014), uma venda realizada nos seguintes moldes:

Fotografia actual de mural do PPD na Portela. Durante anos e até à construção do Parque das Nações, a Portela foi um "enclave social e ideológico", constituído por uma classe média-alta e com predomínio político da direita: uma situação que contrastava com o território envolvente, composto por classes sociais mais baixas e por partidos de esquerda. Foto: Sandra Marques Pereira

> "*Então com os clientes, chegava à entrada da Quinta da Vitória, junto ao Quartel do Ralis* (...)*. Com lápis e dedo ia dizendo, apontando um sítio na planta, que ali seria o lote e que só por acaso, nada falhou. Servia de secretaria, para estender a planta, o capôt do meu carro Mercedes 180D (OP-41-27), cor preta, comprado em 4ª mão.* (...) *estendia os braços nas várias direções Norte, Sul, Nascente e Poente e ainda o Tejo.* (...) *Demonstrava e visionava a saída do construtor para Norte, fazendo sentir a vaidade que experimentaria ao apontar à família: Olha, aquele prédio alto além é o nosso!*" (Mota, 1993: 120-121)

Por seu turno, os construtores terão tido algum contacto com Fernando Silva, mesmo que curto e pouco amistoso. Numa entrevista exploratória realizada para o presente projecto em 2013, o construtor de dois dos primeiros edifícios (os mais baixos junto do Seminário dos Olivais) define o arquitecto da Portela como "*um homem muito duro*" que não mostrava qualquer abertura para alterações. Ainda assim, e como "*não gostava do projeto, alterei tudo!*", conclui o construtor entrevistado. Também neste ponto deve ser salientada uma importante diferença, entre os dois casos, que se prende com a construção: à pulverização que caracteriza o caso da Portela (traduzível na venda da maioria dos lotes pelo promotor a diferentes construtores), no Prenda a construção dos edifícios (multifamiliares) ficaria sob a responsabilidade de uma só entidade, a PRECOL, Predial Económica Ultramarina.

Não obstante, o seu processo de construção viria a ser bastante atribulado, sendo que os problemas tiveram início muito antes da Independência, como bem ilustra a saída do próprio Simões de Carvalho do GUCML, logo em 1967. Prova disso, entre outros aspectos, são: i) dos vinte e oito edifícios planeados, três ficariam inacabados e cinco não chegariam sequer a ser erguidos; ii) a não realização do conjunto das moradias previstas, bem como das "habitações de transição"; iii) a não construção da quase totalidade dos equipamentos previstos, com exceção das escolas (Serrazina, 2016).

De qualquer modo, o plano do Prenda, como já referido, é concebido numa época em que as pretensões de (alguma) integração étnica e social encontravam eco na administração portuguesa, desde logo como "manobra de diversão" tendente ao reforço da legitimidade (crescentemente extemporânea) do colonialismo. Ainda assim, as intenções maximalistas de miscigenação social e étnica do autor do plano do Prenda, o próprio Simões de Carvalho (juntamente com Luís Taquelim da Cruz), seriam limitadas nas discussões do documento que, significativamente, se faziam ao mais alto nível com figuras de topo da administração colonial, tais como: o General Venâncio Augusto Deslandes, nomeado por Adriano Moreira para Governador-Geral e Comandante-Chefe das Forças Armadas no início da Guerra, e o Eng. Manuel Pimentel dos Santos, Secretário Provincial de Obras Públicas e Comunicações. Numa entrevista muito recente dada a Fredson Silva, Jeanne Seixas e Liudmila Palma (Silva, 2015), Simões de Carvalho refere:

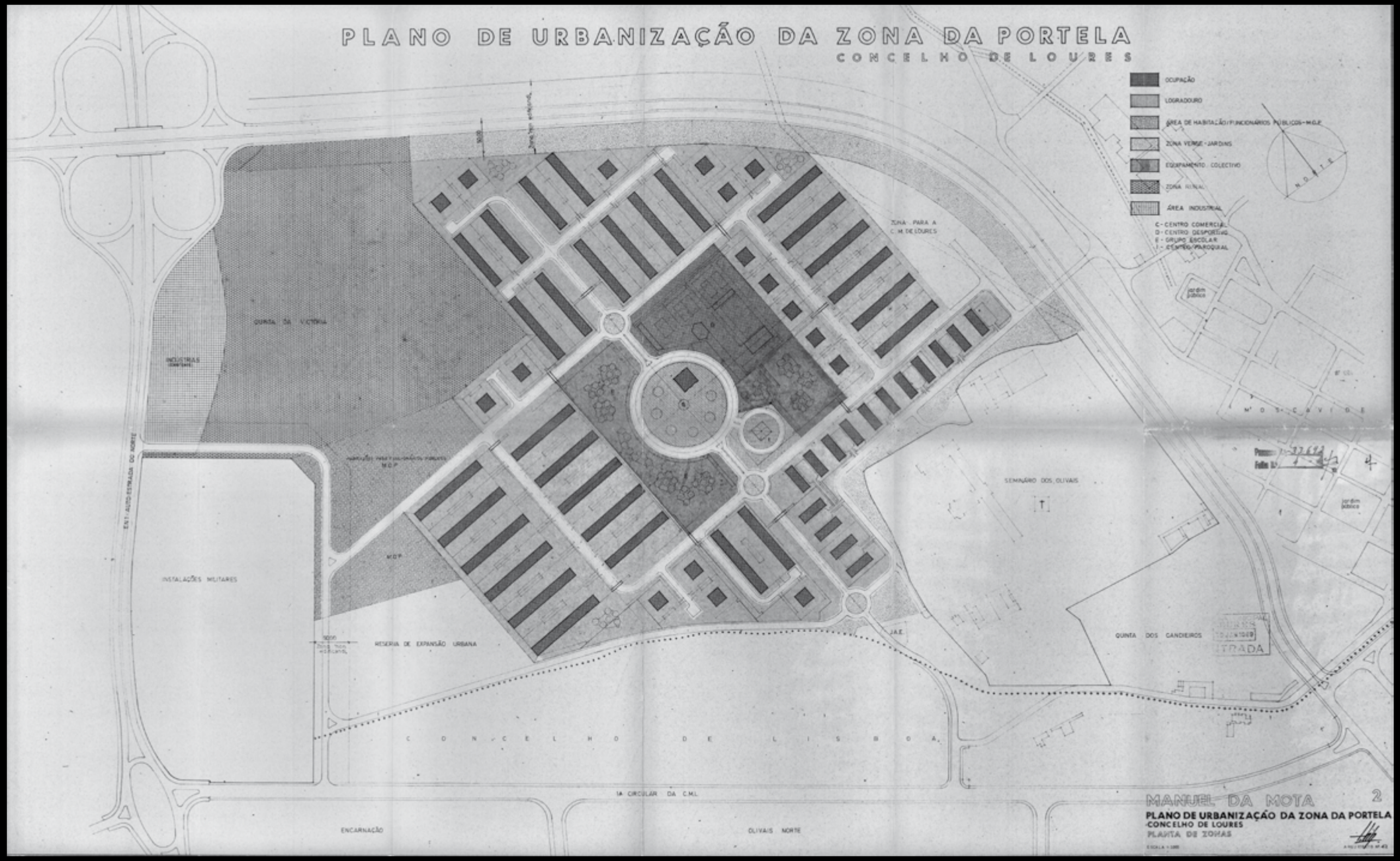
> "(...) *havia 2/3 de indígenas e 1/3 de europeus [...] eu queria assim, mas falando com o Pimentel dos Santos e o Deslandes, disseram: olha isto assim ninguém vai querer ir para lá* (...) *então vamos fazer ao contrário [...] 2/3 de europeus e 1/3 de indígenas vamos começar por aí* [De acordo com Amaral (1983), as hierarquias eram mais complexas, a saber: europeus, indígenas, assimilados (negros mais ou menos "integrados" nas estruturas profissionais coloniais) e mestiços.]. *E foi assim que comecei a organização da unidade de vizinhança do Prenda em que terrenos ficaram livres para meter precisamente habitação indígena que tinha que ser projectada em colaboração com os indígenas* (...) *nunca se chegou a fazer* (...)." (Carvalho in Silva, 2015: 175)

A distribuição proposta em nada refletia a distribuição real da população de Luanda que, já no ano de 1970, concentrava 73,3% de "não brancos" (Amaral, 1983: 300). Não obstante, o plano do Prenda viria a propor de forma concreta uma miscigenação social.

Ao contrário do plano da Portela, em que a uniformidade é a tónica dominante (tanto do ponto de vista dos edifícios com o predomínio de bandas e torres, como dos fogos com pouca variabilidade tipológica com prevalência dos T3's), o plano do Prenda pauta-se por uma maior diversidade (Milheiro, 2012; Tostões e Braga, 2014): articula edifícios de habitação colectiva com moradias de diversas configurações (individuais e geminadas) e casas térreas destinadas aos "autóctones" de acordo com o que seria o seu suposto modelo de habitat; para além disso, pauta-se ainda por uma forte variedade tipológica conjugada com uma maior diversidade da própria composição do fogo e espaço doméstico. Evidentemente, que a esta diversidade tipológica se sobrepõe uma intencionalidade de hierarquização social sintomática do contexto colonial e da própria visão do mundo ainda dominante na metrópole.

Em todo o caso, e nesta matéria, a distinção público/privado tem também importância traduzindo-se na seguinte ideia: durante o período de implantação do Estado-Providência (ao longo dos chamados *30 gloriosos*) e em matéria de habitação, o espaço de maior

Plano de Urbanização da Unidade de Vizinhança n.º1 do Bairro Prenda, Fernão Lopes Simões de Carvalho, Fernando Alfredo Pereira e José Augusto Pinto da Cunha, 1961-1963. Fonte: Fernão Lopes Simões de Carvalho, espólio do arquitecto



Plano de Urbanização da Zona da Portela, Fernando Silva, 1969. Fonte: Arquivo Municipal de Loures, Processo n.º33692, vol.1

criatividade localizou-se mais na esfera pública do que na privada (mesmo que neste caso, ao falarmos de promoção pública nos estejamos a referir ao Plano e não ao Projecto de Arquitectura que neste caso é também privado); isto, mesmo em regimes ditatoriais, como o português, com grandes debilidades nas funções providências do Estado.

Por último, a morfologia geral de cada plano é, em grande medida, um corolário da relação prevista com a cidade e com a envolvente urbana já referidas: assim, o carácter relativamente desintegrado do plano da Portela no contexto urbanístico mais geral da AML, mas também o desejo de criar o espaço residencial para um grupo socialmente homogéneo distinto da população envolvente, pressupõe uma intenção auto-segregativa consubstanciada num bairro fechado sobre si próprio e com uma morfologia centrípeta, girando em torno de um espaço de consumo (o centro comercial). Do outro lado, o Prenda enquanto peça do tabuleiro urbano que é a cidade de Luanda, apresenta uma morfologia mais aberta e permeável.

No limite, estamos perante uma diferença substancial: na Portela o que estava em causa era a construção da periferia, ou se quisermos, a construção de territórios habitáveis (bairros, urbanizações, núcleos satélites), mesmo que exemplares pontuais e únicos na paisagem, muitas vezes erguidos sobre os antigos arrabaldes (as quintas agrícolas) sem qualquer referencial de urbanidade. Inversamente, no Prenda o que estava em causa era a expansão da cidade numa lógica de valorização do planeamento moderno: um processo realizado através de urbanizações que se pretendiam pedagógicas e exemplares como elementos a difundir na cidade, e que, em simultâneo, permitiriam o reordenamento dos núcleos preexistentes tributários da cidade espontânea, tendo como pano de fundo uma administração colonial acossada pelo início da Guerra.

LÓGICAS DE OCUPAÇÃO: TEMPOS, MODALIDADES E CONTEXTOS SOCIAIS

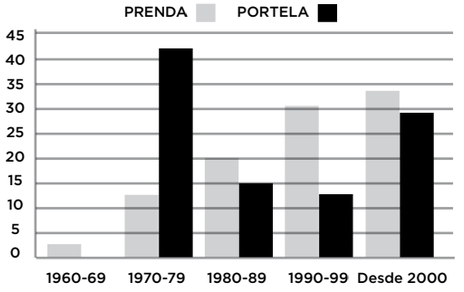
Ocupações diversas: entre a continuidade e o envelhecimento da Portela e a *transmutação* e juvenilidade do Prenda

É verdade que os dois bairros partilham uma característica relevante: o facto da construção do grosso dos edifícios ter sido realizada num intervalo de tempo relativamente curto – menos de 10 anos, ainda que no Prenda apenas 20 dos 28 edifícios previstos tenham sido concluídos, tendo ficado 3 inacabados (Venâncio, 2013: 131; Miguel, 2014). Contudo, é crucial diferenciar esses momentos, pois o período de conclusão e a ocupação original dos dois bairros, ambos com planos concebidos durante o Estado Novo, é muito distinto.

No Prenda, a ocupação original faz-se ainda durante o colonialismo, ao longo da segunda metade da década de 60 e início dos anos 1970; ao passo que na Portela, ela ocorre sobretudo na segunda metade dos anos 1970, com especial incidência em dois dos anos mais "quentes" após a Revolução, 1975 e 1976. Estes *timings*, mas também os contextos marcadamente diferenciados destas duas sociedades, vão ter repercussões significativas na própria história dos dois bairros, nos seus ciclos de vida e dinâmicas evolutivas.

Olhando para o gráfico abaixo, ressaltam algumas observações. Em primeiro lugar, as dinâmicas de instalação nos dois bairros que, não sendo exatamente opostas, são, no entanto, muito diferentes.

Por um lado, a Portela revela um ciclo de vida "normal" ou "típico", marcado por uma lógica de continuidade entre a população original e a população atual e, portanto, pela forte coincidência entre o curso de vida das famílias que o ocuparam inicialmente e o do próprio bairro: passados cerca de 40 anos após a ocupação inicial do bairro, mais de 40% dos seus actuais habitantes são os que nele se instalaram originalmente. Trata-se de indivíduos de classe



Época de instalação dos actuais moradores do Prenda e da Portela por décadas (%). Fonte: Inquéritos à População da Unidade de Vizinhança n.º1 do Bairro Prenda (2015) e à População da Urbanização da Portela (2014)

Síntese Comparativa dos Planos Prenda e Portela

	PRENDA	PORTELA
Localização	**Luanda**	**Periferia Nordeste de Lisboa/ Loures**
Contexto socio-político e urbanístico	1. Bastião central do Império Colonial e, por isso, espaço privilegiado de "contra-ataque" simbólico face ao eclodir da Guerra (1961) através de uma estratégia *"tardia de colonialismo orientado para o desenvolvimento"* (Oliveira, 2015: 54); 2. Crescimento urbano com forte expressão da cidade espontânea a controlar	1. Metrópole do Império Colonial em ditadura de direita; passagem de testemunho de António Oliveira Salazar para Marcelo Caetano; década de desenvolvimento económico; 2. Expansão das periferias pautada por modo de urbanização protagonizado por privados de forma relativamente casuística, sem integração em lógicas de planeamento municipais e supra-municipais, não obstante a existência do Plano Director Regional de Lisboa (nunca aprovado)
Preexistências	Musseque habitado maioritariamente por "indígenas", mas também alguns europeus	Quintas agrícolas s/ocupação residencial expressiva, cuja localidade mais próxima (Moscavide) era habitada por uma população pertencente a estratos sociais relativamente baixos
Data do Plano	1961-63	1969 c/ Ante-Plano 1965
Iniciativa da Promoção	Pública Gabinete de Urbanização da Câmara Municipal de Luanda (GUCML) Com construção privada	Privada Proprietários de Quintas Manuel da Mota
Designação	Unidade de Vizinhança nº1 do Bairro Prenda	Urbanização da Portela
Posição Relativa no Contexto Urbano	Unidade de Vizinhança integrada num Plano geral para a Cidade: Plano Director de Luanda.	Bairro/Plano Isolado – "*Núcleo satélite em relação à cidade de Lisboa*" na expressão de F. Silva.
Perfil e Função do Arquiteto Autor do Plano	*Fernão Lopes Simões de Carvalho* 1. Arquitecto-urbanista nascido em Luanda; formação pós-graduada em urbanismo na Sorbonne e experiência profissional com colaborador directo de Le Corbusier 2. Director Gabinete Urbanização CM Luanda 1961-1966 3. contratado pela empresa PRECOL para desenvolver o projecto de arquitectura juntamente com José Pinto da Cunha e Fernando Augusto Pereira	*Fernando Silva* 1. Arquitecto nascido em Lisboa; formação nas Escolas de Belas Artes de Lisboa e Porto 2. Gabinete privado com experiência no sector imobiliário residencial para segmentos elevados
Morfologia do Bairro c/ a Envolvente	Aberta com baixa densidade	Centrípeta com alta densidade
Função Dominante	Residencial	Residencial
Público-Alvo e Tipologias Habitacionais	1. Miscigenação Social e étnica controlada por via da superioridade numérica de população europeia face aos autóctones 2. Miscigenação tipológica e de desenho: mistura de moradias de standard distinto + bandas c/ desenho, altura e morfologia de fogos diversas 3. A miscigenação tipológica assumida tem, contudo, subjacente uma clara hierarquização social gradual: os modelos de standard mais elevados destinar-se--iam aos grupos mais elevados (europeus de classe alta ou média-alta, de que é exemplo a própria moradia de Simões de Carvalho) e assim sucessivamente até aos mais elementares destinados aos "indígenas" (estes nunca chegariam a ser construídas)	1. Homogeneidade Social: classe média-alta 2. Relativa uniformidade tipológica: bandas e torres com imagem exterior semelhante (as últimas em minoria, com alguma variedade ao nível da morfologia dos fogos) 3. Após a venda dos lotes a mais de 130 construtores, estes transformariam os fogos em função da sua leitura do que seriam as ambições da procura, introduzindo uma enorme diversidade morfológica não ancorada tecnicamente
Equipamentos Previstos	1. Escola Técnica 2. Liceu 3. Escolas Primárias 4. Creche 5. Jardim-escola 6. Biblioteca 7. Cinema 8. Campos Desportivos 9. Balneários 10. Polícia 11. CTT 12. Centro Elementar de Saúde 13. Escola de Donas de Casa 14. Clube de Jovens	1. Igreja e centro Paroquial 2. Escolas (2) 3. Creche 4. Centros comerciais secundários com 6 -10 lojas 5. Centro comercial principal 80/90 lojas e equipamento cultural, incluindo cinema e sala de exposições 6. Equipamento Desportivo (ginásio, piscina, campos de ténis, vólei e basquetebol) 7. Equipamento administrativo (a localizar no CC) 8. Áreas de pré-habitação e recreio infantil (pátios) 9. Áreas de estacionamento e garagem
Número de Fogos Previstos	Aproximadamente 1150, embora se desconheça o número exacto devido às alterações em obra	2700 (previsto) 4557 (aprovado)

média-alta (empresários e dirigentes e quadros superiores) com duas origens que remetem para processos de teor distinto: um relacionado com as mudanças urbanas de carácter contínuo, com origem no tempo da ditadura, e outro com a ruptura política trazida pela Revolução.

Assim, temos os indivíduos oriundos de: i) Lisboa, protagonistas do processo de suburbanização, mesmo que muitos destes possam ser originários de outros pontos do país, tendo vindo para a capital aquando da licenciatura ou antes; ii) indivíduos oriundos das ex-colónias, essencialmente Angola e Moçambique (neste caso com alguma expressão de pessoas com raízes goesas e, em menor grau, chinesas), que na generalidade dos casos vieram para Portugal num processo migratório forçado na sequência da descolonização (Pereira, 2016).

Indiciando um relativo envelhecimento do bairro, este dado aponta, contudo, para uma trajetória de "sucesso" consubstanciada no potencial de retenção dos seus moradores originais, uma situação relativamente incomum em bairros deste tipo - grandes conjuntos residenciais - frequentemente marcados pela fuga das classes médias/médias altas (Turkington, et al, 2004). Acresce a recente renovação do bairro traduzível no número significativo de residentes que aí se instalam já no século XXI: quase 30% da população.

Beberete para trezentas pessoas na Portela de Sacavém

Comemorando a inauguração de um andar modelo, a Noreta ofereceu um beberete a cerca de 300 convidados, na Portela de Sacavém. Entre os presentes, destacavam-se pessoas ligadas ao meio bancário, como o dr. Borges da Gama, director da Banco Pinto & Sotto Mayor; José Francisco Carpinteiro (Fernandes Magalhães) e mulher, Pinto do Amaral (Banco da Agricultura) e mulher, Rodrigues Nobre (Totta e Açores); Fernando Gonçalves Banco Português do Atlântico); e Rudolfo da Silva Abrantes, administrador do Banco do Alentejo.

Assistiram, também, à recepção o presidente da Câmara de Loures, dr. Luís Filipe de Norcinta Demony, dr. Afonso Brandão, arquitecto Nuno Pinheiro e mulher, engenheiros Amadeu de Matos, Gonçalves Ramos e Carlos Gonçalves.

Foi uma tarde simpática e descontraída, animada pelo rancho folclórico de Almeirim.

Isabel e Fernando Thomaz de Barros ficaram na mesma mesa de Teresa e Luís Bonnet Marques que, neste momento, falavam com Rogério Ferreira.

O presidente da Câmara de Loures, no momento em que usava da palavra, vendo-se a seu lado esquerdo, o arquitecto Nuno Pinheiro, Rudolfo da Silva Abrantes, dr. Afonso Brandão e o eng.º Freitas Lopes.

Notícia publicada na *Gente* na semana de 23-29 Abril de 1974 relativa à inauguração de um andar modelo da NOREFA, um dos muitos construtores a quem Manuel da Mota vendeu lotes. No texto, enumera-se as personalidades presentes, destacando-se "pessoas ligadas ao meio bancário" e o presidente da Câmara Municipal de Loures.

Por seu lado, o Prenda pauta-se por uma lógica progressiva, em que o período de instalação dos moradores actuais é gradualmente mais recente, havendo uma forte descontinuidade entre a população original e a actual. Assim, a evolução demográfica não acompanha a história física do bairro. Na realidade, o curso de vida do Prenda, ao contrário da Portela, é antes de mais marcado por um evento disruptivo que justifica essa descoincidência entre a evolução da "sociologia" e a história física do bairro: a independência de Angola na sequência da descolonização que levou à saída de grande parte dos moradores originais, os "ex-colonos", a que se seguiu a guerra civil com efeitos devastadores, desde logo devido à sua longevidade e violência (1975-2002 com algumas interrupções pelo meio).

É também esse evento disruptivo o factor responsável pela ocupação informal dos alojamentos no Prenda, algo possibilitado após o confisco e a nacionalização dos blocos de habitação em 1976. Esta situação terá perdurado até à década de 1990 (note-se que a informalidade não é uma novidade pós-colonial em Luanda, pelo contrário: o próprio musseque preexistente no Prenda é disso o melhor exemplo):

> "*Ao abrigo da lei nº 43/76, de 19 de Junho, o Estado tornou-se proprietário de uma grande parte do património imobiliário ao confiscar bens de cidadãos que se tenham ausentado do país por 45 dias ou mais. Os lotes do Prenda, tal como outros imóveis, pertencem, ou pertenciam pelo menos até 2007, à Secretaria de Estado da Habitação, entidade à qual os inquilinos pagam uma renda. Com a Lei nº 19/91, o Estado passa a poder vender o seu parque habitacional, dando preferência aos inquilinos.*" (Venâncio, 2013: 131)

A tomada de conhecimento de uma casa e a viabilização da sua ocupação, sujeita ao pagamento de uma renda ao Estado, passa a estar dependente das redes de interconhecimento pessoal. Do mesmo modo, após a ocupação assiste-se a uma "proto-institucionalização" do usucapião como norma, mantendo-se a casa no seio da mesma família: esta, como veremos, entendida numa perspectiva alargada. Acresce que a alienação dos fogos por parte do Estado, que terá sido instituída em 1991, mas aparentemente posta em prática (pelo menos no caso do Prenda) já depois do fim da guerra, dá aos inquilinos o direito de preferência.

Anúncio de andar modelo na Portela, 1975.

> "*Antes de vir para este lote vivia no meio do bairro e porque na altura muitos residentes portugueses estavam a retirar-se, foram-se embora para Portugal por causa da confusão. O Prédio estava livre, este apartamento onde eu estou estava livre. Um amigo meu indicou-me este lote e eu vim.*" (Homem de 64 anos, contabilista, nasceu em Luanda, mas instala-se no Prenda em 1974)

> "*As ocupações surgiram no tempo da guerra, havia muito espaço livre. Com as pessoas que vinham das províncias para aqui* (...) *infelizmente ficou assim. Estes espaços estavam todos livres e ficaram todos ocupados. Não era fácil, as pessoas ficavam na rua, em qualquer lugar que houvesse espaço as pessoas construíam.* (...) *Esta parte que está a ver aqui era tudo livre e encheu-se nos anos 90/92. Isto ficou muito cheio depois de 92* [reinício da guerra civil depois do cessar fogo de 1991 na sequência dos Acordos de Bicesse]." (Homem de 57 anos, licenciado em comunicação social, residente no último andar, instala-se no Prenda em 1992)

Na Portela esta é uma situação inexistente, pois a formalidade é a regra que se *distingue* claramente de todo o sector clandestino, à época com grande expressão na Área

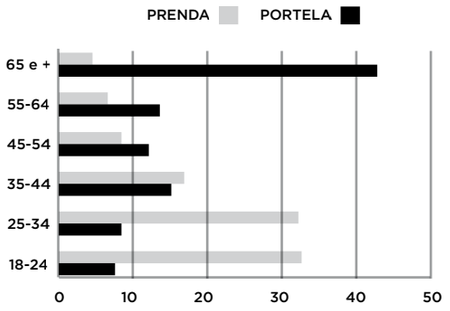
Anúncio da pastelaria Jamba da Portela (1980), um dos muitos estabelecimentos do centro comercial da Portela que eram propriedade de pessoas/moradores oriundos das ex-colónias.

Metropolitana de Lisboa (Guerra, 1998; Pereira, 2011). Assim, e apesar de algumas das entrevistas descreverem de forma relativamente imprecisa a ocupação de um lote na urbanização, a quase totalidade das instalações foram formalizadas através da aquisição ou, com menor expressão, do arrendamento: atualmente 75% dos moradores da Portela são proprietários do seu alojamento, uma proporção próxima da média nacional, mas muito superior à de Lisboa - cerca de 52% de acordo com os Censos de 2011.

"*Na altura pediram para ocupar para não ser ocupado por outras pessoas. Acho que os empreiteiros. Não sei, porque eles depois legalizaram, alugaram os apartamentos. É assim, na altura acho que... como é que foi isto? Para não haver ocupação dos comunistas, pediram às pessoas que vieram do Ultramar, que tinham outro nível, para se instalarem aqui e depois regularizaram e sempre me dei muito bem com essas pessoas* (...)" (Luísa, parte de Lisboa para a Portela em 1976 depois de casar)

"*Procurei vários sítios e em boa hora encontrámos aqui o apartamento e juntámos dinheiro. O dinheiro que os meus tios também conseguiram juntar e que nós entretanto juntámos, precisávamos de 180 contos para comprar, para o sinal, conseguimos e foi assim.*" (Josefina, vive em Luanda até 1974 e instala-se na Portela em 1976, no início do casamento e já com um bebé)

Acresce, contudo, um outro dado fundamental para se perceber a "atipicidade" do Prenda e que se relaciona com a baixíssima esperança de vida em Angola: de acordo com dados do Banco Mundial, em 1975 esta não chegava aos 40 anos, atingindo nesse mesmo ano em Portugal os 68.3. Passados quase 40 anos, esse indicador mantém-se em Angola como o 184º mais baixo do mundo (52.5), estando Portugal entre os 50 primeiros, acima de países como os EUA ou mesmo a Dinamarca (com uma média de 80). Note-se que para além da enorme deficiência das condições de vida da população, a elevadíssima mortalidade (essencialmente masculina) resultante da guerra civil não é minimamente despicienda.



Estrutura Etária da População Residente (%). Fonte: Inquéritos à População da Unidade de Vizinhança n.º1 do Bairro Prenda (2015) e à População da Urbanização da Portela (2014)

O antagonismo entre a estrutura etária dos dois bairros, para além de traduzir duas dinâmicas muito distintas de ocupação e evolução demográfica, é também revelador do próprio antagonismo que caracteriza os dois países e estas duas realidades urbanas em particular: Angola com uma população muito jovem e Portugal com o índice de envelhecimento mais alto da UE. Temos assim o Prenda com mais de 60% de indivíduos com idades compreendidas entre os 18 e os 34 anos, ao passo que na Portela mais de metade da população actualmente residente no bairro tem idade superior a 54 anos, o que justifica o elevadíssimo peso dos reformados, 42% (como já referido, a esperança de vida em 2012 em Angola nem sequer chega a este valor).

O familismo nuclearizado da Portela e o familismo alargado do Prenda

Esta diversidade social encontra-se noutros aspectos, nomeadamente os que se relacionam com a família, relativamente aos quais Portugal atravessou nas últimas décadas um processo de profunda transformação/modernização (Delgado e Wall, 2014), que tende a aproximá-lo da generalidade dos países europeus. Desse processo destacam-se algumas dinâmicas específicas, a saber: i) informalização e desinstitucionalização traduzível na redução do casamento formal e aumento do divórcio e da união de facto; ii) individualização - diminuição da dimensão média dos agregados e aumento dos agregados mais pequenos; iii) conjugalização – "*aumento dos núcleos conjugais a viverem em agregados de famílias simples sem outros parentes ou outras pessoas em casa*" (Aboim, 2014: 68), uma tendência que traduz o próprio processo de privatização da família. A maior parte dessas dinâmicas são claramente ilustradas pelo caso da Portela.

Angola e Luanda, esta última com várias especifidades no contexto nacional, mantêm uma cultura muito distinta da europeia, nomeadamente no que toca à individualização e conjugalização. Em Luanda "*the effects of migration and urban concentration, as well as the capability to deal with the increased growth of the capital's population and the resulting decrease of economic opportunities* [a que acrescentaríamos as enormes carências habitacionais], *made family solidarity a vital strategy*" (Rodrigues, 2007: 273). A importância da solidariedade familiar resulta ainda, segundo a autora citada, da necessidade de compensar um Estado (Providência) muitíssimo deficitário, senão mesmo quase inexistente.

Pelo que a primeira e mais relevante diferença, que não é meramente quantitativa, é a dimensão média da família: 5.1 no Prenda e 2.4 na Portela. Igualmente relevantes são os dados relativos ao número máximo de indivíduos a habitarem um mesmo fogo: 17, no primeiro caso, e 7, no segundo, o que indicia uma forte densificação das formas de ocupação no Prenda, quer no tecido formal da urbanização, quer no musseque que o rodeia. Verifica-se ainda uma crescente sobreocupação da casa ao longo do tempo, no caso do Prenda, e o processo inverso, na Portela, tal como nos relata Rui, proveniente de Moçambique, mas com origem goesa.

> "*Os meus* [3] *filhos quando casaram foram viver para Lisboa*." (Rui, 80 anos, proveniente de Moçambique, mas com origem goesa; vem para a Portela em 1975)

Na Portela, os dois tipos de agregados mais relevantes são os casais, com (32.4) e sem filhos (32.1), confirmando a conjugalização referida. A distribuição muito idêntica destes dois tipos de agregados explica-se pelo envelhecimento da população (conduzindo a que grande parte dos casais s/filhos sejam casais cujos filhos já se autonomizaram e saíram de casa – "ninho vazio"), o que, por seu turno, é também visível na forte presença de pessoas que habitam sozinhas (tendencialmente mais viúvas), quase 20%. Para além do envelhecimento, o peso destes dois tipos de agregados de menor dimensão dá nota da tal dinâmica de individualização que caracteriza as famílias do Portugal contemporâneo. No Prenda, apesar da relevância dos casais com filhos, a importância das famílias alargadas e dos outros tipos de agregados evidencia estarmos longe da conjugalização e individualização que marcam a realidade portuguesa e confirma o peso da solidariedade familiar que passa muito pela partilha de habitação.

Esta solidariedade familiar é tanto mais compreensível se atendermos à estrutura da população ativa no Prenda: uma percentagem elevada de desempregados – 17.3% (mais 10% do que na Portela), mas também de estudantes (lembremo-nos que a população inquirida tem 18 ou mais anos) - 26%. Este dado, aparentemente surpreendente, deve, no entanto, ser enquadrado nos espaços urbanos e em especial em Luanda, onde que se concentra a população mais instruída.

O contraste da estrutura de agregados dos dois bairros e o sublinhar das lógicas de solidariedade familiar no Prenda não pressupõe que na Portela essa solidariedade não exista, pelo contrário: o peso das redes familiares é fundamental no bairro da Grande Lisboa, mas aqui a autonomização habitacional da "família nuclear" é um dado adquirido que faz parte deste legado da modernização recente da sociedade portuguesa. Na Portela, a solidariedade familiar concretiza-se na frequente proximidade residencial entre a 1ª e a 2ª geração de "portelenses" (expressão usada por alguns dos entrevistados do projecto) enquanto suporte crucial do apoio inter-geracional. É aliás este potencial que justifica parcialmente a recente renovação do bairro que se tem vindo a assistir ao longo dos últimos anos. Muitos desses novos moradores são ex-moradores que, na entrada da sua vida adulta, saíram e acabam por voltar dadas as suas novas circunstâncias de vida (filhos pequenos).

> "*Nessa casa da Graça, nas Escadinhas do Monte, dava imenso jeito viver numas escadinhas com um bebe pequenino, o carrinho.* (...) *Eu vivo sozinha, o pai da G.* [filha] *não contribui nem financeiramente, nem em tempo com rigorosamente nada, eu tinha de ficar num lugar onde tivesse apoio, ao pé da minha mãe.* (...) *Pago 600 euros, é barato para a Portela, isto é um T3.*" (Inês, nascida em 1977, viveu toda a sua infância e adolescência na Portela; em 2001 sai da Portela para ir viver com o namorado para o centro de Lisboa; volta em 2013, primeiro para a casa da mãe e depois para uma casa sua alugada)

EVOLUÇÃO DOS BAIRROS: PORTELA – INSTITUCIONALIZAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO *VERSUS* PRENDA – INFORMALIZAÇÃO E DEGRADAÇÃO

Como referido, a história de vida dos dois bairros é muito distinta: *continuidade, formalidade e estabilidade demográfica* na Portela, e, *ruptura, informalidade e substituição demográfica*, no Prenda. Duas histórias com evidentes reflexos na evolução física dos bairros que preconizam trajectórias quase opostas: consolidação (Portela) *versus* degradação (Prenda).

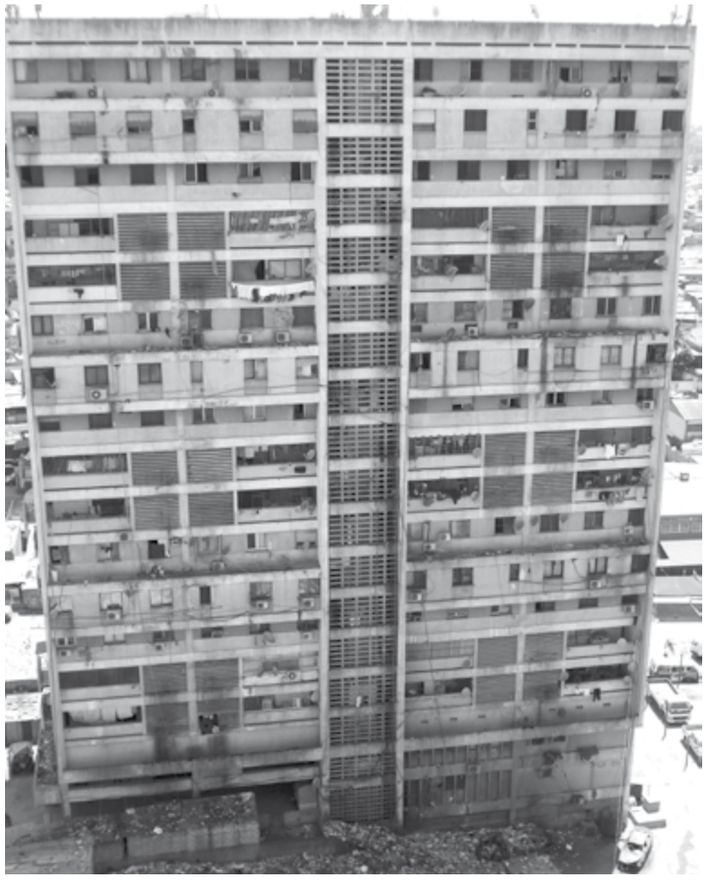
Se a informalização do Prenda é legitimada de facto após a Independência, a sua incompletude terá funcionado como um incentivo nesse sentido, ainda mais num contexto, como o de Luanda, com uma forte expressão da cidade espontânea.

A consolidação, no caso da Portela, concretizou-se na gradual conclusão dos espaços públicos, equipamentos (com significativa proximidade ao plano original de Fernando Silva) e acessibilidades, em grande medida devido ao empenho dos próprios moradores que, logo no início, formariam uma associação, a qual mais tarde criaria a junta de freguesia da urbanização. Assim, neste processo de consolidação, o caminho foi também o da institucionalização e formalização, leia-se erradicação da informalidade. Para além da criação dos dois organismos já referidos, veja-se, por exemplo: i) a substituição das escolas provisórias por edifícios definitivos; ii) ou a criação de uma toponímia substitutiva da designação prévia das ruas com base no número dos lotes (os 90, os 130, etc.). Em suma, parece claro que terá sido o capital simbólico (cultural e relacional) dos seus moradores que viabilizou esta trajectória de consolidação/institucionalização e formalização, a qual funcionou ao mesmo tempo como recurso para a própria afirmação social dos seus moradores.

Por seu turno, a informalidade no Prenda tem várias dimensões ainda que, de um modo geral, não deva ser lida como uma trajectória específica deste bairro, mas inserida num contexto urbano africano com um conjunto de particularidades, de entre as quais salientaríamos a seguinte: o facto de se tratar de uma das cidades mais caras do mundo e que paradoxalmente é a 7ª mais desigual a nível global (Massy-Beresford, 2015). Deste modo, a degradação do Prenda é muito diferente, por exemplo, da do emblemático Pruitt-Igoe pautada pelo "*white flight*" que conduziu à segregação social e étnica do bairro. O percurso do Prenda não será muito diverso do de outros bairros formais construídos durante o período colonial, embora seja importante reconhecer um aspecto que lhe confere valor urbano e imobiliário: a sua centralidade na cidade de Luanda.

> "*Muita gente gosta aqui, porque aqui para a maioria das pessoas que trabalham para as empresas na Baixa, você se tem carro ou é fácil apanhar táxi você pode sair. Há bairros onde você não pode sair às 7 horas para estar aqui na Baixa, mas aqui você pode.*" (Homem de 60 anos, músico c/ 8ª classe, Prenda)

No Prenda, a informalidade é pois um modo de vida e de habitar que, como dizíamos,



Edifício no Prenda, o estado de degradação do espaço público do bairro revela-se, por exemplo, na acumulação de lixo. Foto: Isabel Guerra, 2014

tem várias dimensões, desde as modalidades de ocupação da casa através de um processo de "hereditariedade entre membros da família", ao modo de funcionamento e tipo de usos dados aos vários espaços residenciais que, sobretudo a partir da independência, sofreram um processo de degradação cumulativa. Assim:

1. *Ao nível do fogo*, e para além da questão da sobreocupação: a) a disponibilização de "bens domésticos primários", como a água e a eletricidade, é, na generalidade dos casos, muito deficitária; b) a degradação contínua dos fogos, em grande medida resultante da falta de manutenção dos edifícios, que se traduz, por exemplo, numa forte acumulação de humidade; c) a ocupação dos fogos dos edifícios não concluídos, obviamente com condições de habitabilidade de grande precariedade.

> "*A água que consumimos aqui vem de camiões, todos estes prédios aqui bebem água dos camiões, temos de comprar a água* (....)" (Homem de 57 anos, licenciado em comunicação social, instala-se no Prenda em 1992)

2. *Ao nível dos espaços comuns* dos edifícios: a) o não funcionamento dos elevadores em edifícios de grande altura (o mais alto tem 16 pisos e os mais baixos 6 pisos); b) a apropriação e transformação em habitação de espaços disponíveis, dadas as carências que nesta matéria marcam a cidade – uma das situações mais surpreendentes é o aproveitamento para esse fim das caixas dos elevadores, há muito desactivados, ou de outras áreas comuns dos edifícios, como os pisos térreos anteriormente abertos - asentando o edifício sob pilotis; c) os que se mantêm (ex.

patamares e caixa de escadas) revelam uma grande degradação, sendo as suas paredes interiores e exteriores suporte de "pichagem".

3) *Ao nível dos espaços públicos*, o aspecto mais saliente é o alastramento do musseque previamente existente, apenas estancado nas zonas entre os blocos que servem de estacionamento; a acumulação de lixo, que se inscreve num quadro geral de ausência de infraestruturas de saneamento básico, é também visível; por último, refira-se que dos equipamentos previstos para o Prenda, referidos na tabela 1, apenas as escolas foram construídas (Serrazina, 2016), sendo também aqui a informalidade a tónica dominante através de construções provisórias, nomeadamente destinadas ao consumo de bens alimentares.

"(...) *temos uma empresa de recolha de lixo, mas há que fazer muito mais. Estes prédios mereciam ter um outro cuidado*." (Homem de 57 anos, licenciado em comunicação social, instala-se no Prenda em 1992)

Percepções e Evolução dos bairros: o enraizamento e a vontade de sair

Ainda assim, os níveis de satisfação residencial nos dois casos parecem não evidenciar a discrepância que seria de esperar face ao confronto das condições objectivas dos dois bairros. Em ambos, verifica-se uma elevada satisfação com as várias componentes da habitação (casa, edifício ou bairro), o que, no entanto, é um aspecto que tende a caracterizar este indicador na generalidade dos contextos residenciais: por si só, este é um indicador relativamente falacioso. Por conseguinte, é na observação das nuances, e em particular no peso das avaliações negativas e até de indiferença, que estes dados nos poderão ser úteis.

Se é um facto que a avaliação segue uma tendência semelhante nos dois casos, uma análise mais detalhada dos dados aponta, no entanto, para profundas diferenças: esses dados apresentam-se consideravelmente mais positivos em qualquer uma das componentes no caso da Portela. Essa tendência semelhante revela-se na seguinte hierarquização avaliativa:

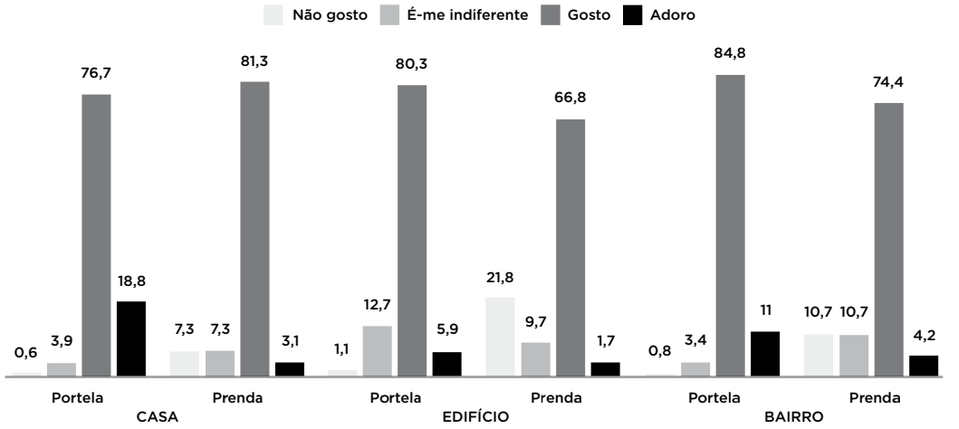
1º casa, a componente que merece o maior apreço em ambos os casos, mas com mais 11% de respostas positivas (gosto e adoro) no bairro da Grande Lisboa;

2º bairro, aquela com uma avaliação intermédia, também com mais 17% de respostas positivas (gosto e adoro) na Portela;

3º edifício, a menos valorizada, mas com significados aparentemente muito diferentes nos dois casos.

Entre os moradores da Portela estamos possivelmente perante uma secundarização e até indiferença em relação a esta componente intermédia do habitat, cuja manutenção não merece de resto grande preocupação. Já os moradores do Prenda parecem evidenciar um desgosto efetivo (cerca de 22% fazem uma avaliação negativa) perante o edifício. Em suma, se no bairro português o edifício é sobretudo um espaço de "não apropriação", ou, se quisermos, de reduzida apropriação e despreocupação (porque de manutenção não problemática), no bairro angolano ele é um território de apropriação indevida devido à degradação já explicitada.

Espaço comum de um edifício no Bairro Prenda. Foto: Isabel Guerra, 2014



Satisfação residencial Portela e Prenda: casa, edifício e bairro (%). Fonte: Inquéritos à População da Unidade de Vizinhança n.º1 do Bairro Prenda (2015) e à População da Urbanização da Portela (2014)

Na realidade, foi justamente esta componente, a casa propriamente dita, que levou a que os moradores da Portela, nos anos 1970, tivessem optado por esta urbanização: ao contrário dos moradores do Prenda que, de um modo ou de outro, tendem a sublinhar que a sua instalação no bairro, mais do que uma escolha, terá sido uma "oportunidade", entre os moradores da Portela a escolha (mesmo que naturalmente condicionada) é salientada, nomeadamente pela valorização da casa.

"*Portanto eu estou aqui desde 92* (...) *vim a correr, então não tive escolha, não foi opção, tive mesmo que vir e me instalar aqui. Não tinha muito por onde escolher*." (Homem 40 anos, contabilista, vem para o Prenda diretamente em 1992)

"*Vim para aqui por causa da casa, eu sou muito prática, quando tenho alguma coisa para resolver, resolvo e vamos andando.* (...) *Ia ao centro fazer as compras, outras vezes nem ia ao centro. Agora é que tenho mais vida aqui do que dantes, como ia sempre trabalhar aqui para fora da Portela, eu estava sempre fora.*" (Manuela, vem de Lisboa para a Portela em 1979 quando se casou; viveu infância e adolescência no Algarve)

"*... gostei muita da casa, é um T3, com 4, 5 divisões, com uma cozinha enorme, uma varanda enorme, com 3 quartos grandes, duas casas de banho completas, uma sala grande que faz sala comum*." (Teresa, vem de Lisboa – Alvalade - para

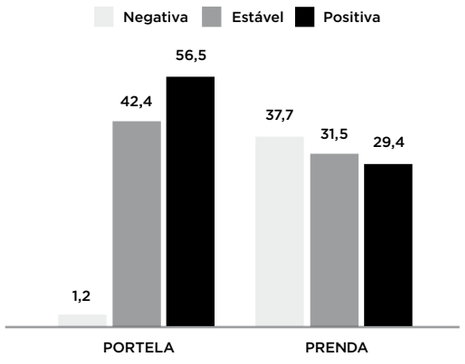
O edifício é talvez o elemento que mais condiciona a experiência habitacional neste bairro, o que choca de forma mais directa com o espaço de maior apreço: o espaço doméstico, aquele onde os moradores do Prenda passam a generalidade do seu tempo livre, onde possivelmente depositam as maiores expectativas de conquista de privatização da vida familiar - um dos símbolos da modernidade apregoada pela "*retórica desenvolvimentista do MPLA*" (Oliveira, 2015: 127), assente numa narrativa de ascensão de uma classe média urbana de inspiração ocidental.

"*Não gosto da estrutura né, o que eu não gosto é que quando não há energia não há iluminação, só há iluminação quando há energia. Por exemplo tu estás a ver agora a escuridão que há, iria haver iluminação natural se as pessoas não ocupassem as folgas.*" (Mulher 46 anos, doméstica, Prenda)

a Portela em 1976 quando se casou, onde comprou um andar ao lado do da irmã)

Actualmente, depois de uma domesticidade plenamente conquistada, o espaço público da Portela e respectivos equipamentos colectivos, inteiramente consolidados, apresentam-se como territórios de apropriação efectiva que, de um modo geral, são bastante apreciados. Mas mesmo na sua fase inicial, os espaços públicos imediatos à habitação tinham uma forte utilização, sobretudo entre as crianças, tendo marcado de forma indelével o seu imaginário da Portela. A intensidade da utilização da esfera pública do bairro depende muito da fase do ciclo de vida individual e familiar. E hoje, a enorme expressão de reformados aumenta exponencialmente essa utilização diária.

"*Lembro-me de brincar muito no pátio com os meus vizinhos todos. Ficávamos até às quinhentas no pátio, as nossas mães vinham--nos chamar à janela, no fim do dia a gritar: chamavam pelos nossos nomes, passávamos muito tempo na rua. Inicialmente quando era mais pequena lembro-me de estar só na rua, de a rua me parecer muito grande, lembro-me de poder mudar de pátio. Primeiro era só o meu pátio, depois comecei a crescer e a poder ir a outros pátios da rua. Depois, lembro-me do grande marco: o meu pai pedia-me para ir comprar qualquer coisa ao centro, podia ir comprar e voltar sozinha para casa e depois começar a conhecer a Portela e uma série de outras pessoas.*" (Inês, nascida em 1979, viveu toda a sua infância e adolescência na Portela; em 2002 sai da Portela para a nova casa dos pais na Expo; volta em 2010, na altura do nascimento do seu primeiro filho)



Percepção da Evolução do Bairro (%). Fonte: Inquéritos à População da Unidade de Vizinhança n.º1 do Bairro Prenda (2015) e à População da Urbanização da Portela (2014)

Mas, para além destas nuances na avaliação das várias componentes de habitação, dois outros indicadores acabam por corroborar as diferenças de sentido das apreciações dos dois bairros por parte dos moradores, a saber: i) a percepção da evolução do bairro; ii) as expectativas de mobilidade residencial.

Quanto ao primeiro, o que se verifica é que o sentido quase oposto das trajectórias evolutivas dos dois bairros, descritas no ponto anterior, reflete-se na percepção que os moradores têm dessa mesma evolução: se para a maioria dos moradores da Portela o bairro evoluiu de forma positiva, entre os moradores do Prenda a percepção dominante aponta para uma avaliação negativa. Acresce a crença numa percepção negativa do bairro por parte do exterior: 65,7% consideram que a percepção do exterior sobre o bairro é negativa.

"*... tem vindo a degradar tudo e de que maneira!*" (Mulher de 66 anos no Prenda, Doméstica)

"A Portela de então era sossegada, feia. Feia porque tinha falta de verdes, não havia uma árvore por aqui. Hoje é bonita, hoje acho-a bonita, mas não havia estes caminhos para o centro, pronto era uma coisa feia, mal cheirosa. Porque tínhamos ali uma estação de tratamento que de vez em quando. (....) *Nesse início era um deserto, com excepção do centro comercial.*" (Manuela, vem de Lisboa para a Portela em 1979 quando se casou; viveu infância e adolescência no Algarve)

Relativamente às expectativas de mudança, a situação é também muito distinta: se na Portela apenas 15% dos indivíduos afirmam que pensam mudar de casa - os mais novos, quase sempre ainda a viverem com os pais e para quem sair da Portela significa autonomização, no sentido mais lato do termo - no Prenda metade dos moradores manifestam esse desejo, a que acresce uma percentagem muito relevante de indivíduos (34%) que respondem "gostaria, mas não tenho posses para isso". A manutenção na casa actual é justificada por dificuldades financeiras ou ainda pela necessidade de estarem próximo da cidade e poderem acompanhar melhor os estudos dos filhos.

"(...) *eu até tenho arranjado a minha casa fora, só estou aqui mais por causa do serviço que é aqui perto e a escola dos miúdos que também é aqui e então não dá aqui para sair.*" (Homem de 64 anos, contabilista, nasceu em Luanda mas vem para o Prenda em 1974)

"Depois de elas acabarem o curso superior, também a nossa idade já não dá para fazer esta ginástica, estamos a pensar em deixar porque já sofremos aqui muito. Se o prédio fosse requalificado nós não queríamos sair daqui, mas são obras muito grandes." (Homem de 57 anos, licenciado em comunicação social, residente no último andar, instala-se no Prenda em 1992)

"*...mas não me vejo claramente a sair da Portela*." (Jorge, 50 anos, vem de Cabo Verde para a Portela em 1976 com 11 anos)

"Estou tão bem aqui. Porque é que mudava? Tinha tantas possibilidades para gastar o dinheiro da lotaria. Não, não mudava: quem está bem não se muda." (Rui, 80 anos, proveniente de Moçambique, mas com origem goesa; vem para a Portela em 1975)

Este dado, com que finalizamos este ponto, sintetiza muito bem as diferenças de atitudes e vivências nos dois bairros: enraizamento na Portela versus transitoriedade no Prenda.

NOTAS CONCLUSIVAS

Embora incluídos na mais ou menos abrangente categoria dos grandes conjuntos modernos, o Prenda e a Portela mostram, desde logo ao nível do plano, diferenças substanciais. Na fase inicial do processo poder-se-ia antever para cada um dos bairros trajectórias praticamente opostas das que se vieram a verificar.

A Portela, sobretudo, no seu momento mais crítico (entre a aprovação do Plano em 1969 e a venda dos lotes pelo promotor a múltiplos construtores), fazia antever uma trajectória mal sucedida (Pereira, 2016). Acrescente-se como factores de risco a elevada densidade do plano e o seu carácter monofuncional e segregado. Ironicamente, poder-se-ia avançar que uma das razões que terá contribuído para a sua viabilidade inicial terá sido justamente a fragmentação suprarreferida, isto se se atentar ao contexto político económico coincidente com o período de conclusão da maioria dos edifícios: o período revolucionário marcado por uma forte crise económica que atingiu as grandes empresas do sector imobiliário. A venda dos lotes a pequenas empresas de construção pode ter, de algum modo, salvaguardado o empreendimento dada a redução da escala (dos investimentos, das obras e das empresas), tornando-as menos permeáveis ao contexto e, portanto, mais controláveis: quer economicamente, quer no que toca às pressões do contexto revolucionário - ocupações, intervenções do Estado e das comissões de trabalhadores.

Por seu turno, do ponto de vista "teórico" e dos pressupostos, o Plano do Prenda e nomeadamente toda a qualidade e integração urbanística (num plano director de Luanda), prometia algo de positivo. Contudo, a essa dimensão "teórica" sobrepunha-se a complexidade do seu contexto, não apenas do ponto de vista social e urbanístico (com uma expressão muito forte da cidade espontânea), mas também político – a guerra colonial que não augurava grande futuro para um regime que, à época, já se apresentava como claramente anacrónico no contexto internacional. Assim, o carácter problemático do Prenda tem início ainda durante o período colonial, tendo sido naturalmente exponenciado após a Independência.

As especiais exigências em termos de manutenção dos grandes conjuntos residenciais torna-os particularmente sensíveis em matéria pós-ocupacional. Se o perfil social dos ocupantes é determinante, sendo inquestionavelmente uma das razões fundamentais da trajectória de sucesso da Portela, é importante sublinhar alguns requisitos prévios que, sem menosprezo da dita variável social, são elementares, a saber: o funcionamento normal do sistema infraestrutural da cidade formal - esgotos, água e eletricidade, por um lado, e, por outro, a existência de recursos públicos (quando se trata de habitação do Estado) ou privados (se particular) para manter os espaços comuns. Com a ausência destas condições, que apelidaríamos de condições sine qua non à resiliência da habitação formal, a que acresce uma forte tradição da cidade (e do modo de vida) informal (cujo potencial de crescimento aumenta vertiginosamente quando a procura habitacional é muito superior à oferta) estão reunidas as condições para a "informalização do formal". Portanto, o peso da variável social (o perfil da população) parece contar mais para o "sucesso" - consolidação urbana e social - da Portela do que para o "insucesso" - degradação física e transitoriedade ocupacional - do Prenda: um "insucesso" que à partida terá sido

mais condicionado por condições exógenas, relativas às condições de vida, ao sistema urbano de Luanda e ao próprio sistema político Angolano, do que por condições endógenas.

Daqui poderíamos incorrer no seguinte salto lógico: a população de Luanda tem uma percepção e uma vivência naturalizadas do informal e portanto pacificadas com este modelo de habitar e de cidade, até porque inevitável face às suas condições de vida. Ora, a afirmação frequente do carácter involuntário da instalação no bairro (falta de alternativas), a insatisfação declarada e a recorrente afirmação de uma vontade de sair do bairro, contrariam essa afirmação. Assim, apesar de uma apreciação ancorada num princípio da realidade, emerge espaço para uma visão de futuro e para a construção de um percurso de mobilidade social e habitacional, se não para si para os seus descendentes. É que a percepção do mundo é também mutável em função das transformações do contexto que, no caso de Angola, foram especialmente intensas na última década (Oliveira, 2015). O processo de reconstrução do país, traduzível nos avultados investimentos imobiliários especialmente visíveis em Luanda, a ascensão de uma nova classe social fortemente dependente da oligarquia do MPLA e cujo estilo de vida ostensivo é veiculado pelos media e pela própria publicidade, assim como a própria narrativa desenvolvimentista divulgada pelo Regime (focada numa melhoria das condições de vida da população em geral e da construção de uma "classe média" mais ou menos orientada pelos cânones ocidentais), são factores, que geram, de forma legítima, expectativas mais ambiciosas quanto às condições de vida a conquistar: desde a educação à habitação.

References

Aboim, S. (2014), "Dinâmicas Regionais de Mudanças nas Famílias (2001-2011), Delgado, A., Wall, K. (coord.), *Famílias nos Censos 2011. Diversidade e Mudança, Lisboa*, Instituto Nacional de Estatística, Instituto de Ciências Sociais, p. 65-86.

Amaral, I. (1983), "Luanda e os seus musseques", *Finisterra*, XVIII, p. 293-325.

Cavaco, C., (2009), *Formas de habitat suburbano. Tipologias e Modelos Residenciais na Área Metropolitana de Lisboa*, Dissertação, Lisboa, Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa.

Centro de Investigação DINAMIA'CET-IUL (2014), *Entrevistas à População da Unidade de Vizinhança n.º 1 do Bairro Prenda, concepção e realização Equipa de Pesquisa do Projecto de Investigação Habitações para o Maior Número: Lisboa, Luanda, Macau* (PTDC/ ATP- AQI/3707/2012) (não publicado).

Centro de Investigação DINAMIA'CET-IUL (2014), *Entrevistas à população da Urbanização da Portela, concepção e realização Equipa de Pesquisa do Projecto de Investigação Habitações para o Maior Número: Lisboa, Luanda, Macau* (PTDC/ATP- AQI/3707/2012) (não publicado).

Centro de Investigação DINAMIA'CET-IUL (2014), *Inquérito à População da Urbanização da Portela, concepção Equipa de Pesquisa do Projecto de Investigação Habitações para o Maior Número: Lisboa, Luanda, Macau* (PTDC/ATP-AQI/3707/2012), realização Marktest (não publicado).

Centro de Investigação DINAMIA'CET-IUL (2015), *Inquérito à População da Unidade de Vizinhança n.º 1 do Bairro Prenda, concepção Equipa de Pesquisa do Projecto de Investigação Habitações para o Maior Número: Lisboa, Luanda, Macau* (PTDC/ATP-AQI/3707/2012), realização Marktest Angola (não publicado).

Delgado, A., Wall, K. (coord.) (2014), *Famílias nos Censos 2011. Diversidade e Mudança, Lisboa*, Instituto Nacional de Estatística, Instituto de Ciências Sociais.

Félix, D. C. (2010), *Apartamentos para a Classe Média: A Habitação Colectiva de Fernando Silva*, Dissertação Mestrado, Lisboa, ISCTE- Instituto Universitário de Lisboa.

Ferreira, B. M. (2016), "Urbanização da Portela, in Lisboa e a Área Metropolitana. Urbanismo Português", *Optimistic Suburbia? The Students' Perspective 2*, Lisboa, p. 9-29.

Fonte, M. M. (2013), *Urbanismo e Arquitectura em Angola*, Casal de Cambra, Caleidoscópio.

Guerra, I. (1997), "Um olhar sociológico sobre o alojamento", *Sociologia, Problemas e Práticas*, 24, p. 165-181.

Guerra, I. (1998), "Grupos Sociais, formas de habitat e estrutura dos modos de vida", *Sociedade e Território*, 25/26, p. 118-128.

Massy-beresford, Helen (2015), "What's the world's most expensive city?," *The Guardian*, 26/8/2015, (em linha) http:// www.theguardian.com/cities/2015/aug/26/ what-where-is-the-worlds-most-expensive-city.

Milheiro, A. V. (2012), *Nos Trópicos sem Le Corbusier*, Lisboa, Relógio de Água.

Milheiro, A. V.; Fiúza, F. (2015), "The Prenda District in Luanda: building over the colonial city", Silva, C. N. (ed.), *Urban Planning in Lusophone African Countries*, Surrey, Ashgate, p.93-100.

Miguel, I. C. (2014), *Entre o projetado e o construído: estudo das alterações introduzidas pelos construtores aos projetos do arquiteto*, Dissertação Mestrado, Lisboa, ISCTE- Instituto Universitário de Lisboa.

Mota, M. (1994), *Manuel da Mota Memoro. Parte da caminhada da minha vida*, (edição do autor).

Oliveira, R. S. (2015), *Magnífica e Miserável: Angola Desde a Guerra Civil*, Lisboa, Tinta-da-China.

Pereira, S. M. (2011), "Cenários do quotidiano doméstico: modos de habitar", José Mattoso (coord. geral), Ana Nunes de Almeida (coord. vol.), *História da Vida Privada em Portugal – Os Nossos Dias*, Lisboa, Círculo de Leitores/Temas e Debates, p. 16-47.

Pereira, S. M. (2016), "Mass Housing in Lisbon: sometimes it works", *Journal of Housing and the Built Environment*, p. 1-20; doi:10.1007/s10901-016-9525-2.

Rodrigues, C. (2007), "From family solidarity to social classes: urban stratification in Angola (Luanda and Ondjiva)", *Journal of Southern African Studies*, 33, p. 235-250.

Salgueiro, T. B. (1983), "Mercado de Habitação e Estrutura Urbana na área Suburbana de Lisboa", *Separata do Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*, 89, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa.

Serrazina. B. (2016), *Utopia moderna em África: o Bairro Prenda na Luanda do Futuro*, Tese de Mestrado, Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa.

Silva F. (1969), "Memória Descritiva", *Plano de Urbanização da Portela*, Arquivo da Câmara Municipal de Loures.

Silva, F. V. C. (2015), *Blocos residenciais modernos da Unidade de Vizinhança n.º 1 do Bairro Prenda em Luanda: morfologia e tipologia na torre de 12 pisos*, Dissertação de Mestrado, Universidade Lusíada de Lisboa.

Tostões, A.; Braga, A. (2014), "Unidade de Vizinhança Prenda. Luanda à luz da Carta de Atenas", Tostões, A. (ed.) (2014), *Arquitetura Moderna em África: Angola e Moçambique*, Casal de Cambra, Caleidoscópio.

Turkington, R., van Kempen, R., Wassenberg, F. (eds.), (2004), *High-rise housing in Europe: current trends and future prospects*, Delft, Delft University Press.

Venâncio, J. (2013), *O Bairro Prenda em Luanda. Entre o formal e o informal*, Dissertação de Mestrado, Porto, Faculdade de Arquitectura do Porto.

Isabel Guerra
Investigadora do projecto. Parte Integrante do Relatório da Missão a Luanda realizada com Ana Vaz Milheiro e Filipa Fiúza, 13 a 21 de Novembro de 2014.

O Bairro Prenda em Luanda: resiliência social ou resiliência urbana?

A especificidade do crescimento urbano em Angola

No final do século XX, o crescimento urbano em África desenvolve-se a um ritmo sem precedentes na história deste continente e a crítica alarmista aos seus efeitos devastadores faz por vezes esquecer as razões que lhe estão subjacentes e, portanto também, as formas de mitigar uma ocupação tão desigual dos imensos territórios africanos. Para muitos investigadores, a urbanização nos países em desenvolvimento, particularmente em África, foi radicalmente desligada da industrialização e até do desenvolvimento propriamente dito. O aumento da população urbana, apesar do crescimento económico urbano gerado ser medíocre ou mesmo negativo, é a evidência do que alguns pesquisadores rotularam de "sobre-urbanização" (Bairoch, 1985; Castels, 1972; Gugler, 1997).

Até ao final do século XVIII, as cidades africanas eram centros políticos, lugares de troca de escravos e de especiarias e a dominação política exigia uma centralização na capital para o controle de um vasto território. Assim, em 1910, a Europa (sem a Rússia) tinha 41% de população em cidades com mais de 5.000, habitantes enquanto o terceiro mundo tinha 9% a 10% (Gugler, 1997).

Depois da Segunda Guerra Mundial inicia-se um crescimento urbano em África embora de forma ténue. O surto demográfico das grandes cidades africanas emerge sobretudo nos anos 60, quando os processos de descolonização se iniciam, e acelera-se nos anos 70 e 80, tal como acontece na cidade de Luanda (ver gráfico "Evolução da população de Luanda entre 1861 e 2014").

Não é difícil entender as razões subjacentes ao enorme crescimento da capital angolana ao longo da sua história e nos tempos mais recentes. O processo de crescimento demográfico de Luanda esteve ligado à história sociopolítica da região e teve sempre fortes consequências nas formas de ocupação do território, através de fases de crescimento com lógicas diferentes. Num primeiro momento, as variações demográficas estiveram ligadas independência do Brasil e à extinção do tráfico de escravos, seguindo-se uma história de colonização essencialmente urbana e uma independência acompanhada por uma prolongada guerra civil. Este último período tem consequências políticas – mas também urbanísticas – como o acentuar do êxodo rural e a instalação de um modelo de desenvolvimento assente numa inevitável "economia de mercado" que faz coabitar, no espaço da capital, a cidade moderna e a cidade informal e desqualificada.

< Vista sobre o Bairro Prenda (pormenor). Foto: Isabel Guerra, 2014

Nas áreas urbanas assiste-se a um crescimento significativo durante o período de guerra interna que atravessa três décadas, sobretudo com o abandono de terrenos rurais atingidos pelos combates que limitavam o acesso à terra para cultivo devido às minas, espalhando-se uma fome crónica e a impossibilidade de mobilidade para acesso aos mercados. "*Displacement was used as an instrument of war by all parties to the conflict. Between 1.3 million and 2 million people fled their homes from 1992 to 1994, moving primarily to urban areas. Between 1998 and 2002, when hostilities ended, an additional 3.3 million persons were forced to flee their homes*" (Jenkins, 2002:119).

As cidades de Luanda, Benguela, Lobito e Lubango cresceram fruto de milhões de angolanos que migraram das suas casas para escapar ao conflito armado. "*Angola has a rapidly growing young population, even by the standards of sub-Saharan Africa*" (Vines e Weimer, 2011:11). Segundo Gameiro (2001), Luanda terá sofrido um crescimento urbano exponencial, entre 1989 e 1998, como reflexo de uma intensificação da guerra civil, tendo o território urbano de Luanda passado para 249,35km^2. Mas o ritmo de ocupação continuou acelerado nos anos 2000 com a área de expansão urbana a crescer para 270,05km^2.A projeção para 2010 era de 350,00km^2. Segundo Rodrigues (2006), no início do século XXI mais de metade do território luandense era ocupado informalmente. De facto, os conflitos externos e internos geraram um surto urbano imparável mas também drenaram recursos económicos para o esforço de guerra impedindo mais investimentos na cidade.

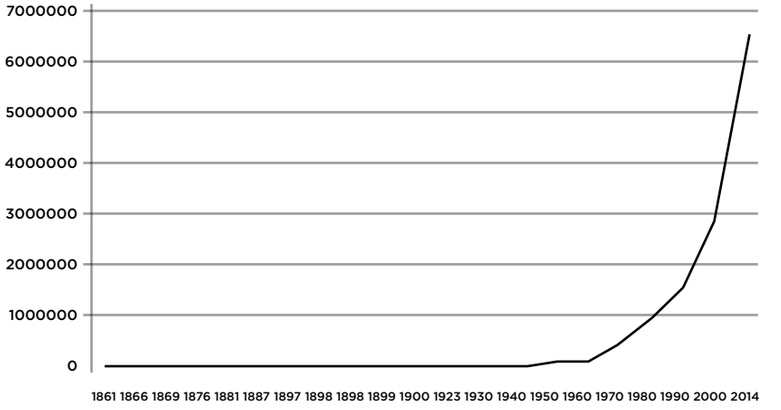
A acalmia depois de 2002 não parou essas dinâmicas demográficas: por um lado manteve-se um crescimento urbano significativo e, por outro lado, o esforço de desenvolvimento centrado nas elites e em alguns recursos naturais (diamantes e petróleo) alimentaram as classes do poder e não se traduziram em investimentos na cidade informal maioritária. Com o final da guerra civil acelerou-se a concentração urbana e o desenvolvimento imobiliário e dos serviços atraiu mais população para as cidades. "*Enquanto a população de Angola quadruplicou entre 1970 e 2014, passando de 5,6 milhões para 24,3 milhões de habitantes, em Luanda, nesse mesmo período, o crescimento populacional disparou quase 12 vezes, de cerca de 561 mil para 6,5 milhões de moradores. Hoje Luanda, que alberga cerca de 27% dos angolanos, e apresenta uma densidade populacional 18 vezes acima da média nacional. Em cada quilómetro quadrado do país residem 19 pessoas, indicam os resultados provisórios do Censo, que assinalam ainda que esse valor atinge os 347 habitantes por quilómetro quadrado na província da capital*" (INE Angola, 2014:27).

Mas as consequências da situação de guerra são também económicas e políticas. O esforço de guerra constante levou ao colapso da economia rural ficando Angola limitada à exportação de diamantes e petróleo, muito concentrados geograficamente e pouco propícios a um crescimento urbano equilibrado. Os últimos anos de independência e de paz não conseguiram que o país, com riquezas naturais e apesar do crescimento do PIB, ultrapassasse o 128º lugar na lista dos 156 países em desenvolvimento elaborada pelas Nações Unidas. O país tem ainda uma esperança de vida de pouco mais de 50 anos e cerca de 37% da população tem rendimentos inferiores ao limiar da pobreza.

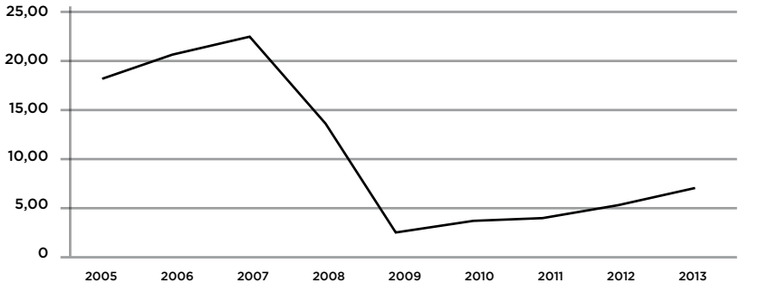
Neste início do século XXI, assiste-se a um crescimento económico de larga escala, tendo-se privilegiado projetos urbanos para o centro e para a periferia da cidade. Destaca-se a parceria com o sector privado com uma abordagem tendencialmente virada para grupos de rendimento médio e alto. A resposta às necessidades dos grupos de baixo rendimento a nível de habitação social e infraestruturas ficou à responsabilidade do Governo Provincial e Central mas com poucas intervenções (Bettencourt, 2011).

O crescimento urbano de Luanda realiza-se sobretudo através da construção massiva de barracas (em musseques) que vão sendo sucessivamente afastadas do centro para que a cidade formal possa expandir-se. O caráter informal do crescimento das cidades é consonante com os modos de vida e a dualização da economia local e da relação salarial.

A falta de habitação é um problema social grave mesmo para as classes médias (IOM, 2005) e a ocupação de Luanda por musseques pressionou as já pouco presentes infraestruturas. A habitação e as infraestruturas urbanas existentes não têm manutenção e a habitação para compra ou arrendamento não é acessível a uma percentagem significativa da população.



Evolução da população de Luanda entre 1861 e 2014
Fontes: Até 1960 Mourão (1996); 1970 Ilídio do Amaral; 1980 Cristina Rodrigues (fonte ONU); 1990 e 2000 Cristina Rodrigues (fonte Colaço); 2014 Resultados provisórios do Censo Populacional, INE Angola.



Crescimento do Produto Interno Bruto de Angola(%).
Fonte: World Bank, 2014.

Apesar de um sucessivo crescimento positivo, o processo de modernização de Angola está ainda longe de acontecer. A maioria da economia assenta no assalariamento precário ou na informalidade que é predominante nas relações de trabalho. As necessidades sociais são significativas ao nível da previdência social, da habitação, da educação universalizada, do saneamento básico, etc. A generalização de um modelo de consumo moderno está, no entanto, presente (até pela desigualdade evidente) e está na origem de uma sociedade civil cada vez mais desperta e reivindicativa:

"*The main dynamics that could lead to instability in Angola lie outside national politics and are rooted in the rampant poverty still experienced by the majority of Angolans. The biggest threat is likely to emerge from the cities... Angolan rampant urbanization and the inability of the government to deal with it has the potential to create an explosive mix of disaffected urban youth who have very little to lose*" (Vines e Weimwer, 2011:11).

Não são visíveis propostas de melhoria da cidade informal. Apesar de anunciados vários planos de investimento, a carência generalizada de infraestruturas na cidade começa a agravar-se nas zonas mais críticas onde vivem grupos sociais alargados. No entanto, "*The Angolan government is aware of the pressures that these demographic trends exercise and is trying to come up with policies to mitigate them, mainly through efforts to create jobs and opportunities for the urban population*"(Vines e Weimer, 2011: 11).

O crescimento económico angolano é significativo nos últimos anos (13% do Produto Interno Bruto), mas bem abaixo dos seus parceiros da Africa Subsariana com 24%. As necessidades de intervenção ao nível das infraestruturas urbanas são muito exigentes no que se refere ao investimento público. Como escreve o Banco Mundial, "*Angola has reached a critical turning point in its development, and public investment management (PIM) will play a pivotal role in the country's future. Angola's infrastructure deficit is a binding constraint on economic growth, inhibiting diversification and discouraging private investment outside the natural -resource sector. In this context the current influx of oil revenues presents policymakers with an enormous opportunity, as the responsible investment of resource rents could enable the country build the public capital necessary to permanently raise its growth trajectory*" (World Bank, 2014:18).

O contexto urbano: Um extraordinário crescimento traduzido no alargamento dos musseques e em tentativas de ordenamento urbano pouco sustentadas

Como seria de esperar, esta situação de crescimento populacional rápido e de ocupação informal da cidade não passa despercebida aos decisores, administradores coloniais e aos arquitetos e urbanistas. A tentativa de ordenar o crescimento da cidade de Luanda refletiu-se em quatro planos ao longo do século XX até ao fim da ocupação colonial. Estão por aprofundar os efeitos práticos destes planos, pois frequentemente a cidade africana é menos autoconstruída e autorregulada do que poderia parecer, sendo a produção do espaço controlada por propostas formais não aprovadas que estruturam as áreas de ocupação informal. Ora esse controle, que por múltiplas razões não funciona inteiramente, dá à cidade este aspeto não planificado que nem sempre é real.

Na época, o modelo de urbanismo subjacente decorre de visões ocidentalizadas da cidade ideal, numa sucessão de projetos "top down" da responsabilidade da administração pública, uns mais elaborados do que outros. No entanto, para Luanda, são visíveis diferentes opções teóricas e técnicas nos vários planos, correspondendo a diferentes visões do mundo multicultural e da cidade e também a versões mais voluntaristas ou mais pragmáticas e reguladoras das preexistências. Nesses planos é visível, de alguma forma, a oposição entre visões mais "pragmáticas" de ordenamento da cidade existente e visões mais "futuristas" dessa mesma cidade, sendo que ambas partem da noção básica da sua estruturação tendo como meta uma cidade e uma sociedade modernas.

Praticamente todos os planos anteriores a 1974 ficaram por aprovar, não tendo sido criados os mecanismos jurídicos e regulamentares necessários à sua execução. Contudo, essa ausência de regulamentação não significa que não tenham tido algum impacto no ordenamento do território por via da orientação camarária.

COMPARAÇÃO ENTRE AS INTENÇÕES E O USO E APROPRIAÇÃO ACTUAL

Proposta Inicial	Situação actual	Imagem
Uma conceção "brutalista" (composição modular interior refletida na fachada, a intenção de criar uma referência icónica para a cidade através de uma imagem volumétrica clara) (Milheiro e Fiúza, 2013).	O exterior dos edifícios mantém a imagem inicial da construção embora fortemente degradados.	
A miscigenação social: 2/3 brancos e 1/3 negros aos quais corresponderiam também diversos tipos de habitação. As moradias para os grupos autóctones não chegaram a ser projectadas.	Após a descolonização a ocupação é negra sobretudo de angolanos mas também cabo-verdianos e outros.	
A miscigenação social corresponde uma miscigenação habitacional. Brancos nos apartamentos e moradias, negros nas moradias.	Idem ponto anterior	
Organização da circulação viária e articulação entre os vários sectores, aplicando o conceito de classificação viária das sete vias (Milheiro e Fiúza, 2013).	Há apenas uma rua que serve o trânsito automóvel, as restantes ruas tornaram-se pedonais por pressão das barracas. A ligação à rede viária formal é disfuncional.	
Um espaço público alargado coberto por equipamentos sociais, de lazer e de cultura. Estavam planeados mercado, cinema, igreja, galeria comercial, escolas (creche e primária) e centro de saúde (Venâncio: 2013).	Apenas alguns dos equipamentos escolares foram construídos durante o período colonial.	
Estava prevista a construção de 28 edifícios de habitação colectiva (torres e blocos) com um total de cerca 1150 apartamentos.	O projeto ficou inacabado, alguns prédios não estavam inteiramente construídos e foram ocupados.	
Os edifícios deveriam ser implantados com distâncias suficientes para garantir um plano térreo livre e uma densidade populacional pouco elevada (220 habitantes por hectare).	A densidade populacional é muito elevada se considerarmos o conjunto do musseque, no entanto, não parece existir sobre ocupação ao nível dos apartamentos	
A construção sobre *pilotis* permitiria libertar terreno a ser ocupado por estacionamento, praças, espaços verdes e equipamentos públicos, localizados no centro e com acesso direto à rua comercial.	A quase totalidade dos *pilotis* foram fechados e transformados em habitação. Para obviar à ocupação, algumas organizações de condomínio fecharam também os *pilotis*. (o único *piloti* encontrado está fortemente degradado)	
Uma abordagem arquitetónica diferenciada, bandas e torres de habitação.	Embora sem a totalidade construída é visível a diversidade de bandas e torres de habitação.	
A concentração dos apartamentos nas várias tipologias de habitação.	Há diferentes tipologias habitacionais correspondendo ao plano mas também ocupação de entrepisos e elevadores.	
Os apartamentos são de dois tipos: os que se desenvolvem num só pavimento e com uma única frente e os que se distribuem por meios pisos. Esta última foi uma solução para adaptar o edifício aos trópicos, para além dos dispositivos modernos de proteção solar e ventilação, bem como da sua correta orientação.	Há apartamentos de pisos diferentes mas os sistemas naturais de ventilação em muitas situações foram destruídos.	

A proposta de uma urbanização no Prenda: uma conceção do espaço e da vida coletiva

O desenvolvimento de Angola desde os anos 60 é, em larga medida, tributário do comércio do café e do II Plano de Fomento que visava impedir a revolta latente das populações autóctones mas também dos colonos. Os acontecimentos de 4 de Fevereiro de 1961 no norte de Angola, que iniciam a guerra colonial, acabam por ter como efeito a dinamização da construção em Luanda, exigindo respostas pragmáticas ao surto demográfico.

Uma ação importante é desenvolvida por Fernão Lopes Simões de Carvalho, que regressara a Luanda em 1959, após vários anos de experiência e aprendizagem em Lisboa e na Sorbonne, tendo ingressado em 1961 na Câmara Municipal de Luanda como arquiteto-urbanista. O Plano Diretor que coordena inaugura uma nova etapa no desenvolvimento e expansão da cidade. Chefiando o Gabinete de Urbanização da Câmara Municipal de Luanda, responsável pela elaboração do Plano Diretor de Luanda, Simões de Carvalho propôs uma nova forma de ver o urbanismo, que definiu como "*uma ciência política, económica e social com uma feição de arte na elaboração dos planos, porque o belo é uma componente na vida das pessoas*" (Carvalho cit in Fonte, 2012: 125).

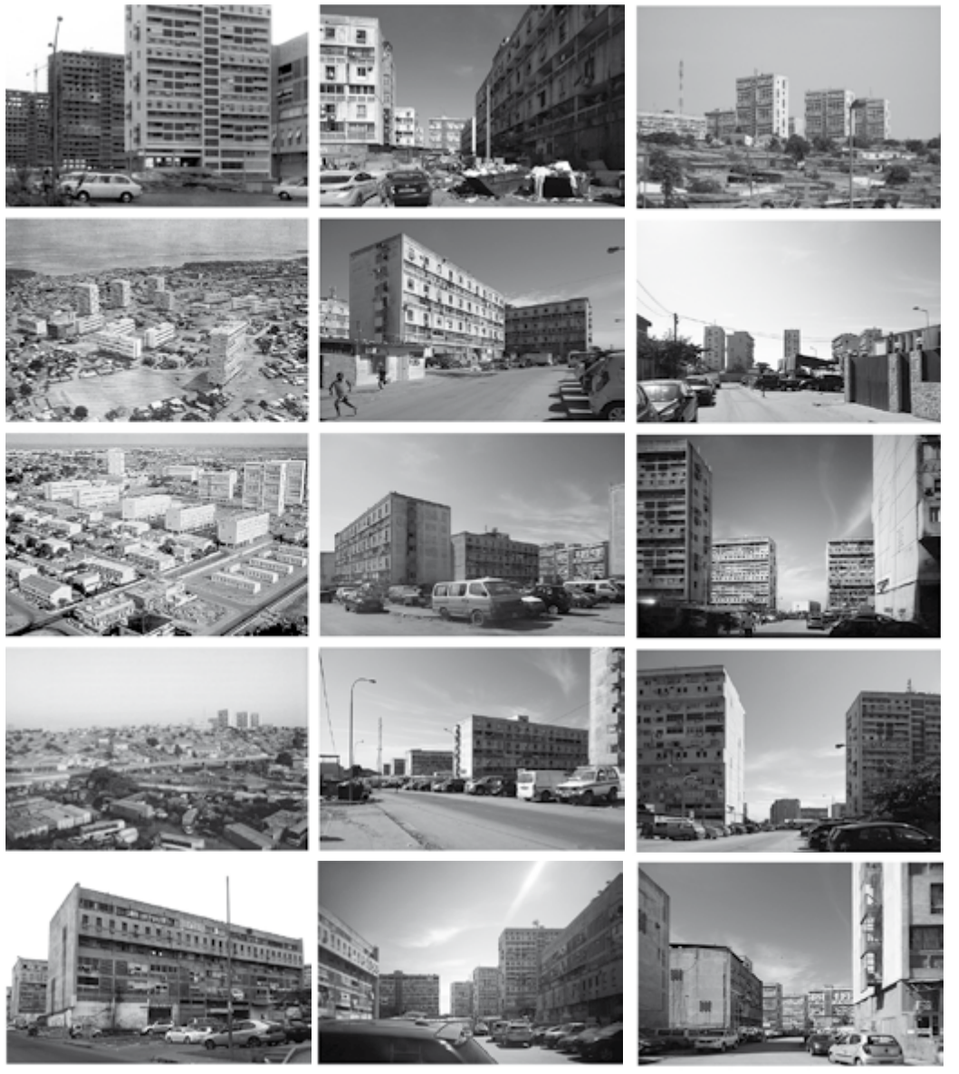
A estratégia de intervenção que Simões de Carvalho define entre 1962 e 1966, ano em que se demite e regressa a Lisboa, é o resultado do trabalho de uma equipa técnica por si dirigida. Em 1963, publica um texto com o título *Luanda do futuro* onde, de forma muito clara, se percebem as preocupações de quem estuda as matérias da cidade. O arquiteto é muito crítico face à falta de qualidade das habitações, tanto no centro como nas periferias, sublinhando a precariedade e o descontrole do crescimento da cidade, que provocava má qualidade de vida aos residentes.

No Plano Diretor de Luanda, Fernão Lopes Simões de Carvalho define uma hierarquia do sistema viário criando uma lógica para os grandes eixos viários e outra para pequenos percursos. Não deveria haver zonamento por funções, como anteriormente defendido, mas antes um sistema de "Unidades de Vizinhança" onde a função de habitar era completada com as funções de trabalho, de lazer e de equipamentos, havendo lugar para a instalação de indústria e de serviços. A visão de Simões de Carvalho – nem sempre bem recebida – assentava na divisão de Luanda em bairros, cada um composto por três a quatro Unidades de Vizinhança, de cerca de 5.000 a 10.000 habitantes, numa antecipação do futuro da cidade (Milheiro, 2012). Apesar de não realizado, o plano serviria como ponto de partida para a implementação dos eixos estruturantes da cidade e para a realização de planos para as várias unidades de vizinhança de que o Prenda é um exemplo.

É neste contexto que a proposta da estruturação urbana do Bairro Prenda adquire a sua verdadeira dimensão. O bairro seria um ensaio experimental para as "Unidades de Vizinhança" que estruturariam a organização de Luanda tal como previsto no Plano Diretor proposto por Simões de Carvalho onde, através da associação entre a arquitetura e o urbanismo na estruturação de um habitat moderno, as características urbanas e sociais se harmonizariam. O projeto funciona como um todo integrado nas suas diversas vertentes, urbanísticas, arquitetónicas, socioculturais, onde cada elemento foi pensado nas suas várias componentes, de conforto térmico, de luminosidade, de localização de equipamentos, etc., tendo em conta a diversidade de necessidades das famílias e de experiências habitacionais quer da população autóctone quer da população branca.

Do ponto de vista sistémico, a repetição da estrutura arquitetónica, a libertação de espaços para atividades coletivas e de comércio, a construção sobre pilotis, a hierarquia viária, etc. são traços da arquitetura moderna. Também a estrutura das habitações é de génese moderna, incluindo apartamentos em semi-duplex e uma repartição bem definida entre as áreas coletivas e privadas. A construção densificada proposta visava ser um paradigma da sua visão da cidade e da sociedade luandense. A sua conceção foi realizada ao pormenor no que se refere às características construtivas, ecológicas e sociais.

Originalmente estavam projetadas seis Unidades de Vizinhança para o "musseque" Prenda, juntamente com um bairro universitário e uma zona de indústria condicionada. Apenas duas das unidades foram iniciadas (nº1 e nº3), sendo a Unidade de Vizinhança nº1 a mais concretizada. A sua construção fica paralisada devido aos acontecimentos ligados à independência, não sendo



completamente concretizada. Até 1975 foram construídos 20 edifícios e iniciada a construção de 3, ficando 5 por realizar.

A Unidade de Vizinhança projetada organiza-se de acordo com o sistema proposto por Le Corbusier das "7V", permitindo a separação do tráfego de veículos e peões bem como a utilização sistematizada das soluções viárias que garantiam acessos individualizados às habitações. Estas unidades são compostas por uma rua comercial ondulante onde os automóveis circulam lentamente e por outra via também sinuosa de acesso às habitações. Entre estas duas vias estava prevista grande parte dos equipamentos. Para acesso às moradias isoladas ou em banda são criados impasses e entre os blocos de habitação coletiva pequenas praças (Ramos, 2006).

Na ideia dos projetistas todo o conjunto urbanístico e arquitetónico do Prenda manifestava a intenção de proporcionar uma determinada forma de vida urbana. Os edifícios são implantados com distâncias suficientes para garantir um plano térreo

livre e uma densidade populacional pouco elevada (Simões de Carvalho trabalhava habitualmente com uma densidade de 220 habitantes por hectare). As distâncias entre os edifícios habitacionais permitiriam a realização de atividades coletivas e a implantação de equipamentos que teriam como função serem polos de atração situados no interior do conjunto edificado.

Tal como defende Simões de Carvalho em *Luanda do Futuro* (1963), um conjunto de equipamentos asseguraria serviços de proximidade. As vias obedecem a uma hierarquização de uso, do automóvel ao peão. Apesar da influência corbusiana, as torres e os diferentes blocos de habitação mantêm uma escala urbana credível, permitindo que a sua implantação formalize espaços públicos reconhecíveis como as "pracetas".

Na conceção dos edifícios, uma vez estruturado o vocabulário arquitetónico, o padrão é repetido, permitindo quer dar visibilidade e coerência à urbanização quer baixar custos aumentando a racionalidade da produção.

Cada edifício é formado pela combinação de vários módulos dando-se prioridade à organização dos apartamentos em semi--duplex argumentando uma melhor adaptação deste sistema aos climas tropicais, pois facilita uma boa ventilação transversal. Um patamar intermédio de acesso, onde se situa a entrada, faz a distribuição vertical para a zona comum e de serviço ou para os quartos.

Estava também presente uma visão da vida comunitária. Simões de Carvalho pretendia fomentar formalmente uma sociedade multirracial em Angola, o que na lógica do momento correspondia a uma hierarquia social e habitacional que deveria permitir mais tarde, depois de "socializados" os autóctones, uma convivência multirracial.

"Durante a altura em que estive em Luanda, nas unidades de vizinhança havia 2/3 de negros e 1/3 de brancos. Eu propus fazer unidades de vizinhança precisamente integrando as diferentes classes sociais e raciais de maneira a acabar com os musseques. O Deslandes e o Teles dos Santos acharam que os brancos não iriam querer viver para lá com 2/3 de negros e 1/3 de brancos. Então invertemos para 2/3 de brancos e 1/3 de negros e, com o tempo, vamos "civilizá-los"... Existem as moradias para os mais ricos, as moradias individuais (entrevista a Simões de Carvalho em Diogo A. Cruz, 2012: Anexos, 20-21).

A conceção da habitação obedecia assim a uma hierarquia socio-urbanística: as moradias individuais ou em banda para famílias de maiores rendimentos, os blocos de apartamentos para as classes médias e finalmente habitação realizada em regime de autoconstrução para o realojamento dos mais pobres incluindo os que estavam no musseque.

"Existem as moradias em banda para os menos ricos. Para a classe média há os blocos de habitação e por fim, existe aquela zona toda reservada para a habitação indígena que tinha de ser projectada de acordo com as condições sociológicas. Eu propunha que os indígenas vindos do musseque passassem por um "bairro-escola" antes de os meterem nos bairros das unidades de vizinhança" (entrevista a Simões de Carvalho em Diogo A. Cruz, 2012: Anexos,20/21)

Pretendia-se, assim, que os núcleos de habitação coletiva fossem completados com grupos de habitações unifamiliares reservados à população mais desfavorecida, que já habitava o musseque que dava nome ao local. Estas habitações, segundo Simões de Carvalho, deveriam ser realizadas em diálogo com a população local. Na realidade nunca chegaram a ser projetadas.

Esta proposta singular em Luanda, que lançava um programa de miscigenação económica e racial, acabaria por não se cumprir mas emerge como um caso isolado na capital angolana, facto que segundo Milheiro (2012) torna o Bairro Prenda uma obra pioneira e ainda hoje exemplar.

"Apesar de o novo bairro não se destinar aos habitantes do musseque, algumas opções tomadas por Simões de Carvalho, como a inclusão da população mais desfavorecida através da reserva de lotes para autoconstrução, ou, noutros pontos, a decisão de integração generalizada de estruturas já edificadas nos novos planos de urbanização – em oposição à demolição das áreas em transgressão – são temas introduzidos por este arquitecto na prática urbanística da cidade" (Milheiro, 2012:216)

A conceção da Unidade de Vizinhança nº1 do Bairro Prenda decorreu, assim, de uma visão do mundo, necessariamente colonial, e da cidade, de uma equipa de arquitetos

liderada por Simões de Carvalho que se traduziu num projeto densificado (*mass housing*) que se inseria num puzzle que transformaria Luanda numa cidade de bairros, multicultural e adaptada aos trópicos. O desenho exemplificava um novo surto urbanizador, com uma nova linguagem arquitetónica, mais dinâmica do que a anterior que se inseria no Movimento Moderno Internacional, "*com uma maior escala de realização e sofisticação, assente em novas tecnologias construtivas, que o acesso ao betão (com produção local de cimento e a importação do aço e do vidro) prodigalizavam cada vez mais*" (Fernandes, 2011: 2). Segundo José Manuel Fernandes este tipo de arquitetura, representada por uma geração de arquitetos eruditos e bem preparados que denomina de "geração moderna", estrutura o seu pensamento através de quatro componentes: uma "ética da funcionalidade", uma "abertura à tecnologia", uma "visão global" do planeamento e urbanismo e a ideia do "serviço à sociedade".

As 3 fases de ocupação do Prenda: densificação na ocupação e *favelização* do Bairro

A construção da cidade africana assenta, há muito, nesta relação entre a cidade formal, (seja ela colonial ou não) e a cidade informal constituída essencialmente por barracas, estruturadas em musseques. O atual bairro Prenda é o resultado dessa mistura da cidade informal preexistente, que coexiste com a cidade formal da urbanização em cimento e finalmente uma miscigenação de edificações onde as fronteiras entre o formal e o informal se tornam definidas apenas pela dimensão "brutalista" dos edifícios de Simões de Carvalho.

A ocupação parece realizar-se em três momentos que correspondem à fixação no bairro dos atuais moradores e que foram identificados através de entrevistas a informadores privilegiados, realizadas em 2014, e ao inquérito por questionário realizado em 2015.

Numa primeira fase, da qual há pouca informação, o empreendimento Prenda (ainda em construção) é ocupado sobretudo pelas populações brancas durante a década de sessenta e início da década de setenta.

A segunda fase de ocupação vai ser marcante na transformação do Prenda. A descolonização (em 1974) traz consigo dois movimentos complementares: por um lado, a saída da população branca e portanto a disponibilização de centenas de fogos, por outro lado, a ocupação informal do espaço disponível quer ao nível dos edifícios quer no exterior pelas barracas, alargando o musseque. Este segundo momento, entre 1974 e 1980, constitui a grande fase de ocupação do empreendimento Prenda pelos angolanos. A ocupação é muito rápida e a maioria faz-se em 1974, mas também nos dois anos seguintes à medida que os apartamentos ficavam vazios com a saída dos colonos. Hoje, a população desta fase é já idosa e apenas representa 11% dos residentes.

Se política e socialmente a segunda fase é a mais marcante, pelo significado simbólico que tem a independência de um povo, a terceira fase é a urbanisticamente mais impressionante. Ela traduz-se na *favelização* do Prenda dando-lhe a imagem que hoje tem.

Não é fácil acompanhar a extraordinária ocupação demográfica e construtiva do bairro Prenda durante as restantes décadas de 80 e 90, mas o terceiro momento decorre da enorme pressão demográfica e urbanística que se sente em Luanda onde todos os espaços vão sendo aproveitados. No Prenda, o musseque preexistente expande--se extraordinariamente dando origem à ocupação de todos os espaços livres, mas o mesmo acontece ao nível do edificado onde todos os espaços não construídos – entradas, entre solos, elevadores – são ocupados como habitação. A densidade na ocupação dos edifícios vai-se fazendo através da vinda de familiares dos residentes, geralmente jovens, atraídos pela proximidade à cidade.

Essa concentração aprofunda-se na atualidade, quer no aumento das barracas do musseque, quer pela vinda para o bairro de uma população jovem que substitui as velhas gerações das ocupações anteriores.

A atual ocupação do Prenda: uma população jovem e com habilitações literárias significativas

A ocupação atual do Prenda cobre várias gerações que são resultado dessa sedimentação no tempo. A juventude das pirâmides etárias em Angola e a frágil esperança de vida ao nascer (51,5 anos em 2013), propicia que a população que ocupou os prédios nos primeiros tempos seja hoje minoritária (11,4%) e inversamente

Vista sobre o musseque Prenda.

Vista sobre o Bairro Prenda.
Fotos: Isabel Guerra, 2014

os “novos residentes” (vindos depois de 1980) sejam maioritários (60,6%) sendo também já expressiva a presença dos que já nasceram no bairro (28%).

Pioneiros (residem naquela casa antes de 1980)	TOTAL	33	11,4
Autóctones (nascidos naquela casa)	Até 24 anos	31	10,7
	>24 anos	50	17,3
	TOTAL	28	28
Novos residentes (residem depois de 1980)	Até 24 anos	84	29,1
	>24 anos	91	31,5
	TOTAL	175	60,6

Perfis dos Atuais Residentes na Unidade de Vizinhança n.º 1 do Bairro Prenda. Fonte: Inquérito à População da Unidade de Vizinhança n.º 1 do Bairro Prenda, 2015

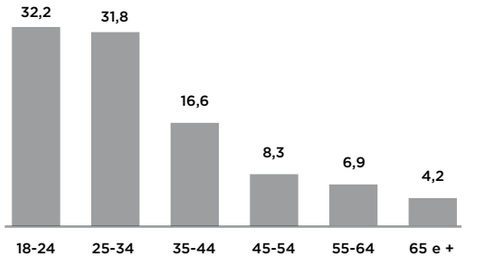
O Prenda é hoje um bairro rejuvenescido, constituído por população cujas habilitações estão acima da média de Luanda e de Angola e onde estão muito representados os estudantes.

As características de uma urbanização acelerada, a ausência de habitação acessível e uma conceção de família alargada estarão na origem da forte ocupação das habitações. As famílias alargadas (constituídas por casais com ou sem filhos e outras pessoas, bem como famílias constituídas por núcleos sem casal com pessoas familiares ou não) representam quase metade das famílias presentes e a média de elementos por núcleo familiar é de 5 pessoas.

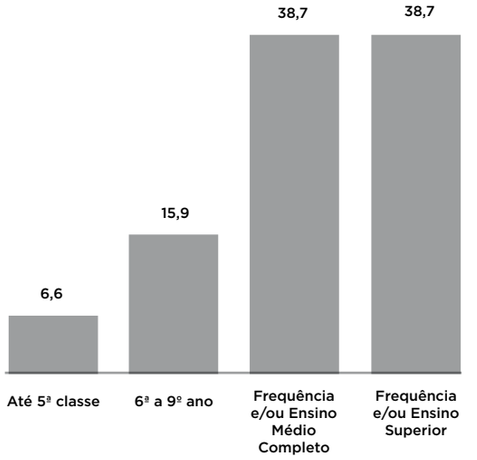
Como reage o desenho urbano à extraordinária pressão demográfica: mais resiliência social do que urbana?

Ajuizar sobre criações arquitetónicas com mais de meio século em contextos de grande mudança é um exercício delicado. O encadear de mediações entre a conceção, a concretização e o decorrer das ocupações produz movimentos ininterruptos de múltiplos sentidos, por vezes controversos. O projeto, nunca terminado, foi resiliente a 50 anos de ocupação e ao *tsunami* demográfico de invasão do espaço Prenda?

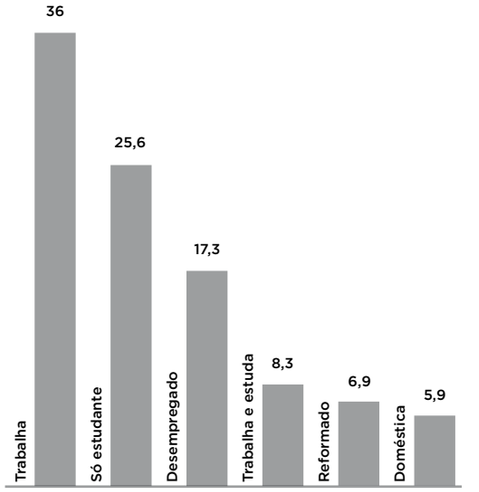
No Prenda, a conceção da forma vai interagindo com a apropriação e o tempo:



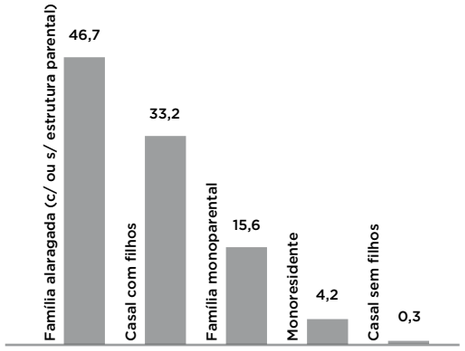
Estrutura etária da população inquirida (%)



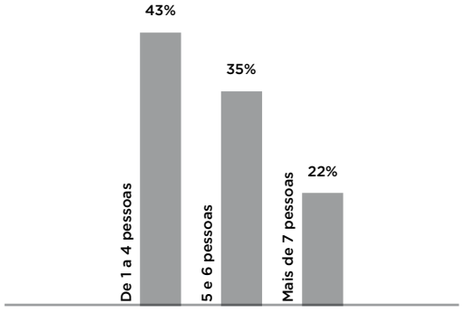
Habilitações da População Inquirida (%)



Actividade das pessoas Inquiridas (%). Inquérito à População da Unidade de Vizinhança n.º 1 do Bairro Prenda, 2015



Composição da Família atual dos inquiridos (%). Inquérito à População da Unidade de Vizinhança n.º 1 do Bairro Prenda, 2015



Dimensão do Agregado Familiar das pessoas inquiridas (%)

os prédios são ocupados, os espaços livres tornam-se habitações, as infraestruturas de água e energia, esgotos e elevadores deixam de funcionar e os prédios degradam-se devido à falta de manutenção. Embora haja 89% das casas ligadas à rede de esgoto principal, apenas 2,1% das casas tem água da rede, servindo-se as restantes de eletrobombas para abastecimento (58% dos inquiridos).

Aliás, muitos dos prédios estavam inacabados em 1974, alguns foram entretanto acabados por moradores e outros ocupados mesmo inacabados até hoje. A degradação dos acessos através dos grafitis e do lixo acumulado, práticas impedidas por organizações de moradores com alguma atividade de gestão dos prédios. Muitas das inovações de Simões de Carvalho, como a ventilação e a iluminação dos corredores internos, sofrem deterioração. Simultaneamente, o espaço exterior é invadido pelo musseque e o empreendimento fica acastelado num mar de barracas.

Se considerarmos a resiliência como a capacidade de um sistema social se adaptar de forma proativa às perturbações não comuns e não esperadas supõe-se mais do que a capacidade de adaptação mas a capacidade de antecipação (Laugier, 2013). Apesar da polémica do conceito na sua relação com o de vulnerabilidade e o de capacidade de adaptação, Laugier (2013) considera que a resiliência tem como ponto central a relação com a estabilidade, ou seja, o sistema pode retomar o estado anterior ou um novo estado mas sempre num sistema em equilíbrio.

Se é verdade que os projetistas dificilmente teriam capacidade em prever a independência de Angola, e a forma como a descolonização foi realizada, também se torna difícil ajuizar, meio século depois, a capacidade de resiliência do empreendimento. A estrutura arquitetónica mantém-se, estruturando urbanística e visualmente o espaço do bairro e as formas de ocupação informal. Sem as infraestruturas a funcionar, quer nos prédios quer no musseque, e com o espaço público totalmente ocupado por barracas, o projeto da Unidade de Vizinhança nº1 do Bairro Prenda viu a sua imagem inicial alterada, com a altura dos edifícios a ser o seu principal referente. Mas os edifícios são tudo o que se mantém e de forma muito transformada, quer pela ausência de infraestruturas de conforto quer pela ocupação intensa dos espaços livres no seu interior e exterior.

Uma análise das propostas urbanísticas e arquitetónicas efetivamente construídas, e da sua situação atual, evidencia que a resiliência é apanágio das populações que se adaptaram a um espaço caótico, desordenado e sem condições de higiene e conforto mas que conseguem maioritariamente manifestar ainda hoje que têm "*orgulho em morar no Prenda*".

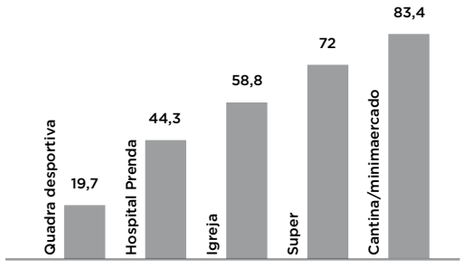
Concebido para outro tempo, a matriz básica desta ocupação é o plano de Simões de Carvalho, ele serve de base a uma apropriação física e simbólica que é ainda hoje a referência dos moradores dos edifícios.

Prenda um meio de vida animado mas favelado

Sendo difícil estimar a população que hoje vive no Bairro Prenda, a sua concentração gera um meio urbano efervescente propício à organização de comércio e de serviços sendo que, simultaneamente, a pressão por serviços coletivos torna-se muito elevada e o Estado tem dificuldades em responder.

A (des)organização urbana do bairro é também tributária da concentração de atividades de comércio informal que geram um "circuito económico" interno que satisfaz as necessidades de consumo quotidiano e, por vezes, alimenta também um mercado imobiliário. Estes meios locais de grande concentração demográfica tornam-se geradores de uma economia de proximidade que fornece rendimentos a uma parte significativa dos moradores que aí habitam e trabalham. A proximidade do contacto estabelecido entre moradores, na continuidade da constante mistura de funções tecida entre barracas, prédios, comércio, serviços, estacionamento, etc., não parece ser apercebido pelos moradores locais com desconforto apesar da sujidade, da desordem, da degradação do espaço e todos referem fazer pelo menos algumas compras no comércio local. A maioria da população inquirida usa os equipamentos do local.

A dimensão pouco organizada e a ausência de locais de convívio no espaço público do bairro estará, talvez, na origem de

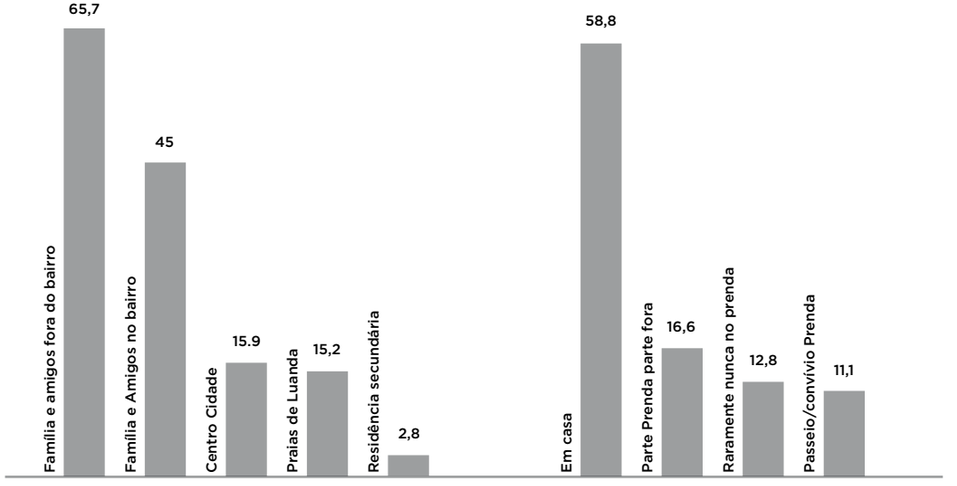


Equipamentos que mais usa no Prenda (%)

um certo "fechamento" em casa bem como na procura de locais de convívio fora do bairro. De facto, o carater caótico do bairro, a diversidade social e a presença de família alargada, parecem ter como efeito um "fechamento" em casa compensado por momentos de convívio com familiares ou idas à cidade formal.

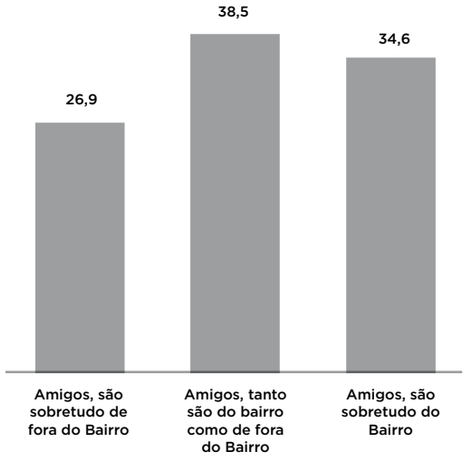
Mas essas dinâmicas não são impeditivas da expressão de uma forte sociabilidade local a partir de dimensões de interconhecimento, quer com os familiares residentes, quer com os vizinhos e amigos. A maioria (59%) considera ter relações de amizade com os vizinhos e 41% de interconhecimento.

Parece ser evidente que as condições do bairro orientam para a existência de forte convivência, dentro da cidade, quer com familiares e amigos que vivem fora do bairro, quer no lazer das praias e restaurantes de Luanda, mais centrais.



Locais onde passa os tempos livres (% respondentes). Fonte: Inquérito à População da Unidade de Vizinhança n.º 1 do Bairro Prenda, 2015

A diversidade na composição social da população - quer a que ocupa os apartamentos, quer a que os rodeia (no musseque) - torna difícil entender até que ponto há uma identidade comunitária do bairro *ou* mesmo "uma comunidade em construção" no sentido de Boff (2011). Do ponto de vista discursivo, a identidade do bairro e das relações de vizinhança são verbalizadas de forma positiva numa vinculação imaginária e simbólica que está "*além de qualquer racionalismo instrumental ou de qualquer funcionalidade societária*"(Boff, 2011:7). Ou seja, em princípio, a vinculação que une os moradores não parece estar alicerçada em fortes relações de troca de serviços ou de sociabilidade quotidiana, mas antes ser resultado de uma adesão simbólica que os une através de um processo de identificação mas também de diferenciação.



Origem geográfica dos amigos (% respondentes)

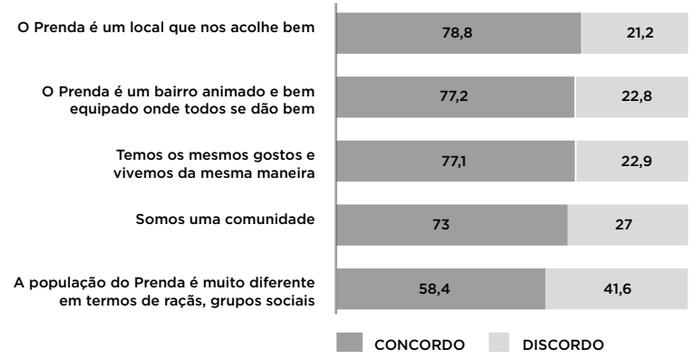
Os entrevistados consideram o meio social onde vivem plural, com diferenças sociais e étnicas significativas, onde cada um vive a sua vida, mas reconhecem também uma origem e a partilha de um destino comum que os transforma numa "comunidade".

Deste modo, poder-se-á entender o Prenda como um local privilegiado para a construção de vínculos imaginários face a um viver em conjunto que caracteriza a noção de comunidade e que dá uma apreciação positiva à casa e ao bairro.

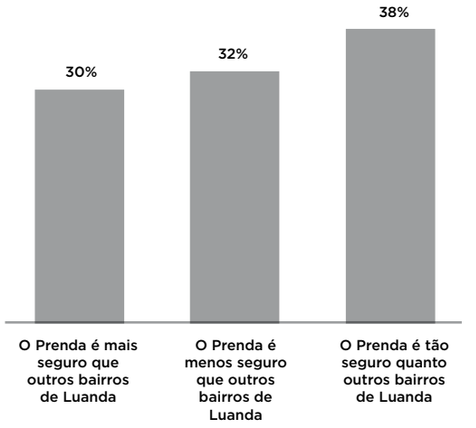
> "*É a primeira opção que eu tive na vida, é um bairro agradável, não tens assim umas condições muito elevadas (...) falar do Prenda é complicado, é muito difícil para mim porque foi um bairro que me recebeu, foi o bairro onde eu cresci, foi aqui onde eu fiz uma boa parte da minha infância. É um bairro um pouco agitado mas um bairro fixe, calmo também*" (E7).

> "*...eu gosto de barulho não me vejo a viver no Kilamba. Gosto daqui, lá não ofendem, aqui ofendem, aqui tem adrenalina e lá não. Não posso viver lá pois é tudo na regra, eu acho o Prenda melhor porque eu nasci aqui, cresci aqui, eu já vivi noutros bairros (Martes, Marginal, Mutamba) mas eu gosto mesmo é do Prenda*" (E11).

Essa identidade assumida confronta-se com a identidade prescrita pelo exterior considerada negativa por 66% dos inquiridos mas justificada pela simples razão de desconhecimento do bairro. Esta adesão à comunidade local é, no entanto, suficientemente forte para que, ao contrário do que sucede nalguns bairros sociais de Lisboa, uma parte dos entrevistados se demarcarem dessa imagem externa, recusando a imagem de violência que se atribui ao bairro.



Opinião face à convivência no Bairro. Fonte: Inquérito à População da Unidade de Vizinhança n.º 1 do Bairro Prenda, 2015



Perceção de segurança no bairro (concordância com as frases). Fonte: Inquérito à População da Unidade de Vizinhança n.º 1 do Bairro Prenda, 2015

A exposição ao crime e à insegurança faz parte de um quotidiano que é discutido frequentemente e que, talvez por essa presença diária, se encontra "naturalizado" e tem ecos numa linguagem de diminuição dos riscos e de rejeição do medo que contrasta com o que tem sido analisado nos bairros sociais em Lisboa (Pinto, 1994, 1999).

> "*Do meu ponto de vista o bairro é seguro... Eu graças a Deus nunca (fui assaltada), mas tem pessoas na minha casa que já foram assaltadas*" (E13).

> "*Não há bairro 100% seguro* (...) *aqui no Prenda já, já fui assaltado*" (E7).

> "*Cá onde eu moro sim, agora não sei os outros lados. Aqui tanto faz, pode circular de dia ou de noite mas de noite tem tido muitos assaltos, é mas seguro andar de dia*" (E10).

Os moradores do Prenda desenvolvem dois conjuntos de representações e comportamentos que diluem, e apaziguam, o potencial efeito de insegurança. Por um lado, consideram que os outros locais fora do Prenda (incluindo a cidade mas também outros bairros semelhantes) são bem piores, lugares com os quais se deve lidar com cuidado. Por outro lado, representam o "seu" bairro como um lugar seguro e familiar, apesar da violência, e as pessoas são consideradas como conhecidas e amigas sendo os maus comportamentos atribuídos a grupos minoritários de jovens (ou outros) sem educação.

A casa: o centro da vida familiar provisório e funcional

O acesso aos apartamentos no Prenda foi resultado de uma rede complexa de informações que permitiram encontrar uma casa livre (sobretudo no momento da saída dos colonos em 1974/75) e que facilitaram a legalização da ocupação perante o Estado. A saída dos portugueses é o grande momento da ocupação mas as razões apontadas para ingressar no Bairro são inúmeras e diferentes. A pressão de saída dos meios rurais em guerra, os rendimentos, as relações de interconhecimento e o estatuto social, são variáveis que facilitam quer o conhecimento do apartamento vago e a negociação, quer a sua ocupação, quer a sua legalização. Hoje, a rede de relações familiares é a grande fonte de "recrutamento" dos moradores, estes vêm sobretudo através do conhecimento que lhes é fornecido por esses familiares, mas a composição social do bairro é largamente tributária da existência de rendimentos suficientes para ter acesso (através de compra ou mais raramente de aluguer) a uma casa com a centralidade do Prenda.

Muitos estudos têm aprofundado a relação entre "família e habitação" e muitas foram as mediações complexas entre as práticas residenciais e a família (Culturello e Godard, 1982; Bonvalet, 1992, 1997). O tratamento do tema é glosado em inúmeras versões na medida em que se vai reconhecendo a importância desta dupla, nas mobilidades residenciais, na apropriação segundo os ciclos de vida familiar, na diversidade dos tipos de família, na transmissão entre gerações. Conclui-se que o alojamento é um "affaire de famille" (Bonvalet e Gotman, 1992) mesmo que alguns já tenham provado que é uma questão de indivíduos organizados em famílias (Zamorano-Villareal, 2003).

Neste caso, para muitos, não há escolha pelo bairro Prenda, mas antes o aproveitamento de uma oportunidade que, na racionalidade do momento, responderia a necessidades de habitação face à ausência de alternativas melhores e/ou mais imediatas. O Bairro Prenda é, assim, o destino possível num misto entre iniciativa pessoal e a regulação pública. Mas para outros a existência de família no local é a rede necessária para aí se instalar.

Estruturada em famílias alargadas, a ocupação do Prenda é valorizada no que diz respeito às características dos apartamentos, dos edifícios e do próprio bairro. Estas apreciações só podem ser analisadas

à luz das condições de vida em Angola e particularmente em Luanda. A casa, pela sua localização, dimensão e presença de familiares, permite satisfazer as necessidades dos moradores, e o prédio, embora seja a dimensão menos valorizada, é apreciado pelas suas zonas comuns e tipo de arquitetura.

No contexto desta pesquisa observam-se três elementos de reflexão sobre o papel da casa nos modos de vida dos habitantes entrevistados:
- O espaço da casa é o espaço de uma família alargada durante uma parte significativa do tempo (sobretudo aos fins de semana);
- O espaço da casa é um espaço maleável, adaptável ao decorrer do tempo e às fases do ciclo de vida;
- O espaço doméstico é encarado na sua funcionalidade, como estando próximo da cidade nomeadamente do trabalho e da escola dos filhos.

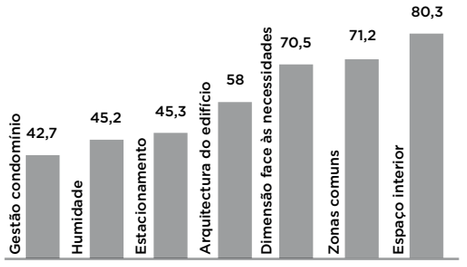
No bairro Prenda, as habitações são o centro da vida familiar, frequentemente de uma família alargada, mas é sobretudo a localização da casa que é estruturante no modo de vida atribuindo-lhe um lugar único e fundamental, ao mesmo tempo que lhe determina um caracter provisório e - em larga medida - incerto. Isto porque é a localização do Prenda dentro da cidade de Luanda (do trabalho mas também do estudo) que mantém a casa como centro funcional de uma família onde os progenitores esperam pela reforma e/ou pelo terminar dos estudos dos filhos, para uma mudança que parece ser possível.

O desconforto pela ausência de infraestruturas (água canalizada, energia, elevadores) não é suficiente para derrubar as vantagens da proximidade numa cidade onde o trânsito é caótico e limita as possibilidades de encontrar outro espaço de alojamento com mais condições

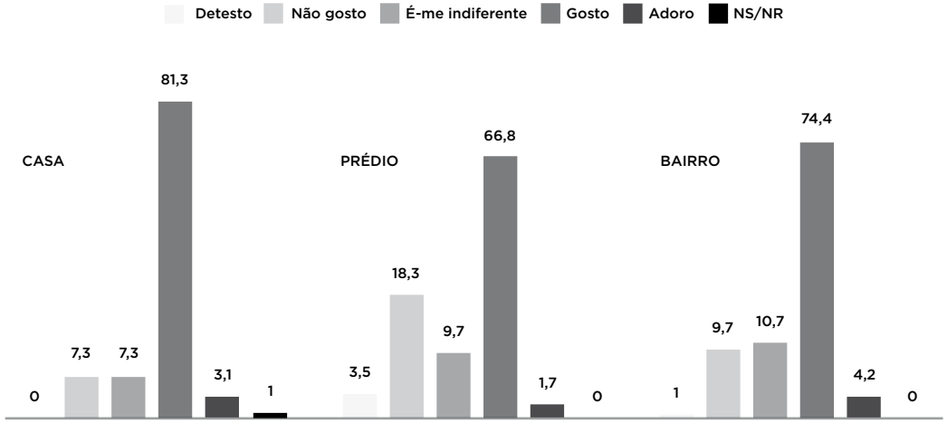
> "*A nossa presença aqui tem a ver mesmo com as nossas filhas, se não já podia ter mudado há muito tempo*" (E7).

> "*Por isso mesmo eu estou a ficar aqui (...) eu até tenho arranjado a minha casa fora só estou aqui mais por causa do serviço que é aqui perto e a escola dos miúdos que também é aqui e então não dá aqui para sair*" (E9)

> "*Depois de elas acabarem o curso superior, também a nossa idade já não dá para fazer esta ginástica, estamos a pensar em deixar porque já sofremos aqui muito (...) Se o prédio fosse requalificado nós não queríamos sair daqui, mas são obras muito grandes*" (E4)



Dimensões mais valorizadas do Bairro.

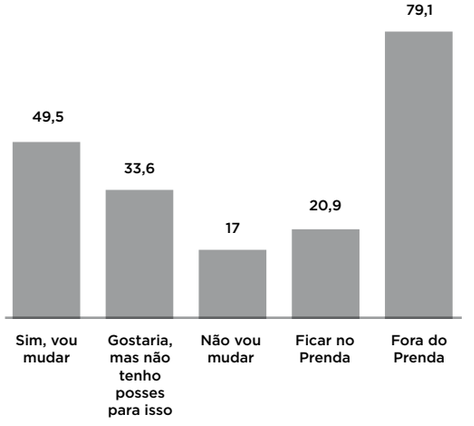


Avaliação da casa, prédio e bairro. Fonte: Inquérito à População da Unidade de Vizinhança n.º 1 do Bairro Prenda, 2015

Esta ocupação positiva, e cuidada, do espaço doméstico, sobretudo da sala de estar e sala de jantar (geralmente comuns), contrasta com a degradação do edificado e do bairro. Obra de todos, a produção do espaço familiar traduz-se no aceitar das dificuldades atuais em função de objetivos maiores. Mas as expectativas para uma mobilidade residencial estão presentes em praticamente todos os entrevistados que moram nos apartamentos.

O desejo de mobilidade, nomeadamente face a novos projetos residenciais, aparece mediado por diferentes ordens de razões mas pode concluir-se que, a maioria dos moradores querem (ou gostariam) de mudar e muitos conseguirão fazê-lo, deixando as habitações para os filhos, mais uma vez para que estes a usem como plataforma giratória na relação com a cidade.

À racionalidade da decisão de se manter no Prenda associa-se uma lógica funcional na apropriação do espaço da casa, onde mobiliário e decoração são reduzidos ao mínimo, mas estão cuidados. Trata-se também de gerir as expectativas em função da capacidade de mobilizar meios para a etapa seguinte que é encontrar outra casa com mais condições de vida, e alguns dos mais velhos já têm alternativas na periferia aguardando pela reforma.



Pensa mudar de casa e para onde (% respondentes). Fonte: Inquérito à População da Unidade de Vizinhança n.º 1 do Bairro Prenda, 2015

Referências

Abramo, Pedro (2003), "La teoría económica de la *favela*: cuatro notas sobre la localización residencial de los pobres y el mercado inmobiliario informal", *Revista Ciudad y Territórios: Estudios territoriales*, Vol. XXXV, n. 136-137, verano-otoño, Ministerio de Fomento, España, [em linha] info.worldbank.org/etools/docs/library/135758/2005-3-30-144312_M302-PedroAbramo-TeoriaFavela-Guatemala2004.pdf

Amaral, Ilídio (1962), *Ensaio de um estudo geográfico da rede urbana de Angola*, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar.

Amaral, Ilídio (1968), *Luanda (Estudo de Geografia Urbana)*, Lisboa, Memórias da Junta de Investigações do Ultramar, n. 53.

Amaral, Ilídio (1978), "Contribuição para o conhecimento do fenómeno de urbanização em Angola", *Finisterra*, XIII, n. 25, p. 43-85, [em linha] http://www.ceg.ul.pt/finisterra/numeros/1978-25/25_03.pdf

Amaral, Ilídio (1983), "Luanda e os seus 'muceques', problemas de Geografia Urbana", *Finisterra*, XVIII, n. 36, p. 293-325, [em linha] http://revistas.rcaap.pt/finisterra/article/view/2101/1774

Amaral, Ilídio (2002), *Construindo a história de Angola: a importância da utilização cruzada de fontes: (reflexões de um geógrafo)*, Lisboa, Instituto de Investigação Científica Tropical.

Bairoch, Paul (1985), *Histoire économique De Jéricho à Mexico. Villes et économie dans l'histoire*, Paris, Gallimard.

Baudrillard, Jean (1983), *Les stratégies fatales*, Paris, Grasset.

Bettencourt, Andreia (2011), *Musseques de Luanda*, [Tese de Mestrado], Lisboa, FAUL., [em linha] https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/3654/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o.Andrea.Bettencourt.FINAL.pdf

Boff, Emmanoel de Oliveira (2011), "Favela como montagem: compreendendo a dinâmica e heterogeneidade", *Revista Económica*, v. 13, n. 1, Rio de Janeiro p. 37-46.

Bonvalet, Catherine; Gotman, Anne (1992), *Le logement, une affaire de famille*, Paris, Harmattan.

Bonvalet, Catherine (1997), "Sociologie de la Famille, Sociologie du Logement: un lien a redefinir", *Sociétés Contemporaines*, vol. 25, p. 25-44.

Braider, Christopher (1988), *Cities and Economic Development: From the Dawn of History to the Present*, Chicago, University of Chicago Press.

Carvalho, Fernão Lopes Simões (1963), "Luanda do Futuro", *Ronda pelo Ultramar*, n. 2, Dezembro, p. 27-29.

Castels, Manuel (1972), *La question urbaine*, Paris, François Maspero.

Cavalcanti, Mariana (2009), "Do barraco à Casa, Tempo, espaço e valor(es) em uma favela consolidada", *Revista Brasileira das Ciências Sociais*, Vol. 4, n. 69, Fevereiro. [em linha] http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092009000100005.

Centro de Investigação DINAMIA´CET-IUL (2014), *Entrevistas à População da Unidade de Vizinhança n.º 1 do Bairro Prenda, concepção e realização Equipa de Pesquisa do Projecto de Investigação Habitações para o Maior Número: Lisboa, Luanda, Macau* (PTDC/ATP-AQI/3707/2012) (não publicado).

Centro de Investigação DINAMIA´CET-IUL (2015), *Inquérito à População da Unidade de Vizinhança n.º 1 do Bairro Prenda*, concepção Equipa de Pesquisa do Projecto de Investigação Habitações para o Maior Número: Lisboa, Luanda, Macau (PTDC/ATP-AQI/3707/2012), realização Marktest Angola (não publicado).

Cruz, Marta (2006), *Construir a casa: Elementos exploratórios para a compreensão dos conteúdos, do contexto e do processo de concepção arquitectónica da habitação unifamiliar*, Sociologia, n. 16, p. 231-250, [em linha] http://sigarra.up.pt/faup/pt/publs_pesquisa.FormView?P_ID=4683.

Cruz, Diogo Alexandre Pedrosa Amaral (2012), *Memórias de um Mercado Tropical: o mercado do Kinaxixe e Vasco Vieira da Costa*, [Tese de Mestrado], Coimbra, FCTUC.

Culturello, Paul; Godard, Francis (1982), *Familles Mobilisés*, Paris, Plan Construction et Architecture.

Deleuze, Gilles; Guattari, Felix (1980), *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizo Frenia*, Rio de Janeiro, Editora 34, 1998.

Fernandes, José Manuel (2011), "Arquitectura moderna portuguesa na África subsahariana", R. G. Prado, P. N. Martí (coord.), *La Modernidad Ignorada - Arquitectura Moderna de Luanda*, Acalà de Henares, Universidad de Alcalà, p. 45-63, [em linha] http://cargocollective.com/arquitecturamodernaluanda/filter/textos/Texto-5portugus.

Fonte, Maria Manuela da (2012), *Urbanismo e Arquitectura em Angola*, Casal de Cambra, Caleidoscópio.

Gameiro, António Pereira (2001), *A problemática da habitação em Angola. Os musseques e a requalificação urbana*, Luanda.

Gugler, Josef (1977), *Cities in the developing world: issues, theory and policy*, Londres, Oxford University Press.

Guerra, Isabel (1994), "As pessoas não são coisas que se ponham em gavetas", *Sociedade e Território*, n. 20, Abril, p. 11-16.

INE de Angola (2014), *Recenseamento da População e Habitação de Angola, Resultados preliminares*, [em linha] http://aiangola.com/wp-content/uploads/2016/03/Publica%C3%A7%C3%A3o-Resultados-Definitivos-Censo-Geral-2014_Vers%C3%A3o-22032016_DEFINITIVA-18H17.pdf.

IOM (2005), *Migration and development: New Strategic Outlooks and Practical Ways Forward – The cases of Angola and Zambia, Migration Research Series, n. 21, IOM, Geneva*, [em linha] https://www.iom.int/sites/default/files/our_work/ICP/IDM/MRS21.pdf.

Jenkins, Paul; Robson, Paul; Cain, Allan (2002), "Local responses to globalization and peripheralization in Luanda, Angola", *Environment & Urbanization*, Vol 14, n. 1, Abril, p. 115-127.

Laugier, Robert (2013), *La ville de demain: intelligente, résiliente, frugale, post-carbone ou autre: Une synthèse documentaire*, Centre de Ressources Documentaires Aménagement, Logement et Nature, SG/SPSSI/MD.

Lemaire, Madeleine; Chamboredon, Jean-Claude (1970), "Proximité spatiale et distance sociale. Les grands ensembles et leur peuplement", *Revue française de sociologie*, Vol. 11, n. 11-1, p. 3-33.

Matos, Madalena Cunha; Ramos, Tânia Beisl (2009), "Por via do Atlântico: Traçados e monumentos urbanos no Brasil e em territórios africanos de colonização portuguesa", *Actas do 8º Seminario Docomomo Brasil*, Rio de Janeiro, Brasil, [em linha] http://www.docomomo.org.br/seminario%208%20pdfs/163.pdf.

Milheiro, Ana Vaz; Nunes, Jorge (2008), "Le Corbusier e os Portugueses", *Arq-a*, n. 59-60, Julho/Agosto, p. 40-45.

Milheiro, Ana Vaz (2009), "Simões de Carvalho, o arquitecto de Béton Brut", *JA – Jornal Arquitectos, Ser Pobre*, n. 236, Jul./Ago./Set., p. 22-27.

Milheiro, Ana Vaz (2010), "Luanda no Futuro: o Bairro Prenda. Luanda in the future: the Prenda district", AA.VV., *Falemos de Casas: entre o norte e o sul. Let's talk about Houses: between North and South*, Lisboa, Athena, p. 308-317.

Milheiro, Ana Vaz (2012), *Nos trópicos sem Le Corbusier: arquitectura Luso-africana no Estado Novo*, Lisboa, Relógio d'Água.

Milheiro, Ana Vaz; Fiúza, Filipa (2013), "Uma experiência 'brutalista' nos Trópicos: o bairro Prenda (Luanda, década de 1960)", *X Seminário Docomomo Brasil, Arquitetura Moderna e Internacional: conexões brutalistas 1955-75*, Curitiba, Brasil, [em linha] http://www.docomomo.org.br/seminario%2010%20pdfs/OBR_31.pdf.

Mourão, Fernando Augusto Albuquerque (1996), "A evolução de Luanda: aspectos socio-demográficos em relação à independência do Brasil e ao fim do tráfico", *II RIHA*, p. 57-73, [em linha] https://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/358911/mod_resource/content/1/A%20evolu%C3%A7%C3%A3o%20de%20Luanda%20-%20Fernando%20Mour%C3%A3o.pdf.

Oppenheimer, Jochen; Raposo, Isabel (2007), *Subúrbios de Luanda e Maputo*, Lisboa, Edições Colibri.

Pinto, Teresa Costa; Gonçalves, Alda (2000), "Os Bairros Sociais Vistos Por Si Mesmos, Imagens e Conflitualidades", *Cidades - Comunidades e Territórios*, n. 1, Dezembro, p. 101-111, [em linha] https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/3330/1/Cidades2000-1_Pinto_Gon%C3%A7alves.pdf.

Pinto, Teresa Costa (1994), "Apropriação do Espaço em Bairros Sociais: o Gosto pela Casa e o Desgosto pelo Bairro", *Sociedade e Território*, n. 20, Maio, p. 36-43.

Pinto, Teresa Costa (coord., 1999), *Processos de constituição de imagens públicas, dinâmicas de conflitualidade e insegurança. um estudo comparativo em 5 bairros sociais*, Observatório de Habitação, n. 6, Relatório de Pesquisa para a Câmara Municipal de Lisboa, CET/ISCTE.

Potts, Deborah (1997), "Urban lives: adopting new strategies and adapting rural links", Carole Rakodi (org.), *The urban challenge in Africa: growth and management of its large cities*, United Nations University Press, p. 463-73.

Prado, Roberto Goycoolea; Martí, Paz Nuñez (coord., 2011), *La Modernidad Ignorada - Arquitectura Moderna de Luanda*, Acalà de Henares, Universidad de Alcalà.

Ramos, Tânia Beisl (2006), *Os Espaços do Habitar Moderno: evolução e Significados. Os casos Português e brasileiro*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, FCT, MCES.

Rodrigues, Cristina Udelsmann (2006), *O trabalho que dignifica o Homem: estratégias de sobrevivência em Luanda*, Lisboa, Edições Colibri.

Rodrigues, Inês Lima (2011), "Quando a habitação colectiva fez cidade. O caso de Luanda moderna", R. G. Prado, P. N. Martí (coord.), *La Modernidad Ignorada - Arquitectura Moderna de Luanda*, Acalà de Henares, Universidad de Alcalà, p. 133–161, [em linha] http://cargocollective.com/arquitecturamodernaluanda/Texto-2-Portugues.

Silva, Fredson Victor Cruz (2015), *Blocos residenciais modernos da unidade de vizinhança nº1 do Bairro de Prenda em Luanda: morfologia e tipologia na torre de 12 pisos,* [Tese de Mestrado], Lisboa, Universidade Lusíada.

Tostões, Ana (ed., 2013), *Arquitectura Moderna em África: Angola e Moçambique*, Casal de Cambra, Caleidoscópio.

Venâncio, Joana (2013), *O Bairro Prenda em Luanda: entre o formal e o informal,* [Tese de Mestrado] Porto, FAUP, [em linha] http://cargocollective.com/joanavenancio/O-Bairro-Prenda-em-Luanda.

Vines, Alex; Weimer, Markus (2011), *Angola Assessing Risk Stability*, Junho, CSIS Africa Program, CSIS Center for Strategic and International Studies, [em linha] https://www.chathamhouse.org/sites/files/chathamhouse/0611vines_weimer_csis.pdf.

World Bank (2014), *People's Republic of Angola - Angola Economic Update*, n. 2, World Bank, Report No: AUS6794, [em linha] https://openknowledge.worldbank.org/bitstream/handle/10986/19314/AUS67940WP0P140385283B00PUBLIC00ACS.pdf?sequence=1.

Zamorano-Villareal, Claudia Carolina (2003), *Naviguer dans le désert - Itinéraires résidentielles à la frontière Mexique-États—Unis*, Paris, IHEAL Éditions.

INDIVIDUAL INVESTIGATIONS

PORTUGUESE URBANISM

LUANDA

LISBON AND METROPOLITAN AREA

MACAO

INVESTIGAÇÕES SINGULARES

URBANISMO PORTUGUÊS

LUANDA

LISBOA E ÁREA METROPOLITANA

MACAU

José Luís Saldanha
Investigador do projecto. Apresentação no Seminário Internacional Optimistic Suburbia - Large Housing complexes for the middle-class beyond Europe, ISCTE-IUL, Lisboa, 22 de Maio de 2015.

From São Paulo de Luanda to São Paulo de Macao
Establishment and consolidation of two Sixteenth Century cities in the Portuguese Overseas

This article deals with the process of establishment and consolidation of the cities of Luanda and Macao, which the Portuguese founded through the beginning of the sixteenth century, integrated in the wide arc of fortresses, trading posts and towns the Portuguese Colonial Empire organized throughout all continents in the Planet. This contextualization exercise means to provide a territorial background (still more necessary in these days, owing to the radical transformations both cities have gone through in recent times) for the sites of the housing complexes designed by architects Simões de Carvalho and Manuel Vicente, in Luanda and Macao, which are case studies of the present research project.

Special attention was paid to the most relevant buildings of Religious and Civil Architecture in each town – which we shall be pinpointing on iconographical supports made in the first quarter of the seventeenth century and the final quarter of the nineteenth century – owing to the importance they had in everyday life and running of these settlements. We shall look with further care into the works of Military Architecture, which were particularly important in the case of Macao, as they established distinctive dwellings for Europeanized and Chinese communities *in* and *outside* the city walls, which would become recurrent issues of debate through time, between the town government and the Cantonese mandarins. The building designed in the 1980s by Manuel Vicente for the Sociedade de Turismo e Diversões de Macau (STDM) that was one of three case-studies of the Research Project is precisely located in lands outside the city walls, but still within the Porta do Cerco (*Siege Door*).

In Luanda, Military Architecture is most remarkably present in the fortresses built on strategic spots for the defence of the city and its' bay. The ring-fence defending the town was less noteworthy and more precariously built, however, than the one in Macao. In territorial terms, and according to a lithographical copy (of an 1816 drawing by A.L.P da Cunha) named Prespectiva da Cidade de S. Paulo de Loanda no Reino de Angola (Prospect of the City of S. Paulo de Luanda in the Kingdom of Angola), a physical division in the urban territory was established by a Line of Keeps surrounding the City for the avoidance of robbery, established by Captain General Luis da Motta Feo, thus separating a within, and a without. This route encompassed the Church/Redoubt of São José, but passed on the inside of the Maiangas, which, in time and along with the growth of the town, would give birth to one of the nine municipalities that the metropolitan area of Luanda is split into today. In the Maianga municipality, and less than a kilometre away

< Annotations over the drawing of Macao in the *Lyvro de Plantaformas...*, by Godinho de Herédia. (detail).
Source: Carita, 1998

from the Church of São José, the Prenda Neighbourhood Unit – a case study of the Research Project designed in the 1960s by Simões de Carvalho – would be developed.

Seemingly scarce affinities on a first glance between both cities seem, after all, quite a few under a keener look. Their belonging to a common colonial empire becomes more meaningful if we notice that the overseas urban network launched by the Portuguese placed Luanda in a halfway position between Lisbon and the Isle of Mozambique; or that Lourenço Marques (present-day Maputo) was at the middle of the sea-lane from Lisbon to Macao. The Portuguese settled in the former in 1554, curiously enough (given the distance to Lisbon), two decades before they did so in Luanda, in 1575.

In 1576, the Vatican erected the remotest diocese from Rome, in Macao. If Goa had gained the nickname of Rome of the Orient, Macao would then obtain the epithet of Rome in the Far East. Twenty years after that date, the bishopric of Angola and Congo was established, sited at the oldest cathedral in Sub-Saharan Africa, in a temple which had been built in 1549 at S. Salvador do Congo. This episcopal seat would be moved to Luanda in 1716.

Amongst other peculiarities belonging to Portuguese Urbanism: the "Misericórdia" (a Charity which spreads out through towns all across the Portuguese speaking countries) along with its hospital, the ever-present "pelourinhos" (pillories) and adjoining Town Hall, the customs-house, the cathedral, the Jesuit College, etc. – we notice that both Luanda and Macau were the object of Dutch harassing, mostly at the same time. Macao successfully repelled several attacks (particularly that of June 1622), but Luanda was taken by the Dutch, which held it between 1641 and 1648. These raids would change the history, the fortification system and the urban form of each town. An additional curiosity: both cities had a Guia Fort and a Bishop's Beach.

Portuguese presence in the Congo and n'Dongo

Portuguese navigation along the western coast of Sub-Saharan Africa evolved at a remarkable pace during the fifteenth century. Through this period, the finding of the Cape Verde archipelago by João Gomes in 1456; the arrival of Pêro de Sintra to Sierra Leone, in 1460; or the settlement in Ghana at the fort and trading-post of São Jorge da Mina (the oldest fort built by Europeans in these latitudes) in 1482, should be pointed-out. Furthermore, in the "Guineas" area, several toponyms of Portuguese origin subsist, such as the Republic of Cameroon (Camarões, meaning "shrimps", in Portuguese); the cities of Porto-Novo (in Benin) or Lagos ("lakes") in Nigeria; or the rivers of Forçados ("convicts") and of Escravos ("slaves"), in the latter country. In the European view of those times, all these actions were legitimate, under the 1445 Papal Bull Romanus Pontifex, in which the Pontiff granted lands conquered, or to be conquered, from the coast of Guinea to India, to the Kings of Portugal (Dias, 1999: 92).

The Portuguese looked around river mouths for siting their overseas settlements, as they provided haven for ships in visit or transit, and access to nearby fresh water. Strategic and defensive factors especially recommended small size peninsulas or isles close to the coast. Expeditionary journeys sailed the shores, taking note of the coast, prevailing winds, streams, and fathoming sea depths, with the purpose of recording propitious sites for human settling. Seventeen-century layouts, which we shall be discussing in the part in this research dealing with Macao, show the typical way of representing those sites, marking best spots for anchoring and usually depicting sea depths in fathoms.

In this sense, the arrival of Diogo Cão at the mouth of the River Zaire/Congo in 1483 is especially noteworthy. This river, draining 13% of the African Continent and carrying the second largest flow in the World (after the Amazon), reaches the biggest depths of any fluvial course in the planet. The navigator set "padrões de descobrimento" (cylindrical commemorative milestones) on various spots, and engraved the name of some of his companions and his own on the famous lelala Stone, more than a hundred kilometres upstream from the mouth of the river which separates the Republic of Angola from the Democratic Republic of Congo. The latter used the name of Republic of Zaire between 1971 and 1997, which deserves mentioning as the name, also given to the most abundant African river, derives from the Portuguese pronunciation of the local expression Nzere, meaning "river swallowing rivers". River Zaire is also the frontier between the country that held its' name and the Republic of Congo, to its North, known as the "Belgian Congo" between 1908 and 1960, when that European nation occupied the country (a lapse of time contrasting with the five centuries of Portuguese presence in the region).

Progress of Portuguese navigation along Africa's western coast. Drawing: Colonial Urbanization Offices - Architectural Culture and Practice (1944-1974). FCT: PTDC/AUR-AQI/104964/2008

Carmen Radulet (Radulet, 1994: 192-194) sustains that in his last journey, between Autumn 1485 and the end of 1486 (or the first months of 1487), Diogo Cão sailed back to Lisbon carrying an embassy of the Kingdom of Congo, starting a period of friendly relations between both realms. The Congo had its' capital at Mbanza Kongo – a town which the Portuguese christened São Salvador do Congo (name held until 1975) – located in the Angolan present day province of Zaire. In that town, Portuguese missionaries had built in 1549 the temple which would become the oldest cathedral in Sub-Saharan Africa, site of the Angola and Congo Diocese (erected by the Vatican in 1596 from the diocese of São Tomé) until 1716, when the bishopric was moved to Luanda. Although its' borders changed through time, the Congo Kingdom spread North to Gabon, encompassing contemporary Republic of Congo, the Cabinda enclave and the western part of the Democratic Republic of Congo. Charles Boxer (Boxer, 1992, 1969: 106) identifies the River Loge as its' southern limit, therefore not reaching the River Cuanza.

Amongst other navigators, Diogo Cão was succeeded in these waters by Duarte Pacheco Pereira, who had previously entered deeper territories of the continent in the region of Guinea, "for he, himself, tells us that he visited the city of Benin four times" (Albuquerque, 1994: 880; our translation). During the decade following the arrival of Diogo Cão (whose fleet had also sailed across the discharge of the Dande River) at the mouth of the Zaire, Pacheco Pereira explored the coast between the Zaire and the Dande (Mello, 1971: 597) – the latter flowing into the ocean some fifty kilometres North of the place where Luanda would be raised.

In the coastal stretch between the Zaire and the Dande, scouting was carried out of the mouths of the Mebridege River (also called Ambriche in some maps), that flows into the sea at N'Zeto (that bore the name Ambrizete until 1975); of the Loge River (that in some ancient charts takes the name of Bamba, or Vamba River, that in truth is one of its' tributaries), which discharges close to the town of Ambriz; or the Bengo River, that draws most of the northern border between the Luanda and Bengo provinces.

DEP. LEG.

ESBOÇO DA PLANTA DA CIDADE DE S. PAULO DE LOANDA

Edição especial da

EMPREZA DE PUBLICIDADE "ANGOLA" Lda

Rua Diogo Cam – Caixa Postal Nº 196

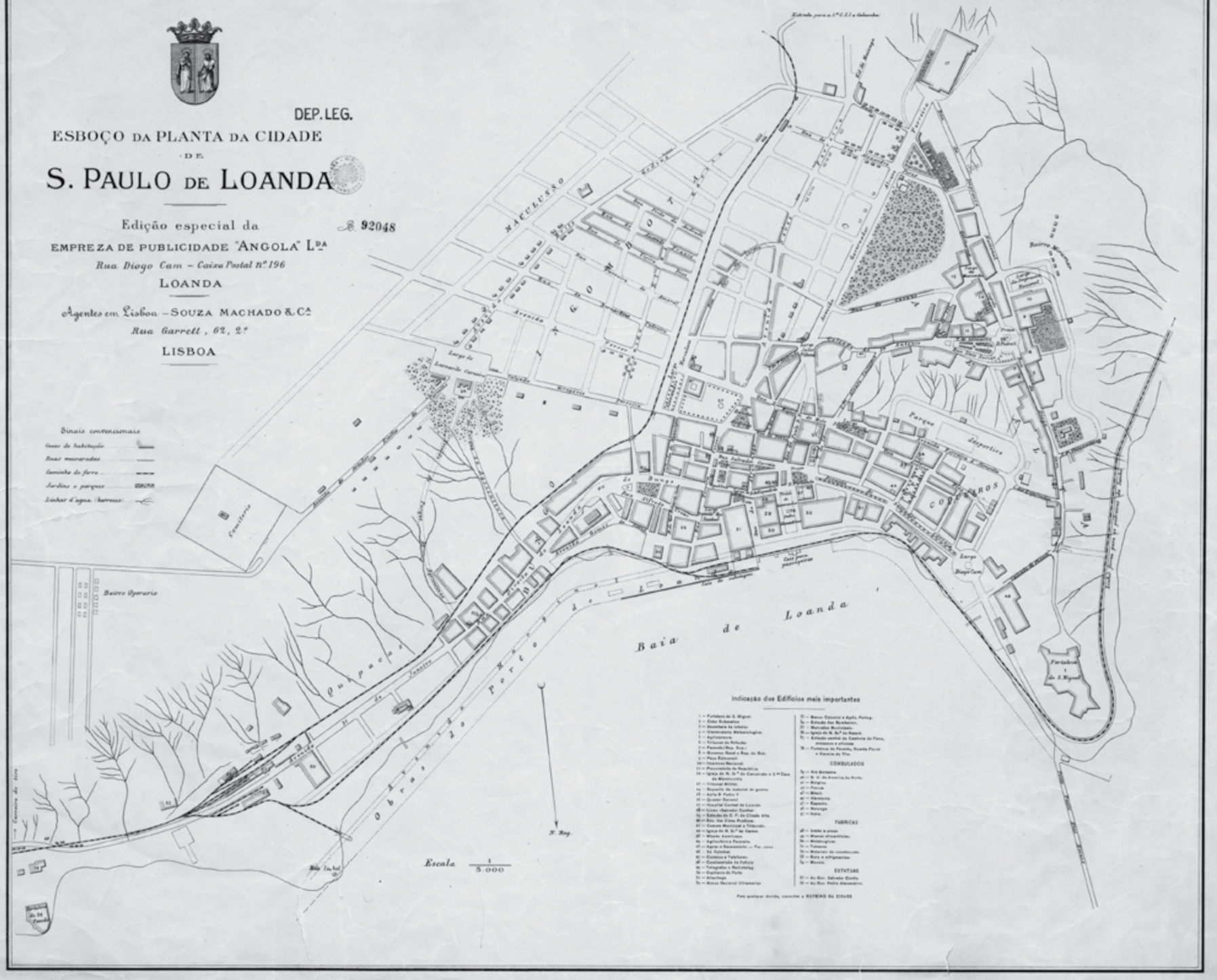
LOANDA

Agentes em Lisboa – SOUZA MACHADO & Cª

Rua Garrett, 62, 2º

LISBOA

92048



Esboço da planta da cidade de S. Paulo de Loanda, Edição especial da Empreza de publicidade "Angola" Lda. [ca. 1926].
Source: Biblioteca Nacional de Portugal. Cota: CC.326 A. http://purl.pt/3484

Some 50 kilometres South of Luanda, the mythical Angolan River Cuanza (or Kwanza), that once again is an administrative limit between the afore-mentioned provinces (as Luanda Province is entirely surrounded by that of Bengo), has its' estuary. The Cuanza drains a surface of 152.570km^2: an area 65% bigger than Portugal.

In the first quarter of the sixteenth century, "*Portuguese ships started to call the ports at the mouth of the Ambriz, Dande, Cuanza and others further South, to make petty commerce and take in slaves which were gathered at the Isle of Luanda*" (Mello, 1971: 597; our translation). We should mention that the borders between the N'Dongo (or *N'Gola*) Kingdom and the powerful Congo Kingdom to its' North, whose conflicts would soon involve the Portuguese whose allegiance they sought, and alternately obtained, moved between the mouth of the Loge and that of the Dande (just above the place where the modern Angolan capital would be established):

> "*Several States and tribes to the East and South* [of Congo's borders] *intermittently acknowledged their sovereignty through occasional payment of levies or sending of gifts to the* Mani*, chieftain or titular King, at Mbanza Kongo. The southernmost of these rather feeble tributaries was the* Ngola*, King or chieftain of the N'dongo, lying between the rivers Dande and Cuanza.* [...] *The most valuable currency was a certain kind of shell called* nzimbu*, that was only to be found at the Isle of Luanda, which was directly managed by a Royal deputy".* (Boxer, 1992, 1969: 106-107; our translation)

Allegiance with local authorities would soon be seen by the Portuguese, however, as an inadequate policy, since it demanded constant interference in political and military matters which, since ages ago, had split the various ethnic groups (Dias, 1999: 95). Therefore, almost a hundred years after the journeys of Diogo Cão and Duarte Pacheco Pereira through the region, a fleet of seven ships and 700 men left Lisbon on October 1574 (Nascimento, 1994: 806-807) under the command of Paulo Dias de Novais (?-1589) who, according to a deed by King Sebastião of September the 6th 1571, was granted the rank of captain-general, conqueror and governor of the Kingdoms of Angola and Congo. This officer, who had previously visited the region, settled on the Isle of Luanda in January 1575.

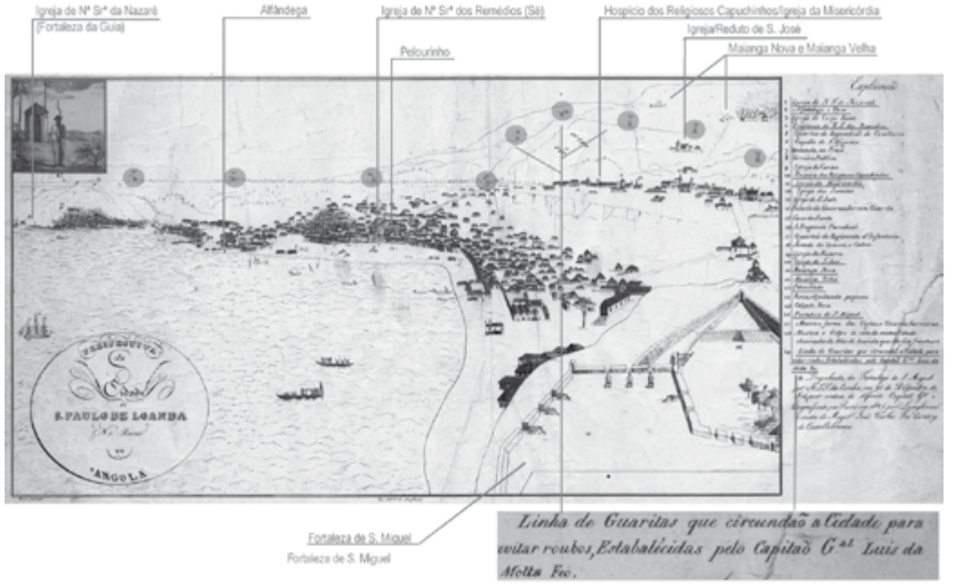
> "*In the following year he passes inland and starts building the fortress of São Miguel there, around which he establishes the town of Luanda. A few years later he begins his march to the hinterland and, up the Cuanza, tries to reach the celebrated silver mines of Cambambe, arriving in 1582 at Massangano, on the right bank of the Cuanza, where he builds a fortress and founds a settlement [where he would later die].*" (Mello, 1971: 598; our translation)

D. Francisco de Almeida, who succeeded Dias de Novais, would consolidate positions in the Cuanza basin with the forts of Muxima (in the Bengo Province), and also those of Cambambe (on the river banks) and that of Ambaca, close to Camabatela - all in present-day province of Cuanza-Norte.

The city of São Paulo da Assunção de Luanda

Twenty years after its establishment by Dias de Novais, "*the settlement was still circumscribed to the enclosure of the fortress of S. Miguel. During the first half of the seventeenth century, the town would acquire the features that it maintains, skirting the waters of the bay and spreading across the surrounding hills*" (Mello, 1971: 598; our translation). Raised to the rank of City in 1606, Luanda was taken by the Dutch in 1641, which kept it until 1648, when it was reconquered by Salvador Correia de Sá. In that time lapse, the town was badly unsettled, so a wide set of new works and refurbishments was required, whence it was renamed Cidade de São Paulo da Assunção de Luanda.

The town soon settled on a uptown/down-town dual position, spanning a difference of 40 to 80 meters. Most administrative buildings were laid in the cidade alta (uptown), along with a major part of the religious ones, from which the Misericórdia Charity stood out, along with the afore mentioned fortress of S. Miguel (on the Hill of São Paulo), overlooking the Bay of Luanda and the isle of the same name, which would be much improved in the times of Francisco de Vasconcelos da Cunha, around 1638 (Dias, 1999: 125). From its main gate generated the cobbled street of S. Miguel which, further on along the hill ridge, would take the name of Rua Diogo Cão/Rua da Imprensa Nacional (presently, Rua 17 de Setembro), leading on to the Hospital - as we can see in the adjoining Esboço da Planta da Cidade de S. Paulo de Loanda ("Sketch of the Plan of the City of S. Paulo de Loanda").



Annotations over the *Perspectiva da Cidade de S. Paulo de Loanda no Reino de Angola.*
Source: Biblioteca Nacional de Portugal. Cota: HG-7549-19/A. http://purl.pt/3884

Close do the Hospital of the Capuchins, that street crossed the Governador Álvaro Ferreira Street, which sloped down to the centre of the waterfront of the "low town", and currently carries the name of Avenida do 1º Congresso do MPLA (and in the Prespectiva da Cidade de S. Paulo de Loanda no Reino de Angola, drawn in 1816, bears the name Calçada Nova – the "New" paved street). From that merging point near the Hospital in the uptown, the route went on South through a rural road to Maianga, and further on to Futungo de Belas and Samba – some hundred meters west of where the Prenda Neighbourhood, designed by Fernão Lopes Simões de Carvalho in the '60s, would rise. Maianga meant, in the kikongo language (spoken by several tribes in North Angola, including the Kingdom of the Congo): lagoon, source or cacimba (well) - and may be seen in the said Prespectiva.

The Pillory stood out in the down-town, along with the customs-house, the Carmo church and Our-Lady of the Remedies Church – which after 1940 served as seat of the diocese (later raised to archdiocese) of Luanda, when this bishopric succeeded the honourable sole diocese of Angola and Congo which, as previously mentioned, was moved in 1716 from São Salvador do Congo to São Paulo de Luanda.

Fortifications that, along with the Fortress of S. Miguel, protected the town and its' port, may be briefly summed up:

> "*In the second half of the seventeenth century, Luanda and its outskirts were protected by a set of trenches, lath, and plaster forts. On the beach side, this defensive line stretched to Our Lady of Nazareth Hermitage, next to the Guia Fort, all the way up to the skirts of São Paulo Hill* (...).
>
> *The fort of São Francisco do Penedo started as a fortlet built on a rock or islet, a boulder perhaps, from which it gathered its' more customary name. It was apparently built under the initiative of Governor Pedro César de Meneses, to defend the seaport of Luanda, around 1639, but, soon after, the Dutch destroyed it [...]. Only with D. Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho, in 1766* (...)*, was the rebuilt fort that came to our times, with two batteries on different levels*." (...) (Dias, 1999: 124-125; our translation).

Guia Fortress no longer exists, although the Church of Nazareth subsists, having grown from the original hermitage. Penedo Fort is now encircled by the port landfills that during the last hundred years grew across the inside of Luanda bay.

The fortress of São Pedro da Barra ("at the Port") was built on the eastern side of the bay, five kilometres Northeast of Penedo Fort. Roughly in line with the tip of the narrow Isle/Peninsula of Luanda, it was made in the aftermath of the 1641 Dutch raid that had chosen the spot for placing guns. It was consecutively changed, until Governor D. António Álvares da Cunha (1753-1758) rebuilt it from its foundations, little remaining of the original construction besides the site and the Saints' name (Dias, 1999: 126).

The redoubts of Sítio do Bem-Bem, Santa Cruz das Ingombotas and Santa Maria Madalena, along with the batteries of Santo António and São Francisco da Maianga, secured the defence on the land side. The redoubt of São José that Ilídio do Amaral mentions in his monograph on Luanda enclosed the Church of São José, which is presently much changed regarding what the 1816 engraving shows. The Prenda Neighbourhood was to rise less than a kilometre south of this spot in the third quarter of the twentieth century.

Portuguese arrival at the pearl river delta

There can hardly be a place in the world, which has been so much shaped and re-shaped over the centuries by commercial activities and the interaction of the great European and Chinese cultures, like this old meeting place of Macau (Cremer, 1991, 1987: 2).

The presence of Portuguese at the Pearl River Delta, the date when they were allowed to establish in the Macao Peninsula, the foundation of the town carrying its' name, and the bilateral advantages of that presence, are issues of some debate in which myth plays its' part. A key element is a letter that Leonel de Sousa sent from Cochin to Prince D. Luís (the influential brother of King João III) on January 15th 1556, informing that he had broken a "verbal agreement" with the haidao (commander of the Canton coastal defence) Wang Bo – stressing that

An «avatar» of the Widow Ching?
Source: Jesus, 1990, p. 264

"*I made no* [written] *score or settlement so as to establish no Rule*" (Cremer, 1991, 1987: xxii-xxiii; our translation). This verbal agreement would allow the Portuguese to establish in the peninsula, in exchange of a 10% commercial levee on all transactions held at this trading-post. Sousa had shown up with 17 ships, which might have given Wang Bo some hopes of having new allies in the fight against pirates (wokou) that raided the coast villages and navigation in the area...

At some moments in time, pirates mustered extremely powerful coalitions. Ching Shih (widow Ching), for instance, earned renown and authority through the first half of the nineteenth century, rallying forces that plagued the Canton coast, deserving an inclusion in Jorge Luís Borges's Universal History of Infamy:

> "*Then the six hundred junks of war and the haughty widow's forty thousand victorious pirates sailed into the mouth of the Zhu-Jiang River, sowing fire and appalling celebrations and orphans left and right.* (...) *One hundred twenty women who fled to the pathless refuge of the nearby strands of reeds or the paddy fields were betrayed by the crying of a baby, and sold into slavery in Macao.*"

The delta of the "West" River (or River Zhu, Zhu-Jiang or Rio Sequião) runs 10km West of Macao, on the outside of Lapa Island (Patera Island, or Wanzai), D. João Isle (Macarira Isle, or Xiao Hengqin) and Montanha Isle (Vong-Cam or Da Hengqin). These islands were still reclaimed at the start of the twentieth century by the Portuguese, which had even built a sanatorium for lepers at D. João Isle.

Endemic piracy – that lasted until the beginning of the twentieth century – is testified by numerous sources, of which we consulted texts by Jesuit Father Benjamim Videira Pires (Pires, 1991: 10; 15), Álvaro de Melo Machado (Machado: 136-141) and C. Montalto de Jesus (Jesus: 39-45; 172-177; 260-270). Following a colonial discourse of patriotic tonality, they portrait the Portuguese as protectors of the local villages and navigation, summing up encounters with Chinese pirates, of which the 1809 Battle of the Tigre Mouth against the forces of pirate Cam Pau Sai (or Quan Apon Chay) stands out. This battle earned Macao Town Hall, through an 1810 resolution by King João VI, the Loyal epithet to that governing body's name, in memory of its contribution in maintaining Portuguese sovereignty of the city.

Macao's bad reputation, drawing from piracy, smuggling, opium trade and the triad organized crime, was accrued by a government of great autonomy, whose peculiarities were described by friar José de Jesus Maria of the Arrabidan Franciscan Order, who was in Macao between 1742 and 1745:

> *"In the government policy, and the economical one, in quality, civility, habits, actions, treatment, and temper of the people in Macao, I resolve not to say what in present times may be seen, through my shame, and credit of the Nation; since although there are those in town (but few) that care for their reputation, with honour, truth and dignity, the rest in Macao stand infected, in countless plots, falsities, testimony, hatreds, vengeances; and the worst is that asking some, I shall be answered that no one could live in Macao without lies, deceit, cheating and swindles."*
> (apud Durão, 1996: 18; our translation)

This picture was aggravated by gambling, which the City Government started to license in 1847 (so that by the twentieth-century's first quarter it was already called *China's Monte-Carlo*), starting with the legalization of the traditional *fan-tan*, to ultimately becoming the largest set of casinos in the planet.

That collection of vices explains (with the degree of exaggeration that always goes along with stereotyping) the dialogue in the movie *The Lady From Shanghai*, directed by Orson Welles and launched in 1947 by Columbia Pictures, between Elsa "Rosalie" Bannister (played by Rita Hayworth) and Michael O'Hara (played by Welles):

"*MIKE - Where does the princess come from?*
ELSA - (...) *You never heard of the place she comes from:* (...) *Zhifu.*
MIKE - It's on the China Coast, Zhifu. It's the second wickedest city in the world!
ELSA - What's the first?
MIKE - Macau. Wouldn't you say so?
ELSA - I would. I worked there.
MIKE - *You worked in Macau???!!!...*"

***The Lady From Shanghai*, Orson Welles, 1948.**

Consolidation of the town

"*A government with no command, a bishop such,*
Of virtuous nuns a den,
Three convents of friars, five hundred times ten
Christian chinas and nhons[1] *working not much.*

A See today still as hard,
Penny-less prebendary canons fourteen,
Much poverty, many women mean,
A hundred Portuguese all in a yard;

A drum, a hundred soldiers, Six forts,
Three parishes with embellishments mad
A General Vicar that nothing promotes

Two colleges, one very bad
Standing above all the Senate courts
Is all that in Macao Portugal ever Had."

In the corrosive habit of his plume, poet Bocage recorded in a satirical sonnet (our translation) the ecclesiastical, political and military portrait he faced during his 1789-1790 stay in Macao, to where he (characteristically) eloped from his post in the Portuguese Navy at Daman, India.

Known as *Porto do Nome de Deus* at least since 1564 (Pires, 1991: 11), the town was christened *Cidade do Porto do Nome de Deus de Macau na China* in the January 23rd 1576 *Super Specula Militantis Ecclesiae* Bull by Pope Gregory XIII, that erected its' diocese. That designation, along with its' citizenship statutes and privileges, only reached the town on April the 10th 1586 in a letter by India's Viceroy, D. Duarte de Meneses. Macao then became the bastion of Christianity in these environs, earning it the epithet of *Rome in the Far East* and *Mother of the Missions in Asia* (Teixeira, 1991: 43). Its religious jurisdiction encompassed China, Tartary, Tonkin, Japan, Korea and adjoining islands, although that incredible extension was later successively curtailed with the creation of the bishoprics of Funai (Oita, Japan) in 1588, and the seceding of the diocese of Tonkin (1658) and creation of those of Peking and Nanking by Alexandre VIII, in 1690.

Particularly relevant were the works of the Society of Jesus, which inaugurated their first home and chapel in Macau on December 1563 (Pires, apud Pereira, 1998: 16). Their home became the College of São Paulo, next to which the Jesuits built the great Church of Madre de Deus (known as "of São Paulo") in 1602-1603. The ensemble was engulfed by a fire on January 26th 1835 (Pires, 1971: 860-861), due to which all that remained was the magnificent granite façade of the temple, classified along with the Monte Fortress in the historical monuments of Macao Historic Centre included in the World Heritage List of UNESCO. According to the Atlas Mundial de la Arquitectura Barroca published by this organization in 2001, the Church façade, together with the Church of S. José (also in Macao), are unique examples of baroque architecture in China. The ruins of São Paulo, namely the Church of Madre de Deus, were listed in 2009 as one of the Seven Wonders of Portuguese Making in the World, in a contest run through IPPAR (the Portuguese Heritage Institution) and the Portuguese Ministry of Education and Culture.

A wide variety of subjects and classes were lectured at the College, at which Masters, and even Doctorate degrees were awarded, making it the first university of the western type in the Far-East, even before the establishment of the university colleges in Manila (Pereira, 1998: 27).

The towns' strategic location, well demonstrated in the figure in Miguel Ribeira Lume (Lume, 1991, 1987: 136), made Macao commercially and financially thrive, as a fulcrum for navigation in the Goa-Melaka-Macao, Macao-Manila, Macao-Java (on to Timor), or Canton-Macao-Nagasaki routes. The Portuguese had established in the latter Japanese city in 1569, by permit of the *Daimio* of Omira (Cremer, 1991, 1987: 33-35).

Commerce with Japan was particularly advantageous for the Portuguese, since in the first half of the fifteenth century all diplomatic connections with China had been severed, producing a commercial embargo between both countries that lasted until the first half of the seventeenth century. Therefore, Macao assumed a key role in the Portuguese Empire - much based on a Phoenician model of fortresses and trading posts (Pires, 1991: 8) – turning it into the richest depot in the World. In this context, it is fitting to remind that the English settlement at Hong-Kong would only happen in 1842 - a full quarter millennia later – in a less lengthy and subtle, and more abrupt and

1. The expression probably regards people from Vietnam, where the town and port of *Qui N'hon* lie. Portuguese Jesuits settled in that town in the 1620's.

Source: Cremer, 1991, p. 136

enforced way, as a consequence of the first Opium War and the ensuing Treaty of Nanking.

It is not surprising that from its establishment as remotest Portuguese city from Europe, it enjoyed a remarkable degree of governance, of which Leonel de Sousa's verbal agreement with the Chinese was but an early warning. There were no Royal Decrees, Royal Charters or Legal Concessions in Macao.

"*The government of Macao was first invested on the captain-major, or commodore, of the commercial fleet which regularly landed there on the way to Japan or its' whereabouts, and on a council built by the* land-captain*, the judge and four major merchants chosen by the community. The fact that most council members were merchants is in itself quite revealing of the high influence of commerce, before which political matters became meaningless.*" (Jesus, 1990, 1926: 50; our translation).

A *land-captain*, Diogo Pereira, had been elected for the post by the settlers, and this may have displeased King Sebastião, who by a 1563 decree abrogated the office "*which, however, Diogo Pereira kept until 1587, such was the popularity and trust he enjoyed*" (Jesus, 1990, 1926: 50; our translation). In 1585, with a permit of the bishop and the *captain--major*, the residents founded the Town-Hall Senate, which started running the town, with exception of military matters (in the capacity of the captain-general) and foreign matters (upon which the captain-general should be heard) (Pires, 1971: 857). The Senate Charter – whose election system is carefully detailed in pages 53 and 54 of the book by Montalto de Jesus we have been quoting – was granted by Viceroy Duarte de Meneses, in the aforementioned 1586 epistle. This Viceroy opposed the naming of a governor for Macao – an opinion followed by a 1587 dispatch of King Filipe I, in which the monarch states the will that "*the captain-major should keep governing Macao just as before*" (Jesus, 1990, 1926: 54-55).

The unparalleled exception in the Portuguese colonial domains of this Senate, which Videira Pires (1991: 11) believes was influenced by the management of the Japanese cities of Sakai and Hakata-Fukuoka, where free-trade was held, matches the pattern of great independence - even before the Viceroy of India - on which the town had been established and prospered.

The considerable autonomy of the Portuguese Macao is fittingly illustrated in the description of the town governance by Marco d'Avalo published in Amsterdam in 1646 (apud Willis, 2002: 94): "*At the foundation and construction of this city, it was governed in the manner of a republic by the oldest councillors, without any general or governor, because this place had not been won by force of arms but only by the permission of the Chinese mandarins*". The Portuguese settlers and their miscegenated offspring (the *macanese*) tried to escape as much as possible from outside control. The 1642 account the Dutch governor-general of Batavia Anthony Van Diemen sent to his Head-Office in Amesterdam (apud Boxer: 127) is quite revealing of this view (even though he doesn't *specifically* address Macao): "*Most Portuguese in India (Asia) see this region as their native land. They no longer think about Portugal. They trade little or nothing with Portugal, and are happy in trading between several ports in Asia, just as if they were from there and had no other country*".

This independent way grew the further away the settlers were from Goa, and is portrayed in a funny way in the fictional

character of *Yanez de Gomera*: the inseparable Portuguese companion of the pirate Sandokan, in the novelesque collection by Emílio Salgari that took the Southern China Sea all way to Melaka and the Java Sea as a site. It is also remarkable that Macao was the only spot in the Portuguese territory that didn't surrender to the Spanish take-over of Portugal between 1580 and 1640, never hoisting the Spanish flag, so that King João IV granted the town the name: *Cidade do Santo Nome de Deus de Macau, Não Há Outra Mais Leal* (City of the Holy Name of God of Macao, There is None More Loyal).

Macao out-of-walls

Since her Foundation in 1557 Macau has been a curiosity in the international community of nations. Neither her borders nor the questions of nationality, sovereignty and government have ever been as clearly defined as for other nations. Even the formula of "Chinese Territory under Portuguese Administration", which applied since 1976, did not really clarify the status of Macau. Rather this formula confirms that Macau is unique and that it is a difficult and perhaps not appropriate to define Macau in familiar legal terms (Cremer, 1991, 1987: 1).

The city of Macao started at the central part of the peninsula, confined on the West by the inner port (a length of water that separates it from Lapa Island before it) and stretching towards Praia Grande, which breaks the arc of granite hills directly exposed to the Pearl River delta, on the Southeast outside of the peninsula. To the North, lands and meadows were cultivated outside the city walls; to the South there were hills and the southern tip of the territory (Maneiras: 11; our translation). Its connection to the mainland was secured by a narrow sandy isthmus to be seen in figure 14. Halfway through it, the Chinese built the so-called *Porta do Cerco* (Siege Gate), or *do Limite*, in 1573 (Teixeira, 1971: 857), through which, according to Marco d'Avalo, all goods, merchandise or such items, underwent payment of tax to the Emperor of China, stating: "This applies only to the Chinese, as the Portuguese are never allowed to pass through" (Willis: 81). Isthmus and Gate are also mentioned in the journal by Peter Mundy, who arrived in Macao on July 5th 1637 on a fleet of five English ships:

> "*About three-quarters of a mile further is a very narrow neck of land, which joins that part of the Island whereon Macau stands with the rest. At this place is a wall athwart, reaching from sea to sea, about half a flight-shot in all, in the said wall is a gate or passage with China watchmen, through which no Portuguese is allowed to pass without special license*." (apud Willis, 2002: 84)

The check-point is also mentioned by José de Jesus Maria:

> "*Not only does the people suffer in the hands of bad government that badly governs it, but through the excesses of the Chinese to which it is subordinated and so subjected that upon happening any accident, or opposition to their resolutions, the Mandarin determine that the shops be closed (this is all shops selling foodstuffs), and also the Siege door through which all goods enter, leaving Macao under siege, until famine demands that they satisfy their designs*." (apud Durão, 1996: 18).

Macao's general outlook suffered many changes through the late sixteenth century and the first half of the seventeenth century. To begin with, the city battlements that the Chinese had forbidden at the Portuguese settlement of Macao (Teixeira, 1971: 857) became imperative due to the arrival of the Dutch in these locations, a cause of concern in evidence in the letter the King sent the Viceroy on March 17th 1598, in which he dictates that "*this necessity so present and of such importance as the chastisement of the said Dutch*" (Carita, 1999: 19; our translation) be met. Later, King Filipe II requests the Viceroys to send to Portugal descriptions and depictions of all towns and fortresses where the Portuguese held interests. According to Carita, the first description - *Livro das cidades, e fortalezas, que a coroa de Portugal tem nas partes da India e das capitanias, e mais cargos que delas há e da importância deles* (*Book of the cities, and fortresses, that the Portuguese Crown has in the parts of India and of the captaincies, and other offices in them and the importance of them*), is earlier, dating from 1582, and set a basis for those following it – such as that prepared in 1610 by Manuel Godinho de Herédia that we will be looking into in more detail; the *Livro das Plantas de todas as cidades e fortalezas da Índia* (*Book of Plans of all cities and fortresses of India*) made by the major-keeper of the Goa Torre do Tombo (archive chamber) António Bocarro (with illustrations by captain Pedro Barreto de Resende, secretary to the Viceroy of India, D. Miguel de Noronha),

Annotations over the drawing of Macao in the *Lyvro de Plantaformas*..., by Godinho de Herédia. Source: Carita, 1998.

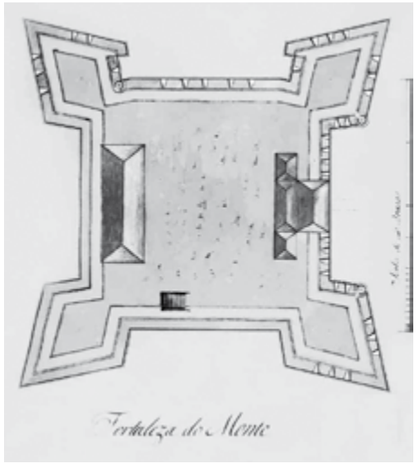
datable of 1635 (Carita, 1999: 23); or that by António de Mariz Carneiro, from 1639.

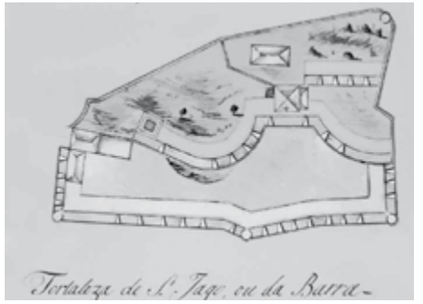
The first provisional wall in Macao was made in 1606 (Teixeira, 1971: 857), but the more definitive works, including the forts, bulwarks and redoubts, still unfinished in their whole when the Dutch made an attack (successfully repelled) on the city, in June 24th 1622. The Dutch, however, had already raided Macao in 1601, 1603, 1604, and would do it again in 1627 (Graça, 1969: 23). The Italian d'Avalo describes the consequences of this event (apud Willis, 2002: 94):

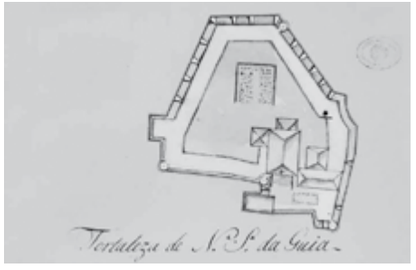
> "*Owing to fears of further troublesome attacks, the viceroy in Goa received letters and messengers asking him to send a governor, as well as three hundred soldiers, to be paid for by the inhabitants and the city. The viceroy grasped that this was an important opportunity and duly dispatched (...) Dom Francisco de Mascarenhas, a nobleman of the royal household*."

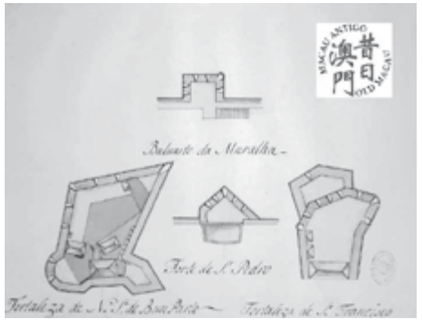
The first *capitão-geral* (an office equivalent to that of governor) in town, D. Francisco de Mascarenhas, was therefore mandated on July 17th 1623, through direct nomination of the King, to promote the organization of troops and security of the town fortification which for years the Chinese authorities had forbidden, but would now have to proceed at a faster pace. The *captain-general* was also invested with wider powers in criminal and civil matters (Jesus: 88). However, his presence and performance were unwelcome by the settlers, whose Senate tried to overrun all: even the King and the Viceroy's decrees, whenever it could (Pires, 1971: 857). The interesting 1635 *Descrição da Cidade do Nome de Deus*, by António Bocarro, attests to this:

> "*This city also has many Portuguese sailors and pilots and masters, most of which are married in the realm, others single that are in the Japan, Manila, Solor, Macassar, Cochinchina routes, of these more than a hundred and fifty* (...)*, that by no way want*









From left to right: Monte Fortress; S. Iago da Barra Fortress; Nª Srª da Guia Fortress. Source: "fortalezas.org" site; Macau fortresses, fort and bulwark; S. Pedro fortlet shown in its' original triangular shape which was later changed. Source: "Macau Antigo" blogspot

to go to Goa so that they are not seized or judged for some crime, or the Viceroys for His Majesty's service, and likewise many bachelor merchants very rich in what they do for the same reasons." [our translation].

Let us look in more detail into Macao's fortification, as shown in its portrayal in the *Lyvro de Plantaforma das Fortalezas da Índia*. This codex, "*a collective work carrying the name of Manuel Godinho de Herédia with a set of drawings by him as its author and core*" (Carita, 1999: 29; our translation), is kept at the Library of the Fortress of São Julião da Barra, in Lisbon, and was the object of a very fine fac-simile reproduction by Edições Inapa.

The "half-breed" Herédia is an appropriate metaphor for the Portuguese Maritime Empire, born in Melaka in 1563, the son of a Malay mother and a Portuguese father, and having died in Goa in 1623 (Carita, 1999: 10). To the drawing core by him, the Codex carrying his name was accreted with works by others, some even dating after his death. One is that of Macao, a copy of the drawing by Pedro Barreto de Resende (Carita, 1999: 28). A 1646 description of the city by Marco d'Avalo (apud Willis, 2002: 81-83) perfectly complements what the drawing shows:

"*The city is surrounded by strong walls and ramparts and has three hills with a fort on the top of each one, forming a triangle. The strongest and most prominent of these castles is named São Paulo. (...) It has forty--four cannon, all of bronze, the smallest of which fires iron shot of thirty-four pounds*."

A water-coloured plan we collected from *fortalezas.org* of this fortress, originally in a report by the Italian lieutenant Carlos Julião (Carlo Juliani) from December 24th 1775's, shows an edifice with 36 cannon crenels, not the 44 which d'Avalo indicates. Of the four bulwarks in the fort, the one facing China, at Northwest, has none. As the Southwest bulwark holds eight cannon crenels, we may

risk the possibility that an equal number could have been closed on that side by demand of the mandarins, so that no guns should point towards land side, in the same way they demanded (as we refer further on) that the Patane Fort be demolished.

The second fort is named Nossa Senhora da Penha de França and holds inside it a hermitage of the same name. It possesses six light cannon that fire iron shot of six to eight pounds.

The third fort is named Nossa Senhora da Guia and stands outside the town. It offers no advantage except that this hill is higher than the others and overlooks them, consequently, it is fortified, equipped and protected with four to five cannon. It too has a hermitage within its walls.

"(...) *Moreover, the city has four bulwarks at low level, of which three are on the sea, or waterside, and four on the land side. The first is named Santiago da Barra, and the ships pass by it.* (...) *There is a redoubt on the hill above it, which acts as a refuge. Sixteen heavy cannon are sited there, of which five have very wide mouths in order to shoot stones. The rest fire shot of twenty-four pounds. Inside the said bulwark, there stands yet another redoubt equipped with six very long-range cannon, like the former [in the adjoining plan, we count 16 cannon crenels in the fort parapet opening on the inner port and its' entry, as well as six wider cannon crenels in the rounded face of the upper redoubt].*
(...) *The second bulwark is named Nossa Senhora do Bom Parto, is located on the southwest, on the hill of Penha de França, and has eight bronze cannon [fitting the number of crenels in the adjoining plan].*
(...) *From here there begins a half moon [the* Praia Grande*] serving as a sea wall, with a redoubt in the middle [the São Pedro redoubt, probably unbuilt at the time of the drawing in Herédia's codex], on which three cannon can be mounted in time of need. On the outside, a low wall runs to another bulwark called São Francisco. Between these two bulwarks lies a beach lined with fine elegant buildings (...).*
The third bulwark, São Francisco, is bigger than that of Nossa Senhora do Bom Parto, is mounted with twelve cannon and has a redoubt that projects far out to sea. In 1632, a platform was made at the foot of this bulwark, and on it was sited a culverin [in the lower battery, which would later be named "bateria 1º de Dezembro"], *which shoots a forty-eight pound iron shot* (...). *From this bulwark, the wall stretches landwards and protects the city on the seaside.*
The fourth bulwark lies on the land side and is named São João. Three cannon are sited here, close to the land gate called São Lázaro. The wall climbs the hill to the São Paulo fort and from there it proceeds to the Jesuit house."

The Italian's description is quite accurate, suiting well the drawing in Godinho de Herédia's book. This suggests a *chemin--de-ronde* on a battlement, probably with a parapet on each side, connecting the Forte of S. Tiago with a square fortlet that might well be the redoubt above it, on Barra Hill, which D'Avalo mentions. Montalto de Jesus (Jesus: 89) adds that from the Bom Parto (or Bom Porto) Fort ran "*a battlement crossing the Penha elevation*" – which the drawing in the book also confirms.

Montalto adds that "along the battlement from São Francisco to Monte there were two redoubts, that of São Jerónimo and that of São João, the latter overlooking the historic plain at the foot of Guia Hill, named the Field of Victory". This redoubt of São João guarded the Porta de São Lázaro, or do Campo (Field Gate), which corresponds to the Baluarte da Muralha (Battlement Bulwark). Before the visit of the Italian, the Portuguese had also built the Patane (or Palanchica) Fort which was "demolished by the Chinese, as it faced China, in 1625" (Pires, 1971: 858). Father Manuel Teixeira suggests however that it may have been demolished in 1640 (Graça, 1998, p. 66). It may correspond to the bulwark we point out on the drawing from Herédia's book.

All this fortification work done in the first half of the seventeenth century introduced a physical, but also ethnical, segregation, in the peninsula, which was therefore split into an inner Macao, and an outer Macao. The latter – where the STDM building designed by Manuel Vicente would be built – stretched towards the Porta do Cerco, across a territory constantly riddled with ambiguity and attrition between Portuguese and Chinese, as the city was from then on left with two borders: one more functional, political, strategic and symbolic, the other rather martial in the tangible form of a walled structure: "*Fortresses and walls surrounded the Christian City, where the Portuguese*

Porta do cerco em 1979.
Fonte: Jesus, 1990, p. 47

lived. The Chinese City was located outside the fortified skirts of the Christian City and called Wang-Xia, Mong-Ha in the local dialect" (Marreiros, 1991, 1987: 102; our translation). Portuguese consider that (Machado, 1997, 1913: 51; our translation):

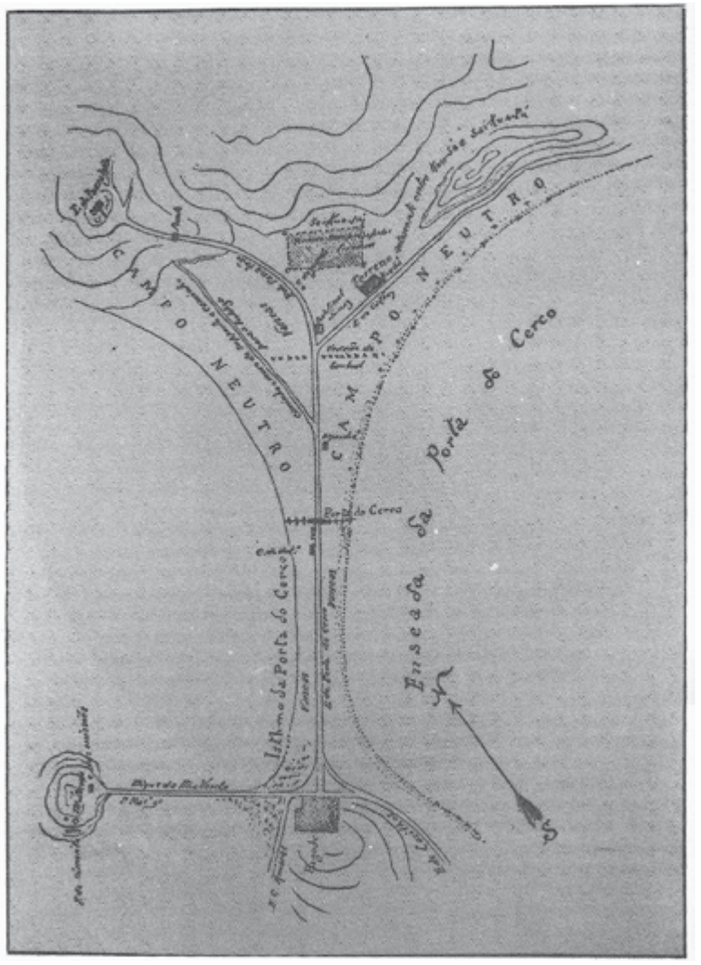
> *"Macao is the peninsula of Macao, where the proper city lies; and its facilities, waters, ports, the isles (...). While China maintains that: Macao is only part of the peninsula of the same name, withheld in the ancient battlement wall which can still be recognized; and its facilities, the stretch of land going from that wall to the Siege Gate."*

The Chinese community lived and worked essentially outside the city walls, which were called in Portugal the arrabaldes (faubourgs) – as long as there were any walls surrounding the cities. These, in contemporary wording, would be the suburbs, although this expression is a mental abstraction, while in those times there were building elements to separate both realms. Along with the Patane district on the inner port, just North of the wall and integrating the parish of Santo António, which focused on the church of the same name (built in 1558, before the military ring-fence was even built), the Chinese also lived in São Lázaro (a parish sitting on a homonymous church) which spread North, parallel to the Guia Hill outside the Porta do Campo. It was initially the site for Nossa Senhora da Esperança Hermitage, which was begun in 1557, the name drawing from an adjoining leprosy sanatorium (later moved to D. João Island, as we pointed-out before). Finally, the Chinese community inhabited Mong-Ha Hill (overlooking the isthmus connecting the Peninsula to the inland) and its' surroundings.

At a stressed moment in 1787, "*the Portuguese decided to expel the Chinese community in Patane and the village-mongers from Mong-Ha, so as to restore the colony to its' ancient form*" (Jesus, 1990, 1926: 148; our translation). In 1818 however "*the Chinsan mandarin, fulfilling orders of the Canton Viceroy, asked the* [Portuguese] *procurator to withdraw all Christian settlers at São Lázaro and move them into the city walls, although the oldest church in Macao was in São Lázaro!*" (Jesus, 1990, 1926: 179). While for the Cantonese mandarins, "*Macao was but a tolerated lease on Chinese soil, that only went as far as the demolished old city walls, and not until the even older Siege Gate erected by the Chinese themselves as a border*" (Jesus, 1990, 1926: 291). The Chinese authorities underlined that point of view in 1844, when they informed Macao's governor that "*the city wall will serve as border*" (Jesus, 1990, 1926: 214).

In 1845, Portugal detached the government of Macao from Portuguese India, appointing a Governor for it on April 21st in the following year: João Maria Ferreira do Amaral. This navy officer unleashed a vigorous anti-Chinese policy, including the construction of twin forts on Mong-Ha (overlooking the isthmus) and Dona Maria II (prevailing over Areia Preta Bay, on the North side of the Peninsula) Hills, that were obviously seen as a hostile act by the Chinese. Ferreira do Amaral also decreed that "*owners of land within the Siege Gate should pay tax to the Portuguese government and no longer to the mandarins*" (Jesus, 1990, 1926: 222), and that Chinese owners of those properties could not leave Macao without prior authorization of the procurator, lest their properties be considered abandoned and lost to the Government (Jesus, 1990, 1926: 225).

This new way of dealing with the Celestial Empire was disapproved by an influential



Plan of the isthmus where Governor Ferreira do Amaral was murdered, around where the STDM complex would be constructed. Source: Jesus, 1990, p. 236

Portuguese faction in Macao (Jesus, 1990, 1926: 218). If we add to this the governor's effort in controlling the "triads" and the closing of the Leal Senado by his 1847 decree, the easier it comes to understand Ferreira do Amaral's assassination – a possibility which he himself did not ignore (Jesus, 1990, 1926: 233) – on the sunset of August 22nd. 1849, while returning from a horse ride to the Siege Gate.

Artur Tamagnini Barbosa Avenue

"In the first decades of this [twentieth] *century the city spread north, out of its – now lost – walls, occupying cultivation lands and meadows. In this northern half of town the urban layout already shows major axles (avenues) and transversal streets in a square road system, with property parceled into regularly shapes of bigger size than those in the old city."* (Maneiras, 1996: 11; our translation).

The attack that victimized governor Ferreira do Amaral (with amputation of his only hand and beheading of the corpse) happened "around 300 steps from the Siege Gate" (Jesus: 233) – precisely on that discussed suburban territory, roughly

on the spot where the STDM building would be constructed, under the design of Manuel Vicente. Halfway, therefore, between Mong-Ha and the Siege Gate.

A relief with the Portuguese coat-of-arms, headed with a crown and the inscription of August 22nd 1849 (the date of the assault on the governor) which can still be seen on site was done on a rock *inside* the Lin-Fông-Miu temple ("Temple of the Lotus"). This Chinese listed monument, built in 1592 at the foot of Mong-Ha Hill, was the place of stay of the mandarins when visiting Macao. In that sense, the relief may have suited varied reasons and purposes: because in the sandy isthmus there would be less (if any) rocks on the surface, but there'd be plenty around the base of Mong-Ha Hill; because, according to maps made even after the assassination of Ferreira do Amaral, the temple seemed to be the first building in the peninsula after crossing the isthmus; because there was possibly a deliberate intention of inflicting a retaliation at the heart of the Chinese community, in a building of their religious cult.

If we consider that *paces* were used as a standard measure all along the history of mankind, from the Roman Empire to the modern United States, these 300 paces would correspond to the distance from the Siege Gate to the STDM building. However, Jorge Graça recalls an "*extremely narrow isthmus, which width was but a mere 30 meters, and which average height was so low that during spring tides it was often under water – and for this reason Macao was sometimes called an island*" (Graça, 1998, p. 68). Therefore, the spot where Manuel Vicente's housing project lies would always lie off where the isthmus was, on one of the continuing landfills that would be made over the waters of the inner port and the Areia Preta bay, on one side and another of this axis, giving birth to a new parish: Nossa Senhora de Fátima, which church was built in 1929.

The connection between the Siege Gate (whose functional, political and fiscal role diminished throughout the last hundred years) and the foot of Mong-Ha Hill is today assured through a heavily urbanized route. From Mong-Ha, one would follow to the Field Gate through the Areia Preta road, on the eastern side, or – as an alternative consolidated in the twentieth century – through the western side down to Patane, across Artur Tamagnini Barbosa Avenue, roughly in line with the Ferreira do Amaral isthmus, and then on through Almirante Lacerda Avenue, which runs parallel to the Macao canidrome. It is along Tamagnini Barbosa Avenue, between Tribuna Street and Hortense Street, that the 625 rehousing homes block was built in 1984/85, a design by architect Manuel Vicente, with the aid of Vicente Bravo and Paulo Sanmarful, for the Sociedade de Turismo e Diversão de Macau (Macao Tourism and Recreation Society).

References

Albuquerque, Luís (1994), "PEREIRA, Duarte Pacheco", Luís de Albuquerque (coord.), *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, 2 Volumes, Lisboa, Círculo de Leitores, p. 880-883.

Borges, Jorge Luís (1998, 1935), "A Viúva Ching, Pirata", Jorge Luís Borges, *História Universal da Infâmia*, Lisboa, Editorial Teorema.

Boxer, Charles R. (1992, 1969), *O Império Marítimo Português 1415-1825*, Lisboa, Edições 70.

Carita, Rui (1999), *O Lyvro de Plantaforma das Fortalezas da Índia* da Biblioteca da Fortaleza de São Julião da Barra, Lisboa, Edições Inapa.

Carneiro, António de Mariz (1990), *Descrição da Fortaleza de Sofala e das mais da Índia*, Lisboa, Fundação Oriente.

Cremer, Rolf Dieter (1987), "Introduction", Rolf Dieter Cremer (coord.), *Macau. City of Commerce and Culture*, Hong-Kong, API Press, 1991.

Dias, Pedro (1999), *História da Arte Portuguesa no Mundo (1415-1822). O Espaço do Atlântico*, Lisboa, Círculo de Leitores.

Durão, Luís António de Gouveia (1996), "A Defesa do Património Arquitectura, Urbanístico e Paisagístico no Território de Macau", *JA -Jornal Arquitectos*, n. 163, Setembro, p. 17-22.

Graça, Jorge (1969), *Fortificações de Macau*, Macau, Imprensa Nacional de Macau.

Graça, Jorge (1998), "A linha defensiva de Macau. A Fortaleza do Monte como Expoente *Primus Inter Pares*. Jesus", *Um museu em espaço histórico: a fortaleza de São Paulo do Monte,* Macau, Museu de Macau, p. 60-77.

Jesus, C. A. Montalto (1926), *Macau Histórico*, Macau, Livros do Oriente, 1990.

Lume, José Miguel Ribeiro (1987), "Centre of Portuguese Language and Culture", Rolf Dieter Cremer (coord.), *Macau. City of Commerce and Culture*, Hong-Kong, API Press, 1991, p. 129-137.

Machado, Álvaro de Melo (1997, 1913), *Coisas de Macau*, Macau, Kazumbi.

Maneiras, J.C. da Silva (1996), "Planos e Regras Urbanísticas em Macau", *JA -Jornal Arquitectos*, n. 162, Agosto, p. 11-13.

Marreiros, Carlos (1987), "Traces of Chinese and Portuguese Architecture", Rolf Dieter Cremer (coord.) *Macau. City of Commerce and Culture*, Hong-Kong, API Press, 1991, p. 101-116.

Mello, F. de Sá e (1971), "Luanda", *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Vol. 12, Lisboa, Editorial Verbo, p. 597-601.

Milheiro, Ana Vaz (coord.) (2010), *15 Edifícios na Rota do Oriente*, Lisboa, CIAAM.

Milheiro, Ana Vaz (coord.) (2015), *Optimistic Suburbia? The Students' Perspective*, Lisboa, CIAAM.

Nascimento, Paulo (1994), "Novais, Paulo Dias de", Luís de Albuquerque (coord.), *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, 2 Volumes, Lisboa, Círculo de Leitores, p. 806-807.

Pereira, Fernando António Baptista (1998), "A Acrópole de Macau. O Complexo Religioso, Cultural e Militar da Companhia de Jesus", *Um museu em espaço histórico: a fortaleza de São Paulo do Monte*, Macau, Museu de Macau, p. 14-58.

Pires, Benjamim Videira (1964), "The Genesis of the Jesuit College at Macau", *Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau*, p. 806.

Pires, Benjamim Videira (1971), "Macau", *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Vol.12, Lisboa, Editorial Verbo, p. 856-860.

Pires, Benjamim Videira (1991, 1987), "Origins and Early History of Macau", Rolf Dieter Cremer (coord.), *Macau. City of Commerce and Culture*, Hong-Kong, API Press, p. 7-21.

Radulet, Carmen (1994), "CÃO, Diogo", Luís de Albuquerque (coord.), *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, 2 Volumes, Lisboa, Círculo de Leitores, p. 192-194.

Teixeira, Manuel (1971), "Macau" [verbete], *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Vol.12, Lisboa, Editorial Verbo, p. 860-862.

Teixeira, Manuel (1991, 1987), "The Church in Macau", Rolf Dieter Cremer (coord.), *Macau. City of Commerce and Culture*, Hong-Kong, API Press, p. 39-49.

Willis, Clive (2002), *China and Macau*, Aldershot, Ashgate.

Iconography and Filmography:

Baluarte da Muralha, *Fortaleza de Bom-Parto, Forte de Sº Pedro e Fortaleza de Sº Francisco*. Planta aguarelada, autor desconhecido, s.d. (século XVIII). [em linha] http://macauantigo.blogspot.pt/2012_11_01_archive.html. Acedido a 25 de Agosto de 2015.

Esboço da planta da cidade de S. Paulo de Loanda / Edição especial da Empreza de publicidade "Angola" Lda. [ca. 1926]. Biblioteca Nacional de Portugal. Cota: CC.326 A. [em linha] http://purl.pt/3484. Acedido a 29 de Abril de 2015.

Fortaleza de Nª Srª da Guia. Planta aguarelada, autor desconhecido, s.d. (século XVIII). [em linha] fortalezas.org, http://fortalezas.org/?ct=fortaleza&id_fortaleza=1031. Acedido a 25 de Agosto de 2015.

Fortaleza de S. Iago da Barra. Planta aguarelada, autor desconhecido, s.d. (século XVIII). [em linha] fortalezas.org, http://fortalezas.org/?ct=fortaleza&id_fortaleza=1313. Acedido a 25 de Agosto de 2015.

Fortaleza do Monte. Planta aguarelada, autor desconhecido, s.d. (século XVIII). [em linha] fortalezas.org, http://fortalezas.org/midias/jpg_originais/01032_003778.jpg. Acedido a 25 de Agosto de 2015.

Baixo-relevo executado em 1848 sobre rochedo situado no templo de Lin-Fôn-Miu. Arquivo Rui Leão (2015)?

Prespectiva da Cidade de S. Paulo de Loanda no Reino de Angola. Biblioteca Nacional de Portugal. Cota: HG-7549-19/A. [em linha] http://purl.pt/3884. Acedido a 29 de Abril de 2015.

The Lady from Shanghai (1947), Realização Orson Welles, Los Angeles, Columbia Pictures, 1 DVD.

Vista do Porto Exterior de Macau (Baía da Praia Grande). Chinese School of the 19th. Century. Oil on canvas. 42 x 80,5 cm. "Veritas Art Auctioneers. Sale 48 Catalogue". Dolores Segrelles (dir.). Lisboa, 2015, p. 21.

< Casablanca. Fonte: Avermaete e Casciato, 2014

Beatriz Serrazina
Estudante de Doutoramento em Patrimónios de Influência Portuguesa, Universidade de Coimbra. Artigo retirado da dissertação "Utopia moderna em África: o Bairro Prenda na Luanda do Futuro", defendida na Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa, 8 de Janeiro 2016.

Ventos do norte de África A relação entre Simões de Carvalho, Candilis, Woods e o Team X

Introdução

Construídos em semi-duplex, os blocos colectivos do Bairro Prenda (Luanda, 1963) constituíram uma solução de distribuição espacial até então desconhecida nos trópicos portugueses. Como revelou recentemente Fernão Lopes Simões de Carvalho, a inspiração surgiu dos ensaios norte africanos de George Candilis e Shadrach Woods (Silva, 2015). Como ponto de partida nesta conexão, procura-se fazer uma reflexão sobre a relação entre o arquitecto português e experiências de habitação exógenas ao contexto lusófono.

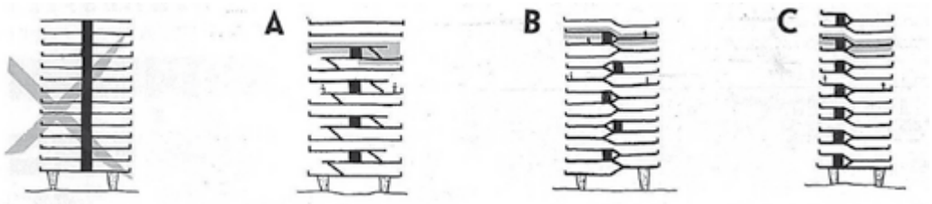
Os contornos da paradigmática unidade de vizinhança tornam-se mais densos através das ligações com os projectos pós-coloniais desenvolvidos em Casablanca, um verdadeiro "modelo didáctico" explorado por elementos do "contextualista" Team X. As afinidades, para além de acentuarem a perspectiva "humanista" de Simões de Carvalho, sublinham uma maior distância a Le Corbusier e reforçam o Prenda como obra ímpar, fruto de múltiplas e imbricadas ideias.

O Semi-duplex de Candilis e Woods

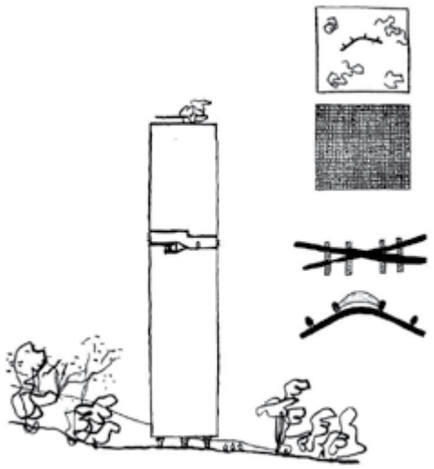
A disposição em semi-duplex surge como uma opção "inovadora" na Luanda dos anos 1960, no desenho de Simões de Carvalho para os blocos colectivos do Bairro Prenda. No interior dos apartamentos sente-se uma brisa constante, resultante de uma ventilação transversal exemplar e por todos elogiada, que permite dispensar a utilização de aparelhos de ar condicionado – hoje transformados em "cartão postal" da cidade.

Contudo, o arquitecto português não colhe para si a concepção deste sistema: uma vez chegado "*à conclusão que se fizesse em duplex não conseguia a ventilação tão perfeita, porque lá* [em Luanda] *o clima é diferente, e precisava de uma ventilação transversal perfeita*", recorda o trabalho de Candilis e Woods, que "*tinham sido colaboradores do Corbusier* [e] *já tinham feito unidades ou edifícios de habitação em semi-duplex*" (Carvalho in Silva, 2015: 176).

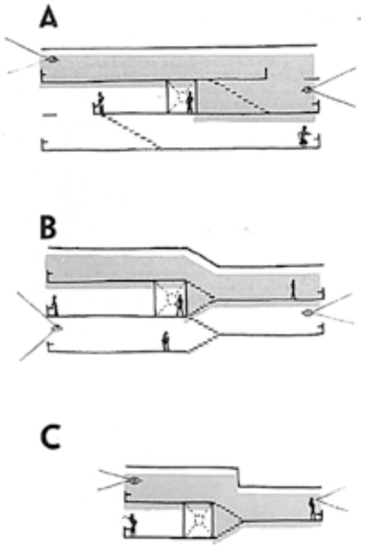
A conexão mais directa entre os três arquitectos será justamente o atelier do notável urbanista do século XX, onde todos trabalharam, ainda que em períodos diferentes. Candilis e Woods colaboram juntos na *Unité de Marseille*, entre 1945 e 1952, enquanto o arquitecto português chega apenas em 1956 ao atelier de André Wogenscky, colaborador próximo de Le Corbusier, e trabalha na posterior *Unité de Berlim*, estudando, para tal, de forma aprofundada, o ensaio de Marselha de maneira a garantir a sua admissão. Quando Simões de Carvalho



Duplex e semi-duplex: estudos e comparações.
Fonte: *L'Architecture d'aujourdh'hui*, n.º 46, 1953, p. 87]



Hotel Quitandinha, Oscar Niemeyer, 1950.
Fonte: Fundação Oscar Niemeyer



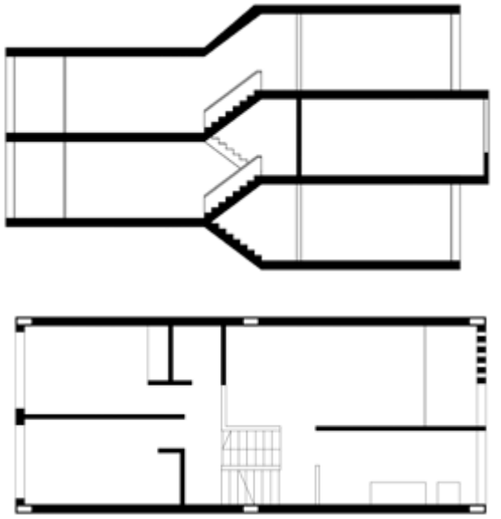
A comparação entre o duplex de Le Corbusier (A), o semi-duplex de Niemeyer (B) e a solução optimizada de Candilis e Woods (C).
Fonte: *L'Architecture d'Aujourdh'hui*, n.º 46, 1953, p. 87

inicia a sua colaboração, já os dois colegas haviam partido para Casablanca, tomando posição como membros da ATBAT[1] – e é esta experiência, "*no norte de África*" (Carvalho in Silva, 2015: 176), que o arquitecto vai resgatar para o seu desenho na capital angolana.

Apesar do desencontro, não seria difícil o contacto com as experiências africanas de Candilis e Woods. Logo em Fevereiro de 1953, publicam "*Contribuition française à l'evolution de l'architecture*" na aclamada *L'Architecture d'aujourd'hui*. Através de um estudo teórico sobre o semi-duplex como solução para "fora da metrópole" (Candilis e Woods, 1953: 87), analisam "analogias e diferenças" entre duas concepções: o duplex corbusiano de Marselha e o semi-duplex de Oscar Niemeyer no Edifício Matuá, em Petrópolis. No bloco Matuá, também conhecido como Hotel Quitandinha, construído em 1950, o arquitecto de Brasília projecta um edifício único que reúne três tipologias habitacionais distintas, inúmeras lojas e variados serviços, que se organizam em semi-duplex com corredor central. A afinidade com um "nativo tropical" valida a escolha na procura de ventilação transversal óptima e a economia na construção, ambos requisitos obrigatórios e imprescindíveis em latitudes quentes e densamente habitadas.

Plantas, cortes e visualizações tridimensionais são apresentados - e as semelhanças que o Prenda revela confirmam a "inspiração"

1. O *Atelier des Bâtisseurs* (ATBAT) foi fundado em 1947 por Le Corbusier, Vladimir Bodiansky, André Wogenscky, Marcel Py e Jacques Lefèbvre. Com o objectivo inicial de apoiar a construção da *Unité* de Marselha, o ATBAT funcionou como um centro de pesquisa, no qual arquitectos, engenheiros e técnicos podiam trabalhar de forma interdisciplinar. Posteriormente, como "sequela", surgiu o ATBAT-África, direccionado para a habitação pós colonial que surgia nas antigas colónias francesas e onde Candilis e Woods assumiram funções importantes.



Edifício tipo A, Unidade de Vizinhança n.º 1 do Bairro Prenda, planta e corte do semi-duplex, 1963-65.
Redesenho: Beatriz Serrazina

de Simões de Carvalho. Com acesso através de uma "rua interior", os apartamentos desenvolvem-se em dois níveis, onde as funções "reunir-se" e "isolar-se" são "nitidamente" diferenciadas (Candilis e Woods, 1953: 89).

Para lá dos vários artigos publicados[2] sobre este "modelo didáctico" (Von Osten, 2009), que permitiam por si uma difusão larga destas reflexões, também Robert Auzelle, professor na Sorbonne, apresentaria estes projectos para Casablanca como caso de estudo na sua *Enciclopédia de Urbanismo*[3].

Num reforço do "urbanismo humanista" partilhado entre ambos (Milheiro, 2012), aumentava também a distância em relação a Le Corbusier. Os "*planos de fachada*" [apesar de] "*planos belos, planos monumentais*" [mostravam-se] "sociologicamente sem aceitação" (Carvalho in Gama, 2013: 363), conforme a crítica de Woods:

> "*Num complexo urbano, a ideia de um plano de massa como um independente e plástico arranjo não corresponde ao axioma básico de que toda a extensão para a cidade é uma extensão da cidade.* (...) *Parece claro que agrupamentos estéticos, monumentais ou simbólicos, na tradição da* La Grande Architecture*, deixam de fora demasiados factores da ecologia humana. São uma ferramenta errada para o trabalho.*" (Woods, 1960: 181, tradução nossa)[4]

Casablanca como modelo didáctico

Em Casablanca, Candilis e Woods testam as suas conclusões na "cité" de Michel Écochard[5], concebida como "*uma complexa realidade socio-espacial, ao contrário do anterior planeamento moderno*". Em estreita correspondência com a Unidade de Vizinhança nº1, cada bairro é "*desenhado para encorajar*

2. Em Outubro de 1953, Candilis assina "L'habitat individuelle minimum", também na AA, numa edição dedicada à habitação (***L'Architecture d'Aujourd hui***, nº 49, p. 1-2). No ano seguinte, sob o título "L'esprit du plan de masse de l'habitat", o arquitecto volta a publicar na mesma revista (***L'Architecture d'Aujourd hui***, nº 53, p. 1-7).
3. Com Ivan Jankovic, Robert Auzelle publica os três volumes da ***Encyclopédie de l'Urbanisme: ouvrage international pour l'enseignement et la pratique de l'aménagement du territoire, de l'urbanisme et de l'architecture*** entre 1952 e 1963.
4. Tradução nossa. "In an urban complex the idea of plan masse as an independent, plastic arrangement does not correspond to the basic axiom that every extension to the city is an extension of the city (...). It seems clear then that the aesthetic, monumental or symbolic grouping of cells (hence, of families), in the tradition of La Grande Architecture, leaves out too many factors of human ecology. It is the wrong tool for the job."
5. Michel Ecochard (1905-85), arquitecto francês, foi director do Departamento de Planeamento Urbano de Marrocos (1946-52), onde desenvolveu o enorme programa de urbanização para Casablanca.

Habitações Europeias em Marrocos, ATBAT-África, Junho 1953. Fonte: tranculturalmodernism.org

uma atmosfera comunitária entre os vizinhos", através da "*disposição intrincada de pracetas*" (Avermaete, 2014: 258).

Junto a enormes bairros de moradias térreas - a *Cité Horizontale* -, são colocados blocos de habitação experimental - a *Cité Verticale* -, que "*sintetizam os estudos da realidade da* biddonville *numa abordagem modernista ao planeamento*" (Von Osten, 2009). O principal objectivo desta união seria "*transformar Casablanca numa metrópole policêntrica*": enquanto a *cidade horizontal* se dividia em lotes onde se projectaram moradias de três quartos em torno de um pátio, a *cidade vertical* procurava "*acomodar os costumes e hábitos dos habitantes que chegavam do campo e das montanhas*" (Avermaete, 2014: 274) através da sua recriação em altura, em simetria com o que seria simulado nos blocos colectivos do Prenda.

Para além das análises à geografia, geologia e clima, incluía-se também no projecto de Candilis e Woods o estudo das culturas locais, práticas quotidianas e memórias e vontades colectivas, do mesmo modo que Simões de Carvalho sempre defendeu: a sua arquitectura é influenciada "*pela topografia, pelo terreno, pela exposição solar, pelas vistas e pelos hábitos da população e pelo modo de construir e materiais existentes no sítio*" (Milheiro e Fiúza, 2013: 8).

Recordamos ainda a área destinada aos habitantes "economicamente débeis", que o arquitecto localiza no topo da unidade de vizinhança. Esta parcela (nunca realizada) seria desenhada com a população local, configurando um caso de arquitectura participada, com respeito pelos costumes populares e atenção à vida quotidiana existente - tal como Casablanca prometia:

"O novo mundo urbano não é um deserto. Está cheio de antigas coisa urbanas, estruturas, sistemas e atitudes. Para fazer novo, precisamos de ver..." (Woods, 1975: 107; tradução nossa)

Casablanca. Fonte: W. Newberry, Architect's Journal

Semelhanças com Toulouse Le Mirail

Ampliando os pontos de sobreposição, Toulouse Le Mirail (1961), um plano para a expansão de Toulouse projectada por Candillis, Woods e Josics, defensores de uma prática humanista e contextualista, em resposta ao fluxo de imigrantes que chegava àquela zona francesa, dialoga com o Bairro CTT (1969) que Simões de Carvalho propõe também para Luanda. Apesar de contemporâneo do Prenda, Le Mirail reflecte-se mais tarde no traço do arquitecto, evidenciando o tempo de assimilação de ideias que demoram a amadurecer.

Na *grande essemble* francesa, "*a fragmentação das torres* (...) *em blocos isolados é abandonada em favor de um contínuo construído que acompanha a rua e se vai ramificando e repetindo em ramificações hexagonais*", criando um sistema complexo que "*procura organizações espaciais diferentes*" (Lamas, 2000: 404). Numa expressiva semelhança formal, também na concepção do bairro para os funcionários do serviço postal luandense são visíveis as geometrias mais orgânicas que acompanham as vias, em detrimento das formas puramente rectangulares.

Por outro lado, o trio propõe uma "rua comercial" como eixo de ligação principal, num combate directo ao automóvel (Candilis, 1976), que Simões de Carvalho também delega para segundo plano, ainda que através da adopção do sistema 7V corbusiano (desde logo presente no bairro Prenda):

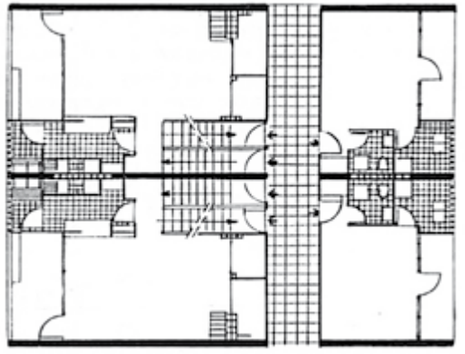
> "*Nós tentámos reconciliar as escalas de velocidade do automóvel e do peão e descobrimos que estas velocidades, em linguagem geométrica, não são suplementares mas complementares, não são paralelas mas perpendiculares.*" (Woods, s.d.; tradução nossa)

Conclusões: as afinidades com o Team X

Todas estas vincadas convergências sugerem um (re)conhecimento das ideias do Team X na obra de Simões de Carvalho. No Bairro Prenda, na procura da "utopia

Toulouse Le Mirail, Candilis-Josic-Woods, 1961-71. Fonte: urban-networks.pt

do presente" (Smithson, 1974), revêem-se, para além das ideias de Candilis e Woods, as "streets is the air" do casal Smithson, a "arquitectura de participação" de Giancarlo di Carlo, os "Otterlo circles" de Aldo van Eyck - numa arquitectura "de nós, para nós" -, ou ainda as experiências de habitação na Holanda de Jaap Bakema, também sobre as potencialidades do semi-duplex. Mais ainda, o "carácter brutalista" dos edifícios (Milheiro e Fiúza, 2012) remete para um universo que ultrapassa a estética do *betón brut* e evoca a ética de um "melhor habitat" (Banham, 1966: 130).



Semi-duplex: plano ao nível da rua interior.
Fonte: *L'Architecture d'Aujourd'hui*, n.º 49, Outubro 1953, p. 2

A afinidade com aqueles que se assumem como críticos "internos" de Le Corbusier, - numa "mudança fundamental de perspectiva na arquitectura" (Avermaete, 2006: 23) -, corrobora de forma expressiva a procura de uma prática projectual "contextualista", presente nas convicções e traços de Simões de Carvalho, atento às práticas e pensamentos internacionais.

Por outro lado, enquadra o arquitecto numa "terceira geração"[6] que teve como principal desafio a "*conciliação da vontade de continuidade das propostas dos mestres do Movimento Moderno,* [e] *ao mesmo tempo, o impulso de uma necessária renovação*" (Montaner, 2001: 36). Esta "terceira via do moderno", com "perspectivas para um regionalismo crítico", como Frampton anunciou, baseava-se numa autenticidade com dois aspectos: a "consciência do lugar" e a capacidade de "*condensar o potencial artísticos da região e ao mesmo tempo, de reinterpretar as influências culturais vindas de fora.*" (Freitas, 2011: 34)

6. Para Josep Maria Montaner (2001), as figuras da modernidade podem agrupar-se em quatro gerações: a primeira (Le Corbusier, Gropius, Mies van der Rohe), "dos protagonistas", nascidos por volta de 1885 e com projectos a partir de 1910, a segunda (Aalto, Niemeyer, Fuller), de "discípulos dos seus mestres", nascidos em 1900 e com obra nos anos 30, a terceira (Candilis, Wongensky, Josic, Woods, Smithsons), nascida em 1915 e com actividade a partir de 1945-50 - e onde se situa Simões de Carvalho -, e a quarta (Venturi, Rossi, Siza), com espaço destacado nos anos 60.

Desta forma, tornam-se válidas as reflexões para lá do espectro português, numa partilha cada vez mais global. Nesta matriz mais vasta, as inúmeras experiências pós-colonialis possibilitam trocas de aprendizagem em processos semelhantes, enriquecendo-os. Afinal, apesar de (aparentemente) figurar no território como um "*ilha isolada*" (Tostões, 2014: 176) o Bairro Prenda procura estabelecer inúmeras pontes com o exterior, reforçando o seu carácter de "*obra pioneira e exemplar*" (Milheiro, 2012: 212), na "Luanda do futuro". (Carvalho in Milheiro, 2012: 218)

Referências

Avermaete, Tom (2006), *Another Modern: The Post-War Architecture and Urbanism of Candilis-Josic-Woods*, Roterdão, NAi Publishers.

Avermaete, Tom; Casciato, Maristella (2014), *Casablanca Chandigarh: A Report on Modernization*, Canadian Centre for Architecture, Park Books.

Banham, Reyner (1966), *The new brutalism: ethic or aesthetic?,* Londres, Architectural Press.

Candilis, George; Woods, Shadrach (1953), "Contribuition française à l'evolution de l'architecture", *L'Architecture d'aujourd'hui*, n. 46, Fevereiro, p. 87-89.

Candilis, George (1953), "Habitations: L'habitat individuelle minimum", *L'Architecture d'aujourd'hui*, n. 49, Outubro, p. 1-2.

Candilis, George (1954), "L'esprit du plan de masse de l'habitat", *L'Architecture d'aujourd'hui*, n. 57, Dezembro, p. 1-7.

Freitas, Ricardo Caetano (2011), "Tectónica e Técnica em Projecto e Construção do Habitar", *Africana Studia*, n. 16, p. 33-38.

Lamas, José M. Ressano Garcia (2000), *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*, Lisboa, FCT.

Milheiro, Ana Vaz (2012), *Nos trópicos sem Le Corbusier: arquitectura Luso-africana no Estado Novo*, Lisboa, Relógio d'Água.

Milheiro, Ana Vaz; Fiúza, Filipa (2013), "Uma experiência 'brutalista' nos Trópicos: o bairro Prenda (Luanda, década de 1960)", *X Seminário Docomomo Brasil, Arquitetura Moderna e Internacional: conexões brutalistas 1955-75*, Curitiba, Brasil, [em linha] http://www.docomomo.org.br/seminario%2010%20pdfs/OBR_31.pdf.

Montaner, Josep Maria (2001), *Depois do Movimento Moderno*, Barcelona, Gustavo Gilli.

Papillaut, Rémi (s.d.), *Le Team X, les bâtiments et les théories qui les font naître Toulouse-le Mirail et la cellule de l'habitat*, [em linha] http://atelier-rp.org/post/2009/05/team-X.

Silva, Fredson Victor Cruz (2015), *Blocos residenciais modernos da unidade de vizinhança nº1 do Bairro de Prenda em Luanda: morfologia e tipologia na torre de 12 pisos,* [Tese de Mestrado], Lisboa, Universidade Lusíada.

Tostões, Ana (ed., 2013), *Arquitectura Moderna em África: Angola e Moçambique*, Casal de Cambra, Caleidoscópio.

Smithson, Alison (1968), *Team 10 Primer*, Cambridge – Mass., London, MIT Press, 1974.

Woods, Shadrach (1960), "Stem", *Architectural Design*, n.5, Maio, p. 181.

Woods, Shadrach (1975), *The Man in the Street: A Polemic on Urbanism*, Londres, Penguin Books.

Juliana Guedes
Investigadora do projecto. Apresentação no Seminário Internacional Optimistic Suburbia - Large Housing complexes for the middle-class beyond Europe, no âmbito da sessão temática 2, Re-territorialização metropolitana. A expansão urbana e os grandes complexos habitacionais, ISCTE-IUL, Lisboa, 21 de Maio de 2015.

A Cidade do Kilamba
Expansão Metropolitana de Luanda

Introdução

A República de Angola, ex-colónia de Portugal, conquistou sua independência em 1975 e, logo a seguir, entrou em uma guerra civil recorrente da disputa pelo poder do Estado autônomo, que durou até 2002. Os 27 anos de conflito produziram estagnação no desenvolvimento do país e comprometeram sua capacidade de produção e de investimento.

Com o fim da guerra, o Governo de Angola criou políticas de reconstrução e desenvolvimento com o intuito de reordenar e regulamentar o território e de reduzir o deficit habitacional presente em todos os níveis sociais, buscando assim um futuro com mais condições de habitabilidade para a população.

Os primeiros dez anos de atividades do Estado independente, depois de estabelecida a paz, foram profundamente relevantes para a construção do que seria o país adiante e culminaram com as primeiras eleições presidenciais diretas em Agosto de 2012. Foi neste período que se definiram as novas estratégias de intervenção e que Angola teve sua mais intensa produção arquitetónica e urbana.

Luanda, capital do país, foi a cidade que mais alterações sofreu na sua estrutura urbana durante a guerra, pois recebeu migrantes de todas as outras províncias, gerando um aumento significativo da sua densidade populacional. Sua atual morfologia é resultado de um processo histórico que reflete desigualdades sociais materializadas em territórios segregados no interior do tecido urbano e que se expandem para além dos limites da cidade formal. Problemas de infraestrutura, ocupação irregular, carência habitacional e falta de planeamento são realidades que influenciam a qualidade do ambiente construído.

Contemplada com vários programas de investimento público e privado, a cidade viveu uma década de um acelerado processo de urbanização, gerando intensa expansão do seu caráter metropolitano e modificando suas interligações urbanas.

Como parte dos programas do Governo, para diminuir o *deficit* habitacional em toda a província, foi planeada a Cidade do Kilamba, no município de Belas, que se tornou o mais representativo projeto executado pelo governo dentro do Programa Nacional de Urbanismo e Habitação (PNUH) e serviu como modelo de reprodução em diversas outras províncias do país. Isto, não apenas devido à sua grande dimensão (cerca de 82.000 fogos), mas também ao impacto que causou na região metropolitana e nos fluxos e interligações com o centro de Luanda.

< Modelo de Escola Secundária [pormenor]. Fonte: Caderno de lançamento do empreendimento, 2008 - CITIC Construction, fornecido pelo IPGUL - Instituto de Planeamento e Gestão Urbana de Luanda(detail). Source: Carita, 1998

A análise do caso do Kilamba representa um recorte espacial/temporal no estudo da evolução urbana de Luanda no século XXI, cuja complexidade vai muito além das políticas habitacionais do Governo. No entanto, permite melhor compreender de que forma foram concebidos e desenvolvidos os modelos de intervenção e serve como ponto de partida para o entendimento do processo de crescimento da região metropolitana.

Expansão Urbana de Luanda

A urbanização acelerada, fenómeno comum nas cidades contemporâneas, produz espaços que não comportam o fluxo de pessoas e equipamentos, havendo, então, a necessidade de "desdensificação", ou seja, de se expandir o território urbano com melhor partilha e uso dos espaços (Motta, 2004). É compreensível que dentro das áreas consolidadas existam reduzidas zonas de expansão, levando a cidade para fora do seu limite formal e aumentando a dimensão da mancha que contorna as regiões metropolitanas.

As deslocações no território têm, em muitos casos, como principal meio impulsionador a oferta de habitação, quase sempre direcionada às populações de baixa renda. Deste modo, o discurso sobre as cidades contemporâneas e sua forma de planeamento se torna intimamente ligado aos bairros periféricos de habitação social e aos grandes conjuntos habitacionais construídos como soluções para os problemas urbanos.

Não fugindo à lógica recorrente, a expansão da região metropolitana de Luanda se concretizou através de políticas públicas voltadas para a redução do *deficit* habitacional e para a redução da pressão do centro formal da cidade.

A capital, por ter sofrido menos com o conflito armado, recebeu o maior número de refugiados de guerra e sofreu um processo de deterioração urbana, consequência da densificação demográfica, da afluência de mão-de-obra não qualificada, da insuficiência de equipamentos coletivos e do crescimento informal das zonas urbanas e periurbanas.

Sua urbanização, a partir daí, ocorreu sob a égide de um modelo de desenvolvimento não planeado, exclusivo (que basicamente privou a população de condições mínimas de urbanidade e de inserção efetiva nas cidades) e centralizador (em que, estimadamente, 30% da população urbana passou a viver em municípios fronteiriços à capital; INE, 2007).

Como resultado, instalou-se um sistema desequilibrado, com grande pressão populacional nas áreas da cidade ainda dotadas de alguma infraestrutura. A escassez de condições de habitabilidade elevou os preços dos terrenos, tanto nas zonas centrais, como nas periféricas, colocando em curso uma forte especulação imobiliária.

Com a pacificação em 2002, Angola passou a viver um intenso processo de reconstrução assumido como uma das grandes prioridades nacionais. Embora a primeira fase de investimentos (até 2007) tenha sido mais voltada para as infraestruturas, é impossível dissociar a evolução do país, especialmente na primeira década do pós-guerra, do crescimento no setor da construção civil que, impulsionado pela carência da habitação, teve como objetivo encontrar soluções para os problemas urbanos dentro dos diferentes níveis socioeconômicos da população.

Como especificado pelo Ministério do Urbanismo e Construção (APIMA, 2010): os objetivos globais da política habitacional pressupõem, dentre outros aspetos econômicos, a geração de empregos fortalecida pela construção civil, o desenvolvimento das infraestruturas básicas, a conjugação de esforços e a articulação das intervenções no domínio do ordenamento do território. A opção estratégica é a do desenvolvimento gradual de um mercado imobiliário, no qual o Estado exerce a função de cuidar das infraestruturas básicas; da habitação; dos equipamentos sociais (saúde e educação); e o de promover um ambiente de mercado imobiliário concorrencial.

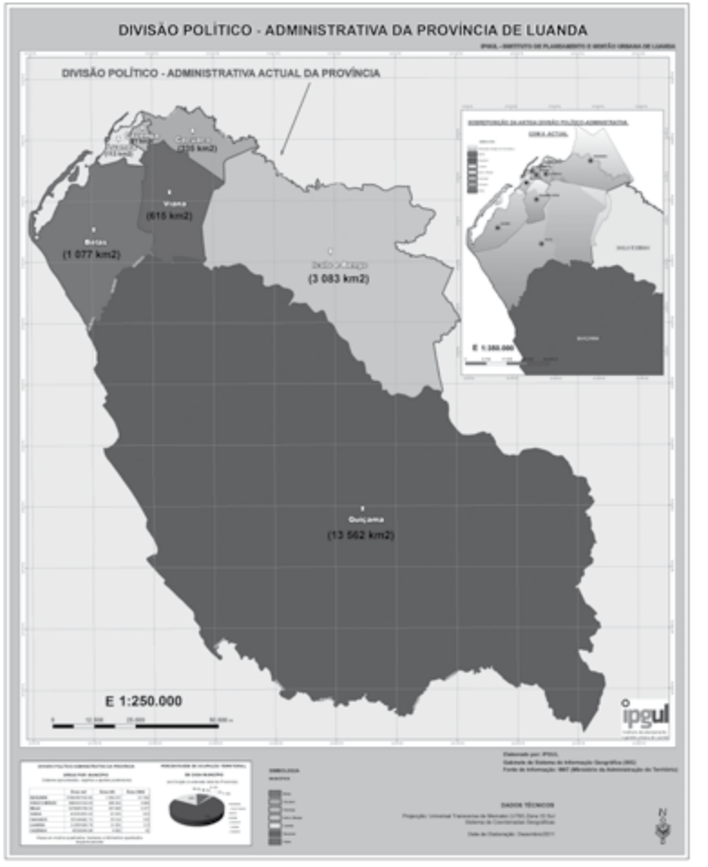
Em Setembro de 2008 foi anunciado pelo Chefe de estado, José Eduardo dos Santos, o Programa Nacional de Urbanismo e Habitação (PNUH), cuja principal meta era a construção de 1 milhão de casas destinadas à população de baixa e média renda até o ano de 2012, em uma combinação de investimentos públicos e público-privados. O então Presidente da Ordem dos Arquitetos de Angola, António Gameiro, apresenta como principais desafios do programa: mobilizar e fazer intervir as instituições públicas e os agentes privados afins, bem como a sociedade em geral, no sentido da participação activa e sustentada na materialização das políticas e estratégias públicas

nos domínios do urbanismo e habitação para, no horizonte de 2009-2012, contribuírem no esforço de redução gradual do enorme *deficit* habitacional (estimado em 1.700.000 em 2008), almejando a justiça social e bem-estar dos angolanos (CDI, 2011).

Contemplada com grande parte dos investimentos relacionados ao Programa, a província de Luanda viveu um acelerado processo de urbanização e assistiu a uma expansão intensa do seu caráter metropolitano, sendo considerada, no ápice do período, um dos lugares do mundo em maior transformação urbana.

Como forma de reorganizar e atender às novas necessidades advindas de tantas mudanças, foi necessário rever o limite das fronteiras e alterar a divisão político-administrativa da província. Foi aprovada em 27 de Julho de 2011, pela Assembleia Nacional, a Lei sobre a Alteração da Divisão Político-Administrativa das províncias de Luanda e Bengo, com a sua área alargada, e passando a contar com sete municípios: Cacuaco; Belas; Cazenga; Icolo e Bengo; Luanda; Quissama e Viana, subdivididos em 47 comunas.

Uma das principais ações implementadas pelo PNUH foi a criação das chamadas Centralidades. O termo passou a designar as áreas de expansão territorial nas zonas periurbanas das cidades. Seu conceito pretendeu ser uma ação mais ampla com relação aos projetos implementados até então, uma vez que se agregou ao espaço de habitar outros



Divisão Político-Administrativa da Província de Luanda.
Fonte: IPGUL - Instituto de Planeamento e Gestão Urbana de Luanda, 2011

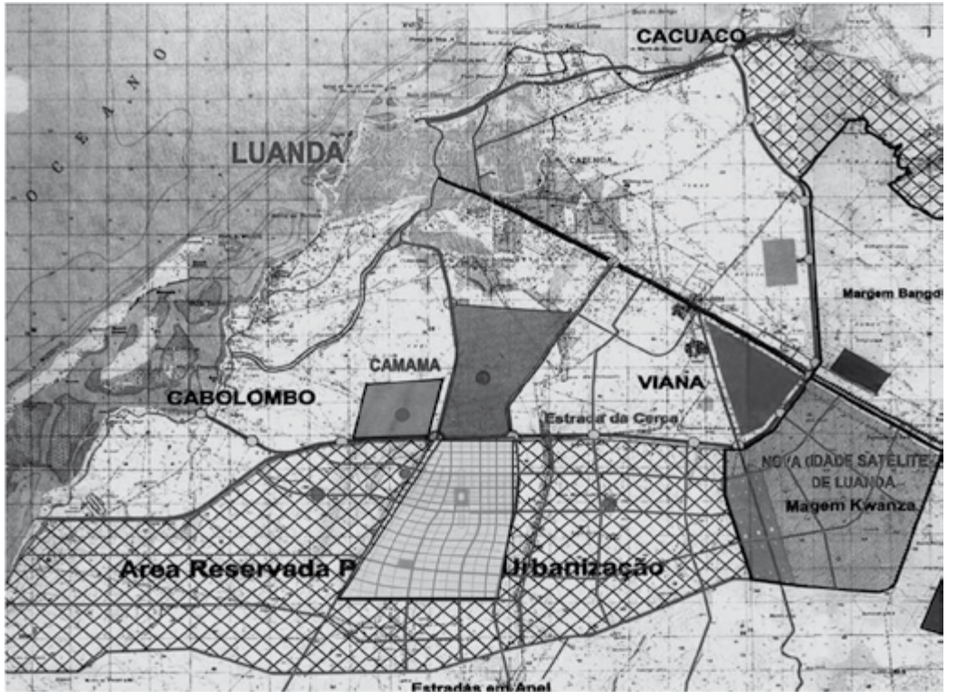
equipamentos sociais, urbanos e de serviços públicos e definiu uma nova municipalidade cuja gestão administrativa seria independente da cidade capital.

No caso da província de Luanda, as principais centralidades desenvolvidas dentro do PNUH são Cacuaco, Zango (no município de Viana) e Kilamba (no município de Belas), todas localizadas no limite da nova linha de expansão delimitada pela Via Expressa (via inaugurada em 2010 que liga Benfica ao Cacuaco, antiga Estrada da Cerca).

É relevante ressaltar que, embora a identificação das áreas destinadas às centralidades tenha sido feita no início dos anos 2000, a linha de expansão suburbana de Luanda, já estava demarcada desde o período colonial por uma área de proteção militar, limítrofe à Estrada da Cerca.

A definição da localização das novas centralidades demostra uma intenção de expandir a zona metropolitana de modo radial em relação ao centro histórico e evidencia a influência que a habitação exerce sobre o posicionamento das deslocações territoriais em Luanda.

Não é a primeira vez na história da evolução da cidade que a oferta de habitação destinada à classe média define a linha de expansão metropolitana. Entre 1963 e 1965, o arquiteto Fernão Lopes Simões de Carvalho, então responsável pelo Gabinete de Urbanização da Câmara Municipal de Luanda, produziu um plano para novas áreas de expansão de Luanda, através do conceito de Unidades de Vizinhança. A Unidade de Vizinhança nº 1 do Prenda (Fiúza e Milheiro, 2015) foi a primeira a ser implementada e a mais concretizada de entre as várias Unidades projetadas. Embora o plano de Simões de Carvalho não tenha sido executado em sua totalidade, teve significante influência no desenvolvimento da cidade a partir de então e se tornou um dos objetos fundamentais do estudo da evolução urbana de Luanda no século XX.



Mapa do panejamento regional e localização da nova cidade do Kilamba.
Fonte: Caderno de lançamento do empreendimento, 2008 - CITIC Construction, fornecido pelo IPGUL - Instituto de Planeamento e Gestão Urbana de Luanda

A centralidade do Kilamba é a mais representativa de todas as intervenções realizadas no âmbito das políticas habitacionais e de expansão para a zona metropolitana, no pós-guerra. Destinado à população de classe média, é o primeiro e o maior projeto implementado pelo governo angolano concebido sob as novas estratégias de desenvolvimento e serviu como modelo de reprodução para todo o país. Neste sentido, assim como no caso do Prenda, a análise do seu processo de planeamento e execução pode ser um importante mecanismo de auxílio na compreensão dos fundamentos das estratégias de desenvolvimento territorial do Governo e, mais especificamente, para o entendimento da evolução urbana de Luanda no século XXI.

Como enfatiza Macedo (2008), perceber Luanda é acompanhar diferentes contextos a partir dos quais ela se formou: desde uma conceituação da cidade africana (anterior à colonização), passando pela cidade portuguesa no além-mar e pela cidade colonizada (pensadas no contexto da situação colonial), até chegar à cidade reafricanizada (que emerge dos processos de libertação nacional).

A Cidade do Kilamba

A criação das centralidades foi fruto, não só de uma intenção de aumento do parque habitacional mas, de uma decisão política importante para as estratégias eleitorais de 2012. A intenção era dar início ao programa na capital e expandir a experiência para outros territórios do país, fazendo deste um modelo de reprodução. Desencadeou-se então, em quase todas as províncias, um processo de identificação de reservas fundiárias destinadas ao surgimento de novas urbanizações.

No caso de Luanda, a escolha do terreno se deu, como fator principal, pela necessidade de evitar gastos com expropriações e indenizações que pudessem inviabilizar o projeto, escolhendo-se assim uma zona habitada basicamente por camponeses de subsistência que não albergava grandes construções existentes. Por outro lado, a necessidade de vias de deslocação "rápidas" para o centro de Luanda obrigaria as centralidades estarem conectadas à Via Expressa.

Com uma área de 5.400 hectares, a cidade de Kilamba se localiza dentro do município de Belas a aproximadamente 30km de distância do centro de Luanda. Pretende acomodar, quando concluída, um total de 82.000 fogos e cerca de 150 mil habitantes. Estima-se que a carência habitacional de Luanda era de aproximadamente 60% do valor da população, ou seja cerca de 300 mil fogos (INE, 2003).

A "Centralidade do Kilamba" foi projetada com o objetivo de se consolidar uma cidade, dotada de todos os equipamentos e a infraestrutura necessários. Com autonomia administrativa ao nível municipal, responde diretamente ao Governo da Província de Luanda e sua gestão é feita por um representante apontado pelo Governador, denominado Presidente da Cidade do Kilamba. Seu processo de conceção se inicia em 2004, a primeira pedra do empreendimento foi lançada no dia 31 de Agosto de 2008 e a cidade oficialmente inaugurada a 11 de Julho de 2011 pelo Presidente da República José Eduardo dos Santos.

A operação de implementação urbanística se deu em três fases e ocupou o terreno a partir do seu eixo central em direção às margens. A primeira fase, com investimento exclusivamente público, prevista para 2011, deveria concluir cerca de 20.000 apartamentos em edifícios de até 12 pisos e grande parte dos equipamentos e infraestruturas necessários para seu funcionamento, em uma área de aproximadamente 10km^2. A segunda fase, com investimento público-privado, contava com mais 10.800 fogos divididos entre apartamentos e moradias unifamiliares, prevista até 2016. A terceira fase, de investimento exclusivamente privado, se destinava à construção das grandes áreas habitacionais e dos grandes serviços e foi apresentado sem cronograma oficial.

Embora a primeira fase tenha sido entregue quase que em sua totalidade dentro do prazo, a segunda fase de desenvolvimento não avançou como previsto. A crise económica instalada em Angola devido à queda do preço do petróleo a partir de 2014, pode ser apontada como um dos principais fatores que definiram a paralisação do setor na construção civil nos últimos dois anos.

A fase já implementada conta com 710 edifícios de apartamentos, 246 lojas, 24 jardins de infância, 9 escolas primárias e 8 secundárias, um hospital, 12 centros de saúde, espaços desportivos, vias de acessibilidade, um parque e outros elementos infraestruturais. Já estão em funcionamento estações elétricas que alimentam a Cidade do Kilamba, uma Estação

Vista das quadras e edifícios.
Fonte: Imagens fornecidas pelo IPGUL - Instituto de Planeamento e Gestão Urbana de Luanda, 2011

de Tratamento de Água (ETA), com capacidade para 40.000m³ de água/dia, e uma estação de captação de água no rio Kwanza (a 20km) (Jornal de Angola, 2011).

Ao lado das zonas residenciais foram reservados espaços para o investimento privado, com vista à edificação de edifícios de escritórios, e pequenos centros comerciais. O eixo central abriga os equipamentos privados e comerciais de grande porte. Dividiu-se o espaço em zonas para blocos habitacionais que o caderno de lançamento do empreendimento denomina de "quadras e super quadras". Em suas extremidades estão instalados os edifícios mais baixos, de 4 pisos e sem elevadores, e no centro os mais altos, de até 12 pisos. As tipologias das unidades varia entre: T3 de 110m² (50% das unidades); T3+1 de 120m² (30% da unidades) e T4+1 de 150m² (20% das unidades).

No momento de lançamento do empreendimento, o preço elevado dos imóveis (entre USD 120.000,00 e USD 200.000,00) e a falta de atrativos urbanos capazes de mobilizar a população, cujo emprego estava localizado no centro da capital, tornaram o processo de ocupação lento. No entanto, a partir de 2012, a abertura de créditos bancários, por via do Fundo de Fomento Habitacional, permitiu o aumento da taxa de ocupação, hoje estimada em mais de 80% (Israel, 2014).

A questão da deslocação pendular para o centro de Luanda, devido ao fluxo casa--trabalho-casa, se manteve problemática para os moradores do Kilamba, que enfrentam congestionamentos de até três horas nos seus trajetos diários nos horários de pico.

Gênese, modelos e referências

A partir de uma parceria público-privada estabelecida entre os governos de Angola e da China, o empreendimento foi entregue à empresa CITIC Construction. Para além da

Edifício de 4 pisos.
Fonte: Arquiteto Evandro Filipe, 2012

Edifício de 12 pisos.
Fonte: Arquiteto Evandro Filipe, 2012

estratégia política, a escolha da China como executora do empreendimento se baseou na necessidade de garantir o equilíbrio entre baixo custo e curto tempo de execução. A gestão do empreendimento ficou sob responsabilidade da agência estatal Sonangol Imobiliária.

Para a conceção e a organização do Plano Diretor da Cidade criou-se uma equipe de técnicos nacionais integrados no Gabinete de Reconstrução Nacional (GRN), chefiado pelo arquiteto Hélder José, cuja principal função era dar o suporte técnico aos projetistas estrangeiros, estabelecer os termos de referência do projeto e dialogar com a construtora chinesa. A equipe técnica contava com o arquiteto Manuel Mangueira como coordenador, sendo membros mais ativos: o engenheiro civil António Flor, o engenheiro hidráulico Antas Miguel, o arquiteto Joaquim Israel (atual presidente do Kilamba) e os engenheiros Rui Vargas e Sebastião Bambas. Outros profissionais também foram convidados a participar nas reuniões do projeto de acordo com suas especificidades.

Em termos práticos a equipa produziu em 2005 o documento *The Employer´s Requirements* (Gabinete da Presidência do Kilamba, 2014), que definiu todos os critérios e parâmetros do empreendimento. Em termos mais subjetivos, esperava-se que a inter-relação entre as equipas angolana e chinesa garantisse maior proximidade com determinados costumes e apresentasse referências funcionais condizentes com a realidade local.

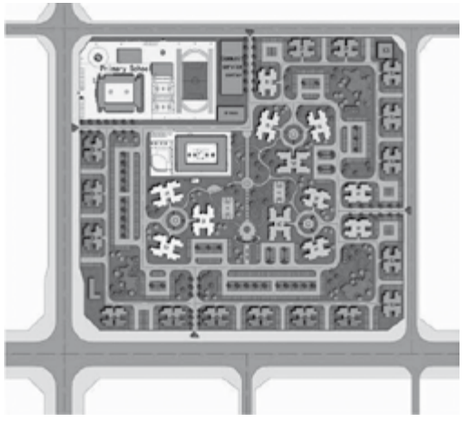
Para o melhor entendimento do que seriam os conceitos mais simbólicos do projeto, é importante apontar que tanto no documento de lançamento do empreendimento de 2008, como no discurso do Presidente do Kilamba, arquiteto Joaquim Israel em entrevista concedida à autora, aparecem de maneira recorrente as palavras moderno e tradicional. Se por um lado visam uma cidade moderna e inovadora, por outro, recorrem a modelos coloniais como forma de representatividade histórica.

Neste contexto, os técnicos chineses foram conduzidos a uma série de visitas de campo orientadas à absorverem as referências e a cultura angolanas, além de identificar sucessos e falhanços de projetos anteriores.

Viana e Cacuaco, cidades satélites originadas ainda no período colonial, embora não completamente independentes e carecendo de equipamentos urbanos e sociais, constituem os dois mais importantes polos produtivos da região metropolitana de Luanda. A partir da análise de suas experiências, a equipe de técnicos construiu a ideia de garantir, além da habitação, os mecanismos geradores de empregos, veículo principal da garantia da independência da metrópole.

O Projecto Nova Vida, implementado já no primeiro ciclo do pós independência, meados dos anos 80, a sul de Luanda, foi projetado para atender a classe média. Seu estudo conduziu a perceção de falhas, tais como: a falta do comércio de proximidade, dos equipamentos sociais, das áreas verdes e áreas comuns; a dificuldade de mobilidade pedonal por inexistência de calçadas apropriadas; má qualidade dos acabamentos das unidades e não adaptação das dimensões das áreas úteis das unidades à realidade angolana, uma vez que a média do agregado familiar em Angola é de aproximadamente seis pessoas, segundo dados apresentados pelo Instituto Nacional de Estatística em 2011. A tipologia dos edifícios em forma de H, também foi uma referência retirada diretamente da estrutura existente no Projeto Nova Vida.

No que diz respeito à estética arquitetónica dos edifícios, o caso das escolas é bastante elucidativo. Como esclarece o arquiteto Joaquim Israel, a equipe do GRN fez questão de orientar a equipe da CITIC em uma visita ao Largo das Escolas, localizado no centro da



Modelo de quadra e tipologia H.
Fonte: Caderno de lançamento do empreendimento, 2008 - CITIC Construction, fornecido pelo IPGUL - Instituto de Planeamento e Gestão Urbana de Luanda

Modelo de Escola Secundária.
Fonte: Caderno de lançamento do empreendimento, 2008 - CITIC Construction, fornecido pelo IPGUL - Instituto de Planeamento e Gestão Urbana de Luanda

cidade. A ideia era apresentar como modelo da realidade angolana as escolas ali construídas no período pré independência, segundo o arquiteto as escolas projetadas para a Cidade de Kilamba deveriam ser "*semelhantes às deixadas pelo período colonial: grandes galerias e espaços abertos*" (em entrevista à autora).

Embora exista uma aparente semelhança entre os modelos de referência e o executado, não houve estudos aprofundados sobre os projetos arquitetónicos coloniais que possam caracterizar o Kilamba como representativo dos seus sistemas construtivos. Sua referência se torna então, mais figurativa do que propriamente estrutural.

Considerações finais

Os diversos elementos que compõem a existência comum dos homens inscrevem-se em um espaço, deixam aí suas marcas. Lugar onde se manifesta a vida, o espaço é condição, meio e produto da realização da sociedade humana em toda a sua multiplicidade. O processo de reprodução do espaço é ao mesmo tempo contínuo e descontínuo apresentando profundas ruturas provocadas pela intervenção do Estado (Carlos, 2001). Se de um lado o espaço é um conceito abstrato, de outro tem uma dimensão real e concreta como lugar de realização da vida humana, que ocorre diferencialmente no tempo e no lugar, e que muitas vezes ganha materialidade por meio do território (Santos, 1996).

A análise do projeto da Cidade do Kilamba, da sua gênese e de seus modelos e referências, permite compreender melhor o modelo de evolução e expansão metropolitano de Luanda e evidencia duas questões bastante relevantes.

Embora o doloroso processo de independência tenha gerado rutura com os modelos pré existentes, o processo de (re) produção do espaço no século XXI não rompe completamente com os modelos coloniais e estes estão expressos tanto na estrutura urbana, quanto na arquitetura construída. Podemos entender essa escolha quase como uma atividade inconsciente. Se a arquitetura for considerada uma expressão física da representatividade cultural de um indivíduo ou de uma sociedade, a reprodução de um padrão já conhecido nada mais é do que a natural expressão de sua própria identidade.

A segunda questão nos demostra que as decisões políticas determinaram, não somente a estrutura macro das estratégias de intervenção, mas, também sua estrutura

micro, chegando aos detalhes de tipologia, através da escolha da empresa responsável pelo projeto. Num período com pouquíssima produção científica e escassa participação das academias no processo de decisão sobre o território, as ações de intervenção acabam por sofrer forte influência das experiências individuais dos agentes intervenientes mais diretamente do processo.

Se a expensão territorial de Luanda no século XXI começa exatamente a partir do ponto de rompimento, ou seja, da produção e do pensamento urbano deixado pelo período colonial, é compreensível assumir que, depois de anos de uma profunda estagnação no desenvolvimento e na produção de conhecimento e crítica, sua (re)produção resgatasse o conhecimento então disponível.

Referências

Governo Provincial de Angola (2012), *O Estudo do Planeamento estratégico do Desenvolvimento do Espaço urbano de Luanda.*

APIMA (2010), [em linha] http://www.apima.co.ao/doc/4_FORUM/MINIST%C3%89RIO%20URBANISMO.pdf.

CDI (2011), *Development Workshop Luanda*, Angola - Centro de Documentação e Informação, [em linha] http://dw.angonet.org/pt-pt/cedoc.

Bettencourt, Andrea Carina de Almeida (2011), *Qualificação e reabilitação de áreas urbanas críticas. Os musseques de Luanda*, [Tese de Mestrado], Lisboa, FAUTL.

Carlos, Ana Fani Alessandri (2001), "São Paulo Hoje: As contradições no Processo de Reprodução do Espaço", *Scrypta Nova*, n. 88, Maio, [em linha] http://www.ub.edu/geocrit/sn-88.htm.

Fiúza, Filipa; Milheiro, Ana Vaz (2015), "The Prenda District in Luanda: Building on Top of Colonial City", Carlos Nunes Silva (ed.) *Urban Planning in Lusophone African Countries*, Farnham, Ashgate, p. 93-100.

Gabinete da Presidência da Cidade do Kilamba, 2014.

Gameiro, António (2010), "O actual desenvolvimento urbano e habitacional em Angola", *1º CIHEL - Congresso internacional de habitação no espaço lusófono*, Proceedings, Lisboa, ISCTE – IUL / CIAAM / FAUTL/ CIAUD.

Jornal de Angola (2011), 11 de Julho de 2011.

Israel, Joaquim (Presidente do Kilamba) (2014), *Entrevista* conduzida por Juliana Guedes.

Macedo, Tereza (2008), *Luanda, cidade e literatura*, São Paulo, Editora Unesp.

Motta, Luana Dias (2004), *A Questão da Habitação no Brasil: Políticas Públicas, Conflitos Urbanos e o Direito à Cidade,* Belo Horizonte, Editora UFMG.

INE Angola (2003), *Caderno da População e Desenvolvimento, Julho de 2003*, Luanda, Instituto Nacional de Estatística de Angola.

INE Angola (2007), "Registro eleitoral de 2007", Instituto Nacional de Estatística de Angola, [em linha] http://www.ine-ao.com.

Santos, M. (1996), *A natureza do espaço: Técnica e tempo. Razão e emoção*, São Paulo, Hucitec.

Legislação

"Lei n. 29/11" (2011), [Alteração da Divisão Político-Administrativa das Províncias de Luanda e Bengo], *Diário da República*, Luanda.

"Lei n. 03/2007" (2007), [Lei de Bases do Fomento Habitacional], *Diário da República*, Luanda.

"Decreto Presidencial n. 59/11" (2011), [Planos Integrados de Expansão Urbana e Infra-Estruturas de Luanda e Bengo], *Diário da República*, Luanda.

Ana Vaz Milheiro (Investigadora Responsável)
Rogério Vieira de Almeida (Investigador do projecto)

Capítulo publicado como: Milheiro, Ana Vaz; Almeida, Rogério V. "Nova Oeiras: an Ideal for Living", in Fernandes, José Manuel; Janeiro, Maria de Lurdes (eds. 2015), *O Livro de Nova Oeiras / The Nova Oeiras Book. Bases para uma candidatura a Património da Humanidade UNESCO do Bairro Residencial de Nova Oeiras Concelho de Oeiras, Portugal*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras / Fundação Calouste Gulbenkian, p. 110-141.

Nova Oeiras: *An Ideal for Living a middle-class Ideal before the large housing complexes*

A Time for an Ideal

The idealism of the twentieth-century is strongly expressed in the building up of a new city desirably conceived without historical constraints, and within the spirit of a clean slate. Nova Oeiras is simultaneously an architectural and urban project that reflects this new twentieth-century condition. Within the period between its design and completion, together with its political and ideological ideas, the conviction of a new spirit is taken on, expanding to ways that are more and more expressive of the western society.

From the international point of view, the years that followed the end of World War II are marked by a general climate of strong optimism to which Portugal is not unrelated despite the fact that it maintained a dictatorial political system that would prolong itself until the revolution of April 25, 1974. Notwithstanding, its peripheral condition, the echoes of the European renovation, the new mentality and new political and social openness did not go unnoticed in some Portuguese groups of the population, especially amongst a more informed urban middle-class that remains attentive to the modernization process.

It is in this context that the vision of a new urban centre – which is the case of the future Nova Oeiras Urbanisation – along the coastline and a few kilometres from Lisbon, and with a strong residential vocation, acquires particular significance. A privileged territory that slowly abandons its former function as a resort, and presents itself as a structured experience framework according to the new international models and aspirations, where work, leisure and social relationships articulate themselves according to the optimization principles. The configuration of a new urban place is witnessed, where the ties to the traditional city are no longer those of continuity, or morphological similarity, thus becoming those of complementarity within the scope of a broadened metropolitan reality, and territorial mobility thanks to new travel and transportation networks.

The physical distance to the historic city also allows a more preserved use, freeing it from pressures imposed by an accelerated demographic growth, which is a fact throughout Europe during the 1950s. Simultaneously, the new place of the modern dwelling is characterized by protecting itself from the density and commotion of the city, as well as car and industrial pollution. It has contact with an "improved" and artificial nature, and these aspects are adjusted to the aspirations of those who wish to own a house.

< Covered path walk connecting slab blocks. Photo: Ana Vaz Milheiro, 2014

The atmosphere is one of optimism and confidence in the future. The general idea is that the progress and well-being of the new society under construction in the post-war period can be strongly determined by the technological contribution, which is reflected on the new dwelling spaces, and on the ambitions of the middle levels of the urban and sub-urban population. The sun, the green and the air are the new elements of modern urbanism, made possible to an extent by the access to technology that allows architecture, namely the residential programmes, to free itself from some old constraints, accessing the freedom that high-rise construction allows.

It is therefore in the context of the new ideals that the design of Nova Oeiras arises: a privileged territory, a new place marked by hygienic principles, modern – inspired architecture, a reflexion of the generalized innovative building techniques, and new ways of dwelling. A vision that corresponds to the pretensions of a new social class – the middle-class – that has the means to acquire a house. The example that the Portuguese architects follow comes, in fact, from the contacts that they progressively maintain with international experiences. These are even internalised by the old professionals of the first modern generation such as Luís Cristino da Silva, leader of the design team, who does not fear contamination by the new generations: architect Pedro Falcão e Cunha, and the landscape architects Edgar Sampaio and Gonçalo Ribeiro Telles. This fact testifies the capacity for renovation of the Portuguese architectural culture of that period, and allows for new interpretations on the role of the older generations in this process despite the importance of Falcão e Cunha in the definition of strategies that are present in the design of Nova Oeiras, as proven by the presence of his signature on the projects of the different buildings subject to City Hall licenses during the long conception period of the urbanisation.

A Reality Before the Ideal

The presentation in 1952 of the Preliminary Plan of the Nova Oeiras Urbanisation is preceded by a series of land transformations that reflect the development strategies that had begun to change the landscape of the coastline between Lisbon and Cascais in the first half of the century. The main change catalyser was the railway.

The railway that since 1889 connects Cascais to Lisbon promotes a transformation process that deeply changes the urban and territorial occupation of the coastline that extends westward of the Portuguese capital. Along the following decades, sporadic occupations and pre-existing small nucleus transform themselves into an urban continuum of a linear structure. Simultaneously, more morphologically structured new settlements are established. The rural territory gives place to differentiated processes of urbanisation.

To the first section of the railway line, inaugurated in 1889, between Pedrouços – in the peripheral area of Lisbon – and Cascais two other extensions are added, which in 1895 increase the railway line to its terminal point, the Cais do Sodré train station, in the proximity of Praça do Comércio, the heart of the capital.

This fact becomes crucial for the future evolution of the coastline in the Cascais area as an alternative territory to Lisbon. The traditional rural and summer occupations, the latter intended for the more fortunate social classes of Lisbon, dilute themselves with the ever more accessibility that the different social classes begin to enjoy in a progressively more commuting demographic movement.

The population that take up residence with a more permanent character begins to be proportional to the growing number of lisboners that were already using it seasonally and for leisure.

This transformation reconfigures the coastline in a process where the old contrasts between rural and urban territory fade away, but also between the aristocracy and the upper bourgeoisie and less-fortunate classes. The train and the consequential democratization of access promote the filling up of the old rural emptiness.

These interstices contract and almost disappear. More diversified economic activities emerge, as well as a more heterogeneous population through the increasing settling of residents from different social classes.

It is therefore in the described context that the Sociedade Nova Oeiras leads off the purchase of land in the old Quinta do Marquês de Pombal in the middle of the 1940s carrying out the agrarian reparcelling that will render possible the future real-estate

project. The lands then acquired are located on the borders of an urban area already in expansion, to the North of the railway line, and with a privileged view over the sea.

Its construction bears precedents in the *Plano de Urbanização da Costa do Sol*, also prepared in the 1940s under the direction of Étienne de Gröer, a town-planner with a strong influence on his Portuguese counterparties. Gröer's plan already contemplated an area for expansion to the North of the railway line, with a reticulated layout, intended for housing plots, and a central area for services. It is on this preliminary scheme that the Nova Oeiras Plan will operate, introducing a new notion of place and a new awareness of urbanity.

A Place for the Ideal

With the Nova Oeiras Urbanisation Preliminary Plan begins a new chapter in the history of the consolidation of the Portuguese periphery. The project is part of the building up of an "Optimistic Suburbia", in a period in which settlements on the borders of the historical city correspond to a shared objective of an important ascending social class. The automobile is the vehicle that will allow this emancipation, which translates into the physical distance to the traditional city. Preceding a later phase of strong real–estate speculation, the implementation of Nova Oeiras carries with it an idealism that is expressed in the design and is not erased by its completion.

The Nova Oeiras Urbanisation is part of the international movements that face the growth problems in urban areas consolidated through the creation of autonomous nuclei seeking to define alternate metropolitan configurations. With the recuperation and enhancement of the "Garden-City" concepts, an alternative to the traditional city is intended, countering the excessive effects of development and densification by creating centres without constraints. This tendency corresponds in a way to the emergence of the "New Towns" in the European town planning. The phenomenon is explained by the formation of new urban centralities with a strong residential character, autonomous, equipped and endowed with basic services.

Nova Oeiras' roots are from the decade prior to the presentation of the Preliminary Plan. The proposal starts from a first residential structure – a group of plots for single-family homes – based on the concept of "Garden-City" neighbourhoods, which still lasts as a way of urban expansion for the housing programs located on the borders of the main Portuguese cities. However, the plan anticipates the continuation of the pre-existing structure of single-family homes by reinforcing it with new units. It is in this new area, which completes the layout of houses in the end of the 1960s and in the following decade, that the completion of some important examples of Portuguese domestic architecture of a later modern expression is witnessed, signed by authors such as Francisco Silva Dias or Fernão Lopes Simões de Carvalho. This heritage, less studied, is at a greater risk of disappearing.

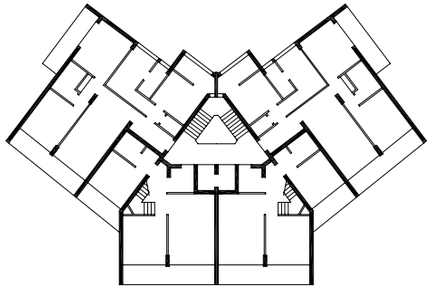
From the extension of the "Garden-City" neighbourhood, the urban park that makes up the core of the operation takes shape. In it rise the different volumes that create a new image of urban landscape: six point blocks, three residential slab blocks reinforced with two smaller semi-detached duplex houses, a commercial structure and several facilities, namely an inn (nowadays a building providing assistance to the residents), and a church built at a later stage. The creation of this new centrality redefines and consolidates the pre-existing structure of houses remaking the entire complex by means of a strategy of multiple factors.

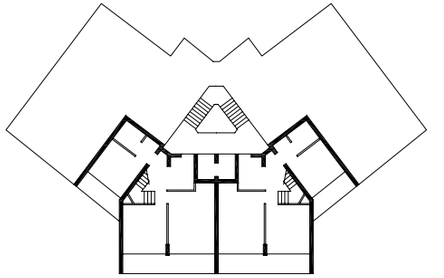
The circular road or "ring" road (according to the "good" nineteenth-century way) that separates the new neighbourhood of collective housing from the surrounding single-family houses is the first element of this strategy. It is in fact a contrivance that allows a clear legibility of the central complex of Nova Oeiras, both from the plan and volume point of view and from the experiential perspective.

This road structure establishes itself as a "limit", and takes on the characteristic of a border: its presence helps to delimit the new "ville radieuse", an urban and open land, green and extensive, dotted by loose volumes where the sun and residents circulate without any constraints.

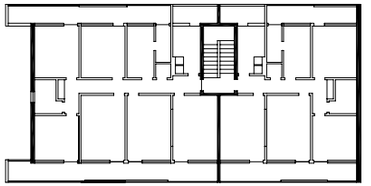
The second factor is revealed by the suggestion of a "bucolic scale" although induced in an urban ambience. This scale is highlighted by the landscape autonomy that the configuration of the complex promotes. It assumes, on the plan, a curvilinear shape in an elegant asymmetric layout erected in an environment

Nova Oeiras, aerial view, 2007.
Source: Associação de Moradores de Nova Oeiras

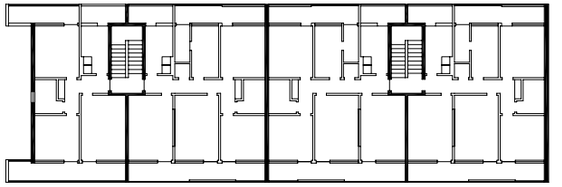




Point block apartments.



Slab blocks A apartments.



Slab blocks C, D apartments.
Drawings: Rogério Vieira de Almeida, 2017

characterized by plots of houses. The reading of the shape, its separation from the single--family residential area, its urban scale (in contrast with the adjoining domesticity) are factors that emphasize the uniqueness of the neighbourhood character, thus allowing it to gain identity and distance from the surrounding urban landscape.

The third aspect is related to the "artistic" treatment of the public green areas that support the implantation of the buildings, unifying the Nova Oeiras ambience and granting it a distinctive mark. As opposed to the surroundings, where the public areas are limited to streets and sidewalks, and determined by the shape of the individual lots, with an expressive residual character. In the central area, the landscape architects design a public space that has a leading role although inseparable from the composition generated by the location and presence of residential and services buildings.

The layout integrates a modern tradition in terms of construction that is the result of a less technocratic understanding that Le Corbusier enforces on the post-war contemporary town planning.

A strong perception of spatial continuity grants inwardness and recollection, thus consolidating the "modern" identity of the design of the complex.

Finally, the different building types, which functional (housing, commerce and services) and morphological (point or slab blocks) programs favour singular formal specificities while still maintaining all emphasis on the public space as a single structure. The drawings of the different buildings contribute expressly to stress the notion of place, and its implementation generically follows the strategic principles previously formulated.

The point and slab blocks are located on the Northeast and South borders forming an open and permeable surrounding. This implantation allows the liberation of the longitudinal axis of the park, and emphasizes a central axis that organizes the location of the different types of facilities, preferably in the Northwest-Southeast direction: a church, a sports park and a commercial and services structure in the heart of the whole area.

The implementation of the point blocks reinforces the curvilinear layout of the ring road, observing however a clear autonomy and safeguarding principles of distance so that they do not interfere with the continuity and permeability of the public space. Each of the ten floor-high point blocks counterweighs the distance among themselves – 70 metres – thus guaranteeing the maintenance of views. The sense of unity is ensured by the repetition of the shape on the plan, in a "Y" shape, and by the rigour of its disposition on the ground creating a relationship of coherence among the point blocks, ring road and the remaining urban complex.

In the South concavity of the urbanisation, the slab blocks on *pilotis*, with four floors, follow a North-South direction perpendicular to the ring road, with longitudinal façades opened to the East and West, strictly following orientation norms common to other accomplishments of the Modern Movement, and justified by technical and hygienic arguments. Like the point blocks, the slab blocks also show the same implantation precision. The tops keep a necessary distance to the road, and their position allows depth in view, permeability and fluidity.

In the heart of the neighbourhood public commercial and services facilities rise, culminating in a structure set like a civic centre, and expressing a programmatic update regarding the modern city prior to World War II. An analogy with the idea of "square" is sought, clearly as a sign of dialogue with the definition of a more recognizable and less abstract urbanity if compared to the layout of the residential buildings.

The generic implementation of the buildings, ordered and based on principles of functional rationality, constitutes an important counterpoint to the sinuous shapes that configure in a planimetric way the limits of the urban complex. With the exception of the church, they are all oriented according to the four cardinal points.

The location of the commercial structure itself is a derivation of that modern rule thus complying with the North-South and East-West orientations.

It is also the dominance of this orientation that gives the complex a territorial dimension, highlighting it from the immediate surroundings and subjecting it to the permanence of the sun, the landscape and

View of slab block. Photo: Ana Vaz Milheiro, 2014

Gardens' view. Photo: Ana Vaz Milheiro, 2014

South view of a point block. Photo: Ana Vaz Milheiro, 2014

the “natural” elements worked upon according to the rules of modern composition. By the sense of inwardness and recollection that the neighbourhood transmits, a phenomenon of self-reference takes place.

The proposal of the Nova Oeiras Preliminary Plan presents itself as an alternative to a more uniform urban layout, taking on a strong characterization, decreasing density, increasing the amount of free area (against the first expansion plans) by using high-rise construction, and establishing itself as a differentiated structure in “ecological”, experiential, urban and architectural perspectives.

An Architecture for the Ideal

The characterization and organization of the urban space of Nova Oeiras is made by using two basic morphological elements: the point block and the slab block.

The initial plan foresaw four point blocks on the Northeast side of the complex. The subsequent development dictates the appearance of two point blocks Southwest thus completing the constructed surroundings of the urbanisation central park.

These point blocks take on a decisive role as main elements of the urban image of Nova Oeiras, granting it a scenic and landscape support. Thanks to the visibility of their ten-floor height, they are the first element of relation and reference in the territory. Its planimetric configuration is the one of an “Y”, a shape that allows a special ambivalence both in space terms between the landscape and the plastic values and in the internal organization of the dwellings. The exploration of this typology will be relevant in the history of Portuguese modern architecture, being applied later, although with variations, in new residential neighbourhoods such as North and South Olivais, in Lisbon. Genealogically, they fit in the height experiments that Le Corbusier begins to propose in the Algiers projects, still in the beginning of the 1930s.

Following the modern guidebook, the external configuration of the point blocks reflects the internal organization of the dwellings. The plastic potentialities of points, straight lines, plans and surfaces, and active architectural elements that make up the essential of the modern shape are explored. The same happens with the use of a very concrete pallet of colours inspired in the primary tones that, in the case of the point block, elects magenta as the dominant pigment. Opaque vertical plans contrast with deeper spaces highlighting the light and shade effects obtained by the conjugation of the balconies advancement and the indentations of the walls. Observing the same rational principles enunciated for the siting, the “Y” façade facing North is dominated by the continuity of surface and texture of the prefabricated grids of the kitchen and service areas.

In these buildings, the internal spatial organisation adopts a principle of optimization of the solar exposure. Generically speaking, each “Y” wing corresponds to an apartment, and its fronts predominantly face the South quadrant. Benefiting as much as possible from this orientation, the “Y” central body is occupied by two flats where each of the lateral wings, Southwest and Southeast, are formed by one single house. The basic scheme of the layout and the disposition of the flats still allows the relative privacy of the balconies, a programmatic external component of the utmost importance for this period. The common spaces are essentially defined by the stairs nucleus, whose triangular layout is articulated with the external geometry allowing at the same time to reduce to a minimum the contact with the North façade, and freeing it for the service areas of the apartments.

The evolution of the plan and the long duration of its execution dictated varied typological alterations and experiences also suggested by the alteration in the real estate conditions. As far as the point blocks are concerned, the initial organization of the flats consists of two three-bedroom duplexes in the central body, and a three-bedroom flat in each one of the wings. This disposition, present at point blocks D, E, F and H, becomes evident from the exterior, with two semi-detached duplexes allowing the alternation floor by floor of the kitchen grids.

In the duplex flats, the living room and kitchen are on the same floor, while the bedrooms are located on the floor above. Each one of the living-rooms and bedrooms always has a visual relationship of direct continuity with the exterior, first, by means of glass surfaces and secondly, thanks to the existence of generous balconies that establish mediation spaces between interior and exterior that are experienced in a “contemplative” manner. Within the dwelling, the coexistence and separation

between private use and common use is visible both in the distinction between floors (in the case of the duplex typologies), and in the circulation that structures the interior (from the entrance of the home to the more intimate areas). In addition, while the master bedroom benefits from one balcony alone, the central bedrooms share the same balcony.

In the specific case of the flats located in the central "Y" core, the recourse to the duplex typology is later abandoned in favour of the two single - floor variants. In point block G the two duplexes give way to two semi-detached one-bedroom apartments on each floor, while in point block I there is only one three-bedroom typology flat. However, these variants maintain what is essential in the morphological and spatial relationships.

The two lateral wings of the "Y" bear a greater typological consistency. As far as the point block is concerned, its position calls for it to be occupied with three-bedroom flats of symmetrical design in point blocks D, E, F, G and H. Only in point block I, the three-bedroom flats in the Southeast wing have a four-bedroom typology flat.

The organisation of these flats follow a strict division between the service areas facing North – pantry, kitchen, maid's room (a function that lingers in the collective dwelling for the Portuguese middle-class until the late twentieth century, beginning its decline during the second half of the 1970s), and the family area with a living-room and a room sharing the southern front, and a second bedroom at the top (Northeast or Northwest). One of the most modern aspects in the configuration of the point block flats is the abolition of the corridor, a predominant programmatic element from the nineteenth century that was kept in the slab blocks.

It has to do with a typical typological scheme that seeks to articulate some characteristics of the idealized dwelling in this period for the middle class, in which, in rigour, the three-bedroom typology actually corresponds to the organisation of a two-bedroom home plus one. In the latter, the family area has two bedrooms. A third additional bedroom is intended for an element outside of the nuclear family (the traditional "guest room"), and its natural social evolution deals with its re-adaptation to be used on a more daily basis and less episodically.

From a structural point of view, the spatial arrangement is based on a modulation of about 3.5 metres that organises the different constructive elements longitudinally. This system facilitates structural calculus with a rational use of construction systems by the use of pre-fabrication principles and bearing walls conjugated with common systems of pillar-beam construction.

The slab blocks A, B and C make up the morphological units that, to the South, oppose their horizontality to the point blocks verticality. While in the latter it is the contemplative space of the horizon line which is fixed and brought into the interior of the flats, the slab blocks seek a relationship of a more physical proximity to the surrounding park. The parallel layout of the three buildings, and, the implantation of the commercial area, also defines a larger continuity with the immediate external space. The landscape leaves here its scenic and immutable dimension thus becoming a reality immediately experienced and configured by the presence of the buildings themselves.

Because of its siting, along parallel lines, a space between slab blocks is organised, benefiting from the land topography in the creation of variations of visual perspectives and visual contexts. These alternate between the immersion in the vegetation and explicit relationships of urbanity between the dwelling areas and the commercial centre.

Each one of the rows of buildings forms a parallelepiped with about 50 x 10 metres with three floors supported by the ground floor, which is formed by *pilotis* and is only occupied by the glassed areas. The empty area of the ground floor enables mobility and visibility without constraints thus contributing to the permeability of the public space, and resuming the proposals of integration of the natural elements in residential areas. It is a direct allusion to the Athens Charter, drafted in the period between the wars, and that the Portuguese know since the partial translations of Nuno Teotónio Pereira's text in Le Corbusier's style for the magazine "Técnica" in 1945, or from the complete version by Francisco Castro Rodrigues and Maria de Lourdes published in instalments in the "Arquitectura" magazine in the aftermath of the 1st National Congress of Architecture in 1948.

Upper view of semi-detached houses. Photo: Ana Vaz Milheiro, 2014

Slab block's balcony view. Photo: Ana Vaz Milheiro, 2014

Commercial area view from the covered path walk. Photo: Ana Vaz Milheiro, 2014

The linearity of the buildings in rows communicates simultaneously with the treatment of the façades and with the internal organisation of the flats, structured from the axis made by the distribution corridor. The parallelepiped volume remains intact reinforcing the abstract plan of the building. The exterior composition is dominated by the cellular spaces of the balconies that form a laminated structure of slabs and walls (vertical and horizontal plans) replicated in both East and West façades. The laminated character has a counterpoint on the two closed tops (North and South) highlighting the prismatic aspect of the building. A better reading is obtained by the positioning of the *pilotis* – set back in relation to the cellular structure of the balconies – and by the staggering of the slabs and verges that individualise the roof as a terrace.

All the compartments also maintain a visual and experiential relationship with the exterior mediated by the balconies that run along the East and West façades. This relationship is framed by the laminated elements that reinforce the horizontality of the building. The balconies also work as a protection element against the climate in a clear adaptation of the modern abstract composition to the local physical environment. The blue colour sets the rhythm of the painted surfaces, between grids and glass plans, thus contributing to an easy identification of the modern genealogy of the programme.

The disposition of the flats in these buildings is relatively conventional if compared with the point–blocks design. Each row has three stairwells, each one giving access to two flats (organized according to the traditional left/right urban lot) in a sum of six dwellings per floor.

Despite the variation in the number of compartments – two, four and six-bedroom apartments – the typological scheme is a conventional one. A central North-South distribution corridor aligns the compartments to the West and East, in a succession of functional areas that progresses from the areas of social character to the more intimate ones, with the living-room and the kitchen located by the entrance, and then the various other rooms.

The compartmentalisation respects a straight connection with the structural system by a modulation of about 3,5 meters longitudinally marked on the façades and is reflected throughout the internal organization of the flats. Although the construction preserves the most conventional practices used at the time in Portugal, with the use of brick walls and a pillar-beam structure, the architectural conception clearly points to the possibility of using pre-fabrication systems, a technology that would only begin to have a concrete expression in the following decade.

The duration of the Nova Oeiras construction causes alterations in the initial plan that, despite the fact they point towards higher occupation indexes and formal simplifications, do not prejudice the final result. Apart from the addition of point blocks H and I, the commercial buildings are modified in their early configuration. Initially, the definition of their formal and volumetric autonomy was more explicit, revealing specificity when compared with the residential buildings. A design in a slightly curved “L” shape would correspond to a need for individualization in the different buildings. The function of each one should correspond to a specific and singular shape: point blocks in “Y”, parallelepiped and horizontal rows, a curvilinear commercial building.

The subsequent evolution of the plan led to the commerce area acquiring a less autonomous design. The addition of new residential elements contiguous to the commercial centre, with buildings with galleries on the ground floor and duplex flats, contributed to a larger programmatic diversity and morphological complexity. The structure essentially replicates the same volumetric basis of the rows, arranged in two L-shaped plans forming a square open on the South side. A covered arbour runs across the entire perimeter as far as the park. Its scale is intentionally anti-monumental reminding us of the solution that Raul Chorão Ramalho proposed at the Centro Comercial do Restelo (Restelo Shopping Centre), which is contemporary to Nova Oeiras. The several wings of the commercial buildings create alignments with the three residential rows suggesting continued relationships with the front of the street and the more contained public space, instead of the eminently open character of the 1952 plan.

The inn, designed in 1959 by Falcão e Cunha, completes one of the poles of the commercial structure. The modern filiations of the original building, transformed into the Nuno Belmar da Costa Centre destined for cerebral paralysis patients, will not be misrepresented

with the adaptation project by Cândido Palma de Melo, dated 1984. Two artistic interventions in the public spaces that mark two key points in Nova Oeiras contribute to accentuate the initial civic centre character. The "Construção Mural" by sculptor Carlos Nogueira, dated 2005-06, is added to the panels by the artist Rogério Ribeiro (1960). The latter reflects the beginning of the occupation, and the former points out a process of the neighbourhood's renovation, which implicates the requalification of the old structures, and the returning – in many cases – of the modern design after decades of uncontrolled interventions.

Before and After the Ideal

The Nova Oeiras experience is pioneer in the adoption of modern European principles that in the meantime had been developed in Portugal and reproduced along the 1960s. Beyond the urban approach, it is at the level of the residential space, tested by the Nova Oeiras architects, that a synthesis of a group of previous attempts is conjectured. A note should be made to the generic concept of "Existenzminimum", resulting from the strong rationalization of the housing projects developed in Central Europe during the 1920s and 1930s. The systemisation arises in the period within the scope of the resolution of the housing problem for the working classes, which at the time constituted the motor of the western society.

The post-war generalizes the inclusion of solutions inspired in these models to the middle-class that was consolidating itself in the period of economic expansion of the 1950s. The transposition of schemes that work with minimum areas goes through adaptations, but also integrates some principles, for instance, in the treatment of certain functional areas. The "zoning" principle invades the house conception itself. Logics of day/night occupation intersect with circulation and subsequent distribution of functions. Despite the medium standards expressed in terms of residential areas that the middle-class demands, some programmes reflect a pragmatic and modern thought. The bedrooms are conceived as spaces exclusively for sleeping. The same applies to kitchens, which are reduced in terms of dimension to their strictly utilitarian function. This way a greater generosity in areas is reserved for the common area of the house – the living room – as well as the possibility of articulating it into two areas – living room and eating area. This reveals itself as a recurrent solution in the medium-standard home after 1950. It becomes possible to conjugate a new modern habitability with "continuing bourgeois" habits that the Portuguese middle-class still practices and that are reflected in the persistence of functions like the maid's room, the guests' room or in the double functionality of the living-room.

Nova Oeiras is also proof of how practices connected to the outdoor life, which became common in the first half of the twentieth century in Central Europe and Scandinavia, spread to architecture and town planning. Apart from the exterior green spaces, the balconies become a compulsory presence in all compartments, reflecting ideals of contact with "nature", here made proportionate by the close relationship with the created landscape. This modern programmatic element ends up not resisting contemporary use, and their closing is one of the most visible alterations imposed by the residents.

The project also reveals the way in which the architectural culture circulates, and how the Portuguese peripheral condition determines a less systematic and more diffused assimilation. The implementation of a more uniform modern culture in the country is an ongoing process since the 1st National Congress of Architecture. However, it will be the III Congress of the UIA (Union Internationale des Architectes), which took place in Lisbon in 1953, that confirms a greater adjustment to the international culture, and amplifies the references worked upon by the Portuguese architects already within the alterations put forth in the post-war period. In Nova Oeiras, the process must however be explained by the path of its authors and by the relationship they maintain with that same culture.

If Cristino da Silva's knowledge of the European architecture, achieved through study trips and bibliographic research, had respected a universe of interests probably parallel to the Modern Movement, the contact with the young assistant Falcão e Cunha, who had a more updated education, may have provided an adjustment. This encounter may contribute to enlighten the pioneer experience of Nova Oeiras: a project coordinated by an architect with public positions opposed to the radical tendencies of the Modern Movement, and carried out with the intense collaboration of a young trainee architect impregnated with these new shapes. There is now the possibility

of making Nova Oeiras a laboratory of intergenerational dialogue also with the strong presence of the landscape architects that progressively control the design of the urban park.

In Nova Oeiras, some of the composition proceedings illustrate a clear ascendancy and complicity with plastic arts. The integration of works of art, such as the ceramic panels by Rogério Ribeiro in the Shopping Centre, constitutes an important testimony thereof. However, it is also reflected in the composition and visual sense with which several building elements are used. The laminated compositions of the balcony areas – in the slab and point blocks – show a sophisticated abstraction that transcends both the materials and the mere building demands by transforming these elements into compositions of lines and plans. This utilisation of elements with clear origin in the artistic practice is also visible in the use of colours, in several elements such as the ceramic grids, denouncing the filiations and influence of both Le Corbusier's work and neoplasticism.

Nova Oeiras displays a group of new paradigms only partially evident in other Portuguese cases of the same time. Its peripheral location when compared with other experiences, namely in Lisbon, allow an approach that crosses a Corbusian inclination in the artistic composition with demands of urban functionalism of the city and of the new neighbourhoods. The sculptural presence of the volumes in the landscape articulates with the rationality imposed by the modern urban structure, namely the one that inherits the prioritisation of the ring roads. To a rigid grid that functionally organizes the different facets of the urban space, Le Corbusier had opposed a more plastic disposition of the buildings.

Nova Oeiras somehow confirms the functionality of this urban culture by balancing more rational aspects with expressions that seek a greater plasticity. It is this oscillation between the two most outstanding extremes of the orthodox aspect of the Modern Movement that is later mitigated by the design of the Shopping Centre, where a commitment is established, and a change, that the international culture is developing and the country is not yet clearly aware of, is enunciated.

The evolution of the Nova Oeiras complex already covers more than half a century, since the beginning of the initial plan (in the 1940s) to the edification of rows of houses and point blocks during the 1950s, and also later-stage alterations to the original plan. The design quality is certified by the way in which the integrity and clarity of the complex are maintained intact even when sporadic alterations and the natural appropriation of space by the successive generations of residents are taken into consideration. It is also in this sense that the recuperation of the existing structures and the understanding of its original design will allow a more comprehensive perception of its spatial, architectural and landscape meaning as a reflexion and motor of the spirit of modernity that went through the twentieth century.

References

Cristóvam, Mauro (2010), *«Oasis» na Periferia – A importância do espaço público no complexo habitacional de Nova Oeiras*, [Tese de Mestrado], Lisboa, ISCTE – IUL.

Gonçalves, Ana (2010), *Um processo de reabilitação ao serviço de uma unidade arquitectónica – O Bairro de Nova Oeiras do Arq. Luís Cristino da Silva*, [Tese de Mestrado], Lisboa, ISCTE – IUL.

Leite, João (2010), *Nova Oeiras e a Integração das artes*, [Tese de Mestrado], Lisboa, ISCTE – IUL.

Fernandes, José Manuel (1998), *Luís Cristino da Silva*, arquitecto, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

Paulo, Délia (2010), *Nova Oeiras, uma Ville Contemporaine portuguesa*, [Tese de Mestrado], Lisboa, ISCTE – IUL.

Archival sources

Ante-Plano de Urbanização da "Quinta Grande" em Oeiras, propriedade da Sociedade Nova Oeiras Lda, Arquivo Municipal de Oeiras.

Espólio Cristino da Silva, Fundação Calouste Gulbenkian.

Plano de Urbanização da Costa do Sol, Gabinete do Plano de Urbanização da Costa do Sol, Arquivo Histórico Municipal de Cascais, Cota: PT/CMCSC-AHMCSC/AESP/CCM/002.

Bruno Macedo Ferreira
Investigador do projecto. Apresentação no Seminário Internacional Optimistic Suburbia - Large Housing complexes for the middle-class beyond Europe, no âmbito da sessão temática 2, Re-territorialização metropolitana. A expansão urbana e os grandes complexos habitacionais, ISCTE-IUL, Lisboa, 21 de Maio de 2015.

Plano Diretor da região de Lisboa, 1964
Estabelecimento das linhas gerais para o desenvolvimento de uma nova estrutura territorial para a Área Metropolitana de Lisboa

CONTEXTO HISTÓRICO-TERRITORIAL

Até meados do século XIX, as áreas urbanas pouco extravasavam os limites muralhados da cidade medieval porque as deslocações quotidianas eram essencialmente feitas a pé.

Os primeiros desenvolvimentos dos subúrbios na zona norte da Área Metropolitana de Lisboa (AML) aparecem intimamente ligados ao progresso da rede de transportes coletivos – com o carro elétrico estabelecem-se importantes ligações do tipo radial, do centro para as principais "portas" da cidade de Lisboa. Estes núcleos crescem de forma vigorosa, favorecidos pela utilização dos transportes que aí tinham os respetivos terminais. Começa então a formar-se a primeira coroa de subúrbios desde Moscavide, passando por Olival Basto e Pontinha até Algés.

A ocupação urbana dos territórios periféricos da cidade de Lisboa deve o seu início genericamente à conjugação de dois fatores: o veraneio e os transportes mecânicos que tornaram possível estender a ação urbana e os seus estilos de vida e de trabalho, a arrabaldes cada vez mais vastos. É a partir de inícios do século XX que estes fatores serão determinantes para alterar a feição da ocupação territorial da AML.

Nos primeiros anos do século XX começam-se a construir moradias de veraneio e pequenos hotéis em lugares suburbanos servidos por caminho-de-ferro, principalmente ao longo da linha de Cascais e de Sintra. As estâncias turísticas na Costa do Sol desenvolvem-se especialmente depois da construção da linha férrea e da formação da Sociedade Estoril. A eletrificação da linha férrea de Cascais (1926) transformou as terras saloias, de Belém a Cascais, em aprazíveis lugares de residência e veraneio para a classe média-alta. A linha de Sintra atraiu os amadores de campo e do bosque.

Nestas duas linhas começam a instalar-se indústrias que, entretanto, se deslocam do centro da cidade de Lisboa para a sua periferia – a Companhia União Fabril fez do Barreiro o maior subúrbio industrial de Lisboa, não longe desta, em Paio Pires, instalou-se a Siderurgia Nacional em 1961 e às portas de Lisboa (Cabo Ruivo) a SACOR instalou a sua primeira refinaria de petróleo em 1940. Conjuntamente com os núcleos industriais

< Anteplano do Plano Diretor da Região de Lisboa, Miguel Rezende, 1964 (pormenor).
Fonte: Ministério das Obras Públicas (MOP), 1964

de Sacavém, Alhandra e Vila Franca de Xira completava-se o quadro da periferia de Lisboa até meados do século XX. No mesmo período, com a valorização dos terrenos na cidade de Lisboa, a expansão da rede de transportes rápidos e a necessidade de construção de habitações de renda mais modesta, irão conduzir a que a capital começasse a ficar rodeada por uma cintura de dormitórios.

É, todavia, depois da II Guerra Mundial que o movimento de suburbanização adquire maior vigor estimulado pelo processo de êxodo rural e consequente aumento da procura de habitações a que a cidade tradicional não conseguia responder. Os arredores da capital deixam de ter uma configuração difusa onde cidade e campo se interpenetravam e passam a assumir a configuração de tentáculos, apoiados nas linhas de caminho-de-ferro (Cascais, Sintra e Vila Franca de Xira), que se prolongam de forma radial partindo da cidade de Lisboa.

A primeira medida de planeamento da AML que ultrapassou os limites do concelho de Lisboa foi tomada na década de 1930. O primeiro estudo de carácter sub-regional que, de certa forma, constituiu um antecedente do Plano Diretor da Região de Lisboa (PDRL) foi o Plano de Urbanização da Costa do Sol (PUCS). A Lei nº 1909, de 22 de maio de 1935, definiu a região da Costa do Sol e criou a obrigatoriedade de ser estudado um plano para a "*larga zona de terrenos que* [ia] *ser aberta à urbanização e à exploração turística pela construção da estrada marginal entre Lisboa e Cascais*" (CMC, 2012).

Em 1935 é criado um Gabinete para o efeito, onde, sob orientação de Donat-Alfred Agache, são ensaiadas propostas de articulação do centro da cidade de Lisboa com esta faixa de território que dispunha de características paisagísticas ímpares e por isso propícias ao aproveitamento turístico. Para cada um dos aglomerados da Costa do Sol são ainda elaborados estudos prévios de urbanização.

"O objetivo do PUCS de acordo com a sua designação era a "urbanização" entendida como a forma que deveria tomar a transformação do solo rural em urbano. O PUCS é um plano-imagem que se ocupa fundamentalmente das áreas de expansão dos aglomerados, sendo omisso na formulação de políticas a aplicar às áreas urbanas existentes." (Lôbo, 1987:134)

O PUCS viria a ser aprovado pelo Decreto-Lei (DL) nº 37251, de 28 de dezembro de 1948 e posteriormente, objeto de uma revisão em 1959.

Este primeiro período, em que se inaugura o equacionamento da questão urbana a uma escala territorial, é marcado por duas figuras tutelares: Duarte Pacheco, nomeadamente durante o seu primeiro mandado (1932-1936) como Ministro das Obras Públicas e Comunicações, e Agache, técnico por este contratado em 1933 para estudar o território da Costa do Sol. Neste período é também formulado o DL 24802 de 21 de dezembro de 1934, onde se estabelece a figura dos Planos Gerais de Urbanização. Neste diploma é fixada a obrigatoriedade de as câmaras municipais elaborarem Planos Gerais de Urbanização, para além das sedes dos seus municípios, de todas as localidades com uma população superior a 2.500 hab. e que, entre dois recenseamentos consecutivos, apresentassem um crescimento demográfico superior a 10%.

Sob a responsabilidade do arquiteto Étienne de Gröer, em 1948, é finalizado o Plano Diretor de Urbanização de Lisboa. Neste plano, pioneiramente, propõe-se a limitação da expansão do tecido urbano da cidade de Lisboa através do estabelecimento de uma cintura rural de proteção com cerca de três quilómetros de largura, tentando-se evitar o processo de expansão, tipo "mancha de óleo", que estava em curso.

Neste período são ainda elaborados uma série de planos para os territórios da região de Lisboa.

Em 1948 foram aprovados o Plano de Urbanização do Concelho de Almada que tinha sido elaborado por iniciativa dos Serviços de Urbanização da Câmara Municipal de Almada e o Plano de Urbanização da Costa da Caparica, da autoria de Faria da Costa.

O arquiteto Paulo Cunha, juntamente com o engenheiro Santos Silva, elaboram uma série de anteplanos para vários núcleos da margem sul do Tejo: Alcochete e da Moita, aprovados em 1949; Montijo em 1950; Seixal em 1952; Barreiro em 1957.

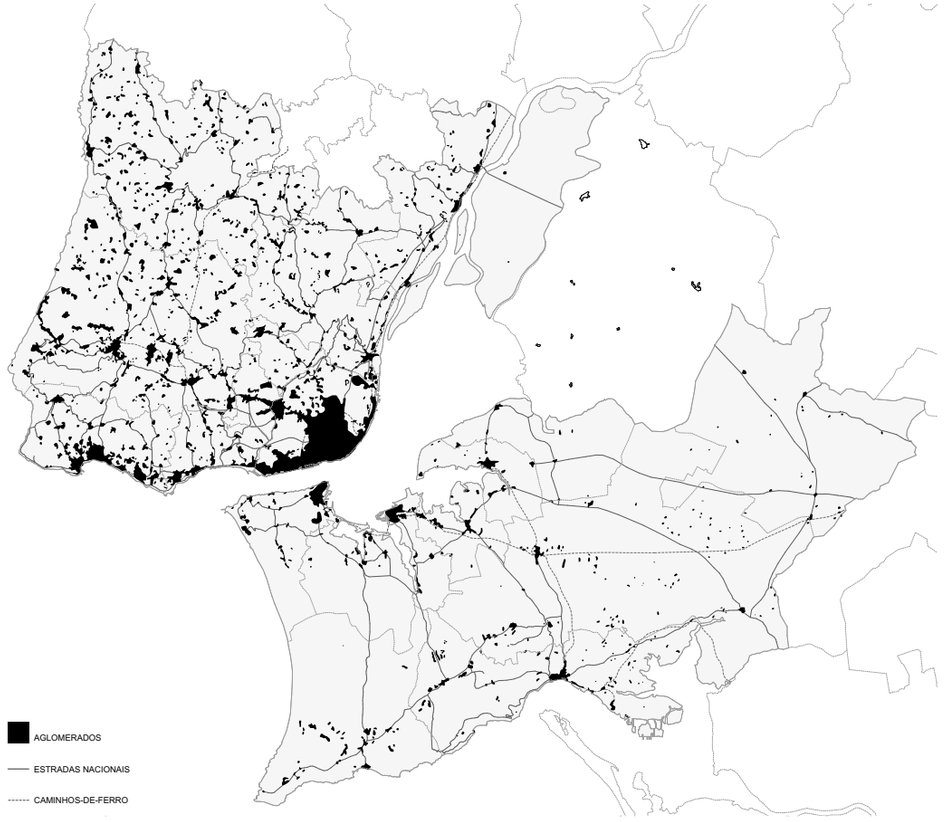
Em 1949 a Câmara Municipal de Sintra, sob responsabilidade do arquiteto Carlos Negrão, elabora o Plano da Zona da Adraga ao

Magoito. O Plano de Urbanização de Sintra, da autoria de Étienne de Gröer, viria a ser aprovado em 1952. Em 1956, sob responsabilidade do Gabinete da Câmara Municipal de Sintra, foi elaborado o Estudo do Desenvolvimento Urbanístico do Concelho de Sintra que a partir desse momento passou a orientar a atividade de desenvolvimentos urbanísticos locais.

Por iniciativa do Ministério das Obras Públicas (MOP), Étienne de Gröer, é também incumbido de elaborar um plano abrangendo uma faixa de terrenos na margem direita do rio Tejo, de Moscavide a Vila Franca que viria a ser a ser aprovado em 1955, que vem de certo modo complementar o anteplano para Vila Franca de Xira que tinha sido elaborado pelo arquiteto Miguel Jacobetty em 1948.

Em 1957 é apresentado o relatório da comissão encarregue de estudar o problema da "Ligação de Lisboa à margem sul do Tejo". Este relatório, que serviu de base ao equacionamento do projeto da ponte sobre o Tejo, integrava também preocupações de estruturação regional e sua conjugação no plano nacional. Nos anos de 1950 foram também elaborados um conjunto de anteplanos para sedes de concelho e para outros aglomerados que estavam a sofrer um processo de rápida expansão (Amadora, Mafra, Linda-a-Velha, Ericeira, Malveira).

Todos estes planos, embora desarticulados entre si, procuravam de algum modo controlar o processo de urbanização que se estava a desenvolver nos territórios periféricos à cidade de Lisboa. No entanto, o elevado número de fatores e de agentes envolvidos verificavam-se ingovernáveis.



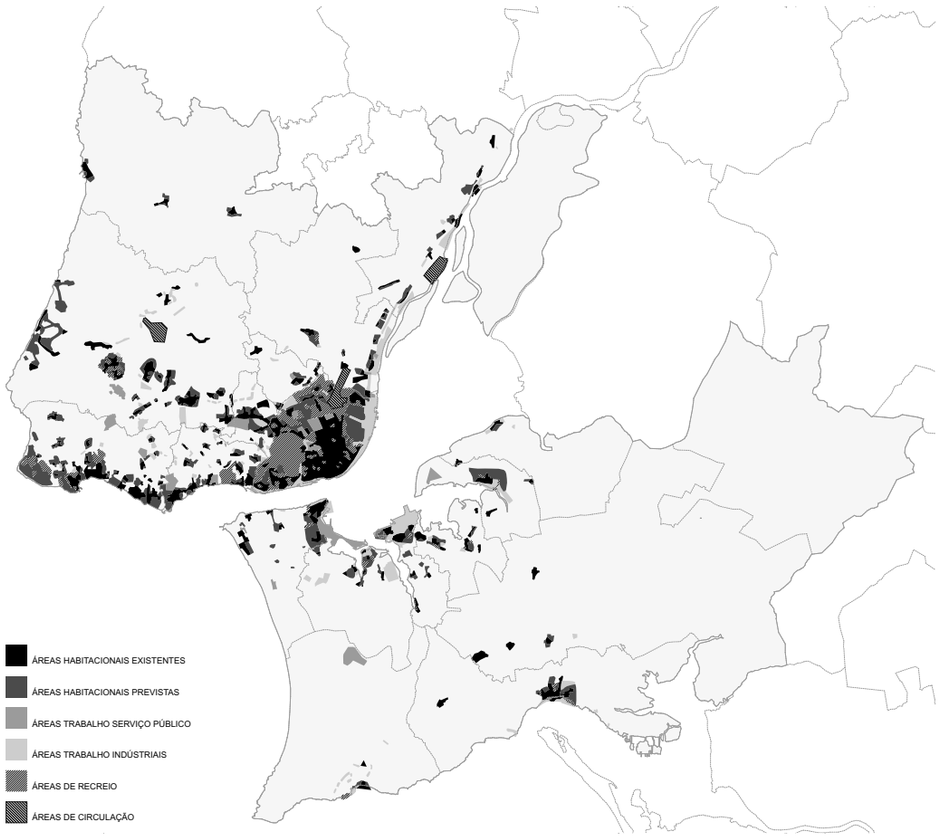
Aglomerados e vias de comunicação existentes, 1960.
Redesenho: Bruno Macedo Ferreira a partir de MOP, 1964

Em face dos problemas postos pelo crescimento urbano desordenado registado e pelo crescente aumento do número de intervenientes no processo de configuração territorial, em 1959, tornou-se clara a necessidade de se conceber um instrumento de planeamento que ultrapassasse os limites administrativos concelhios e que regulamentasse as relações entre a vida económica e social e o meio físico.

LEI 2099 DE 14 DE AGOSTO DE 1959

"À falta de um plano diretor do desenvolvimento da área de influência da capital, não tem sofrido praticamente limitações a instalação de indústrias nos seus arredores, nem tem sido possível impedir o crescimento desordenado das povoações suburbanas e a criação de novos núcleos populacionais, ao sabor das iniciativas particulares. Estas são movidas na maioria dos casos por simples propósitos de especulação de terrenos ou com o intuito de se evadirem da disciplina dos planos de urbanização a que estão sujeitos os centros populacionais mais importantes, incluindo a capital, reduzindo assim gravemente a eficiência desses planos e comprometendo até em muitos aspetos a sua utilidade (...)"

É assim que os subúrbios de Lisboa têm sido progressivamente invadidos por uma intensa atividade de construção que, tão depressa destrói a expressão tradicional e a beleza peculiar das povoações arrabaldinas, como faz nascer múltiplos povoados amorfos e incaracterísticos que tendem a rodear a cidade por uma cintura asfixiante (cada vez mais profunda, à medida que aumentam as facilidades de transporte que eles próprios



Zonamento territorial, 1960.
Redesenho: Bruno Macedo Ferreira a partir de MOP, 1964

reclamam) de meros amontoados de construções inestéticas, desprovidos de personalidade e de vida própria, verdadeiros dormitórios de massas populacionais muito importantes que diariamente afluem à capital para exercerem nela a sua atividade" (MOP, 1960: 81-82).

Este crescimento indisciplinado criou à administração pública uma série de novos problemas, nomeadamente às autarquias que se viram perante a necessidade de custear a criação de serviços urbanos mais dispersos. Os meios de comunicação e de transporte eram igualmente setores que registavam uma crescente exigência.

Esta premissa justifica a intenção do Governo de, num curto período de tempo, fazer elaborar o Plano Diretor do Desenvolvimento Urbanístico da Região de Lisboa e definir as medidas cautelares necessárias para impedir o adensar dos inconvenientes referidos. Elabora-se então a Proposta de Lei nº 14/59 que, em 6 de fevereiro de 1959, será submetida à apreciação da Assembleia Nacional na qual se estabelecem as normas orientadoras para a elaboração do plano e os objetivos fundamentais que ele deverá satisfizer.

"Terão necessariamente lugar no Plano Regional de Lisboa as disposições tendentes a estruturar convenientemente o desenvolvimento da região da capital, respeitados os condicionamentos gerais do progresso da nação no seu conjunto. Dentro desta premissa assumirão todo o valor as medidas que visem a tolher o passo à excessiva concentração das atividades nacionais – em especial no sector da indústria – nos arredores da cidade de Lisboa, e o inconveniente adensamento da sua população, à custa do enfraquecimento das demais regiões do País.

Haverá neste sentido que delimitar a expansão, não só da Capital, como dos núcleos urbanos existentes ou a constituir na sua zona de influência, conferindo a estes, por outro lado, possibilidades de criação e desenvolvimento de atividades locais capazes de garantir alguma estabilidade às suas populações.

A defesa das áreas próprias para a agricultura, a proteção e a expansão das áreas arborizadas, a valorização das zonas de interesse turístico e, mais particularmente, a defesa do património de beleza natural e de valores monumentais, históricos, artísticos e arqueológicos da região" (MOP, 1960: 15).

Esta proposta, depois de discutida na Assembleia Nacional e na Câmara Corporativa, converteu-se na Lei nº 2099, de 14 de agosto do mesmo ano.

PLANO DIRETOR DA REGIÃO DE LISBOA

O PDRL foi apresentado em 1964 na sua fase de Anteplano. Este documento seria posteriormente apreciado pela Comissão do Plano, pelo Conselho Superior de Obras Públicas e pela Câmara Corporativa e realizados os devidos ajustes e recomendações destes órgãos.

Como disposto na Lei nº 2099, estabeleceu-se o prazo de três anos para a elaboração do plano. Este prazo viria a ser prorrogado até final do ano de 1964 pelo DL nº 44629 de 16 de outubro de 1962. Esta alteração deveu-se às "*dificuldades iniciais que se depararam no recrutamento de pessoal devidamente habilitado para a execução daquele estudo e à necessidade de se efetuarem antecipadamente diversos estágios no estrangeiro, com o objetivo de se conseguir um mais elevado grau de especialização técnica*" (DL 44629).

Todos os trabalhos de preparação e elaboração do plano foram realizados pelo Gabinete do Plano Diretor da Região de Lisboa (GPDRL), criado especialmente para este efeito, e na dependência imediata da Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização (DGSU) que, à época, integrava o MOP.

O GPDRL, sob a orientação do seu Engenheiro Diretor Miguel Rezende (1910-76), foi organizado em duas divisões de trabalho: a Divisão de Planeamento constituída pelos engenheiros Mário de Azevedo, Marcolina Azevedo e Acácio Durão e pelos arquitetos Borges de Campos, Filipe Lopes, Geraldes Cardoso, Jaime de Azevedo, Hipólito Raposo, Cecília Eloy e Varandas Monteiro; e a Divisão de Fiscalização formada pelos engenheiros Duarte Ferreira e Álvaro Serra e pelo arquiteto Carvalhosa e Oliveira e os agentes técnicos Veloso, Quintino e Nunes.

"*Miguel Rezende estagia em Milão nos anos* [19]*40, com Giovanni Muzio, quando este era responsável pelo Plano do Porto. Fora então aluno de Doldi no Politécnico de Milão e contactara com a nova lei urbanística italiana e os primeiros planos territoriais que se lhe seguem.*

Anteplano do Plano Diretor da Região de Lisboa, Miguel Rezende, 1964. Fonte: MOP, 1964

Numa fase inicial contou o [GPDRL] *com colaborações pontuais de Matos Cardoso, recém-regressado de Londres, onde trabalha no London County Council e frequentara a Universidade de Londres.*

Já com o Gabinete em pleno funcionamento, vêm integrar a equipa do plano Mário de Azevedo regressado de Bruxelas onde cursara urbanismo na Universidade Livre de Bruxelas e primara com Gaston Bardet, Jaime de Azevedo, regressado do Politécnico de Milão, e Filipe Lopes, urbanista pelo Instituto de Urbanismo de Paris, onde fora discípulo de Auzelle.

Com a chegada de novos elementos a equipa ganha em dinamismo; Mário de Azevedo ocupa-se do ordenamento industrial e dos transportes, Jaime de Azevedo do ordenamento turístico, Filipe Lopes da habitação, formulando também a proposta de estrutura urbana regional. A síntese final é da mão de Miguel Rezende." (Lôbo, 1990: 19).

Com um horizonte de 20 anos (como era habitual em estudos desta natureza), o PDRL propunha reorganizar todo o processo de crescimento urbano visando o descongestionamento do tecido urbano central da cidade de Lisboa e especialmente a excessiva concentração de indústrias nos territórios suburbanos. Este objetivo viria a consubstanciar-se no estabelecimento de limitações criteriosas para a expansão populacional da cidade e dos núcleos suburbanos.

Seguindo um zonamento funcionalista, propõe-se uma estrutura territorial baseada numa nucleação autónoma com separação de funções. Estes propósitos revelam uma clara proximidade ao *Greater London Plan* de 1944 de Patrick Abercrombie, às ideias das *new-towns* inglesas expressas no *New Towns Act* de 1946, ou mesmo ao *Finger Plan* de 1947 para Copenhaga.

Tal como acontecia com outros trabalhos idênticos realizados para outras regiões metropolitanas da Europa Ocidental, este plano é configurado na sua planta síntese num desenho à escala 1/50.000 e

"consistirá, basicamente, na definição das linhas gerais do desenvolvimento de nova estrutura urbanística do território, concebida de forma flexível, com vista a ajustamentos ulteriores que circunstâncias imprevisíveis determinem como convenientes (...).

Trata-se, portanto, de um plano de conteúdo essencialmente programático quanto ao seu objetivo de coordenar racionalmente, mas sem qualquer intenção de rigidez (...) *todas as atividades públicas e particulares na forma de utilização da área que abrange, de modo a colocar essas atividades fora do arbítrio de orientações distintas que se ignorem entre si e que, por isso, muitas vezes podem dispersar-se e até contradizer-se, com todas as desvantagens económico-sociais que se conhecem para a coletividade.*" (MOP, 1964: 67-68)

ESTRUTURA URBANA REGIONAL PROPOSTA

"*Entende-se, como princípio geral, que a boa reorganização espacial dos aglomerados regionais de Lisboa se deve obter pelo fomento, nalguns deles, da maior autonomia possível da vida local, através: da implantação de novas atividades industriais junto dos dormitórios de empregados; e da implantação de novas atividades terciárias nas zonas de carácter preponderantemente industrial e nos dormitórios. Combater-se-á, deste modo, a segregação social, no espaço, pela mistura de camadas sociais diversas, ao mesmo tempo que se enquadrará, devidamente, a população residente na Região.*" (MOP, 1964: 106).

Desenvolvimento da "aglomeração de lisboa"

A solução proposta para o conjunto da "Aglomeração de Lisboa" passava por desenvolver em torno da cidade cinco grandes centros urbanos bem individualizados prevendo neles uma série de equipamentos de interesse coletivo. Visava-se um duplo efeito – o fomento do crescimento lógico e harmonioso destes aglomerados e o descongestionamento das atividades da capital. Em síntese, embora não se pretenda impedir o desenvolvimento da cidade de Lisboa, esta proposta deseja evitar que o crescimento se fizesse por extensão contínua do tecido urbano.

Para disciplinar a expansão anárquica, que se tinha vindo a verificar, propõe-se, como de grande pertinência, a criação de um sistema de áreas livres de penetração até próximo do centro de Lisboa nas quais se poderiam implantar as vias de circulação fundamentais à restruturação destes conjuntos urbanos.

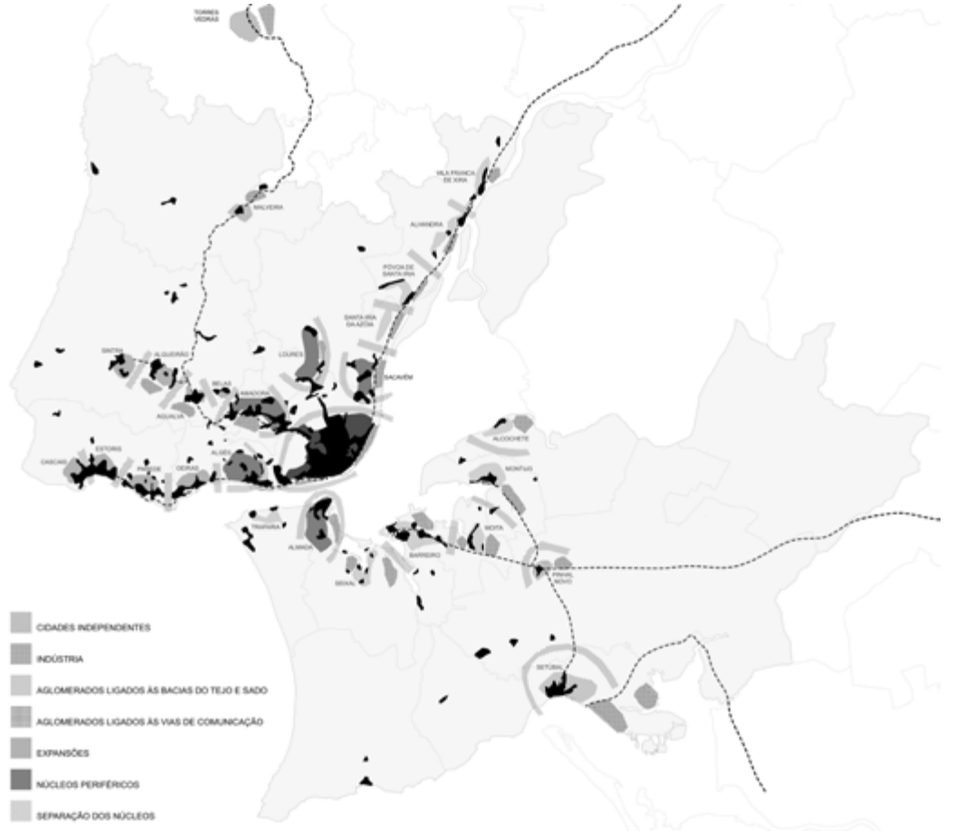
Elegeram-se assim cinco núcleos periféricos da Capital por já evidenciarem um claro dinamismo urbano: Portela-Moscavide-Sacavém; Loures-Odivelas; Amadora-Queluz; Algés-Carnaxide; Almada-Cova da Piedade.

Com o planeamento complementar de cada um desses núcleos e com o desenvolvimento de uma clara rede de comunicações e transportes de grande capacidade pretendia-se criar um grande aglomerado polinucleado e devidamente estruturado.

O núcleo de Sacavém é formado pelas populações próximas do vale do rio Trancão nas quais residiam, em 1960, 40.479 hab. Para este núcleo era proposta a criação de um centro principal a localizar entre Moscavide e Sacavém. Na dependência deste núcleo ficariam igualmente as populações de Camarate, Apelação e Unhos e as áreas de habitação clandestina das imediações, devidamente consideradas à luz de possíveis planos de recuperação. Projetava-se para este núcleo uma população de 80.000 hab..

O núcleo de Loures seria constituído por um conjunto de aglomerados pouco distantes uns dos outros nos quais residia uma população de 30.878 hab. que se previa ampliar para 60.000 hab.. Este núcleo deveria ser estruturado pela criação de um novo centro urbano situado na encosta a nascente do conjunto, em posição intermédia em relação a Loures e Odivelas.

O núcleo da Amadora considerou-se que estaria em certos aspetos ligado à vivência de Benfica e deveria ter um centro principal e outros secundários. Alferragide [Alfragide] era considerado como parte deste núcleo; Queluz e Pontinha, por se encontrarem muito



Esquema síntese do PDRL. Redesenho: Bruno Macedo Ferreira a partir de MOP, 1964

próximos, apesar de pertencerem a concelhos diferentes, foram também considerados como elementos constituintes deste núcleo. Nele residiam 72.853 hab., número que deveria ser aumentado para 120.000 hab..

No núcleo de Algés residiam 28.301 hab. e deveria ser considerado como uma unidade urbana periférica da cidade de Lisboa. Pela proximidade e ligação em certos aspetos com a zona de Belém, recomendava-se que este núcleo fosse considerado na elaboração do Plano Diretor da Cidade de Lisboa. Previa-se no entanto a criação de um centro direcional imediatamente a norte do núcleo existente de Algés que deveria possibilitar o aumento da população residente para 60.000 hab..

O núcleo de Almada é o produto da área já quase totalmente construída do Feijó, Laranjeiro, Cova da Piedade e Almada que se considerava urgente estruturar de forma conveniente. Os limites físicos deste núcleo seriam a autoestrada do sul e as suas zonas de proteção e condicionamento que foram legalmente definidas aquando do projeto da ponte sobre o Tejo. No total era abrangida uma área onde residia uma população de 55.108 hab. que deveria ser ampliada para 100.000 hab..

O total destes cinco núcleos periféricos juntamente com o núcleo central de Lisboa registava, em 1960, uma população residente de 1.029.849 hab. que se previa aumentar para 1.370.000 hab.. Dar-se-ia assim cabimento à necessidade de reduzir a tendência de crescimento demográfico, limitando a expansão da cidade de Lisboa e possibilitando o crescimento dos cinco núcleos periféricos.

Expansões dos aglomerados existentes ao longo das vias de comunicação convergentes na "aglomeração de Lisboa"

No PDRL foi também considerada a expansão dos aglomerados existentes ao longo das vias de comunicação convergentes na "Aglomeração de Lisboa".

A consideração desta possibilidade implica a dotação, para esses aglomerados, de atividades, serviços e populações, necessárias para a obtenção de maior dinamismo na vida local, tornando-os verdadeiros centros urbanos e polos de atração, de acordo com as previsões demográficas estabelecidas para os sectores a que pertencem.

Foi considerado como conveniente que esses aglomerados fossem separados, uns dos outros, por zonas rurais a preservar – a sua proximidade do centro regional nunca lhes permitiria, no entanto, uma independência total. Com tal separação pretendia-se corrigir a existência de aglomerados populacionais sem vida social e económica própria, e em riscos de se unirem uns aos outros, por faixas continuas com caracter de dormitórios urbanisticamente amorfos.

Assim, na linha de Sintra haveria que considerar o desenvolvimento dos núcleos de Sintra, Algueirão, Agualva e Belas. Estes núcleos apresentavam um carácter dominante de dormitórios onde residiam 28.377 hab. que em grande número se deslocavam diariamente para a cidade de Lisboa onde tinham o seu posto de trabalho. Para o fomento destes núcleos considerou-se como indispensável a implantação de novas indústrias para dar lavor à população predominantemente de "empregados" e dar uso à mão-de-obra feminina que estava disponível. Esperava-se assim ver aumentado o número de residentes para 55.000 hab..

Na linha de Cascais prevê-se uma estruturação baseada na retração demográfica que foi considerada aconselhável. Destacam-se, para o efeito, Cascais, os Estoris, Parede e Oeiras. Estimou-se que a reestruturação far-se-ia apenas com a criação de equipamentos coletivos consoante a necessidade de cada um dos núcleos eleitos. Previu-se assim um aumento da população de 65.491 hab. para 125.000 hab.

Na linha de Vila Franca de Xira haveria que desenvolver quatro núcleos – Vila Franca de Xira, Alhandra, Póvoa de Santa Iria e Santa Iria de Azoia. Tendo como objetivo recuperar o atraso social que se verificava nesta linha, haveria que fomentar a implantação de atividades terciárias que atraíssem "empregados" e "quadros", tornando os núcleos sociologicamente mais equilibrados e independentes. Dever-se-ia assim promover a implantação de novas áreas urbanas e a instalação de novos equipamentos urbanos. Previa-se um aumento populacional de 41.903 hab. para 85.000 hab.

Desenvolvimento dos aglomerados em volta do estuário do tejo

Preconizava-se igualmente o desenvolvimento de uma série de aglomerados em volta

do estuário do Tejo. Devido ao contacto direto com o grande porto do estuário, o desenvolvimento destes aglomerados tinha por base a implantação de novas indústrias. Em paralelo a esse processo, pretendia desenvolver-se diversos núcleos residenciais para alojarem os trabalhadores dessas indústrias.

"Neste amplo sector regional, a conformação geográfica das reentrâncias do estuário torna fácil e, até, natural, a separação dos núcleos constituídos pelo Seixal e Amora (indústrias corticeiras e siderúrgica), pelo Barreiro (CUF e dormitórios satélites da Baixa da Banheira e Alhos Vedros), pelo Montijo, Moita e Alcochete (boas potencialidades de desenvolvimento industrial)." (MOP, 1964: 109)

Neste setor, no qual já residiam, em 1960, 122.766 hab., haveria que desenvolver os núcleos de Trafaria, Seixal, Barreiro, Moita, Montijo e Alcochete de forma a viabilizar-se o aumento do número de residentes para 280.000 hab.

Desenvolvimento e criação de aglomerados de maior independência, ligados às vias de comunicações regionais

"Tendo em vista a vantagem económica de serem aproveitadas as infraestruturas já existentes" (MOP, 1964: 108), previa-se o desenvolvimento e a criação de aglomerados de maior independência ligados às vias de comunicação regionais. Correspondem a este desígnio os aglomerados da Malveira, Pinhal Novo e Vendas Novas por estarem situados no cruzamento de importantes vias de comunicação e estarem já suficientemente distanciados de Lisboa, sendo assim possível potenciar-lhes uma certa independência de vida urbana.

Desenvolvimento de cidades independentes a mais de 40km de Lisboa

Na proposta de ordenamento regional foi também estudada a possibilidade de se desenvolverem cidades independentes fora dos limites da região (a mais de 40km de Lisboa) – "*sem dúvida a mais lógica de todas* [as propostas] *para uma boa ordenação regional*" (MOP, 1964: 108).

O estudo da estrutura industrial da região sugeria como conveniente o desenvolvimento de Torres Vedras, Setúbal, Vila Franca de Xira e a criação de uma nova cidade nas proximidades desta última povoação.

No entanto, a falta de estudos de planeamento que determinassem os condicionamentos económicos e de desenvolvimento para os territórios fronteiros à região de Lisboa inviabilizou o julgamento concreto da exequibilidade desta solução.

Poderá, no entanto, enquadrar-se neste tipo de organização a cidade de Setúbal que possuía grandes recursos naturais e para a qual se previram medidas de fomento do crescimento demográfico. A determinação do destino da cidade de Setúbal seria naturalmente influenciada pela entrada em funcionamento da ponte sobre o rio Tejo.

CIRCULAÇÃO REGIONAL

Circulação rodoviária

A nova estruturação regional conduziu inevitavelmente à conceção de uma nova infraestrutura de circulação regional que foi planeada de forma a suprir as deficiências que ficaram evidentes nos vários estudos elaborados no âmbito do PDRL.

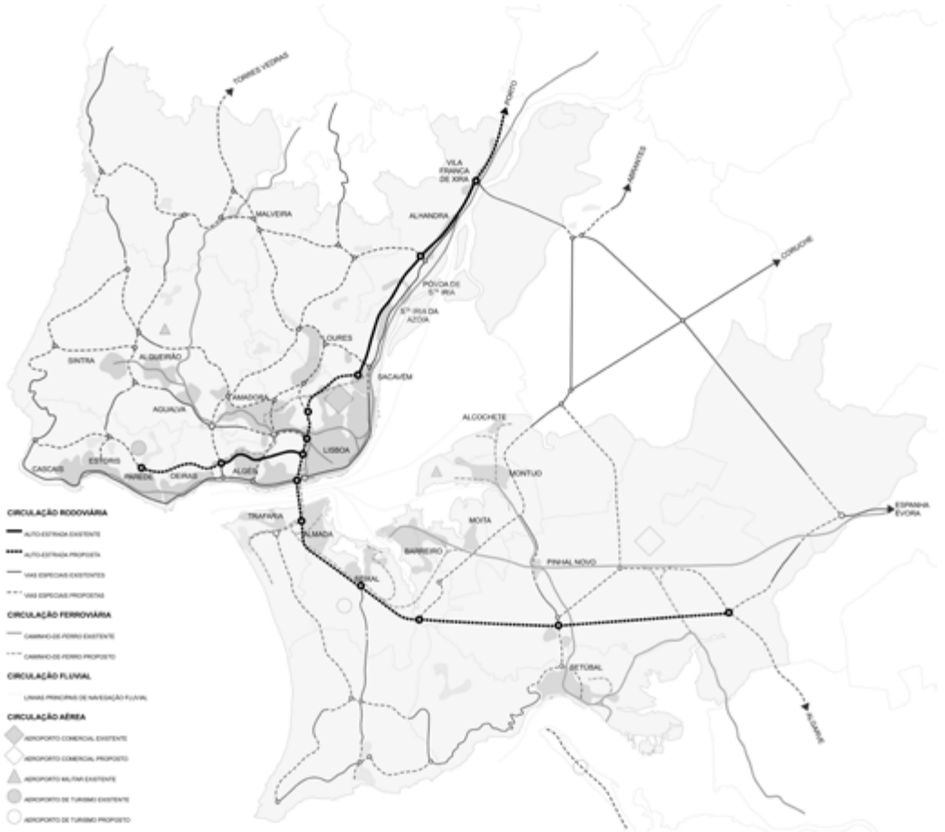
O expoente máximo da nova estrutura de circulação é o sistema rodoviário primário. Este sistema, composto por um conjunto de autoestradas e vias rápidas, foi projetado para funcionar de modo independente das aglomerações existentes e propostas. Como forma de defender a exequibilidade deste sistema foram definidos um conjunto de canais *non aedificandi* e de zonas condicionadas que serviriam de proteção a estas vias.

Neste sistema propõem-se:

a) a formação de um grande anel regional de vias arteriais (vias rápidas e autoestradas) ligando as duas margens em torno do estuário do Tejo;

b) o prolongamento da autoestrada do sul, até à Marateca, onde se fará a sua bifurcação em duas futuras grandes artérias, uma para o Algarve e outra para Espanha (por Évora);

c) a duplicação das duas vias radicais confluentes, do lado poente, em Lisboa, que servem as linhas residenciais de Cascais e de Sintra, e que são a Estrada Marginal e a Estrada de Sintra;



Esquema de Circulação Regional do PDRL. Redesenho: Bruno Macedo Ferreira a partir de MOP, 1964

d) a retificação e alargamento da via noroeste (EN8), que será de especial importância para o desenvolvimento do núcleo periférico de Loures e que servirá as várias povoações rurais entre Loures e a Malveira e a sua ligação a Torres Vedras;

e) duas grandes circulares regionais que complementariam funcionalmente as antigas e novas radiais previstas para a cidade de Lisboa: e1) uma circular regional interior sob a forma de via rápida e que servirá de ligação direta entre os novos núcleos urbanos periféricos da capital – Algés, Amadora, Loures e Sacavém; e2) uma circular regional exterior, mais afastada, também concebida como via rápida e que fará a ligação a partir do nó da autoestrada em Alverca até à zona do Estádio Nacional;

f) uma artéria que atravessa transversalmente a região e que fará a ligação entre a Ericeira e a CREL em Bucelas e passará pela Malveira e Mafra;

g) uma via no sentido norte-sul que fará a ligação entre Estoris-Cascais, Sintra e Mafra.

Circulação ferroviária

Relativamente à infraestrutura ferroviária, no território a norte do Tejo, propõe-se uma nova linha circular unindo as três linhas férreas radiais existentes que confluem em Lisboa (linhas do Norte, de Sintra (Oeste) e de Cascais). Esta nova linha possibilitaria a separação do tráfego ferroviário suburbano, do tráfego de longo-curso e do de mercadorias e uma melhor continuidade de percursos entre a linha de Cascais e a restante rede nacional de

caminho-de-ferro. Na margem sul, para além da nova linha férrea que iria atravessar a nova ponte sobre o Tejo, propõem-se o prolongamento do ramal da Caparica até às praias e construção de novos ramais de ligação às zonas portuárias.

Circulação aérea

Devido aos diversos inconvenientes provocados pela localização do aeroporto da Portela, previu-se no PDRL a reserva de uma vasta área de terreno, a nascente do Pinhal Novo, para a construção de um novo aeroporto internacional que permitiria afastar as carreiras aéreas de longo curso.

Em complemento, e localizados nas principais zonas turísticas da região, foram previstas três infraestruturas aeroportuárias de turismo: na Costa do Sol; nos terrenos interiores à orla marítima da Costa da Caparica; e na península de Tróia.

PROGRAMA HABITACIONAL DA REGIÃO

A distribuição e a localização de novas habitações, em função da estruturação regional proposta, foi um elemento essencial deste trabalho.

A análise do índice de famílias por fogo evidenciou que, de um modo geral, as condições regionais de habitação tendiam a agravar-se cada vez mais, fazendo-se sentir as suas deficiências, principalmente nas zonas de "aculturação" da Capital e nos seus aglomerados periféricos.

No estudo sociológico elaborado para o PDRL ficou evidente a existência de numerosas áreas de habitação mal equipadas. A deficiente estrutura de saneamento, verificada especialmente nos bairros mais deteriorados, era um dos problemas que necessitava mais urgentemente de resolução. "*Não pode, porém,*

Localização das construções defeituosas, 1960. Redesenho: Bruno Macedo Ferreira a partir de MOP, 1964

fazer esquecer o papel que desempenham no refúgio das camadas menos favorecidas da população" (MOP, 1964: 142).

Do inquérito feito pelo GPDRL, deduziu-se que as principais áreas de construções clandestinas formando agrupamentos se concentravam, sobretudo, na periferia da capital e na faixa ao longo da linha de Vila Franca de Xira. Tendo em atenção que estas áreas se encontram na proximidade de aglomerados com planos já aprovados, torna-se claro que esta era uma das consequências do anormal e extraordinário aumento dos preços dos terrenos que se destinavam à construção de novas urbanizações. Esta especulação sobre o preço dos terrenos tornava impeditiva a sua utilização para a construção de habitação para camadas sociais menos favorecidas que, por esse motivo, se lançam na construção clandestina, ao abrigo, muitas vezes, de atividades ilegais e especulativas de certos proprietários, nem sempre oportunamente reprimidas.

Tendo em vista minimizar este problema, em março de 1962 foi publicado o DL nº 44258 que acrescentou ao Regulamento Geral das Edificações Urbanas um novo artigo. No artigo nº167 passou a admitir-se a possibilidade de ser evitada a demolição de construções clandestinas desde que se "*reconheça que são suscetíveis de vir a satisfazer os requisitos legais e regulamentares de urbanização, estética e de salubridade*" (DL 44258). A legalização destas construções, quando formassem aglomerados, exigiria a elaboração, pelas Câmaras Municipais, de estudos de arranjos urbanísticos a submeter à aprovação do MOP. Em todo o caso, recomendava-se que as autarquias se deveriam organizar devidamente para aplicar as medidas de repressão das construções clandestinas, ao abrigo das disposições do citado DL.

O mesmo estudo avaliou a quantidade de fogos superlotados. Os alojamentos multifamiliares localizavam-se predominantemente no centro da cidade de Lisboa e em alguns aglomerados periféricos de construção recente "*onde as rendas altas levam diversas famílias a associarem-se, com todos os inconvenientes, na ocupação da mesma habitação*" (MOP, 1964: 143).

Este facto permite afirmar que a existência das barracas está ligada à proximidade dos locais de trabalho, decorrendo das condições económicas das famílias que nessas barracas se instalam e que não têm possibilidades de suportarem despesas de transportes ou de ocuparem alojamentos dignos, em edifícios próximos.

Com base no mesmo estudo sociológico, a partir do número dos alojamentos unifamiliares superlotados, dos alojamentos multifamiliares e das barracas, foram avaliadas as necessidades habitacionais nos vários núcleos urbanos propostos. Estimou-se assim o número de fogos a construir e o número de pessoas a realojar. Para corrigir as deficitárias condições de alojamento em que viviam muitos agregados familiares, estimou-se que seriam necessários construir 125.000 novos alojamentos. A este valor deveriam ser acrescentados 227.000 novos alojamentos para fazer face ao crescimento populacional esperado para a região.

Os dados gerais respeitantes ao programa habitacional para a região são claramente reveladores da ambição do PDRL – previa-se que no ano de 1985 residissem na AML 2.300.000 hab. para os quais havia a necessidade de se construírem cerca de 352.000 novos fogos.

ZONAMENTO REGIONAL

Um dos elementos fundamentais do PDRL foi a definição esquemática de tipos de zonas funcionais de forma a regulamentar o uso racional e os modos de ocupação do território. Foram consideradas as seguintes as zonas fundamentais:

Zonas urbanas edificadas e de extensão urbana propostas

Na planta síntese do PDRL estão indicadas as áreas já urbanizadas e as zonas suscetíveis de expansão urbana.

No que diz respeito aos setores já urbanizados, o planeamento destas áreas deveria ser determinado em função do carácter de ocupação existente e da sua evolução previsível, "*através de estudos gerais de urbanização ou de estudos parciais, nos termos da legislação em vigor (DL nº 33921)*" (MOP, 1964: 178) distinguiram-se neles: os centros cívicos e comerciais; as áreas residenciais; os valores arquitetónicos e artísticos a conservar e a proteger; os espaços verdes públicos; os serviços públicos e de interesse público; o saneamento das áreas insalubres e o correlativo realojamento da população; as indústrias a remover ou a conservar; as demolições a efetuar; e a reestruturação funcional.

Os sectores urbanos suscetíveis de serem expandidos foram destinados a receberem conjuntos de novas habitações. Estas áreas só poderiam ser edificadas depois da elaboração e aprovação de planos gerais ou parciais de urbanização, nos quais estivessem definidas as localizações para os equipamentos de interesse público indispensáveis ao aglomerado, e uma série de índices condicionantes das áreas de construção e dos tipos de edificações permitidas.

"[Relativamente aos planos parciais de execução], *para combate à especulação com valores fundiários, com base na aprovação de planos parciais de urbanização propostos por proprietários interessados apenas na valorização e venda dos seus terrenos, sem qualquer propósito de execução das obras neles previstas, considera-se indispensável que sejam redigidas normas administrativas tendentes à regulamentação deste aspeto, designadamente quanto à necessidade de fixação de prazos de validade das decisões aprobatórias da Administração quanto a esses planos.*" (MOP, 1964: 180)

Zonas industriais existentes e propostas

Os setores definidos como zonas industriais existentes e propostas, à escala regional, foram destinados à construção de edifícios fabris tendo em vista a descentralização das atividades da cidade de Lisboa e das suas contiguidades.

"*As novas zonas industriais previstas junto dos núcleos periféricos da capital consideram-se como reservadas, prioritariamente, para indústrias provenientes de transferências da Lisboa, por razões evidentes que decorrem da dificuldade de resolução dos problemas das mudanças da habitação da mão-de-obra que se ocupa nesses estabelecimentos a transferir* (...). *Quando se proceda à transferência de qualquer estabelecimento de Lisboa para as zonas industriais da região, deve sempre ficar assegurado que os edifícios e os espaços a abandonar se destinem, como regra geral, a funções distintas das anteriormente existentes, para efeito de não se manter, no tecido urbano, as circunstâncias desfavoráveis quanto a ambiente, ampliações futuras, salubridade e implicações de trânsito e estacionamento, que podem aconselhar essa transferência.*" (MOP, 1964: 181)

Extrato do Anteplano do Plano Diretor da Região de Lisboa, Miguel Rezende, 1964. Fonte: MOP, 1964

Nas novas zonas industriais previstas no PDRL, todas as novas edificações ficariam destinadas exclusivamente à laboração fabril ou à habitação indispensável ao pessoal de vigilância. Todas as novas instalações industriais deveriam ainda possuir espaços privativos para a carga e descarda de matérias-primas ou produtos manufaturados, ficando proibida a utilização da via pública para este fim. Com o objetivo de evitar a propagação de incêndios e de melhorar o enquadramento estético dos edifícios, foi definido que todas as unidades fabris deveriam preservar, na periferia do lote, espaços livres na proporção mínima de 60% para plantação de árvores.

Tendo em conta os ventos dominantes na região – noroeste – as áreas industriais localizam-se predominantemente a sul e este dos aglomerados populacionais de forma a protegê-los dos fumos, maus cheiros, poeiras e ruídos provindos das áreas industriais.

Propõe-se a instalação das seguintes novas zonas industriais:

a) a norte do Tejo: junto do núcleo de Sacavém, a sul do Trancão e norte de Moscavide; junto do núcleo Odivelas-Loures; em Queluz de Baixo e Alferragide; na linha de Vila Franca de Xira, para completar conjuntos já em formação ou constituindo ligeiras expansões; na linha de Sintra, junto a Algueirão-Mem Martins e a Agualva-Cacém.

b) a sul do Tejo: nas novas zonas portuárias a sistematizar; a sul do Seixal (junto da Siderurgia); a sudeste da Moita; a nascente do Pinhal Novo; a sudeste do Montijo; a nascente de Alcochete; a nascente de Setúbal.

Zonas portuárias existentes e projetadas

As zonas portuárias existentes e projetadas, delimitadas no PDRL, foram planeadas em função das potencialidades do estuário do Tejo, e as que se situam fora deste, em pontos adequados a tais atividades. Estas zonas ficariam abrangidas pelas disposições da Lei Orgânica da Administração Geral do Porto de Lisboa (AGPL) (DL 36176).

"De harmonia com a orientação já definida pelo Governo no DL 32331, para a valorização do fomento nacional, compete à AGPL (...), a organização das novas zonas industriais do porto de Lisboa, nas quais se concentrarão as atividades para cuja laboração é condição indispensável a proximidade do rio e das vias de comunicação marítima e terrestre do porto. (...)

Quanto às zonas portuárias existentes e projetadas, na região, fora do estuário do Tejo, enquanto não for possível unificar as respetivas administrações, a regulamentação a aplicar deverá ser considerada dentro de critério análogo àquele que se adotar para o porto de Lisboa." (MOP, 1964: 182)

Zonas turísticas especiais e zona turística interior da península de Setúbal

Estas zonas referem-se aos terrenos destinados ao uso turístico na faixa costeira atlântica, e àqueles que se distribuem entre esta faixa e a autoestrada do Sul, até Palmela.

"As zonas consideradas como zonas turísticas especiais são destinadas, essencialmente, a realizações de índole turística e recreativa (estabelecimentos hoteleiros e similares), excluindo-se, delas, construções doutra natureza, com exceção daquelas que devem satisfazer ao eventual alojamento da população permanente que seja indispensável para apoio das atividades turísticas, de habitações de férias da população que, para elas, terão de ser elaborados." (MOP, 1964: 182)

Zonas de matas e parques públicos existentes e propostos

Nestas zonas ficou definido que apenas seriam admitidas construções que se conjugassem com as finalidades específicas destes espaços – grandes elementos de recreio e descanso da população regional. No parque público nas arribas entre Almada e a Trafaria foi considerado de maior interesse, a implantação de uma estrada panorâmica como elemento fundamental da sua valorização.

Ficou igualmente definido que nos planos diretores a elaborar para as zonas urbanizadas e de expansão previstos no PDRL, ou simplesmente nos planos parciais de expansão, havia a obrigatoriedade de reservar espaços verdes públicos, no mínimo de 5m^2/hab.

Zonas rurais da região

As zonas rurais delineadas no PDRL foram subdivididas em:

a) zonas de elevada potencialidade agrícola. Nestas zonas, por já terem uma utilização de regadio intensivo (produtos hortícolas de consumo em fresco, produtos horto-industriais ligados ou a ligar a fábricas de transformação de produtos alimentares), e de regadio extensivo (exploração agropecuária de produção especializada de leite, carne e ovos), foi excluída a possibilidade de edificar novas construções que não estivessem relacionadas com tal utilização.

b) zonas de potencialidade agrícola e florestal a preservar. Estas zonas foram delimitadas com o objetivo de se conservarem as suas características florestais (pinheiros, sobreirais e povoamentos mistos) e agrícolas (vinhos, pomares e culturas arvenses de sequeiro de rendimento). Nelas apenas seria admitida a possibilidade de se edificarem construções unifamiliares em grandes lotes (entre 15.000m^2 e 50.000m^2). Excluem-se desta norma as realizações turísticas previstas para o interior da península de Setúbal.

c) zonas de proteção de infraestruturas paisagísticas. Estas áreas seriam, em princípio, ocupadas com florestas à base de mata consociada que deveriam ser preservadas para se garantirem os fins desejados. Seriam admitidas realizações de natureza turística, apoiadas num condicionamento funcional que garantisse a não deterioração dos ambientes criados.

"A relação dimensional entre o ambiente natural e as construções é um fator a cuidar com o maior interesse, pois a sua alteração pode provocar a perda irremediável das mais salientes qualidades destas zonas, pela destruição do seu valor estético. São sobretudo as alturas e as dimensões dos edifícios e dos terrenos que, além de colocarem em perigo a possibilidade do disfrute de espetáculos naturais, podem prejudicar a fisionomia paisagística dos lugares pela inserção de volumes anómalos relativamente aos aspetos da natureza." (MOP, 1964: 184)

d) zonas sujeitas a regime especial (compartimentação e correção climática). Nestas zonas, quando não fossem ocupadas por grandes linhas de compartimentação ou defesa, seria admitida a possibilidade de se edificarem habitações unifamiliares em lotes diretamente servidos por vias públicas existentes e com uma área mínima de 5.000m^2.

Todas as construções admitidas nas zonas rurais não poderiam implantar-se a menos de 20m das vias públicas que as servissem.

As atividades ligadas à extração do subsolo (exploração de minas, pedreiras e saibreiras) localizadas nas zonas rurais ficam condicionadas à priori, à aprovação de planos de arranjos dos terrenos de exploração. Esses planos deveriam assegurar que dessas atividades não resultariam inconvenientes ou prejuízos na deterioração da paisagem ou do meio natural.

Analogamente, o corte e derrube ou supressão de árvores nas zonas rurais, em propriedades públicas ou privadas, só poderiam ter autorização dos serviços complementares e responsáveis em matéria silvícola depois de escutada a DGSU.

No PDRL recomendava-se ainda a necessidade de se elaborar um plano de ordenamento agrário regional onde ficariam enumerados e definidos todos estes condicionantes relativos às zonas rurais da região.

"*Os aglomerados rurais da região devem ser objeto, por parte das Câmaras Municipais a que pertençam, de estudos sumários, com vista à definição urgente dos seus perímetros de urbanização, aos quais se refere o disposto na base V da Lei nº 2099, dando-lhes, ao mesmo tempo, condições de progresso que acelerem a sua valorização no que se refere a equipamento social e cultural.*" (MOP, 1964: 185).

DESENVOLVIMENTOS SUBSEQUENTES À APRESENTAÇÃO DO PDRL

Depois destas disposições genéricas, embora definidas com suficiente clareza, o PDRL propunha uma série de áreas sub-regionais que deveriam ser alvo de estudos complementares. Esses estudos deveriam aprofundar as linhas gerais estabelecidas no âmbito regional e seriam realizados a uma escala mais aproximada.

Depois de apresentado, o PDRL seria avaliado pela Comissão do PDRL e pelo Conselho Superior de Obras Públicas que o consideraram por unanimidade merecedor de aprovação deixando, no entanto, uma série de recomendações, entre elas:

"- Necessidade de prosseguirem os trabalhos do PDRL, pois o estudo elaborado deve considerar-se como um processo dinâmico, sempre em evolução, de ordenamento da ocupação do território considerado e como um instrumento de coordenação e orientação dos estudos sub-regionais, que se lhe devem seguir imediatamente, a nível interconcelhio ou concelhio, e constituirão a base de realização dos dispositivos urbanísticos preconizados.

- Urgência na promulgação das medidas legais e financeiras conducentes à concretização dos objetivos a atingir, entre as quais é de salientar a importância decisiva que terá a definição pelo Governo de uma política de terrenos que habilite as Câmaras Municipais, a adquirirem, em tempo oportuno e por preço socialmente justo, os terrenos necessários ao correto desenvolvimento urbanístico dos aglomerados concelhios.

- Conveniência de urgente e adequado reforço dos meios técnicos de que atualmente dispõem as Câmaras Municipais suburbanas abrangidas pelo Plano Regional, com vista à rápida elaboração dos estudos sub-regionais e locais que compete aos Municípios executar." (MOP, 1965: 113)

Previa-se assim que o GPDRL continuasse a existir, integrado na DGSU, assumindo a função de coordenação dos vários planos sub-regionais e certificar a aplicação dos DL nº33921 (legislação sobre planos gerais de urbanização), DL nº37251 (legislação sobre o Plano de Urbanização da Costa do Sol), e especialmente do DL nº46673 (legislação sobre loteamentos) que a partir de 1965 abriu a possibilidade dos agentes privados promoverem operações de urbanização.

Apresar destas recomendações, e de o GPDRL continuar em funções, o PDRL nunca chegaria a ser aprovado oficialmente nem seriam elaborados quaisquer planos sub-regionais. O GPDRL, de uma forma casuística, foi assumindo a responsabilidade pela aprovação de todas as operações urbanísticas que ocorreram nesse território – operações essas da responsabilidade, quase exclusiva, de promotores privados.

Entretanto, o Estado propõe uma série de reformas jurídico-institucionais, publicando diversos diplomas com um marcado sentido intervencionista. Assim, em 1970, é publicada a Lei dos Solos – DL 576/70; em 1971, foram reformulados os Planos Gerais de Urbanização e regulamentada a elaboração dos Planos de Pormenor – DL's 560/71 e 561/71; no mesmo ano foi publicado o DL 278/71, visando a repressão da construção clandestina; sobre o licenciamento urbanístico foram publicados o DL 166/70 e o DL 289/73. Ensaiava-se uma racionalização do aparelho de Estado com a criação da Secretaria de Estado da Habitação e Urbanismo, do Fundo de Fomento à Habitação e a reestruturação da DGSU. Fracassados os ímpetos liberalizantes e falhada a reestruturação nacionalizadora do aparelho do Estado, em 1973, é apresentado o DL 289/73, visando reduzir as demoras nas aprovações dos loteamentos e garantir a efetiva concretização. No entanto, as medidas decretadas não viriam a revelar-se suficientes (Ferreira, 2010).

Em 1972, com a publicação do DL 17/72 de 13 de janeiro, criaram-se as condições para a revisão do PDRL. Os trabalhos foram dirigidos por Juan António Solans.

"Nesse estudo foram caracterizadas e quantificadas as mudanças de uso dos solos, ao longo da década de 1960, na passagem dos solos rurais a solos expectantes e a solos com uso urbano. Fica-se, então, a saber que uma extensa e rápida transformação se estava a processar, muito para além das necessidades reais do crescimento demográfico, sem estruturação urbana e sem qualquer enquadramento pelo planeamento e pela gestão do território" (Tenedório, 2003: 247).

Estes trabalhos, seguindo uma *"nova orientação, baseada numa visão mais sistemática do planeamento"* (Lôbo: 1987: 149) viriam a ser interrompidos com os acontecimentos do 25 de Abril de 1974, numa altura em que se preparava o avanço para a fase de propostas.

A ambição do plano era notória, mas as várias entidades estatais responsáveis pela implementação das infraestruturas não revelaram capacidade, muitas vezes técnica (a nível municipal), mas especialmente financeira, para a sua concretização. O seu estatuto indefinido, decorrente da sua não aprovação formal bloqueou algumas das suas virtudes. O discurso institucional continuou assim desfasado ou atrasado em relação à realidade das transformações sociais, económicas e territoriais. O poder autárquico não alcançou outra forma de ação que não fosse reagir paliativamente às iniciativas dos agentes privados.

Embora não tivesse uma implementação efetiva, o PDRL simbolizou o "novo espírito" dessa "nova época" e representou o lançamento da "primeira pedra" das grandes operações de urbanização que a partir desse momento surgiram alicerçadas numa rede infraestrutural viária incompleta. Até à aprovação do Plano Regional de Ordenamento do Território da Área Metropolitana de Lisboa, que só viria a acontecer em 2002, era este o único instrumento de gestão e ordenamento territorial que abrangia todo o território da AML.

Referências

Câmara Municipal de Cascais (2012), "Plano de Urbanização da Costa do Sol disponível no Arquivo Histórico Digital", 8 de Outubro de 2012, [em linha] http://www.cm-cascais.pt/camara-residentes-visitantes/destaque/plano-de-urbanizacao-da-costa-do-sol-disponivel-no-arquivo.

Ferreira, Bruno Macedo (2010), *[in] formar a Cidade Contemporânea: a criação de uma imagem/modelo de periferia com a obra do arquitecto Fernando Silva*, [Tese de Mestrado], Lisboa, ISCTE – IUL.

Ferreira, Bruno Macedo (2014), "Plano Director da Região de Lisboa: o primeiro instrumento de planeamento territorial para a Área Metropolitana de Lisboa", *Arquiteturas do Mar, da Terra e do Ar. A Arquitetura e o Urbanismo na Geografia e na Cultura*, vol. II, Lisboa, AEAULP, p. 246-158.

Ferreira, Bruno Macedo (2015), "A configuração urbano-arquitetónica da periferia norte da cidade de Lisboa: Leitura a partir da obra do arquiteto Fernando Silva e da Urbanização da Portela", Ana Vaz Milheiro (coord.) *Optimistic Suburbia? – The students' perspective*. Luanda, Lisbon, Macao, Lisboa, FCT, DINÂMIA'CET-IUL, ISCTE – IUL, p. 193-200.

Ferreira, Bruno Macedo (2015), "Plano Director da Região de Lisboa, 1964: Linhas gerais para o desenvolvimento de uma nova estrutura territorial para a Área Metropolitana de Lisboa", *Actas/Proceedings: Optimistic Suburbia: Large housing complexes for the middle-class beyond Europe*, Lisboa, ISCTE – IUL, DINAMIA'CET-IUL, CIAAM, FCT, p. 215-242.

Lôbo, Margarida Sousa (1987), "Antecedentes de planeamento na Área Metropolitana de Lisboa, *I Seminário Internacional Área Metropolitana de Lisboa Que Futuro?"*, Lisboa, FCSH-UNL, p. 143-149.

Lôbo, Margarida Sousa (1990), "O Plano Director Revisitado", João Couceiro (ed.), *A Área Metropolitana de Lisboa e o Estuário do Tejo*, Lisboa, URBE, p. 13-20.

Lôbo, Margarida Sousa (1995), *Planos de Urbanização: A Época de Duarte Pacheco*, Porto, DGOTDU, FAUP Publicações.

Ministério das Obras Públicas (1960), *Plano Director do Desenvolvimento Urbanístico da Região de Lisboa*, Lisboa, MOP.

Ministério das Obras Públicas (1964), *Plano Director da Região de Lisboa: Anteplano*, vol. I – Memória Descritiva e Justificativa, Lisboa, MOP-DGSU, GPDRL.

Ministério das Obras Públicas (1965). *Plano Director da Região de Lisboa: Anteplano*, vol. IV – Actas das reuniões da Comissão do Plano Director da Região de Lisboa, Lisboa, MOP-DGSU, GPDRL.

Rezende, Miguel (1967). O Plano Director da Região de Lisboa, *Urbanização*, vol.2, n. 1, Lisboa, MOP, p. 3-29.

Tenedório, José António (dir., 2003), *Atlas da Área Metropolitana de Lisboa*, Lisboa, Área Metropolitana de Lisboa.

Salgueiro, Teresa Barata (1992), *A cidade em Portugal: Uma Geografia Urbana*, Lisboa, Edições Afrontamento.

Silva, Carlos Nunes (1994), *Política Urbana em Lisboa, 1926-1974*, Lisboa, Livros Horizonte.

Paulo Tormenta Pinto
Investigador do projecto. Apresentação na conferência PNUM 2015: Morfologia Urbana e os Desafios da Urbanidade, no âmbito da sessão temática 1, Transformações urbanas recentes – novos impactos, novos desafios, Brasília, 25 de Junho 2015.

A Evolução de Modelos Urbanos Tardo Modernos O caso da urbanização da Portela e da periferia de Lisboa

Introdução

Este texto apresenta uma leitura sobre a evolução de modelos urbanos de inspiração tardo moderna, promovidos pela iniciativa privada em Portugal no período que antecede a revolução de 1974. Como caso de estudo será apresentada a Urbanização da Portela, projetada por Fernando Silva (1914-1983), para a periferia oriental de Lisboa, na década de 1960.

O universo de pesquisa para o desenvolvimento deste artigo é suportado em artigos publicados em revistas da época, sendo a revista *Binário* e a revista *Arquitectura* os periódicos com maior importância em Portugal no período em que a Urbanização da Portela é realizada, fixando o discurso e o pensamento inerentes à arquitetura naquele tempo.

Verifica-se atualmente uma grande modificação dos territórios envolventes onde está implantada a Urbanização da Portela. É com base neste facto que são também apresentados neste artigo os resultados de um trabalho desenvolvido com alunos finalistas do Mestrado Integrado em Arquitetura do ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa, que teve como base o questionamento das premissas urbanas da Urbanização da Portela, designadamente a sua circunscrição territorial e sua organização em setores funcionais específicos.

Conjuntura temporal – Fundamentos para o surgimento de um urbanismo de iniciativa privada

Apesar da neutralidade de Portugal em relação à II Guerra Mundial, os efeitos do pós-guerra acabaram por envolver o país nas mesmas dinâmicas de transformação urbana, económica e social, resultantes da reconstrução europeia. Ainda que o território tivesse sido poupado à devastação produzida pelo conflito mundial, a dificuldade de equilíbrio da balança comercial com os parceiros europeus, implicou que o país aderisse, em 1948, ao plano americano desenhado por George Marshall para o desenvolvimento dos países depauperados pela guerra. A integração de Portugal nas dinâmicas internacionais do pós-guerra, implicou a integração do país na Organização Europeia de Cooperação Económica (OECE), sendo através do Fundo de Fomento Nacional (criado em 1949) que, no plano interno, se viriam a articular os recursos entregues ao país ao abrigo dos programas de auxílio americano à Europa, decorrentes do Plano Marshall (Cruz, 2006). Será também através deste organismo nacional que se iniciará o lançamento, a partir de 1953, dos planos sexenais de Fomento Nacional – I Plano de Fomento (1953-1958), II Plano de Fomento (1959-1964), Plano Intercalar de Fomento (1965-1967), III Plano de Fomento (1968-1973) e IV Plano de Fomento (1974-1979), este último suspenso em abril de 1974 devido à

< Torre de uso misto e centro comercial da Portela em construção, década de 1970 (pormenor).
Fonte: "Portela dos pekeninos" blogspot

mudança de regime político – cujo impacto se começaria a fazer sentir a partir da década de 1960, através de um grande impulso industrial conduzido pelo ministro Ferreira Dias (1900-1966), responsável pela pasta da economia entre 1958 e 1962 (Fadigas, 2015:107). No espaço de 10 anos assistiu-se ao aumento significativo da contribuição do setor secundário para o Produto Interno Bruto (PIB), passando de 36,5%, em 1960 para 48,1% em 1970, em contraponto com o decréscimo acentuado do setor primário que no período homólogo caiu de 25% para 12,7% (Rocha, 1984: 628).

Esta transformação económica viria a estar na base de um êxodo rural galopante, com forte incidência no aumento da população da cidade de Lisboa e dos concelhos envolventes com influência direta da Capital. Em 1960 a região de Lisboa contava com, 1.506.000 habitantes, representado 18,2% da população do continente, que atingia nessa data 8.292.879 habitantes (Azevedo, 1967: 118).

Este fenómeno de crescimento acelerado da população evidenciava a ausência de ferramentas de planeamento urbano capazes de conter o aumento da densidade populacional, a sobreocupação dos fogos existentes, proliferação de habitação precária e o aparecimento de extensas aglomerações de barracas sobretudo em torno dos principais núcleos urbanos do país, com maior incidência no caso das cidades de Lisboa e do Porto.

Como tentativa de contrariar este processo foram tomadas medidas regulamentares, tais como o congelamento do valor dos arrendamentos urbanos em Lisboa e no Porto e a introdução do Regime da Propriedade Horizontal. Inversamente ao previsto, ambas as iniciativas acabaram por funcionar como catalisadoras do processo de expansão urbana.

O congelamento do valor dos arrendamentos urbanos implicou uma estagnação da iniciativa dos proprietários em relação a Lisboa e ao Porto. Esta ação regulamentar foi implementada em 1948, conjuntamente com vários preceitos para a expropriação de terrenos por utilidade pública e normas sobre o direito de superfície, através da Lei nº 2030, de 22 junho. Toda a tramitação relativa aos contratos de arrendamento transitaria mais tarde para o Código Civil, em 1966, condicionando, por um lado a ação dos proprietários em relação aos principais concelhos, e por outro tornando mais estimulantes as oportunidades de investimento fora dos limites concelhios das principais cidades.

Paralelamente ao congelamento dos arrendamentos urbanos, o Regime da Propriedade Horizontal (Decreto Lei n.º 40333 de 14 de outubro de 1955) seria outra iniciativa legislativa que viria a ter forte impacto no território. Ainda que a orientação deste diploma tivesse como base a restrição do alargamento "*das grandes urbes (...) e impedir que à construção urbana fossem desnecessariamente sacrificados terrenos cuja utilização* [pudesse] *vir a fazer falta à agricultura*" (DL 40333, de 14 de outubro de 1955), o seu efeito acabou por ter um impacto completamente contrário. O Regime da Propriedade Horizontal acabou por transformar o sistema de inquilinato, num sistema de pequenos proprietários que ao abrigo dos "*embrionários regimes de crédito e de poupança-habitação criados pela Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência e pelos organismos da esfera do Ministério das Corporações e da Previdência Social na década de 1960*" (Nunes, 2011: 114). O próprio diploma regulamentar levantava o véu face ao que seria previsível em termos de morfologia urbana, quando no preâmbulo referia que o único processo viável de para alcançar o objetivo de dar resposta ao aumento constante das populações consistia "*na substituição do sistema tradicional das moradias independentes, mais a carácter com a pureza de costumes e a tranquilidade* [da] *vida doméstica, pelo sistema dos blocos residências, mais adequado por sua vez às exigências da vida moderna nos grandes centros populacionais. A construção* [passaria] *assim a desenvolver-se mais em altura à custa do espaço aéreo, do que em superfície à custa do solo*" (DL 40333, de 14 de outubro de 1955).

Estes mecanismos regulamentares acabariam também por impulsionar a iniciativa privada e o surgimento de novos aglomerados com pouca unidade morfológica. A proliferação de assentamentos urbanos de génese ilegal começou a verificar-se com forte incidência nos concelhos limítrofes de Lisboa e do Porto.

Com o objetivo de controlar a tendência que se verificava no território, inicia-se em 1961 o Plano Diretor da Região de Lisboa, coordenado a partir da "*Direção-Geral dos Serviços de Urbanização, tendo como órgão executivo um Gabinete especialmente criado para esse fim, com uma equipa de técnicos sob a direção do urbanista Engº. Miguel Rezende*" (Azevedo, 1967: 118). N.E. – Cf. nesta

publicação capítulo anterior de Bruno Macedo Ferreira dedicado ao PDRL de 1964. Este novo instrumento urbanístico, terminado em 1964, procurava contrariar o centralismo de Lisboa, implementando uma estratégia regionalista que pudesse abranger, "*a norte do Tejo, as áreas dos concelhos de Lisboa, Cascais, Loures, Mafra, Oeiras, Sintra e Vila Franca de Xira, e a Sul do Tejo, Alcochete, Almada, Barreiro, Moita, Montijo, Palmela, Seixal, Sesimbra, Setúbal e parte do concelho de Grândola (Península de Tróia)*" (Azevedo, 1967: 117) [N.E. – Cf. nesta publicação capitulo anterior de Bruno Macedo Ferreira dedicado ao PDRL de 1964]. Com o novo plano pretendia lançar-se as bases para disciplinar e corrigir equilibradamente os "*efeitos urbanísticos da expansão desordenada dos subúrbios da Capital*" (Azevedo, 1967: 118). A visão regionalista era, em grande medida, sedimentada pela decisão, em 1958, da construção da Ponte sobre o Tejo, infraestrutura que permitiria enquadrar novos fluxos de investimento, não só ao nível de uma coordenação orgânica para a construção de habitação e serviços, mas também para a gestão das comunicações e zonamento em geral, com relevo na valorização turística da área ocidental da Península de Setúbal.

O estudo sociológico associado ao plano revelava que o "*território era quase inteiramente dominado pelo complexo urbano de Lisboa e suas imediações, ou seja pelo espaço submetido à influência mais próxima da Capital*" (Azevedo, 1967: 122). Neste enquadramento verificava-se a "*tendência para a formação de faixas de dormitório ao longo das vias radiais de Lisboa* [situação que seria] *contrariada no Plano, pela acentuação do desenvolvimento de alguns centros urbanos existentes, com atividade e vida própria*" (Azevedo, 1967: 118).

O aumento populacional que se extrapolava para a Região de Lisboa, associado à sobreocupação das casas, implicava que se previsse a "*realização de 125.000 novos alojamentos. O programa habitacional do Plano* [previa], *como medida mais urgente, a construção, em primeira fase de 90.000 fogos na Aglomeração de Lisboa*" (Azevedo, 1967: 125).

Esta necessidade impunha a materialização de um sistema infraestrutural de integração das áreas concelhias periféricas com capacidade de crescimento. As vias de circulação regional (rodoviárias, ferroviárias, aéreas, marítimas e fluviais) adquiriam especial enfoque, funcionando a redistribuição demográfica como argumento de desenvolvimento territorial baseado na distribuição de atividades do trabalho (em especial das actividades do setor secundário) e na implementação do processo turístico nas áreas que maior vocação natural apresentassem para essa finalidade.

Neste contexto eram previstas duas "grandes circulares regionais", concebidas como vias rápidas, Estas rodovias, denominadas respetivamente de Circular Regional Externa e Interna de Lisboa (CREL e CRIL) vieram a ser implementadas na década de 1990 (tendo ficado concluídas na sua plenitude em 2011 com o sublanço Buraca/Pontinha no caso da CRIL), estruturando as linhas de expansão urbana da Capital a par com outras infraestruturas rodoviárias e ferroviárias – sendo relevante neste contexto a Radial Rodoviária de Sintra e a respetiva a linha de comboio de ligação deste concelho a Lisboa.

Foi em torno da estrutura destes eixos viários que se vieram a implementar novos planos de urbanização e loteamentos de iniciativa privada, acabando a própria administração central por fortalecer este processo com a definição de uma nova Lei dos Solos, que viria a ser implementada em 1970, na reta final do regime do Estado Novo, que até 1968 fora liderado por Oliveira Salazar (1889-1970), sendo nesta altura conduzido pelo seu sucessor Marcelo Caetano (1906-1980). A lei dos solos, promulgada através do DL 576/70 de 24 de novembro, tratava-se de um mecanismo que procurava por um lado disponibilizar mais terrenos urbanizáveis e por outro controlar a especulação de preços entre a oferta e procura de terrenos para edificação de habitação. O preâmbulo do diploma regulamentar referia que a "*deslocação para os centros urbanos, em especial para as grandes cidades, de massas populacionais cada vez maiores constitui um movimento irreversível, que se verifica por todo o mundo* [devendo ser vista como] *expressão ou índice de desenvolvimento económico*" (DL 576/70 de 24 de novembro). Ao abrigo deste pensamento, a nova lei procurava criar condições para a disponibilização de terrenos e áreas para a execução dos empreendimentos necessários. O controlo especulativo das transações implicava que se conseguisse o aproveitamento máximo das áreas de intervenção, muitas delas ultrapassando os limites adequados na densidade de ocupação do solo, com construções com altura superior à conveniente, limitando a inserção de espaços verdes e de áreas destinadas a serviços e

equipamentos sociais. O elevado preço dos terrenos implicava também que os construtores reduzissem a qualidade das edificações com o objetivo de equilibrar a gestão financeira inerente aos empreendimentos.

De entre as diversas medidas apontadas pela Lei dos Solos para resolver os problemas da disponibilidade dos terrenos destinados a urbanização seria a expropriação sistemática, com apropriação definitiva dos solos pela Administração, a que melhor serviria os objetivos regulamentares. O texto do diploma sublinhava, porém, que esta iniciativa não se trataria de "*uma apropriação geral de todos os solos, integrada numa conceção socialista do Estado, mas de uma apropriação limitada a certos terrenos, por se considerar essa a forma mais adequada de resolver os problemas de disponibilidade do solo destinado a urbanização, em face dos graves males sociais que produzem*" (DL 576/70 de 24 de novembro). O objetivo da nova Lei era justamente o oposto, ou seja, que houvesse da parte Administração Central a capacidade e possibilidade de tomar posse dos solos, de modo a potenciar "*uma larga intervenção da atividade privada* [motivando] *uma intensa atuação dos promotores particulares*" (DL 576/70 de 24 de novembro). Neste sentido, era incluído no diploma a possibilidade de utilização de direito de superfície, que, quando concedido por um prazo suficientemente longo, permitiria "*aos particulares obter o justo rendimento e a amortização oportuna dos capitais que* [investissem] *nas construções*" (DL 576/70 de 24 de novembro). As eventuais limitações financeiras do Estado poderiam ser contrapostas com parcerias ou associações da Administração com os proprietários dos terrenos, prevendo-se que este modelo pudesse funcionar como válido na cooperação e harmonização do interesse público com os interesses privados.

Os terrenos das quintas que cercavam as grandes cidades acabaram por ser os mais vulneráveis ao avanço das novas urbanizações. A conjuntura favorável a todos os níveis para a abertura de novas frentes de construção potenciou o surgimento de diversos núcleos urbanos satélite.

Ensaios Arquitetónicos e Urbanos – O Caso da Urbanização da Portela (1965-1979)

Os primeiros ensaios arquitetónicos de urbanização de núcleos urbanos autossuficientes em áreas suburbanas, lançados pela iniciativa privada, ocorreram ainda na década de 1950, sendo o Plano Geral de Nova Oeiras um bom exemplo. A nova Urbanização constituída por torres, edifícios em banda, moradias e equipamentos sociais, viria a ocupar os terrenos da antiga Quinta de Baixo da Casa de Pombal, alienados em 1940 a favor da sociedade Nova Oeiras [N.E. – Cf. nesta publicação capitulo de Ana Vaz Milheiro e Rogério Vieira de Almeida dedicado ao Plano de Urbanização de Nova Oeiras]. Esta intervenção pioneira, em termos programáticos, permitiu aos seus autores – Luís Cristino da Silva e Pedro Falcão e Cunha – ensaiarem os pressupostos do urbanismo proveniente dos ensinamentos da Carta de Atenas (de 1933), definidos como reguladores no I Congresso dos Arquitetos Portugueses, em 1948.

A versão integral da Carta de Atenas é traduzida para português em 1948, sendo publicada ao longo de doze números da revista *Arquitectura*, entre fevereiro do mesmo ano e agosto de 1949. Os fundamentos urbanos do Movimento Moderno, apreendidos pelos arquitetos portugueses de modo tardio, serviram como plataforma de entendimento e entusiasmo para a apreensão da arquitetura brasileira moderna. Para este facto contribuiu a exposição *Brazil Builds – Architecture New and Old 1652-1942*, comissariada por Philip Goodwin e Kidder Smith, no MoMa de Nova Iorque, em 1943, que teve repercussão em Portugal, motivando a organização, em Lisboa, de duas exposições sobre a Arquitetura Moderna Brasileira. A primeira no Instituto Superior Técnico entre 1948 e 1949 e a segunda na Sociedade Nacional de Belas Artes, em 1953, no âmbito do Congresso da União Internacional de Arquitetos, realizado em Lisboa nesse ano (Milheiro, 2012: 111-114). A divulgação do trabalho de Lúcio Costa e Oscar Niemeyer seria também intensificada através de revistas, nacionais e internacionais, destacando-se o caso da revista francesa *L'Architecture d'Aujourd'hui* cuja famosa edição dupla "Brésil" (nº 42 e 43, de agosto de 1952) seria muito disputada entre os portugueses (Milheiro, 2012: 134) e da própria revista *Arquitectura*, na qual Sebastião Formosinho Sanchez (1922-2004) publica uma carta de leitor logo em fevereiro de 1949 destacando "*a superioridade da produção brasileira sobre o que os portugueses* [projetavam], *mesmo os de inspiração moderna*" (Sanchez, 1949: 17). Mais tarde seria a nova cidade de Brasília a adquirir protagonismo, as imagens do Plano Piloto de 1957, começam a ser publicadas a partir de julho de 1960, no nº 22 da revista

Binário, em vários artigos alusivos ao plano e a alguns pormenores da nova Capital brasileira traçada por Lúcio Costa. A *Binário* acompanhará em números seguintes o desenvolvimento e construção da nova cidade publicando em maio de 1965 a recensão de um livro sobre Brasília, e em março de 1969 um artigo do próprio Lúcio Costa, intitulado "Brasília hoje", como introdução à publicação dos projetos das embaixadas dos vários países aí representados.

Os ensinamentos da Carta de Atenas estariam também na base de todo o processo de expansão oriental da cidade de Lisboa, lançado pela promoção pública, que apontava por essa via uma maneira renovada de olhar o território e a cidade, que envolveria políticos, técnicos e vários agentes da construção. A esta orientação não estava imune o setor privado que, por contágio, viria a aplicar nas suas lógicas os mesmos procedimentos desencadeados pela Administração Central. A Carta de Atenas influenciaria, quer a fase final do Plano de Urbanização de Alvalade de Faria da Costa (1906-1971), iniciado em 1945, para um universo de 45.000 habitantes; quer os estudos para Olivais Sul, Olivais Norte e Chelas. Estes últimos elaborados entre 1955 e 1964 pelo Gabinete Técnico da Habitação (GTH) da Câmara Municipal de Lisboa, todos eles com participação de José Rafael Botelho (n. 1923), destinados a uma área onde predominavam terrenos pertencentes a quintas, num total de aproximadamente 737 hectares (Heitor, 2015), para um universo de 103.550 habitantes. O espaço temporal de uma década e o gigantismo desta intervenção pública (cerca de um décimo da área da cidade de Lisboa) permitiram, acompanhar tanto as contradições inerentes ao fim dos CIAM (Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna), como a renovação no pensamento urbano lançada pelo Team 10, desde Dubrovnik em 1956.

A intensa atividade na área da construção civil, neste período, contribuiu para um crescente desenvolvimento tecnológico neste setor. A implementação de novos sistemas para agilizar a produção, conduziram ao apuramento da aplicação do betão armado e dos sistemas de estruturais de prefabricação (por exemplo cofragem em túnel). Também a produção de novos materiais foi muito explorada, nomeadamente os sistemas de caixilharia de alumínio, os revestimentos cerâmicos, e/ou os isolamentos betuminosos. O desenvolvimento

Implantação da Urbanização da Portela, década de 1960.
Esquema: Bruno Macedo Ferreira

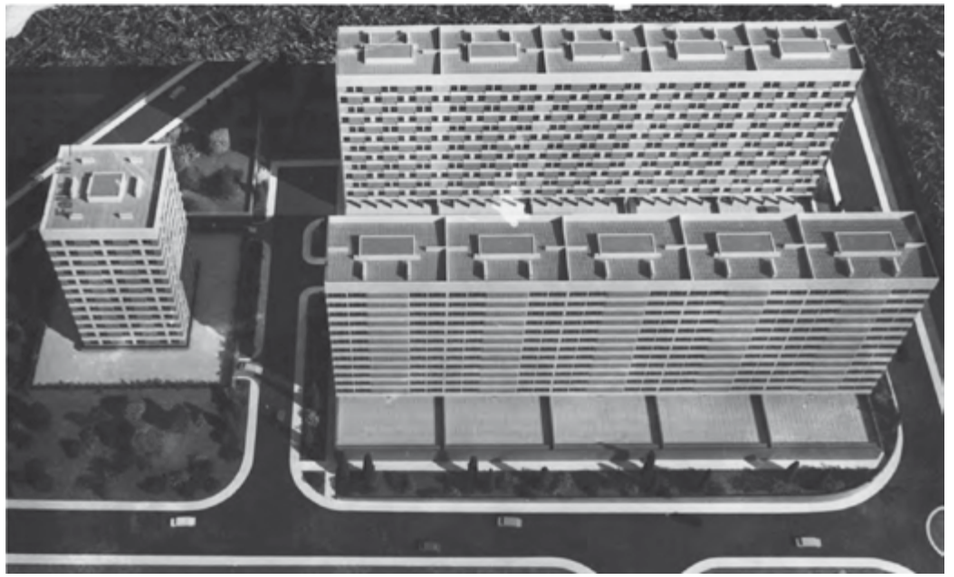
destes sistemas e materiais pôde articular-se com o dinamismo e investigação produzida pelo Laboratório Nacional de Engenharia Civil, instituído em 1947, sob a direção do Eng. Arantes de Oliveira (1907-1982).

É no contexto de "ascensão e queda" da ortodoxia do urbanismo do movimento moderno que em 1965 é lançada a Urbanização da Portela. Fruto de uma encomenda privada, dos vários proprietários das quintas existentes no local, ao arquiteto Fernando Silva (1914-1983), mais tarde com a intervenção decisiva de Manuel da Mota, a Portela seria pensada como uma cidade satélite a ser construída na proximidade de uma das "portas" de acesso à Capital, perto do aeroporto desenhado por Keil do Amaral (1910-1975), na década de 1940. A sua inserção na Freguesia de Sacavém do Concelho de Loures, a Nascente da antiga cintura industrial portuária de Lisboa, contribuía para um certo isolamento em relação aos núcleos urbanos de Lisboa, situação esta, que se reverteu no final do milénio com a reconversão da zona Oriental de Lisboa para a construção da Expo-98 (atualmente designado de Parque das Nações).

Nos terrenos das antigas Quintas da Vitória, Casquilho, Ferro, Carmo e Alegria, Fernando Silva definiu uma "tábua rasa" num total de 54 hectares, para sobre ela determinar um sistema pragmático que estrutura cerca de 4.500 fogos e respetivo equipamento urbano (Ferreira, 2013: 227-235), destinados à classe média.

As opções de Fernando Silva foram prefiguradas em torno de modelos urbanos como, por exemplo, a *Ville Contemporaine* de Le Corbusier de 1922, ou a *Rosse Wolfe* de Ludwig Hilberseimer de 1927. A Portela apresentava-se como um núcleo urbano devidamente circunscrito e delimitado da envolvente próxima, como um "condomínio" autónomo e autossuficiente devidamente afastado e protegido dos "malefícios" da cidade – o ruído, a agitação ou a poluição. A separação funcional e a centralização das funções cívicas inerentes ao conjunto da Portela permitem também o estabelecimento de uma relação deste modelo com o caso de Brasília, que se encontrava em plena construção no momento em que arranca o Anteplano da nova Urbanização.

A superação das insuficiências da cidade antiga estava presente na Portela, que no seu conjunto se apresentava como um modelo atrativo para responder às aspirações de vida moderna que seduziam a classe média



Maqueta da Urbanização da Portela, década de 1960.
Fonte: Arquivo Municipal de Loures, Processo n.º33692, vol.09

Torre de uso misto e centro comercial da Portela em construção, década de 1970.
Fonte: "Portela dos pekeninos" blogspot

emergente no período final da governação estado novista. A pureza do ar, a envolvente verde, a generosidade das distâncias entre os edifícios, respeitando a chamada "lei dos 45º":

> "*A altura de qualquer edificação será fixada de forma que em todos os planos verticais perpendiculares à fachada nenhum dos seus elementos,* (...) *ultrapasse o limite definido pela linha reta a 45º, traçada em cada um desses planos a partir do alinhamento da edificação fronteira, definido pela interseção do seu plano com o terreno exterior*". (Art. 59.º do Regulamento Geral das Edificações Urbanas)

A dimensão das vias e das casas permitiriam uma vida desafogada e livre dos constrangimentos a que, supostamente, a sedimentação das cidades tinha levado os seus centros históricos.

Além disso, esta situação de "descolamento urbano", associada a idêntica "pureza" da linguagem dos vários edifícios isolados, paralelepipédicos e caracterizados por faixas horizontais forradas a pastilha cerâmica, rompia com quaisquer afinidades genealógicas relativas à arquitetura que até então se realizava em Lisboa, ou no próprio país. A Portela, implantada num terreno ligeiramente rampeado no sentido Nascente/Poente, no cruzamento entre a autoestrada, o aeroporto, o caminho-de-ferro e o Porto de Lisboa, referenciava-se num sistema global e num "estilo internacional".

Apesar de alguns dos princípios do projeto da Urbanização da Portela não terem sido cumpridos na sua execução, verifica-se na essência, a aplicação de um modelo de estratificação funcional em torno dos quatro princípios: habitar, trabalhar, repousar e circular. A circulação é o pilar estruturante do desenho da Urbanização da Portela. De início verificou-se a intenção de limitar a introdução de quaisquer vias de atravessamento de modo a limitar o acesso automóvel ao interior do núcleo urbano, em vez disso previa-se uma via generosa que, a partir de Sacavém, permitiria o acesso direto e axial ao centro cívico da Urbanização. Esta via acabou por rasgar a Portela, ligando-se a uma via secundária que circunda o conjunto residencial, dando acesso aos blocos. Os percursos pedonais seriam autónomos e protegidos das redes viárias, tendo sido explorada a hipótese da introdução de atravessamentos pedonais desnivelados em relação à rede viária, por forma a articular áreas ajardinadas dispostas a um nível mais elevado, cobrindo as zonas de estacionamento. O modelo de construção da Portela assentou na alienação dos projetos dos blocos a vários construtores civis, fragmentando-se a intervenção em torno de mais de uma centena de pequenos

empreiteiros. A proliferação de intervenientes na construção da Urbanização, associada à conjuntura de Portugal na década de 1970 (com a Revolução de 1974), vulnerabilizou a implementação das ideias iniciais de Fernando Silva, ficando por construir o tratamento verde e pedonal previstos.

A Urbanização da Portela compreende edifícios em banda e em torre, sendo a expressão de homogeneidade do conjunto conseguida pela estabilização morfológica, resultante da manutenção da cota superior da generalidade dos edifícios criada pelo alinhamento altimétrico dos vários planos de cobertura. As exceções verificam-se na torre de uso misto de escritórios, habitação e no centro comercial existentes no centro do conjunto, e nas bandas implantadas a Sul, as quais, devido à proximidade do Seminário dos Olivais, adquiriram uma cota mais baixa. Os edifícios em banda são implantados perpendicularmente em relação às vias rodoviárias, compreendendo "*uma altura que varia entre os oito e doze andares e a profundidade entre os 12 e 15 metros*" (Ferreira, 2012), somente alterada no caso das torres (20 e 25 metros de profundidade). "*O centro da Urbanização é ocupado por uma ampla zona com 285mx300m onde se* [previu] *a concentração de todo o equipamento urbano necessário*" (Ferreira, 2012). A torre mista, integrada no centro comercial circular, dispõe de 22 pisos, sendo um ponto focal e o elemento mais representativo do centro urbano. Existem no local outros equipamentos, embora construídos em fases diferentes, como é caso da igreja projetada por Luiz Cunha (n. 1933), concluída em 1992, escolas e unidades desportivas - piscina, ginásios e campos de ténis.

Urbanização da Portela, pesquisa realizada com estudantes do ISCTE-IUL

Passados 50 anos sobre o Anteplano de Urbanização da Portela, verifica-se, hoje em dia, uma grande transformação do território envolvente que ao longo tempo se foi preenchendo e consolidando. Não só a densificação do concelho de Sacavém ou a concretização de Olivais Norte mas, sobretudo, a desafetação industrial da área Oriental de Lisboa, e a consequente urbanização dos terrenos onde viria a ser construído o Parque das Nações, transformaram por completo o entorno da Portela, provocando uma alteração profunda no modo como este aglomerado, pensado para 18.228 habitantes, se relaciona consigo próprio e com as áreas urbanas que o circundam. O alastramento em "mancha de óleo" dos núcleos urbanos da área metropolitana de Lisboa, aglutinaram a Urbanização da Portela ao manto urbano contínuo, alterando as suas características originais de isolamento e autonomia.

Urbanização da Portela, década de 1970. Fonte: "Portela dos pekeninos" blogspot

Este fenómeno, próprio do metropolitanismo, tem implicado uma alteração crescente da centralidade prevista no Plano de Urbanização da Portela. Para além de uma certa obsolescência dos modelos tipológicos do centro cívico, verifica-se que parte dos núcleos de permanência dos habitantes no espaço público se tem vindo a deslocalizar, estendendo-se agora a zonas marginais, nomeadamente para Nascente onde existem parques infantis, ou para Sul onde se pode encontrar a Igreja e o supermercado. Verifica-se ainda uma tendência de conurbação com Moscavide e, por conseguinte, com o Parque das Nações, superando mesmo as barreiras constituídas pelas infraestruturas rodoviárias que rasgam o território na tangência da Portela.

Integrando os pressupostos do projeto de investigação "Habitações para o maior número: Lisboa, Luanda, Macau", foi lançado o desafio aos alunos, finalistas do Mestrado Integrado em Arquitetura do ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa, de colocarem em causa o modelo inerente ao Plano de Urbanização da Portela. Do ponto de vista metodológico, a temática de base foi versada através do texto: "Arquitectura ou Revolução – Learning from the satellite" (Pinto, 2013), no qual se lançava uma reflexão sobre o conceito de "cidade satélite", conectando-se os princípios do movimento moderno aos conceitos urbanos desenvolvidos no limiar do último quartel do século XX. Este texto enunciou as bases de um intenso debate sobre modelos urbanos tardo-modernos, questionando-se nomeadamente o idealismo inerente a essas propostas urbanas, assim como a sua capacidade de autorregeneração no período atual. A Portela foi usada como caso de estudo, servindo como área de experimentação projetual por parte dos estudantes, que responderam ao desafio, analisando e definindo estratégias para articular este conjunto urbano com os territórios urbanos existentes na sua proximidade – Olivais Norte, Prior Velho, Sacavém e Moscavide.

Com base neste ponto de partida, foi lançada a hipótese ficcional de que o centro da Portela havia ruído devido a uma catástrofe, abrindo-se deste modo espaço para repensar e reinterpretar aquele modelo de urbanização. A premissa ficcional colocada aos estudantes foi a seguinte:

"E se toda a área central da Portela fosse destruída por uma catástrofe?"

Considerou-se desde modo uma hipotética destruição irremediável, através de um grande incêndio e consequente derrocada do centro da Urbanização - um dos alicerces fundamentais da Portela. Esta premissa procurava reproduzir, com as devidas distâncias, os pressupostos do debate ocorrido, em 1988, aquando do incêndio do Chiado que atingiu uma das áreas chave e de maior concentração comercial da Baixa Pombalina e que usufruiu posteriormente da intervenção de Álvaro Siza, a qual, operando sobre a morfologia existente, teve o benefício de estabelecer uma atualização programática daquele local.

Os estudantes, organizados em grupos, definiram propostas de planeamento e arquitetura, tendo em vista a reconstituição dos edifícios desaparecidos e dos respetivos programas. A definição de um novo conceito para o centro do Bairro foi trabalhada em conjugação com a distribuição dos equipamentos em áreas sobrantes, existentes nas franjas da Urbanização, pretendendo-se deste modo avaliar as possibilidades de relação da Portela com as áreas urbanas ao seu redor.

O trabalho coletivo de Anderson Colombo, Ivo Gomes, Patrícia Almeida, Rui del Pino Fernandes e Telma Ribeiro, pode ser citado como exemplo dos resultados obtidos. Definindo uma estratégia urbana para a Portela suportada na definição de uma nova centralidade a partir da previsão da expansão da linha de metro de Lisboa até ao bairro. Esta base serviu para o lançamento de diversos projetos individuais que se estabeleceram nas margens da Urbanização da Portela. Um armazém junto ao Prior Velho deu lugar a uma biblioteca, servindo como argumento para um tratamento do espaço público; uma escola foi implantada num terreno expectante junto à Avenida Alfredo Bensaúde reforçando a axialidade do eixo viário central da Urbanização; a nova piscina municipal foi ensaiada na continuidade das bandas habitacionais tangentes ao Seminário dos Olivais, reforçando a possibilidade de ligação com Moscavide; uma nova igreja, pensada para um terreno sobrante no lado Norte, em diálogo com as infraestruturas rodoviárias de ligação à Ponte Vasco da Gama e com a proximidade ao núcleo de Sacavém; novas bandas habitacionais prolongaram a Portela para Poente contribuindo para a articulação entre o bairro de habitação social e a própria Portela.

Intervenção na Urbanização da Portela, exercício de Projeto Final de Arquitetura, MIA, ISCTE-IUL, 2014/2015. Autores: Anderson Colombo, Ivo Gomes, Patrícia Almeida, Rui del Pino Fernandes e Telma Ribeiro.

Estas ações permitiram compreender o potencial de transformação que se verifica no local, validando-se a hipótese da articulação urbana do modelo da Portela com as áreas envolventes a Oriente da Capital, bem como a elasticidade deste conjunto urbano como caso de estudo académico, relativo às dinâmicas urbanas contemporâneas subjacentes à cidade Lisboa.

O processo de regeneração urbana, que atualmente sensibiliza a opinião pública, carece de mecanismos de linguagem permitam descodificar o sentido destas operações que caracterizam a paisagem urbana das áreas metropolitanas das principais cidades portuguesas. Para se atingir esse objetivo é necessário trazer para a academia, compreendendo a sua génese e verificando as potencialidades que poderão congregar para se adaptarem às dinâmicas de transformação a que as cidades estão hoje sujeitas. É neste contexto que a Urbanização da Portela se assume como caso de estudo pioneiro e paradigmático.

Referências

Azevedo, Mário (1967), "O Plano Director da Região de Lisboa", *Binário - Revista mensal de arquitectura, construção e equipamento*, n. 108, Setembro, p. 117-127.

Cruz, Maria José Oliveira (coord., 2006), *Planeamento Económico em Portugal 1953-1974. Um Acervo Histórico*, Lisboa, Departamento de Prospectiva e Planeamento, MAOTDR.

Fadigas, Leonel (2015), *Urbanismo e Território – As políticas públicas*, Lisboa, Edições Sílabo.

Ferreira, Bruno Macedo (2012), "Optimist Suburbia: uma visão para a Cidade Contemporânea. Leitura crítica sobre a configuração urbano-arquitectónica da periferia norte da cidade de Lisboa", *Estudo Prévio*, n. 2, [em linha] http://www.estudoprevio.net/artigos/12/bruno-ferreira-.-optimist-suburbia.

Heitor, Teresa Valssassina (2004), "Olivais e Chelas: Operações Urbanísticas de Grande Escala", [em linha] http://in3.dem.ist.utl.pt/msc_04history/aula_5_c.pdf (Junho).

Milheiro, Ana Vaz (2012), *Nos trópicos sem Le Corbusier: Arquitectura luso-africana no Estado Novo*, Lisboa, Relógio d'Água.

Nunes, João Pedro Silva (2011), *Florestas de Cimento Armando – Os grandes conjuntos Residenciais e a Constituição da Metrópole de Lisboa (1955-2005)*, Lisboa, FCG e FCT.

Pinto, Paulo Tormenta (coord., 2013), *Passagens*, n. 1, Casal de Cambra, Caleidoscópio.

Pinto, Paulo Tormenta (2013), "Arquitectura ou Revolução – Learning from the satellite", texto base da Unidade Curricular Projecto Final de Arquitectura 2013-2014 (não publicado).

Rocha, Edgar (1984), "Crescimento económico em Portugal nos anos de 1960-73: alteração estrutural e ajustamento da oferta à procura de trabalho", *Revista Análise Social*, n. XX, p. 628, [em linha] http://analisesocial.ics.ul.pt.

Sanchez, Sebastião Formosinho (1949). "A Arquitectura Moderna Brasileira, Arquitectura Moderna Portuguesa", [Cartas de Leitores], *Arquitectura*, n. 29, Fevereiro/Março, p. 17.

Art. 59.o do Regulamento Geral das Edificações Urbanas DL 576/70 de24 de novembro.

Débora Félix
Investigadora do projecto. Apresentação no Seminário Internacional Optimistic Suburbia - Large Housing complexes for the middle-class beyond Europe, ISCTE-IUL, Lisboa, 22 Maio de 2015. Artigo publicado com alterações, e sob o título "Promoção Privada. A Habitação Colectiva na Área Metropolitana de Lisboa: o caso do arquitecto Fernando Silva", in Milheiro, Ana Vaz (coord. 2015). Luanda, Lisboa, Macau – Optimistic Suburbia? The students' perspective. Lisboa: ISCTE-IUL, DINÂMIA'CET, CIAAM, p. 201-207.

Promoção Privada – A Habitação Colectiva na Área Metropolitana de Lisboa
O caso do arquiteto Fernando Silva

Nos finais da década de 1950 assistiu-se a uma transformação rápida de Lisboa que caracterizou um momento único da história da cidade e da arquitectura portuguesa. Nas zonas rurais, em torno da cidade, ergueu-se uma nova lógica de crescimento urbano onde a presença do lote foi substituída por grandes urbanizações que compunham uma paisagem que outrora se encontrava desprovida de construções.

Nesta paisagem rural, arquitectos e promotores privados vêem um palco ideal, onde a lógica da *tabula rasa* é a solução encontrada para a construção de um território novo. Arrasam-se áreas de cultivo e respectivos casarios para a construção de uma nova cidade moderna onde a distância em relação à cidade tradicional, a construção de equipamentos, vias, escolas e espaço público são pontos essenciais. É sobretudo a habitação – onde se privilegia a tipologia multifamiliar – que se torna no factor de sucesso imobiliário que define os novos bairros de expansão da cidade.

Urbanizações como a Portela (1964-1969), Sassoeiros (1961-1975), Alto da Barra (1962-1976), e a Quinta dos Condes de Carnide (1975-1983), do arquitecto Fernando Silva, marcam esta alteração de paradigma ao nível do desenho urbano e da arquitectura. Estes conjuntos fazem parte de uma aproximação, tanto do arquitecto como dos promotores privados, aos preceitos do Movimento Moderno, definidos em 1933, na Carta de Atenas.

A expansão da cidade só terá sido possível com a liberalização das políticas de habitação em Portugal que se verifica a partir do final dos anos 1950. Até então, as políticas desenvolvidas terão sido sempre mais direccionadas para a habitação social ou de rendimento, de modo a garantir o direito à habitação para todos.

Na primeira metade dos anos 1960, a competência de urbanizar terá sido maioritariamente da responsabilidade do Estado, mas isso viria a alterar-se em 1965, com a publicação do Decreto-Lei n.º46673, que liberaliza o loteamento urbano, dando aos privados o direito de adquirir, infraestruturar e lotear. Segundo este decreto, o loteamento urbano consistia na operação que tinha como objectivo a divisão em lotes, de um ou vários prédios fundiários, situados em zonas urbanas ou rurais. Perante este regime, adquirindo um lote em co-propriedade e sendo a sua divisão material acordada entre todos, cada proprietário passaria a exercer a posse exclusiva sobre uma das parcelas desse lote como seu único proprietário. Esta alteração terá sido importante na criação de sociedades que viam assim possibilitada a construção com investimentos próprios.

< Urbanização da Portela. Foto: Débora Félix

Este mesmo decreto permitiria que os proprietários de solos rústicos detivessem a competência de lotear e urbanizar os seus terrenos. Ao dar tal importância ao proprietário, os serviços camarários usufruiriam do investimento privado na construção do território e passariam a ser, de alguma forma, apenas agentes fiscalizadores do desenvolvimento urbano territorial.

Perante a menor intervenção do Estado, diminuída pela instabilidade política, com a queda do marcelismo e a revolução de 1974, coube aos promotores privados e às grandes empresas imobiliárias a possibilidade de expansão do mercado habitacional, na Área Metropolitana de Lisboa (AML).

No entanto, os regulamentos existentes na área da habitação eram escassos e pouco direccionados para a importância do "homem-tipo" e a sua relação com o espaço habitável, estando a avaliação dos projectos dependente da subjectividade e dos interesses dos serviços camarários. Sendo omissos em vários aspectos, os regulamentos limitavam-se a estabelecer regras de salubridade (*Regulamento da Salubridade das Edificações Urbanas* - R.S.E.U) e alguns limites mínimos dos pés-direitos, vãos, áreas de compartimentos e de pátios. Havia ainda regulamentos que permitiam minorar a subjectividade na interpretação de regras mais gerais por parte dos promotores e dos construtores na cidade de Lisboa, com o *Regulamento Geral da Construção Urbana* para a cidade de Lisboa (R.G.C.U.), ou ainda o *Regulamento Geral das Edificações Urbanas* (R.G.E.U.), onde se definiam as dimensões mínimas da habitação, que por sua vez tenderiam a diminuir em 1975 com o Decreto-Lei n.º 650/75.

Mediante este cenário, a partir dos anos 1960, na periferia da AML o programa habitacional é sujeito a sucessivas experimentações. O desafio passou por desenvolver uma nova tipologia de habitação que reflectisse as reais necessidades, optimizando os recursos ao mesmo tempo que se resolvia o problema da escassez de alojamento. Não se tratava apenas de produzir habitação para classes mais desfavorecidas. A abertura ao sector bancário da concessão de crédito à habitação aliada à liberalização da urbanização provocou um "boom" no investimento do sector privado, que vê na periferia de Lisboa o local ideal para a construção de habitações que respondessem às novas expectativas da classe média e alta.

"O conhecimento, embora superficial, do "estilo internacional" que Fernando Silva possuía era suficiente para projectar com grande à vontade espaços amplos, construídos com qualidade e a neutralidade ambientais então exigidas." (Gonçalves, 1996)

Sempre associado aos clientes privados, a obra do arquitecto Fernando Silva definiu-se em dois momentos, a intervenção no interior da cidade e na sua periferia.

Entre os anos 60 e 80 do século XX verifica-se, na sua obra, a estabilização de um modelo, de uma tipologia de prédio de habitação, que foi sendo ensaiada no interior da cidade para uma população mais abastada e, mais tarde, adaptada para a periferia. A linguagem arquitectónica altera-se e é perceptível no tipo de implantação. Quando constrói no interior da cidade – estando condicionado pelo lote dado -, recorre à forma em L, são disso exemplo o edifício no gaveto da Av. da República e da Av. Miguel Bombarda (1956-1961), ou o Complexo do Entreposto, no cruzamento da Av. das Amoreiras e Av. Duarte Pacheco (1960-1969), ou à forma Y, no conjunto de Alvalade em colaboração com Ruy d' D'Athouguia (1966-1979). Na periferia, por seu turno, a forma paralelepipédica "solta" permite uma abordagem linguística claramente purista e abstracta, contida e sem influências da envolvente.

Nas obras realizadas a partir de 1950 encontraram-se características comuns, que lhe conferem coerência interna e uma maturidade conseguida pela sucessiva experimentação de diversas soluções. Exemplo disso é o complexo do Entreposto, onde o arquitecto introduz uma dimensão urbana totalmente nova, dando à cidade um novo conceito de monumentalidade ao projectar dois conjuntos habitacionais para o Gaveto da Av. Engenheiro Duarte Pacheco e a Rua das Amoreiras compostos pelos edifícios Tecnical, S.I.E e S.I.A, que caracterizou como sendo construções de "grande vulto e de categoria acima da mediana" (Silva, 1959).

A solução apresentada em 1959 satisfaz todos os condicionamentos estabelecidos, quer no que respeita ao volume, às proporções, à utilização e acesso aos logradouros e estacionamentos, quer ainda no que respeita à composição geral dos alçados, compatíveis com a projecção do local e com o valor que o edifício adquiria. Opta-se pela distribuição de três habitações por piso, - ao invés das quatro previstas no anteplano de 1957, que ocupam

Anteplano do complexo do Entreposto, Cruzamento Av. Duarte Pacheco e Rua das Amoreiras, esquema geral, 1957. Redesenho: Débora Félix

todo o lote. Relativamente à distribuição programática verifica-se um fogo sem pretensões de inovação, apresentando um esquema impeditivo de futuras alterações que prejudicassem a concepção estética e funcional do conjunto.

Em 1960 é apresentado um projecto totalmente novo que substitui na íntegra o anterior. Como consequência da avaliação dos serviços camarários, procedeu-se ao recuo do plano marginal implicando a alteração de todo o empreendimento. Com esta alteração todo o local iria ser substancialmente beneficiado, pela amplitude que os novos limites da zona de elevação proporcionavam e ainda pelo aumento da largura da artéria projectada, trazendo à cidade uma nova escala, pensada no conjunto.

O edifício organiza-se segundo um esquema tradicional de esquerdo/direito, com dois apartamentos por piso, numa forma em L. Relativamente à organização dos apartamentos, embora os princípios de tripartição da casa sejam visíveis, - áreas de serviço, de estar e de dormir –, nota-se a procura de um percurso e usufruto da habitação assente nas novas exigências de saneamento, como a conduta de lixos e detritos, ou a utilização de portas de correr para confinar ou interligar os espaços, o recurso à utilização de elementos que permitam a transformação dos espaços utilizando armários para separar os quartos das zonas de circulação ou entre quartos contíguos. Outro factor inovador é o princípio da separação das funções. Quase que poderiamos traçar uma linha imaginária e dividir a planta em L em duas partes distintas, os compartimentos virados ao interior do quarteirão, destinados aos serviços, e os situados na fachada principal. No entanto, a pressão dos promotores é clara quando em 1967, mediante a entrega das telas finais, é apresentada uma planta mais compartimentada, introduzindo a porta dupla para separar as salas e dar lugar ao escritório, quebrando a fluidez do espaço proposto anteriormente. Esta introdução do espaço de trabalho no interior da habitação terá surgido através de alterações em obra. O próprio edifício passa de uma estrutura de cariz habitacional para uma estrutura mista, com um piso reservado para escritórios. Ao nível das fachadas, à semelhança do que irá acontecer na periferia, a imagem geral mantém-se através de uma volumetria e fachadas abtractas que tendem a distanciar-se da envolvente.

Curiosamente, o arquitecto no interior da cidade tem mais controlo sobre o projecto, desde a parte conceptual à construção, conseguindo manter os princípios gerais e garantindo que as alterações introduzidas não colocam a generalidade

Edifício "Angola" – S.I.A., Complexo do Entreposto, Gaveto da Av. Duarte Pacheco e Rua das Amoreiras, 1959-67. Redesenho: Débora Félix

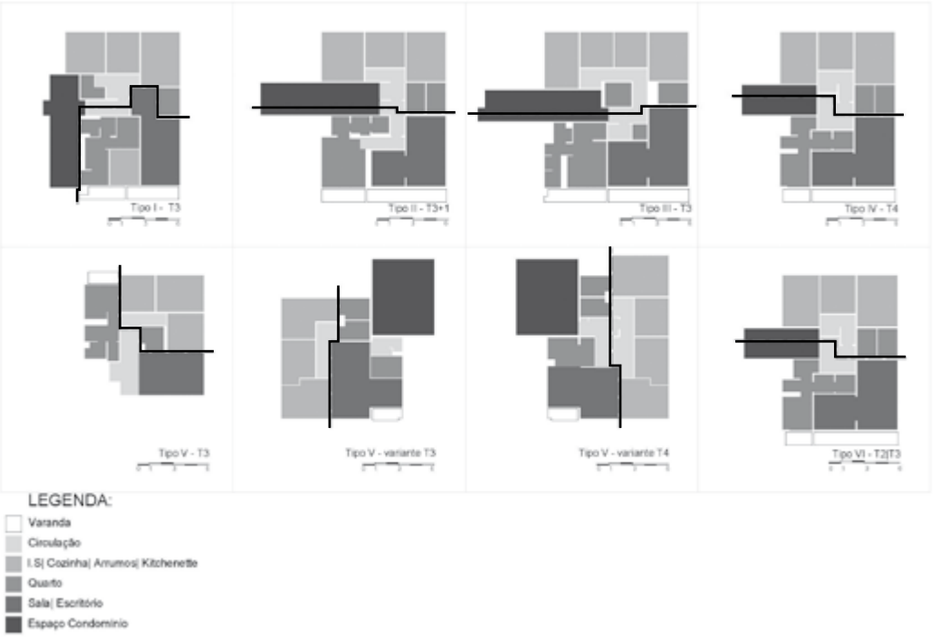
do projecto em causa, apesar da versão final acabar por introduzir alguns preceitos mais reconhecíveis pelos seus clientes.

Num outro contexto e numa outra escala urbana surge a Urbanização da Portela projectada em 1964 para um total de 18.228 habitantes. O plano cobria uma área de 54 hectares, com 196 lotes reservados para a construção de 4.557 apartamentos. Da versão de 1969 resultou o projecto de 199 lotes em 179 blocos e 20 torres.

Tanto o plano urbanístico como as tipologias residenciais foram projectadas por Fernando Silva, reflectindo uma arquitectura assente na resolução hierárquica dos programas funcionais e a reformulação formal e esquemática dos sectores habitacionais. Perante as novas formas de habitar assentes numa vida moderna, a zona de estar, dormir e serviços ganham igual importância. Como tal, a diferenciação passa a estar assente numa distinção prática, onde o número de horas que são utilizadas define a sua posição.

No projecto inicial de 1970 foram desenhadas seis tipologias habitacionais, cinco a serem incluídas em blocos (I, II, III, IV e VI) e uma – com uma variante – (Tipo V e V variante) na torre. Todos os apartamentos reflectem uma clara modernização do espaço habitável da casa. Os conceitos gerais, comuns a todo o projecto, são os acessos feitos através de uma caixa de escadas, organizados num esquema tradicional de esquerdo/direito, dois apartamentos por piso, com ventilação transversal, e a separação interna entre zonas de dormir e estar – diurno e nocturno – resultando na hierarquização das funções em fachadas opostas.

A diversidade de tipologias apresentadas pode ser entendida como um processo de ensaio, resultado da procura da tipologia-tipo para um cliente-tipo, o que noutras urbanizações tenderia a ser simplificado cingindo-se apenas a uma tipologia para blocos e outra para torres. É notória a resposta do arquitecto às exigências do mercado apresentando um programa funcional diversificado com uma lógica comercial que pretende servir vários tipos de agregados familiares, em detrimento da modernização do espaço da casa, recorrendo a introdução de costumes tradicionais próprios da classe média, o que se traduz, por exemplo, na existência de quarto da empregada



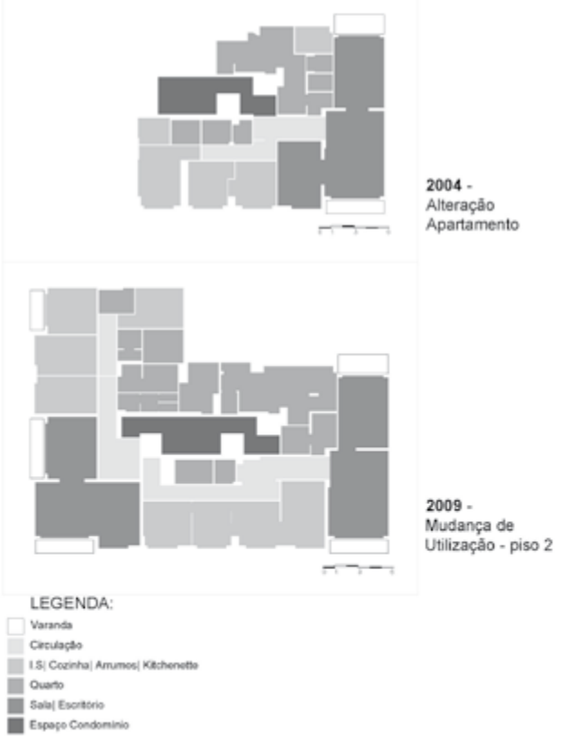
Urbanização da Portela, Apartamentos - Tipo, 1960-1979. Redesenho: Débora Félix

(apartamento Tipo II) contíguo à zona da cozinha, ou no acesso ainda mais reservado a cada apartamento (Tipo III), situação semelhante à experimentada no Complexo do Entreposto.

No entanto, é na tipologia de torre que a abordagem do arquitecto é claramente distinta de experiências anteriores. Aqui encontramos a estabilização de um *layout*, repetido em todos os pisos. A organização do apartamento é reduzida ao essencial, optando pela abolição do tradicional *hall* de entrada, sendo a separação entre a entrada e a sala feita através de um móvel. A cozinha é reduzida ao mínimo (quase como um corredor, podendo-se fazer uma alusão clara aos preceitos do movimento moderno, a "máquina de habitar"). A presença do *hall* permanece na distribuição para os quartos. Em 1973, devido à pressão dos promotores imobiliários, Fernando Silva desenha uma variante do Tipo V, procurando dar uma resposta mais flexível aos diversos tipos de famílias, os dois apartamentos iguais e simétricos são substituídos por dois tipos de apartamentos com tipologias diferentes (T2 e T3) por piso. A organização interna clara e minimalista conseguida anteriormente é substituída por um esquema mais compartimentado.

Das sete tipologias habitacionais desenhadas inicialmente poucas foram construídas, sendo consecutivamente substituídas por fogos excessivamente compartimentados, resultado de alterações promovidas pelos promotores que procuravam esquemas mais convencionais e reconhecíveis pelo público-alvo.

Tanto na cidade como na periferia, a organização mais progressista tenderia a ser substituída por um esquema mais "convencional". Será precisamente o carácter aberto e flexível das plantas iniciais que facilitariam a alteração por parte dos promotores ainda antes da construção. Embora o apartamento que apresentava uma organização mais progressista (Tipo III), e com uma articulação espacial mais homogénea e aberta, não ter sido construído, é interessante perceber as diferentes leituras



Edifício "Angola" – S.I.A., Complexo do Entreposto, alterações. Redesenho: Débora Félix

desse mesmo esquema onde existe uma clara tentativa de manter a articulação espacial aberta e abolir a hierarquização das funções.

Perante a obra do arquitecto comprova-se uma simplificação eficiente da habitação de classe média no centro de Lisboa, resultando numa abordagem mais esquemática, onde o superdimensionamento das áreas habitacionais próprias de uma classe mais alta - a sala de jantar, sala de estar, a biblioteca-escritório- foram reduzidas para uma divisão básica entre noite e dia. Na periferia, a habitação é dividida em duas metades, com os quartos de um lado e as zonas de estar e cozinha do outro, na cidade a divisão é feita entre os serviços e as zonas de estar e dormir interligadas pelo elemento de separação, o corredor.

Quando se analisa o grau de alterações feitas nos apartamentos "mais convencionais", desenhados para a cidade tradicional, percebe-se que é a estrutura hierarquizada aliada à diferenciação das fachadas que permitem o sucesso da solução. As alterações introduzidas são essencialmente ao nivel dos materiais da abolição do quarto da empregada, da reconfiguração das zonas da cozinha ou mesmo da transformação do uso, convertendo escritórios em habitação. Em ambos os casos, as transformações resultam na compartimentação ou recompartimentação mas não alteram consideravelmente a organização do apartamento. Enquanto na periferia as alterações introduzidas pelos promotores são mais profundas.

Urbanização da Portela, esquema de distribuição do apartaento Tipo III, Lote 116, 1979.
Redesenho: Débora Félix

Os dois casos apresentados mostram a forma como um esquema habitacional foi sendo ensaiado pela mão do mesmo arquitecto e sucessivamente alterado com a intervenção de um ou vários promotores. Muitos dos 7611 apartamentos, desenhados por Fernando Silva para toda a AML entre os anos 60 e 80 do século XX, não foram construídos conforme os projectos iniciais.

De certa forma, na cidade tradicional, ao trabalhar em escalas menores - normalmente um edifício isolado – o arquitecto conseguia um maior controle do desenho e de todo o processo. Nos conjuntos de maior escala, como é o caso da Portela, o arquitecto perdia o poder de decisão, implicando a modificação quase total das tipologias habitacionais, canalizando os seus esforços sobretudo para a manutenção da homogeneidade do conjunto ao nível urbano.

Referências

Félix, Débora (2010), *Apartamentos para a classe média: a habitação colectiva de Fernando Silva*, [Tese de Mestrado], Lisboa, ISCTE – IUL.

Gonçalves, Rogério (1996), "Fernando Silva – Arquitectura Desinteressante e Repetitiva", *Documentos de Arquitectura*, n. 1, Fevereiro, p. 36-42.

Fontes de arquivo

Silva, Fernando (1959), "Memória Descritiva Projecto do edifício de Regime de propriedade horizontal, a construir no Gaveto da Avenida Engenheiro Duarte Pacheco e Futura Rua das Amoreiras", *Proc. nº 27274*, Câmara Municipal de Lisboa.

Legislação

"Decreto" de 14 de Fevereiro (1903), *R.S.E.U – Regulamento da Salubridade das Edificações Urbanas*, (1903), [substituído pelas "Condições higiénicas a adoptar na construção dos prédios"].

"Decreto-lei nº650/75" (1975), [Alteração ao *Regulamento Geral das Edificações Urbanas*].

"Edital" de 6 de Dezembro (1930), R.G.C.U. – Regulamento Geral da Construção Urbana para a cidade de Lisboa, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa.

"Decreto-lei nº 38 382", de 7 de Agosto (1951), R.G.E.U. – Regulamento Geral Edificações Urbanas (1951).

Bruno Macedo Ferreira
Investigador do projecto. Artigo preparado no âmbito da tese de doutoramento "Optimist Suburbia: uma visão para a Cidade Contemporânea. Leitura crítica sobre a configuração urbano-arquitetónica da periferia norte da cidade de Lisboa", a apresentar no ISCTE-IUL em 2019.

Urbanização de Alfornelos
Um processo exemplificativo da construção do território suburbano da Área Metropolitana de Lisboa quando a forma urbana é determinada burocraticamente

CONTEXTUALIZAÇÃO TERRITORIAL

O crescimento suburbano registado no concelho da Amadora é a expressão mais emblemática do processo de suburbanização que, a partir dos anos 1950, reconfigurou drasticamente a conformação territorial da Área Metropolitana de Lisboa. Os territórios suburbanos que até esse período eram dominados por uma paisagem agrícola pontuada por pequenos núcleos urbanizados, num lapso de 20 anos, deram lugar a extensas malhas urbanas densamente ocupadas por edifícios maioritariamente habitacionais. Os dados disponíveis sobre a evolução demográfica da então freguesia da Amadora revelam exatamente isso – se em 1930 residiam na freguesia da Amadora 6.884hab, e 18.789hab no ano de 1950, em 1970 esse número aumentou para 112.260hab.

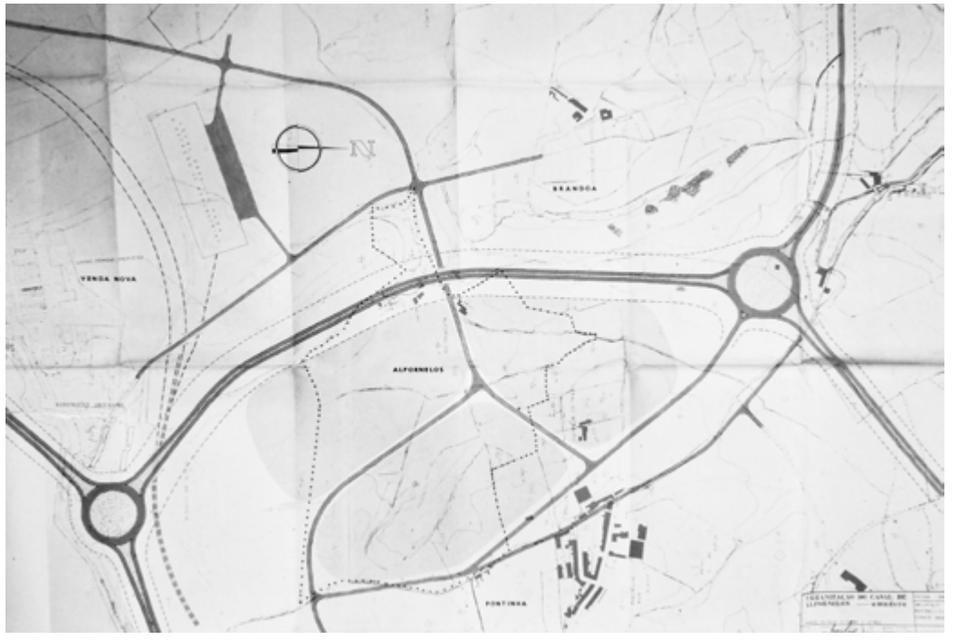
A Urbanização de Alfornelos representa um segundo momento de ocupação urbana, já não dependente da atratividade proporcionada pelo caminho-de-ferro, como aconteceu com a Urbanização da Reboleira desenvolvida pela J. Pimenta, mas relacionada com a nova estrutura regional e as grandes infraestruturas de circulação expressas no Plano Diretor da Região de Lisboa (PDRL) em 1964. Este caso é também uma expressão paradigmática do novo processo de produção de tecido urbano – da construção lote a lote passamos para a promoção de grandes pacotes urbanos desenvolvidos por grandes empresas de construção e promoção imobiliária.

ESTUDO PRELIMINAR DA URBANIZAÇÃO DO CASAL DE ALFORNELos

Na sequência do instrumento de planeamento regional, promovido pela administração central no decorrer do ano de 1965, Manuel da Silva Victorino, coproprietário da propriedade rústica denominada Casal de Alfornel ou Alfornelos, sita na freguesia da Amadora do concelho de Oeiras, formula uma consulta oficial ao Gabinete do Plano

< Edifícios Habitacionais – Célula A, Urbanização de Alfornelos. Foto: Bruno Macedo Ferreira

Fotografia Aérea zona de Alfornelos, 2012.
Fonte: bing.com/maps



Estudo Preliminar da Urbanização do Casal de Alfornelos, Correia Simões, Nunes de Oliveira e Manuel Dominguez Cuña, 1965.
Fonte: Arquivo Municipal da Amadora, Processo n.º 1221-OCP-65

Diretor da Região de Lisboa (GPDRL) com o objetivo de perceber se a sua propriedade estaria incluída nas áreas classificadas como "a urbanizar" no PDRL. Esta consulta viria a ter uma resposta em 28.07.1965, com a informação de que o terreno estava integrado nas áreas classificadas como "Zonas de Extensões Urbanas Propostas", sendo que o respetivo estudo de urbanização só se poderia realizar depois de se ter pormenorizado o traçado das artérias previstas para o local.

Nessa conformidade, em 26.11.1965, os proprietários submetem à apreciação da Câmara Municipal de Oeiras (CMO) o Estudo Preliminar da Urbanização do Casal de Alfornelos. Este estudo é da autoria dos arquitetos Correia Simões e Nunes de Oliveira e do engenheiro Manuel Dominguez Cuña. Nele propõe-se uma definição esquemática das áreas destinadas à construção e apresenta-se uma solução, equacionada com mais pormenor, para o traçado das vias de circulação regionais previstas no PDRL – com o objetivo de fornecer aos organismos oficiais os elementos básicos para uma análise do problema, tendo em vista a elaboração de um futuro estudo de urbanização.

"Por outras palavras: sabendo-se que nenhum estudo urbanístico se poderá processar sem a definição da infraestrutura rodoviária e ferroviária da zona, é essencialmente a fixação das caraterísticas de tal infraestrutura que, nesta fase, se pretende." (AAVV, 1965: proc. 1221-OCP-65)

A solução técnica adotada para a circular e suas ligações assentava na criação de dois nós tipo giração (rotundas): a) o nó I, situado a sul, faria a ligação da circular regional (CRIL) com a radial proveniente da circular de Benfica; b) o nó II, situado a norte, resulta da interseção da circular regional com a radial regional Paiã-Belas (IC-16) e ainda de uma via secundária coletora do tráfego gerado pelas zonas urbanas envolventes. No que respeita aos perfis transversais previu-se uma plataforma de 30m e duas faixas elementares de 3,5m em cada sentido. Foram ainda consideradas faixas de reserva *non aedificandi* com 50m entre os dois nós e 30m nas restantes vias regionais.

O estudo viria a merecer parecer de deferimento do GPDRL em 11.07.1967.

"Estes elementos, bem como as indicações dos PDRL, quanto à população do núcleo em que esta zona se integra, etc. permitem que se prossiga com o estudo deste problema urbanístico." (GPDRL, 1967: proc. 1221-OCP-65)

Nesse parecer alerta-se a CMO para a conveniência de se estabelecer contacto com a Câmara Municipal de Loures para conjugação dos diferentes estudos com a Urbanização da Pontinha. Anexa-se ainda um ofício emitido pela Junta Autónoma de Estradas (JAE) e uma planta elaborada por essa entidade com a revisão do traçado da futura EN6 e as suas ligações à rede viária da cidade de Lisboa, na zona onde se situa o Casal de Alfornel que se pretendia urbanizar.

"Em resultado de estudo realizado em colaboração com técnicos desta Junta, foi agora apresentado pelos autores do estudo de urbanização (...) um anteprojeto do traçado da EN6, no que interessa aquela zona, ao qual esta Junta dá o seu acordo, com a exceção da parte final englobando o nó II, o qual terá se ser revisto no sentido de uma maior simplificação.

De momento não interessa pormenorizar esse nó, por se situar fora da zona abrangida pela urbanização em causa, ficando para posterior estudo (...).

Entende-se dever ser fixada uma faixa 'non aedificandi' de 50m de largura para um e outro lado do eixo da futura estrada. Admite-se, no entanto, que dentro desta faixa, e nos seus limites, se estabeleçam vias longitudinais de servidão das edificações a levar a efeito, nas zonas a urbanizar, para as quais poderiam ficar voltadas as fachadas principais de forma a oferecer melhor aspeto do que ofereceriam se, para o lado da estrada, se apresentassem as traseiras dos prédios a construir." (JAE, 1967: proc. 1221-OCP-65)

ANTEPLANO DE URBANIZAÇÃO DO CASAL DE ALFORNEL E DA QUINTA DA CORREIA

Em 18.10.1967, a *Industrial de Construções, Cruz & Cruz Lda*., José Teodoro dos Santos e Manuel da Silva Victorino, coproprietários do Casal de Alfornel e *Alves Ribeiro Lda*. proprietária da Quinta da Correia submetem à apreciação da CMO o Anteplano de Urbanização Casal de Alfornel – Quinta da Correia.

Apresenta-se agora uma proposta conjunta para a ocupação urbana das duas propriedades, contíguas, com as áreas aproximadas respetivamente de

Estudo Rodoviário da JAE para a zona da Pontinha, JAE, 1967.
Fonte: Arquivo Municipal da Amadora, Processo n.º 1221-OCP-65

30ha e 19ha. Estas duas propriedades estão situadas numa zona praticamente equidistante de três núcleos urbanos da periferia da cidade de Lisboa. A nascente situa-se a Pontinha e o Casal Falcão, a sul o núcleo da Venda-Nova e Portas de Benfica e a poente a vasta zona comummente designada por Bairro da Brandoa.

O anteplano é da responsabilidade do arquiteto Mário B. A. S. de Menezes e do engenheiro Mário Ramos da Cruz (que acumulava as funções de sócio-gerente da *Industrial de Construções, Cruz & Cruz* Lda.).

"A inexistência, de qualquer malha estrutural principal sobre a qual se pudesse basear o aproveitamento urbanístico das duas amplas propriedades (...), impôs aos autores do estudo a necessidade fundamental de elaborar um anteplano através do qual se propõe a aprovação de uma estrutura base que possa servir de apoio e ponto de partida a futuros estudos, necessários à total definição dos elementos constitutivos do aglomerado urbano que se pretende levar a efeito. (...)

Tornou-se necessário aos técnicos autores do anteplano, para a elaboração do mesmo, uma aturada e profunda análise não só das atuais e potenciais condições urbanísticas locais e periféricas, como também um intenso labor de informação geral e comparativo. (...)

[Esta análise] *incidiu em dados fundamentais de carácter teórico de utilização prática já comprovada por organismos, gabinetes ou urbanistas de idoneidade e competência reconhecidas, e em estudos de agrupamentos urbanos similares entre nós existentes, no sentido de se verificar o paralelismo e divergências entre o critério informativo dos planos e comportamentos dos conjuntos projetados face às realidades da vida dos núcleos sociais, ou ainda como efeito da atuação de quaisquer parâmetros inicialmente não considerados por imprevisíveis."* (Menezes; Cruz, 1967: proc. 1285-OCP-67).

A localização e orientação dos diversos conjuntos a edificar, bem como as diretrizes das principais vias de circulação foram definidas em função das variações topográficas existentes – tenta-se desta forma minimizar a necessidade de importantes

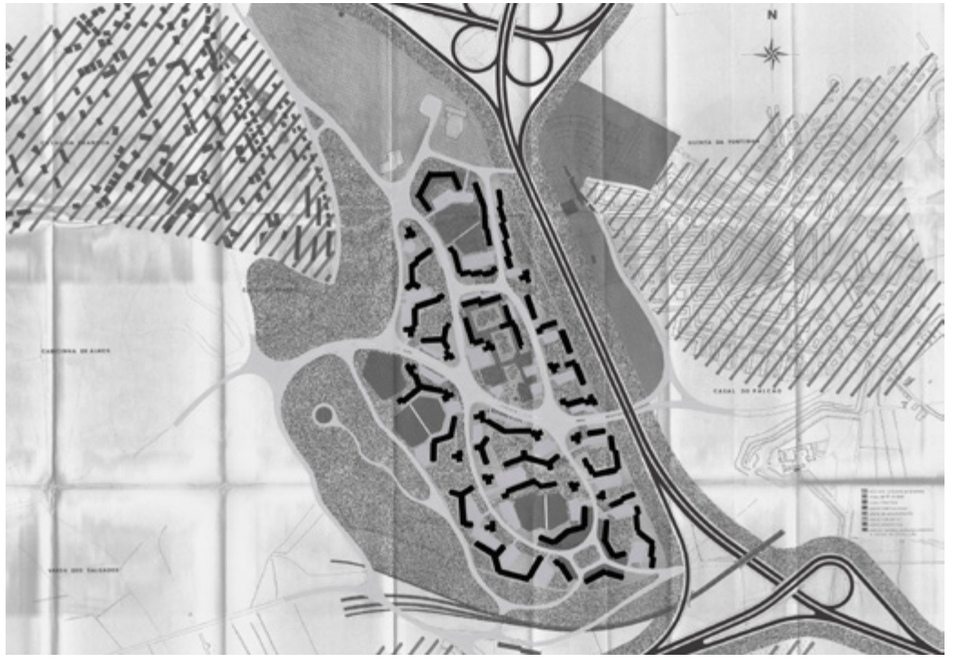
alterações de carácter topográfico e obter a melhor exposição solar possível, facto considerado importante quer sob o aspeto económico quer sob o ponto de vista de salubridade habitacional preconizada.

A análise feita pela equipa projetista evidenciou igualmente a inexistência de um verdadeiro centro cívico e comercial com vida própria nos núcleos circundantes (Pontinha, Venda Nova e Brandoa). Embora se reconheça a intenção de dotar o novo núcleo de uma vida própria, organizado para responder às necessidades comerciais, culturais (físicas, espirituais e intelectuais), de artesanato e pequena indústria, concluiu-se que esta célula deveria responder a uma área de influência que ultrapassava os limites físicos do Casal de Alfornel e da Quinta da Correia. Assim, neste aglomerado, deveria *"ter lugar um centro com caraterísticas tais que, sem pecar pelo excesso das proporções, pudesse vir a preencher aquela falta regional"* (Menezes; Cruz, 1967: proc. 1285-OCP-67). Esta intenção coincidiu favoravelmente com o facto de a zona se situar quase no centro geométrico dos três núcleos atrás citados. Esta célula tencionava assim assumir-se como um elo de continuidade (edificada e de atividades) entre os vários tecidos limítrofes existentes.

No que respeita à integração regional desta célula, previu-se que, até certo ponto, esta viesse a contribuir para o descongestionamento das já muito saturadas vias de comunicação (automóvel e férrea), que serviam as zonas de Amadora, Agualva-Cacém, Algueirão e Rio de Mouro. Esperava-se que o aproveitamento urbanístico desta vasta área permitiria encurtar as distâncias e melhorar as condições das relações "habitação – local de trabalho".

Em termos de uso do solo esta proposta assentava na criação de uma zona urbana central, rodeada por uma zona verde de lazer e proteção das infraestruturas viárias. Previa-se ainda uma zona industrial que seria uma expansão das instalações existentes no limite do núcleo da Pontinha.

Para o novo núcleo proposto, o valor máximo de fogos não deveria ultrapassar os 2.800 que corresponderia a uma população de aproximadamente 11.000 hab e



Anteplano de Urbanização Casal de Alfornel – Quinta da Correia, Mário de Menezes e Ramos da Cruz, 1967.
Fonte: Arquivo Municipal da Amadora, Processo n.º 1285-OCP-67

a uma densidade habitacional de 157hab/ha – valor bastante mais reduzido do que o previsto no PDRL (200hab/ha) ou na célula dos Olivais Sul (198hab/ha).

Relativamente às construções residenciais, a proposta urbana assenta na disposição livre de blocos e torres interligadas e integradas em zonas verdes, tendo a servi-las parques de estacionamento automóvel praticamente de uso privativo de cada um dos blocos. Esta disposição de influência Moderna tenta, na medida dos possíveis, eliminar a hierarquia de fachadas, responder aos condicionamentos naturais do terreno e à obtenção da melhor orientação e insolação dos fogos. No que se refere ao número de pisos, segundo a equipa projetista, por uma questão de sistematização de programação e por razões de carácter económico real, (programas previstos de vendas, custo das construções, utilização de sistemas mecânicos de comunicação vertical etc.), foram estabelecidos apenas dois valores – 4 e 10 pisos.

"Estes valores poderão à primeira impressão parecer demasiado condicionantes da volumetria dos conjuntos previstos, mas se se atender à grande diversidade de bases topográficas ou planos de nascença e de implantação, breve se verificará que a diversidade das diferentes silhuetas de construção ficará assegurada dentro de uma harmoniosa linha de equilíbrio."
(Menezes; Cruz, 1967: proc. 1285-OCP-67)

No que respeita à previsão de equipamentos, para além dos necessários à vitalização do novo aglomerado projetado, foram tidas em ponderação as necessidades dos núcleos próximos preexistentes. Assim, relativamente a equipamentos de ensino foram considerados equipamentos destinados ao ensino infantil, primário, liceal e de preparação técnica.

Para responder às necessidades culturais e recreativas, foi previsto um centro cultural-cívico-comercial localizado na célula central. Com um raio de influência de 1km, este centro assumiria as atividades de teatro, cinema, conferências, exposições, biblioteca, pequenos cursos de aperfeiçoamento, trabalhos manuais, jogos de mesa, etc. Foram ainda previstas duas células de ação sociocultural situadas nos dois centros de convívio secundários mais ligados à habitação.

Tendo em consideração a falta de equipamento assistencial registada na região, previram-se três localizações, equidistantes em relação aos núcleos existentes, para albergarem os serviços destinados a creche, infantário, dispensário e lactário. Ainda integrado no centro cívico-comercial, e como forma de promover a vitalização desta célula, foi considerado um centro médico policlínico, um conjunto de equipamentos administrativos, uma zona destinada a escritórios, estação urbana de camionagem e estação de serviço automóvel.

Como completamento das atividades culturais e recreativas foi considerado um clube desportivo local, ginásio e campos de jogos, localizados na zona norte do conjunto e ligados à zona do parque urbano, a fim de que aquelas instalações pudessem também ser utilizadas com relativa facilidade pelas populações da Brandoa e Pontinha.

Neste anteplano, atendendo ao valor global da população a alojar na zona e ainda ao facto de já existir uma igreja paroquial no núcleo vizinho da Pontinha, considerou-se somente uma paróquia. A localização do centro paroquial foi conseguida integrando-o no centro cívico-comercial embora com área necessária ao seu tratamento futuro para fins de recolhimento e sossego.

Relativamente ao equipamento comercial, foram considerados dois escalões: um principal, devidamente dimensionado e situado na célula central de modo a servir simultaneamente a zona a urbanizar e os núcleos vizinhos existentes; dois secundários de proximidade, que funcionariam em complemento do central e das atividades já existentes nas redondezas. Foi ainda prevista uma área marginal à zona do centro cívico-comercial destinada ao mercado de abastecimento público diário. No que respeita à previsão de estacionamento automóvel estabeleceu-se o critério de um automóvel por fogo.

Este estudo viria a ser objeto do despacho de deferimento do GPDRL em 20.04.1968. Esse despacho é acompanhado por uma série de informações que deveriam ser consideradas no desenvolvimento da iniciativa de urbanização, nomeadamente a revisão das ligações rodoviárias à envolvente e a necessidade de se prever uma área destinada à construção de habitações de cariz social.

Plano de Urbanização Casal de Alfornel – Quinta da Correia, Mário de Menezes e Ramos da Cruz, 1969.
Fonte: Arquivo Municipal da Amadora, Processo n.º 520-OCP-69

PLANO DE URBANIZAÇÃO DO CASAL DE ALFORNEL E QUINTA DA CORREIA

Em 31.03.1969 é submetido à apreciação da CMO o Plano de Urbanização do Casal de Alfornel – Quinta da Correia. Este estudo foi elaborado de acordo com o anteplano aprovado, embora com as modificações resultantes do estudo de pormenor das diversas células que o constituem, tendo em atenção as considerações contidas nos pareceres emitidos pelas várias entidades oficiais envolvidas na apreciação do estudo. Este plano é promovido pelo mesmo conjunto de urbanizadores e é da responsabilidade da mesma equipa projetista que tinha traçado o anteplano.

"*Com base nas normas, condicionamentos e sugestões contidas* (...) [nos] *ofícios, em paralelo com aturados trabalhos de inquérito e ainda pesquisas de carácter teórico, mas de aplicação muito concreta (estudo comparativo de outros planos de carácter e zonas similares, alguns já executados por organismos e gabinetes de idoneidade e competência reconhecidas), foi possível aos autores do estudo, concluírem o presente plano de urbanização.*"
(Menezes; Cruz, 1967: proc. 520-OCP-69)

Relativamente aos condicionamentos de carácter viário regionais (rodovias e ferrovias), foram considerados os acertos já definidos no traçado rodoviário de primeira ordem. Além da melhor definição do traçado da rodovia prevista no PDRL, foram também corrigidos os respetivos nós de ligação nos limites norte e sul da urbanização e mantida a ligação ao núcleo da Pontinha através de uma passagem desnivelada. Foi ainda simplificado o esquema estudado de modo a estabelecer uma única travessia da via-férrea.

Em relação aos aspetos demográficos, foi respeitada a densidade populacional prevista no anteplano e aprovada superiormente – 190hab/ha nas zonas habitacionais propostas, num total de 244 lotes e 4.103 fogos.

"*No que se refere ao aspeto residencial e volumétrico, foi mantido o tipo de aproveitamento com base em blocos de fundamentalmente 4 e 10 ou 12 pisos, integrados*

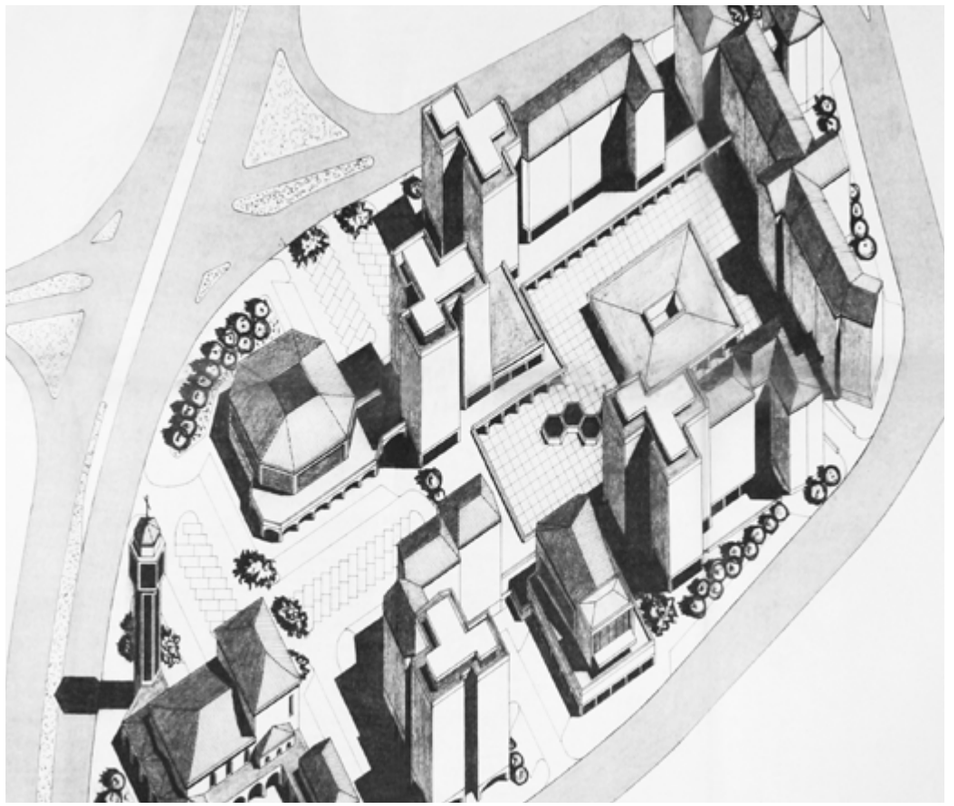
Célula B – Alçado de Conjunto, Mário de Menezes e Ramos da Cruz, 1969.
Fonte: Arquivo Municipal da Amadora, Processo n.º 520-OCP-69

em zonas verdes, tendo a servi-los parques de estacionamento automóvel privativos de cada núcleo ou ligados entre si conforme foi permitido pela topografia do terreno.

Este tipo de solução permitirá uma melhor resolução das habitações dos conjuntos criados, uma vez que dessa maneira se conseguirão suprimir desnecessários trabalhos no terreno, além da criação de um microclima local benéfico à "vida" de cada conjunto urbanístico.

Por outro lado, a utilização dos parques quase privativos de cada conjunto virá a diminuir o parqueamento nas vias de ligação interna desafogando-as e portanto melhorando os vários aspetos do seu funcionamento." (Menezes; Cruz, 1969: proc. 520-OCP-69)

Tal como requerido pelo parecer do GPDRL e da CMO, foram ainda previstas duas células de reserva destinadas a habitações económicas – uma nos terrenos do Casal de Alfornel, na faixa poente do novo



Célula A – Perspetiva de Conjunto, Mário de Menezes e Ramos da Cruz, 1969.
Fonte: Arquivo Municipal da Amadora, Processo n.º 520-OCP-69

Alteração ao Plano de Urbanização Casal de Alfornel – Quinta da Correia, Mário de Menezes e Ramos da Cruz, 1969.
Fonte: Arquivo Municipal da Amadora, Processo n.º 520-OCP-69

conjunto (ligada à pendente nascente do Casal da Brandoa), outra nos terrenos da Quinta da Correia, a sul, nas proximidades da Venda Nova. Estas duas áreas seriam cedidas à autarquia em termos a regular por encontro de mais-valias. No que se refere a equipamentos, foram considerados os já previstos no anteplano e ainda os aconselhados pelo GPDRL de modo a colmatar as necessidades, não só do novo núcleo como dos aglomerados das redondezas.

Atendendo à grande área abrangida pelo plano, e tendo em conta a diversidades do tipo de ocupação estabelecida para as diferentes células no anteplano, optou a equipa projetista pela apresentação de planos parciais por células diferenciadas – salvaguardando uma desejada unidade de conjunto – a fim de facilitar a sua análise e apreciação.

O estudo seria remetido para a apreciação da JAE e do GPDRL em 16.06.1969, sendo que em 03.10.1969 são submetidos novos desenhos onde se dá satisfação a uma remodelação do estudo de urbanização imposta pela JAE.

"*Quando este estudo já ia bastante adiantado foi-nos informado pela CMO e confirmado pela JAE que o traçado da CRIL estava a ser modificado, sendo o respetivo estudo elaborado pela PLANOP.*

Contactado este gabinete de estudos foi-nos fornecido, após largo período de espera, o novo traçado desta via rápida, cujo estudo nos foi confirmado ser definitivo. Com base nestes elementos foi elaborado o estudo de urbanização definitivo que se encontra em apreciação.

Surge agora a informação por parte da JAE que aquele traçado ainda não se encontra definitivamente aprovado, razão porque surge uma zona de proteção de 50m 'non aedificandi'." (Menezes; Cruz, 1969: proc. 520-OCP-69)

A criação desta faixa de proteção obrigou a retificar o estudo das células E e F do plano de urbanização. Em virtude da redução do espaço disponível, e a fim de manter o número de fogos previstos no plano, procedeu-se a uma nova distribuição dos edifícios nestas células. Esta alteração conduziu à supressão de alguns

lotes e à sua compensação conseguida através do aumento da cércea dos novos lotes criados.

O GPDRL viria a comunicar à CMO o seu parecer relativamente ao plano de urbanização em 25.11.1969. Nestes termos, na reunião ordinária realizada em 29.12.1969 viria a ser aprovada a Urbanização em questão, ficando dependente, a sua execução, do estudo económico a elaborar em harmonia com os preceitos legais.

EMISSÃO DO ALVARÁ DE LOTEAMENTO nº 34/71 e nº 37/71

Apesar de se prever um plano de urbanização único, as duas propriedades abrangidas mantiveram-se independentes e com proprietários diferentes. Devido a esse facto, cada uma delas foi alvo de um alvará de loteamento individual.

O alvará de loteamento 34/71 referente à Urbanização do Casal de Alfornel viria a ser emitido em 07.07.1971 em nome dos proprietários dos terrenos e da *Industrial de Construções, Cruz & Cruz, Lda.* O alvará de loteamento 37/71 referente à Urbanização da Quinta da Correia viria a ser emitido em 04.08.1971 em nome da *Alves Ribeiro Lda.*. Para a zona norte, abrangida pelo plano de urbanização mas já localizada fora das duas propriedades, não foi passado alvará.

Em cada um dos alvarás ficaram definidas as áreas de cedência destinadas às áreas públicas e aos equipamentos de interesse coletivo (Alfornel – 163.998m^2; Correia – 147.547m^2), sendo que todos os encargos de urbanização ficariam por conta dos proprietários assim como todos os trabalhos de arborização e ajardinamento dos logradouros públicos. Os proprietários ficaram ainda obrigados a pagar a mais-valia estipulada no estudo económico para cada uma das urbanizações e a garantir a realização de todos os trabalhos de urbanização por depósito em dinheiro ou garantia bancária a executar a partir do momento em que fosse autorizado o levantamento das licenças de construção dos lotes.

INÍCIO DOS TRABALHOS DE URBANIZAÇÃO E SUBMISSÃO DOS PROJETOS DE ARQUITETURA PARA APRECIAÇÃO

As obras de execução das infraestruturas (que englobam os trabalhos de terraplanagens, os arruamentos, o assentamento de coletores e suas ligações) iniciaram-se em meados de 1972.

Os projetos de arquitetura dos edifícios, com vista à obtenção da licença de construção começam a ser submetidos à apreciação da CMO em finais de 1972 e são relativos aos lotes da célula G. Estes projetos de arquitetura são da responsabilidade partilhada entre os dois técnicos autores do plano de urbanização.

A memória descritiva elaborada pelos autores e datada de dezembro de 1971 irá ser repetida no projeto de licenciamento de todos os lotes. Nessa memória faz-se a descrição genérica do partido arquitetónico que se pretendia adotar em toda a urbanização.

"*A implantação dos edifícios, o jogo e diferenciação de volumes e a topografia do terreno, conferem desde logo um interesse plástico e urbano a este conjunto urbanístico, o que permite uma arquitetura sóbria e intencionalmente uniforme.*

A sua valorização faz-se não só através da diferenciação de volumes mas também com uma conveniente escolha de materiais e sua variação cromática.

Foi portanto seguindo estas linhas gerais que se projetaram os edifícios, procurando distribuições interiores funcionais e, sempre que possível, de acordo com os tipos de fogos previstos nos mapas juntos ao projeto de urbanização e sempre respeitando as áreas nestes indicadas para cada lote.

Procurou-se a uniformidade dos edifícios não só com o fim de se obter uma unidade estética de conjunto, como também tendo em vista o problema económico dentro da necessária dignidade estética e funcional. Para se conseguir este objetivo de interesse geral, torna-se necessário que exista 'espirito de conjunto' e que portanto os construtores respeitem os projetos, detalhes e especificações." (Menezes; Cruz, 1971: proc. 3628-PB-72)

Com o objetivo de se atingir a unidade de conjunto pretendida, foi também estabelecido um conjunto de regras e de acabamentos que teria de ser estritamente observado pelos construtores dos diversos lotes:

"*a) nos exteriores dos edifícios e obras complementares de arranjo de logradouros não serão autorizadas alterações de forma nem de expressão ou qualidade de materiais e cores previstos* (...)*. Neste caso, os construtores devem acatar religiosamente as indicações pelos autores dos projetos.*

b) no interior podem aceitar-se outras especificações com a aprovação dos autores dos projetos, e concordância da Câmara, se tiverem caraterísticas técnicas e decorativas semelhantes ou superiores.

c) as modificações da distribuição interior de divisórias só podem ser autorizadas pelos projetistas, se estas não prejudicarem as caraterísticas das habitações e seu carácter funcional e sempre de acordo com a Câmara.

d) a implantação dos lotes e definição das cotas de pisos será sempre submetida previamente à aprovação dos projetistas, além do controle camarário.

e) além dos pormenores que figuram no projeto, serão fornecidos no decorrer da construção pormenores de todos os elementos construtivos, tais como pormenores de carpintarias exteriores e interiores, pormenor das cozinhas, pormenor das escadas e vestíbulos de entrada etc., os quais deverão ser respeitados. (...)

[Relativamente à disposição interna dos fogos expressa-se que] *as diversas habitações foram estudadas de modo a individualizar perfeitamente as zonas de serviço, zona de quartos e zona de estar, sendo o seu equipamento proporcionado à dimensão do fogo.*

Sempre que possível, procurou-se a integração de roupeiros nos quartos e corredores além de dispensas e arrumos. As cozinhas dispõem do equipamento necessário e estão apoiadas com uma zona de lavagem e estendal." (Menezes; Cruz, 1971: proc. 3628-PB-72)

Os projetos apresentados, apesar de não respeitarem integralmente o expresso no plano de urbanização, nomeadamente as tipologias dos fogos, viriam a ser aprovados em dezembro de 1972 por se considerarem estas diferenças irrelevantes. Os projetos de estruturas da responsabilidade do engenheiro Ramos da Cruz seriam entregues em agosto de 1973. Estes projetos, apesar de aprovados pelos serviços da autarquia, não chegariam a ver levantadas as suas licenças de construção devido a uma série de razões de ordem técnica e financeira, relacionadas com o cumprimento das disposições do alvará de loteamento.

INTERRUPÇÃO DOS TRABALHOS DE URBANIZAÇÃO FRUTO DOS ACONTECIMENTOS DECORRENTES DO 25 DE ABRIL DE 1974

Os trabalhos de edificação que tinham sido indicados em 1972 viriam a sofrer uma interrupção com as alterações provocadas pelo 25 de Abril de 1974. A estrutura organizativa do poder municipal seria reformulada. Nas várias câmaras municipais foram criadas Comissões Administrativas (CA) que tinham como principal função assegurar a transição do poder até à realização de eleições autárquicas livres em 1976.

Ao nível das políticas de habitação, este período seria também marcado pelo ensaio de novas políticas baseadas em princípios inovadores que pretendiam resolver os problemas de alojamento de um grande número de populações mal alojadas – princípios esses que assumiram um cunho ideológico de transformação social, identificando-se com a defesa do "poder popular" e do "direito à cidade". Sob a tutela do então Secretário de Estado da Habitação e Urbanismo, Nuno Portas, em julho de 1974 seria criado o Serviço de Apoio Ambulatório Local (SAAL).

Seguindo os princípios emanados pela nova política habitacional, a CMO tentar assumir um papel mais ativo no controle das operações urbanísticas e na cedência de solo destinado à construção de habitações destinadas a populações mal alojadas. Neste sentido, desenvolve uma série de iniciativas junto dos promotores da Urbanização do Casal de Alfornel e da Quinta da Correia com o objetivo de converter parte daqueles empreendimentos em zonas destinadas a construções de cariz social.

A formalização da cedência dos terrenos da célula I da Quinta da Correia à CMO para a construção do Bairro 11 de Março viria a acontecer em março de 1975, sendo que a área de construção inicialmente prevista para essa célula seria distribuída pelas restantes células, conforme proposta da autarquia.

Em abril de 1975 é constituída a associação de moradores com o nome "11 de Março de Alfornelos", tendo as obras de construção sido iniciadas logo de seguida. O projeto do Bairro 11 de Março é da responsabilidade dos arquitetos José Manuel da Cruz Henriques e Eduardo Osório Gonçalves sendo composto por 76 fogos pré-fabricados de um só piso com tipologias T0, T2, T3 e T4.

Planta Implantação Bairro 11 de Março, José Manuel da Cruz Henriques e Eduardo Osório Gonçalves, 1975.
Fonte: Bandeirinha, 2014, p. 384

Em Maio de 1975 são iniciadas as formalidades junto do Fundo de Fomento à Habitação (FFH) e da Caixa Geral de Depósitos no sentido de obter o necessário apoio financeiro para arranque do restante empreendimento e para se concretizar a construção integral dos edifícios que compõem a célula E no campo da construção social – o FFH, com o patrocínio da CA-CMO, atribuiu apoio financeiro à *Industrial de Construções, Cruz & Cruz Lda.* para a construção de 652 fogos no Casal de Alfornel e à *Alves Ribeiro Lda*. para construir 327 fogos na Quinta da Correia.

Depois de aprovado esse apoio financeiro pelo FFH, ainda nesse mês, a *Alves Ribeiro Lda*. submete à apreciação da autarquia os projetos de arquitetura com vista à obtenção da licença de construção dos 17 lotes da célula F. O projeto de arquitetura é da responsabilidade exclusiva do engenheiro Ramos da Cruz.

"A Alves Ribeiro Lda., proprietária da urbanização pretende fazer a construção da totalidade dos edifícios previstos, usando um processo construtivo industrializado de produção em série, com a utilização da cofragem metálica tipo túnel de patente 'Outinord'.

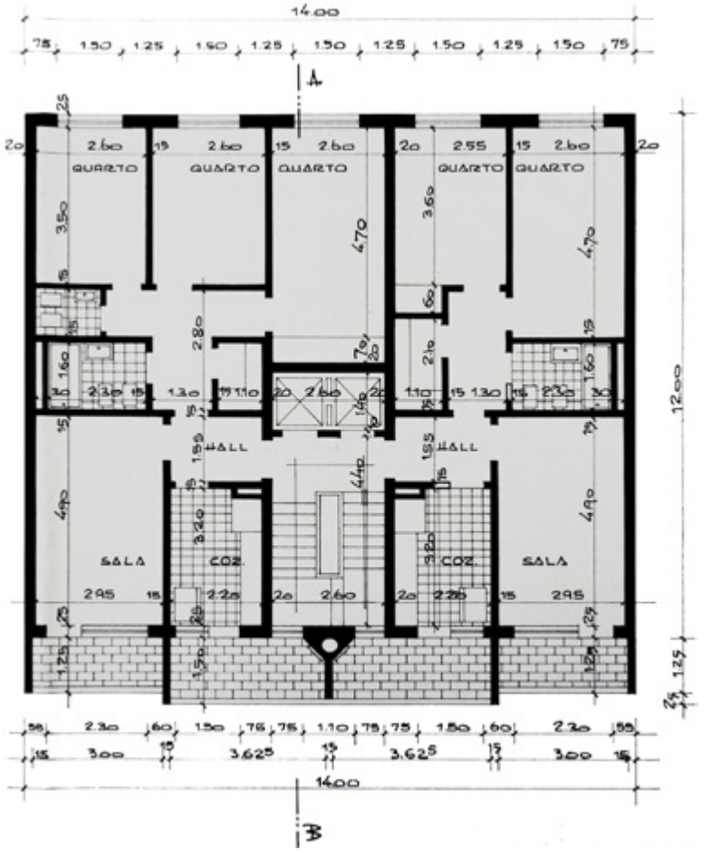
O uso destes moldes implica imediatamente uma necessidade de modulação baseada nas seguintes medidas: 2,25m, 2,60m, 2,65m e 3,00m.

Partindo deste condicionamento procurou-se uma distribuição interior funcional e tanto quanto possível repetida de modo a tornar o método economicamente viável.

A estrutura, em conformidade com o processo industrializado, baseia-se na execução de paredes de betão dispostas nos sentidos longitudinal e transversal. (...) *Os alçados ficam definidos por linhas horizontais alinhadas ou uniformemente desencontradas obtendo-se assim a indispensável unidade de conjunto*." (Cruz, 1975: proc. 942-PB-75)

Em novembro de 1975 deu-se início à construção dos lotes 8 a 16 e 23 da célula F sem que tivessem sido passadas as respetivas licenças de construção. Esta situação viria a ser regularizada apenas em 30.06.1976 por deliberação da CA-CMO – juntamente com os restantes lotes dessa célula (total 17 lotes) e os 24 lotes da célula B.

Por despacho ministerial de outubro de 1976 o controlo das operações SAAL seria transferido para a tutela das autarquias. Os processos que estavam em curso sofreriam uma série de reformulações fruto da nova estrutura administrativa, sendo que nesta Urbanização apenas a construção do Bairro 11 de Março seria concluída conforme planeado.



Planta Andares - Célula F Lote 20, Ramos da Cruz, 1975.
Fonte: Arquivo Municipal da Amadora, Processo n.º 942-PB-75

RETOMAR DOS TRABALHOS DE URBANIZAÇÃO E A DISTINÇÃO DAS LÓGICAS COMERCIAIS DAS DUAS EMPRESAS PROMOTORAS

Apesar das intenções manifestadas pela autarquia na concretização dos contratos de desenvolvimento com o FFH, os lotes da célula F viriam a ser concluídos em 1978 unicamente sob a responsabilidade da *Alves Ribeiro Lda.*.

Depois de esmorecidos os ímpetos revolucionários do 25 de Abril, em finais de 1976, são retomados os trabalhos de urbanização conforme inicialmente previsto. Só depois desta data é que as duas empresas promotoras efetivam o levantamento da licença de construção dos projetos já aprovados. A partir deste momento ficam expressas as diferentes estratégias de atuação de cada empresa promotora.

A Industrial de Construções, Cruz & Cruz Lda. inicia a venda dos vários lotes do Casal de Alfornel a diversos compradores. Estes novos proprietários poderiam ser: empresas de construção que adquiriam o lote com projeto aprovado e efetivavam a sua construção para depois venderem os fogos em regime de propriedade horizontal; ou proprietários em nome individual que procuravam rentabilizar algumas economias com a compra do lote para futuramente, depois de construído, o alugar como prédio de rendimento ou vender os diversos fogos em regime de propriedade horizontal. Esta empresa assumia-se assim apenas como promotora do empreendimento e autora dos projetos de arquitetura e estruturas de todos os lotes das duas Urbanizações. Em 1981 acabaria por vender os diversos lotes das células A, D e E à *Alves Ribeiro* que depois efetuou a sua construção.

Por outro lado, a *Alves Ribeiro Lda*. assume uma estratégia diferente. Como a sua atividade principal se baseava na construção civil, depois de aprovados os projetos de licenciamento dos lotes, assume a responsabilidade pela construção dos diversos edifícios. Devido à escala do empreendimento, os seus gabinetes de engenharia, procedem à reformulação das diversas tipologias inicialmente definidas, de forma a adaptarem-se ao sistema de construção "cofragem tipo túnel" que apresentava um tempo de construção e custo mais reduzidos. Depois de construídos, os diversos fogos seriam vendidos em regime de propriedade horizontal.

Estas duas estratégias iriam conduzir a resultados urbanos e arquitetónicos diferentes.

PROCESSO DE EDIFICAÇÃO SEGUIDO NOS LOTES DE QUE ERA PROPRIETÁRIA A INDUSTRIAL DE CONSTRUÇÕES CRUZ & CRUZ LDA.

Os primeiros lotes a serem construídos no Casal de Alfornel, propriedade da *Industrial de Construções Cruz & Cruz Lda.* foram os da célula G, e, dentro desta, primeiramente os lotes com quatro pisos por serem os mais acessíveis aos pequenos construtores civis.

Os edifícios habitacionais seriam construídos por diversas empresas de construção civil. Os projetos de arquitetura para os diversos lotes seriam todos gizados pelo engenheiro Ramos da Cruz e apresentam todos a mesma memória descritiva (idêntica à elaborada em finais de 1971 ainda com a coautoria do arquiteto Mário de Menezes). Nela tinham ficado estabelecidos os princípios estéticos a adotar em toda a Urbanização, sendo que todos os construtores seriam obrigados a respeitar os arranjos exteriores conforme definido no projeto. Os projetos de licenciamento eram, por isso, acompanhados de uma série de pormenores de todos os elementos construtivos e acabamentos.

Apesar destas imposições, acabariam por ser introduzidas algumas alterações, nos diversos lotes, ao longo do processo de construção. Ao nível da disposição interna dos fogos, as principais zonas alvo de alterações seriam a casa de banho e a cozinha – onde normalmente era fechada a varanda e eliminada a zona de estendal exterior.

No entanto, a alteração que terá uma maior influência ao nível urbano é a que irá acontecer nos rés-do-chão da maioria dos lotes. Apresentando quase sempre a mesma justificação – a necessidade de se terem procedido a escavações mais profundas para atingirem solo adequado à execução das fundações, ou o facto de as vias não terem sido executadas à cota inicialmente prevista – propõem-se, muitas vezes, a criação de um piso suplementar em semicave adstrito normalmente a um uso comercial.

Estas alterações realizadas *ad hoc* teriam os seus projetos de alterações assinados quase exclusivamente por engenheiros e muitas vezes não eram mais do que a legalização das alterações já concretizadas em obra. Este processo irá ocorrer essencialmente nas células G, B e C com a construção lote a lote a estender-se até meados dos anos 1990.

Corte e Alçado do Projeto de Alterações - Célula G Lote 149, António Amaral, 1977.
Fonte: Arquivo Municipal da Amadora, Processo n.º 770-PB-73

PROCESSO SEGUIDO NOS LOTES DE QUE ERA PROPRIETÁRIA A ALVES RIBEIRO LDA.

Relativamente às células da responsabilidade da *Alves Ribeiro Lda.*, o processo será diferente. Depois de terminada a edificação da célula F, o principal campo de atuação da empresa, para além da construção, irá registar-se numa escala urbana. Como era proprietária da totalidade dos lotes, a partir de meados de 1977, começa a promover uma série de alterações "em pacote" – conforme ia terminando a edificação de cada célula, iniciava a comercialização desses fogos e começava a preparação da empreitada de construção da próxima célula.

Células G, H, I

Ajustamento da oferta habitacional da célula G e H à procura de mercado

Em 30.05.1977 a *Alves Ribeiro Lda.* submete à apreciação da CMO uma alteração ao loteamento tendo em vista uma melhor adaptação da oferta imobiliária à procura de mercado. Esta alteração é relativa aos edifícios tipo torre com 13 pisos (lote 24 a 30 da célula G e lote 43 da célula H). Para esses edifícios tinha sido prevista uma distribuição de três fogos T3 por piso com áreas entre os 135m^2 e 150m^2.

"*Tendo a nossa firma iniciado a venda dos fogos correspondentes à célula F e tendo-se constatado que é muito mais difícil a venda dos fogos T3 do que os T2, vimos* (...) *solicitar que se adote a distribuição de três fogos T2 e um fogo T3, modificando a compartimentação interior dos andares dos referidos lotes.*"
(Alves Ribeiro Lda., 1977: proc. 520-OCP-69)

A fim de possibilitar uma adequada avaliação da proposta e procurando dar resposta ao requerimento feito pelos Serviços de Urbanização e Obras (SUO-CMO), em 28.07.1977, a *Alves Ribeiro Lda.* entrega uma justificação técnica com uma extrapolação desta alteração caso fosse aplicada à totalidade do plano de urbanização – para a Quinta da Correia previa-se um aumento de 96 fogos face aos 1.317 inicialmente aprovados e para a Casal de Alfornel um aumento de 156 fogos face aos 2.879 aprovados.

Em termos de número de habitantes, esta alteração implicava o aumento de 126hab e de 252 lugares de parqueamentos que se propunha resolver, inicialmente, com a criação de faixas de estacionamento ao longo das vias (reduzindo a largura dos passeios de 5m para 2,5m).

Na apreciação desta proposta de alteração elaborada pelos SUO-CMO, em 18.11.1977 expõe-se a concordância com a solução apresentada, considerando insignificante o aumento total de fogos e do número de habitantes. Considera-se também positiva a proposta alterativa, entretanto apresentada pelo requerente, para resolver a necessidade de aumento de parqueamento automóvel – criação de garagens nas caves dos lotes em torre,

"*o que nos parece aceitável em face da situação da urbanização a este respeito onde o estacionamento a céu aberto invadiu praticamente todas as zonas livres.*

Não se verificando qualquer alteração de volumetria, cérceas ou utilização previstas parece ser a proposta um ajustamento e não uma alteração ao plano aprovado que justifique a consulta da DGSU."
(SUO-CMO, 1977: proc. 520-OCP-69)

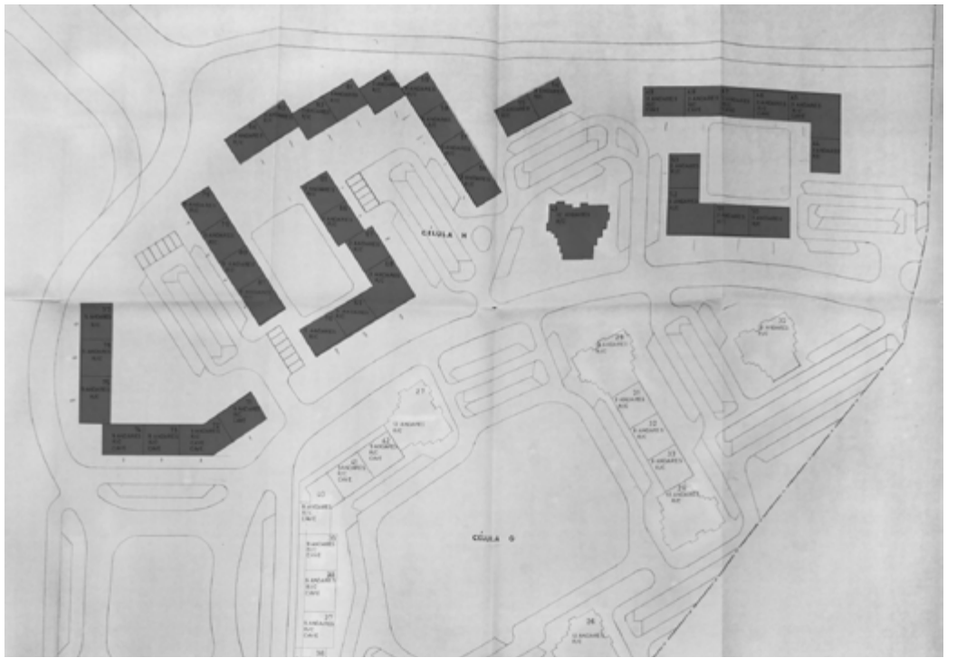
Esta alteração viria a ser aprovada na reunião camarária realizada em 25.01.1978.

Ajustamentos da disposição urbanística dos lotes da célula H

Depois aprovação relativa à célula G, em 23.10.1978 a *Alves Ribeiro Lda.* apresenta uma proposta para a revisão geral da distribuição urbanística da célula H.

Este novo estudo resulta do facto de ser necessário uma reformulação para compensar os fogos que tinham sido "perdidos" aquando da cedência da célula I para a construção do Bairro 11 de Março no âmbito das operações SAAL. Para as células I e H estavam previstos, respetivamente, 126 e 353 fogos num total de 479 fogos. Tentando aproveitar, na medida do possível, as infraestruturas já realizadas, propõe-se agora uma nova distribuição dos lotes, com um total de 477 fogos.

Não tendo obtido qualquer despacho relativo a este pedido de alteração, e num momento em que as construções da célula F e G já estavam em fase de acabamentos, em 19.06.1980 a *Alves Ribeiro Lda.* insiste com novo pedido de alteração sobre o assunto. Este requerimento viria a ser objeto de uma informação dos Serviços de Planeamento Urbanístico da Câmara Municipal



Estudo de Revisão da Célula H, Ramos da Cruz, 1978.
Fonte: Arquivo Municipal da Amadora, Processo n.º 520-OCP-69

da Amadora (SPU-CMA) em 23.09.1980 – depois de procederem à implantação da nova distribuição urbanística sobre uma planta atualizada verificam que o projeto entregue "*não tem viabilidade, não só devido à topografia do terreno, mas também, porque implica a demolição de grande número de prédios e barracas, do aglomerado clandestino"* (SPU-CMA, 1980: proc. 520-OCP-69) existente na estrada do Casal de Alfornel sem contrapartida de realojamento.

Na sequência desta apreciação em 29.12.1980, a *Alves Ribeiro Lda*. apresenta um novo projeto de alteração relativo à distribuição dos lotes a construir nessa célula.

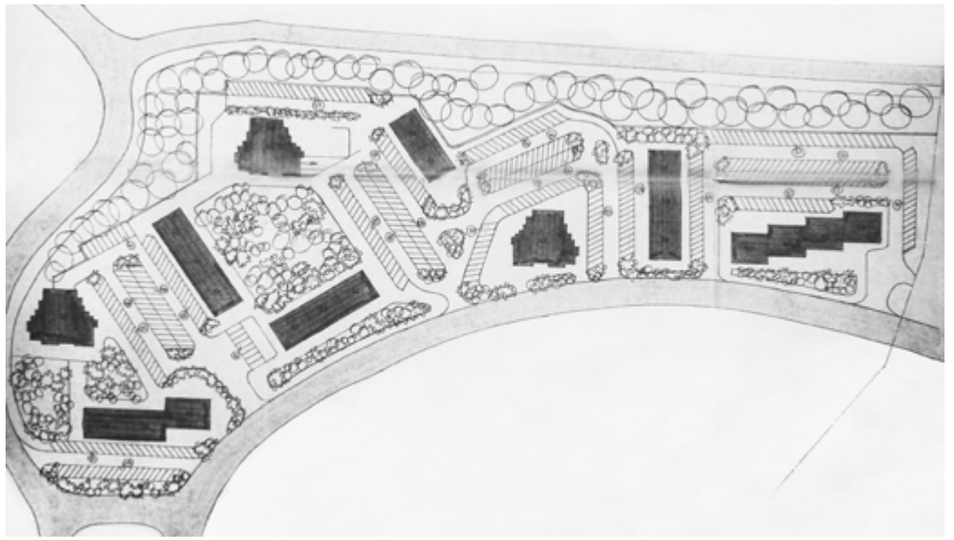
"*Para evitar delongas que se traduziriam em enormes prejuízos para a empresa e que afetariam a solução do problema habitacional local propõe-se a requerente alterar o loteamento da célula H de modo a evitar o problema do talude.*

Esta alteração consiste fundamentalmente em fazer a concentração do número de fogos previstos com a implantação de menor número de lotes mas de maior volume a altura.

A solução que se apresenta resolve completamente o problema e ainda com a vantagem de uma maior libertação de espaços envolventes o que se traduz, no fim de contas, por uma melhor solução urbanística." (Alves Ribeiro Lda., 1980: proc. 520-OCP-69)

Com esta nova proposta, a célula H – que segundo o estudo anterior era constituída por 39 lotes – passaria agora a ser constituída por 21 lotes sendo: três lotes do tipo torre com 13 pisos e 18 lotes em banda com 10 pisos. Em termos totais, a célula H passava a prever 472 fogos, sendo 227 T2, 191 T3 e 54 T4. Esta proposta de alteração viria a ser deferida, de forma parcial, na reunião camarária de 03.02.1981.

Tentando dar cumprimento aos requisitos impostos pelo parecer dos SPU-CMA, em 17.03.1981 a empresa urbanizadora submete à apreciação da CMA uma nova alteração para a célula H. Para os 472 fogos, apresenta-se agora 443 estacionamentos à superfície, acrescidos de 36 lugares em cave sob as três torres, ultrapassando por isso o índice de um carro/fogo imposto pela autarquia.



Estudo de Revisão da Célula H, Ramos da Cruz, 1981.
Fonte: Arquivo Municipal da Amadora, Processo n.º 520-OCP-69

Células A, D, E

Revisão das células A, D e E depois destas terem sido adquiridas pela *Alves Ribeiro Lda.*

Processo idêntico ao ocorrido com a célula H iria acontecer na zona do Casal de Alfornel, nas células A, D e E depois de a *Alves Ribeiro Lda*. ter adquirido os terrenos ao anterior proprietário – *Industrial de Construções, Cruz & Cruz Lda.*.

Em 24.06.1982, é submetida à apreciação da autarquia uma proposta de alteração relativa às células A, D e E motivadas pela remodelação do nó da radial da Pontinha. Esta proposta passou a fazer parte das condições de revalidação do alvará de loteamento 34/71 e é da autoria do engenheiro Ramos da Cruz. Esta nova disposição urbanística surge como resposta à nova solução elaborada pela JAE para o nó de interseção da CRIL com a radial da Pontinha e que punha em causa grande parte da Urbanização de Alfornel – A JAE teve a necessidade de elaborar um novo estudo, visto que a solução anterior tinha ficado inviabilizada aquando da errada implantação da Escola Preparatória Gonçalves Crespo, na Pontinha.

Para resolver esta situação os urbanizadores propõem uma remodelação das células A, D e E. Nesta nova implantação considerou-se um afastamento mínimo de 30m das construções em relação ao plano marginal do nó e a compensação das áreas de construção perdidas nas células E e D por uma nova remodelação da célula A. Propõem-se ainda a "*adaptação dos projetos existentes ao sistema de construção tipo túnel e a revisão da tipologia dos fogos destas células de acordo com a atual procura no mercado de habitação*" (Cruz, 1982: proc. 520-OCP-69).

Apesar do aumento do número de pisos e do número de fogos – de 1.286 para 1.303 (sem incluir as habitações destinadas às porteiras) – a área bruta de construção regista uma pequena redução. Esta redução é conseguida com a utilização de áreas anteriormente destinadas a comércio, escritórios e oficinas, para habitação e da substituição de fogos T4 e T5 por T2 e T3.

Na apreciação relativa a esta proposta de alteração, elaborada pelos serviços da CMA, regista-se a criação de 20 novos fogos com rentabilidade comercial. Este aumento é aceite como contrapartida pela criação de 53 fogos de porteira conforme exigido pelo Regulamento Municipal. Os serviços aceitam a reformulação da implantação de quase todos os lotes da célula A como forma de resolução do problema global apesar destes estarem praticamente todos hipotecados à CMA. Depois desta apreciação preliminar a proposta foi enviada para análise da JAE.

CÉLULAS		porteira	T1	T2	T3	T4	T5	TOTAIS	Áreas comerciais	Áreas totais construção
A	inicial	-	-	32	212	168	20	432	8.700m²	51.300
	proposto	-	-	222	229	-	-	541	3.0160m²	57.010
D	inicial	-	-	28	176	36	10	250	1.300m²	22.830
	proposto	-	16	89	123	4	-	244	1.270m²	21.780
E	inicial	-	-	20	370	126	88	604	-	61.760
	proposto	-	-	268	285	-	-	574	-	55.540
TOTAIS	inicial	-	-	80	758	330	118	1.286	10.000m²	135.890
	proposto	53	16	579	707	4	-	1.359	4.430m²	134.350

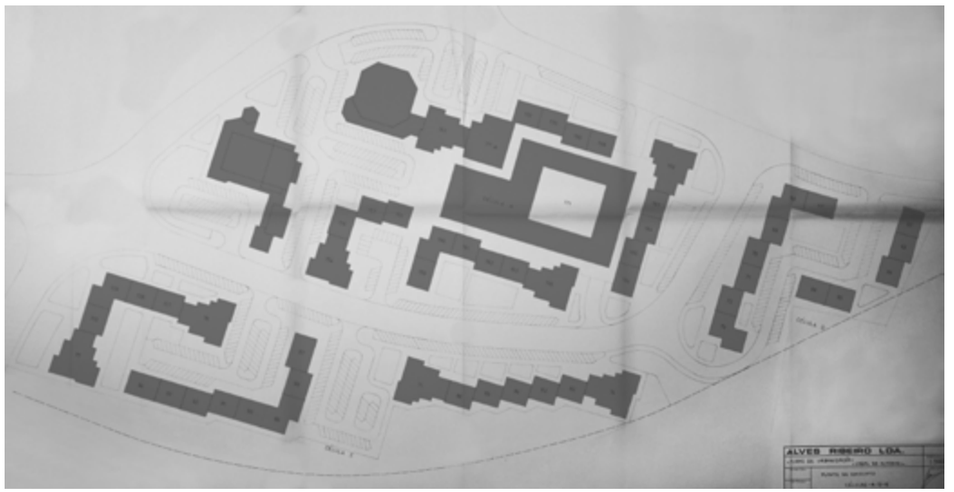
Quadro Comparativo do Estudo Aprovado e da Revisão Proposta
Quadro: Bruno Macedo Ferreira a partir de Arquivo Municipal da Amadora, Processo n.º 520-OCP-69

A JAE pronuncia-se favoravelmente em 20.08.1982, informando que seria de aceitar a distância de 30m para limite da zona *non aedificandi*, desde que esta se apresentasse totalmente livre, pelo que o parque de estacionamento da célula E deveria ser eliminado da referida faixa.

Em 28.10.1982 é submetido à aprovação um aditamento ao projeto de alterações ao estacionamento das células A, D e E, conforme solicitado pelo parecer da JAE. Nesta nova proposta é eliminado o parque de estacionamento existente a norte na célula E. Na célula D é ainda corrigida a implantação dos lotes 62 a 64 e eliminado o parque de estacionamento situado a nordeste. Os lugares de estacionamento eliminados são compensados com a criação de novas faixas de estacionamento de modo que o total de lugares das três células passou a ser superior ao previsto no estudo anterior.

Substituição dos projetos de arquitetura dos lotes da célula E e ajustes na sua disposição urbanística

Os projetos dos lotes da célula E com vista ao licenciamento da construção dos lotes são entregues para apreciação da autarquia no início de 1983. O novo estudo urbanístico desta célula é composto por três conjuntos com 21 lotes, dos quais 17 são com 9 pisos e quatro do tipo torre com 13 pisos. Todos os lotes se destinam exclusivamente a habitação e os fogos são de tipologia T2 e T3, com exceção dos andares para porteira que são T1. Todos os edifícios são dotados de um piso cave destinado a arrecadações dos fogos. Nas torres é destinado a estacionamento.



Revisão do Loteamento das Células A, D e E, Ramos da Cruz, 1982.
Fonte: Arquivo Municipal da Amadora, Processo n.º 520-OCP-69

Os projetos de arquitetura dos diversos lotes são da responsabilidade do engenheiro Filipe Boaventura Rego, e relativamente aos dois conjuntos de edifícios localizados mais a sul, são uma substituição dos projetos apresentados em meados de 1975 – estes projetos iniciais tinham sido da responsabilidade do engenheiro Ramos da Cruz, quando estes lotes ainda eram propriedade da *Industrial de Construções, Cruz & Cruz Lda*. e tinham sido aprovados em Agosto de 1975, sendo que as licenças de construção não chegariam a ser levantadas no prazo legal.

"A arquitetura exterior dos edifícios desta célula enquadra-se no conjunto da urbanização já executada e interiormente a sua divisão e estrutura já foi estudada para ser adaptada ao uso da cofragem em túnel." (Rego, 1983: proc. 49-PB-83)

Em consequência da entrega dos projetos de arquitetura dos diversos lotes da célula E e por não estarem conformes com o aprovado no plano de urbanização, foi necessário proceder-se à revisão da solução urbanística. Assim, em 09.03.1983 é submetida à apreciação da autarquia uma proposta de ajustamento/correção ao estudo das células D e E. Esta proposta de alteração resulta do facto de, aquando da apresentação da proposta anterior, se terem considerado apenas as áreas dos pisos em elevação. Apresentam-se por isso novos quadros de áreas com a correção dos valores, elaborados de acordo com os dados previstos nos projetos de arquitetura já elaborados pela *Alves Ribeiro Lda.* – que seriam por isso idênticos aos que esta estava a construir nas células F, G e H.

Esta alteração viria a ser deferida em reunião da câmara de 31.05.1983, condicionada à retificação do alvará no prazo de 60 dias, não sendo autorizado o licenciamento de qualquer construção nestas células sem que as alterações fossem executadas.

Os projetos de arquitetura dos diversos lotes seriam deferidos a partir de agosto de 1983, mas tal como aconteceu frequentemente com outros lotes, as licenças de construção não viriam a ser levantadas no prazo legal de 12 meses.

Para a edificação dos diversos lotes da célula E (que viria a acontecer entre 1985 e 1986) a *Alves Ribeiro Lda*. adota duas estratégias diferentes consoante a configuração do lote: a) em relação aos lotes com esquema de disposição de fogos esquerdo/direito assume a responsabilidade pela construção, seguindo as tipologias já construídas e o processo de construção de cofragem em túnel como vinha fazendo na restante urbanização; b) em relação aos lotes com uma configuração mais complexa, em 'L' ou 'T', por ser mais adequada a adoção de um sistema construtivo tradicional pilar/viga, opta pela venda a outras construtoras que depois procedem a ajustes na disposição interna dos fogos (veja-se o exemplo do lote 77 da célula E).

Projetos de Alteração da Tipologia do Lote 77 – Célula E, Ramos da Cruz; Filipe Rego; Filipe Rego, 1975; 1983; 1985.
Fonte: Arquivo Municipal da Amadora, Processo n.º 1186-PB-75

Apresentação dos projetos de arquitetura da célula A e a criação de um lote único destinado ao centro comercial

Tal como aconteceu com a célula E, os projetos de arquitetura com vista ao licenciamento dos lotes da célula A são submetidos à apreciação da autarquia, pela *Alves Ribeiro Lda.* sob a autoria do engenheiro Ramos da Cruz, em inícios de 1983.

A célula A era constituída por 22 lotes. Os lotes 152 a 154 e 157 a 160 destinavam-se a habitação e comércio e formam conjunto com o lote 171. O lote 171 destinava-se ao centro comercial encerrado e parque de estacionamento coberto e o seu projeto já tinha sido deferido.

Em 24.02.1984, após a apreciação dos projetos de arquitetura, a *Alves Ribeiro Lda*. apresenta uma proposta de alteração ao loteamento da célula A. Esta proposta de alteração pretende legitimar, em sede de loteamento, as alterações já introduzidas nos projetos de arquitetura.

Na solução anterior estava prevista a interligação entre os lotes 152 a 172, ao nível do rés-do-chão que seria destinado a fins comerciais. A solução agora apresentada pretende resolver o problema da definição das propriedades horizontais de cada lote com a criação e um novo lote destinado exclusivamente a um centro comercial totalmente independente dos restantes, embora mantendo a interligação com o conjunto.

Criação de um lote suplementar na célula E como compensação pelos trabalhos de construção da escola

Ainda integrado no processo de avaliação das alterações introduzidas conjuntamente nas células A, D e E, em 21.02.1985 os serviços da CMA propõem a criação de um lote suplementar como forma de pagamento dos trabalhos necessários para a finalização da construção da escola primária de Alfornelos. Numa das várias reuniões havidas entre os técnicos da autarquia e os representantes da *Alves Ribeiro Lda.* tinha sido apresentada uma proposta para a empresa assumir a responsabilidade de terminar a construção da escola, sendo recompensada com a aprovação de uma área suplementar passível de construção e com um pagamento em dinheiro.

"Como por um lado não é possível a Alves Ribeiro Lda. aumentar o número de pisos nas torres por os seus guindastes não comportarem mais elevação, e por outro lado porque seriam necessárias duas escadas (regulamento dos bombeiros) caso se ultrapasse (o que iria acontecer) os 28m de altura da cota de soleira à cota do último piso, se se criasse mais um piso (...). Optou-se pela criação de um novo lote na célula E.

Esse lote que iria receber o nº 81 estaria localizado entre a torre 74 e o lote 82 tendo de ser revista a implantação de toda a banda e o respetivo estacionamento e constaria de cave para arrecadações, rés-do-chão + 9 pisos para habitação." (SUO-CMA, 1985: proc. 520-OCP-69)

Depois de analisada a proposta da CMA, em 09.04.1985, a *Alves Ribeiro Lda.,* informa que os 7.500 contos e a criação de mais um lote para construção na célula E seriam insuficientes para compensar os trabalhos a realizar na escola orçamentados em valores que ultrapassavam os 22.500 contos.

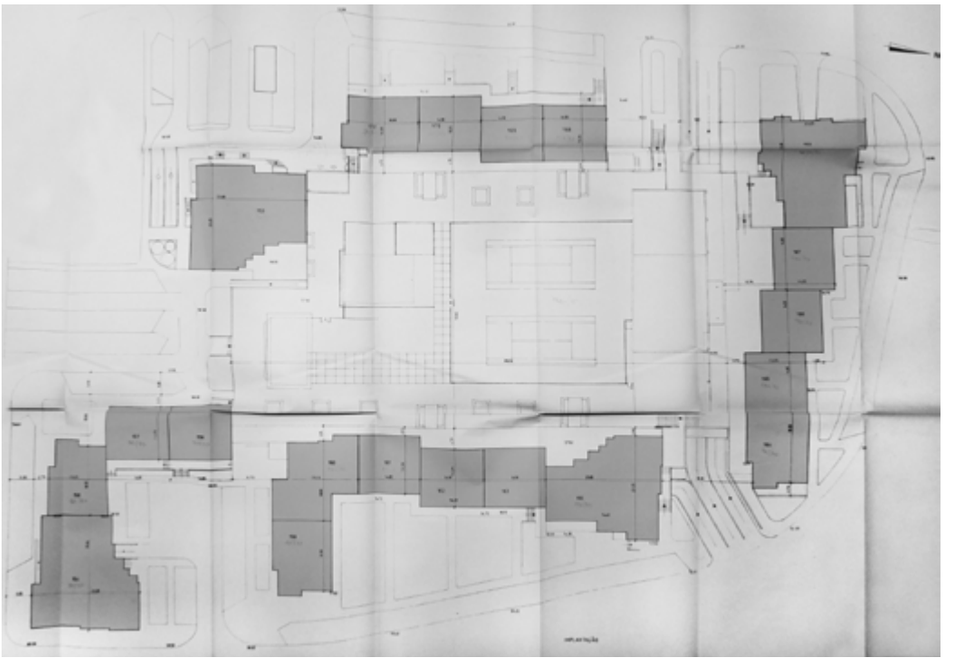
"Nestas condições e sem qualquer intenção de lucros vínhamos propor o seguinte:

– o recebimento de 7.500 contos em 1985 e 5.000 contos em 1986 (...)

– a passagem do novo lote criado, para posse da firma com o projeto aprovado, idêntico aos já existentes do mesmo tipo.

– aprovação do novo estudo proposto para a célula A. Este estudo já esteve aprovado na generalidade, no entanto foi preciso retifica-lo em virtude das áreas de implantação dos lotes não terem ido corretas, e de se ter alterado o projeto do centro comercial e cinema." (Alves Ribeiro Lda., 1985: proc. 520-OCP-69)

Em 11.06.1985, no seguimento da aprovação da proposta apresentada pela *Alves Ribeiro Lda.* relativa ao acabamento dos trabalhos da escola e com vista a dar-se início aos trabalhos, solicita-se junto da CMA a assinatura de auto de consignação da referida empreitada. Os trabalhos de edificação dos lotes da célula E viriam a iniciar-se em março de 1986.



Planta Célula A – Telas Finais, Alves Ribeiro, Lda., 1994.
Fonte: Arquivo Municipal da Amadora, Processo n.º 520-OCP-69

Revisão da célula A com aumento da área de construção vendável

Depois de aprovada a alteração ao loteamento da célula A, em meados de 1986 são apresentados novos projetos de arquitetura para os diversos lotes constituintes da célula. O espírito de conjunto e dos projetos iniciais dos 22 lotes mantém-se integralmente, registando-se alguns acertos: a) nos edifícios em torre – propõe-se a criação de espaços comerciais no rés-do-chão e o consequente deslocamento da habitação de porteira e sala de condóminos para a cave, a criação de uma subcave destinada ao estacionamento dos condóminos e, ao nível dos andares, em dois pisos, propõe-se agrupar dois fogos T2 para um único fogo T5; b) nos lotes em banda – à semelhança do que já tinha sido feito nos lotes das células E e D propõe-se eliminar a habitação da porteira e a sala de condóminos localizada ao nível do rés-do-chão e a sua substituição por dois fogos T2 ou T3, sendo que a sala de condóminos passaria a localizar-se em cave dividindo piso com as arrecadações; c) o lote 171 destinado ao centro comercial seria totalmente reformulado.

Em 18.11.1987, e numa altura em que os projetos de arquitetura já estavam preliminarmente aprovados para todos os lotes da célula A, a *Alves Ribeiro Lda*. submete à apreciação da autarquia um novo projeto de alteração para a célula A. Este projeto de alteração ao loteamento, e seguindo o processo idêntico ao ocorrido noutras células, constitui-se como uma validação das alterações já introduzidas nos projetos de arquitetura. Esta proposta de alteração viria a ser deferida em 02.02.1988, condicionada a alguns acertos de pormenor.

Compensação à *Alves Ribeiro Lda*. pela cedência de uma área destinada a fins recreativos

No seguimento do deferimento condicionado da proposta anterior, em 03.05.1988, a *Alves Ribeiro Lda*. apresenta na autarquia um requerimento para o não pagamento de mais-valias das alterações aprovadas como contrapartida pela cedência à CMA de uma área de 352m^2. Esta área seria destinada a fins recreativos e culturais e estaria localizada no lote 171 da célula A, por cima dos cinemas do centro comercial.

Edifícios Habitacionais – Célula A, Urbanização de Alfornelos. Fotos: Bruno Macedo Ferreira

Quase todos os projetos de alterações a realizar nos lotes já estavam aprovados e com licença a pagamento num valor total de cerca de 9.000 contos. Considerando esta verba insuficiente para custear a construção do espaço a ceder à CMA, a *Alves Ribeiro Lda* propõe, como forma de compensação do valor restante, a autorização para construir mais um piso nos lotes 164 a 170 e 171, ficando os dois últimos pisos destes edifícios com fogos duplex. Com estas alterações o número total de fogos previstos para a célula A ficaria diminuído de sete T0 que compensariam tipologias dos fogos com maior área.

Para concluir o processo relativo à célula A, em 05.01.1994, são finalmente apresentadas as plantas de implantação corretas dos lotes construídos bem como os respetivos arranjos exteriores. As diferenças existentes em relação ao projeto anterior resultaram das diversas alterações, que foram solicitadas e aprovadas em tempo oportuno pela CMA durante a construção dos diversos lotes desta célula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Perante a urgência da resolução do problema habitacional, e fruto da parca promoção habitacional pública, atingiu-se um "boom" construtiva anteriormente desconhecida nos territórios periféricos à cidade de Lisboa. Estas novas necessidades e a escala dos novos programas colocavam a Administração Local perante novos desafios para os quais não estava devidamente habilitada a responder.

A estratégia especulativa seguida pela *Alves Ribeiro Lda* serve para exemplificar o processo que irá acontecer noutras Urbanizações contemporâneas quando são propriedade de um único promotor – caso da Urbanização da Quinta da Piedade, na Póvoa da Santa Iria, da responsabilidade do promotor José Maria Duarte Júnior, ou da Urbanização da Reboleira, da responsabilidade da J. Pimenta. Estes grandes promotores imobiliários, uma vez que operam em áreas extensas, conseguem mover as suas influências de forma determinante na Administração Local. Por revelarem uma grande capacidade de transformação do solo e, jogando com as leis do mercado, acabam por controlar decisivamente a oferta habitacional.

Ao nível urbanístico e arquitetónico, estas estratégias são contemporâneas da incorporação definitiva dos valores Modernos da Carta de Atenas nas lógicas da promoção imobiliária e da construção de novas áreas urbanas na periferia da cidade de Lisboa. Esta adoção dos princípios Modernos, para além de servir como fator diferenciador (em relação à cidade tradicional) no momento da promoção da Urbanização e da comercialização dos fogos, é utilizada essencialmente pela facilidade técnica e operativa oferecida. A possibilidade de projetar e construir a cidade por sistemas independentes (vias, infraestruturas, edifícios habitacionais, equipamentos) revela-se de grande eficácia, permitindo com grande rapidez resolver-se os problemas no estirador e no estaleiro de obra (Lamas, 2007).

Perante este panorama as entidades públicas alteram igualmente a sua forma de ação. Fruto da necessidade de ação rápida, "independente", isenta e igualitária baseiam as suas apreciações em questões técnicas, económico-financeiras e programáticas que podiam ser facilmente quantificáveis, ou seja, as disciplinas não espaciais tornam-se a fundamentação para os processos de planeamento.

O planeamento torna-se assim numa determinação flexível controlada burocraticamente, onde a forma nunca é considerada como finita, antes em constante mutação. A forma urbana tornava-se cada vez mais no resultado da resposta a um somatório de requisitos e obrigações que nada tinham a ver com os problemas do espaço urbano.

Na prática, esta ideologia é o fruto do sistema burocrático de planeamento e ao mesmo tempo a solução encontrada pelos agentes privados para responder às exigências das entidades públicas – a uma qualquer 'necessidade' de alteração dos objetivos ou programas, a morfologia Moderna responde adaptando-se às novas necessidades com uma disposição volumétrica diferente para um mesmo limite territorial (Ferreira, 2014).

Este é também o momento em que os arquitetos são afastados deste processo de construção territorial, sendo substituídos por engenheiros que ao estarem incorporados na organização das empresas promotoras, assumiam a responsabilidade técnica por estas alterações "de pormenor" depois de aprovado o Plano de Urbanização.

Referências

Bandeirinha, José António (2014), *O Processo SAAL e a Arquitectura no 25 de Abril de 1974*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra.

Cavaco, Cristina (2009), *Formas de habitat suburbano. Tipologias e Modelos Residenciais na Área Metropolitana de Lisboa*, [Dissertação de Doutoramento], Lisboa, FAUL.

Ferreira, Bruno Macedo (2010), *[in] formar a Cidade Contemporânea: a criação de uma imagem/ modelo de periferia com a obra do arquitecto Fernando Silva*, [Tese de Mestrado], Lisboa, ISCTE – IUL.

Ferreira, Bruno Macedo (2014), "Plano Director da Região de Lisboa: o primeiro instrumento de planeamento territorial para a Área Metropolitana de Lisboa", *Arquiteturas do Mar, da Terra e do Ar. A Arquitetura e o Urbanismo na Geografia e na Cultura*, vol. II, Lisboa, AEAULP, p. 246-158.

Lamas, José Ressano Garcia (2007), *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*, Lisboa, FCG.

Nunes, João Pedro Silva (2011), *Florestas de Cimento Armando – Os grandes conjuntos Residenciais e a Constituição da Metrópole de Lisboa* (1955-2005), Lisboa, FCG, FCT.

Salgueiro, Teresa Barata (1992), *A cidade em Portugal: Uma Geografia Urbana*, Lisboa, Edições Afrontamento.

Fontes de arquivo

Arquivo Municipal da Amadora, Processos 1221-OCP-65; 1285-OCP-67; 520-OCP-69; 3628-PB-72; 378-PB-73; 770-PB-73; 2556-PB-73; 827-PB-74; 1969-PB-74; 2192-PB-74; 2197-PB-74; 328-PB-75; 335-PB-75; 942-PB-75; 1186-PB-75; 1230-PB-75; 1402-PB-75; 723-PB-78; 913-PB-78; 645-PB-81; 682-PB-81; 1149-PB-81; 475-PB-82; 49-PB-83; 110-PB-83; 181-PB-83; 117-PB-83; 171-PB-87; 932-PB-89; DF-837/00

Maria Carreira
Estudante de Mestrado Integrado em Arquitectura. Artigo apresentado no PNUM 2016 - 5ª conferência internacional da Rede Lusófona de Morfologia Urbana no Centro Cultural Vila Flor, Guimarães, 15 e 16 de Julho de 2016, realizado no âmbito da dissertação homónima, defendida no ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa, 21 de Novembro 2016.

A Cidade Nova de Santo André
A Utopia na primavera Marcelista

Introdução

Entre as décadas de 50 e 70 do século XX, acreditando que a industrialização seria o motor para o desenvolvimento da economia nacional, o governo do Estado Novo lança os Planos de Fomento com o objetivo de valorizar e apostar na indústria em Portugal. Em 1971, já sob o governo de Marcelo Caetano e orientado pelo III Plano de Fomento, é lançado o empreendimento de Sines – um porto projetado segundo uma escala internacional e um complexo de indústrias de base planeado para receber siderurgias, refinarias e indústria automóvel. Conjuntamente, desenha-se também uma rede viária e uma cidade de raiz, Santo André. A construção de uma cidade nova é a oportunidade de ensaiar soluções urbanísticas mais depuradas e seria a resposta às necessidades habitacionais que o empreendimento de Sines exigia. Como acontecimento isolado foi "*o maior projecto nacional do séc. XX, só comparável ao empreendimento da guerra colonial*" (Eloy, 1997: 102). Ainda na década de 70 começam a chegar os primeiros habitantes, a uma cidade pensada para 100.000 hab, mas que nunca ultrapassou os 16.000 (Ribeiro, 2014).

É neste contexto que se propõe uma leitura sobre a fundação, génese e evolução da Cidade Nova de Santo André, fruto do projeto industrial e portuário de Sines.

O Complexo de Sines e o surgimento da cidade nova de Santo André

Na segunda metade do século XX, a política económica portuguesa, até ao momento estagnada face ao desenvolvimento dos restantes países europeus, assume a aposta no sector industrial. Segundo o Decreto-Lei n.º 270/71 de 19 de Junho, o novo modelo de desenvolvimento, procura satisfazer "*as necessidades prementes da nossa economia e criar as necessárias condições de competitividade nos mercados internacionais*". A concentração de empreendimentos industriais, em áreas previamente planeadas, procura então contribuir para o desenvolvimento acelerado deste sector económico. Tem também como objetivos mais genéricos, os crescimentos regional e nacional. Ao propor estabelecer equilíbrios no progresso das diversas regiões do país, surge a oportunidade de criar um novo polo capaz de atenuar a forte atração exercida pelas principais cidades portuguesas (Porto e Lisboa). Esta nova realidade de desenvolvimento, que passa pela concentração de grandes unidades industriais na região sul, exige a criação de um porto oceânico com capacidade de receber e servir os grandes navios petroleiros, mineraleiros, graneleiros e cargueiros. A construção desta infraestrutura obriga a condições naturais que possibilitem uma utilização otimizada das instalações e equipamentos na "*recepção de matérias primas e exportação*

< Cidade Nova de Santo André, Bairro dos Serrotes, Ruy Athouguia e Gonçalo Ribeiro Telles. Foto: João Cardim, 2015

dos produtos fabricados e outros materiais" (Decreto-Lei n.º 270/71). O estuário do Tejo e Sado não respondiam às condições exigidas e, analisados os diversos fatores, o governo opta pela escolha de Sines para a implantação desta nova área de concentração industrial.

A criação de uma área industrial concentrada, um novo polo de crescimento que funcione como novo instrumento de ordenamento do território, pressupõe a fundação e desenvolvimento de um centro urbano "*exigido pela concentração populacional resultante das actividades, com a instalação e o funcionamento dos respectivos equipamentos sociais*" (Decreto-Lei n.º 270/71). Perante esta exigência, inscrita na Lei, é considerada a hipótese de expandir Sines e Santiago do Cacém. Segundo o arquiteto Francisco Silva Dias, a opção de desenvolver os núcleos já existentes e estabilizados, acarreta então o receio que uma explosão demográfica transforme estas cidades "*numa Amadora ou num Cacém*", dificultando a criação do gérmen urbano que então se irá procurar imprimir como resultado dos novos investimentos públicos (Rodrigues, 1997: 108). Construir do zero, como se propõe, beneficia do facto dos terrenos já pertencerem ao Estado, afastando hipóteses de maior especulação imobiliária. Paralelamente, uma cidade nova implica um maior equilíbrio entre equipamentos e habitação. Aproveitando a oportunidade, opta-se por "*preparar uma cidade cem por cento nova, tal como Juscelino fizera com Brasília*" (Santo André, 1978: 53). O grande projeto nacional de criação do polo de desenvolvimento de Sines contempla, assim, o subprojeto de criação de uma cidade nova nas proximidades da Lagoa de Santo André, equidistante dos núcleos urbanos de Sines e Santiago do Cacém, e destinando-se a acolher um total de 100 000 habitantes em curto espaço de tempo (Ribeiro, 2014).

A concretização dos objetivos que se procuram atingir impõe uma gama muito variada de atuações. Para além do planeamento global permanente, projetar, executar e pôr em funcionamento as infraestruturas e os serviços de apoio essenciais às atividades humanas, torna-se necessário promover a realização dos diversos empreendimentos e assegurar a sua exploração através dos regimes mais vantajosos, analisados caso a caso (Decreto-Lei n.º 270/71,). Segundo o arquiteto Guilherme Câncio Martins, "*para se fazer Sines e o polo urbano de Santo André era necessário que ali houvesse uma política industrial continuada, persistente e com capacidade de execução*" (Ribeiro, 2014). Dadas as múltiplas tarefas exigidas e a necessidade da sua execução seguindo prazos previamente definidos é confiada "*a direcção e a promoção de tais tarefas a um organismo especialmente criado para o efeito* (...) *dotado de personalidade jurídica e autonomia administrativa e financeira*" (Decreto-Lei n.º 270/71).

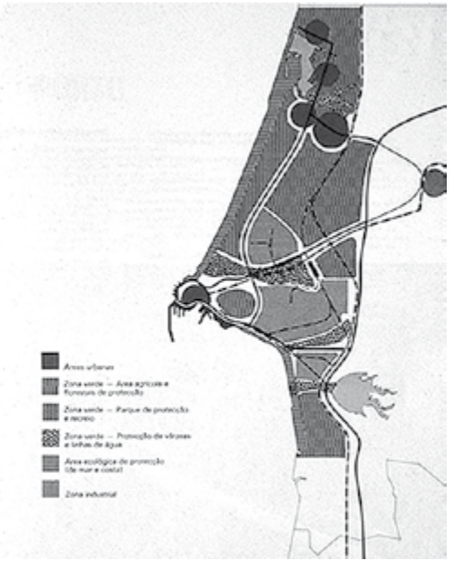
Na sequência desta decisão política, em 1971, o Presidente da República Américo Thomaz, promulga o Decreto-Lei n.º 270/71 que cria o Gabinete do Plano de Desenvolvimento da Área de Sines, abreviadamente designado por Gabinete da Área de Sines (GAS), com o objetivo de promover o desenvolvimento urbano-industrial daquela região.

Cidade Nova de Santo André – Génese e evolução

Em 1972, o GAS apresenta o Plano Geral da Área de Sines. Esquematiza-se assim o que será conhecido como o *Complexo de Sines* numa área de 49.000 hectares envolvendo zonas portuárias, industriais, urbanas e florestais em cerca de 30km de costa (Diário de Notícias, 1978). Em cima da mesa estão três alternativas para solucionar o problema urbanístico colocado pelo afluxo populacional que o *Complexo* levanta: expandir a vila de Sines, desenvolver Santiago do Cacém, ou criar do zero uma nova cidade. Selecionada a última opção, é escolhida uma área de pinhal, situada a 16km a norte da vila de Sines, um lugar plano, com excelentes condições para a construção, e bafejado por ventos vindos de norte a protegê-la de qualquer poluição oriunda das áreas industriais (Diário de Notícias, 1978).

Propõe-se a realização de um programa que inclui habitação, serviços, instalações para comércio e indústria ligeira, além do arranque de um núcleo recreativo destinado a preencher os tempos livres e motivo de atração e índice de uma certa qualidade de vida (Filipe, 1976). São ainda previstos três complexos de indústria ligeira complementares e subsidiários do complexo principal: o primeiro, com 200 ha, integrado no novo Centro Urbano de Santo André; o segundo, com cerca de 25 ha, adjacente ao núcleo de Santiago do Cacém; e o terceiro, com cerca de 75 ha, em conexão com as atividades portuárias (Rodrigues, 1997: 87).

Torna-se necessário traçar um conjunto de linhas mestras como: a criação de um sistema viário que permita igual acessibilidade a todos os pontos da zona urbana (capaz de proporcionar uma jornada habitação-trabalho rápida e cómoda), e ao sistema de estradas nacionais e de caminho-de-ferro; uma estrutura de redes de encaminhamento de peões (percursos-sombra sob alpendres, percursos cobertos tipo arcadas, percursos em parque) que permita aos habitantes circular em condições de segurança e conforto; distribuir a população e a construção pelos diversos sectores do novo centro urbano; e preservar o ambiente natural envolvente com a criação de uma paisagem urbana atrativa (Rodrigues, 1997: 90).

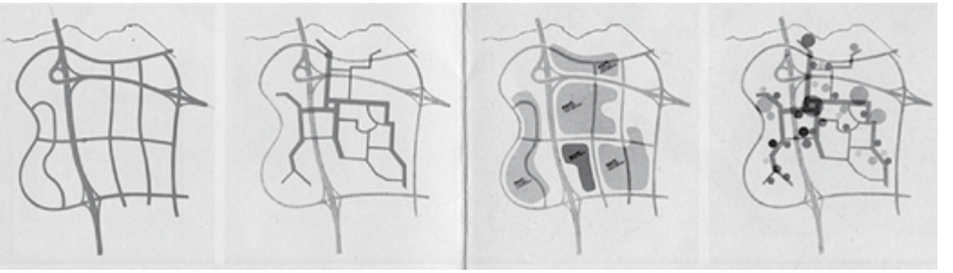


Esquema PDM para a Área de Sines, Gabinete da Área de Sines. Fonte: Francisco Silva Dias, Espólio do arquitecto

No plano urbanístico, podem-se considerar três períodos distintos até 1983.

No primeiro, compreendido entre a criação do GAS e os dois anos que procedem o 25 de Abril (1971- 1976), sob orientação de Guilherme Câncio Martins, é atribuída ao Gabinete a responsabilidade de orientar de forma integrada as fases do processo de urbanização – planear, programar, conceber, financiar, promover a realização, gerir o complexo habitacional e respetivos equipamentos urbanos – e assim construir uma cidade nova do zero (Rodrigues, 1997). Delineada de modo a tornar-se um aglomerado atrativo, Santo André é criada segundo um plano piloto – o Plano Geral de 1972 – elaborado por uma equipa coordenada por Câncio Martins (Rodrigues, 1997). Equidistante dos núcleos habitacionais já existentes, fica estabelecido como uma cidade polinuclear com um Centro Principal e três centros secundários (Rodrigues, 1997). A nova cidade proposta divide-se segundo três núcleos separados, entre si, pelos braços da Lagoa que lhe dá o nome (Rodrigues, 1997). A construção inicia-se em 1972, a partir de um dos núcleos a sul do Centro Principal que ficou conhecido como o 1º Estabelecimento. Para este centro prevê-se a construção de 5.000 fogos e uma extensa rede de equipamentos urbanos (Ribeiro, 2014).

Em 1974, com o 25 de abril, o GAS e o megaprojeto do complexo de Sines sofrem o seu primeiro embate. Dois anos passados da Revolução começam a sentir-se os efeitos sociais dos acontecimentos desencadeados pela alteração do regime político. Neste segundo período, já com Francisco Silva Dias na chefia do Gabinete, onde permanece entre 1975 e 1978, é abandonado o conceito de cidade polinuclear estabelecido no Plano de 1972. O projeto passa agora por trabalhar com as preexistências. A resposta adotada privilegia uma solução ortogonal, com longa



Esquema do novo modelo adotado para Santo André, Gabinete da Área de Sines. Fonte: Francisco Silva Dias, Espólio do arquitecto

Bairro das Panteras, com intervenção do artista plástico Eduardo Nery. Foto: João Cardim, 2015

Bairro das Panteras, com intervenção do artista plástico Eduardo Nery. Foto: João Cardim, 2015

Bairro das Torres, Bento d'Almeida. Foto: João Cardim, 2015

Bairro dos Serrotes, Ruy Athouguia e Gonçalo Ribeiro Telles. Foto: João Cardim, 2015

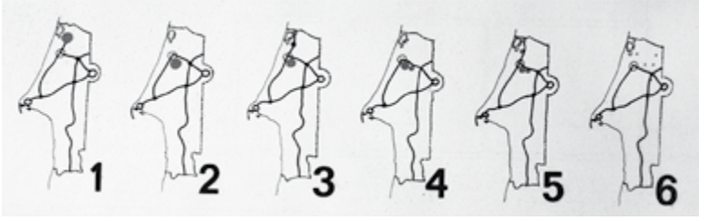
Parque Central. Foto: João Cardim, 2015

Parque Central. Foto: João Cardim, 2015

tradição na história do urbanismo, usando os eixos viários para ligar os bairros já existentes.

Concluídos os elementos principais das instalações industriais – Refinaria e Companhia Nacional de Petroquímica – e portuárias, na segunda metade da década de 70, dá-se uma considerável diminuição na população flutuante, dando início a uma estabilização do crescimento urbano da área.

"Estabilidade quanto ao ritmo e intensidade que foi acompanhado por um esforço de recuperação, ou melhor, construção de uma imagem urbana para Santo André. (...). É nesse período de transição que se procedeu a uma avaliação do projecto nas suas componentes industrial e urbano (...). Retomando nas suas linhas gerais a metodologia do planeamento de 1972, neste último estudo foram estabelecidas «3 hipóteses de trabalho» para o desenvolvimento industrial." (Martins, 1987: 361)



Seis hipóteses para o desenvolvimento urbano, Gabinete da Área de Sines.
Fonte: Francisco Silva Dias, Espólio do arquitecto

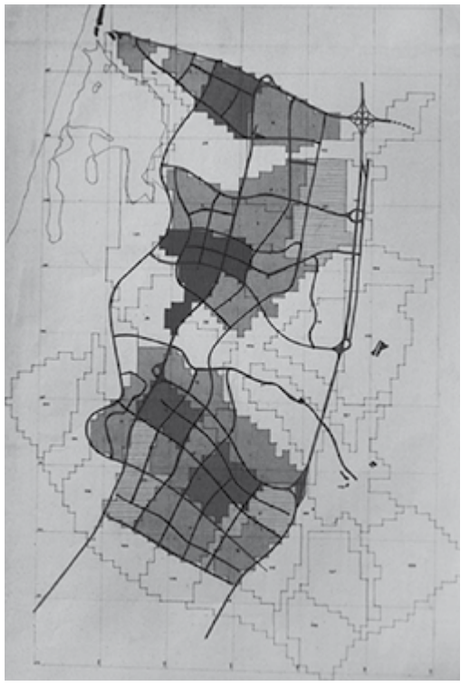
A hipótese A – a primeira colocada – supõe que o projeto de Sines se limita à indústria de base já instalada com a construção da Refinaria e Petroquímica, o que não justifica um crescimento urbano significativo. A hipótese B assume a construção de um terminal mineraleiro no porto e, por consequência, a instalação de outras unidades relacionadas – siderurgia, exploração de pirites e uma central térmica. A hipótese C considera, para além das unidades das hipóteses A e B, todas aquelas que visem o aproveitamento máximo das infraestruturas de Sines (Martins, 1987). A estas três alternativas de trabalho, segue-se uma reavaliação dos objetivos do projeto e das condicionantes ao planeamento urbano incidindo principalmente "*na apreciação da intensidade e da extensão do crescimento possível - metas da população a atingir -, a revisão das normas para a habitação e os equipamentos colectivos e os índices de ocupação do solo, e o aprofundar das condições físicas e ambientais da área.*" (Martins, 1987: 363)

São estabelecidas metas a longo prazo para o crescimento urbanístico, entre 50.000 e 100.000 habitantes. Consequentemente, estabelecem-se seis hipóteses alternativas para o desenvolvimento urbano. Duas concentradas (1 e 2), três partindo de uma estrutura linear polinucleada (3, 4 e 5), e uma alternativa de crescimento disperso (6).

Avaliadas as alternativas, chega-se à formulação da hipótese 7. Esta resulta da análise comparativa das seis hipóteses, procurando aproveitar as vantagens e minimizar os inconvenientes de cada uma delas. Enquanto nas seis primeiras se definia o critério de ocupação de toda a área, procedendo-se a uma densificação progressiva, na hipótese final opta-se pela ocupação sucessiva de áreas, distribuindo-se a população segundo linhas preferenciais de desenvolvimento, ao longo do tempo (Martins, 1987: 105).

Em oposição ao Plano de 1972, que propunha uma cidade celular, Santo André passa agora a guiar-se por uma estrutura linear que procura relacionar o existente numa fusão entre natureza e construído, campo e cidade. Ficam previstos três períodos de crescimento da cidade, correspondentes às metas de 50.000, 75.000 e 100.000 habitantes. Depois de traçadas as linhas que redefinem a construção do núcleo é então distribuído o trabalho por diferentes gabinetes de arquitetura, escolhidos tendo em conta a sua experiência em construção de complexos habitacionais. O objetivo do GAS é a conclusão de 5.000 fogos no 1o Estabelecimento até ao ano de 1980.

A seguir ao emprego, a habitação constitui o sector mais importante, essencial para a atração das populações e fundamental no



Sétima hipótese de desenvolvimento urbano, Gabinete da Área de Sines.
Fonte: Francisco Silva Dias, Espólio do arquitecto

processo de posteriormente as fixar (Filipe, 1976). Assim, ao mesmo tempo que se inicia a construção da rede viária de ligação do novo centro urbano com Sines e Santiago, são construídos os dois primeiros bairros de habitação temporária para responder às necessidades de alojamento dos trabalhadores que participam na construção da cidade: o Bairro Azul (25 habitações coletivas, projeto do arquiteto Faria da Costa Filho) e o Bairro das Flores ou Lagartixa (344 fogos, da autoria do arquiteto Gravata Filipe, conclusão prevista para 1977) (Rodrigues, 1997). O Bairro Azul viria a ser o centro cívico da nova cidade. Segundo Francisco Silva Dias, "*o Gabinete fornecia paredes, tecto e chão*", e qualquer que fosse o equipamento necessário instalava-se no Bairro Azul.

Divididas como zonas Oriental e Ocidental, consoante a sua localização em relação ao eixo viário principal, a construção nestas áreas inicia-se de maneira desigual. Na zona Ocidental começa-se com a edificação dos bairros da Atalaia (250 fogos) e Pôr-do-Sol (380 fogos). A Oriente são iniciados os bairros do Horizonte (90 fogos) e da Petrogal (100 fogos) (Rodrigues, 1997). Quando Francisco Silva Dias integra a gestão do Complexo estes bairros estão já construídos (juntando-se aos bairros Azul e das Flores), tornando-se centrais no redesenho e análise da reconfiguração do Plano. Morfologicamente têm em comum a baixa densidade, desenvolvendo-se, na sua maioria, em bandas paralelas de 4 a 5 pisos, com ruas interiores para peões (Rodrigues, 1997). A construção prossegue com a densificação da zona Oriental do 1º Estabelecimento. São implantados os bairros do Porto Velho ou Caixotes (222 fogos, projeto do arquiteto Braúla Reis); Panteras (298 fogos, autor não identificado); Picapau (672 fogos, arquiteto Paiva Lopes); Serrotes (357 fogos, arquiteto Ruy Athouguia, com projeto de arranjos exteriores do arquiteto paisagista Gonçalo Ribeiro Telles); e Pinhal (400 fogos, arquiteto Tomás Taveira) (Rodrigues, 1997). Na zona Ocidental são terminados os bairros da Atalaia e Pôr-do-Sol e é construído o bairro das Torres (96 fogos, arquiteto Bento d'Almeida). À semelhança dos bairros já construídos, também estes adotam a implantação em bandas paralelas de 4 pisos – Panteras, Picapau, Serrotes e Pinhal – e 5 pisos – Caixotes. No bairro da autoria de Ruy Athouguia são ainda implantadas habitações unifamiliares. No caso do bairro das Torres, como o nome indica, é feita a opção de construir em altura com edifícios de 6 pisos.

Para além dos profissionais da área da arquitetura, que fizeram parte da conceção da nova cidade de Santo André, também houve participações de personalidades da área das artes plásticas. Eduardo Nery é convidado para participar na conceção dos alçados exteriores do bairro das Panteras. Para a criação dos espaços urbanos para Santo André, o GAS auxilia-se da equipa de designers do atelier Risco. Neste estudo participam designers como Daciano da Costa e Fernando Conduto. O objetivo é organizar os elementos de comunicação visual desde a cor, luz, padrão e texturas, que se manifestam tanto em pavimentos como nas edificações, e o estudo de objetos e símbolos de percursos e lugares, bem como a sinalética e mobiliário urbano. Desta forma procura-se caracterizar a paisagem urbana fazendo desta um suporte material e identitário da cidade. Após a elaboração deste estudo para a nova cidade, coube ao escultor Artur Rosa a conceção do mobiliário urbano.

No terceiro período, que marca tanto o GAS como o desenvolvimento da nova

cidade de Santo André, é o arquiteto Luís Vassalo Rosa quem dirige o recém-criado Departamento de Projeto do Centro Urbano (1980-84) (Rodrigues, 1997: 98). Neste período, o objetivo é estudar as hipóteses de densificação da malha urbana. É então lançado um plano para a densificação dos dois sectores do 1º Estabelecimento. Até ao ano de 1983, o GAS tem como perspetiva construir mais 1 400 fogos de forma a aumentar a capacidade de resposta ao problema habitacional. Segundo Francisco Silva Dias, a Vassalo Rosa cabe a gestão do que já havia sido construído e de alguma forma a valorização e divulgação da nova cidade. Uma relação de maior proximidade ajuda o arquiteto-gestor a responder às necessidades da população que já reside em Santo André. A divulgação faz-se pela criação do periódico local "*Cidade Aberta*" onde são, à época, divulgados todos os grandes acontecimentos em Santo André.

Face às contrariedades que o empreendimento de Sines atravessou desde o seu lançamento, tanto no plano nacional como internacional, são caracterizados, em 1982, quatro cenários de desenvolvimento para a área de Sines. Estes cenários, traçados com base em fatores como emprego, ordenamento do território, poluição e integração de políticas de desenvolvimento da região do Alentejo, definem a maneira como o complexo será gerido a partir daí. As hipóteses colocadas são: I) estagnação, caso internamente não sejam criadas condições de desenvolvimento e apoio à Área de Sines; II) manutenção do espírito de Sines; III) alteração do funcionamento do Complexo, passando a ser predominantemente de pequena e média indústria; IV) atração de empresas de nível internacional dentro e fora da Comunidade Económica Europeia (CEE) com projetos de natureza estruturante (Rodrigues, 1997: 105). Nessa altura vive-se na expectativa de novos empreendimentos, como é o caso da vinda da empresa FORD, ligada à indústria automóvel, factos que obrigam à reestruturação do GAS e das metas a que se propõe.

> *"Conhecidas as limitações da expansão dos centros urbanos de Sines e Santiago do Cacém, será na cidade nova de Santo André que se situará a maior parte do crescimento. Dos actuais 4.500 fogos construídos e em construção, ter-se-ão de progredir rapidamente para os 10.500 que a primeira fase comportará. (...) A par do parque habitacional terão de ser promovidas estruturas e equipamento correlacionados: saúde, educação, desporto, culto, lazer... e serviços como transporte, banca, assistência pessoal e institucional, comunicação, etc. O comércio poderá induzir a criação de novas actividades particularmente na produção de alimentos, confecções e mobiliário."* (Almeida, 1982: 14)

Nesta altura já reside no novo Centro Urbano uma população numerosa, estabelecendo-se como o 2º centro urbano da zona, ultrapassando Santiago do Cacém, com uma população constituída por trabalhadores do grande complexo e 60% de retornados vindos das ex-colónias (Rodrigues, 1997: 107).

Em 1986, a Cidade Nova de Santo André possui 3650 habitações (80% do GAS), estando 3200 ocupadas (88%). Na época, a população residente é constituída aproximadamente por 10.500 habitantes.

Segundo o Relatório do Conselho de Gestão de 1987, Santo André dispõe entretanto de 3700 fogos e de uma população de cerca de 11.000 habitantes. O GAS havia construído 2950 desses fogos, 214 estabelecimentos comerciais, seis escolas pré-primárias e primárias, escolas preparatórias e secundárias, um Centro de Saúde e diversos edifícios para a instalação de serviços da Administração Central e Autárquica, Institutos Públicos, Guarda Fiscal, Guarda Nacional Republicana, Coletividades Desportivas, entre outros.

Funcionando inicialmente como um órgão independente e financeiramente autónomo, manter-se-á dessa forma até ao IV Governo Provisório (1975), momento em que é integrado no Ministério das Finanças, Planeamento e Coordenação Económica (Diário de Notícias, 1978). A partir desse momento, o GAS será progressivamente esvaziado de poderes e capacidade de ação, ficando então dependente da Secretaria de Estado do Ministério que integra. Em 1987, segundo o Decreto-Lei n.º 117/89 de 14 de Abril, o Gabinete da Área de Sines, "*há muito (...) um organismo desajustado da realidade nacional*", é oficialmente extinto, passando posteriormente a gestão de Santo André para a alçada da Câmara Municipal de Santiago do Cacém.

Cidade Nova de Santo André, Bairro do Pinhal, Tomás Taveira. Foto: João Cardim, 2015

Conclusões

Como construção única em Portugal no século XX, a nova Cidade de Santo André foi planeada de forma a aproximar a habitação do emprego, fixar uma população significativa numa área urbana e também fomentar a criação de emprego nesse local. Implicitamente, o GAS procurou fundar um polo de centralidade, com serviços, emprego e habitação concentrados nesta região do Alentejo, que dinamizasse a economia da região e também o desenvolvimento do país.

Nos três períodos que o marcaram, o novo Centro Urbano, construído em extensão e com edifícios de poucos andares, era visto como uma conceção cara e desligada das necessidades dos moradores pela falta de equipamentos para a população. Tanto a nova cidade como o organismo que a desenvolvera eram vistos como desajustados da realidade nacional e das necessidades das populações. Isto veio a ditar o fim da utopia que se desenvolvera em Sines, processo acelerado com a extinção do GAS e o abrandamento investimento no Complexo apelidado como "megalómano".

Pouco publicado, e menos conhecido entre as gerações mais novas de arquitetos, o empreendimento único e os profissionais que o conduziram tinham como objetivo primeiro a criação de um gérmen de cidade com capacidade de oferecer uma jornada habitação-trabalho cómoda e agradável. No fundo, tratou-se de uma oportunidade para ensaiar soluções urbanísticas e atingir um ideal de cidade com preocupações de qualidade espacial e ambiental.

Referências

Almeida, João Nunes de (1982), "Alguns aspectos da opção da FORD", *Cidade Aberta - Folha informativa de Santo André*, Santo André.

Filipe, Luís Gravata (1976), "Habitações Colectivas - Projecto 2. 2. 016", *Binário*, n. 209–210, Junho/Agosto, p. 229-232.

Martins, Guilherme Câncio (1987), "Santo André, o planeamento de uma cidade sem história", *Povos e Culturas - A cidade em Portugal: Onde se vive*, n. 2, p. 353–366.

Ribeiro, Raquel (2014), *Santo André - A cidade que continua por fazer*, Público, 17 Agosto, [em linha] https://www.publico.pt/portugal/noticia/a-cidade-que-40-anos-depois-continua-por-fazer-1666422.

Rodrigues, Maria João Eloy Prata Cardoso (1997), *O preconceito no conteúdo da cidade: A Cidade Nova de Santo André no Projecto Estruturante de Sines*, [Tese de Mestrado], Lisboa, FAUTL.

[s.n.] (1978), *Complexo de Sines: um projecto em execução*, Suplemento do Diário de Notícias, 28 de Setembro, nº 40161.

Legislação

"Decreto-Lei nº 270/71" (1971), 19 de Junho, *Diário da República*, I série, no 143.

João Cardim
Investigador do projecto. Artigo actualizado da apresentação no Seminário Internacional Optimistic Suburbia - Large Housing complexes for the middle-class beyond Europe, no âmbito da sessão temática 1, Resgatando a distopia espacial. Grandes complexos habitacionais para a classe média, ISCTE-IUL, Lisboa, 22 de Maio de 2015.

Modular design in large-scale social housing The work of Justino Morais 1960-1980

This paper aims to be the starting point of a PhD degree in the program given by the School of Technologies and Architecture at ISCTE-IUL (Lisbon), entitled Architecture of Contemporary Metropolitan Territories. The focus of the current research are the social housing complexes designed, between 1960 and 1980, by Portuguese architect Justino Morais (1928-2011) for public institutions, especially the Habitações Económicas (HE, affordable housing) department of the Federação de Caixas de Previdência (FCP, federation of welfare funds) and the Fundo de Fomento da Habitação (FFH, fund for housing promotion).

Because these housing "clusters" (*agrupamentos*, as they were sometimes called) benefited from a tried and tested Modular System – a "system of typological and morphological units modularly organized" –, which solved the project at the scale of the apartment, the main effort of the architect in these complexes consisted in the combination of the several apartments in the housing block and, especially, in the urban composition and in the relation with the surroundings. In an overview of the more than 20 housing clusters – all of them designed by Morais with several versions of his Modular System – to analyse, one can see a clear evolution in the urban composition, from more self-referenced estates to more integrated ones.

These various complexes, although nearly identical in their urban image, were adapted to different zones of the country and to different socio-economic realities, resorting to what was then referred as "organic standard-projects", within a process of progressive standardization with a high degree of flexibility, while maintaining or improving building costs (Croft, 2001: 282). In our opinion, a critical study of the similarities and differences between these neighbourhoods – as well as of the way they resisted to nearly 50 years of use – is essential to understand how public promotion housing operated in Portugal between 1960 and 1980, and what the long-term results of these kind of interventions were.

Context: public housing in Portugal before and after World War II

In the end of the nineteenth century, the housing availability for the working classes in the main industrial centres of the country – especially Lisbon, Porto, Covilhã and Setúbal – couldn't meet the housing amounts necessary to handle the demographic outbreak resulting from the industrialization of the country – largely a consequence of the action of two-times President of the Council of Ministers Fontes Pereira de Melo (1819-1887). This situation led to the emergence of a new kind of private rental market, initially based in small and

< Affordable housing complex designed by Justino Morais in Évora (1974-1975). Photo: João Cardim

precarious back-to-back houses – the *pátios* in Lisbon and the *vilas* in Porto – with little hygiene and living conditions, and occupying the interior of city blocks (Pereira, 1994: 509). Until the end of the 1910s, the public authorities would only intervene in occasional situations – especially in Porto – to cope with the housing shortage.

Although the First Portuguese Republic (1910-1926) didn't have the social and financial conditions to create an institutional framework to address this question, it was in 1918 that the State promotion of public housing began, with the design of several housing estates, mainly in Lisbon and Porto – such as the Arco do Cego neighbourhood (1918-1935), named the "First Social Housing Estate of Lisbon". However, without a consistent practice, as well as with the long and problematic construction process of some estates, this period of social housing promotion resulted in a relatively small number of dwellings built (Coelho, 2006: 68).

The political constitution of 1933 – the founding document of the Estado Novo dictatorial regime (1933-1974) – presents clear intentions regarding social housing, in continuity with the process initiated in the republican period. The most significant action of this period – before World War II – is the "*Casas Económicas*" (affordable houses) program, launched with the Decree-Law no. 23.952 of September 23, 1933. In its beginning, this program was essentially based in single-family detached or semi-detached houses arranged in neighbourhood units, built by the State in cooperation with municipalities, administrative corporations and State bodies (Coelho, 2006: 69).

These neighbourhoods – such as the Bairro da Encarnação (early 1940s) in Lisbon, designed by Paulino Montez (1897-1988) – followed the urban image of the Garden City and were generally built in peripheral locations, being served by public facilities including commercial, social and religious buildings. In Lisbon, this kind of interventions totalized more than 5,000 dwellings (Baptista, 1999). Many of these neighbourhoods – and also the great operations from the late 1950s onwards: Olivais and Chelas – were only possible to build as a result of the land expropriation process carried out by Duarte Pacheco (1900-1943), two-times Minister of Public Works and Communications (1932-1936 and 1938-1943) and, in accumulation, President of the Lisbon City Council (1938-1943).

The housing typology of these neighbourhoods was in accordance with the ideological discourse promoted by the Estado Novo, based on the family as the basic social unit, in the private ownership of the house as the preferred model for the expansion of urban areas, and in the arrangement of the populations in socially homogeneous neighbourhoods as a social control method (Tavares, 2003: 17). The preference for this housing model (small detached or semi-detached houses with a private garden) – was grounded in the *"nineteenth century vision of "creating city in the countryside", extending by the available suburbs the populations to be integrated naturally, that is, in contact with nature and with the ones they get along better"* (Baptista, 1999: 123) – would last until the mid-1940s, when the housing shortage began to increase.

Indeed, in the post-war period, economic reasons and increased housing needs would mean that the privately-owned single-family detached or semi-detached house with garden was no longer a viable option to solve the housing problem. The Estado Novo would adapt itself to the new political and socio-economic reality through the admission of a new strategy, centered on public tenanted multi-family housing, within the "*Casas de Renda Económica*" (affordable rent houses) regime. The use of multi-family housing blocks was also demanded by the first generation of Portuguese modern architects, following the ideals of the Athens Charter, the document that guided the majority of the interventions in the 1st National Congress of Architecture in 1948.

It was in this post-war context of relative openness of the Estado Novo regime that the Habitações Económicas - Federação de Caixas de Previdência – "*a semi-public organism, in the context of the Ministry of Corporations, with the objective of promoting housing promotion with recourse to the welfare funds in the construction of 'Affordable Rent Houses'"* (Tavares, 2010) – was created. The Federation, active between 1947 and 1972 – when it was integrated in the then newly-created Fundo de Fomento da Habitação – remain, even today, the most long-lived Portuguese organism related with the promotion of social housing,

Encarnação Neighbourhood, Lisbon, Paulino Montez, early 1940s.
Source: Postcard in "Miúdos do Bairro da Encarnação" blogspot

responsible for a "*long, complete and productive*" activity (Coelho, 2006: 49).

This paradigm shift is clearly enunciated in the Decree-Law no. 35,611 of April 25, 1946, which mentions the previous public housing laws and asserts the need to include the "*cooperation of the welfare institutions in the resolution of the housing problem"* (Decree-Law no. 35,611 of April 25, 1946, in *Diário do Governo*, I Série, no. 89: 301). In this document is stated, regarding the first operations of the Estado Novo regime regarding this matter, that

> "*From the eminently renewing conception of the family as the social cell, restored to the fullness of its historical prestige, and from the idea of its necessary protection, resulted a legal regime that tended to strengthen and consolidate it via the provision of an autonomous and comfortable home.*
> *It started a work that would accumulate useful achievements, through the constitution of whole neighbourhoods of economical, joyful and healthy* [detached or semi-detached] *houses, which allowed to face the formation of a class of small homeowners, called to play a relevant role in the maintenance of the social order.* (...)
> *With the law no. 2007, of May 7, 1945, another aspect of the question was addressed, in order to solve the problem of the tenancy of the families that couldn't or didn't want to become homeowners of affordable houses.*
> *Thus, the new formula of the affordable rent house arose,* (...) *limited to four floors, only exceptionally allowing the* [slab] *block solution.* (...)
> *Also in this new plan* (...) *it was admitted the cooperation of welfare institution"*.

As affirmed by Luís V. Baptista (1999: 66), the main idea behind this "*political evolution, from the affordable houses to the affordable rent houses, is the change from a conception centered in the social question of the house problem* [ideology-related] *to a focus in the urban question of housing* [pragmatic-related]". The Alvalade Neighbourhood in Lisbon (1945; urban planning: João Faria da Costa; architecture: Miguel Jacobetty Rosa and others), designed for 45,000 inhabitants, epitomizes this alteration. Considered the "*launching ramp of the Federation"* by Nuno Teotónio Pereira (1922-2016) (1996: 207), Alvalade was responsible for introducing housing typologies of a more urban nature, later disseminated by several regional capitals and other cities throughout the country (Porto, Braga and Guimarães, among others), responding to the housing necessities of the middle-class.

These typologies, designed by architect Miguel Jacobetty Rosa (1901-1970) and presented in the already mentioned congress of 1948, were constituted by nine apartment types – grouped

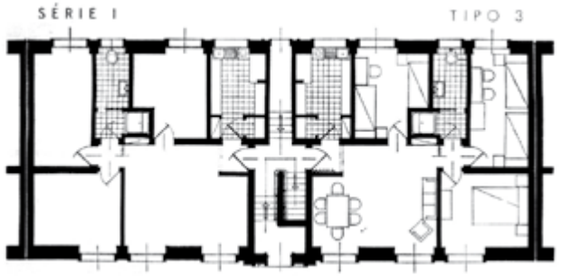
"*in three series of three types each, corresponding, the series, to the several echelons of the families' social level, and the types to the number of people to shelter in each home*" (Rosa, 1948: 267-286), and varying between one-bedroom units for childless couples and five-bedroom (one of them the maid's room) units for married couples with numerous children – arranged in slab blocks of three or four floors, with two symmetric apartments per floor with a central staircase. The blocks were then combined in long and linear ensembles mostly located alongside the street network.

The apartments are characterized by an indented rationality – Francisco Silva Dias (*in* Portas, 2013: 14) claims that "*Alvalade marked* (...) *the beginning, in Portugal, of studies on the rational building of the house*" –, essential for the achievement of the desired economy. The architect sought to "*increase the value of the house, reducing to a compatible minimum its floor area*" (Rosa, 1948: 277). To accomplish this goal, Jacobetty Rosa followed three principles: 1) the ordering of the internal communications and the movement and reduction of the tenants' courses; 2) the concentration of the free floor area; and 3) good geometric affinity and correlation of the compartments. The simplification of the functions and the reduction of the floor area between rooms was subordinate to the rationalization of domestic life itself, resumed in three cycles: cooking--eating, working-resting and sleeping-bathing. From this line of thought results the grouping of the kitchen and living/dining room near the entrance, and of the bedrooms and bathrooms. Circulations are reduced to a minimum, the corridor is supressed, and even the economical adjacency of the kitchen and bathrooms is rejected in favour of the grouping of functions. As we will see, this kind of rationalist design and the adaptation of the apartment to the habits of the users, as well as the affordable nature of the building (also present in Jacobetty Rosa's blocks), would be part of the main objectives of Justino Morais when addressing affordable housing.

In the end of the 1950s, two new urban experiences in Lisbon – North and South Olivais – would be implemented to proceed with the attempt to answer the housing needs of the capital, in accordance with the new political and social reality that emerged in the post-war period. These urbanizations would also mark the attempt to keep up with the international experiences that were rebuilding Europe. In this sense, North Olivais (1955-1958), designed for about 10,000 inhabitants by the Urbanisation Studies Office of the Lisbon City Council (GEU, by architects Sommer Ribeiro and Falcão e Cunha) corresponds to an adapted application of the recommendations of the Athens Charter (1933), with the placement of the majority of the housing units independently of the street network – adapted to the topography – and spaced between themselves within large green areas with pedestrian walkways and public buildings, namely schools and civic/commercial centres. The units were located in accordance with the sun orientation and were isolated from the traffic roads by means of vegetation. Teresa Valsassina Heitor (2004) refers the influence in both operations of the first generation of the English new towns, especially Harlow (1947) and Roehampton (1952-1955).

Architecturally, in North Olivais, one witnesses the confrontation between more orthodox international models – such as the four slab blocks designed by Cândido Palma de Melo and Artur Pires Martins (1960-1964) –, with an urban image similar to the Alton West estate in Roehampton (London, 1959) – both reflecting Le Corbusier's influence –, and more "regional" models – such as the tower (1960) and maisonette (1962) blocks designed by Nuno Teotónio Pereira, Nuno Portas and António Pinto de Freitas –, usually with Nordic references or based in some of the architectural experiences of the INA-Casa program (1949-1963) in Italy.

The same kind of diversity of architectural approaches and influences would be the most visible aspect of the South Olivais plan, designed in 1960 for about 40,000 inhabitants by José Rafael Botelho, Carlos Duarte, Mário Bruxelas, Celestino de Castro and António Freitas within the newly-created Gabinete Técnico de Habitação (GTH, technical office of housing) of the Lisbon City Council. The operation followed a scheme based in a hierarchized cell structure and applied a functional zoning, in accordance with Sir Patrick Abercrombie's theory proposed in 1945 and already implemented in Harlow (Heitor, 2004). In this sense, and although separated from South Olivais by the already mentioned Bairro da Encarnação, North Olivais is assumed as the 'A' cell of the whole Olivais plan, with the southern part covering cells 'B' through 'G'. Francisco and Tiago Silva Dias (1993: 53), analysing the South Olivais Plan, claim that it followed



Apartment typology used in Alvalade, Lisbon, Miguel Jacobetty Rosa.
Source: *1º Congresso Nacional de Arquitectura*, 1948, p. 278

"*the innovative trends of the urbanistic though* [establishing] *a 'biological' relation between the growth of the cities and the growth of the living beings. Both would be developed by the addition of "minimal units of life" that, differentiated and hierarchized, established between them cytological relations* (...)

That unit, in the case of human settlements, would be based in the gathering of the optimized number of citizens needed to the generation, between them, of community ties collectively sensed. Like the cell, a designation urban planners borrowed from biology, that group would be housed around a "nucleus" which would concentrate all the amenities needed for the meeting of the daily activities of the ensemble".

In both plans, coordinated by the GTH, which distributed lots to several entities for detailing and construction, there is already a strong investment of welfare funds in affordable rent houses (8,000 dwellings in total). South Olivais marks the beginning of Justino Morais' activity in the affordable housing field, already in the context of the HE-FCP. With Vasco Croft de Moura (1932-2016) and Joaquim Cadima (1925-?), he designs, between 1960 and 1962, a housing unit entitled, in the English summary of the magazine *Arquitectura* (no. 110, July-August 1969), "*Low-cost housing at Olivais-Sul / Continuous rows of four--storeyed buildings*". The project's description in this summary is particularly enlightening about the architects' purpose:

"*This housing unit is intended for the poorer sections of the population* (...)

South Olivais Urbanization Plan, José Rafael Botelho, Carlos Duarte and others, 1960.
Source: *Boletim GTH*, Câmara Municipal de Lisboa, vol.2, no. 13, 2ª série, 1967

Based on the indications set down in the urbanization plan, the adopted design is essentially characterized by the conjugation and repetition of nuclei composed of three flats connected by a common vertical access on the four floors of the design; in this way, it is possible to establish continuous rows with the possibility of slight inflexions to follow the layout of the streets, or mixed, T-, L- or U-shaped groups.
These rows enclose inner courtyards set back from the streets. Some of these courtyards have children playgrounds".

This is an extremely important project to understand the evolution of Justino Morais' work in this field. The standard apartment developed by Morais and used, with variations, in projects for more than 20 operations throughout the country (of which at least 17 were effectively built), can be traced back to this initial project. The three basic flat typologies correspond themselves to three different approaches to apartment design – one can wonder if each architect concentrated his design effort on only one of them –, namely in what refers to the placement of the kitchen and bathroom in relation with the living-room and the bedrooms. In one of the typologies, in a solution similar to one of Jacobetty Rosa's in Alvalade, the kitchen is placed near the entrance, close to the living-room, and the bathroom is placed in opposition, between the bedrooms and accessed by a small distribution hall that separates the social from the private area. In another apartment typology, the kitchen is placed opposite to the entrance, adjacent to the bathroom, which is accessed via the same distribution hall of the private area. The combination between the kitchen, the dining area and the living-room, with the clothesline outdoors in the corner, is the same used in the third apartment typology, the one Morais would develop in his later projects. In this last typology, the kitchen and bathroom are placed alongside the wall separating the apartment from the common access hall, while the bedrooms are arranged in an L-shape around the referred kitchen-living-room combination. A similar solution – the distribution of the service areas alongside the inner wall of the apartment – was used by Nuno Teotónio Pereira, António Pinto Freitas and Nuno Portas in the already mentioned tower blocks in North Olivais (1957-1968). According to Portas, the kitchens used throughout Olivais – narrow at the entrance end but larger at the dining area by the exterior wall – are Swedish-style (Nuno Portas in Carvalho, 2012: 299).

Regarding the differentiated use of the three apartment typologies in different combinations, it is stated that *"beyond the economy achieved in the access column, confirmed by previous experiments, this solution had the advantage of permitting, with little adaptations, a great variety of situations, through a volumetric movement which avoided the monotony of the continuous facades and of the windowless walls, frequently visible in the buildings subjected to low budget limitations"* (Croft, Morais and Cadima, 1969: 167). That variety of situations was also useful in adapting the buildings to the terrain morphology.

Some of the architects' options were, obviously, directly related with the economic constraints of these kind of operations, but it was nevertheless intended to achieve the best degree of habitability through the creation of *"convenient comfort conditions, namely in the protection against the natural agents (cold, heat, humidity), thus adopting economical and efficient building solutions"* (Croft, Morais and Cadima, 1969: 167). Those solutions included the use of exposed brick exterior walls – instead of the cheaper plastered and painted walls which required more maintenance in the long-term – with air gap and covering the concrete structure; the insulated double-roof solution; or the reduction of window sizes due to costs. The tightening, during the design process, of anti-seismic laws, led to the application of an anti-seismic structure, which forced the team to save costs in rainwater pipes, garbage disposal ducts and tiled flooring (replaced by floor screed in some dwellings).

The magazine article ends with criticism aimed at the lack of surveys or appraisals regarding the success or inadequacy of housing projects, including this one. In Portugal, the pursue of this kind of methodology would only have a significant boost with the regular publication of the bulletins of the HE-FCP (no. 1, May 1962) and of the GTH (no. 1, July-August 1964), and with the creation of the *Núcleo de Arquitectura e Urbanismo* (NAU, architecture and urbanism department) of the *Laboratório Nacional de Engenharia Civil* (LNEC, national laboratory for civil engineering) – directed by Nuno Portas between 1963 and 1974 (Carvalho, 2012) –, a public institution similar to the Building Research Station (United Kingdom) and to the Centre Scientifique et Technique du Bâtiment (France).

Justino Morais: work for the HE-FCP and for the FFH

The relationship of Justino Morais with the Habitações Económicas department of the Federação de Caixas de Previdência (HE-FCP) coincided with what Nuno Teotónio Pereira called the second phase of activity of the Federation (Tavares, 2003: 251). In 1958, 11 years after its creation, Teotónio Pereira, then the only architect working in the Federation, suggested the name of architect João Braula Reis (1927-1989) to head the new sector of architecture. Bartolomeu Costa Cabral (b. 1929) and Vasco Croft were later added to the team, and gradually the architecture sector would grow until it included 11 architects (Croft, 2001: 306).

Low-cost housing at South Olivais, Lisbon, Vasco Croft, Justino Morais and Joaquim Cadima, 1960-1962.
Source: Arquivo Municipal de Lisboa

In parallel, with the establishment of the law no. 2,092 of April 9, 1958 – which allowed "*the granting of loans for the building, acquisition or refurbishment of homes* (...) [owned, to be acquired or to be built by] *private individuals who are beneficiaries of the welfare* [institutions] *and who meet a certain number of requirements stipulated by the law*" (Tavares, 2003: 80) –, the Federation created a network of "regional architects" to improve the preliminary drafts brought by the beneficiaries and to give technical support during the construction of these single-family homes, detached, semi-detached or in small or medium groups. The objective was also, by resorting to architects living in the different zones of the country, to respond to this housing regime with a regionalist approach. Probably invited by Braula Reis (Morais, 2014), Justino Morais integrated this network – working for the Greater Lisbon area – along with other nine architects (Croft, 2001: 306).

Low-cost housing at South Olivais, plan, Vasco Croft, Justino Morais and Joaquim Cadima, The highlighted apartment (at the right) shows the scheme developed by Morais in his later projects.
Source: *Arquitectura*, no.110 (July-August, 1969)

According to Vasco Croft (2001: 279-282), Braula Reis was an essential figure in the organization of the architecture sector of the Federation, demanding three conditions to accept that challenge: the relative autonomy of the sector and its running with the spirit of an architecture office; the refusal of standard-projects; and the conduction, by the sector, of studies in the field of economic housing conception and construction. The regional architects were in charge of contacting directly with the beneficiaries in the different zones of the country and of designing the housing projects with technical support from the central sector. Croft (2001: 281-282), who worked in Hertfordshire with Charles Herbert Aslin (1893-1959) in 1953, summarizes the scope the architecture office of the Federation:

"With this methodology it was possible to do 'custom' projects, properly meeting the needs of each family and of the local environment, but at the same time to take advantage of a great number of operations with many common features, allowing to benefit from an economy of scale and from an accumulated experience, walking towards what we called 'organic standard-projects', in a process of progressive standardization always flexible and adapted to each circumstance".

Justino Morais was possibly the architect that, working as a regional architect for the Federation, took further the concepts of modularity with his "system of typological and morphological units modularly organized", devised in 1962 and certainly based in international experiences such as the British ones in pre-fabricated schools witnessed first-hand by Vasco Croft. Morais would also travel (in 1974) to the United Kingdom, but at the present state of the research the details of such excursion are still unknown.

Using his Modular System, Justino Morais designed, for the FCP-HE and the subsequent FFH, more than 5,800 homes – especially affordable rent houses – arranged in clusters varying from single buildings – such as in Viana do Castelo (1971-1974, 16 dwellings) –, to small dimension groups usually in continuation of the urban fabric – such as in Sesimbra (1969-1972, 42 dwellings) –, to medium-sized arrangements already with a certain autonomy – such as in Barreiro (1967- 1969, 136 dwellings) or in Póvoa de Santa Iria (1969-1972, 105 dwellings) –, to large or very large operations, especially in later phases – such as in Vale da Amoreira (1972-1973?, 603 dwellings) or in Almada (1975, 1010 dwellings) –, whole neighbourhoods with their own public facilities, whose frequently delayed construction hindered their regular functioning. Some small operations, designed and constructed years apart but probably following an initial urbanization plan, resulted in medium-sized neighbourhoods with a very autonomous character in the urban environment, as we can see in Portalegre (first phase: 1969-1971, 110 dwellings; second phase: 1971-1974, 180 dwellings) or in Braga (first phase: 1969-1973, 120 dwellings; second phase: 1973-1975, 171 dwellings).

In Portuguese architectural circles, references to the neighbourhoods designed by Morais are scarce and contradictory. Nuno Teotónio Pereira (in Portas, 2013: 159), for instance, categorically refuses such repetition of standard projects in different geographical and social contexts. Carlos Duarte (in Portas, 2013: 197), on the other hand, refers the typology developed by Morais as "*famous"* and justifies its dissemination with the project's "*versatility, economy and ease of construction".*

When looking globally at these projects – at least in this initial phase of the research –, one can clearly state two main characteristics: the almost obsessive repetition (with small variations) of a standard apartment – mostly two, three and four-bedroom types – and the clear non-repetition of urban models. One may argue that, for the architect, the main question when designing these estates was not at the level of the apartment, but at the level of the urban composition and of the relation – in continuity or with more autonomy – between the new buildings and the pre-existing urban or rural territory.

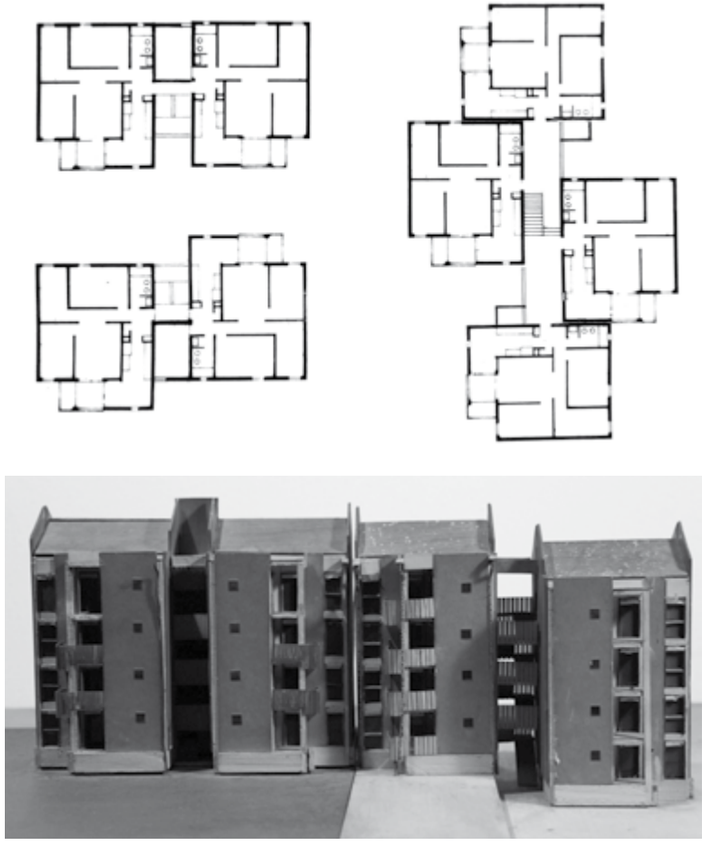
Regarding this aspect, one can distinguish, in Morais' work – and sometimes even in the same urban plan (such as in the very first one in Setúbal, 1966-1968) –, several types of urban composition, resultant of multiple arrangements of the same apartment combinations – of two, three or four apartments grouped around a staircase –, varying between two and seven floors: slab blocks parallel (also in Setúbal, 1971-1973) or perpendicular (e.g., Braga, 1969-1973) to the streets; freestanding point blocks (e.g., Vale da Amoreira, 1972-1973?); freestanding blocks independent of the street network (following the previous experience at South Olivais); combinations of slab

Some of the affordable and social housing complexes designed by Justino Morais. Póvoa de Santa Iria (1969-1972); Vale da Amoreira (1972-1973?) and Almada (1975). Photo: João Cardim, 2014.

blocks forming more traditional city blocks (e.g., Almada, 1975); or more curious shapes such as the crossed blocks in Évora (1974-1975) – which delineate three large public open spaces in the centre and several recesses for car parking –, or the long rows in Beja (1974-1975), which are carefully placed in continuity with the existing city.

In all these interventions it is also clear the desire to give prominence to the public space as the fulcrum of the daily life. Public facilities such as schools, (small) shopping centres, nurseries, primary schools and community centres were often designed but seldom constructed – at least following Morais' design. Car parking, public space planning and urban furniture, especially in later projects, were also understood as main elements of the neighbourhoods, and were frequently designed by Morais himself alone or in cooperation with landscape architects.

It is also important to mention other operations, of a smaller scale, designed by Justino Morais for the Federation (and, the later ones, for the FFH) to meet the needs of housing in small towns, frequently of rural nature, which could not endure the insertion of larger operations. It is the case of the projects for Praias do Sado (Setúbal, 1965-1966, 50 dwellings, probably an industrial neighbourhood for a nearby factory), Abrunheira (Sintra, 1966, 36 dwellings, unbuilt), Runa (1967- 1969, 30 dwellings), Ericeira (Mafra, 1971-1973, 14 dwellings, in continuity of an existing fishermen's neighbourhood) and Albergaria-a-Velha (Aveiro,



Possible combinations of the standard apartment. Scale model, showing a combination of two housing blocks, adapted to the topography. Source: Justino Morais Archive

1973-1974, 30 dwellings). All these operations, of single-family dwellings arranged in rows or in clusters, reflect the same desire for a standardization of the project so as to benefit from the use of standard components. The insertion within the existing settlement is made, as in the larger operations, by the urban arrangement of the combination of the standard houses. However, while the first ones, designed in the 1960s, are quite inventive in their conception, coordination, urban insertion and overall aesthetic appeal, the last two interventions reflect, in an initial overview, a much more controlled project in relation to costs, standardization of building elements and simplification of forms, resulting in a more austere setting. Nevertheless, the desire to give order to an urban operation via the strong emphasis on public space is also present in these smaller groups.

Conclusion and further studies

This initial overview of the housing groups designed by Justino Morais for public institutions aims to reveal some guidelines for the development of the research. The contextualization of the housing operations carried out by the Portuguese official organisms – namely in the Lisbon municipality – serves to integrate Morais' work in a sequence launched primarily by the Alvalade neighbourhood and by the early studies on apartment, unit and city block typology developed by Miguel Jacobetty Rosa within the urban project designed by João Faria da Costa.

In this sense, as Alvalade served as a learning period for Nuno Teotónio Pereira, South Olivais was *the school* for the housing work of Justino Morais and of many other architects of his generation. Also, similarly to the dissemination of the urban models proposed in Alvalade and Restelo throughout the country (Pereira, 1996: 207), it seems to exist, at least in the early neighbourhoods designed by Justino Morais, a replication of the South Olivais model – particularly of the project co-authored by Morais –, in the operations conducted by this architect during the 1960s and early 1970s. This replication is done at the level of the urban composition, of the relation between units, and even at the level of the apartment typology.

Nevertheless, there is clearly a desire of adaptation. Not of aesthetic or regionalist adaptation, although Morais, as virtually every Portuguese architect active in the 1960s, was not immune to the revisionist effect largely divulgated by the traditional architecture survey published in 1961, entitled *Arquitectura Popular em Portugal*. One can argue that the adaptation tried by Justino Morais in these operations had more to do with the ways of living of the populations and with the urban fabric where the neighbourhoods were located, than with formal aspects. Consequently, Morais' adaptation to the site is expressed through the urban composition, through the conception of the public spaces, and through the way the housing groups are placed in continuation with the city or enclosed in a semi-autonomous reality. One must also note

Some of the affordable and social housing complexes designed by Justino Morais. Sesimbra (1969-1972). Source: Google Earth

Some of the affordable and social housing complexes designed by Justino Morais. Setúbal (1966-1968). Source: Bing Maps

that almost all of these projects were located in the close periphery of important cities in the Portuguese context – such as Setúbal, Braga, Portalegre or Évora –, places where a more regionalist adaptation – that Morais attempts in more rural settings – would appear incongruent with the cities' desire and/or necessity of urban expansion.

Paradoxically, when looking at more than 20 complexes with little variation at the level of the apartment typology and of the housing units, we are talking about very different socio-economic realities which had different impacts in the architecture and urban elements. Consequently, rushed conclusions are to be avoided. The analysis of these neighbourhoods today will allow to ascertain how well they were adapted to their setting and to the populations housed there, and how they stood the test of time. In our opinion, only a complete study on the history of these neighbourhoods, from their conception to their present condition, can allow us to unveil their merits, as well as their flaws.

References

A.A.V.V. (1948), *1º Congresso Nacional de Arquitectura, Maio/Junho de 1948*, Lisboa, Ordem dos Arquitectos, 2008.

Baptista, Luís V. (1999), *Cidade e Habitação Social*, Oeiras, Celta Editora.

Carvalho, Mariana (2012), *Investigação em Arquitectura. O Contributo de Nuno Portas no LNEC 1963-1974*, [Tese de Mestrado], Coimbra, FCTUC-DARQ.

Coelho, António Baptista (2006), *1984-2004, 20 Anos a Promover a Construção de Habitação Social*, Lisboa, Instituto Nacional da Habitação.

Croft, Vasco; Morais, Justino; Cadima, Joaquim (1969), "Conjunto de Habitações Económicas em Olivais-Sul", *Arquitectura, Revista de Arte e Construção*, n. 110, Julho/Agosto, p. 166-170.

Croft, Vasco (2001), *Arquitectura e Humanismo*, Lisboa, Terramar.

Dias, F. S.; Dias, T. S. (1993), *Lisboa – freguesia de Sta. Maria dos Olivais*, Lisboa, Guias Contexto.

Heitor, Teresa Valssassina (2004), "Olivais e Chelas: Operações Urbanísticas de Grande Escala", [em linha] http://in3.dem.ist.utl.pt/msc_04history/aula_5_c.pdf (Junho)

Rosa, Miguel Jacobetty (1948), "Estudo de Casas de Renda Económica", *1º Congresso Nacional de Arquitectura, Maio/Junho de 1948*, Lisboa, Ordem dos Arquitectos.

Morais, Pedro (2014), Entrevista conduzida por João Cardim.

Nunes, J. P. S. (2007), *À Escala Humana – Planeamento Urbano e Arquitectura de Habitação em Olivais Sul. Lisboa, 1959-1969*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa.

Pereira, Nuno Teotónio (1996), *Escritos (1947-1996, selecção)*, Porto, Edições FAUP.

Portas, Nuno (coord., 2013), *Habitação Para o Maior Número. Portugal, os Anos de 1950-1980*, Lisboa, Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Câmara Municipal de Lisboa.

Tavares, Maria (2003), *Federação de Caixas de Previdência – Habitações Económicas: um percurso na história da arquitectura da habitação em Portugal*, [Tese de Mestrado], Lisboa, FAUTL.

Tavares, Maria (2010), "Habitações Económicas - Federação de Caixas de Previdência: uma perspectiva estratégica [nos anos 50 e 60 em Portugal]", *Actas do I CIHEL (Congresso Internacional do Espaço Lusófono)*, Lisboa, Argumentum, p. 47-51.

Rui Leão
Investigador do projecto. Conferência de Abertura dos trabalhos do segundo dia do Seminário Internacional Optimistic Suburbia - Large Housing complexes for the middle-class beyond Europe, ISCTE-IUL, Lisboa, 22 de Maio de 2015.

Housing Policy and Demographic Instability in Macau

Inserted in the great Pearl River Delta, Macau has a special urban condition, characterized by a very dense development in a small territory. It is a very narrow environment, modulated by hills, having similarities with Lisbon but on a different scale.

The city is structured as a typical Portuguese city developed around the *Praia Grande* Bay and the main street (Rua Central), and as a Chinese city organized towards the northern shore of the Inner Harbour. These two urban forms overlap each other at the hill crest and in the downtown area.

By looking at the plan of Macau, we can detect how the original edge of the Peninsula has been permanently redrawn through the offset of the coastline to form new territories. Some of the area was naturally silted, but the latter layers correspond to formal acts of land reclamation made throughout the years. Macau had a systemic way of development since the beginning of the nineteenth century, when it began facing bigger issues regarding the management of the city planning due to lack of land.

Before these formal reclamations, Macau had what could be called “organic reclamations”. Looking at the Inner Harbour area, for instance, all the streets offset in the same direction towards the water edge represent the successive layers of landfills that accompanied the development of the harbour.

It is very interesting to notice that the Chinese city is very organic, unlike the Portuguese town. Probably the reclamation system was adopted due the successful experience by the Chinese in the Inner Harbour.

The colonial experience, in general, is like a laboratory. Two different entities don’t necessarily mix, and don’t necessarily learn or communicate with each other. There wasn’t an obvious active relationship between the Chinese and the Portuguese. Relations were rather contemplative and symbiotic than collaborative. The Portuguese had to look at the Chinese to build a city with them, and the Chinese would most probably observe their different ways, only negotiating when strictly necessary. In the end, it turned out as a very long and interesting process of watching and learning, a very successful one in the case of Macau.

When talking about housing in Macau, it is important to put things into perspective by understanding some figures. Macau has a population of around 600,000 people, where more than 95% is of Chinese ethnicity. The Portuguese community is nowadays very small, not reaching 2%, and there are growing Filipino

< STDM complex, Manuel Vicente. Photo: Rui Leão

and Indonesian communities, that occupy a significant part of the workforce. In 1999, the population – then at 450,000 people – started to rise, mostly through imported labour. The age pyramid was very young at that time. We also had a high fertility rate, but that has dramatically changed nowadays.

The figures on population growth do not reflect the natural growth, but rather mirrors the fluctuations that result from the Macau-China cross-border policy and the loose immigration policies that have historically allowed Macau to act as a platform for development in a major regional crisis. The growth of the city has been very spasmodic and has gone through some periods of sudden growth.

CHT housing – Conselheiro Borja Avenue, Manuel Vicente and Natália Gomes. Photo: Rui Leão

Another interesting figure about Macau is that there has been an average of 30 million tourists per year (the figure of 2014 was *circa* 32 million). For a place that is only 30 square kilometres overall, this represents an absurd scale of users. Governance has had a slow reaction to this new scale of users, which is reflected in the lack of proper infrastructure to deal with this huge daily influx of people, namely on housing the recent wave of labour--residents and the younger part of the local population.

Access to housing is therefore a very big issue. What happens nowadays in Macau and in Hong Kong is that the housing prices are enormously inflated, an inflation that is due to the fact that people in Mainland China find it safer to store their earnings in profitable real-estate markets outside the mainland, rather than in the bank. Buying property used to allow investors to gain easy residency in Macau. So all this had a huge impact in the property market, hugely deteriorating the conditions of the local middle class.

The housing policy that was in place until the handover wasn't maintained after it. Housing didn't seem to be a concern anymore after 1999. No new public housing schemes were implemented after this date, with only the projects under construction being completed and distributed. It was not until 2008 that the government decided that by 2012 they would produce around 20,000 new housing units.

The rebirth of the housing issue is very interesting from a sociological point of view. The Chinese community is traditionally very silent. They used to consent the government without protesting. When faced with a situation of impossibility – overrated inflation and inability to access the housing market rates – people started coming into the streets and, after almost 500 years of silence, they started to voice their dissent. I saw this happening very optimistically: as the end of a long post--colonial silence.

The entity that deals with housing policy and management for the Macau SAR Government, the *Instituto de Habitação* (Institute for Housing) has implemented four different types of housing schemes along the years:

- Social housing schemes - all those where the government uses public land to build housing with public money renting them to low-income families - were initiated in the 1960s. It is considered to be the mainstream type of development because it takes in all the new wave of people that cyclically come into the territory with precarious financial conditions. Social Housing was instrumental in initiating a well-structured urbanization of new undeveloped and illegally occupied areas.

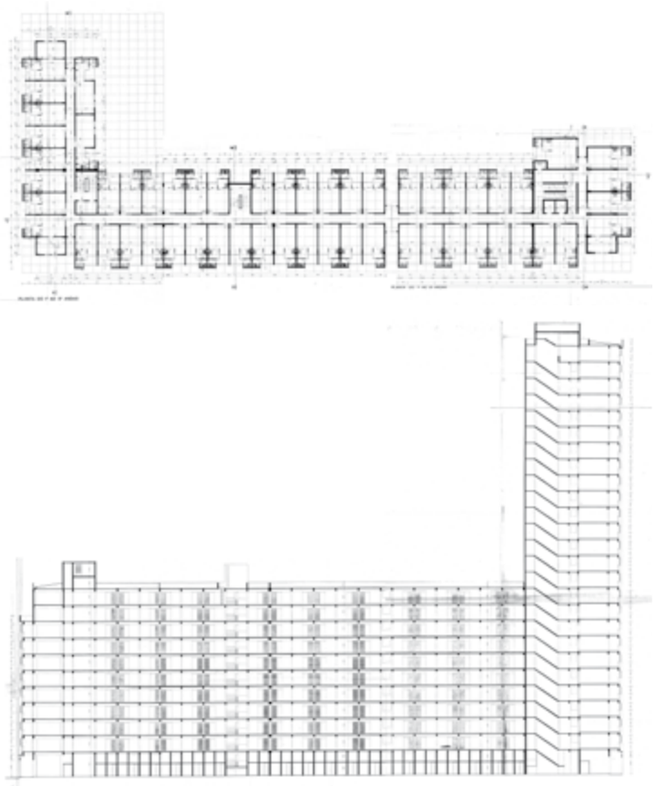
- Affordable housing schemes are more recent, they started out in the 1980s and were destined for families that wanted to be home owners. The few affordable housing schemes that are still standing are in my opinion the best in Macau. Even if their infrastructure or location are not the best, they were designed in a very generous way, having the same areas as the common low middle class houses would have in the open market, but being sold at a fraction of the price. Affordable housing schemes were only possible while there was public land available in the northern part of the Peninsula, which is where most of the schemes are. Many were designed by locally based Portuguese architects, such as Manuel Vicente and Vicente Bravo.

- Another type of housing is the CHT, which stands for temporary housing, most of which were either converted or demolished.

CDH housing – Artur Tamagnini Barbosa, Manuel Vicente, Vicente Bravo and Paulo Sanmarful. Avenue. Photo: Rui Leão

Due to the very nature of the brief, the life span of this type of buildings was meant to be short.

- The last type of scheme that was implemented by Macau's government under Portuguese rule is the CDH, which was a type of development-contract that the government made with developers. The government would acquire land, the contractor would propose a scheme and the government would subsidise part of that scheme (up to 50%) while the developer had to sell that portion of units at controlled prices. Sometimes the land belonged to the developer, and the CDH acted as a form of financing. These schemes were very successful because the social units sold at controlled prices were identical to the ones being sold directly on the market, creating new socially mixed districts.



STDM building, plan and section, CHT housing, Manuel Vicente. Source: Rui Leão Archive

One of the best examples of CHT temporary housing schemes was designed by Manuel Vicente and Natália Gomes, located at Avenida do Conselheiro Borja. It is a very clear cut building, with a very strong urban presence and inventive typology. The facade is a rhythm of opaque vertical elements, with no fenestration, that punctuate the street front.

In Macau, the occupation of buildings by the users leaves a very strong mark. The image of most of the buildings is filled with cages where all sort of belongings from the residents hang outside, such as clothes, shoes, drying fruits or bags. You can see a very aggressive use by the residents over the architectural layer of the facade. Manuel Vicente, in this project, started to develop a very interesting way to make his architecture dialogue with this cultural use, this collision between the user and the architecture. The main idea was therefore to have a strong element, a very strong urban statement that would set back the windows, so that when the residents started installing their cages it would not de-configure the scale and

the civic role of the architecture. This is a very strong, yet simple gesture.

Manuel Vicente used this principle in other buildings, namely in the STDM re-housing block, but this was the very first experiment where it came out in a very clear statement. Even today, after all the changes it has been through, the building still has a very strong urban image.

STDM building, CHT housing, Manuel Vicente. Source: Rui Leão Archive

This aspect highlights the type of contribution that architects have made in Macau with these inventions, which do not exactly stem from the cultural background and know-how of the architects, but, more importantly, from seeing and understanding that this city works on its own framework, socially and architecturally.

Initially, this plot was destined by the government for a civil servants residential block, in an apparent plan to gentrify the edge of the low-income North district (Areia Preta and Toi San). When the project for public servants was completed, a great fire in an informal district left many families homeless and the urgency of re-housing those affected took priority.

This temporary housing project, comparing with the previous project for public servants, diverged from the typical typology of two apartments per floor, as all vertical circulation was reduced to a single stairwell. Manuel Vicente`s project uses the structural layout of the previous residential project adapting it into the temporary housing for the families affected by the fire. In order to accommodate both large and small families, Manuel Vicente and Natalia Gomes project 'split' the apartment into two levels, in a way that each level was good enough for either sleeping or living but less convenient for subdivisions, concerned as they were in preventing users from dividing the apartments in different units for sub-leasing.

Along the same street (Avenida Artur Tamagnini Barbosa), another CDH scheme designed by Manuel Vicente, Vicente Bravo and Paulo Sanmarful consists of three towers that are very smartly rotated 45 degrees on the site allowing more sunlight into the units. The ground floor of the project is understood almost as a separate exercise, stitching the site levels and creating a commercial and public space with a more human scale.

as a shopping centre, a community centre, a gas station, a school and a kindergarten. The opportunity to design such a large-scale brief was a way to define the urbanism through the architecture and its interstitial spaces.

In the three towers at Avenida Tamagnini Barbosa it is possible to see the urban manifestation of a building without windows, what Manuel Vicente referred to as the 'hard shell'

STDM building, tower, CHT housing, Manuel Vicente. Source: Rui Leão Archive

After this project was completed, Vicente Bravo and Paulo Sanmarful received a CDH commission to develop the entire block across the street surrounding these towers. They had the opportunity to design a whole city block. They used exactly the same tower with identical typologies and aligned them not following the pattern of the Toi San district but rather using an existing diagonal pathway relating to the old Chinese settlement that crossed towards Ilha Verde. The remnant spaces at the site were turned into public facilities such of the building, which in this case becomes partially 'soft' with the air conditioner shelves, that blend in very nicely with the soft part of the building. The rotated towers create a very interesting situation in the ground floor at the crossing from one street to the other. When compared to the majority of the housing schemes in Macau, which generally don't dialogue with the street, these towers have two floors of shopping spaces that create a street environment breaking away the grand scale of the high-rise. It is a wonderful piece of city, having

a lot of small carpenters and small factories that can still remain here today, as rents in this part of town haven't sky-rocketed.

Other project, the STDM re-housing block, was the result of a land concession that the Macau Government made to Sociedade de Turismo e Diversões de Macau (the gaming operator of Stanley Ho), with the intention of re-house the biggest number of families living in squatter settlements that occupied a great portion of the reclaimed and undeveloped land in the Porto Exterior area between the Hotel Lisboa and the maritime passenger terminal.

By the 1970s, all the stretch south of the Guia Hill had been filled with slums. There was an early plan for the South of the Peninsula, commissioned by the government and developed by architects Leopoldo de Almeida and Garizo do Carmo in the 1960s, which represented a big effort to modernize Macau. Macau was not economically well-structured at the time, lacking a strong economical role since the rise of Hong Kong as a port and trade city. The plan was meant to make the city face the open Sea with a new urban grid. This plan was poorly implemented, due to a wave of immigration that forced thousands of people to settle in squatter settlements, occupying the area of the Porto Exterior (outer harbour), south of the Guia Hill.

The Toi San district comprises the area North of Avenida Conselheiro Borja until the Canal dos Patos at its north and west of Avenida Tamagnini Barbosa until reaching Ilha Verde. The area, originally a Chinese neighbourhood outside the city perimeter that suffered a great fire in 1928, was urbanized by Governor Artur Tamagnini Barbosa in the 1940s to house refugees from the World War II. This housing operation, named Tamagnini Barbosa Neighbourhood or Toi San Neighbourhood, was built by small units of a single floor organized in north-south blocks with a small depth. In the 1960s there were several isolated housing developments that operated in the same plot, transforming Toi San Neighbourhood from a low rise complex into a high rise group of buildings with 10 and 12 floor.

The construction of the STDM re-housing block is related to this context. It was the result of a Government decision to re-house the squatters from the Porto Exterior and avoid evicting them without provision for resettlement, as there wasn't a common practice of expropriation in Macau.

In order to relocate this population, the Government relied on STDM to develop the housing scheme in Toi San to liberate land in the outer harbour. By the time that families were re-housed, the masterplan by Leopoldo de Almeida and Garizo do Carmo was already outdated in terms of density and of the infra-structure needed for the city. This masterplan was nevertheless useful to make the political decision of taking out the slums and starting a mass re-housing program.

The STDM re-housing block is a great outcome of this agreement and cooperation between the government and the gaming operator. STDM was given the plot at the northern tip of Avenida Tamagnini Barbosa and given as brief the aim to accommodate the highest number of apartments for the squatter families. This was an opportunity to study different typologies for the different kinds of families and the precarious road and plot cross section of the Toi San Neighbourhood. Architects Manuel Vicente and José Maneiras through the Gabinete de Estudos e Planeamento, were able to revise the urban grid to accommodate the new program and scale of the comission.

The building is composed of a long low-rise along the main road that intersects with a tower facing the China border and Canal dos Patos. The articulation of both volumes is a dramatic exercise. There are three entrances and corresponding vertical accesses to the block. All three stairs connect to a common corridor which runs along the whole length of the building.

Internally, there are two housing typologies: a family unit in duplex and a second open-plan unit, designed with maximum flexibility in mind, with the kitchen and bathroom located along the façade.

The STDM block introduced some very innovative urban conditions in Macau. The design takes from the lessons learned in the temporary housing block at Avenida Conselheiro Borja, namely the way it relates to the street by layering the skin of the building into the outer public skin with no fenestration withstanding the test of time, and the inner skin where windows are aligned, which in the STDM block is treated with coloured concrete blocks to identify the different units.

Jorge Figueira
Investigador do projecto. Artigo publicado como Figueira, Jorge (2015). “Arquitectura em divagação: Manuel Vicente em Macau”, *Review of Culture (Macao)*, nº 50, p. 72-83.

Arquitectura em Divagação Manuel Vicente em Macau

Introdução

Quando Manuel Vicente vai para Macau, em 1962, integra o conjunto dos portugueses aventureiros que ao longo do tempo viajaram para terras longínquas. Como tantos outros antes dele, MV parte também à descoberta de si próprio. No regresso, sempre adiado, tenta colonizar um Portugal algo distante com a sua “fala magnífica” (Figueira, 2013: 34-35), e um portfolio de obras que percorrem várias décadas, programas diferentes e abordagens que reflectem o tempo passado.

Podemos talvez dizer que a eloquência narrativa da “fala” de MV é resultado da necessidade de preencher o vazio criado pela distância entre Portugal e Macau. Os pequenos episódios que agiganta com a sua conversa compõem um filme, onde a *glória do trivial* interrompe permanentemente qualquer sentido final ou síntese redentora.

Há, em qualquer dos casos, uma impossibilidade entre o projectista e aquele que divaga. É possível divagar como arquitecto? Talvez uma chave de leitura da obra de MV seja essa de uma divagação esculpida em inúmeros edifícios que vão retomando a narrativa interrompida, nunca ao ponto da conclusão.

A síntese, evidentemente, é inimiga da divagação, mas o projecto não se pode arrastar sem fim. A obra de MV resulta dessa contradição. É uma arquitectura em estado de divagação, o que a omnipresença de padrões geométricos pode iludir. Como se verá, o uso da geometria funciona mais como a instalação de um sistema de conexões ou mesmo de um circuito eléctrico, do que na tradição do “cardo” e do “decumanu”.

Mesmo que, como afirmou várias vezes, MV não esteja interessado num projecto de “fusão”, a verdade é que a hibridez genética de Macau lhe assentou como uma segunda pele. Talvez até mais do que isso. Embora não procurado ou forçado conceptualmente, este encontro acontece. E é fora de um quadro “ocidental” ou europeu que a obra de MV pode ser entendida. Os seus últimos projectos são já muito tomados por uma filiação que teremos de descrever como macaense.

Por isso, a partir dos anos 1980, a pouca obra de MV em Portugal fica crescentemente órfã de contexto. Não é seguramente o da Comunidade Europeia, onde Portugal ingressa em 1986. Fica sem distância, como um eco sem voz.

Mesmo que sem o propósito de um oportunismo conceptual, a arquitectura intersticial de MV vive da lógica intersticial de Macau, isto é, dos meandros de um tecido

< Quartel dos Bombeiros, 1991-98. Foto: Manuel Vicente, espólio do arquitecto

denso que pretende densificar e intensificar. A certa altura, MV talvez fantasie com a ideia de uma arquitectura espectral que apenas potencie a vida densa de Macau. É talvez assim nos conjuntos habitacionais, em particular no Fai Chi Kei (1977-1982) e no STDM (1978-1984). Noutros programas, como o Arquivo Histórico (1983-1985) ou o complexo da TDM (1964-1988), a arquitectura surge como figura e não como fundo, o que permite afirmar que os interstícios viram corpo, ganham identidade própria.

Aquilo que acontece hoje é que Macau está a apoderar-se dessas estruturas e a transformá-las: ou apagando-as, ou eclipsando a sua notoriedade ou, apesar de tudo, mantendo-as a funcionar. As obras de MV são pequenas máquinas habitadas que estão a ser engolidas ou integradas pelo corpo em permanente mutação de Macau.

De qualquer modo, MV nunca quis depurar, higienizar, ou redimir Macau. Dir-se-ia que por formação e por feitio. Convém relembrar a sua passagem pelo atelier de Louis Kahn, entre 1968-1969, mas talvez mais ainda a sua confessada admiração por Robert Venturi e Denise Scott Brown, discípulos de Kahn, por essa altura a encetarem a aventura de "aprender com Las Vegas". De facto, a cultura *pop* americana dá a MV referências e instrumentos para lidar com a realidade para lá da tradição moderna que em Portugal é nuclear. Mesmo se já no sentido do *Inquérito à Arquitectura Popular*, publicado em 1961, a matriz moderna da arquitectura portuguesa contemporânea é demasiado estrita para aquilo que está acontecer em Macau. É interessante sublinhar que o Orfanato Helen Liang (1963-1964) é feito antes da experiência americana e denota uma preocupação com o detalhe e uma "correcção" arquitectónica que serão depois abandonados. É talvez possível traçar aqui um paralelo com o modo como Frank Gehry abandona os modelos convencionais da arquitectura depois das primeiras experiências em Los Angeles.

Em síntese, diria que MV transporta para Macau um diálogo entre a cultura europeia de que Portugal é um intérprete particular enquanto colonizador colonizado pelo centro da Europa e a cultura americana a partir desse diálogo fundador Kahn/Venturi/Scott Brown, em que a história da arquitectura, depois de reaberta para a disciplina, conversa com o "homem da rua". Ou, ainda, um diálogo entre o "projecto iluminista" de que a arquitectura moderna é síntese e um liberalismo em que se acredita que a realidade está "quase bem".

Macau está "quase bem", mas num crescimento acelerado onde a arquitectura pode ser protagonista. A espacialidade de Macau absorve estes diálogos e relança-os. MV é, como já pude escrever, o raro arquitecto *pop* a trabalhar na China, mais propriamente em Macau, desde os 1960, num dos "*cenários mais particulares da arquitectura contemporânea, mesmo para lá do destino português*" (Figueira, 2011: 34). Através do olhar de MV, a formação europeia e a licenciosidade americana aplicadas ao contexto de Macau criam uma tempestade perfeita.

Pós-modernismo *pop*

Como dizia, a primeira obra que MV constrói em Macau, o Orfanato Helen Liang traduz uma sensibilidade que remete para a discussão dos anos 1950-1960 na Europa, do "neoliberty" italiano até à "terceira via" de Fernando Távora. Depois da experiência americana e com a evolução do debate nos anos 1970, MV desenvolve uma abordagem que se poderá designar, no sentido amplo que Henrich Klotz propõe (Klotz, 1988), como pós-modernista de filiação *pop*: no método – a colagem, a réplica e a ampliação; nos efeitos – o uso do *lettering*, da cor e de uma saturação da geometria; e nos objectivos – um espaço denso, labiríntico, electrizado.

Macau é um território disponível para este projecto. Como referi, MV não se motiva pelo exótico ou pela investigação vernacular: "*Sempre disse a toda a gente que fui para Macau porque tinha trabalho, não porque estivesse fascinado pela China, nem pelo Oriente* (...) *– seria pois, a última das minhas intenções chegar a Macau e tentar integrar-me na cultura*" (Vicente, 1991: 280). Segundo Eric Lye, "[MV] *escolheu ficar nas colónias portuguesas onde se sentia psicológica e culturalmente confortável.* (...) *As suas estruturas são a corporização de sonhos. Teceu-as para o tecido de Macau, que dava a possibilidade para um desenho aberto. Os seus edifícios integram memórias e, ao mesmo tempo, as difíceis dinâmicas do futuro*" (Lye, 2006: 11). Ou, ainda, como escreve Maria Trigoso, "*MV parece ter ficado imune à arquitectura chinesa* (...) *Assim como não impôs portuguesismos* (...) *não se interessa pelos chinesismos*" (Trigoso, 1999: 34).

Mais do que procurar uma mediação segundo deliberações da "alta cultura", MV investe nos "insignificantes" do território segundo uma estratégia *pop,* aberta pelas aprendizagens de Venturi e Scott Brown. De acordo com a habitual plasticidade teórica dos arquitectos portugueses, a sensibilidade *pop* é intermediada, por exemplo no Fai Chi Kei, com referências a Aldo Rossi e a uma ordem mais ascética, mais peremptória, que MV gosta de experimentar.

O que une tudo é um recorrente uso de grelhas geométricas, com base no quadrado. Não são "traçados reguladores" mas dispositivos físicos que permanecerão na previsível futura ruína dos edifícios. Ou que, num uso hiperbólico, produzem o efeito contrário à ordem: no Arquivo Histórico, a grelha é utilizada como um vírus em propagação, um geometrismo que esconde a sua lógica, criando um espaço labiríntico e saturado.

A filiação *pop* está também presente no uso do *lettering* e do sinal gráfico como dispositivo arquitectónico, o que é no contexto português, e não só, significativamente raro. Esta abordagem é patente no Bar Metro e Meio em Lisboa (1973-1974, com Gastão da Cunha) e é aprofundada, noutra escala e com muito maior impacto, nos edifícios em Macau da TDM e no WTC (1985-1988).

De facto, em 1979, a exposição individual de MV em Lisboa, "O exercício da Cidade" (Vicente, 1979) – uma iniciativa invulgar na época – mostra trabalho realizado em Macau entre 1976 e 1979 e o mais *venturiano* dos arquitectos portugueses. Isso mesmo é tornado claro, logo no preâmbulo do catálogo: "*E todavia, no confronto com o ordinário/corrente, na decisão de o tentar manipular como vocabulário de um outro discurso, no esforço de* '(...) *transformar em algo de que se goste, aquilo de que se não gosta', existiria, continuando a parafrasear Denise Scott Brown, 'uma grande potencialidade criativa*" (Vicente, 1979). Já em 1980, o trabalho em Macau é assumido nos mesmos termos: "*Fui para Macau muito fascinado; porque eu dizia muitas vezes em Lisboa: adorava ter um pato bravo, trabalhar no ordinário, no grosseiro, no vulgar, no corrente, no banal, e ainda aí, entrar e dizer, como a criatura que eu estimo muito, Denise Scott Brown: está quase bem. E de facto, não tem nada que saber*" (Vicente, 1980: 43). Ou, ainda, indo directamente às fontes: "*Uma das coisas que influenciou o meu pensamento foi a famosa pintura da lata de sopa de Andy Warhol. Há um forte esforço criativo em fazer algo de que se gosta a partir de algo que não se gosta. Em Macau, há muitos materiais de que não gosto* (...). *O processo de construir com estes materiais transforma-se em algo quase religioso*" (Vicente, 1999: 70-73 e Lye, 2006: 17-18).

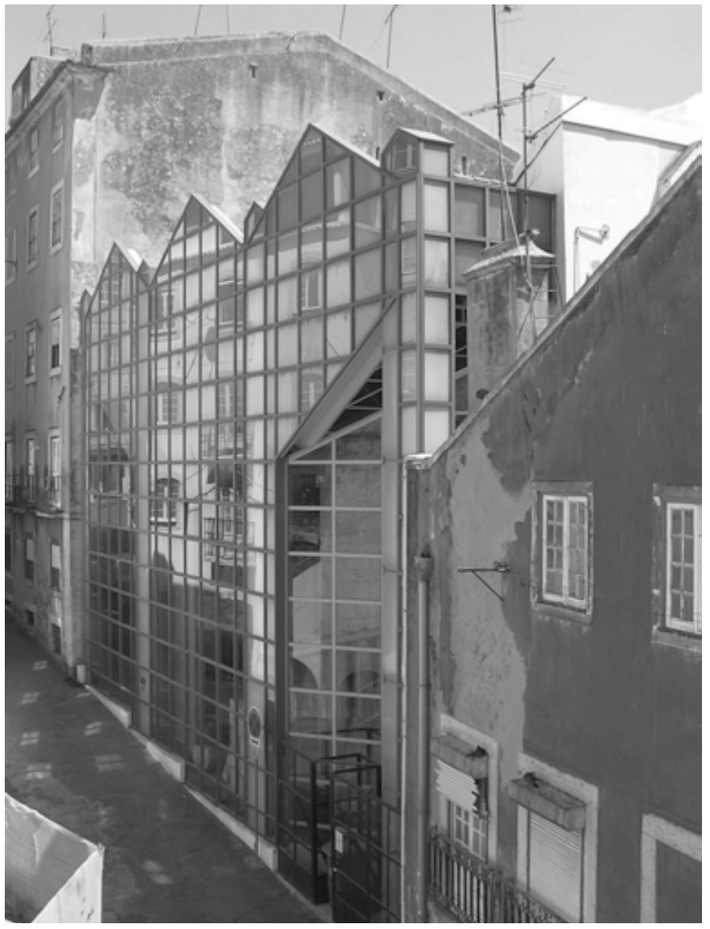
A sensibilidade *pop* com que MV aborda Macau é reiterada em várias declarações e é claramente uma estratégia para lidar com o impacto de uma realidade que escapa a uma análise mais convencional. Diz MV, a propósito, que coisas "*insignificantes*" são coisas "*que não estão significadas*" ou "*não há bom gosto nem mau gosto; há gosto*. (...) *Não há nada que seja impossível de fazer significar em termos poéticos*" (Vicente, 1991: 279). A aceitação desafiante de uma cumplicidade com o mercado quebra as barreiras do "arquitecto de escola": "*a confrontação de qualquer artista com o mercado contém as virtualidades necessárias para ser um caminho de virtude...*" (Vicente, 1991: 279).

Entre a exposição de 1979 e uma segunda que ocorreu em 1989, também em Portugal – "...Prender todo o tempo ocupando o espaço" (Vicente, 1989) –, MV desenvolve um discurso e uma prática abertamente pós-modernistas com Macau como lugar e horizonte.

Macau em Lisboa

O itinerário macaense de MV tem um singular avanço noutra geografia: o projecto da Casa dos Bicos, em Lisboa (1982-1983). A Casa dos Bicos representa o culminar de experiências em Macau e o lançamento de temas que serão significativos em obras posteriores no território. Realizada em co-autoria com José Daniel Santa-Rita, a intervenção na Casa dos Bicos demonstra o à-vontade e a imaginação livre com que MV é capaz de lidar com o problema patrimonial, numa transposição do ambiente macaense para o centro histórico de Lisboa. A Casa dos Bicos é já resultado de uma colonização em sentido inverso, o que garante a controvérsia que de facto se gerou. É Macau em Lisboa; era difícil de ser compreendido.

Recusando a lógica verista da Carta de Veneza, que exibiria a nova intervenção como *nova*, nem decorrendo de qualquer contenção patrimonialista, a Casa dos Bicos reinventada está num *limbo*. A intervenção de MV no Arquivo Histórico, em Macau, tem a mesma



Casa dos Bicos, 1982-83. Foto: Jorge Figueira

responsabilidade serena face ao exterior para depois implodir o espaço interior com uma fantasia arquitectónica. O tema geométrico da janela lateral corresponde à elaboração das molduras em falso manuelino de António Marques Miguel na Casa dos Bicos.

Ao ocupar este intervalo, a Casa dos Bicos é radicalmente pós-moderna e devedora do clima de Macau: troca a autenticidade, segundo uma moral conservadora ou moderna, por um elaborado jogo de espelhos. A "*fachada dos bicos*", dizem os autores, é continuada pela "*colecção de elementos tipológicos afins*", numa "*Collage Ideal do nosso quinhentos, ponto de encontro de uma certa memória da idade do ouro, feito objecto de fruição pública e quotidiana*" (Santa-Rita, 1983: 68). À semelhança da escada da Biblioteca Laurenziana (Miguel Ângelo, Florença, 1519-1534) – que Venturi comenta em *Complexity and Contradiction in Architecture* (Venturi, 1966: 25) –, o interior é tomado por uma escadaria que transborda no espaço do edifício, um "*grande lance ascendente*" (Santa-Rita, 1983: 71) que é objecto e cenário, pintura e arquitectura. A fachada norte, pelo contrário, joga numa imagem de efemeridade (Santa-Rita, 1983: 71), que se encontra recorrentemente nas obras de MV em Macau. E o desenho das molduras das janelas na fachada reconstituída, como dizia, em evocação livre do manuelino (Miguel, 1983: 67), acrescenta ao edifício ainda outra camada ficcional. A contestação

e polémica que se seguiu à inauguração foi particularmente viva (Tudella, 1984: 23; Pessoa, 1983: 21; Fernandes, 1983: 27; Lacerda et alt., 1983: 7-14; Pestana, 1983: 11-12; Dias, 1983: 14-15; Paciência, 1983: 16-17). A *verve* de MV, ampliada pelo trânsito macaense, não permitia ambivalências.

Já a propósito da exposição de 1979, o crítico Pedro Vieira de Almeida tinha mostrado estranheza. Embora reconhecendo "*desassombro*", contestava tratar-se de um "*exercício da cidade*" (o título da exposição), por não encontrar a "*cidade*", isto é, "*toda a realidade criticamente entendida de um organismo urbano preexistente*" (Almeida, 1980: 51). De modo claro, este artigo demonstrava o desencontro entre a expectativa "sociocultural" de Vieira de Almeida, que era extensível a uma geração de arquitectos, e a abordagem lúdica e fragmentária que MV estava a desenvolver em Macau. Identificando a "*qualidade inegável do desenho que diz da grande qualidade da sua arquitectura*", Vieira de Almeida criticava a ausência de explicitação de "*relações de dependência de uma vizinhança próxima, definida em termos sociológicos e culturais*" (Almeida, 1980: 51). Concluindo que MV "*foi procurar em Macau um contexto complacente onde precisamente se possa desvincular da cidade, onde o efectivo exercício da cidade se possa, sem escândalo maior, reduzir ao mínimo*" (Almeida, 1980: 51). Estas palavras algo duras não tinham provavelmente em conta a realidade local nem assinalavam as alterações disciplinares com que MV estava a trabalhar.

Em 1991, no entanto, a propósito do "*futuro da arquitectura portuguesa*", Vieira de Almeida antecipa a centralidade do que apelida "*grupo de Macau*", o "*conjunto de arquitectos (...) que se situam em torno do nome e personalidade de Manuel Vicente*" (Almeida, 1991: 14-15). Face a dois grupos que fixa – o do "*chamado pós-modernismo português, marcadamente lisboeta, teoricamente mal equacionado, criticamente incerto, autocontraditório, sintacticamente menor" e a "chamada Escola do Porto*" (Almeida, 1991: 14) –, o "grupo de Macau" é proposto como uma terceira via, "*uma das linhas-guia, e das mais brilhantes*" (Almeida, 1991: 19) da arquitectura portuguesa.

Esta sugestão não se chegou a concretizar, e o "grupo de Macau" foi perdendo força no sentido da alternativa que Vieira de Almeida propunha. Pelo contrário, como dizia no início, a obra e até o discurso de MV ficaram órfãos do contexto de Macau, após o regresso do "grupo", ou de parte dele, a Portugal.

Uma das razões desse refluxo é que de facto MV é actor de um pós-modernismo libertário, de filiação pop, que marca os anos 1980, e que não tem tradução fácil para Portugal. Ao não entender o "grupo de Macau" nesse contexto, Vieira de Almeida abre uma categoria que não é ocupada. Admitindo "*uma prática luxuosa do prazer*", entende que a "*suculência da cor e dos materiais estão no pólo oposto de uma intenção kitsch ou de um superficial e colorido pós-modernismo*" (Almeida, 1991). Este pólo oposto é um *wishful thinking* de Vieira de Almeida. MV está no pólo anterior, em divagação. Como escreve, o que lhe interessa é "*a produção de sentido e nunca – jamais – a busca do sentido*" (Vicente, 1992: 15), numa definição extraordinária do pós-modernismo por oposição à moral do moderno. Ou ainda: "*Se de alguma coisa o dito post-modernismo nos salvou foi da ideia de que havia uma* ética *ou uma regra para o desenho; que o desenho era uma actividade não só estética como* ética *o que, francamente (não me sentindo necessariamente post moderno) acho que foi uma conquista do nosso tempo, essa separação entre moral e estética*" (Vicente, 1991: 287).

Esta separação entre "moral" e "estética" abre o caminho às pequenas histórias que são o conteúdo de *Macau Glória*, levantamento livre de Macau realizado em 1978 por Manuel Vicente, Manuel Graça Dias e Helena Rezende. A publicação deste trabalho, em 1991, com o subtítulo "A glória do vulgar - The glory of trivia", é um testamento desse tempo mais libertário, reflectindo centralmente a sensibilidade de MV: mostrar "*com afecto uma cidade*", num "*documento eminentemente visual, na libertinagem em que se constitui*"(Rezende, Dias, Vicente, 1991: 11.). É uma espécie de *Learning from Las Vegas* transposto para Macau, através de Lisboa, ainda menos sistemático, mais livre e poético. No plano disciplinar cumpre-se assim uma certa analogia: Macau está para o pós-modernismo em Portugal como Las Vegas para o pós-modernismo internacional. Com a vantagem de que em Macau, MV não inventaria e conclui: experimenta e constrói mesmo.

Cinco Obras

O necessário levantamento sistemático do conjunto de obras e projectos de MV está ainda por fazer. Quero por agora fixar-me em

cinco edifícios que considero emblemáticos e que em alguns casos já fui anotando: o Fai Chi Kei, a Teledifusão de Macau TDM, o Arquivo Histórico, o WTC, e o Quartel de Bombeiros da Areia Preta.

O Fai Chi Kei era um conjunto de habitação social e provavelmente o mais paradigmático edifício de MV neste programa específico. Tratando-se de propriedade pública, o conjunto tinha mantido a sua integridade mas não resistiu ao desenvolvimento imobiliário que já era dominante na envolvente e foi demolido em 2010.

MV implantou dois novos edifícios no lugar que correspondia anteriormente a duas bandas de habitação popular degradadas. Esta abordagem é frequente no seu percurso macaense: reusar dados preexistentes de modo a registar o carácter transitório da construção no território. Mantendo traços, mantendo vestígios.

No Fai Chi Kei, a repetição de vãos era assumida como um padrão homogéneo que percorria toda a fachada. Marcavam uma grelha contínua sujeita a pontuais rupturas verticais, em pórticos de grande escala. Os dois edifícios formavam entre si um espaço interiorizado que funcionava como uma "rua-praça", um lugar de sociabilidade. A proximidade dos dois edifícios, os vãos e as entradas remetiam para uma determinada vivência, que provavelmente ecoava a que tinha existido anteriormente.

Por detrás da aparente neutralidade do desenho da fachada, os apartamentos eram complexos ao nível da organização e das tipologias e encaixavam como um *puzzle*. Os pequenos pátios que funcionavam como saguões introduziam ainda outro nível de complexidade, insuspeita numa primeira abordagem. O carácter labiríntico dos espaços comuns interiores, pátios, galerias de distribuição e escadas, avivado na profusão de cores utilizadas, colocava-nos próximo da espacialidade local. Se a primeira impressão no Fai Chi Kei era de uma ordem ocidental, da repetição e da regra, mais perto experimentava-se uma densidade e um clima macaenses.

O complexo da Teledifusão de Macau, TDM, atravessou três fases temporais: 1964, 1983 e 1986. A última etapa corresponde à construção da torre administrativa e redacção que aqui se destaca. Os restantes blocos incluem estúdios e várias estruturas de ampliação. Como é recorrente, MV usa uma grelha geométrica que repete e que lhe permite modelar o espaço interior, desenhar as fachadas e criar mecanismos de suporte de equipamentos como as máquinas de ar condicionado. O tema central do edifício é a *penthouse* que tomava a forma do logotipo da instituição, desenhado por MV, e já desaparecido.

Com este dispositivo, MV radicalizava a criação de um espaço artificial, motivado por montagens e sobreposições, que persegue

Fai Chi Kei, 1977-82 (demolido em 2010). Foto: Jorge Figueira

Teledifusão de Macau TDM, 1964-88. Foto: Jorge Figueira

ao longo da sua obra. Não era uma abóbada, um lanternim ou um frontão que rematava o topo do edifício mas um elemento gráfico, um logotipo. Singularmente, um motivo *pop* desenhava o icónico *skyline* do edifício.

Os desenhos do projecto são igualmente muito gráficos, cruzando texturas, retículas e diagonais prolongadas. Há uma qualidade eléctrica, que começa no desenho dos alçados e prolonga-se até à caracterização do espaço interior. Que remete para a intervenção no Arquivo Histórico: grelhas iluminadas, opacas ou translúcidas, criando um padrão saturado que percorre todas as áreas do edifício. As portas surgem como pórticos luminosos; os tectos como malhas de luz. O próprio espaço de trabalho era proposto como o décor de uma permanente transmissão televisiva.

Mesmo sendo uma intervenção num edifício de valor patrimonial, o desenho do Arquivo Histórico recorre a uma grelha geométrica aqui extremada como uma "segunda pele" no interior do edifício. Acede-se então a um mundo misterioso, espaço labiríntico e saturado pela repetição de quadrículas, permanente geometrização e iluminação feérica. É um mundo artificial, em que cada momento é desenhado e o mobiliário nos interpela como prolongamento de um espaço em *suspense*. A decoração não se distingue da arquitectura, ou até trocam de lugares: a decoração organiza; a arquitectura confunde. A métrica reticulada da grelha é um guião que determina o desenho de todos os elementos. A geometria não é um fundo – como acontece com os "traçados reguladores" na arquitectura moderna – mas a própria figura.

O centro do edifício é um espaço de pé-direito duplo com iluminação zenital. Mas apenas clareia uma sucessão de compartimentos cujo limite é impreciso. A entropia deste espaço contrasta com a lógica de *open space*, claridade e transparência que a arquitectura moderna elegeu como premissas centrais. O cinema parece ser a referência central mais do que a arquitectura. A vibração da luz e a cor avermelhada do Arquivo Histórico remete para qualquer coisa que está prestes a acontecer.

Tal como acontece na TDM, no World Trade Center (1985-1988), o *lettering* não é uma adição publicitária, mas constrói a própria arquitectura do edifício. Não se trata do "decorated shed" *venturiano*, já que o grafismo toma o corpo da arquitectura, não é um mero aparato decorativo. Em qualquer dos casos, este é um edifício em que os motivos tipográficos estão no lugar de uma linguagem clássica enquanto "arquitectura falante".

A complexidade geométrica do WTC supera uma qualquer lógica estrutural, como é corrente na obra de MV. No primeiro piso estão construídos pilares estruturalmente dispensáveis. O ritmo da geometria sobrepõe-se à racionalidade da estrutura na criação de um espaço denso e climático. O jogo de

WTC, 1985-88. Foto: Jorge Figueira

intersecções de linhas, planos e materiais, alguma voluntária desconexão entre as partes, remetem já para os temas da arquitectura *desconstrutivista* que MV aprofundará no Quartel dos Bombeiros da Areia Preta.

No WTC, a sobreposição de *layers*, também no plano vertical, remete para uma construção instável, um conjunto em desagregação. As narrativas pós-modernistas de MV foram sempre contaminadas com um certo *suspense*, nunca foram nostálgicas ou neo-vernaculares. Pelo contrário, sempre pressupuseram um futuro intrigante. No WTC, como no Quartel de Bombeiros, a narrativa surge mais negativa: a fractura dos panos de vidro que formam as letras do edifício parece espelhar a precariedade de um mundo em suspensão e dúvida. No WTC coexiste uma estratégia *pop* de comunicação afirmativa, cruzada com o efeito *desconstrutivista* de alguma desolação ou precariedade.

O Quartel de Bombeiros na Areia Preta (1991-1998) reflecte as transformações da cultura arquitectónica internacional, entre o final dos anos 1980 e o início da década de 90. Está implantado num espaço entre edifícios altos e

é um volume tortuoso que ocupa todo o lote. MV hiperboliza o jogo geométrico, tirando partido do uso do computador: a linguagem do edifício é também a deste novo instrumento. Num complexo jogo de *layers*, cada piso corresponde a uma matriz que se sobrepõe. A densidade espacial decorre desta acumulação, que vai permitindo ligeiras transformações no percurso ascensional do edifício.

Neste uso da geometria como figura, existem relações com a obra anterior mas também evoluções no próprio processo de projecto. O tema da grelha que utiliza, desde os anos 1960, surge aqui com uma estratégia *desconstrutivista*, já que é a mobilidade entre as partes do edifício que parece estar em questão. A regra geométrica passa dos quadrados em arrumação labiríntica para uma outra complexidade formal. Daí poder-se falar de um edifício zoomórfico, cujas partes remetem para articulações de um organismo vivo, como cascas que se acumulam e se desdobram; ou pregas, para utilizarmos o termo em voga no vocabulário *desconstrutivista.*

Na descrição que faz do projecto MV remete para um "desejo infantil" e uma mitologia da profissão de bombeiro. Apesar de uma metodologia "negativa", de uma arquitectura em implosão/explosão, o Quartel de Bombeiros na Areia Preta mantém algumas narrativas do pós-modernismo "afirmativo". E, de facto, na cobertura existe um pátio simétrico e convencional, como se depois de o percorrer houvesse a necessidade de um

Arquivo Histórico, 1983-85. Foto: Jorge Figueira

momento de serenidade quase conventual, numa *collage* desconcertante.

Punchline

Nestas cinco obras que brevemente analisei é possível constatar temas que são recorrentes e alguns avanços metodológicos. Na última obra estamos já provavelmente noutro paradigma. Mas é talvez relevante afirmar que é no conjunto alargado de projectos e obras que encontramos a densidade do legado de MV, de acordo com a ideia de uma arquitectura em estado de divagação que sugeri no início do texto. Cada obra, cada projecto, é uma hipótese, uma exclamação. Sem que haja um fim à vista, os edifícios são *punchlines* que se sucedem. MV retoma logo o discurso; a *punchline* é só um momento da história, não necessariamente o final.

Talvez o gosto pelo episódico e pelo anedótico revele que MV via a arquitectura como algo inalcançável. E que no território macaense, eléctrico, saturado, híbrido, erótico, secreto, orgânico, intersticial, religioso e pagão, encontrava uma forma de adiar o encontro com a arquitectura, permanecendo em estado de divagação.

Das cinco obras que referi, uma delas já não existe (o Fay Chi Kei), e outras duas (a TDM e o Arquivo Histórico) estão a ser eclipsadas pelo uso. É de facto o levantamento sistemático dos projectos e obras que nos dará uma necessária imagem de conjunto, a divagação na sua completude exacta. Para lá destas cinco obras gostaria ainda de referir o interesse particular das Torres da Barra (1976-1987), da Casa das Ondas (1976-1980), do Chunambeiro (1978-1980), da Viúva (1978-1982), do Conjunto Horta e Costa (1991-1995), do já referido conjunto STDM.

Os projectos não construídos são também parte importante do legado, a divagação em estado emblemático. Nos últimos anos em que projectou para Macau, MV fez um conjunto de propostas de desenho urbano, usando ou acalentando o uso, com grande voracidade, das novas formas de representação e projecto. Para a UIA, segundo o tema "Celebration of the Cities", em 2004, propôs belíssimas construções neo-futuristas, piranesianas, uma metrópole imaginada com replicantes, passadiços aéreos, geometrias fractais, um tom apocalíptico, com cada vez mais pontes, torres, casinos e metros. Antecipando a actual *punchline*. Prefigurando aquilo que se revelou em Macau nos últimos 10 anos: a colisão entre o intimismo denso do território e a globalização que os casinos aceleraram vertiginosamente. Depois da primeira globalização dos portugueses, chega agora a globalização da América, em intenso diálogo com a China, como sempre sucedeu.

De qualquer modo, os Bombeiros da Areia Preta parecem-me já uma obra de um arquitecto asiático, com pequenos episódios "ocidentais", uma linguagem já local, mesmo que MV não tenha desejado a "fusão". Nestes últimos desenhos de MV, o "ocidente" é já uma referência distante, quase livresca, e Macau o corpo definitivo da divagação.

Referências

Almeida, Pedro Vieira de (1980), "...Coisas muito indecentes e contrárias aos preceitos dos bons arquitectos", *Arquitectura*, n. 136, Fevereiro.

Almeida, Pedro Vieira de (1991), "Uma história do futuro", *Colóquio Artes*, n. 89, 2ª Série, 33º Ano, p. 14.

Dias, Manuel Graça (1983), "XVIII Eis posições modernas", *JA - Jornal Arquitectos*, n. 21/22/23, Out.-Nov.-Dez., p. 14-15.

Fernandes, José Manuel (1983), "A casa dos bicos 'travesti'", *JL – Jornal de letras, artes e ideias*, 19 Novembro/5 Dezembro.

Figueira, Jorge (2009), *A periferia perfeita. Pós-modernidade na arquitectura portuguesa, Anos 60-Anos 80*, [Dissertação de Doutoramento], Coimbra, FCTUC.

Figueira, Jorge (2011), "Made in Macao: Pop Goes Manuel Vicente!", João Afonso (ed.), *Manuel Vicente - Trama e Emoção*, Vale de Cambra, Caleidoscópio.

Figueira, Jorge (2013), "Manuel Vicente. A fala magnífica", *Público*, 10 de Março.

Klotz, Heinrich (1984), *The History of Postmodern Architecture*, Cambridge – Mass., London, The MIT Press, 1988.

Lacerda, Manuel; Leal, Tomáz D'Eça (1983), "5 núcleos de exposição, 5 intervenções de arquitectura", *JA – Jornal Arquitectos*, n. 19/20, Julho/Agosto, p. 7-14.

Lye, Eric K. C. (2006), "Prologue", Eric K. C. Lye (ed.), *Manuel Vicente. Caressing Trivia*, Hong Kong, MCMM Creations.

Miguel, António Marques (1984), "Casa dos Bicos", *Arquitectura*, n. 151, p. 66-72.

Milheiro, Ana Vaz (coord., 2015), *Optimistic Suburbia, The student's perspective*, Lisboa, ISCTE – IUL, CIAAM, FCT.

Paciência, João (1983), "Notas à margem de três projectos", *JA - Jornal Arquitectos*, n. 21/22/23, Out.-Nov.-Dez., p. 16-17.

Pessoa, A. Sérgio (1983), "A saga da Casa dos Bicos", *JL – Jornal de letras, artes e ideias*, 13/19 Dezembro.

Pestana, Vasco Câmara (1983), "A Casa dos Bicos", *JA - Jornal Arquitectos*, n. 21/22/23, Out.-Nov.-Dez., p. 11-12.

Rezende, Helena; Dias, Manuel Graça; Vicente, Manuel (1991), *Macau Glória – A Glória do Vulgar*, Macau, Instituto Cultural de Macau.

Santa-Rita, José; Vicente, Manuel (1983), "Fachada Sul", *Arquitectura*, n. 151, p. 66-72.

Trigoso, Maria (2006), "Manuel Vicente and Macau" (1999), Eric K. C. Lye (ed.), *Manuel Vicente. Caressing Trivia*, Hong Kong, MCMM Creations.

Tudella, José (1984), "A Casa dos Bicos travestida – ou pervertida?", *JL – Jornal de letras, artes e ideias,* 3/9 Janeiro.

Venturi, Robert (1966), *Complexity and Contradiction in Architecture*, New York The Museum of Modern Art, 1977.

Vicente, Manuel (1979), *Exposição "O Exercício da Cidade (Arquitectura em Macau em 1976/79)"*, Ar.co, Outubro.

Vicente, Manuel (1980), "Entrevista a Manuel Vicente" [por Carlos Duarte e J. Manuel Fernandes], *Arquitectura*, n. 136, Fevereiro, p. 36-44.

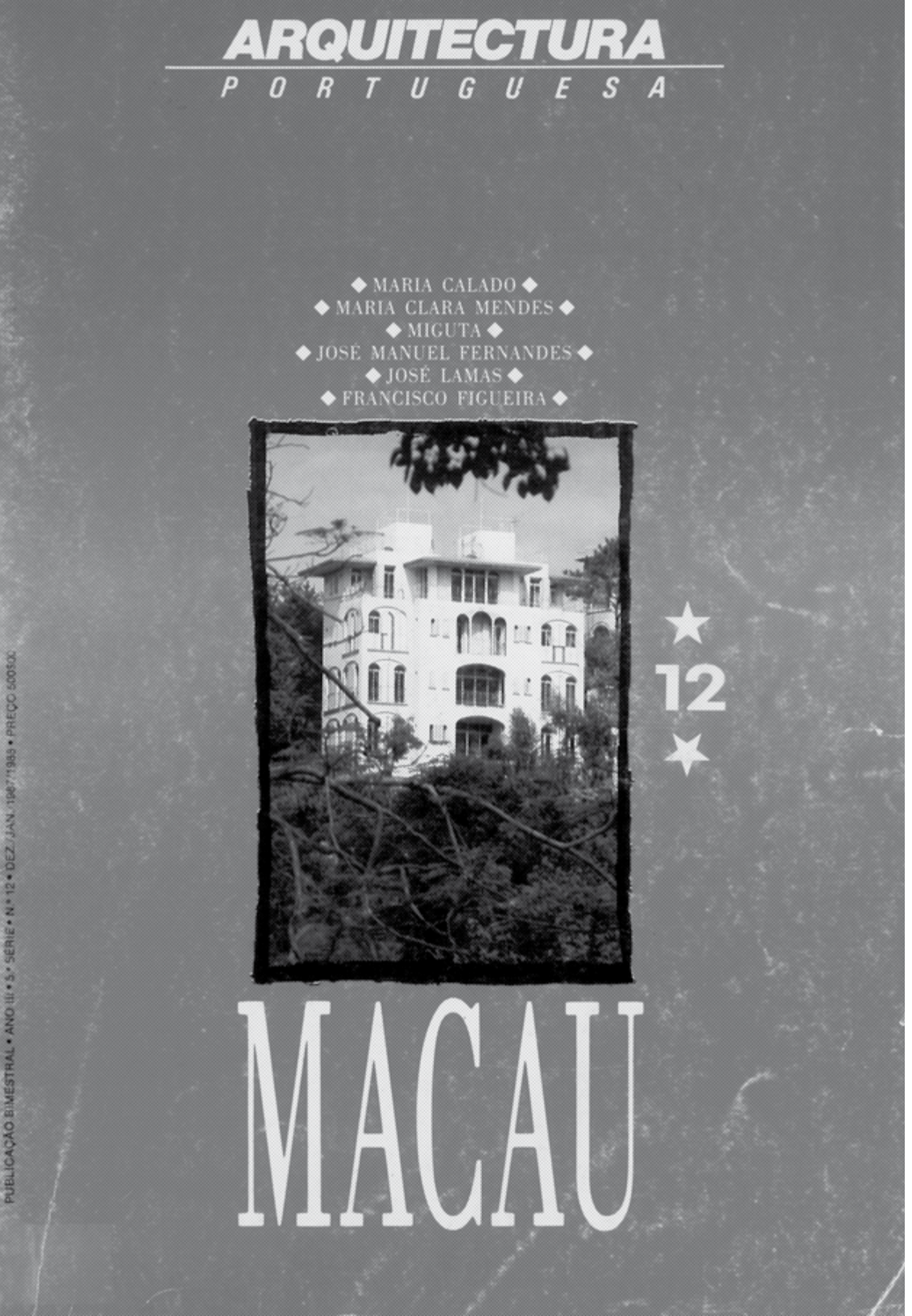
Vicente, Manuel (1989), Exposição "...Prender todo o tempo ocupando o espaço", Galeria EMI, Valentim de Carvalho, Outubro.

Vicente, Manuel (1991), "Entrevista" [por Manuel Graça Dias], *Via Latina – Forum de Confrontação de Ideias*, p. 275-297.

Vicente, Manuel (1992), "Um prefácio para um livro, ambos feitos por arquitectos", Manuel Graça Dias, *Vida Moderna*, Mirandela, João Azevedo Editor.

Vicente, Manuel; K. C. Lye, Eric (ed., 2006), *Caressing Trivia*, Hong Kong, MCMM Creations.

Vicente, Manuel; Afonso, João (ed., 2011), *Trama e Emoção*, Vale de Cambra, Caleidoscópio.



Rogério Paulo Vieira de Almeida
Investigador do projecto. Apresentação no Seminário Internacional The Site of Discourse, no âmbito da sessão temática Autochthonous, tropical and modern: architectural periodicals looking beyond Europe, Banco de Portugal – Museu do Dinheiro, Lisboa, 29 de Setembro de 2015.

Strangeness, distance and kindness. Around the presence of Macao in the Portuguese architectural reviews

1

In 1987 *Arquitectura Portuguesa*, the main Portuguese architectural magazine at the time, published in a single number a series of 12 articles on Portuguese architects working in Macao following eight articles on the same subject already published between 1983 and 1986. These numbers excels when taking into account the previous decades. In fact, throughout the twentieth century, Macao had a sporadic presence in Portuguese architectural magazines. Even considering the generalist press that, in the decades of 1980-1990, kept regular chronicles on architecture, the number of articles is circa two dozen. Meaning that more than half correspond to a focus of interest located in the 1980s, and before that, only two fleeting appearances in 1928 (five articles) and in 1964 (one article). This sudden and intense appearance highlights some questions around this phenomena beyond its immediate circumstances.

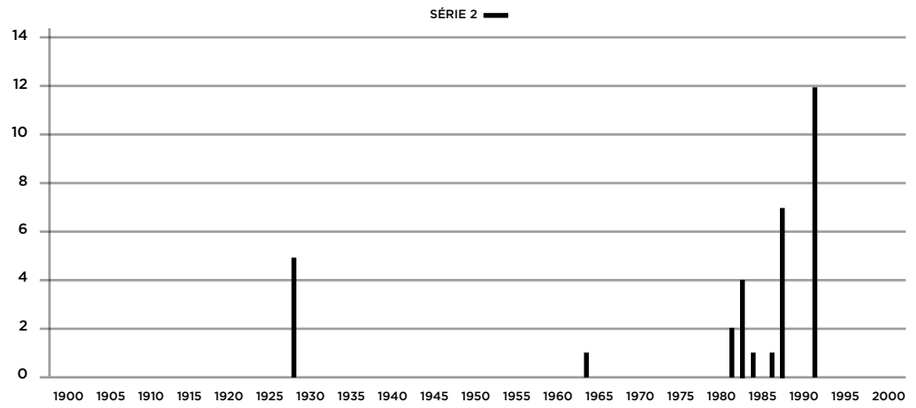
Even though it was part of a very diffuse set of events in the last quarter of the millennium, this case reveals an intersection of several streams and actions at different levels, namely (i) the still traumatic memory with the historical Portuguese empire that came to an end in 1974, (ii) the 1980s efforts to struggle with the peripheral condition of Portuguese architecture, and (iii) the awareness of an almost oblivion and blindness regarding Macao territory. In a wider sense it also shows, from an analytical perspective, how the approach to a distant phenomenon – Macao's architecture – relies on the construction of a point of view and has an implicit reaction of strangeness.

If a relation can be found with what the social sciences called the *hermeneutical feedback* or more popularly the *pizza effect*, its relevance has other implications since it corresponds to the intersection of specific events limited to the Portuguese and to the 1980s context, as well as encompassing a wider range of aspects of the European culture and of the transcontinental space of Portuguese cultural influence.

2

In the 1980s, the Portuguese society was in a kind of hiatus regarding the relation with the past and with its former colonies. The Portuguese revolution of 1974 and the consequent independence of the five African territories – Angola, Mozambique, Cape Verde, São Tomé e Príncipe and Guinea-Bissau (the latter, in fact, a partly independent territory already in 1973) – along with East Timor forceful integration in Indonesia (an issue that remained unsolved

< *Arquitectura Portuguesa*, n.º 12, 5ª série (Dez. 1987 – Jan. 1988).



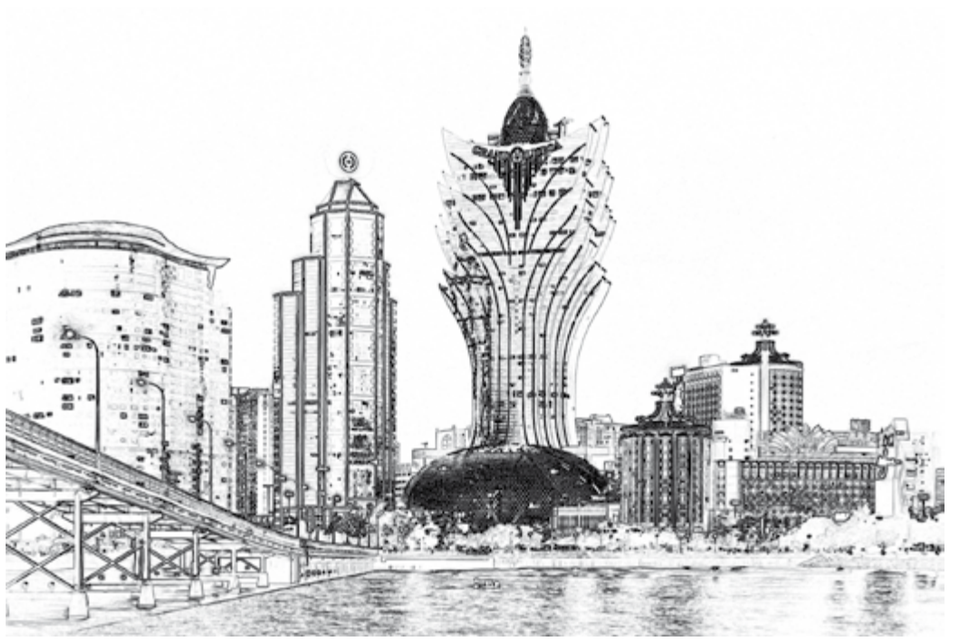
Articles on Macao's architecture in Portuguese reviews, 1900-2000. Graphic: Rogério Vieira de Almeida

until 1999), bring a mixed sense of loss and relief. No more the "Great Portugal" with its "Sea heroes" (until today the first words of the Portuguese national hymn), but also the end of a traumatic war against pro-independence rebel movements mainly in Guinea-Bissau, Angola and Mozambique. Also in the aftermath of 1974 there was an implicit dichotomy between the view of a maybe unnecessary Portuguese desertion from its territories and a certain consensus that Portuguese decolonisation was more than two decades late given the other European colonial processes and that the fifteen-years war was an anachronism.

Given the colonial and post-colonial contexts, it's an almost natural fact the absence of architecture from the Portuguese former colonial territories in the Portuguese architectural reviews. Before 1974, architecture in the colonies was seen as a regime-tied practice and far from the main issues coming from Europe around the revision of modern architecture, the return of the urban concerns and the new tendencies such as organic architecture. Moreover, intervening architects in the reviews *Arquitectura* (issues from 1927 to 1984) and *Binário* (issues from 1958 to 1976), were more or less implicitly distant, if not opponents, to the pre-1974 dictatorial regime. Therefore, Portuguese architecture in the colonies appeared almost exclusively in governmental bulletins and official agencies reviews with propaganda purposes. Also after 1974, any reference to architecture in former Portuguese territories outside Europe could be seen as nothing but a colonial reminiscence.

Macao's appearance in the 1980s reviews was an unexpected one, also because the previous absence was quite understandable. From the Portuguese-European point of view, Macao was a distant territory with a strong sense of alienness. It had neither the vastness of Angola and Mozambique with its natural resources, nor the strategic and historical importance of Guinea, Cape Verde or São Tomé. Also, it was more a Chinese administrative concession to Portugal in the late nineteenth century and not a Portuguese effective colony. It also missed the appealing charm of the shining ebony coloured skin of African people, which was often used by the dictatorship prior to 1974 to show racial-integration in the Portuguese society. African football players in the Portuguese national team and singers going to major international events such as the Eurovision contest were just a few of these cases. Finally, it didn't even had the statute of the most distant Portuguese territory, which was in fact the Oceanic territory of East-Timor.

Along with these factors there was the absence of the current communication channels. Media were still far from today's omnipresence, and the Portuguese public television only in the late 1970s had a permanent delegation in Macao. The reality of the territory was therefore brought much more "in hand" by those who came and went, rather than continuously or publicly noticed. An exotic and distant place, poorly know, mentioned but scarcely studied or understood, Macao was somehow present in the collective memory but far from having any effective participation in the Portuguese society all over the twentieth century.



Lake Van Nam, Macao, 2013. Drawing: Rogério Vieira de Almeida

3

The late 1970s and early 1980s were a period of an intense cultural effervescence in Portugal. Political and social changes in the afterward of the 1974 revolution were accompanied by concomitant cultural ones. Also, some major international events and movements such as the May 1968 and the countercultures (i.e. hippies), having no real visibility in Portugal prior to 1974 due to their protest nature, find their way and had their emergence in a quick and condensed lapse of time. Along with its time-shortening, this emergence had some specific nuances in Portugal. The disarticulation of paradigms that was ongoing in the academic circles in Europe and in the United States, was still to make its entrance in Portuguese social and cultural studies. The post-modern relativism had his first formulation only in the late 1980s, with the linguistic turn and narrative tendencies in social sciences having their first explorations in the 1990s and 2000s. Thus, the intensity of cultural changes after 1974 was mostly propelled by popular movements such as the punk subculture in music or, in architecture, the people claim for houses in Portugal, leading to the SAAL actions between 1974 and 1976 – a governmental initiative that provided technical and financial support to the construction of houses while allowing residents' associations to have land plots allocated to that purpose –, and to the suspension of classes in Lisbon and Porto schools, with students engaged in the onsite projects and house building.

The openness that came in1974 also put in evidence the long condition of isolation of the Portuguese society. Scramble for protagonism was in a sense what a whole new generation was precisely trying to do, both when in 1974-1976 they got out of the schools and went to the slums designing houses for people and after 1976 when they immediately praised the first figurative tendencies from abroad.

This disarticulation of paradigms and the ideological fractures that remained in the post-1974 period, although diffuse and without clear formulation, have a somehow architectural correspondence in the dichotomy between the Lisbon and Porto schools. The latter become more and more a pole of modern resistance and alternative to the figurative culture that was already making its pace in the Lisbon circles after 1976, while at the same time the crescent recognition and achievements of Álvaro Siza in the international scene was to

grant a kind of prevalence, first confined to the Porto architectural circles but, after 1988, at a national level.

The Portuguese architectural culture in the early 1980s was therefore oscillating between a quite clear adherence to the modern tradition in Porto anchored in a few prominent figures (Álvaro Siza and Fernando Távora) and a diffuse, sometimes even naïve hail of the post--modern figurations in Lisbon.

4

In 1985 the first number of *Arquitectura Portuguesa* was issued, resuming, in fact, the former review *Arquitectura* after its final issue the year before and following a brief gap of a few months. The direction and editorial team remained almost the same, with chief-editor Manuel Graça Dias (b. 1953) becoming the main responsible for the contents. Being a prominent intervenient in the early 1980s Lisbon cultural activity (graphic arts, critique, newspapers, scenography, cinema and later radio and television), and having had two stays (1978, 1980-1981) in Manuel Vicente's architectural office in Macao, he paved the way for the appearance of that city's architecture in the following issues of the review, particularly in a thematic number on Macao (1987).

Apart from this circumstance, the figure of Manuel Vicente had its specific relevance in the architectural context of Lisbon. Since 1962-1963 he established an office in Macao, dividing his practice between that city and his office in Lisbon. Furthermore, he studied with Louis Kahn in the late 1960s, thus providing a connection to a referential master of twentieth century architecture, somehow alternative to the canonical modernism. In a sense, he was also in those years a kind of headlight to the 1980s dispersion, someone who was keen with the fast succession of events that characterised Macao's production and urban renewal, able to provide a framework, even if provisional, for the new quickness and voracity of the 1980s and its consumerism facet.

It is in this context that the sudden appearance of nearly 15 articles in 1984-1987 can be seen as an instrumental one. In face of the dispersive architectural culture and practice of the 1980s, of the unanimity of the Porto school and of the implicit need to define a tendency with some referential figures that could put Lisbon's architecture in the centre of the debate, Macao's architecture was of immediate utility. With the architectural reviews as a place for debate, criticism, combat and affirmation of ideas, forms and personalities, the plot was more or less defined. Macao's architecture provided a kind of *Learning from*, a direct access to the

Macao's map with Manuel Vicente's Praia Grande Plan with the circular bay on the West side and Álvaro Siza and Fernando Távora reticular expansion plan on the East side. Drawing: Rogério Vieira de Almeida after present-day touristic guide

American's architectural irradiating centres, and a link to an international recognition, even if mediated. It was as if a lineage could be established from Louis Kahn to the young architects through Macao and through the figure of Manuel Vicente. A quite clear demonstration on this was the different attention given by Portuguese architectural reviews to the two major urban expansions during the last years of Portuguese administration, the *Praia Grande Plan* by Manuel Vicente and the *Macao Island Plan* by Álvaro Siza. The first prominently published, the second almost ignored and only mentioned in the late 1990s after being once and again published in European reviews and in the numerous international monographies on Siza.

5

With the above assumption in mind, Macao's architecture was not of course the main theme in the articles that appeared between 1984 and 1987, neither in another dozen that appeared in the cultural review *Via Latina* in 1991. What mattered was the work of a handful of architects with clear connections to Lisbon and the way their work could be seen as a key feature, therefore helping to define a specific Lisbon architectural tendency. In fact, the major changes happening in Macao, its exponential urban growth, related to its correspondent in Southern China, the overall influence of American West coast in Southeast Asia, and the relations with Hong Kong, remained almost unmentioned, the emphasis being put on the personal achievements and in the upper level of influences.

Quite significantly, 1987 was the year of the *Joint Declaration of the Government of the People's Republic of China and the Government of the Portuguese Republic on the question of Macao*, leading to the transfer of the territory from Portuguese administration to the People's Republic of China in 1999, a process that was all-in-all similar to the one followed in Hong Kong between China and the United Kingdom. In a way, it was precisely in the moment that the transfer to China sovereignty was announced that Portugal started to worry about the unknowingness of Macao. A paradigmatic sentence was in 1991 "To get to know Macao" (*Via Latina*, 1991: 51), when Portugal, after 500 years of presence, had less than eight years to last in the territory.

6

Beyond the already mentioned instrumental character of these articles in Lisbon's architectural culture of the 1980s, Macao appearance is also relevant to discuss the construction of a point of view and an implicit issue in historical and critical approaches to distant phenomena.

The study of a distant object, consequently to some degree unknown and less familiar, has an implicit reaction of strangeness. The greater the distance, in time or space, the more it becomes evident the use of two analytical schemes in order to deal with this distance and strangeness. On the one hand, there is a mixture of awe, wonder and marvel, with the unfamiliarity leading to a certain analytical withdraw and an interpretative silence, accompanied by a kind of contemplative and aesthetical ecstasy. Of this so-called analytical refusal an extreme example can be pointed in Foucault's study *Moi, Pierre Rivière*, where all interpretation is kept apart since the text consists only in the transcriptions of the police interrogatories of Pierre Rivière after an 1835 murder. But to this academic extreme example, one can add the frequent appeal to notions such as exotic, primitive, or artistic sense. In most of the cases, the use of these meaning, one may look forward to contemplate it but not to understand it.

Almost inversely, on the other hand, one finds the use of pre-defined analytical devices in which well-established concepts, categories and methods originating in central contexts, are applied to a far periphery, and taken as a possibility of access to an "odd" phenomenon. Even with all the methodological precautions this is an unexpected but common issue in historical studies but also on sociology and anthropology. The usual anachronist perspective on Inquisition studies or the Margaret Mead studies in sexuality in primitive societies are there as a reminder.

In the first case, the stare tends to create an opacity veil, converting the phenomenon under study in a kind of monolith, wherein the distance and exoticism – spatial and/or temporal – acquires some circularity, since it makes the starting assumption at the point of arrival. In the second, the projection to the past or to a distant territory of issues and problems alien to it dominates, because developed in different historical, social, and cultural contexts. In both cases, one tends less to study the phenomenon

in question and more to frame it or place it under existing views.

It is in this sense that the meteoric appearance of Macao's architecture in Portuguese architectural reviews was not a discourse, a study or a debate on Macao's architecture, but precisely an inverted projection from a distant territory on some issues and debates that crossed the architectural culture in Portugal and Europe, namely the overall debate around post-modern architecture, and the Portuguese specific dichotomy between the architecture of Lisbon and Porto.

Some specific features allowed Macao's architecture to act as an instrumental device regarding Portuguese architectural debates. The distance from the European mainstream debates gave a certain neutrality and operativeness. This same distance revealed, to Portuguese architecture, new perspectives developed in a faraway place. Also the emergence of economical optimism and cultural relativism could be seen as having a happy and perfect convergence in Macao.

7

In another sense, the 1984-1987 architectural articles were somehow premonitory of the future actions regarding the former Portuguese territories. After the 1970s-1980s hiatus, a mourning-like attitude after the African independencies and the 1975 East Timor integration in Indonesia, Portuguese authorities, academic circles and the society in general start looking at the colonial period with a renewed interest. The first and maybe most meaningful sign was the government intention, announced in 1989, to organize the 1998 World Exposition in Lisbon, therefore commemorating the 500th anniversary of Vasco da Gama's arrival in India in 1498. After Lisbon was declared the winner

China demographic density, ca. 2010.
Source: National Bureau of Statistics of China.
Graphic: Rogério Vieira de Almeida

candidate in 1992, a series of initiatives prior the 1998s Exposition was engaged by official and public agencies promoting studies, exhibitions and publications in the 1992-1998 years and even afterwards. The subject of Africa, which was kept untouched in the academic circles prior to 1990, started to appear in the anthropological, historical and architectural studies, evolving from sporadic and generic references in the 1990s to main and central issues in the 2010s.Macao was of course a good point of start for this now current and natural trend. It was the least colonial of the Portuguese territories, with little or no traces of natural resources exploitation, it didn't have an armed conflict in the twentieth century, and it had the smoothest transition from Portuguese to Chinese rule. The traces of antagonism that could still be seen in the 2000s between Portugal and some of its former African territories was not an issue regarding Macao. Therefore, being the last overseas territory under Portuguese administration – putting aside the archipelagos of Madeira and Azores, which since the fifteenth century never had any question regarding Portuguese sovereignty –, it was also the one that best suited a certain appropriation from a cultural point of view.

In the long term, Macao's appearance in architecture reviews can be seen as part of an inter-crossing complex of elements and actions. Considered in the strict architectural context of the 1980s, it cannot be seen as part of an organized series of actions with clear and pre-determined results. However, it became part of a diffuse set of actions with limited scope, revealing *a posteriori* some traces of coherence. In a sense it was an undeliberate anticipation of the attempt to establish the language and some cultural features, architecture included, as a means of reconstructing a transcontinental Portuguese space of influence. Something that later political and cultural initiatives rendered in a much clearer way.

References

Arquitectura, n.º 132 (Março, 1979) - n.º 153 (Set.-Out., 1984), 4ª série, Lisboa, F. Pereira da Costa.

Arquitectura Portuguesa, n.º 1 (Mai.-Jun., 1985) - n.º 12 (Dez. 1987 - Jan. 1988), Lisboa, Tecnigrafe.

Ginzburg, Carlo (1976), "Introduzione", *Il formaggio e i vermi - Il cosmo di un mugnaio del '500*, Torino, Einaudi, p. I-XXIX.

National Bureau of Statistics of the People's Republic of China (2010), *China Statistical Yearbook 2010*, [em linha] http://www.stats.gov.cn.

Direcção Geral da Associação Académica de Coimbra (1991), *Via Latina - Suplemento Macau* (Maio).

Optimistic Suburbia Workshops

Mónica Pacheco
Investigadora do projecto. Artigo síntese das conclusões parciais dos workshops realizados no âmbito do Seminário Optimistic Suburbia – Large Housing complexes for the middle-class beyond Europe, ISCTE-IUL, Lisboa, 18 a 22 de Maio de 2015.

Optimistic Suburbia workshops
On research in architecture

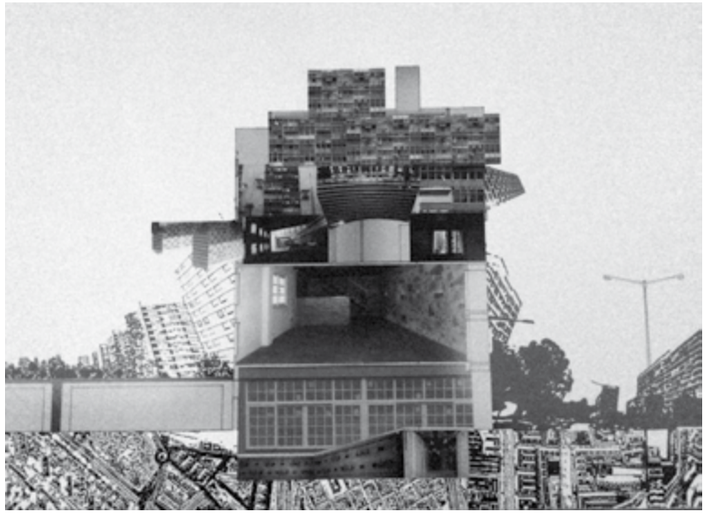
The "Optimistic Suburbia" workshop was part of the International Conference with the same name, which took place in ISCTE-IUL, Lisbon, May 2015. It epitomized the end of the research project "Homes for the biggest number: Lisbon, Luanda, Macau" in a symbolic way. The objective of the conference was that of acknowledging the initial principles of the model proposed for the middle-class, describing and reflecting on the diversity of results and on the different ways of appropriation in very diverse geographical, social, chronological and cultural contexts. Results were examined, lectures were delivered by keynote speakers and a series of papers presented, providing the opportunity to discuss the subject with peers.

The workshop as a place to reason about architecture

The workshops, on the other hand, aimed to stimulate cross-boundary and interdisciplinary thinking from different approaches and fields and to reason, in a format different from a paper, on the theme of large housing complexes for the middle--class in the outskirts of cities, in the second half of the twentieth century. Drawing from specific sites — Portela Development, a former suburb of Lisbon; Prenda neighbourhood in Luanda; and STDM in Macau — each workshop developed their own subtheme. Reflecting about a key critical point, and at the same time on the issue of participatory workshops (with the communities, residents, local institutions, etc.), proposing their own way of engagment, they brought to the fore an interdisciplinary debate from the various perspectives proposed, crossing pedagogies from different scholars.

The event, welcomed a total of eight workshops, tutored by academics and professionals, coming from five different countries, and over a hundred students (graduate and undergraduate), with different perspectives and experiences, research interests and education. During an intensive week each group worked in many levels, from historical to spatial, sensorial or social analysis and field research, regarding a problematizing issue, leading to diferent outcomes. Those were presented in an exhibition set-up in the last day, in a variety of formats, from more conventional architectural displays, to performances or interactive presentations.

The validity of the experience derives from the conviction that research in architecture, as an interdisciplinary field, should include the means proper not only to social sciences (history and sociology) but also to architecture itself, that is, project design.



Workshop #8.

On Research in Architecture

Despite the controversial epistemological meaning of knowledge, research is generally intended as the way to produce it. Accordingly, if research is meant to produce knowledge, what is knowledge in architecture and what it is meant for? This question, rather philosophical, points to one of the greatest challenges of architecture: to focus on architecture itself — drawings, models, architectural texts and buildings — as its locus of knowledge. So, while in some architecture-related fields, such as history of architecture, the concept is relatively stable and might be called scientific, that is not the case of architecture *per se.* And by architecture we are by no means referring just to the built environment, but rather to a wider understanding: 'architecture as verb'.

Architecture has always established interactions with different fields, so much so that it has been through them that architectural research has been produced. History, in particular since it was recognized as such in the nineteenth century, has been its primary source. It was also in that century that architecture become the target of many other studies, increasing their scope in the twentieth century: politics, economy, health, sociology and so forth. The fact that architecture has never claimed its status as a research discipline until very recently and the fact that so many disciplines have always gravitated around it might explain it why still doesn't exist a strong culture of architectural design research. And that is the reason why, for instance, so few universities have established PhDs through design so far.

The question "what is research in architecture" unfolds many issues that need to be addressed and that are far from being consensual. Much before the Bologna process that restructured higher education, the role and the status of the architect underwent a continuous discussion, in many ways due to the Vitruvian axiom *architectura est sciencia*, which has pervaded architectural thinking since then.

If we admit that architecture is a research based discipline, what is the nature of that research? Is it design research or is it research through design? Apparently none of those seem to fit the concept of scientific research because, as opposed to the later, design cannot be proved as a universal true on the one hand, neither a methodology on the other, at least a scientific one hasn´t been found yet. So what research stands for, if not knowledge? If knowledge presupposes a theory, what distinguishes both? And why, long after the Cinquecento – with the elevation of drawing to the category of liberal art – we still insist that proper research and theory have to be written?

Recently, the European Association for Architectural Education (EAAE) produced

the Research Charter and one of his founding members, Murray Fraser, defines it as follows:

> *"Architectural design research can be described as the process and outcomes of enquiries and investigations in which architects use the creation of projects, or broader contributions towards design thinking, as the central constituent in a process which also involves generalized research activities of thinking, writing, testing, veryfing, debating, disseminating, performing, validating and so on (...) [It] is open to the full panoply of means and techniques for designing and making."* (Fraser, 2013: 1-3)

But, as the same author states, although other forms of research in architecture openly proclaim their methodological approach, and despite the eventual borrowing of more established research methodologies, "there is no methodological schism." (Fraser, 2013: 3). Architects through their design work and professional practice carry out forms of research that produce their own particular kind of new insight and knowledge diferent from, yet equal in value, to the kinds of insights and knowledge from natural scientists, historians, geographers, humanities scholars, etc.

Production of Knowledge

The workshop Optimistic Suburbia attempted to add to the debate, not so much a specific definition of what is research in architecture, but rather to test, in a specific research project, if either knowledge in architecture can be produced through different processes, usually more related to what is understood as "practice". The realm of semantics has been explored by many philosophers, as Hannah Arendt or Nietzsch for instance, as a problematic field, responsible for shaping the ways in which we reason about something. We write a 'paper' and we 'design' a building, is the general aception. However, architectural design is not equivalent to drawing. Architects use drawing as a way to reason about architecture, whereas architectural design is often the result of that reasoning. This is not to say that design research can be conceived as synonymous of architectural practice. Quoting Koolhaas, design research aims at "another architecture", independent from a client agenda.

Needless to say that a vantage point of these kind of works within academia is manifold. First, it is a way of engaging students and demonstrate them that the practice of architecture is almost always theoretical, as well as theory in architecture

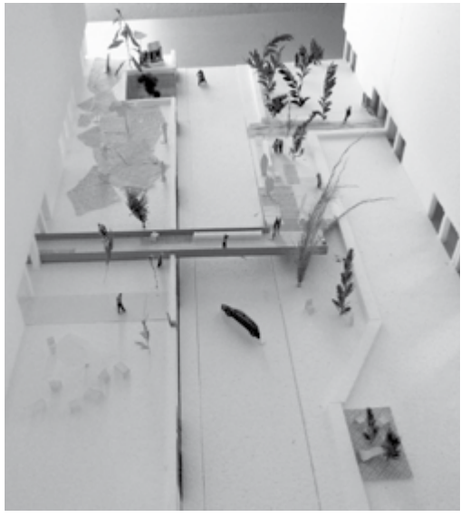
Workshop #3.

can be many times practical – the results turn it explicit. Bernard Tschumi points it out in "The Manhatan Transcripts" that while theory can be applied to a project, it can also be driven from it (Tschumi, 1981: xix).

The experience also challenges architectural education, in particular that of more traditional schools, that still conveys an idea of the field as equivalent to the production of artifacts, as well as the place (or alternative places) within academia for architectural studies.

As far as 1967, John Lloyd, in his inaugural speech as the new Architectural Association Principal described one of the most important roles of schools of architecture in the future as being research, and that the quality of architectural education could be accessed by its ability to offer the profession expertise and consultation services in specialized fields within which the profession itself is unlikely to be able to concentrate. And concluded that there is nothing very new in his proposal, as it had been the normal situation in most other professions except architecture" (Lloyd, 1967: 141-142).

In line with that, could we conceive the university as a privileged place for research production, being artifacts an extension of it?



Workshop #3.

Suburbia, a marginal case

Reflecting on the theme of suburbia means looking at it from the point of view of its production, reproduction and consumption; and implies looking to its significance in terms of representation. The term "Optimistic Suburbia" is, from a semantic point of view, a contradiction.

Originally, the word itself finds its roots in the Latin suburbium (sub+urb+ium), a place that, being in the vicinity of a city (from the Latin urbs) was in strict dependence of that but deprived of its qualities.

The French word "suburbe" had, in the 15th century an equivalent, "faubourg", a transformation of the expression "faux bourg", or "false city". Suburbia lacks some authenticity. Its spatial condition is defined for what those are not, simultaneously neglecting and reconciliating the differences between urban life and country life. This means suburbia was regarded as inauthentic and without an autonomous meaning— neither city nor countryside, it was the personification of the essential contradictions between both.

This ambiguity, characterized by principles of dissemblance, refer the suburb to the interstice where town and country meet in a social, cultural and spatial tension. The city has always been connoted with the locus of political life reflecting its governmental power. To transpose its borders, both physical and symbolic, was the equivalent to enter the realm of power and culture of a society. On the contrary, as the English equivalent word of "suburb", "underburg", might suggest, while outside its limits one was immediately condemned to its absence. As Spiro Kostof poses it, cities are places that have a certain physical limit, either material or symbolic, to clearly separate those that belong to an urban order and those who don't.

In fact, the distinction between urban and suburban, which etimologically is simply geographical and territorial, has nevertheless an underlying essential definition: that of being marginal, of neglecting the political life. If the meaning of urban was coincident with being polite and civilized, suburban meant exactly the opposite. In English, the expression "suburban sinner", for instance, meant in slang a woman of bad reputation or prostitute.

Nevertheless, suburbia was rescued by modern planning and urbanism as the remedy

for all maladies of the nineteenth-century industrialized cities, which saw the decline of the traditional city, suddenly over-densified, due to massive migration fluxes, as the transformation of the world occurred quicker than the city had the capacity to monitor and adapt. Indeed, the speed of urbanization resulted in an unexpected and chaotic imbalance that urged to order. Furthermore, the growing demand for housing resulted in a huge real estate speculation and, consequently, in the proliferation of *cavernous dwellings* lacking water and sanitary facilities. Under these conditions epidemics spread and, as the number of industrial workers in the poverty line increased, so the delinquency and crime. Statistical compilations developed by a series of committees created to investigate the origins of outbreaks of cholera and other maladies, to discover the causes of poverty, unemployment and growing problem of immorality of the lower classes, seen also as a kind of contagious disease, became the applicant. The results usually emphasized the absolute necessity of their suppression to avoid the danger of its spread to the general population. Soon, the deterioration of the poorer classes started to be described as a consequence of the unhealthy conditions of their overcrowded homes, a source of diseases, sexual promiscuity, drunkenness and criminal conspiracy. The conclusion was that the worst physical and moral conditions were always coincident with the worst neighbourhoods and homes. And therefore, the restructuring of the public domain was seen as dependent of major dwelling changes, understood as a primary source of all social problems.

The first attempt to project the city as a whole was done by Ebenezer Howard and his vision became widespread not only in Britain but also in the rest of Europe and America. He inspired further investigations that drew upon his principles, criticizing some and repositioning others. Howard aimed to solve, or at least ameliorate, the problem of the Victorian city by exporting a large proportion of its people and its jobs to self-contained constellations of new towns built in open countryside, far from the slums and smoke, and, most importantly, from the overblown land values of the giant city. He proclaimed radical hopes for a co-operative socialist civilization, which he advocated could only be fulfilled in small communities embedded in a decentralized society, away from the ulcers of the existing cities. In his series of garden cities, linked by railways (forming a polycentric social city), all had two kinds of centres: the neighbourhood centres and the (one) civic centre. Neighbourhoods were "slices in the circular pie", each comprising one-sixth of the town. The basic unit in the neighbourhood was the family living in its own home surrounded by a garden, and the most important neighbourhood institution was the school. There are two cohesive forces that bring the residents out of their neighbourhoods and unite the city. The first is leisure (Central Park), the other is civic life (located at the centre of the Park). Co-operation was expected to take place within the new building type that he developed, together with his associates Raymond Unwin and Barry Parker: The Cooperative Quadrangle. In essence it was designed to support co-operative housekeeping, its series of garden apartments relied on a central dining room and kitchen. Housing and domestic work were shared by co-operative tenants as the basic social unit of an ideal garden city.

These garden-cities were obviously an optimistic vision of the suburbs and were quickly welcomed and absorbed by the risen bourgeoisie and their claim for an aristocratic status that was coincident to villages in the country, mostly in the anglo-saxonic world but also elsewhere.

"Homes for the biggest number": case studies

In 1925, just after the First World War, Le Corbusier's proposal to demolish two square miles of downtown Paris with his Plan Voisin could not be more than a metaphor claiming for a massive attention from all sides of society for the need, if not the only possibility, of constructing cities in a better and more efficient environment.

The advent of the Second World War contributed to shape architecture in many European countries, erecting themselves from the ruins in suburban areas, many times through mass produced housing schemes. Social housing provided the grounds and a privileged way for modernism to emerg as a discourse. It was in this context that *les grands ensembles* were built, not only in France but in many European cities, usually to house those dependent of public policies and programs.

Soon, many of this large complexes started to be pointed as the worst places on earth to live in. *La Cité de la Muette*, France (1934), converted in a Concentration Camp by the Nazis in 1941, became a kind of methaphor for postmodern critiques coming from as many fields as sociology, anthropology, geography and so forth, inasmuch as the demolition of Pruit-Igoe housing estate (1972) became an iconic image of a turning point in architectural and urban theories. In 2014, the French Pavilion, curated by Jean-Louis Cohen within Rem Koolhaas' Venice Bienalle, explored the two facets of a debate: the alienating mass housing complexes in the suburbs versus the impersonal architecture for the high middle class as highlighted in the exhibited movie by Jacques Tati. The claim for an "architecture for the people" and the growing importance of the private sector in Europe, which started to take over the welfare state almost everywhere, stresses an essential contradiction between an economic-driven market and the moral ambitions of architecture.

The three case studies of the research project, and of the workshops, stand however out of this lineage. Despite their geographical differences, they have in common the fact of being privately promoted for the middle-class, which somehow has been disregarded in housing studies. The fact raises many questions, in particular why have mass-produced housing complexes in the outskirts been rescued by the middle-class, and why they seem in this specific case to be such a success among dwellers as opposed to the taken-for-granted unsucess of previous modernist experiences.

The eight workshops approached the theme in many different ways, although one can point a general recognition of the resilience of these urban proposals and their potential to overcome changes in time.

In workshop #1, Ricardo Camacho addressed the growing interest in the issues of urban sustainability, generally the re-use of abandoned industries, ports and the related infrastructures. The group looked for ways of extracting from this "archeological status" the potential to rethink these "megastructures" in general, and the Prenda unit in particular, at a moment when its possible demolition is being discussed.

In workshop #2, Fabian Hörmann and his students brought to the southern context the central European concept of housing cooperatives as alternatives to socialist systems of promotion and management, to test its impact in the in-between spaces of domestic life.

Workshop #3, by Studio WOK, challenged their group to create design strategies to enhance community living at smaller scales in the ground floor of buildings as alternatives to the existent "civic" center, taking the space of re-inventions of inverted *unités d'habitation*.

António Carvalho and his team, in Workshop #4, departed from the fact that many former inabitants of Portela still live there and researched design adaptations to the existing condition to reflect an age-friendly conscience. In the same line of though, Célia Gomes and Sérgio Fazenda (Workshop #6) departed from a critique to the urban organization in place, proposing intertwining use combinations.

Workshop #5 questioned the traditional ways of representation in architecture to address contemporary changes of suburban life through imaginary scenarios. Coming from a diferent field, Workshop #7 (UmColectivo) explored performative representation to examin body relations within and with space. In Workshop #8 the traditional site analysis was challenged and taken as a design strategy.

The results were varied and unpredictable. They intended to pose questions, test scenarios and reason about the spaces proposed, opening up further discussions.

References

Fraser, Murray (2013), *Design Research in Architecture. An Overview*, Farnham, Ashgate.

Lloyd, John (1967), "The quality of Architectural Education". [Excerpts from the inaugural address by John Lloyd, the new Principal of the AA School of Architecture, given on 1 March 1967], *Riba Journal*, April 1967, p.141-142.

Tschumi, Bernard (1981), *The Manhatan Transcripts*, London, Academy Editions.

1 Natural Restrictions and Human Regression

Ricardo Camacho (Casa.Granturismo / Dar Al Athar Al Islamiyya, Kuwait)

Prenda serves as a critical case-study in the understanding of design culture and architecture response in a 'non-western' context. The overlap between the modernisation discourse and the preservation of native spatial and material cultures-planning and building roots in Angola society-using architecture as the evidence of early social experiments are grounds to rethink the African metropolitan space and the lifestyles it generates.

The workshop will consider the fields of architecture, landscape and urban design allowing students to produce digital vector representations of building and urban schemes using random videos available on youtube, with specific incidence on 'tvzimbo' and music videos. These focus on the representation of function, circulation, condition, nature, etc; and thought related knowledge imposing a provocative reflection on architecture response to context and the potential of its contemporary state.

Description

Combining students of the Architecture Program from the first, second and fourth years, this workshop was an attempt at understanding through different systems of spatial representation, the implications on architecture and urban infrastructure of Luanda's post-modernization phenomena. Based on the Prenda neighborhood condition, the planned mass housing complex of the 1960s and the consequent informal infill of the open space, each student identified programatic and infrastructural problems.

The analyses of these sensitive moments of the urban fabric and existing complex, among all students and through multiple mediums such as videos of the area available online, turned the site into an operative ground for architecture, rethinking the urban identity of the neighborhood and the lifestyles associated with it.

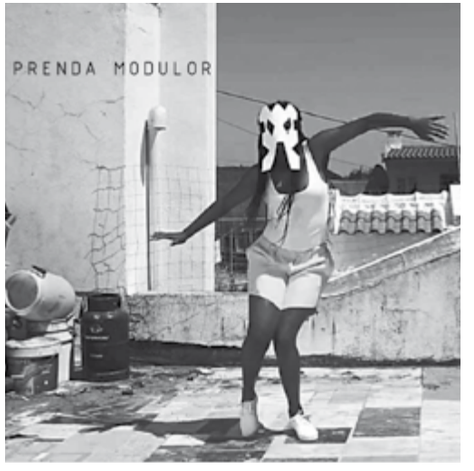
Following the definition of a common design strategy for the site, each student produced vectorial translations of these moments and later assembled those in architectural schemes. The individually proposed schemes were all representative of typology, function, circulation, condition or nature. The representations provided provocative reflections on the different site moments displayed in the format of exhibition.

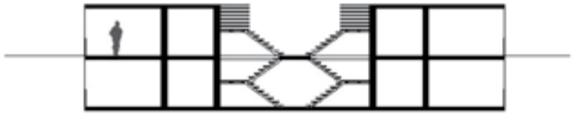
Design Process Method

In a first moment the students examined selected architecture and urbanism events in the city's modernization period. In parallel a broad range of ideas affecting the contemporary construction of the site and the building practices associated, such as the musseque and the informal occupation of the existing multifamily units built during the 1960s, engaged the students with local identity and building production techniques.

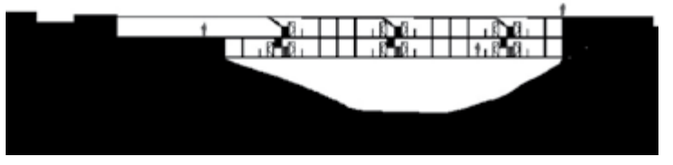
In the second part of the workshop the students were expected to examine basic structural elements in masonry and reinforced concrete construction. The students used existing building types to explore the relationship between structure, materials, construction process, usage, program and urban space.

The exploratory processes were discussed and informed by the group common perception of a design strategy for the site which one can call preliminary re-development plan. The last two days offered the students the opportunity for intensive, hands-on investigations into the individual proposed schemes. This effort resulted in diverse building models and diagrams. The workshop culminated in a multi--building and design strategies project in which students document, analyze and propose solutions for targeted design opportunities in the Prenda's urban fabric. During the workshop they develop the skills that allow to explore, dissect and communicate systems of building representation effectively, and to develop their drafting skills: drawing, diagramming, model--making and verbal presentation techniques.





Transversal section



Longitudinal section

2 Housing Cooperatives. A mass phenomenon?

Fabian Hörmann (EM2N, Zurich)

Students will be introduced to the idea of cooperatives practice - from historical examples of first housing cooperatives to today's variety and potential. Together we will try to answer: What are forms and principles of self-organisation, fields of work, economic mechanisms etc.? Which chances open up when we compare demographic and economic structures of Luanda, Macau, Lisbon and Zurich? Finally, groups of students will draft concepts for cooperatives addressing their specific situations.

We believe: Not size of an organization but multiplication of many mid-size organizations can have an effect.

We propose: Instead of rent-subsidy people should become shareholders of their community. We postulate: Replace official dictation by self-determination.

How to set up a (housing) cooperative

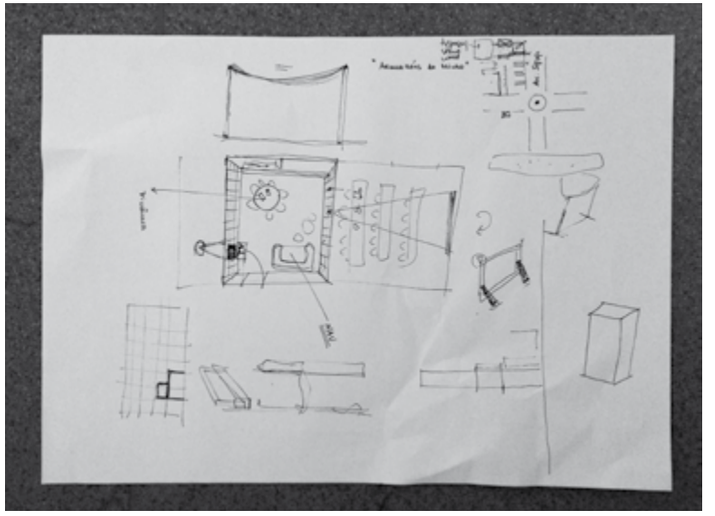
Facing today economic reality in (southern) Europe we are witness of the big flush of intellectuals and talents from their home countries. Our aim was to get aware of opportunities and alternatives within todays social and economical situation by developing an understanding of history, motives and impact of social movements since industrialisation (e.g. workers unions, squats) and especially the idea of cooperatives. As a study case we took a closer look at a new type of housing cooperatives emerging in Switzerland which are adressing some of today's world urgent questions:

Growth of cities, social isolation, pressure of success, sharing instead of possesing, local farming, dense and intense city life.

A Cooperative is aiming to improve the social, cultural and economical situation of their members. It promotes the idea of a sustainable life-circle and plays an active role in the development of the direct environment of their project as a contribution within the city development.

Believing in the necessity of having a physical time-space relation with the objective we as architects work with (and also as a result of being a small group of 5 students with a short amount of time) we decided to only focus on the Portela site. On our site visit we tried to find possible locations (free space, nature, elements and/or buildings) for any intervention or task a cooperative could take over. On the way back we discussed what we had seen and what we could do in Portela to on the one hand improve the neighbourhood and on the other hand to establish an extra source of income for our cooperative. After discussing different options, we decided to set up a housing cooperative combined with wine production/-sale and the re-opening of an abandoned café as a contribution to the community.

In order to form a strong cooperative and improve the group as a unit we did group-activities such as BBQ, visits, lunches, dinners. Before the foundation ceremony of our cooperative we discussed and put down our form of organisation (assembly, board, management, conflict-team, and work-groups), our articles (purpose, membership, agreements, financing, responsibilities, decision-chains etc.) and our rules (participation, solidarity-fund, rental contracts etc.). To communicate our vision to a wider public and spread the idea of cooperatives we prepared a flyer about „How to set up a cooperative in Portugal in 9 steps", a flyer as a membership-application to our cooperative, a temporary tent as our cafe: While one wall would give through a „spy" a view inside our thursday night's general assembly the other wall showed a collage of our vertical vineyards and would give general information on the history of cooperatives, worldwide trends and newest examples of housing cooperatives on a screen. Understanding our cooperative as a contribution to the community we invited everyone for a wine-tasting-party in our temporary tent.



3 0-4m: A field for the community

Marcello Bondavalli (Studio WOK, Milan)
Nicola Brebba (Studio WOK, Milan)
Carlo Alberto Tagliabue (Studio WOK, Milan)

The radical functionalism and the no--relationship between buildings and urban soil, arising from the Athens Charter model, is highly unsuccessful. The neighborhoods designed with a clear hierarchical order of flows and functions, such as Portela, miss those social and urban relations between the buildings and the city. The workshop will work on the gap between 0 and 4 meters, trying to create an urban short circuit through the design of small "mistakes" that could implement social relationship and establish a common identity and a sense of appropriation of the neighborhood spaces.

The goal is to work on the definition of a spatial threshold between public and private space through a sort of urban acupuncture.

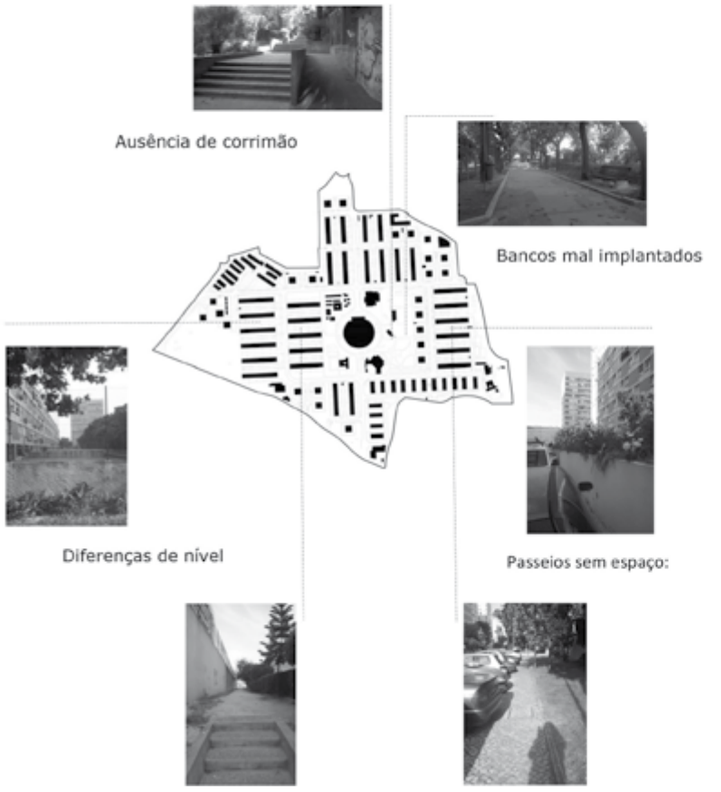
4 Portela de Sacavém: how age-friendly can it become?

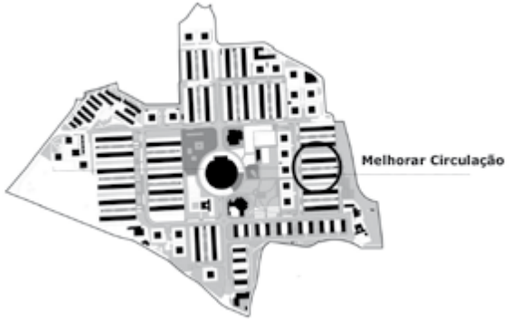
António Carvalho (Univ. Católica Portuguesa/Univ. Beira Interior)

The Portela Development was clearly conceived in its suburban condition at the outskirts of Lisbon. Aiming to house the growing middle-class population outside of the capital center at a period of strong demographical increase, its original population meanwhile grew old.

Considering the characteristics of the existing urban fabric (buildings and outside spaces), how can Portela Development adapt to the new needs of an aged (or ageing) population? Is it prepared to face the new acessibility needs (both in interior and exterior spaces)? Does it have the necessary urban facilities that an ageing society requires? What small changes, upgrades and modifications can the apartments, buildings and urban space accept without losing its character and identity?

Students accepted into this workshop were faced with these challenges. They were required to design new or refurbishing solutions for the existing spaces, dealing with the existing reality, in order to achieve a final result of an age-friendly environment at Portela Development.





5 Image Figurations

Miguel Baptista-Bastos (Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa)
Filipa Roseta (Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa)

If you can keep your head when all about you
Are losing theirs and blaming it on you,
If you can trust yourself
when all men doubt you,
But make allowance for their doubting too;
If you can wait and not be tired by waiting,
Or being lied about, don't deal in lies,
Or being hated, don't give way to hating,
And yet don't look too
good, nor talk too wise:

If you can dream—and not
make dreams your master;
If you can think—and not
make thoughts your aim;
If you can meet with Triumph and Disaster
And treat those two im-
postors just the same;
If you can bear to hear the
truth you've spoken
Twisted by knaves to make a trap for fools,
Or watch the things you
gave your life to, broken,
And stoop and build 'em
up with worn-out tools:

If you can make one heap
of all your winnings
And risk it on one turn of pitch-and-toss,
And lose, and start again
at your beginnings
And never breathe a word about your loss;
If you can force your heart
and nerve and sinew
To serve your turn long after they are gone,
And so hold on when there is nothing in you
Except the Will which says to them: 'Hold on!'

If you can talk with cro-
wds and keep your virtue,
Or walk with Kings—nor
lose the common touch,
If neither foes nor loving
friends can hurt you,
If all men count with you,
but none too much;

If you can fill the unforgiving minute
With sixty seconds' worth of distance run,
Yours is the Earth and everything that's in it,
And—which is more—you'll be a Man, my son!

(If) - by Rudyard Kipling (1895)

INTRODUCTION WITH INFLECTIONS OF A MANIFESTO

If architecture corresponds to a reflection of thought at its most genuine state, then this impact would correspond to the benevolent imagination of mankind. This reflex is commonly called imagination.

If the idea was not cut by the dilemma of the conventions, the results of architectural design would not be so predictable. Judging ourselves by the standards of an era domesticated by technology, we need to turn imagination onto an electrical current, where ideas flow to address an ideal of common welfare.

The theme of imagination as the most libertarian action that human beings in their activity may have, has been increasingly diminished. Overtime, imagination is an integral part of the human condition for the development of ideas that may have a greater momentum and, if eventually all goes well, improve the condition of the world and things. From mathematics to music, imagination determines the impulse that stimulates the search for happiness not yet found. For instance,"Einstein's "Theory of Relativity" without an imaginary, it would be just a "theoretical relativity" or the "Art of Fugue" by Bach, with the free control of notes, would be only an "Escape to the Arts". These two examples are not the mathematics associated with an analytical doctrine that stimulates thought, but mathematics as a discipline sent to other fields. These are assumptions of imagination, which advise us to start from the single restriction of having no restrictions.

Culture as a diffuser of imagination is essential. There is no inaugural thinking about something, without having antecedents that help us. Using a metaphor, one never travels without a backpack or a suitcase, that is, to enter in the specific fields of creation, prior knowledge becomes essential for the individual to discover other arguments within his knowledge.

The analysis itself becomes a significant without meaning, regulatory and taxonomic, a flavour of present time, where the melancholy of the regulation overrides the exultation of thought. Recently, the convention of analytical thought reaped the power of imagination and delimited it.

(IF): IMAGE FIGURATION

1 - The reason for taking on this challenge

The rigor of austerity, socially represented by "analysis" has worked as a reduction to the development of free-thinking imagination. This procedure has to be fought from the inside, with an awareness regarding its fragility ... what if within an order we can fit a healthy vertigo that transports us to other utopias, natures or experiences?

Utopia, contrary to what has been stated, is the healthiest expression to manifest the best that we can build. Looking at the history of mankind, only with impulses often considered impossible or unreasonable can we think about the future.

Claiming from the poem by Rudyard Kipling the initials to name this workshop (IF / Image figurations), we started the working theme for this meeting of minds at ISCTE architecture department, having as a architectural motive the improvement of a suburban area of Lisbon referred to as "Portela Urbanisation".

2 - Methodology

This work is based on these assumptions, using present-day's most-used communication technology: the smartphone.

Through the smartphone, we collect information, draw it and shoot it; thus, demystifying the representation of architecture as a condensed geometric shape, turning into an expression contained in a small object held within the palm of the hand. Transgressing from the inside would be the way to find a formula to escape the commonplace where, currently, artistic thinking lies.

In this workshop, technology and poetry are the leitmotif to transgress and change the suburban outskirts of Portela.

Kipling's poem assists as the title and as the challenge to use all means possible, except the conventional means, to expose the idea.

Through an intervention presented to the general public, students presented their works. The room serves as canvas for an expression where architecture, music installation, set-design and the performing arts come together, giving rise to a union of several arts in a moment. The technology of smartphones, placed at the service of an artistic imagination based on the cultural structure that defines the architecture, is used to improve the quality of urban periphery constituted by the neighbourhood of Portela Development.

Proposal:

Through photos taken by mobile phone, one generates other realities where the matter constituted by the Portela Development is diluted. Buildings, people, interiors, exteriors, streets, intensify the preexisting reality, recreating other spaces through photography, collage and other applications that digital images of mobile phones contain.

Objectives:

Designing an architectural space, more or less qualified, is not important. The essential is to redefine the retained image of the Portela Urbanisation, through other means beyond drawing or photography. An image captured through a mobile phone can be as relevant as other views or sensibilities.

Rethinking a future where everything is interconnected, constructively and critically, through the junction of several, seemingly, unrelated arts to architecture itself. This opens up the field of possibilities to students, who are used to a rigour marked by the historiographical analysis of architecture. We shall free ourselves to other fields of expression, cease to be prisoners of a captive architectural design, and thus, we can finally dream.

6 Street Renewal as the Criss-Cross of Urbanity

Célia Gomes (Atelier de Santos/Esad. CR) Sérgio Fazenda (S.F.R. Arquitectos)

A proposta "Street Renewal as the Criss-Cross of Urbanity" visa pensar o habitar colectivo na periferia da cidade, focando a sua atenção na requalificação da rua, enquanto estratégia de regeneração urbana.

O tema desenvolvido partiu da convicção de que a rua detém um papel fundamental na articulação da arquitectura com o desenho urbano, e da convicção que a boa gestão dessa relação é um garante de urbanidade na requalificação da periferia.

Tomou-se como caso de estudo a Urbanização da Portela, nos subúrbios da zona Norte de Lisboa, utilizando-se este exemplo para entender os sucessos e falências de um modelo de cidade modernista e a forma como este foi adoptado e adaptado no contexto nacional.

Apoiado na crença da discriminação de usos e no seu decorrente zonamento urbano, este modelo toma como referencia a rápida mobilidade que o automóvel introduz. Como consequência, a par da ocupação pendular, assente na espaçada marcação de ritmos de entrada e saída em zona habitacional, destaca-se também a separação entre a esfera pedonal e a esfera viária.

No caso da Urbanização da Portela, tal ficou a dever-se ao incumprimento do projeto original, optando-se antes por inúmeras opções de carácter especulativo, mas também à convicção primeira que a segregação permitia ordenar o espaço de forma eficaz.

Na verdade, a questão da sua (suposta) eficácia assentou num raciocínio abstracto que se sobrepôs à vivência concreta do espaço. E foi no esbater dessa vivência, vivência que é a expressão de uma realidade cultural assente no entrosamento e na partilha, que se criaram as condições para diluir a urbanidade do local.

Dando corpo a um conjunto de inúmeros problemas, a ideia de segregação entre diferentes tempos e modos de circulação, e entre diferentes usos e formas de ocupação, apagou um uso intrínseco e a sua verdadeira espessura urbana. E esses problemas, seja na Urbanização da Portela, ou em diversos outros casos que encontramos pelo mundo fora, prendem-se com a falta de densidade, não em número, mas em espécie, que o local herda e não consegue transformar.

Note-se que a densidade que aqui se refere, não se prende com um padrão quantitativo, mas sim com uma diversidade qualificativa.

Por isso, dir-se-ia que a Urbanização da Portela surgiu como o fruto de uma visão esquemática, onde o desenho e a ocupação do espaço exterior não foram intrínsecos ao projeto, mas sim uma consequência do arrumar da circulação automóvel e do zonamento de usos.

Tudo isso se torna mais evidente quando se percebe que, na maioria dos edifícios, não se desenhou o contacto com o terreno, limitando-se a cumprir uma implantação diagramática, alheada à realidade topográfica existente. E, como consequência, por entre os inúmeros muros de contenção, empenas cegas e passeios estreitos, são várias as ruas que falham o seu potencial carácter e se aproximaram a estradas.

A proposta desenvolvida por este *workshop*, "Street Renewal as the Criss-Cross of Urbanity", pretendeu resgatar a importância da rua e do espaço público como elemento motriz de uma nova urbanidade. Nesse sentido, privilegiou-se as intervenções passiveis de agir, simultaneamente nos edifícios e nos espaços exteriores, ao nível arquitectónico, urbano e paisagístico.

Após uma análise e um debate conjunto de ideias, optou-se por definir quatro equipas de intervenção, constituídas por quatro alunos de anos lectivos diferentes. A cada equipa coube eleger o seu território de intervenção, encarando já o ato da escolha como uma visão crítica inerente à sua proposta.

O acompanhamento das propostas, o debate contínuo e a partilha das diferentes experiências, levou a que as mesmas se entrosassem numa continuidade de ação

onde cada intervenção se relacionava com as demais. Assim, um primeiro grupo abarcou o território referente ao atual centro comercial e torre de escritórios, redesenhando o edifício circular que referencia toda a urbanização. E abrindo-o ao exterior, multiplicando circuitos, permanências e perspectivas, redesenhou-se a circulação automóvel e a configuração do espaço público, o edifício e o espaço que o enquadra. Invertendo uma lógica centrípeta, a proposta passou por dotar o conjunto de uma lógica centrífuga.

Um segundo grupo agiu sobre o jardim pré-existente, clarificando os seus limites e áreas de intervenção, marcando novos percursos e zonas de permanência. Esta intervenção afirmou a importância dos equipamentos existentes (igreja e centro comercial), criou um novo espaço relvado e promoveu a fluidez entre os diferentes quadrantes da urbanização. Funcionando em conjunto com a proposta anterior, esta abordagem focou-se predominantemente na gestão de uma escala urbana, garantindo a ligação de zonas distintas.

Um terceiro grupo atentou nos edifícios / "barras" de habitação, na maneira como estes (não) construíam a rua, e na maneira como a rua (não) os construía. Este grupo operou sobre os edifícios, redesenhando os seus topos por forma a promover um acesso às coberturas, que se pretenderam de uso público. Simultaneamente tentou-se perceber como o acesso aos edifícios e aos seus espaços de estacionamento coberto podiam ser redesenhados, participando activamente da rua interior (que os limita) e da rua exterior (que os enquadre). Este grupo focou a sua atenção na forma como os edifícios interagiam com a rua numa lógica vertical (de acesso aos subterrâneos e às coberturas).

Por fim um quarto grupo empenhou a sua atenção no desenho do contacto entre os mesmos edifícios e o espaço verde que remata a urbanização a Sul. Promovendo as circulações transversais e a criação de novos locais de permanência, este último grupo trabalhou sobre a questão do limite sul da urbanização, na relação de fronteira com a via rápida que lhe está anexa e na relação com a paisagem distante para a qual se volta.

Pretendeu-se que o trabalho desenvolvido integrasse uma unidade passível de apontar novas respostas para velhos problemas. Estes problemas, detectados em locais específicos, mas também repetidos por vários casos tipo que desenharam a urbanização, surgiram como pretextos para repensar a resolução simultânea do todo e da parte, promovendo uma acção mais coesa na abordagem conjunta ao edifício, ao território e à paisagem.

7 Bodypoint

Cátia Terrinca (UmColectivo, Lisbon)
Jesus Manuel (UmColectivo, Lisbon)

0. PONTOS DE PARTIDA

BODYPOINT, antes de ser o nome que previamente demos a uma semana de trabalho intensivo com alunos de arquitetura, foi a intenção de construir uma possível gramática de entendimento dos lugares através do corpo. Retornar para a unidade humana como medida do espaço, que se constrói pela experiência sensorial em laboratório, surge no contexto da arquitetura contemporânea, para que se imiscua num léxico que teima em ser pobre para os sentidos do corpo cada vez mais.

Vem-se investindo em materiais (como o plástico, o vidro, o espelho) que nos inibem de sentir o tempo passar, evidência duma perseguição de ideais estéticos de postal que privilegia a visão e, inúmeras vezes, exclui os restantes órgãos sensitivos. Por isso mesmo, propôs-se a futuros arquitetos a (re) descoberta do corpo através de um espaço, através da aquisição de ferramentas de escuta e de tradução da linguagem corporal.

Propôs-se, primeiramente, que esta descoberta da Portela partisse de uma formação do sensível alicerçada sobretudo em duas técnicas fundamentais à dança contemporânea: bodyweather e viewpoints. Ambas as técnicas procuram formas de integrar, expressar e matizar as relações que o sujeito cria com o contexto, sob a tese de comunicabilidade ininterrupta e inevitável entre as materialidades do corpo e do lugar – pelo que, o trabalho de consciencialização do que está é prévio ao de construção/expressão. O corpo é portador de tanta mais informação, quanto mais minucioso seja o seu treino do sensível – implicando assim a consciencialização da pele enquanto órgão primordial dos sentidos e "meio" de comunicação fundamental entre o sujeito e o ambiente, do qual todos os outros sentidos podem ser entendidos como extensões/especializações. O objetivo primeiro do BODYPOINT é, portanto, o de cumulativamente à experiência da compreensão cognitiva do espaço, perceber o que o ele exprime, através do corpo.

A técnica Body Weather, uma abordagem ao treino e à performance que investiga intersecções entre corpos e ambientes, partindo no pressuposto que os corpos estão em constante mutação – como o clima, no sentido de um sistema complexo de influências que atravessam os corpos e o mundo. Assumindo a sinédoque corpo-espaço, pode analisar-se o discurso corporal como sendo parte do e sobre o lugar em que está, por isso uma das possibilidades do Body Weather é a da cartografia sensorial. Qualquer lugar possui um mapa e se o corpo é um lugar – cuja primeira fronteira é a pele –, então é possível mapeá-lo facilmente. Por sua vez, a técnica Viewpoints, uma gramática de improvisação que cresceu no mundo da dança pós-moderna e desdobra os temas dominantes do trabalho em cena - tempo e espaço - em nove subcategorias, permite a um grupo de atores criar sincronicamente, uma vez que lhes dá códigos de leitura do espaço e do tempo e implica necessariamente que a construção performativa se faça a partir do contexto e não do *self*.

BODYPOINT nasce, assim, da articulação destas duas técnicas e da utilização das mesmas não para criação de discurso performativo, mas como ferramenta de análise de espaço e inerente consciencialização que suporta a construção de subjetividades.

1. O CORPO, O GRUPO E O CORPO DO GRUPO

Os cinco dias do *workshop* reuniram nas instalações do ISCTE, na Cidade Universitária de Lisboa, um grupo de 16 alunos do primeiro e do quarto ano do curso de Arquitetura. Três deles eram de sexo masculino; quatro tinham tido já algum contato com áreas relacionadas com as artes performativas, nomeadamente a dança.

Definimos dois espaços de trabalho. O primeiro foi uma sala de aula com capacidade para 30 alunos – vizinha das outras onde os restantes *workshops* decorriam –, destinada para o lançamento de conceitos-chave e posterior debate em grupo; rapidamente foi transformada num espaço vazio, arrumando as mesas e as cadeiras para o fundo da sala de forma a permitir uma maior informalidade e liberdade na partilha de ideias. O segundo, um pequeno ginásio localizado no mesmo edifício que colocava desde logo aos participantes num espaço acondicionado para a expressão corporal individual e coletiva, núcleo da investigação.

2. MAPEAMENTOS E DERIVAS

O ambicioso programa centralizado nos conceitos de perceção sensorial, resposta cinestésica, e cartografia emocional (psicogeografia), propostos a partir das técnicas de treino em artes performativas (BodyWeather e Viewpoints) e da teoria da deriva (Guy Debord), obrigou a uma escolha simplificada de exercícios devido a duas razões: o limite temporal de cinco dias do *workshop* e o fosso contextual que separava os conteúdos performativos dos conhecimentos em arquitetura pré-adquiridos pelos participantes.

O ponto de partida foi a anulação da visão, com o propósito de estimular os restantes sentidos na sua relação com o espaço envolvente. Pretendia-se ganhar a consciência do corpo como órgão multissensorial em constante atualização de informações e "estados climáticos" – prática atestada pelo Body Weather – que, devido ao protagonismo quotidiano da visão, terminam por ser ignoradas mas que são subtis e condicionam igualmente os comportamentos.

Este exercício de cegueira foi repetido duas vezes: no ginásio, em grupo mas individualmente, permitindo os encontros acidentais e a criação da confiança no outro, como prova de contacto com o acordar individual das sensações do corpo-sensor; e na segunda ocasião como trabalho de campo na própria Portela, no jardim perto do centro comercial (o lugar de conveniência preferido pela maioria, após terem realizado individualmente um exercício de deriva pela área urbanizada), em casais que se dispersaram algures, em que um acompanhava o outro para garantir a segurança na deriva de estímulos sensoriais. Os participantes partilhariam entre eles as reflexões individuais adquiridas durante as derivas por meio de postais brancas expressivamente traduzidas e também pela proposta duma breve apresentação performativa que resumisse o ponto de vista da experiência sensorial vivenciada.

A segunda série de exercícios esteve relacionada com o estímulo-resposta kinestésico do corpo individual com o corpo grupal inserido num espaço limitado (na sala de aula e no ginásio). Abordaram-se assim as nove variáveis da técnica Viewpoint – o espaço envolvente, a distância espacial entre objetos, o ritmo topográfico, a silhueta do corpo, o gesto como ação, e a tríade tempo, duração e repetição relacionada com a execução de movimentos – que permitiram a exploração através do corpo pulsante das ligações e influências espaciais e emocionais dum determinado lugar.

3. DISCUSSÕES E PROJEÇÕES

Tendo o *workshop* um objetivo mais processual do que conclusivo, planteava-se na mesma a questão de transmitir algum resultado – que teria desde logo um caráter performativo – da prática realizada para com os outros participantes das conferências e workshops do Optimistic Suburbia. Na discussão final do grupo concordou-se que era pertinente a defesa da tese investigada: o corpo como órgão multissensorial para a análise complexa de espaços envolventes.

Reparamos que o tempo e as condições disponíveis para o *workshop* não podiam nunca garantir uma análise aprofundada do caráter emotivo e sensorial da Portela, assim que a única opção de apresentação seria apenas a da partilha com o público duma representação poética do subúrbio segundo o filtro dalgumas das experiências vividas com foco no corpo humano.

A preparação deste exercício final dividiu os participantes em quatro grupos que prepararam os aspetos necessários para a pequena performance: o primeiro estava encarregado de acolher o conduzir o público através dum percurso que levava da área dos *workshops* até uma Portela Imaginária algures no ISCTE; o segundo definiria os lugares desse percurso e cuidaria da cenografia e figurinos; o terceiro traduziria a Portela Imaginaria por meio da expressão corporal; e por último, o quarto grupo representaria os habitantes de Portela, porta-vozes das questões em debate do Optimistic Suburbia.

A performance teve uma duração de vinte minutos e serviu como momento de abertura para a amostra de trabalhos realizados nos restantes *workshops*. Teve um sucesso notável, pela originalidade da proposta e a dedicação dos estudantes-performers que fizeram um grande esforço para completar todos os aspetos artísticos duma apresentação performativa não convencional.

4. PONTO DE CHEGADA

A performance é, simbolicamente, o momento de conclusão de uma primeira

etapa do trabalho. A sua construção e apresentação resultam das vontades de dar a conhecer um conjunto de interpretações da Portela: por isso os corpos receberam as cores do bairro (cinzentos, verdes, brancos e magentas), configuram-se geometrias de grupo marcadamente retilíneas e há pouca interação entre os corpos: foi isto que foi derivando de sucessivos experimentos corporais e que fundou a "nossa Portela". A performance é um documento importante de relação imediata, ao qual se regressa através da memória e, por isso mesmo, por um caminho subjetivo – foi essa memória que fizemos na 2ª feira seguinte, dia 25 de Maio, na qual os alunos partilharam as sensações e o impacto da proposta da semana anterior.

Nesse sentido, foram muitos os que referiram a surpresa perante o projeto, que lhes permitiu "vivenciar" o espaço, possibilidade que raramente é dada/fomentada durante o projeto de aprendizagem que representa uma Licenciatura. Referiu-se, por isso, a pertinência da educação para o sensível, não esporádica, mas intrincada na construção do saber e do fazer do arquiteto, que assim se pode ver dotado de uma importante ferramenta para escrever, elaborar e sentir o espaço. Consequentemente, este raciocínio coletivo levou-nos à necessidade de reajustamento da tarefa da arquitetura e do arquiteto, entendo-o como alguém que desenha não um espaço, mas uma relação entre um espaço e um corpo (que é, simultaneamente, coletivo e comum, singular e subjetivo).

A experiência da performance parece poder ser uma proposta para, processualmente, fazer arquitetura, tal como pode ser uma ferramenta para desenvolver um estudo crítico do espaço – o caminho a percorrer, neste sentido, implica uma generosidade de calendário que, muitas vezes, parece ser pouco compatível com o ritmo de trabalho das cidades europeias. Acreditamos que é. Que a vivência de um espaço não só permite criar lugares, como redefini-los e transformá-los, que assim se possa desenvolver um projeto permanente entre o CORPO e o ESPAÇO, nas disciplinas do MOVIMENTO/DANÇA e da ARQUITETURA. A nossa "optimistic suburbia" parece ser um lugar ainda asséptico, à espera de corpos que lhes acrescentem sensações, que agreguem vivências e memórias coletivas àquele espaço. Por cima das retas e dos cinzentos, há a possibilidade de inscrição do corpo e, talvez por isso, muitos alunos propuseram que o centro da Portela seria o Jardim porque é o lugar que mais estímulos apresenta.

O passo seguinte seria, sem dúvida, perceber a maneira como podemos usar esta informação em prol da cidade e da sociedade, germinando um projeto de MOVIMENTO dos corpos que os leve à ARQUITETURA de um lugar, porque, afinal de contas, um lugar também dança – às vezes num tempo tão lento que pode ser quase invisível aos olhos, mas não à pele.

8 Connected City: the Relationship Between Places as a Design Strategy

LISMUANDA. DESIGNING THROUGH THE RELATIONS AMONG SITES

Alessandra Como (University of Salerno)
Luisa Smeragliuolo Perrotta (University of Salerno)
Carlo Vece (University of Salerno)

> "We are in the epoch of simultaneity: we are in the epoch of juxtaposition, the epoch of the near and far, of the side-by-side, of the dispersed". Michel Foucault, Des espaces autres.

New concepts of space can help to mend the heterogeneous and fragmented fabric of the suburbs. Our proposal aims at looking at the city through a broader look, which reads the reality even beyond the specificity of the site, through the relationships among places.

Following Michel Foucault trace of thought of the heterotopias, areas from Lisbon, Luanda and Macao are intersected. Through the juxtaposition of the selected middle class housing case-studies, we find common traces, images and architectural solutions which construct design strategies of transformation. The concept of identity becomes a space-time montage and the city becomes the narration of places of the individual and the collective experience, within an enlarged reality.

The concept of the workshop

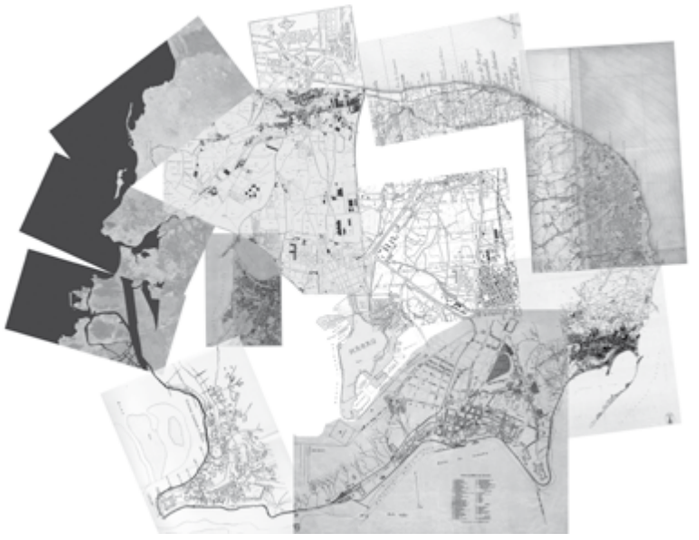
The workshop was a design experimentation involving the three cities of Lisbon, Luanda e Macao. If there was a trace connecting the three housing complexes, this should also be reflected on the actual concrete architecture and urban structure. And it was along these lines, with the goal of following histories and signs that we wanted to work with the students. The workshop started therefore with a challenge, an experimental search and theory test.

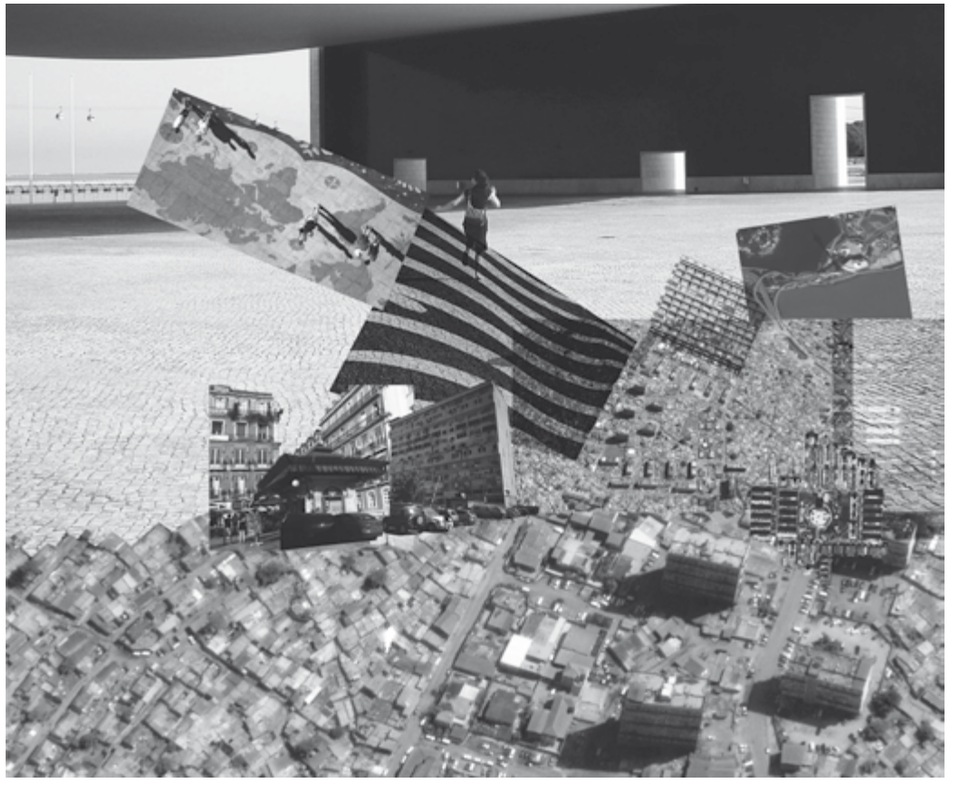
The relation among sites is the design theme which guided the study of the three large housing complexes. The workshop was built as a design process and resulted in three design-strategy proposals for the three sites under research, weaving theoretical insights, images, interpretations and ideas. The intersection of places becomes a creative tool for the design process, it shaped new space conditions for the three areas.

The workshop concept derives from the theoretical trace outlined by Michel Foucault in Des espaces autres: "The heterotopia has the power of juxtaposing in a single real place different spaces and locations that are incompatible with each other". The concept of heterotopia, introduced by Michel Foucault, finds expression in the architectural world in a new way at looking at the city where the relation among places becomes a key of reading of the complexity, which characterizes the contemporary city. Along this line it is possible to consider that it is actually through the relation among sites that a new idea of space can be conceptualized.

One of the principles of the heterotopias is the juxtaposition, which is the possibility of linking a real place to other places, which are places from history, memory, experience, or places to which we can connect through several traces. It is therefore possible to look at a specific site through a wider view, in which space and time acquire a different value. The identity becomes a space-time montage and the city becomes the place for the narrative of individual and collective experience. Space is created by contaminations and it is composed of various views. The relation between places gives a new sense of space.

The aim of the workshop was to offer design strategies for the three housing complexes; the strategies would retain the traces of their common roots, and would create possibilities for new types of space identified through the contamination of the spatial characteristics of the three specific complexes. The neighbourhoods of the suburbs need to relate to the city and find, inside them, public spaces and new forms for the inhabited spaces. New concepts of space can help to mend the heterogeneous and fragmented fabric of the suburbs. Our proposal aims therefore at looking at the city through a broader look and to attempt to read the reality, even beyond the specific sites, finding relationships between Lisbon, Luanda and Macau.





The heterotopia and the relation among places

Following Michel Foucault's ideas, we can recognize within the contemporary culture an idea of space which finds in its complexity a positive matrix, able to trigger design processes.

The French philosopher in Des espaces autres describes the twentieth century as the epoch of the space, where the world rather than experienced through a linear path in time, is "a network that connects points and intersects with its own skein." According to Foucault "we are in the epoch of simultaneity: we are in the epoch of juxtaposition" where the dislocation – "defined by relations of proximity between points or elements" - replaces the concept of space as an extension introduced by Galileo in the Seventeenth century. "The space in which we live, which draws us out of ourselves, in which the erosion of our lives, our time and our history occurs, the space that claws and gnaws at us, is also, in itself, a heterogeneous space. ...We live inside a set of relations that delineates sites which are irreducible to one another".

Foucault points the attention toward those spaces "that have the curious property of being in relation with all the other sites". Two main categories belong to these spaces: the utopias and the heterotopias. "Utopias are sites with no real place." Instead heterotopias are a sort of "counter-sites". They are real places, "a kind of effectively enacted utopia in which the real sites, all the other real sites that can be found within the culture, are simultaneously represented, contested, and inverted. Places of this kind are outside of all places, even though it may be possible to indicate their location in reality".

Foucault continues his description of heterotopias bringing a set of principles that characterize them, defined through numerous examples. The heterotopias are museums and libraries where time is accumulated, they are the cemetery – "the other city, where each family possesses its dark resting place" - and also the theatre where other spaces are represented and staged in, as well as the garden that collect a small part of the world or the ship which "is a floating piece of space, a place without a place, that exists by itself, that is closed in on itself and at the same time is given over to the infinity of the sea".

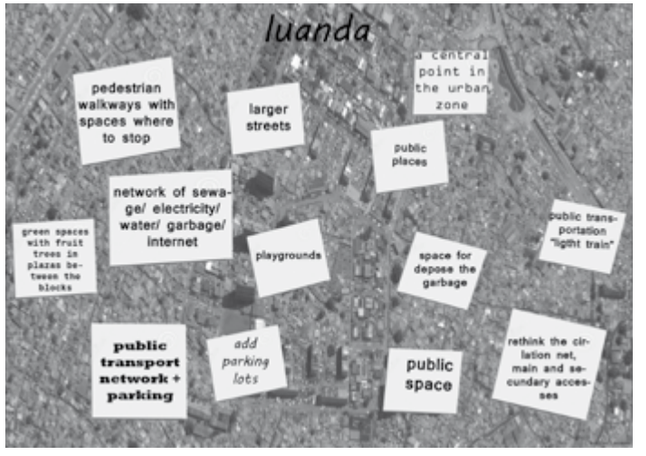
Within its description, Foucault writes in the third principle: "the heterotopia is capable of juxtaposing in a single real place several spaces, several sites that are in themselves incompatible". The heterotopias are real places that, through mechanisms, refer to the personal sphere - because linked to memories or past experiences – or to the cultural realm – tied to a society or to a historical period. The heterotopias have the ability to include in themselves other places, and this makes them complex places, contaminated through memory, experience, and culture.

Heterotopias are places that are intertwined with other places, weaving a network of relationships between spaces. In the contemporary city, where the complexity often produces indistinct spaces, design and experiment the construction of heterotopias can be considered a way to find an idea of space that corresponds to the reality in which we live.

Lisbon / Luanda / Macao

The three case-studies under research are housing complexes built in the second half of the twentieth century in Lisbon, Luanda and Macao, that is in areas of Portuguese domain in the three continents of Europe, Africa and Asia. The three case-studies share the same model of the high-rise isolated housing complex designed for the middle-class. Besides the different historical events and the specificity of the design projects, there is a strong bond that unites them. They share aspirations, ideas and design strategies for the new middle-class residences. The model of the large residential complex, even though interpreted in different ways by different designers, has exceeded the boundaries of Portugal to cross new territories and reach totally different areas from the motherland. Here the model has changed, it has been reshaped on the new territory as an independent living organism, it has been appropriated in a variety of ways and it was applied in different urban contexts. Nevertheless a common trace – made of thought and matter – still connects them.

During the workshop we analyzed the common roots of the three complexes, observing the transformation processes that involved them and their meaning within the three cities today. And eventually we arrived at three different design strategies, designed through a creative process, by relating the real spaces of the three study areas.



The strategic plans are the results of an experiment that weaves – through theory and practice – specific spatial situations in the three cities. The design process was built as a creative play, which, through the declination of several phases of work, led to the design strategy proposals.

The common trace is the idea of creating a space which is contaminated, intertwined, and which crosses – without distinction - the three cities finding solutions for each condition through the stories of the other cities. Within the experimental design the intersection of spatial situations of the three cities is intended as a tool for looking at individual spatial situations through the eyes of other places, other experiences and other visions. The heterotopia is built as a "counter--site" enriched by the spatial experiences of the three cities, to find a common trace which brings back a new idea of space. The intersection of spaces is therefore an intersection of specific spatial conditions of the three cities that are transferred, translated and adapted to new contexts, keeping trace of the origin and also responding to the questions and needs of each city.

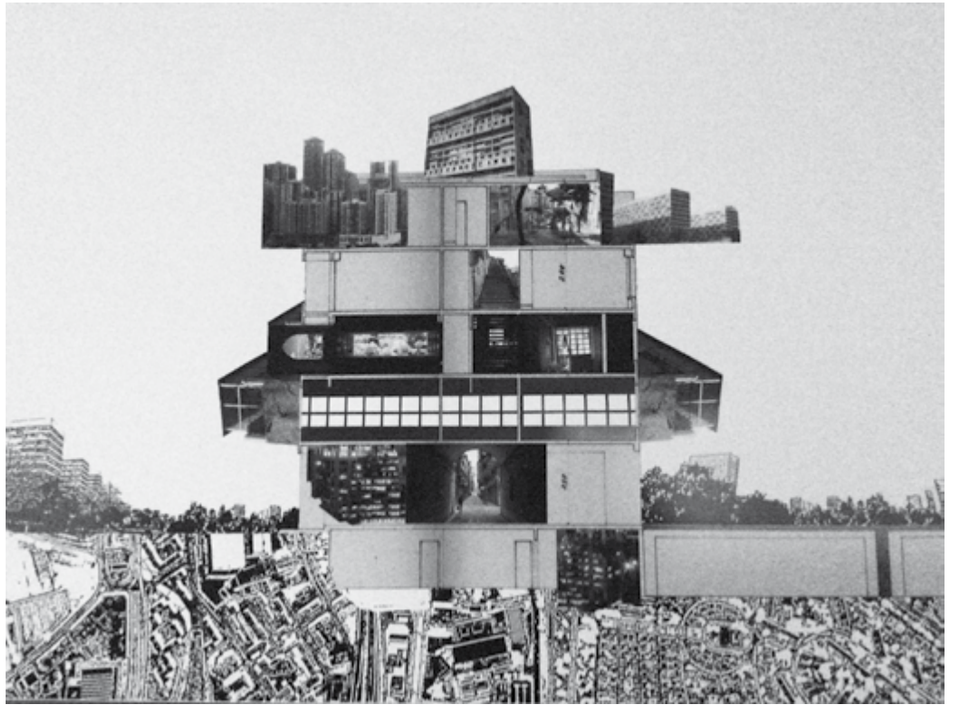
The workshop process

The whole process was conducted as a sequence of steps, autonomous though connected by a thread, designed to induce the creative process of design and addressing toward a course of action which was visual rather than intellectual. This was based on images and associations through poetic and experimental work stemming from observations and interpretation of the sites.

The first step was the collection of images – photos and drawings - from the three case studies: Lisbon, Luanda, and Macau. Students were asked to interpret the urban sites with a perceptual approach, rather than through an "objective" description, using images searched on the web. The collection became a virtual experience of the sites, describing the sites through selected topics highlighting qualities and specific identities. They looked at contrasts between small and large scale; topograghical and morphological conditions; relations between land and water; edges between urbanization and nature; patterns of repetition; appropriation of spaces; individual vs. collective spaces; city levels; the reading of heights through the shadow; details of spaces. The images, diversified in scale spanning from topographical large--scale photos to details, tell of the housing complexes as well as of other parts of the cities and their surroundings. All the images, rather then gathered and divided by the sites, were catalogued through the topics, mounted in sequence as a video clip. Sites are therefore mixed and the collection acquires the sense of a plural and fragmented interpretation, offering multiple possibilities of creating relationships among sites and cities. The image collection became a common material – like a database - from which to draw on during the other phases of the work.

In the second step of the work the collection of images was used to embark into an investigation of the sites along selected issues such as variations of data as difference in time and geographical references; study of the different urban structures: grid vs. labyrinth; densities; volumes and voids studies; variations of scales; type of occupation of spaces; ways of habitations; observations of interior spaces; adverts of rentals; transportation means; people and social classes; markets; street life. Again, also this type of investigation rather than looking at one single site, was mixing conditions of the three sites.

The third step was the one dedicated more specifically to the "heterotopian" experimentation. Students were asked to work through collages and create representations at various scale using images of the three sites from the previous steps. The new drawings were a geographical map, a site plan, an urban plan, a section at the scale of the street, and a section at the scale of the building. The representations had to bring back the inner qualities of the specific site, though they derived also from the other sites. Rather than constructed through abstract thoughts or intellectual considerations to create a new reality, the representations were developed through visual juxtaposition, following lines and volumes. The images were chosen through associations, looking at transparencies, shadows, densities, presence of voids, relationships with the sky, sequence of materials, relationships with the ground. The composition was a montage of fragments and intersection of meaningful images. The representations, related to the ancient and fruitful tradition of the architectural *capriccio*, rather then mere fantasies, are investigations on landscape, city and architecture. They



are realised through the observation of the actual reality and simultaneously create a designed reality. They construct spaces within the relationship among places which are the geography, a city and architecture of the “Lisbon / Luanda / Macao” condition.

The fourth step was dedicated to highlight the needs and aims of transformation for each of the housing complex conditions. Several discussions among the students and interviews to professionals whom had personally worked within the urban transformation and architecture of the three involved cities led to a certain number of clear goals and targets which were marked on note-papers. The selected goals included the solutions to a certain numbers of issues which had commonly identified, while others were personal aspirations and visions of transformation. Each goal was specific for a certain site, meantime it had been selected through a work of brainstorming, comparisons and discussion on differences with the other sites. Also this step, therefore, was based on the relation among sites; the understanding of a site and its needs can be achieved looking outside, at other places.

The fifth and final step consisted on the definition of design strategies for the three housing complexes. The strategies were developed both responding to the selected goals and making use of the “heterotopian” representations. Those became conceptual designs, capable of generating architectural ideas and solutions, containing in themselves what it was later developed. The “heterotopian” drawings had the role of compositional devices for being able to trigger transformations, ideas, design projects.

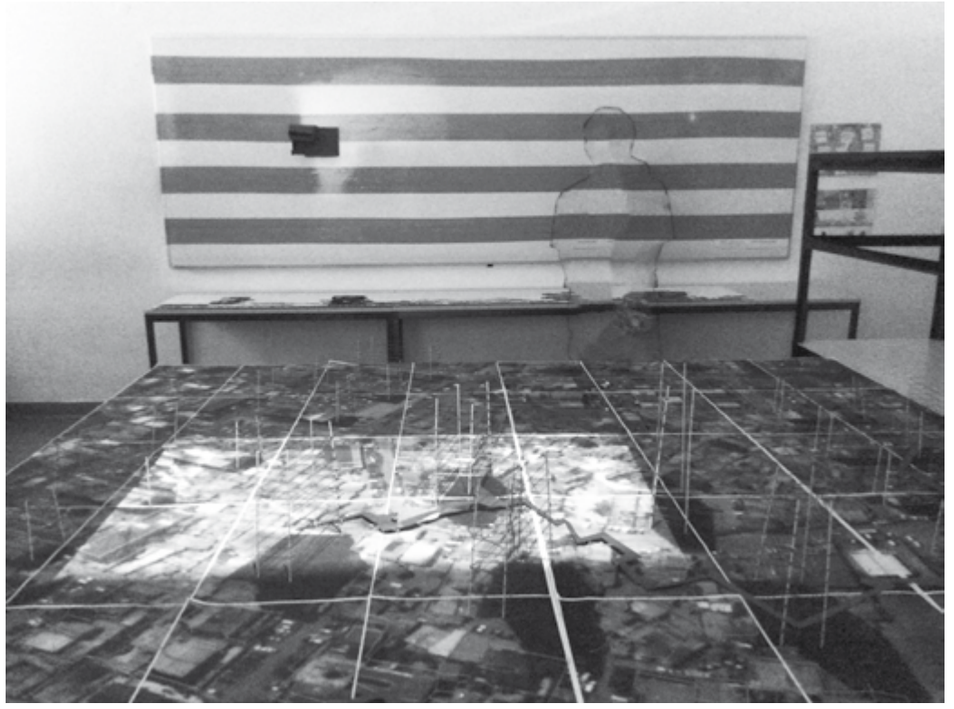
The design strategy for a case-study was “derived” from another “case-study” condition, translating previously highlighted signs, lines and visual indications into architecture forms and transformation plans. In the case of Prenda, the lack of urban structure which had left the single housing building as detached from other parts of the city, led to the idea of making use of urban patterns, specifically from Lisbon urban plan. Fragments of urban settings constituted a connective network which included all the infrastructures – water supply, pipes, electric power system, and so on – together with a pedestrian path linking at various levels the housing blocks, creating areas for gathering and community life, around the voids, including elevated spaces, sitting areas, small and large parking areas.

The uniformity of the Lisbon housing complex was “contaminated” by new spaces of appropriation derived from the Macao condition. The Asian micro-spaces transferred on the Lisbon blocks at various levels interact with the larger scale, breaking the regularity and mending the anonymity, enriching facades through new voids and transforming the ground with carved spaces for events, sports and gathering.

In Macao the great density has been reduced through new voids which re-order the building, transferred from the Prenda condition. The small and large new spaces add new relationships and scale proportions, accommodating areas for common use.

Lismuanda

For the final exhibition, the drawings and models were re-organised in order to convey the design process. This occurred along an anti-clockwise path, which led the visitor through a series of sections corresponding to the commented steps. After a passage where the collection of images was hang on the walls and ceiling with strips of images, each one corresponding to an investigated topic, the visitor would go through the room viewing drawings, models, and other images of the sites. The studied and re-composed relationship among the sites was conveyed visually, through the juxtaposition of photographs and drawing of the different sites. The film Lisbon Story by Wim Wenders was projected on the model of Prenda urban site; images and sounds from Lisbon were physically interacting with the Luanda urban spaces and buildings. At the end of the path, the title “Lismuanda” was projected on the wall together with Foucault extracts: “Our epoch is one in which space takes for us the form of relations among sites”, revealing the key of reading of the process.



CINEMA

Luís Urbano
Investigador do projecto. Artigo preparado no âmbito da tese de doutoramento "Entre dois mundos. Arquitectura e Cinema em Portugal. 1959-1974", defendida na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 17 de Junho de 2015.

Como se desenha uma casa (ou como filmar um regresso ao Bloco das Águas Livres)*

"Há uma frase do Godard sobre o cinema em que ele diz que 'o cinema não é arte nem é vida, é qualquer coisa entre as duas.' Da arquitectura podemos dizer o mesmo. Também não é arte, também não é vida, situa-se entre as duas. Mas é curioso que, não sendo a arquitectura vida, todo o tipo de vida se pode passar em arquitectura. O teatro, a ficção, o próprio cinema passam-se na arquitectura." (Oliveira, 1997)
Manoel de Oliveira

O cinema, particularmente o cinema de ficção, pode ser um veículo de investigação, representação e divulgação da arquitectura, constituindo-se como uma forma efectiva de transmitir atmosferas espaciais que se aproximam de uma experiência arquitectónica real, opondo-se quer aos aparentemente neutros documentários de arquitectura, quer às divagações abstractas de alguns filmes experimentais que permitem todas as auto-indulgências. Parece um paradoxo, mas ao procurar estabelecer uma relação de intensidade com o espectador através de um dispositivo ficcional, aproximamo-nos da realidade, já que a vida, onde se incluiu a arquitectura, relaciona-se mais com o drama do que com o documentário. "O cinema é um modo de reconstruir o real, um outro real, quiçá mais carregado de significado do que o real neutralmente observado" (Vicente, 2011). A identificação do espectador de um filme com o espaço nele retratado será tanto mais forte quanto maior for o seu envolvimento visual, emocional e háptico. Filmar a arquitectura usando a ficção, e não apenas a constatação do real, permite, ainda, carregar o espaço de significados que não são perceptíveis através de um olhar passivo perante um determinado objecto edificado. "Ao dirigir a atenção para o papel dos utentes no espaço, o cinema permite novos avanços na história da arquitectura, sensibilizando os estudiosos para o espaço vivido e propondo novas maneiras de explicar a sua transformação ao longo do tempo" (Dimendberg, 2006: 110).

A experiência da arquitectura não nos é dada apenas através de fachadas isoladas e planas (a arquitectura como imagem) nem apenas através da forma (a arquitectura como escultura). Apesar da arquitectura afectar, em primeiro lugar, a nossa concepção do espaço tridimensional através do sentido da visão e do tacto, é essencialmente uma experiência temporal. Para compreender a arquitectura temos de nos mover através do espaço,

* O título deste texto, bem como da curta-metragem aqui analisada, é uma referência ao livro homónimo de Manuel António Pina, Assírio e Alvim, 2011.

entrar e sair dos edifícios, sentir a textura dos materiais, apreender diferentes escalas. A percepção da quarta dimensão, tal como da própria arquitectura, resulta do movimento através do espaço à medida que muda o nosso ponto de observação e é aqui que se pode relacionar com o cinema, ou melhor, com os recursos da linguagem cinematográfica. A sensação de um utente ao experimentar um determinado espaço arquitectónico tem muitas semelhanças com a percepção de um espectador ao observar uma cena de um filme. Jean Nouvel, descrevendo o seu próprio trabalho enquanto arquitecto, diz que "no contínuo plano-sequência que um edifício é, o arquitecto trabalha com cortes e edições, enquadramentos e aberturas, ecrãs e planos, legíveis a partir de pontos de passagem obrigatórios. Construir um edifício é antecipar e procurar efeitos de contraste e ligação para quem o utiliza. A arquitectura existe, como o cinema, na dimensão do tempo e do movimento. Concebemos e lemos um edifício em termos de sequências" (Nouvel, cit. Pallasmaa, 2007: 17).

A relação entre a arquitectura e o cinema, no entanto, não se limita à escolha dos locais de filmagem ou ao movimento dos personagens e da câmara através dos edifícios; refere-se essencialmente à compreensão do espaço através da montagem. "A cinematografia estruturou a nossa própria noção de realidade e tornou perceptíveis fenómenos que eram ou demasiado rápidos ou demasiado lentos, grandes demais ou pequenos demais para a percepção humana. Na verdade, a montagem cinematográfica ofereceu-nos um modelo para estruturar e representar o fluxo entre a realidade e o desejo, a observação e a fantasia, a actualidade e a memória, alterando a forma como percepcionamos o mundo, assim como as nossas vidas e nós próprios" (Pallasmaa, 2006: 1-6). A montagem, e a forma como consegue estabelecer uma continuidade temporal, espacial e narrativa entre planos distintos, pode equiparar-se ao processo mental que os arquitectos utilizam para projectar sequências espaciais no todo coerente a que chamamos edifícios. Rem Koolhaas, arquitecto que trabalhou como argumentista para o cinema, diz que "há uma surpreendente pequena diferença entre uma actividade e outra. A arte do argumentista é conceber sequências de episódios que constroem um determinado ambiente e uma cadeia de eventos. A maior parte do meu trabalho é montagem espacial" (Koolhaas cit. Bruno, 2002: 68). A forma como os arquitectos pensam e desenham o espaço, conjugando formas, materiais e dimensões, aproxima-se da montagem cinematográfica, a síntese que permite que fragmentos de um filme transmitam um sentido de totalidade, compondo uma mesma cena a partir de diferentes planos, e conferindo a aparência de um espaço e de um tempo contínuos, mesmo que esses planos tenham sido filmados em lugares e momentos diferentes. "O cinema nunca abandona a arquitectura, mesmo quando a esconde. Mas a arquitectura que o cinema dá a ver não é a arquitectura que o cinema filma. O cinema rearruma a arquitectura, sujeita-a à composição do enquadramento, constrói uma outra: e esta, sim, é aquela que o cinema nos mostra. Com que instrumentos? Com a luz, o corte, o fundido ou o encadeado, a panorâmica ou o *travelling*, e a escrita da montagem" (Hernandez, 2013).

Foi a partir desses pressupostos que comecei a utilizar o cinema como forma de representação da arquitectura. Depois de *Sizígia* (2012) e *A Casa do Lado* (2012), realizei a curta-metragem de ficção *Como se desenha uma casa* (2014), tendo como referência um dos mais importantes edifícios da arquitectura portuguesa recente: o *Bloco das Águas Livres*, construído em Lisboa nos anos cinquenta do século XX da autoria de Nuno Teotónio Pereira e Bartolomeu Costa Cabral. A escolha tem que ver não só com a excepcionalidade do edifício e dos seus autores mas também com o período em que foi construído, que se cruza com o arco temporal em que centro a minha investigação. O *Bloco das Águas Livres* beneficiou de uma particular relação entre os arquitectos e o cliente, a seguradora Fidelidade, já que não havia um orçamento definido à partida, experimentando-se, assim, não apenas um elevado nível de construção mas principalmente um novo modelo de habitar colectivamente. Os espaços comuns do *Bloco das Águas Livres*, na forma como foram concebidos, não só procuram estabelecer uma convivialidade entre os seus habitantes como também a representam, fazendo com que, mesmo quando esses espaços são experienciados solitariamente, os utentes se sintam fazer parte de uma comunidade mais alargada. A irrepetível generosidade espacial do principal átrio de entrada - com dois níveis e pés direitos duplos acentuados por um painel de Almada Negreiros e uma organização que permite aceder quer aos elevadores quer às

amplas galerias de serviço - transformam a vivência do edifício numa experiência em que a palavra 'colectivo' não é apenas uma intenção retórica. Através desses espaços comuns, onde se percebe um particular cuidado no desenho, existe a possibilidade de circular entre as diferentes valências do edifício, que, para além dos apartamentos, inclui lojas, escritórios, lavandaria e, no último piso, *ateliers* e uma sala de convívio. Essa circulação é conseguida sem compartimentações limitadoras, apesar de ser clara a separação entre os circuitos dos habitantes e aqueles dedicados a actividades de serviço. Também no interior dos apartamentos foram propostas novas concepções de habitar, tais como a inclusão de um lavatório independente no átrio dos quartos, a inexistência de autónomas salas de jantar ou de visitas, como era regra até então, ou um cuidado estudo da cor nas paredes e tectos, da autoria de Frederico George. E até o inevitável quarto da empregada, que apenas estava previsto nos apartamentos maiores, se autonomizou da cozinha, prevendo a sua utilização futura para outros fins. Nas salas, a forma como as varandas foram desenhadas, fazendo parte integrante do espaço interior, potencia não apenas as deslumbrantes vistas para as colinas da cidade e o rio Tejo mas igualmente a manutenção da privacidade entre os diferentes apartamentos.

Apesar de influenciado pela *Unidade de Habitação de Marselha* de Le Corbusier, o *Bloco das Águas Livres* incluiu já a crítica a algumas das premissas modernistas, não levantando, por exemplo, o edifício sobre pilotis, o que permitiu uma relação urbana mais intensa com a Praça das Águas Livres, não apenas do conjunto de lojas organizadas num pequeno pódio mas igualmente do átrio principal de entrada. Essa 'revisão' é também perceptível na conjugação de dois modelos de circulação, a modernista galeria dedicada aos serviços situada na fachada de tardoz e o lisboeta sistema de esquerdo/direito de acesso aos apartamentos através de diversos elevadores. Ou ainda, na combinação de materiais modernos, como o betão e a pastilha de vidro, com outros que se inserem na tradição da cidade, como o reboco rosa da fachada principal ou os muros de calcário no pódio das lojas e nas entradas dos átrios, estas últimas marcadas por esculturas de Jorge Vieira. Nesse sentido, também o *Bloco das Águas Livres* se constituiu, tal como o seu contemporâneo *Mercado de Vila da Feira*, de Fernando Távora, como uma obra de charneira na arquitectura portuguesa, essencialmente modernista mas incluindo já muitas das características do realismo humanista que marcará a década de sessenta.

Na curta-metragem *Como se desenha uma casa*, o espaço não é encarado apenas como pano de fundo; a própria ideia de arquitectura é estrutural na construção cinematográfica. Os movimentos dos personagens e da câmara no *plateau*, o enquadramento da imagem e a escolha da temperatura da luz, a forma como a narrativa e os planos se encadeiam e são combinados no processo de montagem, são conceptual e eminentemente arquitectónicos. Antes de começar a pensar no filme propriamente dito, procurei perceber os múltiplos níveis de entendimento do *Bloco das Águas Livres*, não apenas do ponto de vista arquitectónico mas também urbano, geográfico, plástico, háptico, narrativo, histórico, simbólico ou cinematográfico, e foi a partir dessa análise que surgiram as primeiras ideias para a concretização da curta-metragem. Por vezes, ainda sem ter uma ideia concreta do que será o filme, é o próprio espaço que indica hipóteses narrativas, de que é exemplo, em *Como se Desenha uma Casa,* a possibilidade do passado regressar ao presente, sugerida pela recuperação de um dos apartamentos do *Bloco*, que não só determinou a história do personagem principal mas foi também o seu lugar central. Outros espaços do edifício*,* como as referidas zonas comuns, foram também analisados em pormenor e utilizados de forma a percebermos a existência de um tempo que os gestos quotidianos da protagonista parecem negar. Levantou-se assim a questão da temporalidade na arquitectura, da permanência de um espaço que, no entanto, se renova constantemente pelo uso dos utilizadores. A arquitectura moderna, ao contrário do que por vezes se diz, pode ser particularmente confortável e amada pelos seus habitantes, de tal forma que o filmado regresso da personagem é tanto a uma relação interrompida como ao espaço onde esse encontro teve lugar.

O processo mental de imaginar e construir um filme é em tudo semelhante à forma de conceber um edifício, com múltiplos avanços e recuos, passando por sucessivas fases de criação, nem sempre coerentes entre si, ou dependentes de uma gradação de escala. Geral e particular, simplicidade e complexidade, técnica e estética, tempo e espaço, convivem

ao longo do processo de invenção e, depois de se tornarem objectos construídos, os filmes, tal como os edifícios, estão sujeitos a um inevitável juízo por parte dos seus destinatários. Ainda assim, se o processo em torno da realização de *Como se desenha uma casa* teve como pressuposto usar a arquitectura como objecto central, foi clara a intenção de não limitar a liberdade criativa da linguagem cinematográfica à obrigação de retratar fielmente o espaço ou a encerrar o conteúdo do filme na representação do edifício. Isso significa que, apesar de ter como referente a arquitectura, a curta-metragem deverá ser lida como um objecto estritamente cinematográfico.

O argumento de *Como se desenha uma casa* procura reflectir a mudança de comportamentos que estava implícita na proposta moderna do espaço de habitar do *Bloco das Águas Livres*, menos dependente de regras, em que os habitantes se podiam começar a libertar de algumas amarras sociais. No filme é ficcionado o retorno de um personagem feminino a uma relação que tinha deixado sem explicação, tal como é sem explicações que parece retomar um quotidiano suspenso por essa ausência prolongada. Por essa razão, a narrativa estrutura-se em torno de uma analepse concentrada num dia mas que simboliza um horizonte temporal mais alargado. Nuno Teotónio Pereira, referindo-se à relação entre arquitectura e cinema, lembra que "os cenários e os espaços do cinema são espaços do quotidiano que estão construídos, que nós habitamos, que nós percorremos, sejam interiores, sejam exteriores. Há, por isso, uma relação muito grande entre arquitectura, espaço construído e cinema" (Pereira, 2014: 3). Daí que se explorem os espaços através do movimento dos personagens que percorrem a praça exterior do *Bloco das Águas Livres,* os amplos átrios de entrada ou as extensas galerias, fazendo-nos perceber a escala e a generosa dimensão dos espaços colectivos. Mas, por vezes, é a própria câmara que acompanha esse desejo de movimento, ao seguir o percurso de chegada do personagem principal, que caminha com a mala de viagem na galeria de distribuição dos escritórios até um dos elevadores, ou ao revelar, num movimento lateral e já no interior de um dos apartamentos, a relação entre o átrio dos quartos e a sala, mas igualmente os passos hesitantes da protagonista quando entra novamente em casa depois de uma longa ausência. Ou ainda, na sequência final do filme, idêntica à inicial mas filmada de outro ponto de vista, quando nos aproximamos da porta de entrada do apartamento, percorrendo lentamente o corredor e confirmando a surpresa de um reencontro que no início do filme tinha ficado apenas subentendido, encerrando a analepse que sustenta a narrativa.

Da mesma forma que os arquitectos autores do *Bloco das Águas Livres* compuseram uma gradação de escala entre os grandes átrios comuns, as extensas galerias de distribuição, os contidos átrios de acesso aos apartamentos e a sua amena escala residencial, também nas cenas do filme *Como se desenha uma casa* procurei agregar espaços e tempos distintos num todo coerente. Um exemplo é a sequência final em que acompanhamos em paralelo os dois personagens principais em movimentos inversos. Por um lado, seguimos o personagem feminino a sair de casa, percorrendo a galeria exterior e descendo a escada até ao corredor de serviço e à lavandaria, que descobre já não existir, saindo pelo átrio secundário para a cidade. Por outro lado, acompanhamos o personagem masculino no seu percurso por Lisboa, a caminhar no bairro de Campo de Ourique, a viajar no metro em direcção ao Largo do Rato, a atravessar a Praça das Águas Livres e, finalmente, a chegar à escadaria exterior de acesso ao átrio principal do *Bloco*, não se cruzando assim por segundos com o outro personagem. E apesar de os planos terem sido filmados em diversos espaços e em tempos diferentes, e estando muito longe de reconstituir a totalidade dos percursos, a sequência permite recompor um espaço coerente através da técnica da montagem, mas também da memória cinematográfica e arquitectónica do espectador. Ainda assim, os espaços recriados na curta-metragem não têm intenção de se substituir à singular experiência real de viver o edifício desenhado por Teotónio Pereira e Costa Cabral, antes ambicionam acrescentar um novo nível de entendimento da sua arquitectura.

P.S. – Como curiosidade, não resisto a referir que em *Como se desenha uma casa* inseri alguns planos que são referências directas, ainda que subtis, a filmes do *Cinema Novo Português*, homenagem velada a alguns dos realizadores que mais me marcaram. Na curta-metragem há uma citação a *O Cerco,* de António da Cunha Telles - na cena em que a personagem feminina

pinta sardas no rosto em frente a um espelho - e algumas cenas foram propositadamente filmadas em Campo de Ourique, acentuando, tal como em *O Mal Amado,* de Fernando Matos Silva, a ortogonalidade do traçado urbano daquele bairro lisboeta.

Referências

Bruno, Giuliana (2002), *Atlas of emotion. Journeys in art, architecture and film*, London, New York, Verso.

Dimendberg, Edward (2006), "In ordinary time: considerations on a video installation by Iñigo Manglano Ovalle and the New National Gallery in Berlin by Mies van der Rohe", Dana Arnold, Elvan Altan Ergut, Belgin Turan Ozkaya (eds), *Rethinking architectural historiography*, New York, Routledge, 2006.

Hernandez, Abílio (2013), "Skin and Stone, body and the city", *Jack – Journal on Architecture and Cinema*, n. 1, p. 2-9.

Oliveira, Manoel (1997), Entrevista conduzida por Luís Urbano no dia 24 de Março de 1997 [transcrita em *Arquitectura e Cinema. Da Câmara Escura a Celebration 34747*, DARQ-FCTUC, 1998].

Pallasmaa, Juhani (2006), "The Lived Image", Belkis Uluoglu, Ayhan Ensici, Ali Vatansever (eds), *Design and Cinema: Form Follows Film*, Newcastle, Cambridge Scholars Press, p. 1-8.

Pallasmaa, Juhani (2011), *The Architecture of Image – Existential space in cinema*, Helsinki, Rakennustieto.

Pereira, Nuno Teotónio (2014), "Brandos Costumes de Alberto Seixas Santos 1974", *O Lugar dos Ricos e dos Pobres no Cinema e na Arquitectura em Portugal*, Porto, Dafne Editora.

Pina, Manuel António (2011), *Como se desenha uma casa*, Lisboa, Assírio e Alvim.

Urbano, Luís (2015), *Entre Dois Mundos. Arquitectura e Cinema em Portugal. 1959-1974*, Porto, FAUP.

Vicente, Manuel (2011), *Entrevista* conduzida por Luís Urbano no dia 18 de Novembro de 2011. [transcrita em Urbano (2015)].

FILMES

“O Ciclista”

LUÍS URBANO
Investigador do projecto. Filme em preparação.

“O ciclista” é uma curta-metragem de ficção centrada num personagem que, tal como o país onde vive, está em crise. A narrativa, criada a partir de memórias pessoais reinventadas, tem como espaço principal a Urbanização da Portela, em Loures, explorando o cruzamento imaginário entre os primeiros tempos de ocupação dos seus edifícios de habitação colectiva, o ocaso das colónias portuguesas em África, a vida quotidiana de uma família, a passagem pelo bairro do mais famoso ciclista português, mas igualmente o que se perdeu e ganhou no longo processo de construção de uma comunidade com um forte sentido identitário.

Argumento e Realização: **Luis Urbano**
Cinematografia: **Bruno Nacarato**
Som: **Dinis Henriques, Tiago Cardoso**
Montagem: **Luis Urbano, Bruno Nacarato**
Produção: **JACKBACKPACK; DINAMIA’CET; ISCTE**

2016 | cor | 16:9 | HD

"Middle Class Housing: The Portela Development"

ANA VAZ MILHEIRO, BRUNO MACEDO FERREIRA, DÉBORA FÉLIX, FILIPA FÍUZA, JOÃO CARDIM
Investigadora Responsável e investigadores do projecto. Filme preparado para ser apresentado no âmbito do evento OIKONET Workshop Living Patterns in Mass Housing in Europe, Lisboa, 14 a 19 de Julho de 2014

The preliminary plan for the Portela Urbanization is approved in January 11 1965, comprising the construction of forty-five hundred apartments and the correspondent public amenities, in a total of fifty hectares in the Sacavém Parish, part of the Loures Municipality.

Located in the close periphery of Lisbon and benefiting from the main highways connecting to the city centre, this private promotion urbanization was an answer to the insufficient offer of qualified dwellings for the urban middle and upper classes, at a time when the historical city is no longer able to meet the collective housing needs, both in terms of number as well as in terms of quality and salubrity.

Architect Fernando Silva designs the Urbanization Plan. Based on the logic of the Athens Charter, he conceives a rational model of great structural simplicity, typological repetition, and with a functional zoning, thus making the development a unitary whole. It was believed that this model would provide an environment of comfort, security and quality of life.

Fernando Silva revealed an understanding of the new requirements architects had to meet, when facing the problem of housing production for a large population. Following the Modern ideology, he designs a grid model marked by a centre dedicated to the social functions of shopping, culture and leisure, and around it he organizes all the exclusively residential buildings. This new urban dimension meant that the old ownership system no longer existed, and that the traditional proportion between the free and the built space was inverted. The private promotion of architecture and housing thus became associated with a urban planning dimension, which tried to provide the same rights and the same life and well-being conditions to all individuals.

Coordination: **Ana Vaz Milheiro**
Script: **Bruno Macedo Ferreira**
Narrator: **Salvador Menezes**
Film edition and English translation: **João Cardim**
Research: **Bruno Macedo Ferreira, Débora Félix, Filipa Fiúza, João Cardim**
--
Soundtrack:
Brian Eno - "Ambient 1: Music for Airports", "Zawinul/Lava"
Pink Floyd/Richard Wright - "Sysyphus"
Philip Glass - "Glassworks - Opening"

“Prenda”

ALEXANDRA AREIA

Investigadora do projecto. Filme de síntese do trabalho de levantamento realizado na missão a Luanda (Ana Vaz Milheiro, Filipa Fiúza e Isabel Guerra, 13 a 21 de Novembro de 2014).

Based on the article by Ana Vaz Milheiro
“Optimistic Suburbia, building a heritage”, 2015

Video
Simões de Carvalho Archive
Overseas Historical Archive
Technical University of Angola
Ana Vaz Milheiro
Filipa Fiúza
Isabel Guerra

Conception and editing
Alexandra Areia

Developed within the research project
“LLM | Homes for the biggest number: Lisbon, Luanda, Macao”, 2013-2015
[PTDC/ATP-AQI/3707/2012]

PRENDA

“STDM”

ALEXANDRA AREIA

Investigadora do projecto. Filme de síntese do trabalho de levantamento realizado na missão a Macau (Ana Vaz Milheiro e Jorge Figueira, 6 a 14 de Setembro de 2014)

Based on the article by Ana Vaz Milheiro
“Optimistic Suburbia, building a heritage”, 2015

Video
Ricardo Duarte Mota

Conception and editing
Alexandra Areia and Inês Monteiro

Developed within the research project
“LLM | Homes for the biggest number: Lisbon, Luanda, Macao”, 2013-2015
[PTDC/ATP-AQI/3707/2012]

STDM

ALEXANDRA AREIA
(1979)

Architect (2004, University of Minho) and Master (2007, Universitat Politècnica de Catalunya and Centre de Cultura Contemporània de Barcelona). Researcher at DINÂMIA'CET-IUL and PhD student in "Architecture of the Contemporary Metropolitan Territories" at ISCTE - Lisbon University Institute with a Doctoral Grant from the Foundation for Science and Technology, developing work in the area of audio-visual production about architecture, analysing the impact of media in architectural culture and its relation with communication technology evolution. Co-editor and writer of an independent publication of architecture, *Friendly Fire*.

ANA VAZ MILHEIRO
(1968)

Architect and Master (1991/1998, FA-UL Faculty of Architecture, University of Lisbon), and PhD (2004, Faculty of Architecture and Urbanism, University of São Paulo). Assistant Professor with Aggregation at the Department of Theory and History of Architecture, FAUL and associate researcher from the DINÂMIA'CET- IUL. Principal Investigator of projects supported by the Foundation for Science and Technology: "Middle Class Mass Housing in Europe, Africa and Asia" (2018-2021, PTDC/ART-DAQ/30594/2017), "Coast to Coast – Late Portuguese Infrastructural Development in Continental Africa (Angola and Mozambique): Critical and Historical Analysis and Postcolonial Assessment" (2016-2019, PTDC/ATPAQI/0742/2014), "Homes for the biggest number: Lisbon, Luanda, Macao" (2012-2015, PTDC/ATP-AQI/3707/2012), "The Colonial Urbanization Offices: Architectural Culture and Practice" (2010-2013, PTDC/AURAQI/104964/2008). Author of the books A Construção do Brasil – Relações com a Cultura Arquitectónica Portuguesa (2005), and Nos Trópicos sem Le Corbusier – Arquitectura luso-africana no Estado Novo (2012) awarded by the Portuguese Section of AICA with the art and architecture critic and essayist prize.

BEATRIZ SERRAZINA
(1992)

Master in Architecture (2016, Faculty of Architecture, University of Lisbon). Holds a European Master Degree in Integrated Sustainable Design in the Mediterranean World (2014, FAUL and Facoltà di Architettura di Alghero). Studied Photography in Architectural Space at (2014, Bauhaus-Universität, Weimar). Researcher in colonial studies, mostly related to modern architecture in Angola. Collaborator in research projects "Coast to Coast – Late Portuguese Infrastructural Development in Continental Africa (Angola and Mozambique): Critical and Historical Analysis and Postcolonial Assessment" (DINÂMIA'CET-IUL) and "Arquitecturas Lusófonas" (CIAUD - FAUL, coordinated by Prof. João Sousa Morais). PhD student at Social Studies Centre of the University of Coimbra with a Doctoral Grant from the Foundation for Science and Technology.

BRUNO MACEDO FERREIRA
(1987)

Master in Architecture (2010, ISCTE - Lisbon University Institute). Architect at PROMONTORIO (since 2011) with work in the area of urban planning and architecture. Researcher at DINÂMIA'CET-IUL (since 2011). Collaborator in the project "The Colonial Urbanization Offices: Architectural Culture and Practice" and researcher at "Homes for the biggest number: Lisbon, Luanda, Macao" and "Middle Class Mass Housing in Europe, Africa and Asia".. PhD student (since 2012) in "Architecture of the Contemporary Metropolitan Territories" at ISCTE - Lisbon University Institute with a Doctoral Grant from the Foundation for Science and Technology, developing work in the critical reading of the urban-architectural configuration of the northern suburbs of Lisbon, in order to investigate the architectural, urban and territorial transformations that the Lisbon Metropolitan Area has undergone since the late 1960s until the 1980s.

DÉBORA FÉLIX
(1986)

Master in Architecture (2010, ISCTE - Lisbon University Institute), with the thesis "Middle Class Apartments: The Collective Housing of Fernando Silva". Researcher in the area of collective housing, new ways of inhabiting, private and public promotion and public housing policies for the private market. Researcher in the project "Homes for the biggest number: Lisbon, Luanda, Macao".

FILIPA FIÚZA
(1988)

Master in Architecture (2010, ISCTE - Lisbon University Institute), with the thesis "An English Project: the influence of British architecture in the Alfragide Towers".
Fellow researcher in several academic projects such as "The Colonial Urbanization Offices: Architectural Culture and Practice", "Homes for the biggest number: Lisbon, Luanda, Macao", and currently "Coast to Coast – Late Portuguese Infrastructural Development in Continental Africa (Angola and Mozambique): Critical and Historical Analysis and Postcolonial Assessment". Current researcher in the project "Middle Class Mass Housing in Europe, Africa and Asia". PhD student at Social Studies Centre of the University of Coimbra with a Doctoral Grant from the Foundation for Science and Technology, under the theme of Angola's colonisation (1895-1975).

ISABEL GUERRA
(1948)

Retired Full Professor at the ISCTE - Lisbon University Institute. Lecturer in the disciplines of Urban Sociology, Territorial Sociology, Methods and Techniques for Evaluation and Planning. Former professor of the Catholic University of Lisbon. With an extensive curriculum of research, mainly in urban sociology, housing, education, social policies and social exclusion. Author of many articles and books in those areas. Current consultant in the project "Middle Class Mass Housing in Europe, Africa and Asia".

JOÃO CARDIM
(1987)

Master in Architecture (2011, ISCTE - Lisbon University Institute), currently a PhD in "Architecture of the Contemporary Metropolitan Territories" at the same university with a Doctoral Grant from the Foundation for Science and Technology. Participant in various research projects, including "Middle Class Mass Housing in Europe, Africa and Asia" and "Homes for the biggest number: Lisbon, Luanda, Macao". Within this project, co-organizer of a session in the "International Conference Optimistic Suburbia" (2015) and editor of the book *Optimistic Suburbia? The Student's Perspective 2* (2016). Participant in conferences in various countries (Portugal, Italy and Brazil), with articles published in books, international reviews, seminar proceedings and newspapers. Intern architect in the Lisbon City Council (2012-2013) and in several architecture offices (since 2010), and currently fellow researcher working for the Santarém City Council.

JORGE FIGUEIRA
(1965)

Architect (1992, Faculty of Architecture, University of Porto), PhD (2009, University of Coimbra). Former director and Associate Professor [of the Department of Architecture of Faculty of Sciences and Technology of University of Coimbra] and Assistant Professor of the Department of Architecture of Faculty of Sciences and Technology of University of Coimbra. Researcher at the Social Studies Centre, University of Coimbra. Curator of the exhibition "Oscilações. Eduardo Souto de Moura" (2016, Centro Cultural Português em Maputo, Mozambique). Author of books on contemporary architecture, including *A Periferia Perfeita. Pós-modernidade na arquitectura portuguesa. Anos 1960-1980* (2014). Lecturer in Portugal and abroad with published articles in *AV Monografias, Arqtexto*, *aU*, *Arquitectura Viva*, *Casabella*, *A+U*, *SAJ Serbian Architectural Journal*.

JOSÉ ANTÓNIO BANDEIRINHA
(1958)

Architect (1983, School of Fine Arts of Porto). Full Professor at the Department of Architecture of Faculty of Sciences and Technology of University of Coimbra. PhD (2002, University of Coimbra) with the thesis "The SAAL process and the architecture in April 25th 1974", and researcher at Social Studies Centre. Researcher under the theme of architecture and space organization, with work in diverse subjects — city, housing, theatre, culture –, continuously working on the urban and architectural consequences of political decisions, focusing mainly on the Portuguese 20th century's reality. Director of the Department of Architecture of Faculty of Sciences and Technology of University of

Coimbra (2002-2004 and 2006-2007). Former Pro-rector for cultural issues at the University of Coimbra (2007-2011). Former Director of the College of Arts, University of Coimbra (2011-2013). Curator of the exhibition "Fernando Távora Permanent Modernity" (2012, Guimarães European Capital of Culture), whose coordinator was Álvaro Siza. Scientific consultant of the exhibition "The SAAL Process Architecture and Participation 1974-1976" (2014-2015), curated by Delfim Sardo and organized by the Serralves Museum of Contemporary Art, Porto, Portugal, in collaboration with the Canadian Centre for Architecture, Montréal, Canada.

JOSÉ LUÍS SALDANHA
(1966)

Architect (1990, Faculty of Architecture, University of Lisbon), PhD (2003, University of Seville). Assistant Professor at the Department of Architecture and Urbanism, ISCTE - Lisbon University Institute and currently Director of the Department. Researcher at DINÂMIA'CET-IUL, developing research in several publically funded research projects. Former presidente of ISCTE-IUL Pedagogical Council (2013-2014). Author of the books *Luís Possolo, um arquitecto do Gabinete de Urbanização do Ultramar* (2012), and *Azeites e olivais no Alentejo. Montes com lagar na província transtagana* (2003).

JULIANA GUEDES
(1979)

Architect and Urban Planner (2004, University of Gama Filho, Brazil). PhD student in the Faculty of Architecture of University of Porto, with the thesis "Luanda: 10 anos do Pós Guerra Civil (2002 - 2012). Expansão e Organização do espaço Urbano e Arquitetónico". Professor and Head of the Department of Architecture and Urban Planning at the Technical University of Angola - UTANGA. Coordinator of Kikala - Núcleo de Pesquisa e Desenvolvimento da Cidade e do Território - UTANGA. Researcher in the project "Coast to Coast – Late Portuguese Infrastructural Development in Continental Africa (Angola and Mozambique): Critical and Historical Analysis and Postcolonial Assessment" (DINÂMIA´CET-IUL).

LUIS URBANO
(1972)

Architect, PhD (2015, Faculty of Architecture, University of Porto). Professor and researcher at Faculty of Architecture of University of Porto/Center for Studies in Architecture and Urbanism. Author of the books *Histórias Simples* (2013) and *Revoluções* (ed., 2013). Editor of JACK - Journal on Architecture and Cinema. Director of the short-films *Sizígia* (2012), *The House Next Door* (2012) and *How to Draw a House* (2014). Coordinator of the research project "Silent Rupture. Intersections between architecture and film. Portugal 1960-1974" (2010-2013, PTDC/EAT-EAT/105484/2008).

MARIA CARREIRA
(1993)

Master in Architecture (2016, ISCTE - Lisbon University Institute) with the thesis "A Cidade Nova de Santo André - Uma Utopia Urbana na Primavera Marcelista".

MÓNICA PACHECO
(1977)

Assistant Professor at ISCTE - Lisbon University Institute and researcher at DINÂMIA'CET-IUL since 2004, and Bartlett Visiting Research Fellow since 2016. Architect (2000, Faculty of Architecture, University of Lisbon), Master's Degree in Housing and Urbanism (2004, Architectural Association), and PhD (2013, Faculty of Architecture, University of Lisbon). Recently joined the AA Visiting Teachers Programme (2015). Chair of sessions and several published papers in the context of international conferences on issues related to research by design and architectural education and representation. Participant in various international juris and workshops including the ADSL (2014-2016, University of Antwerp). Invited lecturer, reviewer and critic in the UK, Belgium and Italy. Collaborator in the book *Paper Cities* (2016), published by the Leuven University Press.

MONIQUE ELEB
(1945)

Psychologist with PhD in Sociology. Professor at Paris-Malaquais and the Ecole d'Architecture Paris-Villemin. Former Director of the Laboratoire Architecture, Culture, Societé. Author of various books on the history of the development of housing in France and in its former colonies, such as *Architectures de la vie privée: maisons et mentalités, XVIIe-XIXe siècles* (1989), *L'invention de l'habitation moderne, Paris, 1880–1914* (1995) and (with Jean-Louis Cohen) *Casablanca: mythes et figures d'une aventure urbaine* (1998).

PAULO TORMENTA PINTO
(1970)

Architect and PhD (2004, Universitat Politècnica de Catalunya). Associate Professor with Aggregation at ISCTE - Lisbon University Institute, researcher at DINÂMIA'CET-IUL. Coordinator of the Doctoral Program "Architecture of Contemporary Metropolitan Territories" at ISCTE - Lisbon University Institute. Awarded several times for his practice.

ROGÉRIO VIEIRA DE ALMEIDA
(1964)

Architect (1988), Master (1997) in History of Art and PhD (2015) in Theory and History of Architecture. Independent researcher (since 1987) and lecturer in architectural history, architectural theory and architectural design in several Portuguese universities (since 1997). Published in books and reviews in Portugal, Germany, Spain, France, United Kingdom and Italy. Currently a researcher at DINÂMIA'CET-IUL and Assistant Professor at Faculty of Architecture, University of Lisbon.

RUI LEÃO
(1969)

Architect (Faculty of Architecture, University of Porto). PhD candidate of the RMIT (Royal Melbourne Institute of Technology) on Architecture and Urbanism. Vice President of the Architects Association in Macau and member of the Urban Planning Committee, Macau SAR Government. Architecture practice and urban planning and policy. Awarded several times by his designs, including the Arcasia Gold Medal for Architecture and the UNESCO Asia-Pacific Heritage Awards. Visiting professor at the HKU SPACE Architecture program and visiting lecturer at University of São Paulo. Editor of AM - Arquitectura Macau (2001-2006) published by AAM. With architectural, urban and design practice widely published internationally (*AD – Architectural Design of London, INTERNI, Arquitectura & Vida…*), and exhibited in the Salone Satellitte of Milan's Salone del Mobile, Experimenta Design / Lisbon Biennale, IDExpo, Concepta, Trienal de Arquitecura (Lisboa), Habitar Portugal 2005, 10th Mostra Internazionale di Architectura of the Biennale di Venezia and at the 7th Bienal Internacional de Arquitectura de São Paulo. Since the 1990's has developed extensive architectural and urban planning design in Macau and China, featuring awarded projects, namely the Nam Van Square, Sai Van Urban Park and the Reading Room at the Macau Portuguese School, and the renovation of the Moorish Barracks building (Macau Port Authority), which is part of the ensemble of buildings in Macau under UNESCO world heritage patronage.

SANDRA MARQUES PEREIRA
(1969)

PhD in Sociology (2010). Currently a Post-Doc at DINÂMIA'CET-IUL with a grant of Foundation for Science and Technology and invited professor at ISCTE - Lisbon University Institute (Master in Architecture program and Doctoral Program "Architecture of Contemporary Metropolitan Territories"). Coordinator of the WG Southern European Housing/European Network for Housing Research. Executive coordinator and member of research projects funded by the Foundation for Science and Technology. Author of several publications, such as the book *Casa e Mudança Social - Uma leitura das transformações da Sociedade Portuguesa através da Casa* (2012, 2nd edition in 2016). Awarded with the prizes IHRU 2011 and André Jordan 2012 for best PhD Thesis. Current researcher in the project "Middle Class Mass Housing in Europe, Africa and Asia". Coordinator of the WG Southern European Housing/European Network for Housing Research.

OPTIMISTIC SUBURBIA 3
Researchers' Perspective
Mass-Housing infrastructures (Lisbon, Luanda, Macao)
Ana Vaz Milheiro (Investigadora Responsável), Novembro 2018

EQUIPA EDITORIAL
Ana Vaz Milheiro (coordenação), Filipa Fiúza, Rogério Vieira de Almeida

COMISSÃO CIENTÍFICA
Fernão Lopes Simões de Carvalho, José António Bandeirinha, Monique Eleb

EDIÇÃO CIENTÍFICA
Inês Lima Rodrigues

REVISÃO EM LÍNGUA INGLESA
João Cardim

TRADUÇÃO PARA LÍNGUA INGLESA
Ana Paula Florindo ("Nova Oeiras: An Ideal for Living. A middle-class Ideal before the large housing complexes")

TRANSCRIÇÕES
Rogério Vieira de Almeida (textos de Monique Eleb e Rui Leão)
Marianne Ullman (texto de Rui Leão)

DESIGN GRÁFICO
vivóeusébio

CRÉDITOS FOTOGRÁFICOS
Ana Vaz Milheiro, Bruno Macedo Ferreira, Débora Félix, Evandro Filipe, Filipa Fiúza, Isabel Guerra, João Cardim, Luís Urbano, Monique Eleb, Rui Leão, Sandra Marques Pereira.
© Fernão Lopes Simões de Carvalho, espólio do arquitecto
© Manuel Vicente, espólio do arquitecto
© Fernando Silva, Arquivo Municipal de Loures
© Arquivo Municipal da Amadora
© Arquivo Municipal de Lisboa
© Arquivo Municipal de Oeiras
© Francisco Silva Dias, Espólio do arquitecto
© IPGUL - Instituto de Planeamento e Gestão Urbana de Luanda
© Justino Morais, espólio do arquitecto

REDESENHOS
Beatriz Serrazina, Bruno Macedo Ferreira, Débora Félix, Filipa Fiúza, João Cardim, Rogério Vieira de Almeida.
[PTDC/ATP-AQI/3707/2012]

© AMDJAC, Porto, Dezembro de 2018

IMPRESSÃO
SERSILITO - Empresa Gráfica, Lda.

ISBN
978-989-98494-4-0

DEPÓSITO LEGAL
XXXXXXX

Capa sobre fotografia: Ana Vaz Milheiro
[PTDC/ATP-AQI/3707/2012]

Imagens de abertura, por ordem:
Macau @Ana Vaz Milheiro, 2014
Prenda @Isabel Guerra, 2014
Portela @Bruno Macedo Ferreira, 2010

Imagens de fecho:
Nova Oeiras @Ana Vaz Milheiro, 2014

A investigação historiográfica e sociológica, missões a Luanda e Macau, inquéritos, levantamento de elementos documentais, e redesenhos foram realizados no âmbito do projecto "Homes for the biggest number: Lisbon, Luanda and Macao" [PTDC/ATPAQI/3707/2012]; o trabalho de edição integrou os projectos "Coast to Coast – Desenvolvimento infra--estrutural tardio na antiga África continental portuguesa (Angola e Moçambique): Análise histórico- crítica e avaliação pós-colonial" [PTDC/ATPAQI/0742/2014] e "Conjuntos Habitacionais para a Classe Média na Europa, África e Ásia – Middle Class Mass Housing in Europe, Africa and Asia" [PTDC/ART-DAQ/30594/2017], financiados pela Fundação para a Ciência e Tecnologia.

Este livro engloba as investigações, artigos, conferências, filmes e workshops desenvolvidos no âmbito do projecto de investigação Homes for the biggest number: Lisbon, Luanda, Macao financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia [PTDC/ATPAQI/3707/2012].

Foi publicado, editado e revisto ao abrigo do projecto de investigação Middle Class Mass Housing in Europe, Africa and Asia também com fundos da mesma instituição [PTDC/ARTDAQ/30594/2017].

ISCTE Escola de Tecnologias e Arquitetura
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE LISBOA

DINAMIA'CET

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia

CAMÕES
INSTITUTO DA COOPERAÇÃO E DA LÍNGUA
PORTUGAL
MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS

JACK BACK PACK